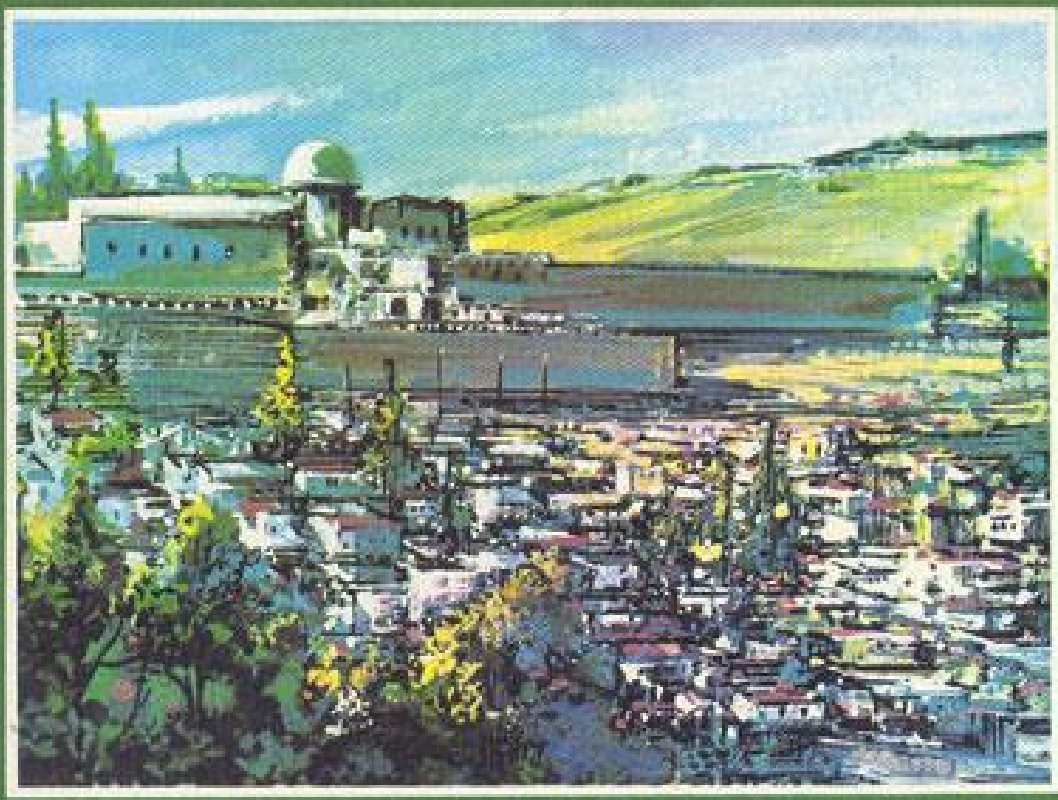


4 OS QUATRO EVANGELHOS

Revelação da Revelação

J.-B. Roustaing

Os Quatro Evangelhos

Livro 4

Conteúdo

Prefácio 68

CAPÍTULO I Vv. 1-18 77

CAPÍTULO I Vv. 19-28 147

Testemunho que de si e de Jesus dá João respondendo aos sacerdotes e aos levitas que, a mandado dos Judeus, o foram interrogar 147

CAPÍTULO I Vv. 29-34 149

Outro testemunho de João. — Jesus Cordeiro de Deus 149

CAPÍTULO I *Vv. 35-42* 151

Dois discípulos de João acompanham a Jesus. André lhe traz Pedro 151

CAPÍTULO I Vv. 43-51 152

Filipe e Natanael 152

CAPÍTULO II *Vv.* 1-11 154

Bodas de Caná. — Fato considerado milagroso 154

CAPÍTULO II *Vv.* 12-25 160

Vendedores expulsos do templo. — Jesus restabelecerá em três dias a vida no seu corpo, se os Judeus lha tirarem, conforme ao entender dos homens. — Conhecimento que ele por si mesmo tinha de tudo o que havia no homem 160

CAPÍTULO *III Vv.* 1-21 163

A lei de renascimento. — A reencarnação. Perguntas de Nicodemos a Jesus. Respostas de Jesus 163

CAPÍTULO III Vv. 22-36 202

João dá testemunho de Jesus 202

CAPÍTULO IV Vv. 1-26 210

Colóquio de Jesus com a Samaritana. — Água viva que Jesus dá de beber e que se torna, naquele que a bebe, uma fonte que jorra até à vida eterna. — Não mais adorar o pai nem no monte, nem em Jerusalém. — Adoração do pai. — Os verdadeiros adoradores que o pai quer. — Os adoradores do pai em espírito e em verdade. — Jesus declara à Samaritana ser o Messias, isto é, o Cristo. — Sentido, alcance e objetivo destas palavras de Jesus: Deus é Espírito. — Explicação que a

revelação atual dá de Deus 210

CAPÍTULO IV *Vv. 27-42* 232

Narrativa da Samaritana. — Os Samaritanos vêm ter com Jesus. — Acreditam nele. — Reconhecem-no como sendo o Salvador do mundo. — Palavras de Jesus a seus discípulos.....232

CAPÍTULO IV Vv. 43-54 237

Cura do filho de um oficial em Cafarnaum.....237

CAPÍTULO *V Vv.* 1-16 239

Piscina de Betesda. — Cura de um paralítico.....239

CAPÍTULO *V Vv.* 17-30 242

Ação incessante do pai. — Ação também incessante de Jesus. — Palavras deste aos Judeus que o acusam de se fazer igual a Deus, porque lhe chama seu pai. — Por essas palavras Jesus afirma, sob o véu da letra, sua inferioridade relativamente a Deus e se declara mero instrumento e ministro das vontades do pai. — Sua posição e seus poderes como Messias. — Quais os frutos que sua missão há de produzir 242

CAPÍTULO *V Vv.* 31-38 258

Jesus tem um testemunho maior do que o de João. Dele deu testemunho o pai, que o enviou. Suas obras é que dão testemunho dele.....258

CAPÍTULO V Vv. 39-47 262

As Escrituras dão testemunho de Jesus. — Aquele que crê em Moisés crê em Jesus 262

CAPÍTULO VI Vv. 1-15 273

Multiplicação dos cinco pães e dos dois peixes. Jesus, sabendo que dele querem apoderar-se a fim de o fazerem rei, se retira para o monte, sozinho 273

CAPÍTULO VI Vv. 16-24 275

Jesus caminha sobre o mar 275

CAPÍTULO VI *Vv. 25-40* 276

A moral que Jesus personifica é a fonte de todo progresso e a senda que leva à perfeição. Ela conduz à libertação das encarnações materiais.....276

CAPÍTULO VI Vv. 41-51 282

Murmurações dos Judeus contra o que Jesus acabava de dizer. — Palavras veladas de Jesus. — Nenhum

homem jamais viu a Deus, exceto aquele que nasceu de Deus. — Ninguém pode vir a Jesus, se não for atraído pelo pai que o enviou. — O que nele crê tem a vida eterna. — Ele é o pão que desceu do céu. — Ele é o pão vivo que desceu cio céu 282

CAPÍTULO VI *Vv. 52-59* 287

A moral que Jesus personifica é figuradamente o pão vivo, sua carne e seu sangue. — Aquele que a pratica tem a vida eterna, isto é, chega à perfeição 287

CAPÍTULO Vl Vv. 60-72 290

Murmurações e deserção de alguns dos discípulos de Jesus, motivadas pelo que ele acabava de dizer. — Palavras de Jesus a Pedro. — Resposta de Pedro. — Palavras de Jesus referentes a Judas Iscariotes 290

CAPÍTULO VII *Vv.* 1-9 295

Incredulidade dos parentes de Jesus. — Seu tempo ainda não chegara 295

CAPÍTULO VII *Vv.* 10-53 297

Jesus vai secretamente à festa dos Tabernáculos. Lá ensina publicamente. — Palavras suas e dos Judeus acerca da sua origem e da sua missão. — Ninguém lhe põe a mão, porque ainda não chegara a sua hora. — Tentativa infrutífera dos príncipes dos sacerdotes para conseguirem fosse Jesus preso pelos archeiros que eles mandaram ao templo para esse fim. — Palavras dos Fariseus aos archeiros. — Nicodemos toma a defesa de Jesus 297

CAPÍTULO VIII *Vv.* 1-11 307

A mulher adúltera 307

CAPÍTULO VIII *Vv. 12-24* 309

Prédica de Jesus aos Judeus. — Palavras que só pela nova revelação haviam de ser compreendidas segundo o espírito, em espírito e verdade 309

CAPÍTULO VIII Vv. 25-45 314

Continuação da prédica de Jesus aos Judeus 314

CAPÍTULO VIII *Vv.* 46-59 324

Continuação e fim da prédica de Jesus aos Judeus 324

CAPÍTULO *IX Vv.* 1-12 328

Cego de nascença. — Sua cura operada por Jesus 328

CAPÍTULO *IX Vv.* 13-34 332
O cego é levado à presença dos fariseus. — Interrogatório a que o submetem e a que também respondem seu pai e sua mãe. — Sua expulsão depois de injuriado 332

CAPÍTULO IX *Vv. 35-41* 334
O cego que fora curado, sendo encontrado por Jesus, crê nele. — Palavras que Jesus lhe dirige. — Palavras dos fariseus a Jesus. — Resposta de Jesus 334

CAPÍTULO X Vv. 1-10 338
Parábola da porta do aprisco das ovelhas. — Jesus é a porta 338

CAPÍTULO X Vv. 11-21 343
Jesus é o bom pastor. — São suas ovelhas todos os que praticam a sua moral pura. — Sua missão consiste em levar todos os homens a praticá-la, a fim de que não haja mais do que um rebanho e um só pastor. — Ele tem o poder de deixar a vida e de a retomar; ninguém lha tira, nem lha pode tirar..... 343

CAPÍTULO X Vv. 22-42 350
Jesus, acusado de querer passar por ser Deus, protesta, sob o véu da letra, e, também sob o véu da letra, lembrando aos Judeus o Salmo LXXXI, vv. 1 e 6, se proclama filho de Deus, deus como eles, tendo tido, como essência espiritual, a mesma origem que todos. — Proclama ao mesmo tempo, mas ainda veladamente, sua autoridade, sua missão terrena e sua missão espiritual..... 350

CAPÍTULO XI *Vv.* 1-45 358
Lázaro "morto", segundo as vistas humanas e, no entender dos homens, "ressuscitado"..... 358

CAPÍTULO XI Vv. 46-57 383
Informados do que acabava de passar-se com relação a Lázaro, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus se reúnem em conselho, com o fim de descobrirem maneira de dar morte a Jesus. — Palavras de Califás 383

CAPÍTULO XII *Vv.* 1-11 385
Maria perfuma os pés de Jesus. — Murmuração de Judas. — Os Judeus deliberam dar morte a Lázaro 385

CAPÍTULO XII Vv. 12-19 387
Entrada de Jesus em Jerusalém....387

CAPÍTULO XII Vv. 20-26 388
Alguns Gentios querem ver a Jesus. — Palavras suas nessa ocasião 388

CAPÍTULO XII Vv. 27-36 399
Continuação das palavras de Jesus 399

CAPÍTULO XII *Vv. 37-43* 403
Incredulidade dos Judeus. — Fé que alguns tinham, mas que o respeito humano, o temor de serem expulsos da sinagoga abafavam. — Esses preferiam a glória dos homens à glória de Deus 403

CAPÍTULO XII Vv. 44-50 405
A moral que Jesus pregou não é sua, mas de Deus. — Jesus, que é a luz, veio para salvar o mundo. — O homem se julga a si mesmo, e sua consciência é quem pronuncia a sentença....405

CAPÍTULO XIII *Vv.* 1-17 407
Jesus lava os pés a seus apóstolos. — Palavras que lhes dirige....407

CAPÍTULO XIII Vv. 18-30 414
Jesus prediz a traição de Judas....414

CAPÍTULO XIII *Vv. 31-38* 417
Jesus alude ao sacrifício que se vai consumar no Gólgota. — Os discípulos do Cristo devem amar-se uns aos outros. — Por esse sinal é que serão reconhecidos. — Predição da negação de Pedro 417

CAPÍTULO XIV Vv. 1-12....420
Muitas moradas na casa do pai. — Jesus vai preparar o lugar para seus discípulos. Quando voltar, os atrairá a si, a fim de que estejam onde ele estiver. — Ele é o caminho, a verdade, a vida. — Ninguém vai ao pai senão por ele. — Suas relações com o pai. — Aquele que nele crê fará as obras que ele faz e fará outras ainda maiores....420

CAPÍTULO XIV *Vv. 13-24*....431
Jesus promete a seus discípulos que lhes será concedido o que pedirem ao pai, a fim de que o pai seja glorificado no filho. — Promete conceder-lhes o que

eles lhe pedirem em seu nome. — Prescreve- -lhes que guardem seus mandamentos. — Promete-lhes o Consolador, que é o Espírito Santo, o Espírito da Verdade. — Declara que todos os que guardarem seus mandamentos, sua palavra, tê-lo-ão e ao pai consigo 431

CAPÍTULO XIV *Vv. 25-31* 437
O Consolador, que é o Espírito Santo, ensina todas as coisas. — Jesus dá sua paz a seus discípulos. — Seu pai é maior do que ele 437

CAPÍTULO *XV Vv.* 1-11 441
Parábola da videira e das varas 441

CAPÍTULO XV Vv. 12-17 445
Amarem-se uns aos outros. — Os servos, os amigos de Jesus. — Sua missão 445

CAPÍTULO *XV Vv.* 18-27 449
Jesus prediz a seus discípulos o ódio e as perseguições que lhes acarretará o desempenho da mis- são de que se acham incumbidos. Prediz-lhes o futuro advento do Espírito da Verdade e sua vinda para eles 449

CAPÍTULO XVI *Vv.* 1-15 459
Continuação das predições de Jesus quanto às perseguições de que serão vítimas seus discípulos e quanto ao futuro advento do Espírito da Verdade e à sua missão 459

CAPÍTULO XVI Vv. 16-22 469
Jesus promete a seus discípulos a alegria após a tristeza 469

CAPÍTULO XVI *Vv. 23-33* 471
Promessas de Jesus a seus discípulos. — Predições que lhes faz. — Atesta, sob o véu da letra, sua origem e sua posição espírita. — Declara que venceu o mundo 471

CAPÍTULO XVII *Vv. 1-26* 474
Palavras que Jesus dirige ao pai- diante de seus discípulos — do ponto de vista da unidade e da indivisibilidade de Deus, da natureza e da importância da missão que lhe foi confiada com relação ao nosso planeta e à sua humanidade; do

ponto de vista da missão dos discípulos e dos progressos futuros que os aguardam após o cumprimento fiel dessa missão e que aguardam a todos os que lhes caminharem nas pegadas 474

CAPÍTULO XVIII *Vv.* 1-14 486

Jesus vai, com seus discípulos, para o jardim situa- do além da ribeira do Cedron. — Sua prisão. — Circunstâncias relativas a essa prisão. — Palavras que ele dirige aos que acabavam de deitar-lhe a mão. — Palavras que dirige a Pedro, quando este, servindo-se da sua espada, fere a Malco na orelha direita. — Jesus é preso e conduzido a Anás e daí a Caifás 486

CAPÍTULO XVIII *Vv.* 15-27 488

Pedro em casa de Caifás. — Jesus é interrogado pelo pontífice. — Resposta que lhe dá. — Recebe uma bofetada. — Palavras que dirige ao que o esbofeteou. — Negação de Pedro.....488

CAPÍTULO XVIII *Vv. 28-40* 490

Jesus é levado da casa de Caifás à presença de Pilatos. — Seu reino não é deste mundo. — Seu reino não é agora deste mundo. — Ele é rei e por isto é que não veio ao mundo senão para dar testemunho da verdade. — Pilatos quer livrá-lo, mas os Judeus se opõem e preferem a libertação de Barrabás 490

CAPÍTULO *XIX Vv.* 1-7 494

Flagelação. — Coroa de espinhos. — Eis o homem. — Pedido de crucificação por parte dos Judeus 494

CAPÍTULO XIX Vv. 8-15 495

Silêncio de Jesus em face da pergunta que Pilatos lhe dirige. — Todo poder vem do Alto. — Os Judeus persistem em pedir a sua crucificação.....495

CAPÍTULO XIX Vv. 16-22 497

Jesus é entregue aos Judeus. — É conduzido ao Calvário. — Crucificação. — Inscrição feita por Pilatos e colocada no alto da cruz 497

CAPÍTULO XIX Vv. 23-27 498

As vestes. — A túnica. — A Virgem e João ao pé da cruz. — Palavras de Jesus a Maria e a João 498

CAPÍTULO XIX Vv. 28-37 499
Palavras de Jesus. — Jesus morre, no entender dos homens. — Ossos não quebrados. — Lado aberto..... 499

CAPÍTULO XIX Vv. 38-42 507
O corpo de Jesus é depositado no sepulcro 507

CAPÍTULO XX Vv. 1-18 508
Madalena vai ao sepulcro e comunica o que viu a Pedro e João e estes também vão lá. — Aparição dos anjos e de Jesus a Madalena 508

CAPÍTULO XX Vv. 19-23 510
Aparição de Jesus aos apóstolos..... 510

CAPÍTULO XX Vv. 24-31 512
Aparição de Jesus a Tomé e aos outros discípulos. — Tomé vê e crê 512

CAPÍTULO *XXI Vv.* 1-25 516
Aparição de Jesus à margem do mar de Tiberíades. — Pesca chamada "milagrosa". — Amor de Pedro a Jesus. — Jesus lhe confia suas ovelhas e lhe prediz seu martírio, abstendo-se de dizer o que será feito de João..... 516

OS MANDAMENTOS Explicados em espírito e verdade 521
DECÁLOGO 521
PRIMEIRO MANDAMENTO — Não terás outros deuses diante da minha face. 532
SEGUNDO MANDAMENTO — Não farás imagens esculpidas das coisas que estão em cima, nos céus, nem embaixo, sobre a terra, nem nas águas, sob a terra. — Não te prostrarás diante delas; não as adorarás, nem as servirás, porquanto eu sou o Eterno teu Deus, o Deus forte e cioso que puno a iniqüidade dos pais nos filhos na terceira e na quarta gerações dos que me odeiam e que uso de misericórdia, na sucessão de mil gerações, com os que me amam e guardam meus mandamentos. 532
TERCEIRO MANDAMENTO — Não tomarás em vão o nome do Eterno, do Senhor teu Deus; porquanto o Eterno, o Senhor, não terá por inocente aquele que em vão houver tomado o seu nome..... 535
QUARTO MANDAMENTO — Lembra-te do dia de sábado para o santificares. Trabalharás seis dias e

farás a tua obra, mas o sétimo dia é o dia do descanso, consagrado ao Eterno, ao Senhor teu Deus. Não farás obra alguma nesse dia, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem teu gado, nem teu hóspede, o estrangeiro que estiver dentro dos muros de tuas cidades. 536
QUINTO MANDAMENTO — Honra a teu pai e a tua mãe. 539
SEXTO MANDAMENTO — Não matarás. 550
SÊTIMO MANDAMENTO — Não cometerás adultério. 552
OITAVO MANDAMENTO — Não furtarás. 556
NONO MANDAMENTO — Não dirás falso testemunho contra o teu próximo. 557
DECIMO MANDAMENTO — Não cobiçarás a casa de teu próximo; não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seu servo, nem sua serva, nem seu boi, nem seu jumento, nem coisa alguma que seja de teu próximo. 558
AMOR DE DEUS E DO PRÓXIMO — "Amarás ao Eterno teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças." (Deuteronômio, cap. VI, vv. 4-5.) 559

Prefácio

Na véspera do dia 24 de junho de 1861, eu rogara a Deus, no sigilo de uma prece fervorosa, que permitisse ao Espírito de João Batista, patrono que me foi dado por ocasião do meu nascimento, manifestar-se por um médium que se achava então em minha companhia e com o qual me consagrava diariamente a trabalhos assíduos. Pedira também a graça da manifestação do Espírito de meu pai e do meu guia protetor.

Essas manifestações se produziram espontaneamente, com surpresa do médium, a quem eu deixara ignorante da minha prece. Constituíram para mim uma fonte de alegria imensa, com o me provarem que a minha súplica fora ouvida e que Deus me aceitava por seu servo.

O Espírito do apóstolo Pedro se manifestou a 30 de junho, de modo inesperado tanto para mim como para o médium. Não posso, nem devo publicar aqui essas comunicações mediúnicas. Fui mediunicamente prevenido da época em que poderia e deveria publicá-las.

Limito-me a transcrever alguns fragmentos destacados de uma das três manifestações de João, filho de Zacarias e Isabel. "São chegados os tempos em que as profecias se hão de cumprir. Começa o reinado da verdade.

Povos atidos ao culto idólatra da fortuna, desprendei os vossos pensamentos dessa profunda adoração. Dirigi os olhares para as regiões celestes. Escutai as vozes dos Espíritos do Senhor, que não se cansarão de fazer ouvido este aviso salutar: — os tempos são chegados."

"Chegaram os tempos. Deus envia seus Espíritos aos homens para ajudá-los a sair da superstição e da ignorância. Ele quer o progresso moral e intelectual de todos. Esse progresso, porém, estava entravado pelo orgulho e pelo egoísmo, obstáculo que lhe era impossível vencer, senão mediante lutas sangrentas e mortíferas. O Espiritismo, alavanca poderosa, que vosso pai acaba de colocar nas mãos de alguns apóstolos fervorosos, o fará avançar com passo rápido para o cume que lhe cumpre atingir, arrancando a humanidade toda ao pesado sono que a obrigava a ter o pensamento e o corpo pendidos para a terra."

"Chegaram os tempos em que todos deveis reconhecer vossos erros e faltas."

"Que os santos mandamentos de Deus, dados a Moisés no Sinai, sejam o código dos vossos deveres para com as vossas consciências. Que o santo Evangelho seja a doce filosofia que vos faça resignados, compassivos e brandos para com os vossos irmãos, pois todos sois membros da mesma família. O Espiritismo vos veio ensinar a verdadeira fraternidade e os tempos são chegados."

"São chegados os tempos em que, por toda parte, vai germinar a preciosa semente que o Cristo, o Espírito da Verdade, espalhou entre os homens."

"Sabeis quais são os copiosos frutos que os verdadeiros espíritas vão colher dessa sementeira bendita? São a liberdade, a fraternidade, a igualdade perante Deus e os homens. O Espiritismo é quem os vai convidar a todos para essa abundante messe, pois que o orgulho e o egoísmo, o fanatismo e a intolerância, a incredulidade e o materialismo vão desaparecer da Terra, cedendo lugar ao amor e à caridade, que os Espíritos do Senhor vos pregam. Eles estão sempre convosco e vos assistem, porquanto os tempos são chegados."

Profundamente comovido me senti ao ler AS SEGUINTES PALAVRAS FINAIS de uma das comunicações do Espírito de meu pai, a em que ele, do ponto de vista da era nova que começa, me dava conselhos, lições e avisos:

"Meu Deus, bendito sejas tu que tomaste pela mão o meu filho bem-amado e o levaste, através da pobreza, do estudo e do trabalho, a ter entre os seus irmãos da Terra uma posição livre e independente, que lhe permite consagrar o resto da sua vida a te amar e servir. Meu Deus, sê para sempre bendito, por haveres permitido que sua inteligência e seu coração compreendam e pratiquem tua lei de amor. Sê para sempre bendito, por teres permitido que seu pai terreno, teu humilde escravo, lhe viesse dar estes salutares avisos."

Repetindo essas palavras, minha alma experimentou vivamente a alegria de ser, para meu pai, filho em quem ele encontrava as sementes da vontade divina. Maior então se tornou a minha humildade, tão grande era em mim o temor de não me mostrar sempre digno dos encorajamentos que recebia desse ente querido e

respeitado.

Guardo em meu coração essas palavras, que aí foram postas como um farol a me clarear a estrada e para o qual volto constantemente os olhos, esforçando-me sempre por avançar ao longo dela.

Prosseguia nos meus estudos, nas minhas pesquisas, nos meus trabalhos, quando, no mês de Dezembro de 1861, fui convidado a ir a casa de Mme. Collignon, que eu não tinha a satisfação de conhecer e a quem teria que ser apresentado, para apreciar um grande quadro, desenhado mediunicamente, representando um aspecto dos mundos que povoam o espaço.

Fui e oito dias depois voltei lá, a fim de agradecer àquela Senhora o acolhimento que me dispensara por ocasião da visita que lhe fizera para ver a referida produção mediúnica.

Ao cabo de breve conversação sobre generalidades, como sói acontecer entre pessoas que mal se conhecem e que ainda não se acham ligadas por quaisquer relações de sociedade, tratei de retirar-me. No momento em que me preparava para sair, Mme. Collignon sentiu na mão a impressão, a agitação fluídicas bem conhecidas dos médiuns, indicadoras da presença de um Espírito desejoso de se manifestar, impressão e agitação que notei. Então, a instâncias minhas, ela condescendeu em se prestar à manifestação mediúnica e, no mesmo instante, sua mão, fluidicamente impelida, escreveu isto:

(Segue-se a comunicação que se acha integralmente inserta no primeiro tomo, a começar da página 68, assinada por MATEUS, MARCOS, LUCAS e JOÃO.)

Diante dessa manifestação, que me concitava a empreender, com o concurso da médium Mme. Collignon, este grande trabalho da revelação, sentimo-nos tomado de uma surpresa imensa, cheio, ao mesmo tempo, da alegria e do temor de não sermos capaz nem digno do encargo que nos era deferido.

Chamados desse modo a executar esta obra da revelação, que certamente de nosso moto-próprio não ousaríamos tentar, incapaz, ignorante e cego que éramos, metemos ombro à tarefa.

À medida que a revelação avançava, minha alma se ia encontrando cada vez mais presa de admiração ao descobrir todas aquelas verdades, apresentadas até ali aos homens envoltas em tais

mistérios que a razão se recusava a crer em tudo o que lhe era ensinado.

Abandonei-me então, inteiramente, às mãos de Deus, dizendo: "Dispõe da tua criatura, ó meu Deus. Sou teu, pertenço-te. Meu coração, meu tempo, minha razão, eu os consagro daqui por diante ao teu serviço. Serei feliz, ó soberano Senhor, se, mau grado à minha fraqueza, puder tornar-me nas tuas mãos um instrumento útil, que te conquiste o amor, o respeito, o coração das tuas criaturas."

Havíamos chegado à explicação da parábola do mancebo rico, estávamos no versículo que diz: ¨e ama o teu próximo como a ti mesmo.¨ (MATEUS, XIX, v. 19, quando foram escritas, espontânea e mediunicamente, ESTAS PALAVRAS:

"Quando estiveres de posse de todos os materiais acerca dos Evangelhos, far-te-emos empreender um trabalho especial sobre os Mandamentos — "Decálogo" ("Êxodo", cap. XX): — "amor de DEUS e do próximo¨ *("Deuteronômio", cap. VI, vv. 4-5; Levítico, cap. XII, v. 18;* MATEUS, XXII, vv. 34-40; MARCOS, XII, vv. 28-31; LUCAS, X, vv. 25-28 e 29-37), *trabalho esse que publicarás em seguida ao dos Evangelhos.* — MATEUS, MARCOS, LUCAS, JOÃO, assistidos pelos apóstolos."

No mês de maio, de 1865, estando reunidos todos os materiais, TANTO com relação aos Evangelhos, coMo com relação aos Mandamentos, aviso me foi dado, espontânea e mediunicamente, de tornar conhecida dos homens, de publicar a obra da revelação, NESTES TERMOS:

"Chegados a uma época transitória em que, lutando com o espiritualismo, o materialismo deixa as almas indecisas; em que, incerta, a fé flutua no ar, sem saber onde pouse; em que, filhos dos séculos de barbaria, de intolerância, de cupidez, os dogmas envelhecidos tremem nas suas bases; em que os princípios fundamentais da fé: a crença num Deus, a esperança de uma vida eterna, se extinguem, à falta de alimento; em que, cansados de mentiras, os homens vão ao extremo de rejeitar as verdades, é tempo de oferecer-se-lhes uma luz suave, porém firme, que possa clarear esse caos e mostrar aos vacilantes, aos pesquisadores o caminho que eles há tantos séculos perderam.

"Essa luz vos é dada pelo Espiritismo, que tem a missão de reacender o fogo do amor universal, abafado no fundo do coração humano, de reconduzir aos pés do Senhor os ateus, que julgam

viver somente pela matéria, de fazer que os homens sigam com amor a casta e grandiosa figura de Jesus, que, do alto da cruz, lança de contínuo fraterno olhar a todas as criaturas, que lhe cumpre levar ao pai purificadas e santificadas.

"Desde alguns anos o nome de Jesus provoca muitas dissidências e dá lugar a muitos sofismas.

"Ninguém mais podendo crer na sua divindade, procuraram explicá-lo pela natureza humana propriamente dita. Mas, ainda aí o homem esbarrou num escolho com que não contara: Jesus, como homem-Deus, era um contra-senso, seu devotamento uma aberração, seu sacrifício uma mentira, sua pureza uma conseqüência fatal da sua natureza. Considerado homem carnal, homem do vosSo planeta, seus atos se tornavam incompreensíveis, sua vida um problema, não passando de mistérios, de contos apropriados unicamente a embalar a humanidade infante e destinados a ser por ela repelidos com desprezo e zombaria na sua virilidade, os fatos denominados "milagres", operados pelo Mestre antes do sacrifício do Gólgota, o desaparecimento de seu corpo do sepulcro, estando chumbada a pedra que lhe fechava a entrada, sua "ressurreição" e, como conseqüência desta, suas aparições às mulheres e aos discípulos, sua volta às regiões etéreas, na época chamada "ascensão".

"Agora que o terreno foi lavrado em todos os sentidos pelos trabalhadores do pensamento, a revelação da revelação tem que ser conhecida e publicada, porquanto a obra que vos fizemos empreender vem explicar Jesus aos homens, tal como ele se apresenta aos olhos do pensador esclarecido pela luz espírita, isto é:

"como protetor e governador do vosso planeta, a cuja formação presidiu, dirigindo-lhe o desenvolvimento, os progressos, sempre dedicado à ativação da sua obra;

"como revestido de um corpo harmônico com a sua natureza espiritual, mas também relativamente harmônico com a vossa esfera, para aí se manifestar por longo tempo e lançar a semente que havia de germinar durante mil e oitocentos anos, deixando muitos grãos por pasto ao erro, preservada, porém, a vitalidade dos que começam hoje a desenvolver-se e que em breve cobrirão com seus ramos frondejantes o universo inteiro.

"A semente destinada a germinar durante mil e oitocentos anos deixou muitos grãos para alimento do erro, porque, em tempo algum,

a verdade inteira pode ser desvendada à humanidade; porque, sobretudo quando esta ainda se acha na infância, a verdade, atenta a maneira pela qual é disposta e apropriada, é sempre relativa ao entendimento da mesma humanidade, ao que ela pode suportar e compreender. Assim sendo, os véus que a cobrem dão lugar a falsas interpretações, que têm sua razão de ser com relação à época.

"A semente vital, que hoje começa a desenvolver-se e que breve estenderá seus galhos frondejantes por sobre o Universo, é a base forte que não pode ser substancialmente alterada. A semente que o Mestre espalhou quando surgiu na Terra e por ela passou, que germinou e vos há de abrigar, é a fé na missão do Cristo, enviado de Deus aos homens para lhes ensinar a viver e a morrer, objetivando o progresso do Espírito (ponto de vista este do qual fez ele todas as suas obras); para lhes mostrar o caminho do "céu" pelo renascimento, pela reencarnação, que é senda de purificação e de progresso, único meio de conciliar a justiça divina com a aparente injustiça da sorte. É a fé primordial, fundamental, definitiva em um Deus, só e único criador de tudo; a confiança e a certeza de que há, para a alma que faliu, uma vida eterna, a princípio expiatória e por fim gloriosa.

"A obra que vos fizemos empreender vem mostrar aos homens que, afastada toda e qualquer idéia de maravilhoso, de divindade da parte do Cristo, se podem explicar e pôr em concordância os livros que tiveram por destino conservar o bom grão, envolvendo-o, para isso, numa camada de mistérios, até ao momento em que o solo se devesse cobrir de frutos, isto é, até aos tempos da era nova que começa, em que o Espírito da Verdade, que o Mestre predisse e prometeu, vai despojar da letra o espírito e, pela sua obra progressiva e incessante, preparar e realizar o reino da verdade e conduzir-vos ao advento de Jesus, que vos virá mostrar a verdade sem véu.

"Fica sabendo e faze saber a teus irmãos que a obra "que lhes colocas sob as vistas é uma obra preparatória, ainda incompleta, uma entrada em matéria; que não passa de um prefácio da que sairá das mãos daquele que o Mestre enviará para esclarecer as inteligências e despojar INTEIRAMENTE da letra o espírito.

"Aquele que há de desenvolvê-la e cuja obra também será preparatória não tardará a se dar a conhecer, porquanto a atual geração humana verá os seus primeiros anos messiânicos. E os messias, isto é, os enviados especiais se sucederão até que a luz

reine sobre todos.

"Publica esta obra, a que darás o título de — ¨OS QUATRO EVANGELHOS¨, *seguidos dos* MANDAMENTOS, EXPLICADOS em espírito e verdade, *de* acordo com os ensinos ministrados, quanto aos Evangelhos, PELOS EVANGELISTAS ASSISTIDOS PELOS APÓSTOLOS e, quanto aos Mandamentos, POR MOISÉS E PELOS EVANGELISTAS ASSISTIDOS PELOS APÓSTOLOS.

"O trabalho é geral. Se bem que os nomes nem sempre sejam declinados, um de nós presidiu sempre à inspiração, O Espírito que nos anima é o mesmo que anima a todos os Espíritos superiores, sejam quais forem, que prepararam o advento da missão terrena do Mestre, que participaram do cumprimento dessa missão, que para ela concorreram, que trabalharam e trabalham pelo desenvolvimento, pelo progresso do vosso planeta e da sua humanidade.

"Damos nomes para evitarmos nomear aquele que, por nosso intermédio, dirigiu estes trabalhos e dirigirá os que ainda temos que fazer sejam empreendidos.

¨O que vais publicar será a PRIMEIRA PARTE da obra geral. A segunda se comporá: 1° da refutação das objeções que esta primeira parte sobre oS EvangelhoS e os Mandamentos provocar; 2° da explicação, em espírito e verdade, dos Atos dos Apóstolos, das Epístolas, nas passagens que delas extrairemos para dar autoridade ao presente; da revelação, chamada Apocalipse, que João recebeu na ilha de Patmos.

"É chegado o tempo de te colocares na situação de entregar à publicidade esta obra. Não fixamos limites. Emprega com critério e medida as horas, a fim de poupares tuas forças. Tens diante de ti mais de um ano. Alguns meses a mais ou a menos nada são no correr dos tempos, porém são muita coisa na economia das forças humanas.

"A publicação poderá começar no próximo mês de agosto. A partir dessa época, trabalha com a maior presteza possível, mas sem ultrapassar os limites de tuas forças, de tal sorte que a publicação esteja concluída em agosto de 1866.

"Coragem, bons trabalhadores. O Mestre saberá levar em conta a vossa boa-vontade.

MOISÉS, MATEUS, MARCOS, LUCAS, JOÃO.

Assistidos pelos apóstolos.

Maio de 1865.

Mero instrumento, não faço mais do que cumprir um dever executando essa ordem, dando à publicidade esta obra, que põe em foco a essência de tudo o que há de sublime na bondade e na paternidade de Deus e de tudo o que há de devotamento, de abnegação e de sentimentos fraternais em Jesus, chamado o Cristo, que tão bem mereceu o titulo de Salvador do mundo, de protetor da Terra.

Aos meus irmãos, quaisquer que eles sejam, quaisquer que sejam suas crenças, ou o culto exterior que professem, corre o dever de se não pronunciarem sobre ela, senão depois de a terem lido integralmente e de terem seriamente meditado; porquanto, esta obra explicativa dos Evangelhos e dos Mandamentos é indivisível no seu conjunto. Cada uma de suas partes apóia as demais, sendo todas solidárias entre si.

O homem, em todas as idades do nosso planeta, passa pela prova de receber ou repelir a luz que lhe é trazida. Muito se pede a quem muito se deu. E a responsabilidade do Espírito está sempre em correlação com os meios postos a seu alcance para que se instrua.

A verdade, para triunfar, para ser aceita, tem PRIMEIRO que se chocar com as contradições humanas.

Do ponto de vista dessa prova a que está sujeito o homem e das condições necessárias a que a verdade triunfe foi que Simeão, inspirado, pronunciou estas palavras, transitóriaS e preparatórias do advento do espírito, referindo-se a Jesus, que É "a luz do mundo", que É "o caminho, a verdade, a vida":

"Meus olhos viram o Salvador que nos deste e que destinas a ser exposto à vista de todos os povos, como a luz que iluminará as nações e a glória de Israel teu povo.[1]

E que, abençoando a José e a Maria, acrescentou:

"Este menino vem para ruína e para ressurreição de muitos em Israel e para ser alvo das contradições dos homens." [2]

Deus, que tudo governa, prepara, por meios secretos, os corações e as inteligências para apreenderem o que lhes é possível compreender.

Com esta obra, que eles nos fizeram executar e que damos à publicidade, os ministros do Senhor, explicando em espírito e verdade os Evangelhos e os Mandamentos, têm por fim a felicidade do gênero humano e sua purificação. Ela é publicada com a intenção de glorificar e honrar a Deus e de dar aos homens paz, esperança e ventura, por isso que prepara o advento da unidade das crenças e da fraternidade humana e, pois, mediante o cumprimento das promessas do Mestre, o advento do reino de Deus na Terra, sob o império da lei de amor e de unidade. Confiamos que alcançará esse objetivo.

J.-B. ROUSTAING.

Junho de 1865.

1 e 2 Ver, para explicação destas palavras de Simeão: Evangelhos de MATEUS, LUCAS e JOÃO, reunidos, n. 41, págs. 222-225 do 1º tomo.

EVANGELHO

SEGUNDO JOÃO

"O Espírito é que vivifica; a carne de nada serve; as palavras que vos digo são *espírito e vida."* (João, VI, v. 64.)

"A letra mata e o espírito vivifica." (PAULO, II Epístola aos Coríntios, cap. III, v. 6.)

CAPÍTULO I
Vv. 1-18

O Verbo. — O Verbo com Deus. — O Verbo Deus. — O Verbo feito carne habitou entre os homens e estes o viram. — O mundo não o conheceu. — Ele veio ao que era seu e os seus o não receberam. — Nenhum homem jamais viu a Deus. — O filho único que está no seio do Pai é quem dele deu conhecimento. — Missão de João e testemunho que dá do Verbo

V. 1. No principio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. — 2. Ele estava no princípio com Deus. — 3. Todas as coisas foram feitas por ele e nada do que há sido feito o foi sem ele. — 4. Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens. — 5. A luz brilha nas trevas e as trevas não a compreenderam. — 6. Houve um homem, enviado de Deus, que se chamava João. — 7. Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele. — 8. Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho daquele que era a luz; — 9, que era a luz verdadeira, que alumia todo homem que vem a este mundo. — 10. Esse es-

tava no mundo, o mundo foi feito por ele e o mundo o não conheceu. — 11. Ele veio ao que era seu e os seus o não receberam. — 12. Mas, deu o poder de se fazerem filhos de Deus a todos os que o receberam, aos que crêem no seu nome, — 13, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem e sim de Deus. — 14. E o *Verbo* se fez carne e *habitou* entre nós, cheio de graça e verdade, e vimos a sua glória, glória como unigênito do Pai. — 15. João dá testemunho dele, exclamando: Este é o de quem eu disse: Aquele que há de vir depois de mim me foi preferido, porque era antes de mim — 16. E da sua plenitude todos recebemos graça por graça. — 17. Porquanto, a lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram por Jesus-Cristo. — 18. *Ninguém jamais viu a Deus;* o filho unigênito, que está no seio *do Pai,* esse foi quem dele deu conhecimento.

N. 1. Estes versículos e especialmente os versículos 1 e 2 hão dado lugar a muitos comentários, interpretações e contradições e contribuíram para a proclamação do dogma da divindade atribuída a Jesus-Cristo.

Os homens, porém, repararão o seu erro. *Os* que se apegam à letra, sem examinar os textos em *seu conjunto e* sem pesquisar o espírito que a este preside, para lhe apreenderem a harmonia, a necessidade, o motivo e o fim, tendo em vista a sucessão e a progressividade das revelações; para apreenderem a necessidade, o motivo e o fim dessas revelações, como condição e meio de a Humanidade progredir, de prosseguir na sua marcha gradual e ascendente pela estrada da luz e da verdade, *esses não querem compreender* que a inteligência, à proporção que se desenvolve, mais vastos horizontes vai divisando.

Se comentassem e meditassem seriamente e sem a preocupação de manterem o *statu quo, ve*riam com quanta previdência Deus, que tem a presciência e a sabedoria infinita, tudo preparou, dispôs e apropriou, através dos séculos, para dar

gradual e progressivamente aos homens o que eles possam ir suportando, para ministrar a cada um o pão cotidiano da inteligência, conforme às suas faculdades e necessidades.

Veriam com quanta previdência, para que os homens fossem gradual e progressivamente conduzidos ao conhecimento do Pai, que é ele, e do Filho, que é Jesus-Cristo, Deus tudo preparou, dispôs e apropriou, mediante a revelação hebraica, mediante a que o anjo fez a Maria e a José, conseqüência da primeira, e mediante a obra da missão terrena de Jesus, que os evangelistas registaram, e a da missão dos apóstolos, uma e outra conseqüentes àquela dupla revelação.

Assim, como condição e meio de efetivar-se o progresso humano, ele tudo dispôs, preparou e apropriou, para que os homens fossem levados àquele conhecimento, desde o passado até os vossos dias, através da era hebraica e da era cristã, sob o império *da letra,* a capa *do mistério,* o prestígio do *milagre, e,* daqui por diante, sob o império *do espírito,* através da era nova, que se inicia, do Cristianismo do Cristo, da era espírita, mediante a revelação incessante e sempre progressiva do Espírito da Verdade, que vos conduzirá aos tempos preditos do segundo advento de Jesus. Esse advento se dará quando o mesmo Jesus, como Espírito da Verdade, como complemento e sanção da verdade, vier em todo o seu fulgor espírita ao vosso planeta purificado e transformado, na qualidade de seu soberano, visível para as criaturas também purificadas e transformadas, mostrar a verdade *sem véu.*

Pela época em que começou a era hebraica, nos cultos de todos os povos a idéia da unidade divina, do Deus UNO, pairava dominante, é certo, mas apenas entre os iniciados, acima das divindades que as massas adoravam. No seio das camadas populares *reinava* ainda *o politeísmo,* que se originara das relações que a comunicação, oculta

ou patente, do mundo espiritual com o mundo corporal estabelecera entre os homens e todas as categorias de Espíritos, bons e maus, comunicação que constitui uma das leis da natureza, que é, portanto, eterna, como Deus, de cuja vontade todas emanam.

Quanto aos povos orientais, esses, de acordo com os preconceitos e crenças vulgares que mais tarde penetraram no Ocidente, admitiam a existência de *"deuses"* no céu e de *"filhos dos deuses"* na Terra, gerados estes últimos por virgens que a divindade fecundava. Esses *filhos dos deuses* eram *divinizados;* as honras da apoteose os elevavam à categoria *dos deuses. Os* Judeus trouxeram do exílio essas crenças vulgares.

Quando, porém, segundo a presciência e a sabedoria infinitas de Deus, teve que se abrir a era hebraica, a Humanidade, nos centros mais civilizados, chegara, sob o ponto de vista do desenvolvimento intelectual, à fase em que a unidade divina tinha que ser posta em foco *para todos os olhares,* pela revelação, que espiriticamente se fez, do Deus *uno, indivisível,* que cria, mas sem fracionar a sua essência. Chegara à fase em que, graças a essa revelação e sob o seu império, o politeísmo tinha que desaparecer gradualmente, por efeito das revelações que *progressivamente se sucederiam* na marcha dos tempos, de acordo com o desenvolvimento e o progresso das inteligências.

A idéia da unidade divina Deus a pôs em foco, aos olhares de todos, no *Decálogo* que ele outorgou ao mundo no monte Sinai, servindo-lhe de intermediário um Espírito superior[1] que, pela boca de Moisés, fez que os homens ouvissem estas

[1] Ver adiante, nos *Mandamentos, a explicação* do *Decálogo,* na qual se dá a conhecer, *segundo o espírito e em verdade, como* ele foi transmitido e promulgado.

palavras: "Eu sou o Eterno, *Teu* Deus; *não* terás *outros* deuses diante de mim".

Ainda pela boca de Moisés, disse ele mais aos homens: *"Eu,* o Eterno, o *único* eterno, *Único* Deus". — "Eu sou aquele que é".

Depois, sendo necessário ligar o presente ao passado, a fim de depurar, explicar e desenvolver as crenças, Deus, que fizera fosse proclamado o monoteísmo, proclamou, pelo órgão dos profetas de Israel, inspirados e guiados por Espíritos superiores, ser ele o "Deus *dos deuses*". Fez que os homens escutassem estas palavras: "Deus tomou lugar na assembléia dos deuses e, sentado no meio *deles,* julga os *deuses". —* "Eu disse *Sois deuses* e todos sois *filhos do Altíssimo". (Salmo LXXXI,* vv. 1 e 6.)

Falando assim aos homens por intermédio de Moisés e dos profetas, ele se proclamou *uno, indivisível,* criador incriado, que cria, mas sem fracionar a sua essência. Proclamou não haver, *dele, por ele, nele, e,* conseguintemente, *exceto ele,* senão criaturas. Proclamou que todos os Espíritos, ainda quando qualificados de "deuses", tanto no céu como na terra, e quaisquer que sejam a sua elevação e a sua pureza, são criaturas, *todos* provindos do mesmo princípio, tendo tido a mesma origem, sendo, pois, *seus filhos e,* como tais, *irmãos entre si.*

Ainda não chegara, porém, para os homens (e muitos séculos teriam que passar antes que chegasse) o tempo de compreenderem por essa forma, *em espírito e verdade, as* palavras divinas. Esse tempo só chegaria com o advento do *espírito,* quando surgisse a era nova do Cristianismo do Cristo, a era espírita, depois que a Humanidade, durante longos séculos, se houvesse agitado nas faixas da infância e houvesse, progredindo lenta e laboriosamente, atravessado, sob o véu *da letra, a* capa do *mistério, o* prestígio do *milagre,*

o período da puberdade, da adolescência, e atingido a época precursora da sua virilidade.

Entretanto, para que, por obra dos séculos, o politeísmo antigo se desarraigasse completamente, desaparecesse do pensamento das massas populares no seio dos povos civilizados, aos quais incumbe a tarefa de impulsionarem o adiantamento dos que, sobre o vosso planeta, se encontram nos degraus inferiores do progresso; para que os homens fossem levados a reconhecer que Deus é uno e indivisível, que é o criador incriado, que todos, exceto ele, são criaturas, *Espíritos criados, seus filhos e,* portanto, *irmãos entre* si; para alcançar-se esse objetivo tão distante então na sucessão dos tempos, *precisa se fazia uma transição.* E esta tinha que ser preparada e executada de maneira adequada às crenças vulgares, aos preconceitos e tradições, ao estado das inteligências, às aspirações e necessidades de cada época, de cada era e, como condição e meio de realização do progresso humano, tinha que ser feita *gradualmente,* com o auxílio de revelações *sucessivas e progressivas,* sob o domínio *da letra,* sob a capa do *mistério,* sob o prestígio do *milagre.*

Claro é, diante disso, que só um enviado de Deus em missão podia executar na Terra a obra de semelhante transição. E essa missão superior Deus não a podia confiar senão a Jesus, que fora por ele constituído protetor e governador do vosso planeta, a cuja formação, como tal, presidira, e da humanidade terrena; a Jesus, que era e é o único encarregado do desenvolvimento e do progresso dos homens, de os levar à perfeição, de lhes dirigir os esforços, sempre devotado ao prosseguimento dessa obra. Daí *a necessidade, o mo*tivo e o *fim* da revelação hebraica., que anunciou o advento do Messias e preparou as bases e os elementos da sua missão terrena.

Jesus, porém, sendo um puro Espírito, um Espírito de pureza perfeita e imaculada, o funda-

dor, o protetor, o governador do vosso planeta, não podia e não estava adstrito, de acordo com as leis imutáveis da natureza, como já explicamos ao comentarmos os três primeiros Evangelhos[2], a tomar o corpo material do homem terrestre, corpo de lama, incompatível *com a sua natureza espiritual.* No entanto, cumprindo-lhe, para aparecer entre os homens e desempenhar na Terra a sua missão superior, revestir um corpo, tinha ele que, de acordo com as leis imutáveis da natureza, mediante aplicações e apropriações delas, pois que a vontade inalterável de Deus jamais as derroga, tomar um corpo compatível com a sua natureza espiritual e em relativa harmonia com o globo terráqueo, tal que aos homens desse a ilusão de ser um corpo humano.

Tinha assim Jesus que revestir um corpo que, sem ser de natureza *idêntica à* do dos habitantes da Terra, se lhe *assemelhasse* na forma, a fim de que, vendo nele, graças a essa conformidade, um de seus semelhantes, os homens se sentissem atraídos para ele, tocados pelas suas palavras, pelos seus ensinos e exemplos; reconhecessem, diante da sua vida pura, sem mancha, toda de devotamento, de caridade e de amor, quanto lhes ele era superior e fossem impelidos a amá-lo, admirá-lo e Segui-lo. Mais ainda: a fim de que, notando quanto seus atos se distinguiam dos de todos os homens, se enchessem de espanto e admiração e fossem conduzidos a reconhecer nele *um enviado de Deus e* que o *que ensinava* também *de Deus vinha.*

Era, em suma, *preciso* que, durante a sua missão terrena, Jesus passasse, *aos olhos humanos,* por ser um homem como os demais. Daí *a necessidade, o motivo* e o *fim* de acreditarem os homens,

---

[2] Ver, para explicações e desenvolvimentos a este respeito: Evangelhos de MATEUS, MARCOS e LUCAS reunidos, ns. 14, 31 e 67, págs. 152-168, 191-208, e 369-373, do 1º tomo.

enquanto durasse aquela missão, ter ele tido um pai e uma mãe humanos. Preciso era que a sua filiação humana, *apenas aparente,* todos a considerassem *real.*

A obra da missão terrena de Jesus-Cristo é que prepararia e efetuaria a transição destinada, *sob o véu da letra,* a capa *do mistério, o* prestígio do *milagre,* a arrancar do espírito das massas o politeísmo antigo, a substituí-lo aí pelo conhecimento *do filho* e pelo conhecimento *do pai,* a preparar e levar a Humanidade, mediante os esforços e as lutas do pensamento, as interpretações e contradições humanas, aos tempos em que *o espírito* pudesse ser despojado *da letra.* Assim, também, os homens seriam preparados e levados, mediante uma nova revelação feita pelo Espírito da Verdade, a crer, recebendo essa crença em toda a sua pureza e em toda a sua verdade, num Deus, criador incriado, *uno, indivisível,* de modo que dele, por ele e nele não há senão criaturas, Espíritos criados, todos provindos do mesmo princípio, tendo tido no ponto inicial a mesma origem, sendo todos filhos do Altíssimo, filhos de Deus (o que vem a dar no mesmo, pois o Altíssimo é Deus) e, conseguintemente, todos irmãos entre si.

Para efetuar essa transição, e alcançar esse objetivo, necessário era, segundo a presciência e a sabedoria divinas, adaptar as revelações sucessivas e progressivas às crenças vulgares, aos preconceitos e tradições, ao estado das inteligências, às aspirações e exigências da época e das gerações que se haviam de seguir. E era necessário ainda, em face de tais revelações, apropriar a tudo isso a obra da missão superior do Messias, do Cristo.

Entre os Hebreus era vulgar, como atrás dissemos, no seio das massas populares, a crença, por eles trazida do exílio, na existência de *filhos dos deuses, mesmo de deuses,* no meio dos homens, gerados os primeiros por virgens que a divindade

fecundava. Em virtude dessa crença vulgar, os Judeus, conquanto admitissem o monoteísmo que lhes fora imposto[3], criam que Deus se comunicava diretamente com os homens sob o nome de — *Espírito Santo,* manifestando-se-lhes por um ato qualquer. Era, entre o vulgo, a idéia da corporeidade de Deus, idéia que Jesus, como explicaremos mais tarde, objetivou destruir, proferindo estas palavras cujo sentido e alcance vos indicaremos: *"Deus é Espírito".*

Assim é que, sempre segundo a presciência e a sabedoria infinitas de Deus, em face dessas crenças vulgares, desses preconceitos e tradições e em face do monoteísmo que Moisés e os profetas haviam imposto, mas que ainda não fora compreendido, *em espírito e verdade,* pelas massas ao tempo do aparecimento do Messias, do Cristo, na Terra, se tornou necessário, para os homens de então e para as gerações futuras, tendo-se em vista o progresso humano e as necessidades e aspirações da época, que no planeta surgisse um homem divino, um ser que fosse ao mesmo tempo homem e Deus: homem, porque nascido de mulher; *filho de Deus,* porque concebido e gerado no seio de uma virgem *por obra do Espírito Santo;* Deus, conseguintemente, pois que gerado pelo Espírito Santo, que, como dissemos acima, era considerado o próprio Deus.

Nessas condições, ficou ele destinado, graças aos véus e imprecisões da letra das revelações hebraica e messiânica, a ser *deificado* pelos homens, mas como filho único do pai, como *parte* destacada, ainda que inseparável, do Deus *uno,* igual, portanto, a este, Essa deificação resultou naturalmente da obra de sua missão terrena, da sua vida pura, sem mancha, da sua origem mis*teriosa, milagrosa, divina,* dos "milagres" que rea-

[3] *Ver: Êxodo, cap.* XXXII, *vv.* 1-32; capitulo XXXIII, *vv.* 1-23; *cap.* XXXIV, *vv. 1-35.*

lizou, da sublime apoteose que foram o sacrifício do Gólgota, sua "morte" e o que os homens chamaram sua "ressurreição", de suas aparições às mulheres e aos discípulos, de sua ascensão para as regiões etéreas.

Houve que ser assim e assim foi, a fim de que os homens fossem levados a depurar suas crenças, desprendendo-se das teias do antigo politeísmo e esforçando-se por encerrar a pluralidade na unidade. Porque, o filho do Eterno, do *único* eterno, do Deus *uno,* que dissera: "Eu sou o Eterno, teu Deus; não terás *outros* deuses diante de mim", não podia deixar de ser o filho único do pai, *único* Deus com ele. Não esqueçais que, para os Hebreus, como para os Cristãos, a Terra era a criação toda, *o único* lugar habitado pelas criaturas do Senhor.

Daí *a necessidade, o motivo e o fim* de uma maternidade "milagrosa" para o aparecimento de Jesus, que surgiu como concebido e gerado por uma virgem, em vez de uma maternidade e uma paternidade humanas. Aquela maternidade "milagrosa", *apenas aparente,* tanto quanto a maternidade e a paternidade humanas, *tinha que ser* considerada real pelos homens.

Tais foram *a necessidade, o motivo e o fim* de uma maternidade "milagrosa", para que na Terra surgisse, *às vistas dos homens, o* Messias, o Cristo, considerado homem como os outros, porque nascido de mulher, e filho de Deus, porque concebido e gerado no seio de uma virgem *por obra do Espírito Santo.* E os homens, influenciados pelas suas crenças vulgares, pelos seus preconceitos e tradições, pelas contingências e aspirações da época e dos tempos que se seguiram, tinham que ser induzidos, e foram, sob o império *da letra,* sob a capa *do mistério,* sob *o* prestígio *do milagre, a* tomar, como tomaram, aquele *filho de Deus* pelo próprio Deus.

Para que, em face e por efeito da sua missão terrena e da dos apóstolos, o tomassem pelo próprio Deus, como sendo uma parte destacada, ainda que inseparável, do Deus *uno;* para que o considerassem igual a Deus, porque gerado no seio de uma virgem por obra do Espírito Santo, também concorreu o haverem tomado *ao pé da letra e in*terpretado *segundo a letra,* isoladamente, fora do conjunto de todas as que ele proferiu, certas palavras veladas do Mestre, acerca da sua natureza e da sua origem espirituais, da sua posição espírita com relação a Deus e ao vosso planeta, da natureza humana que lhe atribuíam, da sua natureza extra-humana, do modo por que se deram seu aparecimento e sua passagem pela Terra.

Jesus tinha que Ser e foi, *durante a sua missão terrena,* considerado um homem igual aos outros, tendo Maria por mãe e José por pai. *Somente depois de cumprida aquela missão,* só então, tinha que ser considerado filho da Virgem Maria, como concebido e gerado no seio desta, sendo ela virgem, por obra do Espírito Santo, como *filho do Altíssimo, filho de Deus.*

Eis porque e com que fim a revelação hebraica anunciou, para "aquele em quem todas as nações da terra serão benditas", *primeiro,* de modo preciso, uma origem humana, dizendo que ele sairia da posteridade de Abraão, da casa de David; *depois,* por intermédio dos profetas de Israel, *mas veladamente,* sob a imprecisão e a obscuridade da letra, uma origem extra-humana, milagrosa, divina, falando "de um filho para a casa de David, à qual o Senhor mesmo daria um prodígio", de um filho que "uma virgem conceberia e pariria e a quem dariam o nome de Emmanuel", palavra esta cujo verdadeiro sentido permaneceu velado e que o Evangelista Mateus, por influência e inspiração espírita, revelou, acrescentando: "isto é, Deus conosco" *(quod est interpretatum nobiscum Deus).*

Em virtude das interpretações que deram às profecias é que os Hebreus, ao verificar-se o aparecimento de Jesus na Terra, esperavam, no Messias, no Cristo, um libertador material que havia de sair da raça de Abraão, que seria, pois, um homem como eles, um "filho de David".[4]

Daí a necessidade, o motivo e o fim da revelação que o anjo fez a Maria e a José, em condições e circunstâncias tais, que houvesse de ficar e ficasse secreta até depois de cumprida a missão terrena de Jesus, para só se espalhar entre a multidão quando, instruídos secretamente os apóstolos por Maria, aquela revelação pudesse e devesse ser por eles divulgada, com oportunidade e proveito, debaixo da inspiração dos Espíritos superiores que os assistiam e guiavam no desempenho da missão que lhes tocara.

Eis, então, porque e para que, dispostas, segundo a presciência e a sabedoria infinitas de Deus, como condição do progresso humano, *e apropriadas* à marcha progressiva da Humanidade pela estrada da verdade e da luz, *sob o véu da letra,* a capa *do mistério, o* prestígio *do milagre,* durante sua infância, sua puberdade, sua adolescência, até aos vossos dias, precursores da Sua virilidade, *foram dadas aos homens:* 1°) por intermédio de Moisés e dos profetas de Israel, *a revelação hebraica,* que anunciou o advento do Messias e preparou as bases e os elementos da sua missão superior; 2°) como conseqüência dessa, *a revelação* que o anjo fez a Maria e a José; 3°) em face dessas duas revelações, *a obra* da missão terrena de Jesus, o Messias, o Cristo, obra que os Evangelhos, escritos sob a vigilância e a inspiração dos Espíritos superiores, registaram; 4[9]) finalmente, *a obra* da missão terrena dos apóstolos e sobretudo do apóstolo Paulo.

[4] ISAÍAS, VII, vv. 13—14. — MATEUS, I, vv. 21—23.

Foi, primeiramente, para, pela ação dos séculos, desarraigar completamente o antigo politeísmo e fazê-lo desaparecer do seio das massas entre os povos civilizados, aos quais incumbe, como acima dissemos, impulsionar o progresso dos que, no vosso globo, se encontram nos degraus inferiores; para levar os homens a depurarem suas crenças, desembaraçando-se das teias do mesmo politeísmo e procurando, *de um lado,* por efeito das idéias politeístas, das crenças vulgares sobre Deus e o Espírito Santo e, *de outro, por* efeito do monoteísmo, encerrar a pluralidade na unidade, pela concepção do Eterno, *único* eterno, *único* Deus — o pai; *do filho,* fração, ainda que inseparável, do pai, *igual* a este — portanto, Deus; do *Espírito Santo,* igualmente fração, ainda que inseparável, do pai, *igual* a este — também, por conseguinte, Deus.

Foi, depois, para que, sob o império da *letra,* sob a capa *do mistério, sob o* prestígio do *milagre, os* homens, por esses meios e processos *transitórios e preparatórios* do advento do espírito, fossem levados a saber *e* reconhecer que Deus é *uno, indivisível,* é o criador incriado, que cria mas não fracionando a *sua essência,* que dele, por ele e nele, *exceto* ele, só há criaturas, Espíritos criados, *todos* oriundos do mesmo princípio, tendo tido *todos,* no ponto inicial, a mesma origem, sendo *todos,* portanto, filhos do Altíssimo, filhos de Deus, *irmãos entre si.*

Foi também para que chegassem a saber e reconhecer que o Messias, o Cristo, *filho do Altíssimo, filho de Deus e irmão deles, pois* que proviera do mesmo princípio que eles, tivera, no ponto inicial, origem idêntica à deles; que Jesus, pela sua pureza e pelo seu poder, filho *único* do pai relativamente a eles, é um puro Espírito, um Espírito de pureza perfeita e imaculada, cuja perfeição se perde na profundeza da eternidade; é o fundador, o protetor, o governador da Terra, a cuja formação presidiu; é o único encarregado do desen-

volvimento e do progresso de todas as criaturas do Senhor no planeta terreno, em todos os reinos da natureza, mineral, vegetal, animal e humano, o único encarregado de conduzir a Humanidade à perfeição.

Foi, ainda, para que viessem a saber e a reconhecer: — que não há mais do que um só Deus, o pai, o criador incriado; — que o filho, Jesus-Cristo, não é Deus, nem uma fração, ainda que inseparável, de Deus, nem igual a este; — que o Espírito Santo também não é Deus, nem uma fração, ainda que inseparável, de Deus, nem igual a este; — que, sob essa denominação simbólica, o Espírito Santo é, com relação a Deus e à Humanidade, a falange sagrada dos Espíritos do Senhor: puros Espíritos, Espíritos superiores, bons Espíritos, segundo a ordem hierárquica da elevação espírita, os quais recebem as inspirações divinas para as transmitir aos homens, ministros ou agentes das vontades de Deus, da sua providência, da sua justiça, da sua bondade e da sua misericórdia infinitas, executores de seus desígnios quanto ao progresso universal, quanto à vida e à harmonia universais, trabalhando todos, no que respeita ao vosso planeta, sob a direção de Jesus, vosso protetor e governador, vosso único doutor e *único Mestre,* como delegado e representante de Deus, que é o *pai* de *tudo e* de *todos.*

Foi, ainda mais, para que os homens viessem a saber e reconhecer que Jesus, o Messias, o Cristo, não podendo nem devendo, de acordo com as leis imutáveis da natureza, por ser um puro Espírito, um Espírito de pureza perfeita e imaculada, revestir o corpo material do homem terreno, corpo incompatível *com a sua natureza espiritual,* revestiu, para fazer a sua aparição na Terra e aí desempenhar a sua missão superior, um corpo especial fluídico, apto a longa tangibilidade, formando segundo as leis que regem os mundos superiores, *compatível com a sua natureza espiritual* e rela-

tivamente harmônico com a esfera terrestre, mediante a apropriação e a aplicação daquelas leis aos fluidos ambientes que no planeta terreno servem para a formação dos seres humanos que o habitam.

Foi, conseguintemente, para que chegassem a saber que a gravidez e o parto de Maria, os quais, se reais houvessem sido, teriam exigido o concurso dos dois sexos, de acordo com as leis imutáveis de geração dos corpos e de reprodução na Terra, foram *apenas aparentes,* por isso que resultaram de uma operação, de uma obra do Espírito Santo, isto é: *dos Espíritos do Senhor,* de uma obra, portanto, *puramente espírita, mas* realizada em condições tais, que aquela gravidez e aquele parto fossem, *como cumpria que sucedesse,* considerados *reais* por Maria. Foi, pois, ainda, para que pudessem vir a saber e compreender que a paternidade e a maternidade humanas de José e de Maria, tidas pelos homens como reais enquanto durou a missão terrena de Jesus, conforme também *importava que sucedesse,* eram, do mesmo modo, *apenas aparentes.*

Foi, finalmente, para trazer os homens aos dias, que despontam, da nova era do Cristianismo do Cristo, da era espírita, que, a seu turno, mediante revelações sucessivas e progressivas do Espírito da Verdade, os levará aos tempos preditos em que, tendo a humanidade chegado aos limites da perfeição, Jesus-Cristo, Espírito da Verdade, virá de novo à Terra depurada e transformada como seu soberano, visível às criaturas também depuradas e transformadas, a fim de lhes mostrar a verdade sem véu. Dessa vez, porém, virá em todo o seu fulgor espírita e será recebido com esta aclamação imensa e unânime: *"Bendito o que vem em nome do Senhor! Bendito o rei que vem em nome do Senhor!"*

Obedecendo às necessidades, aos motivos e aos fins que acabamos de assinalar e *tendo em vista*

a obra de transição que cumpria fosse aparelhada e executada, Jesus, que não podia dar, aos homens da época e às gerações que se seguiriam até aos dias atuais, senão o que fossem capazes de suportar, teve que velar e velou *intencionalmente* a sua natureza e a sua origem espíritas, como já o haviam feito a revelação hebraica e a do anjo a Maria e a José. Desse modo, atendia ele àquela época e preparava o futuro, pela *letra,* mas também atendia ao futuro *pelo espírito que vivifica,* visando os tempos por ele preditos e designados da revelação, então vindoura, do Espírito da Verdade, cujas bases, cujos elementos e meios estabeleceu desde logo, enunciando proposições que se destinam a ser e *são de fato a sanção prévia* dessa revelação.

Para ser compreendido e sobretudo atendido, para que sua missão fosse aceita e produzisse frutos, ele teve que velar a sua linguagem, *apropriando-a,* assim como seus atos, ao estado das inteligências da época, aos preconceitos e tradições que, mediante as profecias da lei antiga, lhe haviam preparado o advento. Teve que os apropriar também às aspirações dos homens e ainda, como condição e meio *transitórios* de progresso, ao objetivo e às exigências das crenças que se desenvolveram durante e após o desempenho da sua missão terrena. Foram essas crenças que fizeram dele, sucessivamente, um homem como os demais, durante todo o tempo daquela missão; um profeta, quando entrou a desempenhá-la publicamente; depois, terminado o desempenho dela, um homem-Deus, atribuindo-lhe a divindade: homem, *como* os *outros,* porque revestido do corpo material do homem da Terra, porque nascido de mulher, e Deus, porque filho de Deus, fração, ainda que inseparável do Deus *uno,* do Deus criador incriado, imutável, eterno, infinito, — *igual,* portanto, a Deus. Assim é que fizeram o corpo de um homem, corpo *finito, circunscrito, conter o infinito.*

Assim é que fizeram do Deus *uno* um homem sujeito à morte como os que habitam a Terra, que submeteram à vida e à morte, em um corpo material e perecível como os deles próprios, o Eterno, único eterno — Deus, que é, foi e será *imortal* desde e por toda a eternidade, que só ele possui, desde toda a eternidade, a imortalidade.

Tais aspirações e crenças, cuja necessidade, motivo e fim já deixamos indicados, tiveram sua razão de ser, *como meio transitório e preparatório* do advento do *espírito que vivifica,* em substituição da *letra que mata.* Elas serviram, na marcha dos tempos, de campo para os esforços e lutas do pensamento a se agitar nas trevas da letra; para os esforços e lutas das interpretações e contradições humanas, cujos embates fizeram emergir das profundezas ocultas *do espírito* luminosas centelhas e prepararam o advento do espírito que vivifica, e que, levantando o véu da *letra,* tirando a capa ao *mistério,* aniquilando o prestígio do *milagre,* mostrará a luz e a verdade.

Foram essas aspirações e crenças que, trabalhadas pelos séculos e fazendo progredir as inteligências, vos trouxeram à era nova do Cristianismo do Cristo, à era espírita que diante de vós se abre. E a revelação espírita, predita e prometida, vem, pelo Espírito da Verdade que desce até vós por vontade do Pai, glorificando o Mestre, dizer-vos o que Jesus não podia dizer durante a sua missão terrena e, despojando da *letra o espírito,* ensinar-vos a verdade que agora estais aptos a receber.

Advertindo-lhes que desconfiassem *da letra,* disse o Cristo: *"O Espírito é que vivifica;* a carne de nada serve; as palavras que vos digo *são espírito e vida."* (João, VI, v. 64.)

Foi *precisamente* o apóstolo João aquele a quem, dentro do quadro que lhe traçou a influência espírita, coube, por inspiração mediúnica, re-

gistar essas palavras do divino modelo, do bem-amado Mestre.

E o apóstolo Paulo, aplicando às interpretações humanas aquelas mesmas palavras, disse: *"A letra* mata e o *espírito vivifica." (2° Epístola aos Coríntios,* cap. III, v. 6.)

A interpretação *segundo a letra* é a morte, porque conduz ao erro. A interpretação *segundo o espírito* é a vida, porque conduz à verdade.

Mas, o reinado da letra, *transitório e preparatório* do advento do espírito, é e foi previamente necessário, porque *a letra* é que convém aos povos primitivos, à humanidade nas fases de infância, de puberdade, de adolescência, até aos tempos precursores de sua virilidade, só convindo *o espírito* aos povos que hajam chegado a tal grau de desenvolvimento, que queiram compreender o que *devem crer;* aos povos para os quais não mais basta a fé cega, que, desde então, unicamente produz a dúvida ou a incredulidade, visto lhe faltar a razão de ser, do que resulta ficar sem alimento a crença; aos povos, enfim, que precisam receber o pão cotidiano da inteligência, de acordo com as suas faculdades e necessidades.

Por isso, aquelas palavras de Jesus e do apóstolo Paulo eram ditas *para o futuro,* eram palavras que só em séculos ainda muito distantes se haviam de cumprir.

Também por isso é que, em face e em conseqüência da revelação hebraica, e da que o anjo fez a Maria e a José, Jesus, por obra da sua missão terrena, pelos atos que praticou, pelas palavras que proferiu, pelos acontecimentos que formam os pontos culminantes do desempenho daquela missão, tudo *dispôs e apropriou,* de maneira a servir à época de então e a preparar o futuro para a era cristã, sob o império e o véu *da letra, a* capa *do mistério* e o prestígio *do milagre,* e de maneira também a deixar as bases, os elementos, a sanção prévia de uma nova revelação, de uma

revelação da revelação, que viesse despojar *da letra o espírito* para a era atual do Cristianismo do Cristo, para a era espírita, sob o império *do espírito.*

Os apóstolos, especialmente Paulo e João, este na sua narrativa evangélica, inspirados pelos Espíritos do Senhor que os assistiam e guiavam no desempenho de suas missões, *a fim de que o que tinha de ser dito e feito o fosse,* caminharam pelas sendas que Jesus traçara.

Jesus proferiu palavras que, em face da revelação hebraica e da revelação do anjo a Maria e a José, em face dos atos que ele praticou e da obra da sua missão terrena, tinham que, na sucessão dos tempos, de acordo com o estado das inteligências, os preconceitos e as tradições, as necessidades e aspirações de cada época, chamar *primeiramente a* atenção dos homens e ser, como aquelas duas revelações, consideradas *segundo a letra.* Pronunciou igualmente palavras destinadas *a* só prenderem a atenção dos homens quando *pudessem e devessem* ser explicadas em *espírito e verdade,* por uma nova revelação tornada necessária e que viria ao mesmo tempo corrigir os erros de todas as interpretações humanas a que houvessem dado lugar, dentre aquelas palavras, as que tivessem servido de base às crenças produzidas, *segundo a* letra, pela infância da humanidade.

Do mesmo modo, os apóstolos Paulo e João, seguindo os caminhos que Jesus traçara, proferiram palavras destinadas também a fixar *primeiramente* a atenção dos homens e a ser tomadas *segundo a letra* e palavras outras, das quais eles próprios não compreendiam o sentido exato, nem o motivo e o fim com que lhes foram inspiradas, destinadas a só despertarem a atenção dos homens, para lhes procurarem *o espírito,* quando *pudessem e devessem* ser explicadas *em espírito e*

verdade pela nova revelação, sob o império *do espírito.*

A missão das apóstolos, especialmente a de Paulo, consistia em preparar e abrir os caminhos à era cristã, sob o império *da letra,* proferindo palavras cujo espírito, *como era mister sucedesse,* se conservava para eles velado pela letra e destinadas a servirem de base, de elementos, de meios e de *sanção prévia* à revelação futura, à revelação da revelação.

Aqueles dois apóstolos, como os outros, serviram assim, segundo as vontades do Senhor, àquela época e prepararam o futuro, cada um *nos limites* da sua missão terrena, *no meio, no tempo e nas condições* que a sábia previdência de Jesus *dispusera.*

Nenhuma das palavras de João, como *nenhuma* das de Paulo, acerca da natureza e da origem espirituais de Jesus, da sua posição espírita com relação a Deus e ao planeta terreno, da *natureza* do corpo que ele tomou, do modo e das condições em que esse corpo se formou, para sua aparição e passagem pela Terra, deve ser rejeitada. Ao contrário, *todas* têm que ser entendidas e explicadas *segundo o espírito que vivifica e,* portanto, *em espírito e verdade.*

Os versículos de João referentes a esses pontos (vv. 1, 2, 3, 14 e 18) precisam não ser isolados das palavras de Jesus registadas pelos quatro evangelistas e das de Paulo dirigidas, *de um lado, aos* Hebreus *e, de outro, aos* Gentios.

Antes de vos explicarmos de maneira especial, *em espírito e verdade, os* versículos de João, vejamos primeiro o que o próprio Jesus disse e, depois, o que disse o apóstolo Paulo.

Quanto às palavras de Jesus, essas, iluminadas pela luz do *espírito que vivifica, excluem a divindade* que os homens lhe atribuíram; proclamam *a sua inferioridade* com relação *ao pai,* que ele declara ser *o único Deus verdadeiro* e do qual se

diz *servo e enviado;* mostram, *veladas pela letra,* a natureza e a origem extra-humanas, estranhas a toda genealogia humana, que ele conservou quando apareceu na Terra a desempenhar entre os homens a missão superior, que trazia, de Messias, de Cristo; mostram, *também veladas pela letra,* sua posição espírita de Espírito fundador, protetor e governador do planeta terreno, constantemente em comunicação direta com o Pai, por ser ele o único encarregado do desenvolvimento e do progresso desse planeta e da Humanidade que o habita, único encarregado de a levar à perfeição.

Apreciemos primeiramente as que excluem a divindade que os homens lhe atribuíram e as que proclamam a sua inferioridade com relação ao Pai, que ele declara ser o único Deus verdadeiro e do qual se diz servo e enviado.

Jesus nunca se disse Deus. Não somente nenhuma de suas palavras permite se afirme ou mesmo se pense tal coisa, como, ao contrário, elas excluem a divindade que os homens lhe atribuíram.

A seus discípulos disse: *"Em verdade, em verdade* voz digo: *Aquele* que crê em mim fará as obras *que eu faço e fará outras ainda maiores,* pois que me vou para meu pai"[5]. Se ele fosse Deus, uma fração, ainda que inseparável, de Deus, como poderia o homem igualá-lo e, ainda menos, sobrepujá-lo nos atos?

Ao mancebo rico, que lhe chama "bom Mestre", responde com esta interpelação: "Porque me chamas *bom? Bom só Deus o é."* (MATEUS, XIX, v. 16; MARCOS, X, *v.* 17; LUCAS, XVIII, vv. 18-19.) — Ele, pois, não é Deus. Se o fosse, conforme explicamos no comentário aos três primeiros Evangelhos, direito lhe assistia ao qualificativo de *bom.* Assim podia ser qualificado ele, que era bom por excelência, cuja bondade o colocava tão acima de todos os homens, quando

[5] Ver infra, no n. 47 (cap. XIV, v. 12), a explicação destas palavras segundo o espírito.

no meio destes. Respondendo, pois, daquela forma, teve em mente protestar, indireta e veladamente, contra a divindade que, *sabia-o ele, os* homens lhe haviam de atribuir.[6]

Ao escriba, que lhe pergunta qual o primeiro de todos os mandamentos, responde: "O primeiro de todos os mandamentos é este: "Escuta, *Israel: o* Eterno, teu Deus, é o único eterno; tu amarás o Eterno, TEU Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu espírito, com todas as tuas forças. Esse é o primeiro mandamento."

A essa resposta faz o escriba a seguinte observação: "Mestre, o que disseste é muito verdade, isto *é: que não há* SENÃO UM SÓ *Deus, que não há outro além dele".*

Vendo Jesus que era criteriosa a observação do escriba, disse: *"Não estás longe* do reino de Deus." (MARCOS, XII, vv. 28-29, 32-34.)

Citando desse *modo o Deuteronômio (cap.* VI, vv. 4-5) e sancionando com a sua aprovação *a observação* do escriba, Jesus, como já explicamos no comentário aos três primeiros Evangelhos[7], proclama que o Deus *de Israel é o* eterno, *o único* eterno, que é *o* Deus *uno, o* único Deus *dos Hebreus,* por ser *o único Deus verdadeiro;* proclama *que nenhum outro há além desse.* Por essa forma, proscreve, *de antemão, em nome do monoteísmo hebraico, a* divindade que, com *a* presciência que tinha do futuro, sabia lhe viria a ser atribuída pelos homens.

Quando os Judeus, tendo ouvido dele estas palavras: "Meu pai e eu somos um" e, preparando-se para lapidá-lo, lhe declararam: "Queremos apedrejar-te *por causa da tua blasfêmia,* PORQUE, sendo homem, tu te fazes passar por Deus", Jesus lhes responde: "Não está escrito na vossa lei isto: "Eu disse — Sois *deuses?" Ora,* se ela chama *deuses* àqueles *a quem a*

---

[6] Ver: Evangelhos de MATEUS, MARCOS e LUCAS reunidos (3º vol., n. 239, pág. 196).

[7] Ver 3º vol., n. 261, pág. 284.

palavra de Deus *é dirigida e* se a Escritura não pode ser anulada, como dizeis *que blasfemo* por haver dito que *sou filho de Deus,* eu a quem meu pai *santificou e* enviou ao mundo?" (JOÃO, X, vv. 31-36.)

Dizendo isso, citando as palavras do profeta do Salmo LXXXI, v. 6, e deixando *intencionalmente* obscura *uma parte* da citação, Jesus prepara *a transição* que se havia de operar *sob o véu da letra,* a capa do *mistério, o* prestígio do *milagre,* e cuja necessidade, motivo e fim há pouco explicamos, e ao mesmo tempo proscreve, *de antemão,* a divindade que lhe atribuiriam, infirmando desde logo *o sentido* que, *sob o império da letra,* seria dado a esta expressão — *filho de Deus,* para servir de base àquela divindade, para fazer dele uma *fração,* se bem que *inseparável,* de Deus, para fazê-lo *igual a este.* Do mesmo passo confirmava e salientava o que havia dito ao escriba, porquanto, como sabeis, o Salmo LXXXI vv. 1 e 6, reza: "Deus tomou parte na assembléia *dos deuses e,* sentado no meio *deles,* julga os *deuses"; e:* "Eu disse: Sois *deuses e todos sois filhos do Altíssimo (filhos de Deus,* porquanto o Altíssimo é Deus, o Deus dos *deuses").*

Dessa maneira, citando *o Salmo LXXXI* que é "Escritura que não pode ser anulada", Jesus proclama que, como os Judeus, *que o acusavam de blasfemo,* como *todos os* homens, ele *é filho do Altíssimo, filho de Deus,* do Deus *dos deuses;* que é, pois, *deus, como todos o* são, *por serem filhos do Altíssimo.* Fulmina assim, embora velando seu pensamento com as palavras, *como importava que o fizesse,* a acusação que lhe lançavam de querer fazer-se Deus, o Eterno, o único eterno, fazer-se igual ao Deus de *Israel, ao* único Deus *verdadeiro, uno e indivisível.* Ainda mais: repele e condena desde logo *o sentido* que ao que ele acaba de dizer: "Meu pai e eu somos um", dão os Judeus, pretendendo que, com o dizer isso, ele se faz passar por

Deus. Finalmente, citando aquele *Salmo,* Jesus proclama que, *em espírito e verdade,* segundo o *espírito* despojado *da letra, é* irmão dos homens, como Espírito criado que, oriundo, semelhantemente a *todos,* do mesmo princípio, tivera no seu ponto inicial a mesma origem; que *é filho do Altíssimo, filho de Deus,* como todos o são, do Deus *dos deuses,* que *é seu* pai e, conforme ele o disse e daqui a pouco lembraremos, pai dos homens, que *é seu* Deus e Deus dos homens, isto é, daqueles a quem a palavra divina é dirigida, dos homens irmãos dele, que o Eterno, *o Deus de Israel, o Deus uno, indivisível,* que cria, mas sem fracionar a sua essência, *santificou e enviou ao* mundo. Em Suma, citando o *Salmo,* Jesus proclama que ele é deus como os homens são deuses, *quer* no sentido politeísta, *do ponto de vista transitório dos Hebreus, quer* em espírito e verdade[8], visto que *todos são deuses,* como *filhos do Altíssimo, filhos de Deus,* filhos do *Deus dos deuses,* criaturas, Espíritos criados, todos oriundos, *igualmente,* do Criador incriado.

Quando aparece a Maria Madalena, Jesus lhe ordena: "Vai ter *com meus irmãos* e dize-lhes de minha parte que: subo a MEU *pai* E VOSSO *pai,* a MEU *Deus* E VOSSO *Deus."* (JOÃO, XX, v. 17.)

Quando aparece a Maria Madalena e às outras mulheres, diz-lhes: "Ide dizer *a meus irmãos* que vão à Galiléia; que lá *é* que me verão." (MATEUS, XXVIII, v. 10.)

Após a Ceia, no momento em que vai entregar-se aos homens, solenemente condena *a divindade* que as interpretações humanas lhe *haviam*

[8] Ver adiante, no n. 35 (JOÃO, X, vv. 31-36), a explicação destas palavras de Jesus e do *Salmo* LXXXI, vv. 1 e 6, e, aqui em seguida, na explicação dos vv. 1 e 2 do cap. 1.

de atribuir e confirma tudo quanto dissera antes contra *essa* divindade, bem como o sentido, *em espírito e verdade,* das palavras do profeta *(Salmo LXXXI,* vv. 1-6), o monoteísmo hebraico, a existência de um Deus *uno, indivisível,* que cria mas sem o fracionamento *da sua essência,* declarando:

"A vida eterna, ó meu pai, consiste em te conhecer a ti, que és o único Deus VERDADEIRO, e em conhecer a Jesus-Cristo, que tu enviaste." (JOÃO, XVII, v. 3.)

Proclamando que *o pai é* o único Deus *verdadeiro,* Jesus-Cristo proclamou a sua *inferioridade* com relação ao Pai e, proclamando a sua inferioridade, repeliu e condenou de *antemão a divindade* que os homens lhe atribuiriam.

Ele disse: "Meu pai é maior do que eu." (JOÃO, XIV, v. 28.) Se ele fosse Deus, uma *fração, uma parte,* ainda que *inseparável,* de Deus, igual a Deus, seria tão grande quanto seu pai, que é igualmente o PAI dos homens, quanto o SEU DEUS, que é também o DEUS dos homens.

É filho do Altíssimo, filho de Deus, como os homens, que são seus irmãos. (JOÃO, X, v. 36 *e Salmo* LXXXI, vv. 1-6.)

É filho único de Deus (JOÃO, III, v. 18), com relação à vossa humanidade, pela sua pureza, pela sua elevação espiritual e pelo seu poder sobre o planeta terreno.

A Tiago e a João, filhos de Zebedeu, disse ele, diante dos outros discípulos: "Pelo que respeita a vos assentardes à minha direita ou à minha esquerda, NÃO ESTÁ em mim vo-lo conceder; isso só é dado *àquele para quem meu pai o preparou."* (MARCOS, X, v. 40.)

Ora, se ele fosse Deus, parte, ainda que inseparável, de Deus, igual a Deus, necessariamente lhe caberia, em comum com o Pai, conceder a Tiago e a João o direito de se sentarem à sua direita ou à sua esquerda, de lhes *preparar* essa situação.

Mas, precisamente por não ser Deus, Jesus-Cristo proclama a supremacia de Deus sobre todo e qualquer Espírito criado, por mais elevado que este seja, e proclama que ninguém, senão somente Deus, *sabe* quando um Espírito é bastante puro para "se sentar à direita ou à esquerda do *seu enviado".*

A seus discípulos, falando-lhes do fim do mundo, disse:

"Quanto a esse dia e a essa hora *ninguém os co*nhece, NEM MESMO os anjos do céu, SENÃO SOMENTE meu pai." (MATEUS, XXIV, v. 36.) — Quanto a esse dia e a essa hora, NINGUÉM o SABE, NEM os anjos que estão no céu, NEM *o filho; só o pai o sabe."* (MARCOS, XIII, v. 32.)

Se o filho, Jesus-Cristo, fosse Deus, fração, ainda que inseparável, de Deus, igual a Deus, ele saberia tanto como Deus.

Também disse: "Minha doutrina NÃO É minha, É *daquele que me enviou."* (JOÃO, VII, v. 16.) — "Não digo no mundo senão o que ele me *ensinou."* (JOÃO, VIII, v. 26.) — "NÃO DIGO SENÃO o que meu pai me ensinou." (JOÃO, VIII, v. 28.)

Se Jesus-Cristo fosse Deus, parcela, ainda que inseparável, de Deus, igual a Deus, a doutrina daquele que o enviou seria, dada essa inseparabilidade, também sua e ele nada teria tido que aprender de Deus, pois que era Deus; nada lhe poderia ter sido *ensinado* por aquele que o enviara, uma vez que, em virtude daquela inseparabilidade, ele tudo devia saber de toda a eternidade, como Deus que era.

Mas, precisamente porque não é Deus e sim, *como Espírito criado,* irmão dos homens, tendo Deus por pai, como estes, em conseqüência de ser idêntica a *criação* de todos, sendo Deus, portanto, *seu* pai e pai *deles, seu* Deus e o Deus *deles, é* que

proclamou a sua inferioridade como *servo* e *enviado* de Deus, dizendo:

"Meu pai, que me *enviou, é* quem, por SEU MANDAMENTO, *me prescreveu* o que *devo* dizer *e como devo* falar." — (JOÃO, XII, v. 49.) — "Sei que *seu mandamento é* a vida eterna; o que, pois, eu digo, digo-o *conformemente ao que meu* pai *me ordenou."* (JOÃO, XII, v. 50.)

Estas palavras, *puramente figuradas,* de Jesus-Cristo: "Meu pai e eu somos um" (João, X, v. 30), tomadas *ao pé da letra,* consideradas, *segundo a letra,* em sentido material, isoladas de todas as que ele pronunciara, *quer* das que já citamos, *quer* das que vamos citar, é que *serviram* de fundamento às interpretações humanas por efeito das quais lhe foi atribuída *a divindade.*

Essas mesmas palavras, também tomadas *ao pé da letra,* consideradas, *segundo a letra,* em sentido material, é que serviram aos Judeus de base para a acusação de blasfemo feita a Jesus. *Criam* eles que, dizendo-as, tinha Jesus em mente inculcar-se como sendo Deus, atribuir a si próprio *a divindade.*

Mas, como acabamos de vos explicar, a resposta que ele deu aos Judeus, *imprecisa e velada* de propósito, tendo em vista a transição que cumpria fosse aparelhada e executada, é exatamente que, compreendida *em espírito e verdade,* combinada com o texto integral do *Salmo LXXXI, vv.* 1-6, repele e condena, de antemão, a divindade que lhe havia de ser e foi atribuída pelos homens, pelas falsas interpretações humanas segundo a letra destas expressões *"filho de Deus" e "meu pai".*

Aquelas palavras: *"Meu pai e eu somos um",* foram ditas, repetimos, *figuradamente,* para exprimir a unidade de pensamento que existia, pela afinidade fluídica, pela pureza e pelo amor, entre Deus e o Cristo; que existiria entre os discípulos

e os outros homens, conforme ia em breve estabelecer-se entre os discípulos e o Consolador, o Espírito Santo, o Espírito da Verdade, isto é: entre os discípulos e os Espíritos superiores que desceriam até eles, a fim de os inspirar e guiar no desempenho de suas missões terrenas, estabelecendo-se assim, por intermédio desses Espíritos superiores, a mesma unidade de pensamento entre os discípulos e Jesus. É o que ressalta evidente do confronto daquelas palavras com as que o Mestre proferiu a esse respeito (João, XIV, vv. 16, 17 e 20; e XVII, vv. 11, 20-23 e vv. 1, 2 e 3), as quais são formalmente condenatórias da divindade que os homens lhe atribuíram, como ides ver.

Após a Ceia, disse a seus discípulos [9]: "Pe*direi a* meu pai e ele vos dará outro consolador que fique eternamente convosco, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê e não o conhece; vós, porém, o conhecereis, porque ele fícará convosco e *estará em* vós. — Não vos deixarei órfãos, virei a vós; nesse dia, conhecereis que EU ESTOU *em meu pai* E VÓS *em mim* E EU *em vós."* (JOÃO, XIV, vv. 16-17, 18-20.)

A seu pai dirige estas palavras: "Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, *a fim de que eles sejam* UM, como NÓS. Não peço por eles somente, mas também pelos que hão de crer em mim pelas suas palavras, *a fim de* fique *todos sejam um;* a fim de que, pai, assim como tu estás *em mim e eu em* ti, *eles sejam* do mesmo modo *um em nós,* para que o mundo creia que me *enviaste."* — "Dei-lhes a glória que me deste, *a fim de que* sejam um, como nós somos *um." — "Estou neles e tu em mim, a fim de que eles sejam consumados* NA UNIDADE e o mundo conheça que me *enviaste* e que os *amaste* como me tens *amado."* — "Meu pai, a hora é chegada; glorifica a teu filho, a fim de que teu filho te glorifique, assim como lhe deste poder sobre todos os homens, para que ele dê a vida eterna a todos os que lhe deste.

[9] Ver adiante a explicação, em espírito e verdade, das palavras destes versículos.

Ora, a vida eterna é conhecer-te a ti que és o único Deus verdadeiro e conhecer a Jesus-Cristo que tu enviaste." (JOÃO, XVII, vv. 11, 20-23 e vv. 2 e 3.)

Com relação ao seu aparecimento e à sua passagem pela Terra, ao modo por que um e outra se deram, as palavras de Jesus, veladas pela letra, como cumpria que fossem, conforme já explicamos, a bem do preparo da transição, cuja necessidade, motivo e fim deixamos apontados, colocam a sua natureza e a sua origem fora da humanidade, mostram que ambas eram extra-humanas, estranhas à maternidade de Maria e à paternidade de José, das quais o julgaram fruto *enquanto durou a sua missão terrena;* estranhas a toda e qualquer maternidade milagrosa, ao mesmo tempo humana e extra-humana, da virgem Maria, como os homens acreditaram, *depois de concluída aquela missão.*

"Que pensais do Cristo? De quem é ele filho?" perguntou Jesus aos Fariseus e estes responderam: "De David." Diante dessa resposta, ele lhes observou: "Ora, David disse, pelo Espírito Santo, no Livro dos Salmos: "O Senhor disse a meu Senhor: Senta-te à minha direita até que eu tenha reduzido teus inimigos a te servirem de escabelo. Como é o Cristo seu filho, se ele o chama seu Senhor? Desde que ele o chama seu Senhor, como pode o Cristo ser seu filho?" (MATEUS, XXII, vv. 41-45; MARCOS, XII, vv. 35-37; LUCAS, XX, vv. 41-44.) [10]

Aos Judeus que lhe observaram: "Ainda não tens cinqüenta anos e dizes que viste Abraão", respondeu Jesus: *"Em verdade, em verdade vos* digo: EU Sou, antes que Abraão fosse." (JOÃO, VIII, vv. 57-58.)

Dirigindo-se a Deus, seu pai, que ele acaba de declarar ser o único Deus verdadeiro, diz: "Tu me amaste *antes da constituição do mundo."* (JOÃO, XVII,

[10] Ver a explicação, em espírito e verdade, das palavras destes versículos, no comentário sobre os três primeiros Evangelhos. (3º vol., n. 264, pág. 295 e 296.)

v. 24.) — "E agora glorifica-me tu, pai, em ti mesmo com a glória que tive em ti *antes que o mundo fosse.* (JOÃO, XVII, v. 5.)

Tendo dito ao povo: "Sou a luz do mundo; aquele que me segue não caminha nas trevas, terá, ao contrário, a luz da vida", os Fariseus o acusavam de dar um testemunho que não era verdadeiro. Ao que ele retrucou: "SEI *donde venho e para onde vou; vós,* porém, *não sabeis donde venho nem para onde vou."* — Aos Judeus que, quando ele disse: "Não podeis vir onde eu vou", declaravam: "Quer dizer *que se suicidará",* observou: "Vós sois *deste mundo,* mas, eu sou *do alto; sois deste mundo,* EU, *porém, não sou deste mundo."* — "Quem me convencerá de pecado?" (JOÃO, VIII, vv. 23 e 46.) — "DESCI DO CÉU, NÃO para fazer a minha vontade, mas para fazer a vontade *daquele que me enviou."* (JOÃO, VI, v. 38.)

No seu colóquio com Nicodemos, disse-lhe: *"Ninguém* subiu ao céu senão *aquele que desceu do céu, a* saber: *o filho do homem, que está*[11] *no céu."* (JOÃO, III, v. 13.)

Aludindo ao seu aparecimento na Terra e à sua passagem por este planeta, à sua morte no Gólgota, morte *aparente,* mas que os homens, *como era mister sucedesse,* consideraram *real; aludindo* à sua ressurreição, às suas aparições às mulheres e aos discípulos, disse ele: "Deixo a vida para a retomar; *ninguém ma tira, sou* eu que *a deixo por mim mesmo: tenho o poder de a deixar e tenho o poder de a retomar; este* MANDAMENTO RECEBI de meu pai." (JOÃO, X, vv. 17-18.)

A seus discípulos, quando entre si murmuravam por haver ele dito aos Judeus: *"Desci do céu",* pergunta: "Que será então se virdes o filho do homem subir para onde antes estava?" (JOÃO, VI, v. 62.)

Palavras de Jesus e de João, o Precursor, também veladas umas e outras intencionalmente *pela letra,* que mostram a posição espírita do primeiro com relação a Deus, ao planeta que habitais

[11] Sendo sempre Espírito, debaixo daquele perispírito tangível, com a aparência do corpo humano, ele estava sempre no céu.

e à humanidade terrena, apontando-o *como Espírito fundador, protetor e governador* do mundo terrestre, a cuja formação presidiu, tendo, na qualidade de *representante e delegado de Deus,* plenos poderes, no *céu e na terra,* sobre todos os Espíritos que nesta encarnam:

Falando *de* si, que sofria a encarnação humana, e de Jesus, que não a sofria, e para proclamar a supremacia deste sobre o vosso planeta, como seu governador e protetor, João, o Precursor, inspirado pelos Espíritos superiores que o assistiam e guiavam no desempenho da sua missão, diz àqueles de seus discípulos que haviam discutido com os Judeus: "Aquele que veio *do alto* está *acima de todos;* aquele *que é da terra é* da terra *e da terra* fala. Aquele que *veio do céu* está *acima de todos.* — Aquele que *Deus en*viou fala as palavras de Deus, pois que Deus não lhe dá o Espírito *por medida. — O* pai *ama* o filho *e tudo lhe pôs nas mãos."* (JOÃO, III, vv. 31, 34 e 35.)

Tendo dito aos Judeus: "Quanto a vós, sois deste mundo, mas, quanto a mim, sou do alto; sois deste mundo, eu, porém, não sou deste mundo", os Judeus lhe perguntaram: *"Então, quem és tu?"* Ao que ele respondeu: *"Princípio, eu que vos falo"* [12]. (JOÃO, VIII, vv. 23 e 25.)

Também, respondendo aos Judeus que, por tomarem estas palavras — "meu pai" — segundo a letra, materializando-as, e não em espírito e verdade, o acusavam de se fazer igual a Deus, diz: "Em verdade vos digo que o filho nada pode fazer de si mesmo, senão apenas o que vir o pai fazer; o que, pois, o fizer o filho semelhantemente o faz. Porque o pai ama o filho e lhe mostra tudo o que faz e obras ainda maiores do que estas lhe mostrará, que vos maravilharão." (JOÃO, V, vv. 19-20.)

Protestando dessa forma, *como era necessário que* o *fizesse,* tendo em vista a transição que cum-

[12] Ele, pois, *não é* Deus, porquanto nenhum homem jamais viu a Deus. (JOÃO, I, v. 18.) Assim, ele é o princípio, não porque seja Deus, mas por ser fundador da Terra, como ministro de Deus.

pria fosse, sob o véu da letra, aparelhada e executada, contra a acusação, que lhe lançavam, de querer igualar-se a Deus, como parte destacada de Deus, embora inseparável deste, Jesus proclama que *a sua personalidade, a sua entidade* são distintas do pai *e inferiores* ao *pai,* declarando que *nada faz como poder criador, pois* que este só a Deus *pertence,* mas que tudo faz *no desempenho de um ministério.* Quer isso dizer que o que faz lhe é inspirado, mostrado e, conseguintemente, ensinado por Deus. E, se assim é com relação ao que tem feito, assim será com relação às obras ainda maiores que fará.

Designando a Deus por seu pai e ao mesmo tempo designando-se, quando de si fala dirigindo-se a Deus, por "teu filho", tudo em obediência à necessidade de aparelhar e executar, sob o véu *da letra,* a transição, diz, referindo-se a si próprio como filho de Deus: "Assim como lhe deste poder sobre todos os homens, para que ele dê a vida eterna, a todos os que lhe deste. Ora, a vida eterna é conhecer-te *a ti que és o único Deus verdadeiro e* conhecer a Jesus-Cristo que tu *enviaste".* (JOÃO, XVII, vv. 2-3.)

A seus discípulos diz: "Meu pai tudo me pôs nas mãos". (Mateus, XI, v. 27.)

Desse modo proclama, *em espírito e verdade:* que Deus é uno, indivisível, único que cria, mas sem fracionar a sua essência; que, como filho, ele, Jesus, não é Deus e sim Espírito criado por Deus e Espírito protetor e governador do planeta terreno, tendo recebido de Deus todo o poder sobre os homens, *a fim* de os levar à perfeição; que foi e é entre estes um enviado de Deus e que aquele poder lhe foi dado *com esse objetivo, com* esse fim.

Sempre dentro da mesma ordem de idéias é que responde a Pilatos: *"Tu o dizes, sou rei.* Para isto nasci e para isto vim ao mundo, para dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da

verdade escuta a minha voz". (João, XVIII, v. 37); — é que diz a seus discípulos por ocasião da sua chamada ascensão, quando, terminada a sua missão terrena, ia elevar-se, diante deles, para as regiões etéreas, voltando à natureza espiritual que lhe era própria: *"Todo poder me foi dado no céu e na terra",* isto é: *sobre todos os Espíritos encarnados e errantes do vosso mundo.* (Mateus, XXVIII, v. 18); — é que disse também a seus discípulos: "Vós me chamais mestre e senhor e dizeis bem, porque eu o sou". (João, XIII, v. 13.) "Sou o caminho, a verdade, a vida; ninguém vem ao pai senão por mim". (João, XIV, v. 6.)

Palavras de Jesus que, sempre sob o véu da letra, o mostram em relação direta com o pai, como sendo o único encarregado do desenvolvimento e do progresso do vosso planeta e de vos conduzir à perfeição.

"Aquele que me enviou ESTÁ comigo e não me deixa só, porque faço o que é do seu agrado." (JOÃO, VIII, v. 29.)

"Eu sou o pão de vida." (JOÃO, VI, v. 48.) "Eu sou o pão vivo que desci do céu." (JOÃO, VI, vv. 41 e 51.) — "O pão de Deus, disse ele falando de si, é o que DESCE DO CÉU e dá vida ao mundo." (JOÃO, VI, v. 33.) — "Sou a luz do mundo; aquele que me segue não anda em trevas; terá, ao contrário, a luz da vida." (JOÃO, VIII, v. 12.) — "Eu, que sou a luz, vim ao mundo, a fim de que todo aquele que em mim crê não permaneça nas trevas." (JOÃO, XII, v. 46.)

Depois de haver dito (MATEUS, XI, v. 27): "Meu pai tudo me pôs nas mãos", acrescenta: "E ninguém conhece o filho senão o pai, nem ninguém conhece o pai senão o filho e aquele a quem o filho o tenha querido revelar"; tendo dito também: "A vida eterna é conhecer-te a ti que és o ÚNICO DEUS VERDADEIRO e conhecer a Jesus-Cristo que tu enviaste." (JOÃO, XVII, v. 3.)

Mostrando assim que, pela revelação espírita, Deus daria a conhecer, *em espírito e verdade,* quem é o "Filho", que só por essa revelação os homens

adquiririam esse conhecimento e que só ele, "o filho", *podia e havia* de dar aos homens o conhecimento *integral* de Deus, isto é: de lhes mostrar a verdade *sem véu,* de os levar à perfeição, Jesus, ao chegar o momento em que ia entregar-se aos homens, para que se consumasse o sacrifício do gólgota, exclama:

"Meu pai, é chegada a hora; glorifica a teu filho, a fim de que teu filho te glorifique; assim como lhe deste poder sobre todos os homens, que ele dê a vida eterna a todos os que lhe deste. Ora, a vida eterna é conhecer-te a ti que és o ÚNICO DEUS VERDADEIRO e conhecer a Jesus-Cristo que tu *enviaste."* (João, XVII, vv. 1-2-3.) — "Quero que onde eu estou estejam comigo aqueles que tu me deste — (e os que hão de crer em mim pela palavra deles) — para verem a minha glória, que foste tu que me deste, porque me amaste antes da criação do mundo." — "Eu lhes fiz conhecer o teu nome e ainda o farei, a fim de que sejam um como tu, meu pai (que és o único deus verdadeiro) és em *mim e eu* em *ti,* para que também *eles sejam* um em *nós,* — A fim de que sejam um como *nós somos* um." "Eu *estou neles e tu estás* em *mim,* para que *eles sejam consumados* na *unidade* e para que o mundo *conheça* que tu me *enviaste e* que *os amaste* como *me amaste a mim."* (JOÃO, XVII, vv. 24, 26, 22, 21.) [13]

Vejamos agora as palavras de Paulo acerca da natureza e origem espirituais de Jesus, da sua posição espírita com relação a deus e ao vosso planeta, da natureza do corpo que ele revestiu para aparecer na terra e desempenhar a sua missão terrena, coisas todas essas veladas para aquele apóstolo, como para todos os outros, pela *letra* da

[13] Ver *adiante* a explicação, *em espírito e verdade,* desses diversos versículos, dessas palavras *veladas e figuradas* que, como o disse Jesus, devem ser entendidas *segundo o espírito que vivifica* e que são *espírito e vida.* (JOÃO, VI, v. 64.)

revelação hebraica, pela da revelação do anjo a Maria e a José e pela das palavras do mestre.

Por inspiração dos Espíritos superiores que o assistiam e guiavam no desempenho da sua missão, Paulo disse tudo quanto devia dizer, a fim de que o que tinha de ser se verificasse, e o disse de maneira que, de um lado, servisse àquela época, preparasse e realizasse a transição, cuja necessidade, motivo e fim já vos explicamos, e que se ia efetuar, como se fazia mister, de acordo com a presciência e a sabedoria infinitas de Deus, pela era cristã sob o império e o véu *da letra, a* capa *do mistério, o* prestígio *do milagre;* e, de outro lado, estabelecesse as bases, os elementos e os meios da revelação então futura e que, nos tempos preditos por Jesus, havia de progressivamente explicar, pelo Espírito da Verdade, *segundo o espírito que vivifica,* tudo o que estivesse *oculto e mantido sob o véu da letra,* sob a capa *do mistério,* sob o prestígio *do milagre.*

Dentro dos limites em que lhe cumpria desempenhar a sua missão terrena, Paulo ignorava e tinha que ignorar a natureza e a origem *espirituais* de Jesus, sua posição espírita com relação a Deus e ao vosso planeta e a *natureza* do corpo que revestira para fazer seu aparecimento e sua passagem pela Terra. Tinha Paulo que ignorar tudo isso, porque aos homens só é dado aquilo que podem suportar e porque só a revelação predita e prometida do Espírito da Verdade deveria, quando eles se houvessem tornado capazes de a receber, pôr *a descoberto o* que estava *oculto,* dar a *conhecer o* que era *secreto,* iniciando-os nos segredos de além-túmulo.

Para aquele apóstolo, como para todos os outros discípulos e para a multidão, Jesus era um ente excepcional, que a inteligência humana não sabia definir; que tinha, sob o véu *da letra,* sob a capa *do mistério, sob o* prestígio *do milagre,* uma origem e uma natureza, ao mesmo tempo, *humanas*

e extra-humanas, divinas. As crenças que, durante e após o desempenho da missão terrena do Mestre, se desenvolveram, segundo os preconceitos, as tradições, a letra da revelação hebraica e da do anjo a Maria e a José, em face e por efeito da obra daquela missão, de acordo com o estado das inteligências, as necessidades e aspirações da época, é que haviam de levar os homens, com o caminhar dos tempos, a ver em Jesus-Cristo um homem tal como os do planeta terrestre, *quanto ao invólucro corporal,* e um Deus, como *filho de Deus,* encarnado no seio de Maria *virgem,* uma parte destacada de Deus, embora *inseparável* dele, *igual a* Deus.

Mas, tendo que ser transitórias essas crenças, preciso era que se preparassem as bases e os elementos da futura revelação do *Espírito da Verdade,* destinada a explicar, sob o império *do espírito, segundo o espírito que vivifica,* despojado da *letra o espírito,* a dupla revelação hebraica e messiânica, a necessidade, o motivo e o fim de ambas, assim como a necessidade, o motivo e o fim da obra da missão terrena de Jesus-Cristo e da obra da missão dos apóstolos.

Estando tudo então preparado e previsto, desde longos séculos, com o fito do progresso humano, como condição e meio de realização desse progresso, quer relativamente ao que havia de ser *transitório e circunstancial,* mas necessário, sob *o véu da letra,* como *preparação,* quer relativamente ao que havia de ao mesmo tempo conter as bases, os elementos e os meios das revelações progressivas que se seguiriam, Jesus era "filho de David", *segundo a letra* da revelação hebraica que, semelhantemente à revelação do anjo a Maria e a José, tinha, o que sempre se verifica, *seu sentido oposto.*

Essa origem e essa natureza *humanas* de Jesus, eis como o apóstolo Paulo as proclama:

Dá-o *como,* "segundo a carne, provindo dos patriarcas, pais dos Israelitas" *(Epístola aos Romanos,*

IX, vv. 3, 4 e 5), como "provindo, pois, da vossa humanidade", sujeito, portanto, à morte, como vós, "morto" pelos pecados dos homens e "ressuscitado". (1º *Epístola aos Coríntios, XV, vv.* 13-16; *Epístola aos Romanos.* VIII, *v. 34.)* — "Que é o homem, pois que (Deus) se lembra dele; e que é o filho do homem, pois que o visita? — Deus o tornou um pouco menor do que os anjos, o coroou de glória e de honra, por causa da "morte" que sofres, tendo o mesmo Deus querido que ele por todos morresse. — Porque, bem digno era de Deus, para quem e por quem todas as coisas são; que, querendo conduzir à glória muitos filhos, *consumasse, aperfeiçoasse*[14] pelo sofrimento aquele que havia de ser o chefe e o autor da salvação deles e ao qual Deus sujeitou todas as coisas, pondo-as debaixo de seus pés." *(Epistola aos Hebreus, II, vv.* 6-7, 9-10.) — "Ele se tornou, *não o* libertador dos anjos, *mas o* libertador da raça de Abraão. Eis porque importava que fosse, em tudo, semelhante *a seus irmãos,* para ser perante Deus um pontífice misericordioso e fiel no seu ministério, a fim *de expiar os* pecados do povo, pois é das penas e sofrimentos mesmos pelos quais foi *tentado e experimentado* que ele tira o poder de socorrer os que também são tentados. Como, pois, os filhos que Deus lhe deu são de uma natureza mortal, composta de carne e de sangue, ele, por isso, participou dessa mesma natureza, a fim de destruir pela morte o principio da morte, isto é: o diabo." *(Epístola aos Hebreus,* II, *vv.* 16-17, *13-14.)*

Essas palavras foram de atualidade para aque-

[14] Aquele que seria o *próprio Deus,* como parte *destacada* deste, embora *inseparável* dele, *igual* a Deus, destinado a se consumar, a se *aperfeiçoar* pelo sofrimento e feito um pouco *inferior* aos anjos!... Palavras são estas ditas *para aquele* momento, *transitórias,* necessárias *então* a uma humanidade que se achava na infância, a homens materiais, que não podiam compreender outros sofrimentos *que não os* sofrimentos físicos; palavras necessárias, tendo-se em vista o progresso humano, *a preparar e conduzir os* homens, *pela letra,* ao *espírito que vivifica,* a reconhecerem mais tarde que Jesus não era NEM homem do planeta terreno, mortal, sujeito à morte humana, NEM DEUS.

la época e, para as gerações que se seguiriam até aos vossos dias, foram *transitórias e preparatórias* do advento do espírito. Foram elas que trouxeram a humanidade à era, que diante de vós se abre, do Cristianismo *do Cristo, à* era espírita, em que o Espírito da Verdade vem, *da letra* das revelações hebraica e messiânica, da obra da missão terrena de Jesus e da dos apóstolos, *tirar o espírito.*

Jesus era um ser ao mesmo tempo misterioso, excepcional, divino, com uma origem e uma natureza *extra-humanas,* mas *misteriosas, obscuras,* conforme à *letra* da revelação hebraica, da do anjo a Maria e a José e, em face dessas duas revelações, conforme ainda às palavras do próprio Jesus, à sua vida pura, sem mancha, aos *"milagres"* que realizou, aos acontecimentos culminantes da sua missão terrena, à sua morte, à Sua "ressurreição", *às* suas aparições às mulheres e aos discípulos, às circunstâncias em que se deram esses fatos, finalmente *à* sua ascensão para as regiões etéreas.

O mesmo apóstolo Paulo que, *segundo a letra* da revelação hebraica, proclamou a existência de uma natureza e de uma origem *humanas em Jesus,* também oportunamente proclamou ter ele uma origem e uma natureza extra-humanas, *estranhas a* quaisquer concepção e nascimento, Seja meramente humanos, como filho de Maria e de José, seja por efeito de uma maternidade "milagrosa" de Maria, sendo ela virgem.

Comprovou assim que a concepção e a gestação em Maria e, conseguintemente, sua gravidez e seu parto *por obra do Espírito Santo, destinados* a ser tidos como reais pelos homens, foram *apenas aparentes.* Comprovou, pois, que o que se formara no seio de Maria, por obra do Espírito Santo, fora *simplesmente aparente,* fora obra espírita e não *uma realidade,* que não houvera realmente concepção, gravidez e parto, os quais, na Terra, não podem verificar-se sem o concurso dos dois sexos.

E essa origem e natureza extra-humanas de Jesus, Paulo as proclamou também, exatamente como fizera com relação à natureza e à origem humanas do mesmo Jesus, de acordo *com a letra* da revelação hebraica. É que tudo estava preparado e previsto, segundo a presciência e a sabedoria infinitas de Deus, para que, em cada época, em cada era, como já o temos dito, fosse fornecido aos homens o pão da inteligência, de acordo com suas faculdades e necessidades, e para que, por meio de revelações sucessivas, eles fossem progressivamente conduzidos pelo caminho da luz e da verdade.

Apreciemos as palavras com que Paulo proclamou a origem e a natureza extra-humanas de Jesus.

Foi Deus quem formou para Jesus *um corpo,* declara-o ele nestes termos: "O filho de Deus ao entrar no mundo diz: "Não quiseste hóstia nem oblata, mas *me formaste um corpo." (Epístola aos Hebreus,* X, v. 5.)

Depois de, *por essa forma,* haver dito que Deus formou um corpo para Jesus, proclama que este, como Melquisedec, *é sem pai, sem mãe, sem genealogia,* dizendo:

"Pois este Melquisedec, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, *que veio ao encontro de Abraão,* quando este voltava da matança dos reis, e o abençoou e com quem Abraão repartiu o dízimo de tudo, e que se chama, primeiramente, por interpretação do seu nome, *rei de justiça,* depois, rei de Salém, que quer dizer *rei de paz,* que *É sem pai, sem mãe, sem genealogia,* que não tem começo *de seus* dias, nem fim *de vida, semelhante assim ao filho de Deus,* continua sacerdote para sempre." *(Epístola aos Hebreus,* VII, vv. 1-3.)

Desse modo, numa linguagem *velada pela letra,* Paulo declara que Jesus surgiu na Terra e fez sua passagem por esse planeta, cumpriu a sua missão

terrena, com um corpo que não se formou mediante concepção, gravidez, gestação e parto humanos, quer como obra humana de Maria e de José, quer como obra milagrosa produzida em Maria virgem, *e sim* com um corpo formado por Deus, isto é: de acordo com as leis naturais e imutáveis que Deus instituiu de toda a eternidade, mas diversas das que, no vosso planeta, regem a formação do corpo humano, exigindo, para esse efeito, o concurso dos dois sexos.

Proclama ainda, também sob o *véu da letra,* que aquele corpo que Jesus tomara, que constituía, ao ver dos homens, a sua vida e que não era idêntico aos corpos humanos da Terra, não estava sujeito, como estes, à morte. De sorte que sua morte no Gólgota, *destinada* a ser pelos homens considerada *real,* foi *apenas aparente,* como *apenas aparentes* foram — a concepção, a gravidez, a gestação e o parto em Maria virgem, *por obra do Espírito Santo,* a maternidade humana de Maria e a paternidade humana de José, enquanto ele desempenhou a sua missão terrena, a maternidade de Maria, virgem, depois *do desempenho daquela missão.* Assim, igualmente *e pela mesma razão,* apenas aparente foi a sua vida "humana", porquanto, *segundo o espírito oculto pela letra, o* seu aparecimento e a sua passagem pela Terra foram o que tinham sido o aparecimento e a passagem de Melquisedec, *que veio ao encontro de Abraão e* que, semelhantemente *a Jesus,* era sem pai, sem mãe, sem genealogia — uma manifestação espírita, uma aparição, ora visível e tangível ao mesmo tempo, ora simplesmente visível, de *acordo* com as *necessidades e as circunstâncias* da missão que viera desempenhar, antes e depois do sacrifício do Gólgota.

Eis como a tal respeito se expressa aquele apóstolo:

Depois de haver dito que Jesus é pontífice eter-

no, sacerdote eterno, *segundo a ordem de Melquisedec (Epístola aos Hebreus,* VI, *v. 20* e VII, v. 17), acrescenta, sempre falando de Jesus: "que ele se fez pontífice eterno, *não segundo a lei* de uma sucessão *carnal,* MAS pelo poder de *sua* VIDA *insolúvel* (que lhe não pode ser tirada, destruída) — *"non secundum legem mandati carnalis,* SED *secundum virtutem vitae insolubilis." (Epístola aos Hebreus,* VII, *v.* 16.) Isto porque, como já ele o dissera, Jesus-Cristo *é "sem pai, sem mãe, sem genealogia",* "não tem NEM começo *de seus dias,* NEM fim *de sua vida" e porque* "NÃO TENDO Deus QUERIDO *sacrifício* nem *oblata, lhe* formou um corpo."

Aquelas palavras de Paulo *são uma conseqüência e uma aplicação explícita* das de Jesus aludindo ao corpo que trazia, corpo que, *segundo a maneira de ver dos homens,* constituía a sua vida, mas que era apenas instrumento e meio de execução da sua missão terrena; aludindo ao seu aparecimento e à sua passagem pela Terra, *ao sacrifício do Gólgota,* à sua ressurreição, às suas aparições sucessivas às mulheres e aos discípulos, à sua volta para as regiões etéreas, na época da chamada *ascensão:*

"Deixo a vida PARA a retomar; *ninguém ma tira,* sou *eu* que a deixo *por mim mesmo;* tenho o poder de a deixar e tenho o poder de a retomar; MANDAMENTO QUE RECEBI de meu pai."

Declarando que Jesus era sem pai, sem mãe, sem genealogia, e que, para entrar no mundo, Deus lhe formara um corpo e acrescentando que esse corpo era a imagem *da substância* de Deus, o apóstolo Paulo comprova e proclama, *sob o véu da letra,* que Jesus fez seu aparecimento e sua passagem pela Terra com um corpo fluídico em estado de tangibilidade, *semelhante* ao do homem terreno, *mas não* da mesma natureza. Comprova, portanto, e proclama que Jesus fora *sempre Espírito nesse* corpo fluídico apto a longa tangibilidade, sujeito inteiramente à ação da sua vontade e que

era, desse modo, dada a correlação que existe entre o *finito* e o *infinito,* entre a *criatura e o criador incriado, a imagem da substância de Deus,* de Deus que *é Espírito na substância:* inteligência, pensamento, fluido; de Deus para quem o fluido universal, que dele emana e o toca de perto, constitui o instrumento e o meio pelos quais ele opera todas as criações, assim de ordem espiritual e de ordem material, como de ordem fluídica, fluido universal esse que se acha na culminância de tudo quanto dele provém.

Eis o que diz Paulo sobre isso:

"Jesus é o esplendor da glória de Deus, *a imagem* DA *sua substancia." (Epistola* aos *Hebreus,* I, *v. 3.)* — "Nem toda carne é a mesma carne. Há corpos *terrestres e corpos celestes. O primeiro* homem é o da terra, o terreno; o segundo homem é o do céu, *o celeste.* O primeiro Adão foi feito em alma vivente; o último Adão em *espírito vivificante." (V Epístola aos Coríntios,* XV, vv. 39-40 e 45-47.)

Todas essas palavras daquele apóstolo, *sobre a natureza* do corpo que Jesus tomou *fora* da humanidade terrena, eram ditas para *o futuro,* eram palavras destinadas a só prender a atenção dos homens quando chegasse o momento de serem explicadas *em espírito e verdade* pela revelação da revelação, que vem despojar *da letra o espírito,* levantar *o véu,* pôr *a descoberto o* "mistério" e o "milagre", explicando um e outro como *atos naturais,* executados de acordo *com as leis da natureza.*

Paulo também proclama, Sob o véu da letra, a origem e a natureza espirituais de Jesus, apresentando-o como irmão dos homens, portanto como Espírito criado da mesma forma que estes, provindo, em sua origem, do mesmo ponto inicial que todas as outras criaturas de Deus, que todas as outras essências espirituais, que todos os outros Espíritos; oriundo do mesmo princípio que estes:

o Pai; apresentando-o também como um puro Espírito, um Espírito para sempre perfeito, de pureza perfeita e imaculada.

Eis de que maneira ele o proclama:

"Deus: NOSSO pai e Jesus-Cristo: NOSSO Senhor." *(Epistola aos Efésios,* I, *v. 2* e *Epístola a Filêmon,* v. 3.) — "Aquele que santifica (Jesus-Cristo) e os que são santificados (os homens) VÊM *todos* de um só principio; EIS PORQUE ele (o que santifica) não se vexa de lhes chamar irmãos[15], dizendo: Anunciarei teu nome *a meus irmãos e* te louvarei no meio da assembléia deles." *(Epístola aos Hebreus,* 11, *vv.* 11-12.) — "Ele é SANTO, INOCENTE, SEM MÁCULA, SEPARADO dos pecadores — e mais elevado do que os céus (parte integrante e acessória da terra, para os Hebreus." — Ele é "perfeito para sempre." *(Epístola aos Hebreus,* VII, *vv. 26* e *28.)*

Ainda sob o véu *da letra,* Paulo também proclama a unidade indivisível — Pai, como sendo o único Deus verdadeiro, condenando assim *toda divindade* que se haja atribuído no passado e que se viesse a atribuir então e de futuro a qualquer outra entidade *diversa do Pai,* seja *no céu,* seja *na terra.* Proclama a posição espírita de Jesus com relação a Deus e ao planeta terreno, como sendo o fundador, o protetor e o governador deste, como sendo o único encarregado do desenvolvimento e do progresso dos homens e de os levar à perfeição, onde, segundo uma locução *figurada,* Deus será *tudo em todos.*

Eis como se exprime o apóstolo:

"Não há mais do que um só Deus, pai de todos e que está ACIMA de todos, que estende por todos a sua

[15] Estas palavras, que Paulo toma ao *Salmo* XXI, v. 21, e que não devem ser separadas das do *Salmo* LXXXI, *vv. 1* e *6, segundo o espírito que vivifica* atribuem, *sob o véu da letra,* a todos os Espíritos *criados* uma origem comum e divina como *princípio espiritual.*

providência e que ESTÁ em todos nós." (Epístola aos Efésios, IV, vv. 5-6.) — "Aquele que é SOBERANAMENTE bem-aventurado, ÚNICO poderoso, o rei dos reis, o senhor dos senhores, o único que possui a imortalidade, que habita uma luz inacessível, aquele que nenhum homem jamais viu nem pode ver, a quem cabem a honra e o império na eternidade." (1° Epístola a Timóteo, VI, vv. 15-16.) — "O DEUS de Nosso Senhor Jesus-Cristo, o pai de glória que vos dê um Espírito de sabedoria e de revelação para o conhecimento dele." (Epístola aos Efésios, I, v. 17.) — "Dele, POR ele e nele são todas as coisas." (Epístola aos Romanos, XI, v. 36.) — "Nele. vivemos, nos movemos e somos." (Atos dos Apóstolos, XVII, v. 28.)

"Nenhum outro Deus há senão só um; porquanto, ainda que haja os que são *chamados* deuses, *quer* no céu, *quer* na terra, não há, todavia, PARA NÓS, *sendo um só Deus que é o pai, de quem* todas as coisas procedem e em quem existimos; SENÃO *um único Senhor, que é* Jesus-Cristo, *por quem todas as coisas foram feitas e por quem somos o* que somos." *(1° Epístola aos Coríntios,* VIII, *vv. 4-6.)* — "Jesus-Cristo *é a cabeça." (Epístola aos Efésios, IV, v.* 15.) — "Ele é a cabeça de cada homem e Deus é a cabeça de Jesus-Cristo." *(1° Epístola aos Coríntios,* XI, *v. 3.)* — "Jesus-Cristo há de *reinar até que* haja posto sob seus pés todos os inimigos. Ora, *a. morte é* o inimigo que por último será destruído, pois a Escritura diz que Deus tudo *lhe pôs* sob os pés, tudo lhe *sujeitou.* Mas, quando ela diz que tudo lhe está sujeito, sem dúvida excetua *aquele que lhe sujeitou* todas as coisas. Quando, pois, todas as coisas estiverem *sujeitas ao filho, o* filho *estará* então *sujeito* AQUELE QUE lhe *sujeitou* todas as coisas. A FIM DE QUE Deus seja *tudo* EM *todos." (1° Epístola aos Coríntios, XV,* vv. *25-28.)*

Também essas eram palavras ditas para o futuro, eram palavras que só haviam de prender a atenção dos homens quando chegasse o momento de lhes serem explicadas pela revelação da revelação, *em espírito e verdade.*

Mas a *transição,* vós o sabeis, pois que já vos explicamos sua necessidade, motivo e fim, tinha

que ser aparelhada e executada pela era cristã sob o império *da letra* e favorecida por esta, *sob* a capa *do mistério,* sob o prestígio *do milagre,* para *que os* homens *fossem* conduzidos à era nova do Cristianismo *do Cristo,* à era espírita, ao advento *do espírito que vivifica. Foi com o objetivo* dessa transição *que o* apóstolo Paulo, guiado pela inspiração, proferiu, de acordo *com* a revelação hebraica, estas palavras que, destinando-se a ser tomadas *ao pé da letra e* entendidas *segundo a letra,* tinham que ser *e* foram também palavras de atualidade para aquele momento.

"Ele é filho de Deus." *(2º Epístola aos Coríntios,* I, v. 19.) — "Ele, segundo a carne, descende dos patriarcas, pais dos Israelitas. E Deus *acima de tudo." (Epístola aos Romanos,* IX, vv. 4 e 5.) — "Deus nestes últimos dias falou pelo filho, que ele constituiu herdeiro de todas as coisas *e por quem* criou os séculos." *(Epístola aos Hebreus,* I, *v. 2.)* — "E como ele é o esplendor da sua glória e a imagem da sua substância e tudo sustenta pela expressão do seu poder, está sentado, nas maiores alturas, à *direita* da majestade — sendo tanto mais elevado do que os anjos quanto mais excelente do que o destes é o nome que recebeu, pois, a qual dos anjos disse Deus jamais: Es meu filho, eu hoje te gerei[16] ? e doutra vez: Ser-lhe-ei pai e ele me será filho[17] *?* E ainda, quando introduz seu primogênito no mundo, diz: Que todos os anjos de Deus o adorem[18]. E, a respeito dos anjos, diz a Escritura: Deus faz dos Espíritos seus embaixadores, seus anjos e das chamas ardentes seus ministros[19]. Acerca do filho, porém, ela diz: Teu trono, ó Deus!, será eterno e o cetro do teu reino um cetro de eqüidade; amaste a justiça e odiaste a injustiça e por isso, ó Deus!, o teu Deus te sagrou, com um óleo

[16] Salmo II, v. 7.

[17] Os Reis, liv. II, cap. VII, v. 14.

[18] Salmo XCVI, v. 7.

[19] Salmo XCVI, v. 7.

de alegria, superior *aos que têm parte contigo*[20]. E diz também: Tu, Senhor, no princípio, fundaste a terra e os céus são obra de tuas mãos; eles perecerão, mas tu permanecerás; eles envelhecerão todos como uma veste e tu os mudarás como um manto e eles serão mudados; tu, porém, serás sempre o mesmo e teus anos não acabarão[21]. Enfim, a qual dos anjos disse jamais o Senhor: Senta-se à minha direita até que eu ponha teus inimigos a te servirem de escabelo para os pés[22]? Os anjos não são todos eles Espíritos que lhe servem de ministros, enviados *a exercerem seu ministério a favor dos que hão de herdar a salvação?" (Epistola aos Hebreus, I, vv.* 2-14.)

Despido da *letra o espírito,* explicadas *em espírito e verdade,* combinadas com as do *Salmo* LXXXI, vv. 1 e 6, com todas as que temos citado, proferidas por Jesus, sobretudo com as que pronunciou aludindo àquele *Salmo;* combinadas com todas as que Paulo proferiu, das quais não devem ser isoladas para, por uma interpretação *segundo a letra,* serem apontadas como contraditórias, quando, *interpretadas todas segundo o espírito que vivifica,* se reconhecerá que entre elas perfeita harmonia existe, as palavras acima, ditas pelo apóstolo dos Gentios, mostram Jesus como sendo: — *filho de Deus,* porque *filho do Altíssimo,* segundo o que disse o anjo a Maria; — filho, como todos, do Eterno, do *único* eterno, do Deus uno, indivisível, criador incriado; — irmão dos homens, oriundo do mesmo princípio que estes, tendo tido, *no ponto inicial, a mesma origem;* — Espírito de pureza perfeita e imaculada; — filho do Deus *dos deuses,* a quem se pode dar o título de Deus, no sentido de ser ele fundador, protetor e governador da Terra, vosso *único* Senhor, colocado, porque filho do Deus *dos deuses,* como Deus, acima de tudo: de todos

---

[20] *Salmo* XLIV, vv. 6-7 (Lemaistre de Sacy) e v. *45* (Ostervald).

[21] Salmo CI, v. 25.

[22] *Salmo* CIX, *v.* 1.

os homens, de todos os anjos ou Espíritos que o cercam e trabalham no desenvolvimento do vosso planeta e da humanidade terrena, de todos os anjos ou Espíritos que junto dele desempenham as missões de ministros de Deus, todos, porém, pelo menos em saber universal, inferiores, dentro da ordem hierárquica, aos Espíritos protetores e governadores de mundos.

Aquelas palavras, destinadas também a preparar e executar *a transição* de que temos falado, aquelas palavras, ditas para os Hebreus, eram dirigidas a homens que acreditavam não existir mais do que um só mundo — a Terra, a homens para os quais a Terra era a *única* criação de Deus, não passando o céu, o firmamento, de um apêndice necessário, de um *acessório integrante,* de uma *parte complementar* — a abóbada da Terra. Para eles, os corpos luminosos, sol, lua e estrelas, eram simples luminares feitos e suspensos nessa abóbada unicamente para utilidade da Terra, a fim de separarem o dia da noite, de servirem de sinal para a marcação dos tempos e das estações, dos dias e dos anos, a fim de clarearem a Terra: o sol, presidindo ao dia; a lua, presidindo à noite; as estrelas, presidindo, com o seu luzir sobre o planeta, ao dia e à noite, separando da luz as trevas. [23]

Em face dessas crenças então correntes e às quais, para ser compreendida e sobretudo escutada, fora apropriada a linguagem da revelação hebraica, é que precisam ser entendidas, *em espírito e verdade, as* palavras de Paulo tomadas aos *Salmos e* que não devem *ser isoladas das do Salmo* LXXXI, vv. 1 e 6.

Como fundador, protetor e governador da Terra, Jesus foi instituído por Deus "herdeiro *de todas as coisas" e, por ele,* Deus criou os "séculos".

---

[23] Gênese, cap. I.

Jesus fez a terra e, *para os Hebreus, de acordo com o seu modo de ver,* fez também o céu, como apêndice necessário, acessório integrante, parte complementar da terra.

"Quando Deus introduziu no mundo o seu primogênito, disse: "que todos os anjos o adorem."

Quando investiu a Jesus no mandato de fundador, protetor e governador da Terra, Deus colocou os anjos ou Espíritos designados para trabalharem, dirigidos pelo mesmo Jesus, na obra de formação, desenvolvimento e progresso desse planeta, submissos, respeitosos e cheios de amor para com aquele que sendo, tal qual eles, filho do Altíssimo, filho de Deus e, como filho do Deus dos deuses, deus, era o representante direto da vontade do Altíssimo; para com aquele que estava, como "deus", porque filho do Deus dos deuses, acima de tudo, acima de todos os anjos ou Espíritos enviados para, sempre debaixo da sua direção, exercerem o ministério que lhes fora confiado em favor *dos que haviam de ser os herdeiros da salvação:* em favor dos homens de boa-vontade.

"Jesus *está* assentado nas maiores alturas, à direita da majestade."

Está na primeira categoria, ocupa o primeiro lugar, o lugar de honra, junto de Deus, com relação ao planeta terreno, do qual é fundador, protetor e governador.

"Santo, inocente, sem mácula e Espírito para sempre perfeito, ele é filho único do pai."

Quer isso dizer que, sendo um puro Espírito, um Espírito de pureza perfeita e imaculada, que, na santidade e na inocência, sem nunca haver falido, conquistou a perfeição e foi por Deus ins-

tituído fundador, protetor e governador da Terra, Jesus, com relação aos anjos ou Espíritos que Pai trabalham na obra do progresso do vosso planeta e da humanidade terrena, é verdadeiramente filho *único* do pai *pela sua pureza e pelo seu poder, o* chefe supremo.

Assim é que Deus é "seu pai" e que ele é "filho único de Deus". Assim é que Deus, o Eterno, *único* eterno, para quem não há presente, nem passado, nem futuro, para quem só há a instantaneidade na eternidade, o gerou "hoje", assim é que ele foi gerado como filho do Altíssimo, filho do Deus *dos deuses e irmão* dos homens. Assim é que Deus o gerou como Espírito, de acordo com as leis imutáveis que ele mesmo, Deus, promulgou desde toda a eternidade e que presidem à criação de toda essência espiritual. Assim é que o gerou, para fazer o seu aparecimento na Terra e estar entre os homens, formando-lhe, fora da humanidade terrena, um corpo, segundo as leis imutáveis que regem a formação de tais corpos nos mundos superiores, mediante a apropriação delas aos fluidos ambientes que, no vosso planeta, servem para a formação dos seres humanos, de modo que aquele corpo fosse *semelhante aos* dos habitantes da Terra, mas não *da mesma natureza.* Assim é que ele, Jesus, "tanto mais alto está do que os anjos, quanto mais excelente do que o destes é o nome que recebeu" e assim é que, com um óleo de alegria, foi sagrado superior aos que com ele têm parte.

"Amou a justiça e odiou a injustiça; seu trono será *eterno;* o cetro do *seu império* será um cetro de eqüidade."

Tudo isso com relação ao vosso planeta, até que o haja levado às regiões dos fluidos puros, às condições de só ser habitável, acessível aos puros Espíritos e também com relação, posterior-

mente, a todos os outros planetas que ele houver de proteger e governar, de conformidade com as missões superiores que Deus lhe dará, no infinito e na eternidade.

Deus fê-lo sentar-se à sua direita, ainda com relação ao planeta terreno, quando o instituiu fundador, protetor e governador da Terra, "até que ponha seus inimigos a lhe servirem de escabelo para os pés", isto é: até que, no seio da humanidade, todos os vícios e imperfeições, morais, físicas e intelectuais, tenham sido destruídos; até que os Espíritos que habitam a Terra ou a circundam tenham chegado à perfeição moral humana, tenham galgado a categoria de puros Espíritos, época em que a missão de Jesus, como vosso protetor e governador, estará terminada e em que, portanto, "o filho se achará submisso a Deus", para receber nova missão.

"A terra e o céu perecerão, mas Jesus "permanecerá". "Uma e outro envelhecerão qual veste e Jesus os mudará como um manto e eles serão mudados." "Quanto a Jesus, permanecerá sempre o mesmo e seus anos não terão fim."

A Terra, como tudo o que se lhe acha ligado, como todos os mundos, quer os formados, quer os que estão por formar-se, perecerão depurando-se e transformando-se. Jesus, porém, *Espírito para sempre perfeito,* puro Espírito, que tem a vida espírita eterna, *se conservará* sempre o mesmo em sua pureza perfeita e assim seus anos não terão fim.

A Terra e tudo o que se lhe acha ligado *envelhecerão qual veste* e Jesus *os mudará* como um manto e *serão mudados. "A* Terra e todas as criaturas, de todos os reinos da natureza, mineral, vegetal, animal e humano, que a habitam, que nela se sucedem, se reproduzem por efeito da lei do renascimento, *envelhecerão todos como uma veste;* aquela, a Terra, depurando-se e transforman-

do-se para passar progressivamente do estado material ao estado fluídico; as criaturas, depurando-se e transformando-se, sob a ação da lei do renascimento, para chegarem à pureza, à perfeição, mediante o progresso moral, físico e intelectual. É *assim* que a Terra e tudo o que a ela se acha preso "serão mudados" e que Jesus "os mudará como um manto".

Dizendo, sob a inspiração dos Espíritos superiores que o guiavam no desempenho da sua missão terrena, mas sem consciência dessa inspiração, que Jesus "é Deus acima de tudo" *(Epíst. aos Rom.,* IX, v. 5), ao mesmo tempo dizendo que, *"segundo a carne,* ele descende dos patriarcas, pais dos Israelitas" *(Idem, v. 14),* Paulo não proferiu palavras que tivessem por objeto e por fim atribuir a Jesus a divindade, do mesmo modo que não tiveram semelhante objetivo estas outras que ele tomou aos *Salmos: "O* Deus, teu trono será um trono eterno, o cetro do teu império será um cetro de eqüidade. O Deus, teu Deus, com um óleo de alegria, te sagrou superior aos que contigo têm parte"

As primeiras "Ele é Deus acima de tudo" não tiveram por objeto e por fim atribuir a Jesus a divindade, colocando-o *acima do pai,* que é o único Deus verdadeiro, do mesmo modo que estas outras — "ó Deus, teu Deus" — não tiveram por objeto e por fim apresentar Jesus como participe da divindade com *o pai,* que é o *único* Deus *verdadeiro,* como uma parte destacada de Deus, se bem que *inseparável deste,* como *igual* a Deus.

Tanto aquelas não tinham, quando ditas por Paulo, esse objetivo, que ele também disse: "Não há *nenhum outro* Deus além *do único Deus,* que é o *pai."*

Tais palavras, tomadas, por inspiração, aos *Salmos,* assim quanto à letra como quanto ao espírito, se acham em correlação com as do *Salmo* LXXXI, vv. 1 e 6, das quais não devem ser separa-

das, palavras estas que já citamos e vamos recordar: "Deus tomou lugar na assembléia *dos deuses* e, sentado no meio *deles,* julga os *deuses." — Eu* disse: "Sois *deuses e* sois todos *filhos do Altíssimo."*

Estas palavras *figuradas:* "é Deus acima de tudo" — "ó Deus" — "ó Deus, teu Deus", no seu verdadeiro sentido, objetivavam exprimir, no meio em que, por inspiração, foram ditas pelo profeta e depois por Paulo, o seguinte pensamento: Sendo filho do Altíssimo, filho de Deus, como os homens, como todas as criaturas, como todos os Espíritos criados, *irmãos destes,* portanto, e "deus", porque filho do Eterno, *único* eterno, porque filho do Deus *dos deuses,* Jesus estava e está acima de tudo com relação aos homens, era e é o *Senhor, o* único Senhor com relação a eles e superior a todos os Espíritos encarnados ou errantes que, sob a sua direção, trabalham ou cooperam no desenvolvimento e no progresso do vosso planeta e da humanidade terrena.

Assim, aquelas palavras, no seu verdadeiro sentido e no meio em que foram ditas, se referem ao poder que Deus outorgou a Jesus relativamente ao planeta terra, cujo fundador, protetor e governador ele é, e relativamente à humanidade terrena, da qual é ele o *Senhor, o* único Senhor.

De maneira especial, chamamos toda a vossa atenção para as palavras de Paulo na 1ª. *Epístola aos Coríntios,* VIII, *vv. 2, 4, 5* e 6. Elas são da mais alta importância do ponto de vista da autoridade que dão ao presente, *no sentido* de serem a base e a sanção prévia da nova revelação, da revelação da revelação, que vos trazemos de Deus. Elas foram, para o passado, a condenação do antigo politeísmo e, para aquela época e para o futuro, a condenação antecipada das interpretações humanas que, graças *ao véu da letra,* à capa *do mistério, ao* prestígio *do milagre, como* meio *transitório e preparatório* do advento da verdade acerca do *"pai",* do *"filho"* e do *"Espírito Santo",* haviam

de produzir o dogma humano da divindade atribuída pelos homens a Jesus-Cristo, o dogma humano das três pessoas, da trindade dos católicos e dos cristãos ou protestantes *ortodoxos.*

Elas foram a condenação prévia das interpretações que, tudo materializando sob o reinado *da letra,* tomando *ao pé da letra e segunda a letra* as revelações hebraica e messiânica e algumas palavras de Jesus, isoladas do conjunto das que ele pronunciou, fizeram do mesmo Jesus um homem do vosso planeta quanto ao invólucro corporal humano e ao mesmo tempo um Deus, o próprio Deus, *como parte destacada* de Deus, embora, *inseparável* dele, *igual* a ele.

Elas encerram a condenação das interpretações humanas que, sob a influência das idéias hebraicas acerca do *Espírito Santo* que, para os Hebreus, era *o próprio* Deus manifestando-se por um ato qualquer, produziram, com relação à divindade atribuída a Jesus, o dogma humano das três pessoas e que, em face do monoteísmo hebraico, tentaram encerrar a pluralidade na unidade, a pluralidade de deuses na unidade Deus, sem atentarem no caráter panteísta dessa trindade, que não podia e não pode despir-se desse caráter, senão para constituir um politeísmo *restrito,* reduzido *a três* entidades.

Dessa trindade, *tal como foi instituída e é entendida pelos homens* (já tivemos ocasião de vo-lo dizer[24], tendes a fórmula no que se passou às margens do Jordão onde, enquadrada semelhante interpretação nas idéias politeístas e não podendo perder esse aspecto senão para constituir um politeísmo *restrito a três,* se mostraram *duas frações* de Deus. Considerou-se o Deus uno divido *em três partes,* sendo *uma das suas frações* Jesus, em um corpo idêntico aos vossos, sujeito às necessidades da existência humana e às contingên-

[24] Vol. I, págs. 351 a 353.

cias humanas de vida e de morte. *Outra fração* de Deus foi *o Espírito Santo,* debaixo da forma corporal de uma pomba que desceu sobre Jesus-Deus. Em terceiro lugar, Deus, de quem *aquelas duas frações* se haviam *destacado,* a fazer que se ouvisse uma voz do céu, dizendo: *"És meu filho bem-amado em quem pus todas as minhas complacências."*

As *duas primeiras frações* de Deus, depois de se terem *por essa maneira* separado *do grande* todo, a ele voltaram e nele se reintegraram, *reconstituindo-se a* unidade, ficando, entretanto, destinadas a se separarem de novo do grande todo, a voltarem a ele e a nele se reintegrarem, recompondo-se outra vez a unidade. Quanto à fração *Espírito Santo,* essa separação se verificaria e se verificou, segundo o dogma, quando ele desceu sobre os apóstolos, afetando a forma de "línguas de fogo". Quanto à fração Jesus, ela se dará por ocasião do seu segundo advento.

As palavras, constantes da 1' *Epístola aos Coríntios,* cap. VIII, vv. 2, 4-6, que o apóstolo Paulo proferiu por inspiração, sem que tivesse consciência desta, sem lhes compreender o sentido exato, foram ditas para o futuro, para as gerações vindouras, para só serem compreendidas e explicadas *em espírito e verdade* pela nova revelação, para só então prenderem a atenção dos homens, com oportunidade e proveito.

São as seguintes essas palavras:

"Se alguém presume que sabe alguma coisa, esse ainda nada sabe como é preciso que o saiba." — "Sabemos que os ídolos nada são no mundo." — (1' *Epístola aos Coríntios,* VIII, vv. 2 e 4.)

Ele começa, *assim,* por proscrever todas as falsas divindades engendradas pelo paganismo, pelo politeísmo antigo.

Fala, pois, *para o passado,* quando diz: "Sabemos que os ídolos nada são no mundo." Em seguida, dirigindo-se principalmente à época de então e ao futuro, acrescenta:

"E (sabemos) que *nenhum outro* Deus *há além do único* Deus, pois, conquanto haja os que são *chamados deuses,* QUER *no céu,* QUER *na terra,* de modo a haver muitos deuses e muitos senhores, *não há,* todavia, para nós, *senão um só Deus, que é o pai, de quem* todas as coisas tiram o ser e QUE nos fez PARA SI; *senão um só Senhor,* QUE É *Jesus-Cristo,* por quem todas as coisas foram feitas e por quem somos tudo o que somos." *(1º Epístola aos Coríntios,* VIII, vv. 5 e 6.)

Conforme se vê, ele não se contenta com proclamar *a unidade indivisível do pai,* como sendo o Deus único, criador incriado, que cria mas sem fracionar *a sua essência;* com proclamar que o *pai é o único Deus,* que Deus é uno, indivisível. Vai além: proscreve *expressamente,* tendo em vista aquela época e o futuro, *toda divindade* que se atribua *a quem quer que* não seja o *pai.*

"Pois, conquanto haja os que são chamados deuses, QUER no céu, QUER na terra, de modo a haver muitos deuses e muitos senhores, NÃO HÁ, todavia, para nós, senão um só Deus, que é o pai... senão um só Senhor, que é Jesus-Cristo."

Estas palavras: "pois, conquanto haja os que são *chamados deuses,* quer *no céu,* quer *na terra"* aludem à divindade que havia de ser, por dogma humano, atribuída a Jesus-Cristo, ao dogma humano, que se *havia* de produzir, das três pessoas, dos três deuses num só, distintos e impessoais. Foi uma alusão que, sem ter dela consciência, Paulo fez por inspiração dos Espíritos superiores que o assistiam e guiavam no desempenho da sua missão, do mesmo modo que, inspirado por esses Espíritos, mas inconsciente dessa inspiração, ele falava de uma mesma coisa em diversos sentidos, *de maneiras*

diversas e opostas, contraditórias entre si *segundo a letra. Isso se* dava, *a fim de que o que tinha de ocorrer ocorresse,* de um duplo ponto de vista: do *daquele momento,* para a transição que cumpria fosse preparada e realizada, de acordo coma presciência e a sabedoria infinitas de Deus; *e do futuro* para, sob o império *do espírito,* se assentarem as bases, os elementos e os meios necessários à revelação então vindoura do Espírito da Verdade, à revelação da revelação que, *segundo o espírito que vivifica,* precisaria ter e achar a sua sanção *antecipada* nas revelações precedentes, na obra da missão terrena dos apóstolos, como na da missão terrena de Jesus.

"Chamados deuses, quer *na terra"* — pelos homens: "quer *no céu",* isto é, no espaço, no estado de erraticidade, por Espíritos pouco esclarecidos. Os Espíritos que volvem ao estado espírita, ao estado fluídico, levam consigo suas idéias, seus preconceitos e os conservam por mais ou menos tempo. *Daí o* permanecer neles a idéia da divindade atribuída pelos homens a Jesus-Cristo, a idéia que fazem do Filho e do Espírito Santo, tomando-os pelo próprio Deus. *Daí o* serem, quer *no céu,* quer *na terra,* chamados *deuses o* filho — *Jesus* e o *Espírito Santo que,* em realidade e verdade, é o conjunto dos Espíritos do Senhor, que recebem e transmitem, mediata ou imediatamente, por ordem hierárquica, a inspiração divina.

Há também os que eram e ainda *são chamados* deuses *no céu,* isto é, no espaço. Esses eram e são grandes Espíritos, aos quais Espíritos ignorantes, imbuídos de idéias politeístas, dão essa designação, *ou por desprezo, ou figuradamente,* conforme o grau de elevação dos que empregam aquela maneira de designar.

O *sentido* das palavras de Paulo na 1ª. *Epístola aos Coríntios,* cap. VIII, vv. 2, 4, 5 e 6, palavras que, repetimos, foram ditas para as futuras gera-

ções, é este, despojado *da letra o espírito, em espírito e verdade:*

"Sabemos que todas as falsas divindades do politeísmo antigo nada são neste mundo — e que não há *nenhum outro* Deus senão o Deus ÚNICO, pois, conquanto haja os que são *chamados deuses,* quer *na terra,* quer *no céu* (o filho e o Espírito Santo), de maneira a haver *muitos* deuses e *muitos senhores,* para nós, *todavia,* NÃO HÁ SENÃO UM Só Deus *que é o pai,* de quem todas as coisas TIRAM *o ser* E QUE nos fez PARA SI —, SENÃO UM *SÓ Senhor,* que *é Jesus-Cristo,* por quem todas as coisas foram feitas *e por quem somos* tudo o que somos; Jesus-Cristo — o fundador, o protetor, o governador da terra, o ÚNICO encarregado do nosso desenvolvimento e do nosso progresso, o ÚNICO encarregado de nos levar à perfeição; Jesus-Cristo que, com relação à terra e a nós, é o ÚNICO SENHOR, por ser o nosso *único* doutor, nosso *único* Mestre, nosso rei, primeiro ministro de Deus; Jesus-Cristo, que é ao mesmo tempo *irmão* dos homens, por ser, como todas as essências espirituais, como todas as criaturas, um Espírito *criado,* oriundo do *mesmo* princípio, e que teve, no ponto inicial, a mesma origem que todas as criaturas de Deus; — Jesus-Cristo, que é filho do Altíssimo, filho de Deus *e deus,* ele próprio, porque filho do Deus *dos deuses,* do Eterno, ÚNICO eterno, criador incriado, UNO, INDIVISÍVEL, que cria, mas sem fracionar a *sua essência."*

Assim, ante a alvorada, que surge, das irradiações *do espírito,* dissipa-se, por efeito da nova revelação, a noite em que vos envolveram as trevas *da letra* e *as* interpretações humanas nascidas do seio dessas trevas.

Sim, não há senão um *só* Deus, que é *o* pai, aquele que *é soberanamente* bem-aventurado, único poderoso, o rei dos reis, o senhor dos senhores, *único* que possui a imortalidade, que habita uma luz inacessível, que *jamais* foi nem pode ser visto por homem algum.

O filho, portanto, não é Deus. É *sim, com*

relação ao planeta e à humanidade terrenos, o único Senhor, mas também vosso *irmão.*

O Espírito Santo, igualmente, não é Deus. Essa expressão *figurada* designa a falange sagrada dos Espíritos do Senhor, composta dos puros Espíritos, dos Espíritos superiores e dos bons Espíritos, que, como já o temos dito, recebem imediata, ou mediatamente a inspiração divina; que são, guardada a ordem da hierarquia e da elevação espíritas, os servidores, os ministros, ou os agentes de Deus, da sua providência, no cumprimento da sua vontade e na execução de suas obras, na realização do progresso universal, dentro da vida e da harmonia universais, especialmente com relação a vós e ao vosso planeta. É por eles, pelo Espírito Santo, pois, que até vós desce a inspiração divina e se faz sentir a ação da divina providência, desempenhando cada um a missão que lhe foi confiada.

"Eu João Evangelista, quando encarnado, partilhei pessoalmente da idéia, da opinião, comuns entre os outros discípulos e o povo, acerca da divindade de Jesus-Cristo. Mas, escrevendo o que escrevi como apóstolo, como evangelista, fui o que foram Paulo e os demais Apóstolos — instrumento das vontades do Senhor, sob a inspiração dos Espíritos superiores que me assistiam e guiavam no desempenho da minha missão, a fim de que o que tinha de ser dito e feito o *fosse,* conservando-me entretanto inconsciente dessa inspiração. Assim escrita, a narração evangélica que compus, na época determinada e dentro dos limites que me traçaram a influência e a ação mediúnicas, teve por objeto e por fim, como o tiveram a obra da missão terrena de Jesus e a da de Paulo, conforme se vos acaba de explicar — aparelhar e executar a *transição* que era necessário se operasse e ainda preparar e estabelecer as bases, os elementos e os meios, a sanção prévia, da futura revelação do Espírito da Verdade.

"Apreciado em seu conjunto e entendido *segundo o espírito que vivifica, o* que escrevi *sob véu da letra tinha* que estar em luminosa harmonia com o que escreveram os três outros evangelistas sobre a obra da missão terrena de Jesus, sobre a origem e a natureza *espirituais do bem-amado* Mestre, sobre a sua posição espírita com relação a Deus e ao vosso planeta, sobre a natureza *extra-humana* do corpo que revestiu para fazer sua aparição e sua passagem pela Terra.

"Como disse o apóstolo Paulo, *a letra* mata e o *espírito vivifica, Eu* mesmo, guiado pela inspiração, registei estas palavras de Jesus: *"O espírito é que vivifica;* a carne de nada serve; as palavras que vos digo são *espírito e vida."*

"Quando escrevi: "O Verbo era Deus", não compreendia o sentido e o alcance com que essas palavras me eram inspiradas em obediência à vontade do Senhor. Não lhes compreendi, portanto, exatamente, o sentido e o alcance, *segundo o espírito que vivifica, em espírito e verdade.* A prova de que assim foi é que, como o apóstolo Paulo, escrevi por inspiração superior palavras que, tomadas *ao pé da letra,* interpretadas *segundo a letra,* são contraditórias, de significações opostas, ao passo que, consideradas *segundo o espírito que vivifica,* compreendidas e explicadas *em espírito e verdade,* entre elas existe, como não podia deixar de acontecer, luminosa harmonia. Desconfiai,pois, *da letra.* Notai, em confirmação do que vos venho de dizer, que, tendo acabado de escrever que "o Verbo era Deus", que os homens haviam visto o Verbo e que este entre eles habitara, escrevi: "Nenhum homem jamais viu a Deus."

"O que escrevi, guiado pela inspiração, na minha narração evangélica., desde que seja compreendido e explicado *em espírito e verdade,* despojando-se *da letra o espírito,* mostra Jesus tal como vos acaba de ser apresentado e torna evidentes, como vos foram patenteadas, sua origem

e sua natureza *espirituais,* sua posição com relação a Deus e ao vosso planeta, sua origem e natureza extra-humanas, no tocante ao seu aparecimento na Terra e à sua passagem por esse mundo.

"Na obra da missão dos Apóstolos e na dos quatro evangelistas, tudo, pela inspiração, se encadeava, objetivando, em face e por efeito, assim da revelação hebraica, como da do anjo a Maria e a José, e ainda em face e por efeito da obra da missão terrena de Jesus, este duplo fim: de um lado, preparar e realizar a transição, sob o império e o véu da letra, a capa do mistério, o prestígio do milagre; de outro lado, preparar, estabelecer a base, os elementos e os meios necessários à revelação futura do Espírito da Verdade, que se verificaria no momento em que os homens pudessem e devessem receber essa nova revelação, a revelação da revelação, pela qual, ao tempo da era nova do Cristianismo *do Cristo,* da era espírita que se abre diante de vós, o espírito seria despojado *da letra, o mistério* seria *posto a nu e o milagre* explicado segundo as leis imutáveis da natureza, segundo as aplicações e apropriações dessas leis. Assim, o que se tinha de dar deu-se como condição e meio de realização do progresso humano, e o que ainda se tem de dar vai dar-se.

"Ides agora receber a explicação da minha narração evangélica, *segundo o espírito que vivifica, em espírito e em verdade."* Ei-la.:

V. 1. No principio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus.

De Deus, Espírito genérico, emana todo princípio espiritual. Nesse sentido é que o Verbo, denominação dada a Jesus, como todo Espírito, estava com Deus desde toda a eternidade, era Deus. Também nesse sentido é que todos os Espíritos criados são *deuses, são filhos do Altíssimo.* Ë que todos, considerados como *principio espiritual,* têm uma

mesma origem divina. Todavia com relação a Jesus, há uma distinção a fazer-se, em virtude da qual ele se nos apresenta como tendo uma origem excepcional. Provém essa distinção do fato de não haver ele jamais falido. Assim sendo, jamais se afastou daquele princípio, guardou sempre a pureza típica *da origem divina.*

A palavra — *Verbo* — designa *a causa, o ser.* Como *causa,* entenda-se a ação por efeito da qual a Terra foi tirada do caos, segundo a expressão bíblica, o que quer dizer: foi tirada da massa dos fluidos, que Deus preparara e dispusera para serem os materiais constitutivos desse planeta, fluídos que continham *em si* as essências espirituais destinadas a se tornarem criaturas do mesmo planeta e os elementos formativos deste. Como *"ser",* entenda-se a personificação da vontade de Deus em Jesus, sempre como entidade distinta do ente supremo, que é uno, indivisível, criador incriado, sem cujo querer nada se produz; a personificação de Jesus, como órgão direto de Deus, para sustentação de tudo, respeito à Terra, pelo poder da sua palavra; personificação que tomou forma material *para as vistas humanas,* enquanto o Mestre desempenhou a sua missão terrena.

Jesus, já o sabeis, não é o único *Verbo* de Deus. São *verbos* de Deus todos os fundadores de planetas, os quais todos são Espíritos de pureza perfeita e imaculada, isto é: Espíritos que conservaram a pureza primitiva, que atingiram a perfeição sideral, sem jamais haverem falido.

Também podeis, não mais, entretanto, no sentido espiritual, porém empregando a expressão na sua acepção geral, chamar *verbos* de Deus, por serem *seus enviados, aos* Espíritos purificados que, tendo chegado à categoria dos puros Espíritos, podendo, conseguintemente, aproximar-se do foco da onipotência, se fazem mensageiros diretos do Senhor onipotente, e, nessa qualidade, desempenham missões nos planetas confiados à direção dos

Espíritos que os fundaram e são os seus governadores e protetores.

Reportai-vos ao que já vos foi dito (n. 60, págs. 326-330 do 1° vol.), acerca dos Espíritos fundadores, protetores e governadores de planetas e lembrai-vos de que ninguém pode nem deve falar do futuro. Contentai-vos com lançar as vistas sobre o espaço que podeis descortinar.

O Verbo estava com Deus e era Deus *no sentido de que* tinha em si, sem que ela houvesse perdido a sua primitiva pureza, a centelha divina que o formara.

Desconfiai *da letra.* Nunca será demais insistamos nisto, razão pela qual ainda aqui repetiremos: Como disse Paulo e diz João (v. 18), nenhum homem *jamais viu* a Deus, nem o pode ver. No entanto, os homens viram a Jesus-Cristo e este habitou entre eles. Se Jesus fosse, como os homens o supuseram nas suas interpretações, uma fração de Deus, se bem que *inseparável* deste, se fosse *igual a* Deus, seria tão grande quanto Deus. Ora, Jesus disse: "Meu pai é maior do que eu". E, citando aos Judeus, que o queriam apedrejar, o *Salmo* LXXXI, *vv.* 1 e 6, em resposta à acusação que lhe lançavam de pretender passar por ser Deus, fazer-se igual a Deus, ele se declarou um Espírito criado pelo Eterno, que é o *único* eterno, *o único* Deus. Declarou-se, portanto, irmão dos homens, visto que criatura, como estes, do Senhor onipotente, do Deus uno, indivisível, que cria mas sem fracionar a sua *essência,* do Deus além do qual nenhum outro há, do Deus do *monoteísmo* hebraico, do Deus *de Israel,* do Deus dos *deuses.*

V. 2. Ele estava no principio com Deus. — 3. Todas as coisas foram feitas por ele e nada do que há sido feito o foi sem ele.

As palavras — *"no princípio"* — *se* referem aqui à criação do vosso planeta. Deus cria os

universos e, por conseguinte, os materiais que eles encerram. Os Espíritos puros, protetores dos planetas, reúnem esses materiais e formam com eles os mundos em que habitais. Deus é o Criador, os Messias são seus primeiros ministros.

Jesus estava com Deus, quando da criação do vosso planeta, pois que obrava por inspiração do Pai e de acordo com a vontade deste. Todas as coisas foram feitas por ele e nada o foi *sem ele.* Quer isso dizer que, no tocante à formação do planeta terreno, tudo foi feito, sob a sua direção, pelos Espíritos que trabalhavam naquela obra. Logo, tudo foi feito por ele.

Não atribuais poder *criador a* Jesus. Dando-lhe tal poder, multiplicareis o vosso Deus. Fazendo o que fez e faz, Jesus, como todos os que recebem missões semelhantes, apenas exerce *um ministério* no reinado eterno do Senhor onipotente, sem cuja vontade nada poderiam. Eis porque, *sendo* uno, único, indivisível, Deus consente que presteis ao seu messias a homenagem que lhe é devida.

V. 4. Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens.

Nele estava o poder de constituir o vosso mundo, centro de vida. Fora-lhe dado guiar, esclarecer as existências humanas e espirituais, cujo desenvolvimento auxiliava. A missão de Jesus não se limita a encaminhar e guiar corpos de lama. Ele a exerce principalmente sobre o Espírito. Todos nos conservamos sob o seu bendito império até que nossas luzes nos possam *bastar. É* ele quem nos esclarece; é o nosso farol e o nosso refúgio.

V. 5. A luz brilha nas trevas e as trevas não a compreenderam.

Há aqui uma alusão à ignorância de que eram escravos os homens e que os impedia de compreenderem quais as vias da salvação em Deus.

Essa alusão abrange os resultados de todos os esforços empregados, na conformidade do desenvolvimento das inteligências, para facilitar aos homens a compreensão do destino que os aguarda, para lhes abrir os olhos à luz.

Podeis aplicar essas palavras, que aqui se referem especialmente à missão terrena de Jesus, a todos os esforços em geral, feitos naquele sentido, porquanto a revelação de Deus é permanente e progressiva. Ela se produziu sempre no passado, assim antes como depois daquela missão, do mesmo modo que se produz hoje por intermédio de todos os Espíritos que descem em missão ao vosso mundo, de acordo com as vontades de Deus e sob a direção do vosso protetor e governador.

V. 6. Houve um homem, enviado de Deus, que se chamava João. — 7. Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele.

A missão de João explica essas palavras. Os Espíritos humanos precisavam ser preparados para o acontecimento que ia mudar a face moral do globo terráqueo.

O evangelista diz: *"a fim de que todos cressem por meio dele".* Não é assim ainda agora? A missão de João não está concluída.. Não é exato que ela prossegue nos Evangelhos, no sentido de que quem os entende ou apenas os lê encontra neles a missão preparatória do Precursor? Não está ele sempre, por esse meio, a concitar os homens ao arrependimento?

Mas, repetimos, a missão propriamente dita de João não se acha concluída. Jesus não disse: "Ele já veio". Ele tem ainda que vir. Suas possantes mãos ainda têm que abrir a senda por onde passará o Espírito da Verdade: Jesus, trazendo ao mundo o complemento e a sanção da verdade.

V. 8. Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho daquele que era a luz.

Nós, igualmente, vos dizemos hoje: Quando ele tornar a descer ao mundo terreno, não será a verdade, mas dará testemunho da verdade.

V. 9. Do que era a luz verdadeira, que alumia todo homem que vem a este mundo.

É uma alusão à missão de Jesus e ao império que ele exerce sobre o vosso planeta.

Neste versículo se vos diz, com relação a Jesus, que este *"é a luz que alumia* todo homem que vem a este mundo". Protetor e ordenador do vosso planeta, é ele principalmente quem vela pelo desenvolvimento de todas as coisas e, em particular, pelo da vossa inteligência. É ele, diretor inteligente e dedicado, quem escolhe os professores esclarecidos e adequados ao ensino de cada classe dos filhos que à sua guarda confiou o pai de família.

V. 10. Esse estava no mundo, o mundo foi feito por ele e o mundo o não conheceu.

Isto quer dizer: Ele existia antes do mundo. Como, desde a origem deste, os homens jamais se tivessem achado aptos a compreender a tarefa que ele se impusera, nem os benefícios que desta haviam de colher, não o conheciam, tanto mais que nunca o tinham visto. Para Espíritos materiais se faz mister o que toque e abale a matéria.

Esta afirmativa — *"e o mundo o não conheceu"* — alude à disposição de espírito em que se encontravam os homens antes da missão terrena do Mestre e mesmo após. Têm-no *conhecido os* homens, depois que ele esteve no mundo? Ainda agora, entre vós, quantos podem dizer: *Conheço a Jesus?*

V. 11. Ele veio ao que era seu e os seus o não receberam.

Não recebe a Jesus aquele que não se conforma com os seus preceitos.

V. 12. Mas, deu o poder de se fazerem filhos de Deus a todos os que o receberam, aos que crêem no seu nome, — 13, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem e sim de Deus.

De conformidade com o que vos acabamos de dizer, filhos de Deus são os que seguem seus mandamentos. Supondes, porém, que creia no seu nome quem vergonhosamente transgrida a sua lei?

Aquele que crê no seu nome caminha nas suas pegadas, pois que confia nas suas promessas. E filho de Deus se torna aquele que segue, sem se desviar, os caminhos que ele traçou, que carrega a sua cruz, perdoa a seus inimigos e esvazia a taça de fel sem a derramar sobre os que a encheram.

Os que, como vimos de dizer, seguem os passos de Jesus, quer caminhando pelas ridentes margens do Jordão, quer subindo o seu Gólgota, esses os que podem tornar-se filhos de Deus. Mas esses não nasceram do sangue, nada têm de comum com a carne. Que é o que tem capacidade para se elevar, compreender, aperfeiçoar-se? O vosso corpo ou o vosso Espírito? E este nasce da carne, ou do Espírito? Quer dizer: tem origem material, ou origem espiritual? Ora, sendo espiritual a sua origem, quanto mais ele se purifica e eleva, tanto mais se solta dos laços que o prendem à matéria.

As palavras dos vv. 12 e 13 podem aplicar-se a todos os que *receberam a* Jesus, não só durante e após a sua missão terrena, mas mesmo antes dela e sem o saberem, *praticando o* amor de Deus e do próximo, no qual, segundo o declarou o protetor e governador do vosso planeta, estão e se contêm

"toda a lei e os profetas"; praticando, portanto, com doçura, humildade e desinteresse, a justiça e a caridade com um coração sincero. Esses foram filhos de Deus. [25]

V. 14. E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e verdade, e vimos a sua glória, glória como a de unigênito do pai.

O Espírito revestiu um corpo visível *para os homens* e estes lhe presenciaram os atos e os puderam apreciar. Foram postos em condições de compreender que nenhuma criatura igual a eles seria capaz de lhe trilhar as pegadas sem falir. Foram obrigados a reconhecer que vinha de Deus aquele que tais atos praticava.

Quanto à natureza do corpo de Jesus, reportai-vos ao que já vos dissemos a esse respeito comentando os três primeiros Evangelhos (ns. 14, 31, 64-67, 1° vol.).

Revestindo um corpo próprio de certos mundos elevados, Jesus tomava um invólucro corpóreo *relativamente material,* uma carne verdadeira, mas

[25] "Justino, um dos primeiros cristãos, verdadeiro pai da Igreja do Cristo, e que pela Igreja romana foi incluído no rol dos santos, se exprime DESTE MODO na sua segunda apologia para os cristãos: Todos os que hão vivido em conformidade com a razão e o Verbo, são CRISTÃOS, AINDA QUE parecessem não estar ligados a nenhum culto. Tais foram, entre os Gregos, Sócrates e Heráclito, e, entre os Bárbaros, Abraão, Ananias, Azarias, Misael, Elias e muitos outros, cujos nomes e ações, se fossem relembrados, formariam uma lista demasiado longa. Do MESMO MODO, os que entre os antigos viveram antes de Jesus-Cristo e não se conduziram de conformidade com a razão e o Verbo, foram inimigos de Jesus-Cristo e perseguiram os que viviam uma vida conforme à razão e ao Verbo. Mas, os que viveram e ainda vivem agora segundo a razão e o Verbo são cristãos, estão isentos de todos os temores e nada os perturba."

relativa, porquanto "nem toda carne é a mesma carne", como o disse Paulo (1' *Epístola aos Coríntios, XV,* vv. 39-41, 44, 45 e 47), servindo-se de palavras cujo sentido exato não compreendia, palavras apropriadas ao futuro, do ponto de vista da aplicação que viriam a ter nos tempos, então distantes, da nova revelação.

Assim como "há corpos terrestres", também há corpos celestes.

Assim como o homem terreno tem um corpo animal sujeito à corrupção, formado segundo a lei natural de reprodução no planeta que ele habita, e um corpo espiritual, a que chamais perispírito, incorruptível, que constitui o envoltório fluídico da alma ou Espírito, também o homem celeste tem um corpo celeste, isento da corrupção, fluídico por sua natureza, formado, não mediante o contacto da matéria com a matéria, mas segundo as leis naturais que regem certos mundos elevados, operando-se a encarnação, ou, melhor, a incorporação, por efeito de uma atração fluídica, conforme explicamos no 1° vol., n. 14.

Relativamente à essência de Jesus, o corpo de natureza perispirítica que ele tomou era carne. Era carne verdadeira, carne como a de qualquer outro homem, o que quer dizer: era *relativamente* material *às vistas humanas e* à opinião que os homens tinham de formar e conservar.

Do ponto de vista dessa opinião, que cumpria fosse conservada pelos homens até quando a nova revelação lhes viesse explicar, em *espírito e verdade, a* aparição do Mestre na Terra, é que João, sujeito à influência e à inspiração espírita, das quais entretanto não tinha consciência, como instrumento inconsciente das vontades do Senhor, escreveu isto, cujo sentido *exato e,* menos ainda, o objetivo transitório, ele não compreendia:

"No mundo muitos impostores se levantaram que não confessam ter Jesus-Cristo vindo em carne verdadeira. O que tal coisa não confessa é

um sedutor e um anticristo." (João, *2' Epístola,* v. 7.)

V. 15. João dá testemunho dele, exclamando: Este é o de quem eu disse: Aquele que há de vir depois de mim me foi preferido, porque era antes de mim. — 16. *Da sua plenitude* TODOS recebemos graça por graça.

Estes versículos confirmam o que vos temos dito sobre a origem do Cristo e das suas relações com o vosso planeta.

V. 17. Porquanto, a lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram por Jesus-Cristo.

Moisés deu aos homens mandamentos, ordens imperiosas a que tiveram de se submeter.

Jesus veio explicar aos homens a razão de ser desses mandamentos e lhes trouxe a graça, mostrando-lhes o pai, o Eterno sempre pronto a perdoar ao culpado que se arrepende. Trouxe-lhes a verdade, mostrando-lhes o objetivo de suas existências na Terra e o salário pela conquista do qual trabalham.

O véu, com que *de intento* cobriu suas palavras, levanta-o agora a nova revelação, que vos mostra, desses dois pontos de vista, a graça e a verdade.

V. 18. Ninguém jamais viu a Deus; o filho unigênito que está no seio do pai, esse é quem dele deu conhecimento.

Para ver a Deus é preciso ter chegado a um grau de pureza tal como o da dos messias, dos grandes Espíritos, *únicos que* dele podem aproximar-se.

Mas, esse versículo de João não encerra pensamento velado, suas palavras têm o sentido que lhes é próprio; entre os homens jamais houve

manifestação pessoal de Deus. A razão disso encontrá-la-eis no grau de elevação em que estais, isto é: no estado de inferioridade moral e intelectual e de encarnação material em que vos achais. Os Espíritos que, libertos da matéria, vos falam "de Deus", do esplendor das regiões que ele habita, ou usam de uma figura de linguagem, a fim de intensificar o vosso ardor, ou tomam os grandes Espíritos, dos quais puderam aproximar-se, como uma irradiação ou uma personificação do Altíssimo. Dissemos que usam de uma figura de linguagem. Diremos, se quiserdes, que assim falam por ouvir dizer. Compreendendo que de esplendores deve estar cercado o Senhor dos universos, sentindo esses esplendores, aqueles Espíritos se esforçam por incutir em vossas almas o desejo ardente, que eles experimentam, de progredir, a fim de se aproximarem do foco de toda a vida.

Só o Espírito que haja atingido o estado de pureza perfeita, que se haja tornado um puro Espírito, pode ver a Deus.

Ver a Deus é aproximar-se sem nenhum véu do centro da onipotência; é compreender a sua própria essência; é poder receber diretamente, sem intermediário, a ação da vontade divina, para a transmitir, através dos diversos graus da escala da pureza, até ao nível em que vos encontrais e até a níveis ainda mais baixos.

Esta frase: "O filho unigênito que está no seio do pai" é um composto de expressões figuradas, indicativas da elevação de Jesus, quer com relação ao vosso planeta e à humanidade que o habita, quer com relação aos Espíritos que, sob a sua direção, trabalham pelo vosso desenvolvimento e pelo vosso progresso. É um modo de indicar as relações existentes entre Deus e o seu mensageiro.

CAPÍTULO I
Vv. 19-28

Testemunho que de si e de Jesus dá João respondendo aos sacerdotes e aos levitas que, a mandado dos Judeus, o foram interrogar

V. 19. Eis aqui o testemunho que deu João, quando os Judeus mandaram a Jerusalém sacerdotes e levitas para lhe perguntarem: Quem és tu? — 20. Ele confessou, não negou; confessou: Eu não sou o Cristo. — 21. Aqueles lhe perguntaram: Quem és então? És Elias? Ele respondeu: Não sou. És profeta? Respondeu: Não. — 22. Retrucaram-lhe: Dize-nos então quem tu és, para que possamos dar resposta aos que nos enviaram. Que dizes de ti mesmo? — 23. Disse-lhes ele: Eu sou a voz que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías. — 24. Tinham vindo da parte dos Fariseus os que o interrogavam. — 25. Assim, interpelaram-no ainda, deste modo: Se não és o Cristo, nem Elias, nem profeta, como é que batizas? — 26. Respondeu-lhes João: Eu batizo com água; mas, entre vós está um a quem não conheceis. — 27. É aquele que há de vir depois de mim, que foi feito antes de mim, de cujas sandálias não sou digno de desatar as correias. — 28. Isto se passou em Betânia, além Jordão, onde João batizava.

N. *2.* Já recebestes explicações acerca desta passagem (n. *53,* 1° vol., págs. *265-273).* Nada temos que acrescentar.

O único ponto sobre o qual precisamos deter-nos *é o* em que João negou que *fosse* Elias.

Primeiro, a pergunta a que ele respondeu com essa negativa prova que *os* Judeus *esperavam tornar* a ver Elias, vivo entre eles, *mediante uma nova encarnação.* Segundo, a resposta dada prova que, como sucede à maioria dos homens, João não tinha lembrança de suas encarnações anteriores. Essa

lembrança, se ele a tivesse, houvera trazido complicações prejudiciais ao curso que deviam seguir os acontecimentos.

Dissemos — *como sucede à maioria dos homens* — porque, em casos raros e excepcionais, essa lembrança se pode verificar. Tem então um motivo, um fim: ou corresponde às necessidades da vida atual, ou representa uma provação, por efeito da incerteza em que envolve as idéias e das saudades ou temores que às vezes infunde. Em certos casos pode ser também uma prova evidente, assim para o encarnado, que fica, em conseqüência, predisposto a admitir a nova doutrina, como para os que o escutam e nele crêem.

Nos casos raros e excepcionais em que ela ocorre, essa lembrança o homem geralmente a adquire quando seu Espírito se acha desprendido durante o sono, recebendo-a ele então por uma comunicação espírita do seu guia e conservando-a, ao despertar, por inspiração do mesmo guia. Algumas vezes é obtida no estado de vigília, mediante intuição dada ao encarnado pelos Espíritos que o cercam.

Quanto ao batismo d'água (v.26) já recebestes as devidas explicações nos comentários feitos aos três primeiros evangelhos.

A imersão na água foi considerada em todas as épocas como um ato de purificação. Daí vem que João, preparando os caminhos àquele que havia de vir, derramava água sobre a cabeça de seus discípulos, tendo em vista com esse ato levá-los ao arrependimento. Mas, ao mesmo tempo, como Precursor, anunciava a vinda daquele que era esperado e que viria batizar com *o Espírito, derrocando o império da matéria.* João tinha consciência da sua inferioridade comparativamente ao Mestre, que ele sabia ser um enviado em missão superior e ocupar junto do Pai uma posição excepcional.

CAPÍTULO I
Vv. 29-34

Outro testemunho de João. — Jesus Cordeiro de Deus

V. 29. No dia seguinte viu João a Jesus, que vinha ter com ele, e disse: Eis aqui o Cordeiro de Deus, eis o que tira o pecado do mundo. — 30. Este é o de quem eu disse: Depois de mim vem um homem que me foi preferido, porque era antes que eu fosse. — 31. Eu não o conhecia, mas vim batizar com água, para que ele se manifeste em Israel. — 32. E João deu testemunho dele dizendo: Vi o Espírito descer do céu como uma pomba e pairar sobre ele. 33. — Eu não o conhecia, mas o que me enviou a batizar com água *me disse:* Aquele sobre quem vires descer e pairar o Espírito, esse é o que batiza com o Espírito Santo. — 34. Eu vi e dei testemunho de que ele é o filho de Deus.

N. 3. Comparando Jesus a um cordeiro, João o fez por influência dos usos hebraicos. O cordeiro sem mancha era o que se oferecia em holocausto de propiciação. João anunciava assim, *de antemão,* numa linguagem *apropriada às* inteligências dos que o ouviam, que haveria um sacrifício solene para "resgate dos homens".

E, efetivamente, o sacrifício do Gólgota não estava destinado a ser o meio, a alavanca, que prepararia a regeneração humana e vos conduziria ao advento do Espírito da Verdade? Notai que em tudo há quase sempre o lado material, próprio a impressionar os sentidos humanos, e o lado espiritual, destinado a ser mais remotamente apreendido.

O que me enviou me disse (v. 33). Como encarnado, João se achava imbuído das tradições da

época. Era, vós o sabeis, médium, não só vidente e inspirado, mas também audiente. Tomava pelo próprio Deus os Espíritos superiores que lhe falavam. Na suposição em que estavam os homens de que toda manifestação vinha de Deus *mesmo,* elas como tais se produziam. Quando ele diz: — O *que me enviou* — deveis entender que João se refere aos Espíritos que o guiavam, porquanto, já o temos dito e repetimos, Deus jamais se comunica *diretamente* com os homens.

Encarnado, João perdera *a lembrança* de quem era Jesus. Este, *para ele, como* para todos, era, *conforme* cumpria *que sucedesse,* um homem *qual os outros. Mas,* para ele, Jesus também era o filho de Deus, enviado, muito mais elevado do que ele e desempenhando missão muito superior à sua. Da missão de Jesus, porém, João não fazia idéia exata, pois que, dentro dos limites da que lhe cabia desempenhar, tinha que ser apenas, quanto à linguagem e aos seus atos, um instrumento dos Espíritos superiores incumbidos de o inspirarem e guiarem, a fim de que o que precisava ser dito e feito por ele, como Precursor, o fosse.

Com relação aos outros versículos, já recebestes todas a explicações necessárias no comentário aos três primeiros Evangelhos (ns. 51, 53 e 54, 1° vol., págs. 263-281).

CAPÍTULO I
Vv. 35-42

Dois discípulos de João acompanham a Jesus. André lhe traz Pedro

V. 35. Ao outro dia, João lá estava ainda com dois de seus discípulos, — 36, e, vendo a Jesus que passava, disse: Eis ali o Cordeiro de Deus. — 37. Os dois discípulos, ouvindo-o dizer isso, seguiram a Jesus. — 38. Voltando-se este e notando que eles o seguiam, perguntou-lhes: Que buscais? Eles responderam: Rabi (o que quer dizer Mestre), onde assistes? — 39. Disse-lhes Jesus: Vinde e vede. Os dois foram e viram onde Jesus assistia e ficaram aquele dia com ele. Era então por volta da hora décima. — 40. Um dos dois que tinham ouvido o que João dissera e que seguiram a Jesus era André, irmão de Simão Pedro. — 41. André, encontrando-se primeiro com Simão, lhe disse: Encontramos o Messias (que quer dizer — o Cristo). — 42. E o levou a Jesus. Jesus o fitou e disse: És Simão, filho de Jona. Chamar-te-ás Cefas, que quer dizer Pedro.

N. *4.* Estes versículos *não* precisam de explicações. *São* compreensíveis. Com relação *a* estas palavras de Jesus, dirigidas *a* Simão, filho de Jona: "Chamar-te-ás *Cefas,* que quer dizer — *Pedro",* limitar-nos-emos a lembrar-vos o que dissemos no *2°* volume, pág. 163, isto é: que o apelido de Cefas, significando Pedro, dado *a* Simão, filho de Jona, dizia respeito à sua missão terrena e espiritual, indicando que ele havia de ser a pedra angular da Igreja *do Cristo* (n. *184,* págs. 425-436, *2°* vol.).

CAPÍTULO I
Vv. 43-51

Filipe e Natanael

V. 43. No dia seguinte, quis Jesus ir à Galiléia e, encontrando Filipe, disse: Segue-me. — 44. Filipe era natural da cidade de Betsaida, donde também eram André e Pedro. — 45. Encontrando Natanael, disse-lhe Filipe: Achamos aquele acerca de quem Moisés escreveu na lei e os profetas falaram, Jesus de Nazaré, filho de José. — 46. Perguntou-lhe Natanael: De Nazaré pode sair coisa que boa seja? Respondeu-lhe Filipe: Vem e vê. — 47. Jesus, vendo aproximar-se Natanael, disse, referindo-se a este: Eis aqui um verdadeiro Israelita, em que não há dolo. — 48. Natanael lhe perguntou: Donde me conheces? Respondeu Jesus: Antes que Filipe te chamasse, eu te vi quando estavas debaixo da figueira. — 49. Natanael exclamou: Mestre, tu és o filho de Deus, tu és o rei de Israel. — 50. Observou-lhe Jesus: Crês, porque disse que te vi debaixo da figueira. Pois verás maiores coisas do que esta. — 51. E acrescentou: Em verdade, em verdade vos digo que vereis aberto o céu e os anjos de Deus a subirem e descerem sobre o filho do homem.

N. *5.* Natanael creu por o ter visto Jesus numa ocasião em que ele se achava fora do alcance dos olhares humanos. Embora dotado do que se chama *segunda vista,* qualquer encarnado, para *ver,* tem necessidade de ser assistido. Preciso se faz que seus guias o auxiliem, colocando-o sob a influência de uma magnetização espiritual, que nem sempre produz o sono, mas que desenvolve as faculdades.

Superior a todos os Espíritos que o cercavam, Jesus, que não sofria a encarnação humana, via a distância, via o que quer que estivesse fora do alcance dos olhares humanos. É que, revestido

apenas de um corpo de natureza perispirítica, conquanto *parecesse aos homens* achar-se encarnado, era sempre *Espírito.* Conservava, portanto, sob a aparência de um homem, a vista espiritual, a consciência exata da sua origem, a independência da sua natureza e de suas faculdades espirituais.

Usou de uma linguagem figurada, quando disse:

"EM VERDADE, *em verdade vos digo* que vereis aberto o céu e os anjos de Deus a subirem *e* descerem sobre o filho do homem."

Indubitavelmente, sua vida excepcional, os perigos a que escapou de maneira que os *homens tinham por "milagrosa",* haviam de fazer crer na intervenção dos anjos a seu favor. Aliás, essa intervenção foi real, não para o fim de protegê-lo, mas para, obedientes à sua vontade, lhe prestarem o devido concurso. Sabeis que Jesus se achava constantemente cercado de Espíritos superiores, prontos sempre a cumprir suas ordens.

CAPÍTULO II
Vv. 1-11

Bodas de Caná. — Fato considerado milagroso

V. 1. Três dias depois, celebraram-se umas bodas em Caná da Galiléia, a que esteve presente a mãe de Jesus. — 2. Este, com seus discípulos, também foi convidado para as bodas. — 3. Como viesse a faltar vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Eles não têm mais vinho. — 4. Respondeu-lhe Jesus: Que há de comum entre mim e ti, mulher? Ainda não é chegada a minha hora. — 5. Disse sua mãe aos que serviam: Fazei tudo o que ele vos disser. — 6. Ora, havia ali seis talhas de pedra destinadas às purificações que eram de uso entre os Judeus, cada uma com a capacidade de duas ou três metretas[26]. — 7. Disse-lhes Jesus: Enchei de água as talhas. Encheram-nas até à borda. — 8. Feito isso, disse ele: Agora, tirai do que está nelas e levai ao arquitriclino[27]. Assim fizeram. — 9. Tanto que provou da água mudada em vinho, o arquitriclino, não sabendo donde este viera (o que sabiam os criados, que haviam tirado das talhas a água), chamou o noivo, — 10, e disse: Todo homem serve primeiro o bom vinho; só depois que os convidados têm bebido bastante, lhes apresenta o inferior; tu, ao contrário, conservaste guardado até agora o vinho bom. — 11. Com este, realizado em Caná de Galiléia, deu Jesus começo aos seus milagres, manifestou a sua glória e seus discípulos creram nele.

N. 6. Já conheceis bastante, de modo geral, os efeitos magnéticos, para compreenderdes *a perfeita naturalidade* desse fato que foi considerado um *"milagre".* Não ignorais que Jesus dispunha de *grande poder sobre os fluidos. Pois* bem, o que houve ali foi o resultado de uma ação magné-

[26] Medida que tinha a capacidade de 27 litros.

[27] Mordomo.

tica exercida por ele. A água não se transformou em vinho, como o supôs e espalhou o vulgo ignorante das causas do fenômeno produzido. Por efeito daquela ação magnética, a água tomou, para o paladar dos convivas, o sabor do vinho, o sabor que Jesus lhe impôs.

Não vos admireis de que, *assim magnetizada,* apresentando o sabor de vinho, a água tenha sido tomada por vinho legítimo e que o fato, como conseqüência da ignorância em que todos estavam das causas e dos meios pelos quais se produzira, haja dado lugar à crença, que se espalhou, de que um *"milagre"* ali se operara, de que *a* água fora mudada em vinho. Quando a Jesus foi observado que não havia mais vinho o festim estava a terminar e já o dia declinara bastante. Os vasos, com que os que serviam tiravam das talhas o líquido, eram uma espécie de ânforas de barro. Foi de uma delas que o arquitriclino, ou mordomo, provou o líquido que lhe apresentaram e foi em vasos mais ou menos idênticos a esses, quanto à forma e à matéria de que eram fabricados, que o líquido circulou entre os convivas. Jesus impôs a estes a sua vontade, por meio de uma ação magnética. Já não é do vosso conhecimento o efeito do magnetismo, quer humano, quer espiritual, sobre o homem?

Para compreenderdes que Jesus, operando a distância, tenha exercido ação magnética sobre todos os convivas, basta reflitais em que um forte magnetizador humano pode, a grande distância relativamente aos homens, atuar sobre um paciente apropriado a essa ação. Ora, Jesus possuía no máximo grau a faculdade magnética. Quando mesmo, porém, não tivesse o poder de atuar por si sobre todos os convivas, o que é uma suposição gratuitamente falsa, os Espíritos superiores que o cercavam, em número, para vós, incalculável e sempre prontos a lhe obedecerem às vontades, teriam reforçado o valor magnético de que ele

dispusesse e teriam atuado por seu lado, de sorte a preparar os pacientes para experimentarem a influência do Mestre. Isso, entretanto, era desnecessário.

É o que sob *as vossas vistas muitas vezes* ocorre, quando um médium adormece, sem que dele se haja aproximado magnetizador algum. No caso de que tratamos, desde que à água foi dado o sabor do vinho, houve, por meio do magnetismo espiritual, ação sobre o pensamento dos convivas, uma inspiração que os preparou a sentirem na água o sabor do vinho, *como era preciso que acontecesse.*

Para tachar-se de imoral, como hão ousado fazer, o ato de Jesus, sob o fundamento de que ele assim acoroçoara a orgia, fornecendo-lhe alimento, é preciso se desconheça completamente a sobriedade de que os Orientais sempre deram provas. O banquete estava a terminar. Os convivas, embora houvessem bebido muito, *no dizer do mordomo,* tinham *apenas* tornado alegre o festim, sem que absolutamente tivessem chegado *à licença, nem à embriaguez. Os* que censuram devem raciocinar e sobretudo refletir antes de falar.

Se na minha narração, falando *da água* que, por ordem de Jesus, os criados tiraram das talhas e apresentaram ao mordomo para provar, eu, João, o evangelista, disse *"que ela se transformara em vinho",* foi porque, ignorante das causas, como o vulgo, reproduzi a narrativa corrente do fato, considerando-o também um *"milagre",* sem lhe buscar a explicação. E não busquei, não só porque era inútil que eu a desse, como ainda porque não podia nem tinha que a dar. Cumprindo que guardasse silêncio a tal respeito, fiquei, com relação a esse caso, privado da inspiração mediúnica, entregue às minhas impressões pessoais.

Quando o fato a que nos vimos referindo se deu, Jesus ainda não começara o desempenho ativo da sua missão.

Consideremos as palavras que ele dirigiu a Maria: *"Que há de comum entre mim e ti, mulher? Ainda não é chegada a minha hora."* Não tendo até então operado nenhum *"milagre",* Jesus lembrava a Maria que lhe não devera ter pedido fizesse um naquela circunstância, visto que *ainda não chegara* para ele o momento de começar a desempenhar *publicamente a sua missão.* Aquelas palavras não foram dirigidas pessoalmente a Maria e sim a todos os que o rodeavam, porquanto ao pedir o *"milagre",* dizendo a Jesus: *"Eles não têm mais vinho",* e aos criados: *"Fazei tudo o que ele* vos *disser",* ela se achava sob a influência espírita, falava por inspiração, mas sem ter consciência de uma nem de outra. E porque foi inspirada no sentido de pedir o que pediu? Porque aquela manifestação era conveniente, como preparatória das sendas que se iam abrir e como de molde a pôr em destaque a pessoa de Jesus.

Quanto ao mordomo, dizendo ao esposo (vv. 9 e 10), depois de provar da água que, *no entender de todos os presentes,* "se mudara em vinho": "Todo homem serve primeiro o bom vinho; só depois que os convidados têm bebido bastante, lhes apresenta o inferior; tu, ao contrário, conservas-te guardado até agora o vinho bom", apenas pôs em confronto com o caso ocorrente os costumes da época.

Tendo sido o fato em questão uma obra *preparatória* que o Mestre achou conveniente executar, podeis, das palavras do mordomo ao noivo, deduzir que Jesus trouxe aos homens a bebida perfeita, destinada a substituir o grosseiro licor que até então lhes matara a sede.

N. 7. Houve quem dissesse: Jesus, sua mãe e seus discípulos foram convidados para umas bodas. Como, *quase ao terminar o festim,* viesse a faltar vinho, estando já os convivas embriagados, Jesus, diz o evangelista, mandou que enchessem dágua seis talhas,

cada uma com a capacidade de duas ou três metretas, e transformou essa água em vinho. Calculou-se que essas dezoito metretas equivaliam a oito ou dez hectolitros, *o* que quer dizer uma quantidade de vinho suficiente para embebedar toda a cidade de Caná. *Em geral, os milagres* de Jesus têm um fim útil, ou uma significação moral. Onde, porém, AQUI, a utilidade, a moralidade *dessa transformação da água em vinho* para ser tomada por pessoas que já haviam bebido demais?

Muito embora Jesus nos informe de que os Judeus lhe chamavam comilão e beberraz, *voraz et potator vini* (MATEUS, I, v. 19), *sabemos que ele era modelo de temperança.* Conseguintemente, a ter de fazer um milagre, mais natural fora que *transformasse o vinho em água, pois* que *assim* daria àqueles convivas intemperantes uma lição de sobriedade.

A resposta está nas explicações que acabamos de dar-vos. Dessas reflexões se teriam abstido os que as fazem, se se houvessem reportado à ação magnética, que deu à água o sabor do vinho, sem lhe comunicar o princípio alcoólico.

Quanto ao lado moral do fato, atente-se em que este foi um fato preparatório, como dissemos acima, e que funda impressão causou nos Espíritos exatamente por haver tocado os sentidos materiais dos que o observaram. Fez que a fé despontasse nos discípulos, que começavam a grupar-se em torno de Jesus e que com ele estavam presentes ao festim. "Com esse, realizado em Caná de Galiléia, *deu* Jesus *começo* a seus *milagres,* manifestou a sua glória e seus discípulos creram nele." *"Milagre"* realmente não houve, segundo a significação que esse vocábulo tem, isto é: no sentido de *derrogação* das leis da natureza. Deus, já o sabeis, nunca derroga as leis naturais que a sua vontade imutável estabeleceu desde toda a eternidade.

O fato ocorrido nas bodas de Caná foi um fato *natural.* Somente a ignorância das causas que o produziram é que, repetimos, levou os ho-

mens a qualificarem-no de *milagre,* supondo que efetivamente *a água se transformara* em *vinho.*

Quanto ao que concerne às seis grandes talhas, tendo Jesus dito: *"Enchei dágua as talhas", os* criados as encheram, por mofa, até à borda, crentes de que aquilo não passava de uma mistificação. Quanto ao sabor do vinho, só *a água que foi tirada* das talhas para ser levada ao mordomo e servida aos convivas o adquiriu, por efeito da vontade de Jesus e da ação magnética que ele exerceu. Só nessa porção dágua era necessário que se sentisse tal sabor.

Não se vos diz que o mordomo, terminada a festa e depois que os convivas se tinham ido embora, haja deixado de examinar a água que restara nas talhas. Ele a examinou e reconheceu que se encontrava no seu estado natural. Despejaram-nas e ninguém mais pensou nisso.

Esse outro fato, dada a ignorância das causas, que continuava a mesma, se o houvessem divulgado, um *"milagre" a* mais se contaria: *— o da transformação do vinho em água,* depois de *ter sido a água mudada em vinho.*

A ignorância que, entre os que não sabem explicar o caso ocorrido, produz a incredulidade, deu lugar, entre os convivas de Caná, *à crença* numa transformação da água em vinho. *Diante do fato,* que não podiam negar, tão fortemente *lhes tocara os sentidos materiais, e* que não achavam meio de explicar nem de compreender, eles se viram constrangidos a considerá-lo um *"milagre".*

Tudo estava *preparado e* previsto para o desempenho da missão do Mestre.

CAPÍTULO II
Vv. 12-25

Vendedores expulsos do templo. — Jesus restabelecerá em três dias a vida no seu corpo, se os Judeus lha tirarem, conforme ao entender dos homens. — Conhecimento que ele por si mesmo tinha de tudo o que havia no homem

V. 12. Depois disso, ele desceu a Cafarnaum com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos, mas não permaneceram ali muito tempo. — 13. Estando próxima a Páscoa dos Judeus, Jesus subiu logo para Jerusalém. — 14. Aí achou o templo cheio dos que vendiam bois, ovelhas e pombas e de cambistas sentados às suas bancas. — 15. Ele então fez de cordas um azorrague e os expulsou a todos do templo com as ovelhas e os bois e atirou ao chão o dinheiro dos cambistas, derribando-lhes as bancas. — 16. Aos que vendiam pombas disse: Tirai tudo isto daqui, não façais da casa de meu pai casa de comércio. — 17. Lembraram-se então seus discípulos de que está escrito: Devora-me o zelo da tua casa. — 18. Interpelaram-no os Judeus assim: Por que milagre nos mostrarás que tens o direito de fazer o que fazes? — 19. Respondeu-lhes Jesus: Destruí este templo e eu o restabelecerei em três dias. — 20. Retrucaram-lhe os Judeus: Quarenta e seis anos foram gastos em edificar este templo e tu o restabelecerás em três dias?! — 21. Ele, porém, falava do templo de seu corpo. — 22. Quando, pois, ressuscitou dentre os mortos, seus discípulos se lembraram de que dissera isso e creram na Escritura e no que Jesus havia dito. — 23. Enquanto ele esteve em Jerusalém pela festa da Páscoa, muitos, vendo os milagres que fazia, acreditaram em seu nome. — 24. Mas Jesus não confiava neles, porque os conhecia a todos. — 25. Não precisava que alguém lhe desse testemunho de homem algum, pois que ele, por si mesmo, conhecia o que havia no homem.

N. 8. Os evangelistas, ao narrarem os fatos, não obedeceram à ordem cronológica deles. Limitaram-se a registar o que viram ou lhes fora contado.

Assim, os versículos de João acima transcritos não se referem a um único fato. Diversos fatos foram reunidos em um mesmo ponto e dispostos por maneira a estabelecer-se entre eles uma ligação, mas não por ordem cronológica. apenas um conjunto de fatos ocorridos.

O Evangelho de João se liga, de certo modo, aos três outros, completando-se reciprocamente os quatro, porquanto se, de um lado, ele omite fatos de que os outros trataram, cita alguns a respeito dos quais os outros guardaram silêncio.

Quanto ao dos mercadores expulsos do templo, já recebestes as explicações convenientes no comentário aos três primeiros Evangelhos (n. 247, 3° tomo).

Notai o que disse Jesus acerca do templo de seu corpo: *"Destruí-o e eu o restabelecerei em três dias",* aludindo desse modo à sua ressurreição, e o que diz João, como expressão dos fatos de que ele, os apóstolos e os discípulos tinham sido testemunhas: *"Não precisava que alguém lhe desse testemunho de homem algum, pois que, por si* mesmo, *conhecia o que havia no homem."*

Confrontai aquelas palavras com estas outras do Mestre, aludindo ao mesmo tempo ao sacrifício do Gólgota, ao desaparecimento do seu corpo de dentro do sepulcro, estando *selada a* pedra que o fechava, à sua "ressurreição", às suas desaparições durante o desempenho da sua missão pública, sempre que se ocultava aos olhares humanos: *"Deixo a vida para a retomar; — ninguém ma tira; — sou eu que* a deixo *por mim mesmo; — tenho o* poder *de a deixar e tenho o* poder de a retomar. É mandamento que recebi de meu pai." (João, X, vv. 17 e 18.)

Confrontai-as também com estas outras: "Vós, sois *deste mundo;* eu, porém, sou *do alto; sois deste mundo* e eu não *sou deste mundo;* — desci *do céu,* não para fazer a minha vontade, mas para fazer a vontade daquele que me enviou." — Ninguém nunca subiu ao céu, senão *aquele que* desceu *do céu, o* filho do homem que está no céu". (João, VIII, v. 23; VI, v. 38; III, v. 13.)

Fazei esse confronto e vereis que estas, de João: "Não precisava que alguém lhe desse testemunho de homem algum, pois que, *por si mesmo,* conhecia o que havia no homem", assinalam a origem extra-humana de Jesus. Sendo sempre Espírito debaixo daquele envoltório fluídico, tangível, Jesus lia *por si mesmo o* pensamento dos homens, penetrando-lhes as intenções. Sendo sempre Espírito, sua morte, que os homens consideraram real, foi *meramente aparente* e assim é que, pelo seu reaparecimento chamado "ressurreição", retomou aquele corpo de natureza perispirítica, com a aparência do corpo humano.

CAPÍTULO *III*
Vv. 1-21

A lei de renascimento. — A reencarnação. Perguntas de Nicodemos a Jesus. Respostas de Jesus

V. 1. Havia na classe dos Fariseus um homem chamado Nicodemos, magnate entre os Judeus. — 2. Esse uma noite veio ter com Jesus e lhe disse: Mestre, sabemos que como Mestre vieste da parte de Deus, pois ninguém pode fazer os milagres que fazes se Deus não estiver com ele. — 3. Respondeu-lhe Jesus: Em verdade, em verdade te digo que ninguém pode entrar no reino de Deus se não nascer de novo. — 4. Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode renascer um homem que já seja velho? Pode, porventura, entrar de novo no ventre de sua mãe e nascer outra vez? — 5. Respondeu-lhe Jesus: Em verdade, em verdade te digo que não pode entrar no reino de Deus aquele que não renascer pela água e pelo espírito. — 6. O que é nascido da carne é carne, o que é nascido do espírito é espírito. — 7. Não te admires de haver eu dito: É necessário que torneis a nascer. — 8. O espírito sopra onde quer, tu lhe ouves a voz, mas não sabes donde ele vem nem para onde vai: assim é todo aquele que é nascido do espírito. — 9. Nicodemos lhe replicou: Como pode isso fazer-se? — 10. Observou-lhe Jesus: És mestre em Israel e ignoras estas coisas? — 11. Em verdade, em verdade te digo que dizemos o que sabemos e damos testemunho do que temos visto; entretanto, não recebeis o nosso testemunho. — 12. Se não me credes quando vos falo das coisas terrenas, como me crereis, quando vos fale das celestiais? — 13. Também ninguém subiu ao céu, senão aquele que desceu do céu, a saber: o filho do homem, que está no céu. — 14. Assim como Moisés alçou no deserto a serpente, do mesmo modo importa que o filho do homem seja alçado, - 15, para que todo o que nele crê não pereça e tenha, ao contrário,

a vida eterna. — 16. Porque, Deus amou tanto o mundo que lhe deu o seu filho unigênito, a fim de que todo o que nele crê não pereça, tenha a vida eterna. — 17. Porquanto, Deus não enviou seu filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele. — 18. Quem nele crê não é condenado; mas o que não crê já está condenado, pois que não crê no nome do filho unigênito de Deus. — 19. O motivo desta condenação é que a luz veio ao mundo e os homens amaram mais às trevas do que à luz, por serem más suas obras. — 20. Porque, aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se aproxima da luz, a fim de que suas obras não sejam argüidas. — 21. Mas, aquele que pratica a verdade se chega para a luz, a fim de que sejam manifestas suas obras, visto que são feitas em Deus.

N, 9. A pergunta de Nicodemos e a resposta de Jesus confirmam, como sabeis, a reencarnação, para a qual o Mestre chamava constantemente a atenção dos homens, tanto assim que a encontrastes indicada sob *o véu da letra* em muitos daqueles de seus ensinamentos que os três outros Evangelhos registaram, os quais já vos explicamos *em espírito e em verdade.*

A síntese das palavras de Jesus a Nicodemos é esta: *se o* homem não recomeçar sua vida até que atinja o limite que lhe está assinado, que é a perfeição, não entrará no reino de Deus, isto é: numa existência pura e luminosa que constitui a verdadeira vida do Espírito.

Tomai pensamento por pensamento *e vos* daremos as explicações necessárias.

V. 1. Havia na classe dos fariseus um homem chamado Nicodemos, magnate entre os Judeus. — 2. Esse, *uma noite,* veio ter com Jesus e lhe disse: Mestre, sabemos que como Mestre vieste da parte de Deus, pois ninguém pode fazer os milagres que fazes, se Deus não estiver com ele. — 3. Respondeu-lhe Jesus: *Em verdade, em verdade* te digo que ninguém pode entrar no reino de Deus *se não nascer de novo.*

Nicodemos tinha consciência da missão de Jesus. Os chefes da sinagoga também a tinham, mas o orgulho e os interesses pessoais os levavam a fazer então o que tantas vezes haviam feito com relação aos profetas.

A instrução teológica o pusera em condições de compreender, do ponto de vista das interpretações hebraicas, dadas às profecias referentes ao advento do Messias, que aquele homem simples e humilde, a operar milagres que só a mão de Deus poderia realizar, devia ser o enviado prometido desde tantos séculos. Mas, dominado pelo respeito humano, temia muito o — *que se dirá?* Jamais, portanto, ousaria entrar desassombradamente em a morada humílima do "filho do carpinteiro". O ridículo lá estava para lhe tolher os passos. Porque lhe lia o pensamento, foi que Jesus disse ser preciso que o homem renasça.

Essa resposta o Mestre a deu em particular a Nicodemos e em geral a todos os que não ousam externar suas opiniões, seus pensamentos, embora sintam que umas e outros são honrosos e santos.

Para Nicodemos, aquelas palavras significavam: É preciso que o homem se despoje desse corpo de que usa, composto de preconceitos, de egoísmo, de ignorância, de vis paixões, para renascer livre, puro, apto a progredir. É preciso que seja simples diante de Deus, como simples é aos olhos de sua mãe a criança que nasce. É preciso que seja puro, como a criança que os pais apresentam no templo. É preciso que seja santo, como é santa a criancinha consagrada a Deus.

Entretanto, declarando: *"Em verdade, em verdade* te digo que ninguém pode entrar no reino de Deus *se não nascer de novo",* Jesus tinha em mente afirmar a realidade da lei natural e imutável do renascimento, da reencarnação; a obrigação de reviver na carne, como sendo, para o Espírito, o único meio de se depurar e de pro-

gredir, de chegar à perfeição, de entrar, *assim, no* reino dos céus.

Mas, esse pensamento do Mestre só havia de ser compreendido, de modo exato e completo, pelas gerações então futuras, ao tempo da revelação predita e prometida: a revelação espírita, que vem explicar, *em espírito e verdade,* pondo-a claramente diante dos olhos de todos, essa lei natural e imutável do renascimento, da reencarnação, mostrando o princípio de justiça a que obedece, suas aplicações, seu objetivo e suas conseqüências.

Aquele que não se despoja do *homem velho,* que não despe a túnica da impostura e de iniqüidade que o cobre, para envergar a roupagem branca e pura do levita, as vestes de finíssimo linho, não entrará no reino dos céus, pois que só com os trajes nupciais se pode lá entrar. Esse o sentido figurado daquelas palavras.

Pelo que toca à realidade, à matéria, elas significam: Se o Espírito não despir a veste de carne com a qual se maculou, se não atirar para longe de si essa matéria imunda e infecta, a fim de comparecer perante seu juiz, lá não chegará.

Mas, despir a veste de carne não é tudo. Dar-se-á porventura que lhe basta despojar-se do corpo carnal, restituí-lo à terra, para que desapareçam todos os vícios e imperfeições a que esse corpo serviu? Não.

Pois que os vícios e imperfeições não nascem do corpo, que mais não é do que um instrumento passivo que o Espírito aciona, também o Espírito não deixa, ao abandonar o corpo, o fardo que trazia ao tomá-lo.

Revestindo-o, o Espírito encerra consigo nele os princípios bons ou maus que consigo traz, princípios que encontram no corpo um agente apropriado a auxiliá-lo nas suas manifestações.

O Espírito dirige o instrumento de que se serve. Cumpre-lhe servir-se bem dele, guiá-lo bem.

Abandonado pelo Espírito, o corpo não passa

de um amálgama de podridões, incapaz do menor movimento.

Quando o obreiro atira fora, abandonando-o definitivamente, o instrumento de que se utilizou, a ferrugem e os vermes o corroem.

Ora, o amo do obreiro não é ao instrumento que pede contas da obra a ser executada. Pede-as àquele que o manejava. Indaga do trabalho feito e, em sendo este mau, diz ao obreiro: *Recomeça.* O instrumento que te servia está inutilizado pelo uso; toma outro. Toma-o e trata de manejá-lo melhor; porque o trabalho tem que ser feito. É preciso que a obra se *conclua e* seja *perfeita.* Faliste: observa-te, estuda, vê por ti mesmo o que te arrastou à queda, o que te falseou o golpe de vista e a mão. Atira para longe de ti tudo o que tenha sido causa do teu transviamento e, quando me mostrares acabada a tua obra, receberás o salário prometido ao obreiro.

Dizei-nos, ó bem-amado, não é este um pensamento consolador, caricioso, reconfortante? Este dogma da natureza não é mais consolador, mais caricioso, mais reconfortante do que os dogmas humanos da Igreja? do que o da eternidade das penas para o Espírito culpado, dogma cuja monstruosidade só é igualada pela sua falsidade, dogma que, como dissemos noutro ponto, teve a sua razão *de ser,* mias que já fez a sua época, não produzindo hoje senão a incredulidade? do que o de um purgatório, vago, obscuro e falso, qual a Igreja o formulou, não apresentando mais do que uma única via de expiação — a dos seus suplícios, não oferecendo ao Espírito culpado que sai da Terra, ainda um dos mundos inferiores, meios *de reparação,* de purificação, pelos quais seja levado progressivamente à perfeição moral e intelectual, que só ela abre as portas do reino dos céus?

Quando a pena de morte alcançava, assim o ladrão, como o homicida, que importava àquele

que já se sentia condenado, cometer um crime mais ou um crime menos?

Não lhe inspiravam confiança a misericórdia dos juízes, nem as promessas dos homens de armas. Falira, continuava a falir. Não podia ser de outro modo.

Para aquele que viveu vida condenável, que vê, tomado de angústia, chegar o momento da partida; que, sem fé, espera o aniquilamento no nada; ou que, perguntando, empolgado pelas recordações da infância, se há um Deus, por única resposta vê um gládio prestes a vará-lo, que poderá haver de mais animador e reconfortante do que a idéia da reencarnação, da faculdade de recomeçar a tarefa mal cumprida?

Para o coração do homem que tem a animá-lo uma idéia generosa e nobre, que sonha com o progresso de seus irmãos, com o progresso da humanidade, que sente grandes coisas germinando no seu íntimo e que se vê atingido por essa impiedosa cega que é a morte, não será gratíssimo pensar que a obra incompleta pode ser acabada?

Oh! para aquele que só lobriga, além-túmulo, uma vida eterna contemplativa, a morte do corpo acarreta a paralisia da alma. Esta, separada do seu invólucro, não é mais um ser. Torna-se coisa abstrata, que não compreende as lutas do passado, a marcha do progresso, que nada mais espera do futuro, a menos que algumas transgressões "às leis da Igreja" a condenem aos suplícios do "purgatório".

Para aquele que sabe, a idéia do renascimento, da reencarnação não é a mais consoladora, a mais grata em face da morte?

O que faliu na sua obra, nas suas provas, pode a si mesmo dizer: "Fali; mas, meu pai, o meu Deus onipotente, em sua bondade, em sua justiça, em sua misericórdia infinitas, me permitirá recomeçar a obra mal feita. Meus crimes ou minhas faltas, eu as expiarei, após a morte, na

erraticidade, passando por torturas ou sofrimentos morais que lhes sejam proporcionados e apropriados e cujo aguilhão sinto já nos remorsos e dores que, como aqueles mesmos sofrimentos e torturas, têm sua fonte de origem na consciência culpada.

Arrependido e submisso, cheio do desejo ardente de reparar e de progredir, depois de ter visto o que me arrastou à queda, o que me falseou o olhar e a mão, pedirei a Deus a graça de *reviver,* de *nascer de novo,* para recomeçar a obra mal feita. E Deus, meu pai, cujos tesouros de misericórdia são inesgotáveis, me concederá essa graça. E, provado no fogo moral da expiação, recomeçarei a tarefa, pela reencarnação, mediante novas provas."

O que deixou incompleta, inacabada a obra que empreendera, visando a felicidade de seus irmãos, o progresso da humanidade, pode a si mesmo dizer: "Sem dúvida, a humanidade teria aproveitado da minha obra, das minhas inspirações, do meu gênio. Mas, quem sabe? Talvez que nos meus projetos se haja infiltrado algum fermento de humano orgulho, que meu pai, previdente e bondoso, quis extinguir desde logo. Talvez os projetos por mim formados, as empresas que desejava fundar, precisassem de aperfeiçoamentos que eu era ainda incapaz de lhes dar. Vou então para junto do Mestre indulgente e infalível estudar o que ignoro, aperfeiçoar o que sei. Voltarei mais forte, mais jovem de corpo, mais inteligente, mais instruído, acabar o que empreendera. Ó morte, sê bem-vinda! Vais restituir-me a juventude, a força, a bondade, a ciência!"

Essa idéia de recomeçar a tarefa não é mais suave do que qualquer outra, perguntamos?

V. 4. Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode renascer um homem que já seja velho? Pode, porventura, entrar de novo no ventre de sua mãe e nascer

outra vez? — 5. Respondeu-lhe Jesus: Em verdade, em verdade te digo que não poderá entrar no reino de Deus aquele que não *renascer* pela água e pelo Espírito.

Imbuído das idéias de sua época, como vós o sois das da vossa, Nicodemos, conquanto inteligente e desejoso de instruir-se, não se achava em estado de compreender o *alcance das* palavras de Jesus, que tinham de permanecer *veladas.* Como tantos dentre vós, ele temia o ridículo e o sarcasmo. Não ousava crer abertamente e a sua falta de iniciativa lhe obscurecia a inteligência. Entretanto, ao formular a sua observação, apenas fez um jogo de palavras, pois que a consciência o fizera compreender o sentido que Jesus dava ao que havia dito. Por isso mesmo é que o Cristo se limitou, na sua segunda resposta, a reafirmar o que dissera. "Em verdade, em verdade te digo que não poderá entrar no reino de Deus aquele que não *renascer* da água e do espírito."

Efetivamente, dizendo — "se não renascer da *água e* do *espírito"* — outra coisa não teve o Mestre em mente senão *reafirmar o* que acabara de dizer: *"se não renascer* de novo."

Aquelas palavras, como vos vamos mostrar, significam, *em espírito e verdade:* "se não renascer", se não recomeçar sua vida segundo a lei de reprodução; se não recomeçar, *"pela água",* tomando um novo corpo, *"pelo espírito",* vindo sua alma habitar esse corpo, do qual lhe cumpre servir-se bem e que constitui para o homem, por efeito do renascimento, da reencarnação, o meio único de entrar "no reino de Deus", isto é: de enveredar pelo caminho da reparação e do progresso, que o levará a uma existência pura e luminosa, a qual constitui a verdadeira vida do Espírito.

Disse o Cristo: "O reino de Deus está dentro de vós." (Lucas, XVII, v. 21.) Está no meio de

vós e não sabeis descobri-lo. O homem, já o temos explicado, traz em si mesmo "o reino de Deus", visto que no exercício de suas faculdades é que ele encontrará meio de lá chegar e lá só chegará lentamente, indo de progresso em progresso, de ascensão em ascensão. Aquele reino não é um lugar circunscrito, como os homens imaginaram, uma mansão feliz onde lhes será dado penetrar. É a perfeição moral humana. É a imensidade na virtude. É a união das almas purificadas, pelo renascimento, no cadinho das vidas sucessivas e progressivas, *a princípio* expiatórias e, por *fim,* gloriosas, que conduzem à perfeição sideral. À pluralidade das existências corresponde a pluralidade dos mundos ao longo da trajetória ascensional do progresso.

Em cada época se fala a linguagem apropriada às suas idéias, às suas interpretações científicas, às suas tradições.

Assim é que Jesus apropriou à época em que falava a linguagem de que usou nesta resposta a Nicodemos: "Não poderá entrar no reino de Deus aquele que não renascer da *água e* do *Espírito."*

De modo geral, segundo as interpretações científicas, e em especial para os Hebreus, segundo as tradições do *Gênese*[28]*,* que refletiam as interpretações científicas, a água, naquela época, era considerada um princípio primitivo, um princípio gerador, organizador de todas as coisas, elemento genésico dos reinos orgânicos e inorgânicos, princípio, fonte originária do corpo dos animais vivos, que se supunha produzidos por ela, do corpo do homem.

Portanto, "renascer da água" era nascer *de novo* com um corpo; "renascer do Espírito" era vir o Espírito animar esse corpo, habitá-lo.

De sorte que o renascimento, a reencarnação

[28] Cap. I, vv. 2, 6, 7, 9, 10, 11 e 20; cap. II, vv. 1, 4, 5, 6 e 7.

eram uma realidade e não uma alegoria. Tais são, *em espírito e verdade, o* sentido e a explicação das palavras de que se serviu Jesus na sua segunda resposta a Nicodemos, resposta pela qual, empregando termos que tinham sua significação determinada no livro sagrado dos Hebreus, ele, repetimos, apenas reafirmou o que antes dissera.

Alguns, nos primeiros tempos, assim o compreenderam. Dizemos — alguns — porque a crença no renascimento era partilhada por muitos, mas não estava generalizada.

Eu, João evangelista, nesse sentido é que entendia e apliquei o termo *água,* isto é, como princípio primitivo, gerador e organizador do corpo humano, quando escrevi *(Epístola* 1°, cap. V, v. 8): *"Há três que dão testemunho na Terra: o Espírito, a água e o sangue; esses três são um."*

Estas palavras se referem ao homem. O Espírito dá testemunho ao Espírito: ao pai; *a água e o sangue* dão testemunho da existência da matéria unida ao Espírito. E os três são um: o "homem".

Na imagem, a água representa o princípio primitivo, gerador, organizador do corpo do homem e o sangue figura como elemento da vida, derivado daquele princípio.

Assim é que, eu, João evangelista, sob a influência espírita e sob a inspiração mediúnica, das quais, entretanto, como encarnado, não tinha consciência, disse (mesma *Epístola 1ª* cap. V, v. 6) que Jesus *"viera com a água e o sangue"; não somente com a água, mas com a água e com o sangue,* para, *segundo o espírito e em verdade,* comprovar que ele viera realmente entre os homens. Dizendo que viera não somente com *a água,* isto é: com um corpo, e sim com a água e o sangue, quis dizer que viera com um corpo, mas um corpo vivo, porque *habitado pelo seu Espírito,* corpo em tudo *semelhante ao* dos homens, porém, não *da mesma natureza,* do ponto de vista da água, do princípio orgânico, e do sangue, ou seja, do elemento da

vida, porquanto nem toda carne é a mesma carne e há corpos terrestres e corpos celestes.

V. 6. O que é nascido da carne é carne, o que é nascido do Espírito é Espírito .

O nascimento do homem não depende senão da carne. A matéria deriva da matéria. O Espírito apenas anima a matéria perecível.

Nascido do Espírito, isto é, emanado da inteligência suprema que rege todas as coisas, nenhuma afinidade tendo com a matéria, o Espírito independe dela, preexiste ao corpo e lhe sobrevive, pois que é imortal, como o Espírito genérico do qual emana.

Fazendo aquela distinção entre o corpo e o Espírito, quis Jesus pôr em evidência, sobrelevar o pensamento que acabara de exprimir quanto ao renascimento *pela água e pelo Espírito,* isto é: *pela matéria* unida *ao Espírito,* por um *corpo e um Espírito* que o venha animar, habitar. De maneira que, assim como, *para nascer* um homem, um Espírito toma um corpo e o anima, habitando nele, também *para* renascer, *nascer* de novo, o mesmo Espírito toma um novo *corpo* e o anima e habita, consistindo nisso o renascimento, a reencarnação.

A Igreja, tomando por base de suas interpretações o nascimento pela água e pelo Espírito¸ fez dele, *pura e simplesmente,* o emblema da purificação pelo batismo e da inspiração pelo Espírito Santo.

Desde que não admitia, como ainda não admite, a existência senão de um único mundo habitável, *a Terra, e,* para o Espírito, senão uma única vida corporal, assinando, de acordo com *suas leis e* seus *dogmas,* como destino para o homem, após a morte, ¨o inferno eterno¨, ou ¨o purgatório", lugares um e outro circunscritos e determinados, ou ainda "o paraíso", igualmente lugar circuns-

crito e determinado, destinado a uma eterna vida contemplativa na inércia, na inação, a Igreja também não admitiu o sentido próprio, ou, seja, a realidade do renascimento, da reencarnação. E, uma vez que não admitiu o sentido próprio, teve que procurar um sentido *figurado.*

As palavras realmente pronunciadas por Jesus e que constam na tradução rigorosamente fiel do texto original são estas: "Em verdade te digo que aquele que não renascer pela água e pelo Espírito não poderá entrar no reino de Deus."

A Igreja diz, alterando as palavras do Mestre e do texto original: "não renascer da *água e* do *Espírito Santo."*

Se vos colocardes no ponto de vista dessa tradução inexata e do sentido emprestado ao vocábulo "água" para o fazer significar o emblema da purificação pelo batismo de água, descobrireis sempre, nas palavras atribuídas a Jesus, mas diversas das que ele proferiu, *o sentido necessário* de uma *realidade,* o renascimento, a reencarnação, e não de uma alegoria.

Mas, ainda quando se queira explicar e compreender do ponto de vista do batismo dágua, o *sentido* e o *alcance* destas palavras: "Se não renascer da água e do Espírito Santo", não será por meio do batismo, qual aprouve à Igreja imaginá-lo, que se conseguirá. Será, sim, *unicamente,* considerando o batismo que existia e era praticado ao tempo em que Jesus falava a Nicodemos.

Não suponhais que o batismo dágua, que João administrava a seus discípulos e que a Igreja continuou a administrar, seja uma criação sua. Sê-lo-á na forma, no fundo não. O batismo que João empregava era uma purificação emblemática do corpo, praticada como preparatória da purificação do Espírito pelo arrependimento. Segundo o uso judaico, a criança que nascia era levada ao templo e aí passava por uma ablução para ser purificada. No batismo que João dava, *apenas a*

ocasião fora mudada. Ele só derramava a água batismal sobre a cabeça dos que já estavam aptos a compreender a importância do ato que praticavam, enquanto que a purificação judaica, tal qual o batismo da Igreja, não passava de um simulacro, de uma formalidade, que se empregava, como se emprega hoje, sem ter o batizando idéia nem consciência da cerimônia em que é parte.

No batismo de água que a Igreja administra, o que constitui uma criação sua é o sentido emblemático que lhe ela empresta: o de apagar no recém-nascido um pecado original que *Adão* lhe transmitiu, fazendo-o herdeiro de uma falta toda pessoal, por ele Adão cometida. Surge assim a criança trazendo, segundo a Igreja, a culpa, a responsabilidade de um ato praticado por outrem, culpa de que só o batismo a livra, muito embora tenha sido a alma daquele novo ente humano criada expressamente, também segundo a Igreja, para o corpo em que está habitando, o que implicaria a pureza dessa alma, visto que das mãos do Criador nada pode sair com mancha. esse um dogma que o progresso repeliu por absurdo.

No que vos revelamos (ns. 56 e seguintes do 1° volume), com relação à origem do Espírito, à sua queda, a seus caminhos, seus fins e destinos, se encontra a *explicação* do que a Igreja chama pecado original, *quer* do ponto de vista da queda, de que resulta a. encarnação material humana, *quer* do da reincidência, que leva à reencarnação.

Do ponto de vista humano, que é o em que a Igreja se coloca, do da significação que ela atribui ao termo *"água",* nas palavras de Jesus a Nicodemos, pretendendo que signifique um renascimento por meio do batismo dágua — o sentido daquelas palavras não pode ser determinado senão pela razão e pelo objetivo desse batismo, buscando-se essa razão e esse objetivo, *ou* na purificação judaica, que consistia na ablução do corpo para o purificar (todo corpo que vinha ao mundo era

lavado para se expungir de suas impurezas materiais), *ou* no batismo que João administrava sob um aspecto emblemático: o da *purificação da carne,* pela ablução *do corpo,* como preparatória da purificação do Espírito.

Sendo o batismo de água que João ministrava a seus discípulos a purificação do corpo pela ablução e sendo, como batismo de penitência, *preparatório* do batismo *do Espírito,* do "Espírito Santo", ele significava — purificar-se o homem de *corpo e de inteligência.*

Assim, pois, nascer da *água e* do *Espírito,* do "Espírito Santo", é purificar-se de *corpo e de inteligência. Ora, o* corpo não recebia mais que um único batismo *dágua,* quer quando a criança era levada ao templo para a purificação judaica, quer quando era João quem batizava, como não recebe hoje da Igreja senão um só batismo. Portanto, para *renascer* pela *água ou da água,* isto é, para se purificar *novamente de corpo,* preciso era que o corpo se renovasse, como preciso é hoje que se renove. Quer dizer: era preciso que o Espírito tomasse, é preciso que tome um *novo* corpo para *de novo* receber aquele símbolo *material* de purificação. De sorte que, mesmo quando vos coloqueis no ponto de vista das traduções inexatas e no ponto de vista das palavras que a Igreja atribuiu a Jesus, o renascimento, a reencarnação, para a ablução de um novo corpo, se apresentam sempre como realidade e não como alegoria.

Nessas condições, o batismo dágua lembrava e ainda lembra ao homem, que *renasce, que nasce de novo* e o recebe, que ele recebeu um corpo novo isento de impurezas e que lhe cumpre preservá-lo de todas as máculas. É um vaso novo que foi lavado para que ficasse em estado de conter o Espírito que nele se encerrou. Importa que esse Espírito não fermente, a fim de não escorrer pelo vaso, deixando neste marcas que interessariam à sua própria pureza.

O nascimento do homem não depende senão da carne, repetimos. A matéria deriva da matéria e o batismo dágua apenas se destina a simbolizar a purificação dessa matéria, para lembrar ao homem que o *corpo,* nada sendo por si mesmo, nenhuma impureza traz, proveniente *da sua feitura.* Privada do Espírito, a carne é inerte, inconsciente, incapaz de um ato qualquer, portanto de uma falta.

Só o Espírito anima essa matéria perecível.

O Espírito, que é nascido *do Espírito,* isto é, que emana, também o repetimos, da inteligência suprema que rege todas as coisas, que nenhuma afinidade tem com a matéria, não pode ser batizado *senão com o* Espírito, o que vale por dizer — esclarecido *de inteligência,* auxiliado pelo Espírito Santo, ou seja, pelos bons Espíritos que o cercam e que constituem, para ele, uma como emanação da divindade, pois que são os submissos instrumentos desta.

À Igreja e a seus doutores em teologia, que tomam por alegoria e não por uma realidade as palavras de Jesus a Nicodemos, que não admitem tenha o Espírito mais de uma existência na Terra, que repelem a lei de renascimento, de reencarnação, pedi que, sem esta, expliquem e tornem compreensíveis as seguintes palavras do Mestre a seus discípulos, falando-lhes do fim do mundo, dos sucessos que o assinalarão: *"Em verdade vos* digo que esta geração não passará antes que todas essas coisas hajam ocorrido", palavras pelas quais ele proclamava que, dentre os daquela geração a quem se dirigia, alguns estariam vivos na Terra pela época do fim do mundo. [29]

A Igreja, que rejeita a reencarnação e cujos erros todos provêm de haver tomado por alegoria o que era realidade e vice-versa, considera excluído de

[29] Ver a explicação, dessas palavras, *em espírito e verdade, à* pág. 347 do 3° tomo.

todas as vias de salvação o homem que, devendo e tendo podido receber, não recebeu o batismo *dágua,* deixando ela *por* isso de o acolher em seu seio *como sua mãe.* E tal homem, simplesmente porque, sabendo que, segundo o dogma da Igreja, devia receber o batismo e o não recebeu, se absteve disso, não o quis, por considerá-lo um ato material inútil, ela o repudia em absoluto, ainda que, sem o batismo, ele, praticando todas as virtudes e cumprindo todos os seus deveres, haja posto em prática, com a maior sinceridade e em toda a extensão, o amor a Deus acima de tudo e ao próximo como a si mesmo, duplo amor que o Cristo, dirigindo-se a todos os homens (Judeus e Gentios), sem distinção de cultos nem de nacionalidades, declarou encerrar toda a lei e os profetas, assim com relação ao passado, como com relação àquela época e ao futuro. Que dizeis a isso?

É uma pretensão humana, que não suporta exame.

Para se admitir que só os que renasçam *da água e do Espírito,* como a Igreja o entende, se salvem, preciso fora admitir que o Cristo, tipo de bondade, de justiça e de amor, houvesse excluído da paz do Senhor todos os que não recebam o *batismo dágua que a Igreja administra.*

Verdade é que ela admite a possibilidade de salvação para o homem que segue a lei natural. Mas, que vem a ser essa lei? Quais os seus limites? O antropófago segue a lei natural. Competir-lhe-á lugar idêntico ao de um dos pais da Igreja?

Se não lhe é dado atingir o mesmo grau de felicidade, por que há de ter o Senhor absoluto do universo lançado o infeliz, que vive de carne humana, nas regiões selvagens onde habita, tão longe da Igreja, das suas pias batismais, dos dons do "Espírito Santo"? Pode este, na realidade, descer para criaturas tão abjetas? Que responde ela?

Não entraremos aqui em minudências a propósito da Igreja, de seus preconceitos e de suas exigências. Limitar-nos-emos a perguntar a todo homem que pensa:

"Que é que está mais conforme à justiça do Senhor, à sua bondade, ao seu amor para com todas as criaturas: a lei da Igreja, que não admite como seus filhos senão os que ela arrebanhou para a sua comunhão, tenham ou não tenham virtudes e fé, contanto que se hajam submetido a seus dogmas; ou a lei natural do renascimento, que a todas as criaturas do Senhor concede direitos iguais, iguais títulos para alcançarem a meta; que não se preocupa com os atos senão quando se acham em relação com a consciência e que não admite boas consciências sem bons atos; que não separa a caridade da fé, porquanto aquele que *crê ama e* aquele que ama *com sinceridade* necessariamente há de crer e esperar, como o declarou João o Precursor, dizendo: a esperança é irmã da fé e ambas são filhas da caridade e do amor?"

Acabamos de falar da Igreja e de seus dogmas, considerando-os unicamente do ponto de vista em que ele se coloca. Efetivamente, para a Igreja, para os que a representam, toda a fé se encontra encerrada na observação de seus dogmas. Quem a estes se submeta ostensivamente poderá pecar contra Deus, pois que, se declarar que se arrepende, a absolvição estará sempre pronta a lhe abrir as portas do "paraíso". Se, porém, pecar contra os dogmas da Igreja, não obstante admitir esta que eles são obra *semi-humana,* ela se mostrará severa, por vezes inexorável.

Que é a absolvição que o sacerdote dá ao moribundo? Um dogma de criação e instituição humanas, pois que Jesus de tal coisa não falou. Entretanto, se o enfermo se esquecer de pedir que lhe chamem um sacerdote para assisti-lo nos seus últimos momentos, repelirá a Igreja esse filho insubmisso, ou irrefletido, negligente, senão apenas, o que é quase sempre o caso, ignorante, e lhe recusará a sepultura eclesiástica? E quando, como às vezes sucede, ela abre mão dessas particularidades formalísticas, será unicamente o res-

peito humano o que a contém? Será o temor da opinião pública? Não esqueçais que, em tudo o que vimos de dizer, nos colocamos, mesmo no tocante à forma da linguagem, estritamente no ponto de vista da Igreja.

Há quem tenha perguntado por que motivo e com que fim Jesus deixou de dar à pergunta de Nicodemos *(v.* 4) *a resposta clara, precisa e completa* que os Espíritos do Senhor, órgão do Espírito da Verdade, dão hoje aos homens por meio da Nova Revelação, resposta esta que teria poupado ao Cristianismo e à Igreja o erro em que ela incorreu de negar a reencarnação, demorando o progresso social e humano. Por que motivo e com que fim deixou Jesus de responder a Nicodemos: "Não, o homem que envelheceu não pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, mas pode e tem que RENASCER, isto é: depois de haver morrido, seu Espírito tem que tomar, nas entranhas de outra mãe, um novo corpo, a fim de reviver novamente. Tem que RENASCER *desse modo* tantas vezes quantas forem necessárias, para se tornar, depurando-se no cadinho da reparação, do progresso, um bom Espírito e merecer não mais voltar a este mundo que, para os vossos Espíritos, é apenas um lugar de exílio, de expiação e de provação. Tendo-se tornado bom e tendo transposto, conseguintemente, os mundos inferiores, o Espírito, ainda assim, pode e deve renascer sucessiva e progressivamente em mundos cada vez mais elevados e superiores, física, moral e intelectualmente, até que haja atingido a perfeição sideral e se tenha tornado puro Espírito?"

Os que formulam semelhante questão e usam de tal linguagem não sabem ou, se o sabem, esquecem que as palavras de Jesus a Nicodemos não podiam e não deviam ser claras e positivas para todas as inteligências, como não o foram estas: *"Há muitas moradas na casa de meu pai".* Para dar maiores esclarecimentos a Nicodemos, fora mister que Jesus entrasse, acerca da reencarnação, bem como da. pluralidade dos mundos e da

sua habitabilidade, em explicações mais amplas do que as que podiam ser dadas e os homens podiam suportar. Isso não era então conveniente, nem oportuno, atentas as condições em que se opera. o progresso da humanidade e os meios pelos quais se realiza.

Já dissemos que a reencarnação e as relações entre o mundo invisível e a humanidade tinham que permanecer veladas para a maioria dos homens. Era uma necessidade, compreendei-o. O progresso da vossa raça nada sofreu com isso, como nada sofre a árvore que é podada na primavera, época própria para o seu desenvolvimento. Deixai, portanto, que a sabedoria do Senhor dirija o vosso planeta. Secundai os esforços que hão sido feitos para vos tirar das faixas infantis e preparar os tempos precursores da virilidade do gênero humano e não esqueçais que a criança não pode e não deve ser tratada como o homem. A cada idade o grau de ciência que lhe seja possível comportar.

V. 7. Não te admires de haver eu dito: É necessário que TORNEIS *a nascer.*

Desse modo insistia Jesus no que dissera antes, a fim de que Nicodemos voltasse a atenção para o princípio do renascimento do homem, mediante nova encarnação, mediante a reencarnação do Espírito.

Em nome da Igreja, os que a representam, sempre do seu ponto de vista alegórico, explicam esse versículo da seguinte maneira: "Quem conheça bem o coração humano não se admirará de que seja preciso que o homem se transforme num homem novo, de que lhe seja necessário novo espírito, novo coração, novo principio de vida e de ação.

É esse renascimento, todo espiritual, que lhe dá o direito de pedir, em todas as ocasiões, o espírito novo, de pedir a Jesus, santo dos santos, seu Espíri-

to, suas inspirações, sempre espirituais, sempre santas, como principio da nova vida."

E é numa *única* existência que a Igreja pretende seja o homem transformado *assim* em um novo homem, segundo a expressão do apóstolo Paulo, de homem animal em homem espiritual, quer se trate do antropófago, quer do selvagem da Oceania, quer do Neo-Zelandês, quer do habitante da Europa civilizada. Sim, porque a Igreja não pode, sem desconhecer a bondade, a justiça e a misericórdia infinitas do Senhor, negar direitos iguais a todas as suas criaturas, iguais títulos a todas para alcançarem a meta.

Mas, como, segundo ela própria o diz, isso nem sempre é possível, imaginou dois lugares circunscritos e determinados, para um dos quais manda o Espírito que, naquela única existência, não se transformou em novo homem, servindo de base à sentença a natureza da infração de seus dogmas.

Esses dois lugares são: um inferno eterno e um purgatório.

O inferno eterno é o reino de Satanás, do diabo, verdadeiro rival de Deus na eternidade, mais poderoso, de certa forma, do que o próprio Deus. Nesse inferno eterno é que, segundo a Igreja, *o Espírito culpado* se acharia *eternamente* sujeito a torturas incessantes, materiais na opinião de alguns dos seus representantes, morais na de outros. *Haveria assim ovelhas desgarradas* que o meigo e bom pastor se veria impossibilitado de carregar ao ombro para levá-las de novo ao aprisco, por só muito tarde as ter encontrado. Haveria assim filhos pródigos aos quais estaria interdita a entrada na casa paterna, por só muito tarde se terem lembrado de voltar, *embora o* pai de família estivesse sempre a esperá-los à porta. *Inutilmente esses filhos pródigos* clamariam por Deus, pai deles. Deus se conservaria impotente ou surdo ao clamor de tais filhos arrependidos e à súplica que lhe dirigissem para expiar e reparar suas faltas, para progredir, para *recomeçar a* obra mal feita, para, uma vez que bem a executassem, poderem reclamar e receber o salário prometido ao trabalhador.

O purgatório seria uma estância de suplícios temporários não definidos e que não levariam ao "paraí-

so" o Espírito culpado, pois que, segundo a Igreja, se ele "não renascer da *água* e do Espírito Santo", dentro da sua única vida corporal, isto é, se não conseguir como homem durante a única existência terrena que, para esse efeito, ela lhe concede, um renascimento que o mude em homem novo, não poderá entrar no reino de Deus, o qual, sempre *segundo a Igreja, é o* "PARAÍSO".

Não deveria a Igreja, inclinando-se diante da nova revelação, compreender que, dizendo: Não te admires de haver eu dito: *"É necessário que* TORNEIS *a nascer",* Jesus insistia no que já dissera, a fim de chamar a atenção de Nicodemos para o principio do renascimento do homem, mediante uma nova encarnação, uma reencarnação do Espírito?

Não deveria ver nessas palavras e nas que antes Jesus proferira a indicação da lei natural do renascimento, da reencarnação, a obrigação de reviver? Não deveria ver o inferno, o purgatório, a expiação, a reparação, o progresso nas sucessivas fases espíritas que se seguem a cada existência terrena, nas reencarnações múltiplas, precedida cada uma de sofrimentos ou torturas morais, na erraticidade, proporcionados e apropriados aos crimes ou faltas cometidos pelo Espírito e que levam o culpado ao arrependimento, ao desejo de reparar suas culpas e de progredir para o bem? Não deveria a Igreja ver em tais palavras a indicação dos caminhos e dos meios pelos quais, graças à onipotência de Deus, de acordo com a lei natural e imutável da expiação e do progresso, o homem, criado perfectível, é chamado inelutavelmente a transformar-se em novo homem, seja qual for o uso que tenha feito do seu livre-arbítrio, sejam quais forem os seus transviamentos ou atrasos na jornada?

Não deveria reconhecer que as reencarnações sucessivas, a princípio expiatórias nos mundos inferiores, depois gloriosas nos mundos superiores, são a alta escada que o homem tem de subir e que, subindo-a, ele se eleva progressivamente até atingir a perfeição moral humana, que o conduz a Deus?

Certamente. Deus quer que todos os seus fi-

lhos se salvem[30] e que partilhem todos do conhecimento da verdade, assim o selvagem da Oceânia, como o homem da Europa civilizada, tanto o Neo-Zelandês, o Lapônio, o Esquimó, como o "pai da Igreja". Ele quer que todos cheguem à "casa paterna", em cumprimento desta sentença de Jesus: "Sede perfeitos, como é perfeito vosso pai que está nos céus".

V. 8. O Espírito sopra onde quer; tu lhe ouves a voz, mas não sabes donde ele vem, nem para onde vai: assim é todo aquele que é nascido do Espírito .

Jesus era nascido do Espírito. Todo homem, que não vive em seu corpo, mas em sua inteligência, pode dizer-se, como Jesus, nascido do Espírito.

Do corpo procede o corpo. Todos conhecem a fonte donde ele provém e a matéria que o compõe. Quão poucos, porém, são hoje, como ao tempo de Nicodemos, os que podem dizer *donde vem e para onde vai o Espírito, qual a sua essência, em que momento anima o vaso de argila que lhe serve de envoltório!* Que é, para a humanidade, a inteligência? Será um corpo palpável, sensível? Pode fixar-se o momento da sua presença ou da sua ausência? Sabe-se donde o Espírito vem e para onde vai?

Só o pode saber aquele que nasceu do Espírito. Precisamos explicar e desenvolver o nosso pensamento. Entre os homens, poucos se acham em estado de viver *pelo Espírito.* Compreendei, amigos, que não falamos dos que entre vós são tidos por "inteligências de escol", por "homens notáveis". Sob o ponto de vista do saber, da profundeza dos conhecimentos, ah! bem pouco va-

[30] Ver 1ª Epístola de Paulo a Timóteo, cap. II, vv. 3-4.

lem na sua maioria, diante do que ignoram e não cuidam de compreender, acerca da escala dos seres e dos mundos, diante da eternidade, do infinito, dos mistérios que os envolvem, mesmo na Terra. A matéria corporal é o agente de que fazem a sua principal divindade. Falamos, muito ao contrário, das almas simples, simples não como os homens, por ignorância ou incapacidade intelectual, o entendem, mas *simples pela humildade do coração e do Espírito;* dessas almas que, tanto quanto lhes permite a sua condição de homens, escapam aos entraves da carne e vivem realmente a vida humana, porém como se dela não fizessem parte. Está claro, compreendei-o bem, que isto dizemos, não com relação às necessidades, sejam estas quais forem, do animal e sim com relação às necessidades do Espírito e da inteligência.

Somente os que compreendem a sua origem divina e se esforçam por aproximar-se cada vez mais do divino modelo sabem que nasceram do Espírito; sabem *donde vêm e para onde vão;* sabem que o Espírito sopra onde quer *e lhe ouvem a voz;* sabem *donde ele vem e para onde vai.*

Assim, quando vos dizemos: "Todo homem que não vive em seu corpo, mas em sua inteligência, pode dizer-se, como Jesus, nascido do Espírito", compreendei que falamos do homem que não vive em seu corpo, mas em sua inteligência esclarecida pelo facho espírita que os Espíritos do Senhor empunham, para sobre ela projetarem a luz, inspirando-lhe ou revelando-lhe a verdade.

Só é nascido do Espírito aquele que se encontra em condições de compreender os mistérios que vos desvendamos. Todavia, entre os que recebem a luz, muitos há que *continuam cegos;* entre aqueles a quem é concedida a faculdade de ouvir, muitos há que *continuam surdos.* Não basta que o homem receba a revelação, que saiba *donde vem e para onde vai.* Cumpre-lhe viver como vivem os que *nasceram do Espírito, no* sentido de que,

exercendo seus Espíritos domínio sobre a matéria, eles se esforçam por aproximar-se cada vez mais do divino modelo. Ah! quão poucos ainda se hão libertado da escravidão da matéria! Não invoqueis, por desculpar-vos, as necessidades da vida, as obrigações materiais, as leis da sociedade, para com a qual, membros que sois da grande família humana, tendes que cumprir todos os deveres atinentes ao vosso progresso pessoal e ao progresso coletivo, exemplificando todas as virtudes, de acordo com a lei de amor, pela prática da justiça, da caridade, da fraternidade. Nada disso é incompatível com a vida espiritual.

Em meio do turbilhão da existência terrena, podeis sempre volver os olhos para o farol que mantemos aceso por cima das vossas cabeças. Se assim fizerdes, passareis sem vos manchardes por entre todas as baixezas da humanidade, por entre as necessidades factícias, que vos tornam cúpidos, avaros e duros; por entre as ambições do orgulho, que vos levam a esmagar todos os que se vos antepõem, a pisá-los para vos elevardes; por entre todas essas aberrações da animalidade, que fazem de uma necessidade qualquer um objetivo, um desejo insopitável, para cuja satisfação ides a todos os excessos, a todos os crimes.

Não, não. De nada serve ouvir a revelação, desde que se continua a viver como se não a tivesse recebido. De nada serve saber-se de onde se vem e para onde se vai, desde que se mude de caminho, porquanto aquele que assim faz se afasta do ponto de partida e não mais pode, senão com grandes dificuldades, atingir o ponto de chegada.

V. 9. Nicodemos lhe replicou: Como pode isso fazer-se?

Nicodemos tinha do renascimento uma idéia *confusa. (Intencionalmente* empregamos este *qua-*

lificativo). Ele o considerava como uma superstição dos antigos tempos. Tocado pelas palavras de Jesus, desejou uma explicação que o esclarecesse. A resposta que obteve, salientando-lhe a ignorância e fazendo-o reportar-se ao passado, foi apenas, como ides ver, para lhe tornar compreensível que, no que Jesus dissera, estava a sanção de uma realidade, de uma verdade já entrevista pelos sacerdotes e pelos escribas, pelos eruditos, em suma, e espalhada no seio das massas populares.

V. 10. Observou-lhe Jesus: Pois quê! És mestre em Israel e ignoras estas coisas!

Essa resposta de Jesus equivale ao seguinte: "Ignoras o que te digo sobre o renascimento, sobre a obrigação de *renascer,* de *reviver!* Entretanto, como mestre em Israel, devias estar a par de tudo isso, pois que muitos o disseram e ensinaram antes que eu destas coisas falasse." *Assim,* bem apreendido o sentido destas palavras: *"Não te admires* de que eu *haja dito* ser necessário que *torneis a nascer",* vê-se que Jesus se referia a uma coisa que no domínio *do passado* já era *realidade;* que ele não compunha apenas a forma *alegórica* de uma idéia ou de uma noção *nova;* que não apresentava uma *simples alegoria destinada a* servir de *base* às futuras interpretações humanas da Igreja, relativas a um renascimento *puramente espiritual* por efeito do batismo dágua, que ela administra, e da inspiração do *Espírito Santo.*

Nos livros antigos do templo, livros em que os levitas hauriam toda a *sua* ciência, *o renascimento* se encontrava assinalado. Não é que constituísse um ponto de fé, mas dele ali se falava como de um fato ordinário.

Os magos, que, como sabeis[31], se comuni-

[31] Ver os Evangelhos de MATEUS, MARCOS e LUCAS reunidos, 1[9] tomo, n. 43, pág. 228.

cavam com os Espíritos, que eram médiuns, tinham conhecimento da reencarnação, mas de modo menos desenvolvido do que vo-lo traz a nova revelação.

Todos os povos antigos conheceram, antes do aparecimento de Jesus na Terra, a lei natural, universal, do renascimento. *Consultai a história* antiga da Ásia e da Europa, especialmente a da Índia, do Egito, da Caldéia, da Grécia, dos Latinos, das Gálias. Citamos apenas alguns nomes, mas essa crença estava espalhada por toda a parte, era, repetimos, universal.

Quando Jesus apareceu na Terra, a idéia do renascimento, formando um amálgama de erros e verdades, constituía apanágio de reduzido número de eruditos, de iniciados.

No seio das massas populares ainda tinha voga, mas velada, imprecisa, coberta de superstições que a tornavam quase incompreensível.

Por toda parte encontrareis traços dessa crença. Entre uns, ela se vos mostrará positiva; entre outros, vê-la-eis incluída no rol dos contos da carochinha, das histórias de lobisomens e fantasmas. Mas esse legado das passadas eras, essa consciência da origem, varou as crenças populares. Era um gérmen destinado a substituir sempre até chegarem os tempos em que houvesse de produzir rebentos fortes e vigorosos. Foi para que esse gérmen se mantivesse vivo que, veladamente, Jesus lembrou o princípio do renascimento em muitos de seus ensinos, esparsos, como vos mostramos, pelos três primeiros Evangelhos; foi que o proclamou como fato verificado na pessoa de João, filho de Zacarias e de Isabel; foi que o proclamou ainda no seu colóquio com Nicodemos. Sempre, porém, o fez deixando à revelação que ele predisse e prometeu e que seria trazida ao mundo pelos Espíritos do Senhor, órgãos do Espírito da Verdade, o encargo de fazer brotar daquele germe os rebentos fortes e vigorosos, isto é: de desenvolver e explicar, *em espírito e verdade a* lei natural

e universal do renascimento, em seu princípio fundamental, suas aplicações e conseqüências, mostrando-a como pedra angular do edifício do progresso humano, como via e meio de depuração do Espírito, de alcançar este a perfeição moral.

Mas, conforme dissemos em explicações anteriores[32], essa tão grave questão tinha que permanecer *na sombra. É* que a reencarnação implica forçosamente as relações espíritas, as relações de além-túmulo, entre a humanidade terrena e o mundo invisível e isso era uma arma que o homem ainda não estava em condições *de manejar.* Assim, em vez de ser de utilidade para aquela época e de preparar o futuro, teria prejudicado a obra de regeneração, a marcha do progresso.

A quantos dos atuais pastores se podem dirigir estas palavras que Jesus dirigiu a Nicodemos: *Pois quê! és mestre em Israel e ignoras estas* coisas!

Se os "doutores de Israel" houvessem estudado, esquadrinhado os arquivos, trabalhado enfim por instruir-se, com o desejo de instruir os outros e não com o propósito de se servirem da luz como de arma contra o vulgo, teriam sabido aquelas coisas, como as devera saber Nicodemos. Mas, a ignorância é filha do orgulho, deriva deste, e o orgulhoso se julga sempre bastante sábio. Pensa sempre ter ascendido ao fastígio da ciência, por ver que há outros mais ignorantes do que ele. Também, por vezes, teme descer ao fundo de certos conhecimentos, receando encontrar lá a sua própria condenação.

Entre vós, quantos "doutores de Israel" vivem!

V. 11. Em verdade, em verdade te digo que dizemos o que sabemos e damos testemunho do que

[32] Evangelhos de MATEUS, MARCOS e LUCAS, reunidos (29 tomo, pág. 498).

temos visto; entretanto, não recebeis o nosso testemunho.

Palavras proféticas, que se podem aplicar a todos os homens, em todas as épocas.

A incredulidade, como a sua companheira — a ignorância, é também filha do orgulho. Aquele que se julga *sábio* não aceita o que diz o humilde, o pequeno, *como ele o considera.* Não se dá sequer ao trabalho de estudar a questão que lhe é proposta e que sem mais exame repele. Para quê? O que temos basta. Para que procurar outra coisa?

As palavras, com que Jesus declarou que não dava testemunho (relativamente à reencarnação) senão do que vira, são mais uma prova da sua origem extra-humana. Proferindo-as, *ele declara ter conhecimento e lembrança* do que vira. Ora, esse conhecimento e essa lembrança não os *pudera* ele ter e não teria, se estivesse sofrendo a encarnação humana como a sofreis. Só na condição de Espírito livre os podia ter, como de fato tinha, precisamente porque era *sempre Espírito,* apenas revestido de um corpo de natureza perispirítica, tangível.

Entretanto, não recebeis o nosso testemunho. Estas palavras eram especialmente proféticas. Profetizavam que os Judeus, a Igreja, as seitas cristãs dissidentes e os outros homens diretores das massas populares haviam, como Nicodemos, de lhe interpretar mal as palavras ou de não as compreender, de rejeitar, *portanto,* a reencarnação que, conseguintemente, só pela revelação espírita, pela nova revelação, seria posta em foco *para todas as vistas,* em espírito e verdade, quanto a seu princípio fundamental, suas aplicações e suas conseqüências.

V. 12. Se não me credes quando vos falo das coisas terrenas, como me crereis, quando vos fale das celestiais?

Nicodemos e os magnates da Igreja deviam conhecer os mistérios da reencarnação tal como o passado lhes punha diante dos olhos. Porém, a ignorância de uns (ignorância que provinha do nenhum desejo de se instruírem e não da falta de elementos para isso) e o interesse de outros, levando-os a conservar oculto o que sabiam, faziam que ignorassem ou fossem tidos por ignorantes de um fato que deviam conhecer.

Despojado da *letra o espírito,* aquelas palavras significam: "Se, quando vos falo do renascimento do Espírito em um corpo novo, coisa que deveríeis saber, pois que se passa sob os vossos olhos, não me credes, como poderíeis, inteligências limitadas e rebeldes que sois, elevar-vos ao ponto de compreender o que se passa numa região donde tão afastados estais? Como compreenderíeis as coisas do céu, isto é: os segredos da inteligência, dos astros, da natureza, da criação inteira, se não podeis compreender o ato material que se efetua debaixo das vossas vistas?"

Oh! homem baldo de inteligência, mas enfunado de orgulho, queres elevar-te às regiões em que habita o Espírito, essência de todos os princípios, e tens tão obscurecida a vista, que não logras ver o que se passa a teus pés! Queres conhecer a origem do Espírito e nada conheces das transformações do corpo.

Estuda, homem ignorante, eleva-te e poderás compreender!

V. 13. Também, ninguém subiu ao céu senão aquele que *desceu do céu,* a saber: o filho do homem, *que* ESTA *no céu.*

Estas palavras queriam dizer: "Só eu posso saber o que se passa no céu, porque só eu desci ao meio de vós, para desempenhar uma grande e santa missão, conservando a lembrança da pátria donde *vim e da qual não estou separado.* Só eu,

na Terra, posso *voltar* para junto de meu pai. Só *eu, essência diferente da vossa, posso,* vivendo entre vós, viver igualmente entre meus irmãos e repousar a cabeça no regaço de meu pai. Só eu, portanto, posso saber o que se passa na casa paterna, pois que, ausentando-me dela para vos visitar, não a deixei e não tardarei a de novo entrar nela."

Despojai aquelas palavras do caráter *figurado* que apresentam e. vereis que Jesus, referindo-se, como sempre, ao vosso planeta, aos encarnados que o habitam e aos Espíritos que, sob a sua direção, trabalham pelo desenvolvimento e progresso da humanidade terrena, afirma a sua posição espírita e a sua natureza extra-humana. Dizendo que *"ninguém subiu ao céu senão ele, o filho do homem",* afirma que só ele, dentre vós, atingira a perfeição sideral. Dizendo que *"ninguém* descera *do céu senão ele, filho do homem, que* está *no céu",* afirma que só ele, vivendo *entre os homens a quem fala,* está *na terra,* tendo descido *do céu,* e está ao mesmo tempo *no céu, é* sempre Espírito, livre no espaço. Afirma, *desse modo,* que só ele, entre os homens, não estava sujeito a um corpo material de carne como os vossos, não lhe sofria o jugo; que se achava revestido de um corpo que lhe deixava ao Espírito toda a liberdade e toda a independência para aparecer entre os homens ou desaparecer no espaço. Afirma, por conseguinte, sua origem e sua natureza extra-humanas, naquele corpo de natureza perispirítica, mas tangível. Afirma que está constantemente em relação com o Pai, que sabe o que se passa na imensidade, que, salvo quando atendia às exigências da sua missão terrena, ocupava seu lugar na falange celeste.

V. 14. Assim como Moisés alçou no deserto a serpente, do mesmo modo importa que o filho do homem seja alçado.

Alusão à morte aparente que havia de sofrer e que serviria de símbolo de aliança para todos os que queriam e viessem a querer seguir-lhe as pegadas.

Essa morte e as circunstâncias em que ocorreu serviram para tocar as inteligências e para atrair sobre ele todos os olhares.

Homens, quem quer que sejais, volvei com confiança os olhos para a cruz. Qualquer que seja a nação a que pertençais, qualquer que seja o vosso culto, pensai naquele que, humilhando-se, se elevou aos olhos da humanidade e compreendei que, caminhando nas suas pegadas, podeis, por mais humilde que seja a vossa condição, elevar-vos na cruz de miséria e de humilhação, para alcançardes o "reino dos céus": a perfeição moral humana.

Todo aquele que se voltava com fé para a serpente de bronze que Moisés alçou no deserto, todo aquele que elevava para esse emblema os olhos, ficava curado de seus males físicos. Moisés tratava materialmente um povo material. Jesus, alçado na Cruz do Calvário, atrai os olhares dos que sofrem moralmente e os que se voltarem para ele com esperança e fé acharão a cura de seus sofrimentos, porquanto aprenderão a suportá-los com coragem, resignação e mesmo reconhecimento, sobretudo se forem iluminados pela luz espírita, que lhes mostra a existência humana como sendo, para o Espírito, o único meio de se purificar e progredir, passando pelas provas que escolheu, caminhando pelas sendas da expiação e da reparação que se impôs, ou que lhe foram traçadas e abertas pela sabedoria e pela previdência paternais do Senhor e por intermédio de seus mensageiros. Aquele que sabe sofrer e sabe porque sofre já não sente o seu mal.

Como se operava a cura dos males físicos quando Moisés alçou a serpente de bronze no deserto?

Pelo concurso dos Espíritos protetores. Moisés, como sabeis, era um Espírito em missão, assistido, conseguintemente, pelos seus iguais e mesmo pelos seus superiores. Poderoso médium, guiavam-no as influências ocultas e benfazejas que o cercavam. A serpente não era mais do que um meio material de prender a atenção dos Hebreus, sempre inconstantes e revoltados, e de lhes fazer compreender o poder da fé, pois que só a fé operava a cura. Os Espíritos do Senhor atuavam sobre os corpos materiais humanos, por meio do magnetismo espiritual, aplicando à cura dos mesmos corpos os fluidos necessários.

V. 15. Para que todo o que nele crê não pereça e tenha, ao contrário, a vida eterna.

Quer dizer: Para que todos os que lhe seguirem os passos se depurem, se expurguem do fermento do homem velho e possam elevar-se de seus calvários para a morada celeste, isto é, possam, transpostos os mundos inferiores de provações e expiações, chegar aos mundos superiores e, galgando orbes cada vez mais elevados, atingir a perfeição sideral que, nas regiões dos fluidos puros, dá acesso à vida eterna, à vida dos puros Espíritos, os quais, libertos de toda influência da matéria, não estão mais sujeitos a encarnação ou incorporação alguma, seja fluídica, seja material.

Crer em Jesus é pôr em prática a sublime moral que ele personifica pelos seus ensinamentos e exemplos.

V. 16. Porque, Deus amou tanto o mundo que lhe deu o seu filho unigênito, a fim de que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

Deus, para vos auxiliar na vossa salvação, para ativar entre vós a obra do arrependimento,

vos enviou um modelo a ser por vós imitado. Enviou-vos um guia que vos ensinasse o caminho. Segui-o confiantes, pois que ele empunha o archote que brilha no "reino de Deus". Ele é o filho *único* do Pai, com relação aos homens, *pela sua pureza e pelo seu poder,* e por ser o *único encarregado* do desenvolvimento e do progresso do vosso planeta e da humanidade terrena, de vos conduzir à perfeição.

V. 17. Porquanto, Deus não enviou seu filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele.

Não, o Senhor não enviou aos homens um juiz, mas um guia, um amigo, um protetor. Tornai-vos, pela vossa confiança, merecedores da grande prova de amor que assim vos deu. Que a vossa submissão e o vosso reconhecimento ao Pai lhe provem que o que ele fez *por seus filhos* produziu frutos.

V. 18. Quem nele crê não é condenado; mas o que não crê já está condenado, pois que não crê no nome do filho unigênito de Deus.

Aquele que não crê em Jesus não cuida de lhe seguir os passos e só os que caminham nas suas pegadas podem esperar chegar ao fim. Mas, seguir a Jesus não é somente invocar o *nome* do Cristo, com aparentes mostras de reconhecimento, afetando uma prerrogativa de salvação. Seguir a Jesus é caminhar humilde, brando, resignado, casto, confiante, submisso, pela estrada que está aberta, pondo toda a esperança em Deus, aplicando a inteligência em viver santamente sob as inspirações da própria consciência. Seja qual for o culto que professe, o homem tem um sumo-sacerdote que o guia e ensina a honrar a Deus por atos, que não por palavras: a consciência. Que a escute. Jesus preside aos ensinamentos desse sacerdote e

o que por ele se deixa guiar segue as trilhas do filho do homem, do filho único do pai, com relação, repetimos, a vós, do pai eterno e onipotente, que é o único eterno, o único poderoso e o único Deus verdadeiro.

Quem nele crê não é condenado.

Quem não comete delito não tem que temer julgamento. Aquele que se esforça por acompanhar os passos do modelo que vos foi dado está precatado contra toda falta e, portanto, não tem que temer julgamento, pois deveis tomar o termo julgamento como sinônimo de condenação, no sentido de que o homem se condena a si mesmo pela falta que comete, visto que a sentença quem a profere é a sua própria consciência, sede do tribunal de Deus.

Mas o que não crê já está condenado, pois que não crê no nome do filho unigênito de Deus.

Esse que não crê faliu e, por conseqüência, está condenado. Os que se afastam das sendas de Jesus só o fazem por lhes parecerem estas muito difíceis de ser perlustradas. Preferem andar pelas bordas floridas dos precipícios e neles caem.

Destas palavras: "Pois *que não crê no nome do filho unigênito de Deus",* consideradas *ao pé da letra,* como *o faz* a Igreja romana, poder-se-ia concluir que aquele que não crê em Jesus, na sua missão terrestre, na sua divindade, *já está condenado,* isto é, segundo a Igreja, *condenado por toda a eternidade?* Poder-se-ia igualmente concluir que aquele que não crê na origem e na posição espíritas de Jesus como Espírito puro, protetor e governador do nosso planeta, segundo a nova revelação, já está condenado, isto é, submetido à expiação na erraticidade e depois à reencarnação na Terra ou em outros mundos inferiores? Não fora falsear a interpretação das palavras de Jesus admitir *que pudesse ser assim,* fosse qual fosse a boa-fé

do homem, mesmo quando, apesar da sua incredulidade *no nome* do filho único de Deus, isto é, na divindade que a Igreja lhe atribui *ou* na sua posição verdadeira, segundo a nova revelação, ele, não vendo em Jesus mais do que um homem como os outros, um filósofo ilustre, um reformador, houvesse, durante a sua existência terrena, como *o* Samaritano, tecido um manto de caridade, construído para *si* um pedestal de boas obras, praticando, com simplicidade de coração e humildade de Espírito, *o* trabalho, o amor, a caridade, a justiça e a fraternidade?

A Igreja romana afastou os homens da interpretação *segundo o espírito,* que dá o verdadeiro sentido *da letra,* porque tinha necessidade de os conservar no círculo estreito que ela lhes traçara, pois que tudo tem a sua razão de ser na marcha dos tempos, de conformidade com as fases, as condições e os meios de progresso do espírito humano.

Já o temos dito e repetimos: os atos são o que há de principal na existência humana. A fé em Deus é a base dos atos. Crede no vosso Deus; obrai por amor dele; sede caridosos, brandos e humildes de coração; *segui os preceitos de Jesus,* quer os atribuais a um enviado do Senhor, segundo a verdade evangélica, espírita, quer os imputeis ao *próprio* Deus, segundo o erro dogmático da Igreja, quer ainda os considereis de uma criatura *tal como vós,* dotada de inteligência mais elevada do que a de seus irmãos, segundo o erro dos que se mostram incrédulos, não por orgulho, mas por ignorância. Seja como for, segui-lhe os mandamentos, segui-lhe a moral e sereis "cristão". Deixai que a *vaidade humana* se apegue *à glória das palavras.* Que importa à grandeza divina, à luminosidade do facho da verdade, que lhe rendais, por palavras, as homenagens que lhe são devidas, ou que, por ignorância ou por efeito de falsas e mentirosas interpretações, a rebaixeis até a vossa estatura? Avançai, avançai pela estrada

que Jesus vos abriu; segui as pegadas que ele aí deixou, quer vejais nelas a luz do facho divino, quer a marca dos passos do homem. Ide sempre para diante e no termo da jornada o encontrareis, pronto a vos receber e mostrar a *verdadeira luz.*

Assim, o que importa é que não haja senão ignorância e boa-fé e que o erro ou a incredulidade não sejam companheiros do orgulho, nem fruto de um sentimento por este inspirado?

Certamente, pois que mesmo os atos não passam de obras mortas, se praticados unicamente por orgulho ou respeito humano, como também não passam de obras mortas, se praticados por egoísmo.

Aquele que vê a luz, que sente no coração os efeitos de seu calor vivificante, mas que a repele, que a nega, impelido por interesses materiais, por sentimentos mundanos, ou por orgulho, esse deixa de ser "cristão" de fato, já não está no caminho, já não segue o modelo.

Aqui só falamos dos homens de boa-fé, que não crêem porque não compreenderam; que não aceitam a verdade, senão porque suas inteligências, ainda pouco desenvolvidas, não estão maduras para a colheita; que vivem na ignorância, porque ninguém os veio esclarecer, ou porque os que os esclareceram tão mal o fizeram que a cegueira foi a conseqüência.

Repetimos: Falamos dos homens simples e conscienciosos e não dos fanfarrões da incredulidade ou dos hipócritas da fé.

V. 19. O motivo desta condenação é que a luz veio ao mundo e os homens amaram mais às trevas do que à luz, por serem más as suas obras.

Dupla explicação se faz aqui necessária: uma — *"cristã";* outra — *"espírita".* Por "cristã" en-

tenda-se — atinente à época de Jesus feito "homem". Os que viam fecharam os olhos, porque não queriam introduzir no seu proceder as reformas necessárias, sem as quais não caminhariam na via da salvação.

Do ponto de vista *espírita, são as* mesmas *a* interpretação e a explicação. Supondes que o Senhor tenha por inocente o homem que, esclarecido pela nova revelação, dada ao mundo para confirmar *todos os fatos* do Cristianismo, recusa entrar no caminho que lhe ela abre, não por incredulidade, mas por não impor a si mesmo um jugo que lhe parece excessivamente pesado? *não* por escrúpulo de consciência, *mas* porque não quer ser forçado a escutar de contínuo a voz que em vão há tanto tempo lhe brada: "Caminhas por uma estrada coberta de flores, mas que exalam sutil veneno; a morte te apanhará, antes que hajas chegado ao fim da tua caminhada"?

Sim, julgados e condenados são os que rejeitam a reforma, porque não se querem reformar; que rejeitam a luz, porque esta os esclarece e eles preferem as trevas; que rejeitam a palavra de verdade, porque a seus ouvidos ressoa a mentira e eles preferem suas vozes melodiosas às ásperas censuras da consciência.

Sim, esses são condenados. Eles são os juizes de si mesmos e a si mesmos infligirão as penas.

V. 20. Porque, todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se aproxima da luz, a fim de que suas obras não sejam argüidas.

É o resumo do que acabamos de dizer. Aquele que se compraz nas suas iniqüidades, nos seus transviamentos, recusa aceitar a lei que o força a rejeitar, com vergonha e asco, aquilo mesmo que era motivo de suas alegrias ou de sua vaidade. Prefere, portanto, as trevas à luz, o silêncio às vozes amigas da consciência e do dever. Feita

assim a sua escolha, ele se tem julgado a si mesmo, a si mesmo se tem condenado. *Escolheu a sua pena, sofrê-ia-á.*

"Orai, ó bem-amados, orai por esses pobres pecadores endurecidos, que nada querem ouvir, e *dizei conosco:*

Senhor, permitiste que a tua luz descesse até nós para nos aquecer os corações, para nos reanimar as inteligências e para despertar os nossos sentimentos entorpecidos.

Faze, ó Deus de misericórdia, que todos, sem exceção, participemos dos benefícios dessa luz regeneradora. Faze, ó Deus, que ela brilhe igualmente para todos. Envia, Senhor, teus Espíritos àqueles que ainda se acham afastados da *verdade.* Que eles rasguem o véu que a oculta, para mostrá-la, em toda a sua beleza, aos que dela desviam a vista. Que, seduzidos pelos seus encantos, esses repilam para longe de si, com horror, os ídolos vãos que ainda incensam, se aferrem à verdade e a sigam com amor.

Deus de bondade, pai de misericórdia, permite que as nossas fracas vozes possam fazer ressoar aos ouvidos de nossos irmãos palavras persuasivas. Concede que os nossos corações regenerados possam enlaçar, num impulso de amor, os dos nossos irmãos que se acham distanciados. Dá-nos as propriedades do ímã, a fim de que, atraindo a nós todos os que temem, sofrem, negam, se transviam, possamos carregá-los nos braços e, apertando-os de encontro ao coração cheio de amor, depô-los a teus pés, Senhor, como braçada de flores escolhidas, cujo perfume subirá ao teu trono.

Deus de bondade, secunda os nossos esforços. Dá-nos a persuasão, a doçura, a perseverança, a fé forte que transporta montanhas, a confiança inabalável, o amor, Senhor, o amor que

nos aproxima de ti, estendendo-se por sobre todas as tuas criaturas."

JUDAS ISCARIOTES. [33]

V. 21. Mas, aquele que pratica a verdade se chega para a luz, a fim de que sejam manifestas suas obras, visto que são feitas em Deus.

Aquele que procede de acordo com a verdade é, foi e será, em todos os tempos, o que se esforça, esforçou e esforçará por submeter seu pensamento, seus atos à lei divina, tal como Jesus a proclamou, declarando *encerrar ela toda a lei e os profetas.* Esse ama a luz, pois que só esta o pode guiar e ele a busca, porquanto nada tem em si de vergonhoso, que ela possa pôr em evidência.

Ó bem-amados nossos! sede do número dos que buscam a luz. Sede do número dos que podem mostrar-se nus aos ardores do sol divino, sem remorsos, nem vergonhas.

Vinde, filhos que educamos com amor, que carregamos em nossos braços, vinde receber os eflúvios dessa luz deslumbrante, que irradia de todos os lados, a toda a parte levando a seiva e a fecundidade. Vinde aquecer vossos corações transidos, vossos membros inteiriçados. Vinde, nós vos sustentaremos, vos carregaremos como criancinhas, para que, com o nosso amparo, vos possais aproximar dela cada vez mais e fertilizar as vossas almas sob a ação de seus raios benfazejos.

[33] Ver, no comentário dos três primeiros Evangelhos, a manifestação precedente do Espírito de Judas Iscarlotes. *(39* tomo, *págs. 392-393.)*

CAPÍTULO III
Vv. 22-36

João dá testemunho de Jesus

V. 22. Depois disso veio Jesus com seus discípulos para a terra da Judéia e ali se demorou com eles a batizar. — 23. João também batizava em Enon, perto de Salim, porque havia lá muitas águas; e muitos lá iam e eram batizados. — 24. Porque, a esse tempo, João ainda não tinha sido metido no cárcere. — 25. Uma questão surgiu entre os discípulos de João e os Judeus acerca do batismo. — 26. Aqueles, indo ter com João, lhe disseram: Mestre, esse que estava contigo além Jordão e de quem deste testemunho, eis que também batiza e todos vão a ele. — 27. João lhes respondeu: Não pode o homem receber coisa alguma, se do céu não lhe foi dada. — 28. Vós mesmos me sois testemunhas de que eu disse: Não sou o Cristo, sou apenas um enviado adiante dele. — 29. O a quem pertence a esposa é o esposo; mas o amigo do esposo, que com ele está e o ouve, muito se regozija por escutar a voz do esposo. Pois este gozo eu agora o experimento. — 30. É preciso que ele cresça e que eu diminua. — 31. *Aquele que* VEIO do alto está acima de todos; aquele que tira da terra sua origem é da terra e da terra são suas palavras. O que veio do céu está acima de todos. — 32. Dá testemunho do que viu e ouviu e ninguém recebe o seu testemunho. — 33. O que recebe o seu testemunho atesta que Deus é verdadeiro. — 34. Aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus, pois Deus não lhe dá seu Espírito por medida. — 35. O pai ama o filho e tudo lhe pôs nas mãos. — 36. O que crê no filho tem a vida eterna; o que, porém, não crê no filho não verá a vida e a cólera de Deus permanece sobre ele.

N. 10. (V. 22.) Destas palavras: *"e ali se demorou com eles a batizar", eis aqui o* sentido exato e real: Jesus batizava por intermédio de

seus discípulos, não por suas próprias mãos. Mas, como os discípulos obravam em seu nome, a ação estava toda sujeita à sua personalidade. Do mesmo modo é que dizeis: "Recebeu o batismo do Cristo." É o que se encontra expressamente declarado nos vv. 1 e 2 do cap. IV de João.

Jesus mandava que seus discípulos administrassem o batismo d'água, que João o Precursor já administrava, para lhe conservar o caráter simbólico e material. É o que a Igreja pudera e devera ter compreendido. Ela devera ter continuado a praticá-lo, sem lhe alterar o objeto e o fim, e, sobretudo, sem o sujeitar às suas errôneas interpretações dogmáticas, que lhe desnaturaram e falsearam o sentido e o alcance.

(V. 25.) Quanto à questão que surgiu entre os discípulos de João e os Judeus, acerca do batismo, ou da purificação, porque no caso os dois termos são sinônimos, ela se originou de não reconhecerem os Judeus a Jesus o direito de fazer o que João fazia. Não esqueçais que, quando Jesus deu começo à sua missão, João já era considerado como um profeta enviado à casa de Israel. Jesus, pois, era tido geralmente por um impostor, que usurpava o respeito devido a João, ou por um discípulo infiel, que desviava do Mestre a multidão. Para eles, o Messias tinha que se anunciar com mais brilho. Refleti nisso e lembrai-vos de que esperavam um chefe temporal, que viria restabelecer o reino de Israel.

(V. 26.) Não vos admireis de que, em conseqüência dessa questão, os discípulos de João lhe tenham ido dizer: "Mestre, aquele que estava contigo além Jordão e de quem deste testemunho, eis que também batiza e todos vão a ele." Somente alguns deles haviam assistido ao que se passara entre João e Jesus às margens do Jordão. Esses mesmos, porém, à falta de faculdade e de ação mediúnica, não tinham *visto,* nem *ouvido,* as manifestações espíritas. E, não obstante o que tinham

ouvido de João, em virtude da discussão com os Judeus e por efeito das interpretações dadas às profecias da lei antiga, se achavam influenciados pela idéia de que o Messias anunciado, ao fazer a sua aparição, realizaria coisas mais espantosas do que o ato do batismo, ou purificação, executado pelo Precursor.

Assistido constantemente pelos Espíritos superiores que o guiavam no desempenho da sua missão, João, na resposta a seus discípulos, debaixo da influência espírita e por inspiração mediúnica, dá testemunho de Jesus, se humilha diante deste. Como ele próprio o declara, sua missão consistia em preparar os caminhos ao enviado divino. Rende, pois, homenagem àquele que acima dele está, afirmando a natureza celeste da sua missão.

Temos que, despojando da letra o *espírito,* vos explicar, *em espírito e verdade,* o sentido e o alcance da resposta de João a seus discípulos.

V. 27. Não pode o homem receber coisa alguma, se do céu não lhe foi dada.

Estas palavras se referem ao ato que Jesus praticava por intermédio de seus discípulos. Elas significam: Se Jesus não tivesse o direito de purificar os pecadores, não se teria arrogado esse direito; e o próprio João não lho teria consentido, se ele não fosse realmente o Cristo.

Depois de lembrar a seus discípulos que já declarara não ser o Cristo, mas apenas um enviado adiante deste (v. 28), acrescenta João (vv. 29 e 30):

"O a quem pertence a esposa é o esposo; mas o amigo do esposo, que com ele está e o ouve, muito se regozija por escutar a voz do esposo; pois, este gozo eu agora o experimento; é preciso que ele cresça e que eu diminua."

Já tivemos ocasião de vos dizer que estas locuções — "o esposo", "o amigo do esposo" — eram tomadas às idéias, às tradições, aos costumes hebraicos. João empregava *figuradamente* a expressão "o esposo" para designar a Jesus, tendo em vista a honra que se prestava entre os Hebreus àquele que se casava. Jesus, que descera do *céu* para desempenhar na Terra a sua missão, era apresentado como o mancebo puro que, também ele, depõe a sua coroa nupcial, a fim de tomar e governar a família que para si constituiu.

Pela *"esposa"* que pertence ao *"esposo", a* Jesus, se designa a humanidade, que ele governa como Espírito protetor do planeta terreno e que lhe pertence *no sentido de que só* ele se acha encarregado do seu desenvolvimento e do seu progresso, só ele tem a missão superior de lhe falar quando desce ao seio dela.

A expressão — *"o amigo do esposo"* — também João a empregava figuradamente, para designar-se a si mesmo, pela razão de que o amigo do esposo é o que deste mais se aproxima e mais caro lhe é.

Falando do *"amigo do esposo que com ele está e o ouve e muito se regozija por escutar a voz do esposo",* João ainda se designa a si mesmo, como precursor de Jesus, seu devotado auxiliar, cheio de respeito e de amor para com ele e obedecendo-lhe à voz, jubiloso por tê-la ouvido, isto é, por ter visto começada a missão terrena do Mestre.

João *"experimenta o gozo de escutar a voz do esposo; é preciso que Jesus cresça e que ele diminua".* Quer isso dizer: ele experimenta o gozo de ver começada a missão de Jesus; é preciso que esta se desenvolva e que a sua, que era preparatória, se apague e termine.

Assim, pois, pelas palavras *figuradas* dos *vv.* 29-30, o que João disse a seus discípulos, despojado da *letra o espírito, foi:* "Jesus é aquele a quem, como governador do vosso planeta, per-

tence a humanidade terrena, é o *único* que tem a missão superior de lhe falar, quando desce ao seio dela. Eu, João, que apenas sou o seu precursor, seu auxiliar devotado, cheio de amor e de respeito para com ele, lhe obedeço à voz e me sinto jubiloso por ver começada a sua missão. Ela o está e é preciso que se desenvolva e que a minha, simplesmente preparatória, se apague e termine."

Em seguida, João, que, como sabeis, era médium, não só vidente e audiente, mas também inspirado, que falava por inspiração, conforme os casos, as circunstâncias e as necessidades da sua missão, profere, debaixo da influência espírita e da ação mediúnica, sem ter destas consciência, palavras, cujo sentido exato não compreendia, afirmativas da missão de Jesus, referentes à sua *natureza,* à sua *origem,* à sua *posição* e a seus *poderes,* com *relação ao vosso* planeta, à humanidade terrena e a todos os Espíritos que, sob a sua direção, trabalham ou concorrem para o desenvolvimento e para o progresso planetário e humano. Essas palavras são as seguintes:

V. 31. Aquele que veio do alto está acima de todos; aquele que da terra tira sua origem é da terra e da terra são suas palavras. O que veio do céu está acima de todos. — 32. Dá testemunho do que viu e ouviu e ninguém recebe o seu testemunho. — 33. O que recebe o seu testemunho atesta que Deus é verdadeiro. — 34. Aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus, pois Deus não lhe dá seu Espírito por medida. — 35. O pai ama o filho e tudo lhe pôs nas mãos.

Dizendo isso, João estabelece uma comparação entre ai próprio e Jesus. Ele, João, é um homem terreno, sofre a encarnação humana e suas palavras são da terra, emanam do homem *terrestre.* Segundo *o espírito que vivifica,* afirma a origem *extra-humana* de Jesus, quando diz: ele veio *do*

alto; não tira *da terra a* sua origem; não *é da terra; veio do céu; é, portanto, não* "homem *terreno",* revestido de um corpo *terrestre,* mas "homem *celeste",* revestido de um corpo *celeste,* isto é, fluídico por sua natureza e visível, *para olhos humanos,* pela tangibilidade, sob a aparência humana, mas considerado material pelos homens.

Dizendo: "Ele está acima de todos", João afirma a superioridade de Jesus sobre todos os Espíritos, encarnados ou errantes, *quer os* que se achem na Terra passando por provações e expiações para se desenvolverem e progredirem, *quer os* que se achem em missão, assistindo a Jesus e trabalhando sob a sua direção pelo progresso do vosso planeta e da humanidade terrena.

Afirma ainda essa superioridade, essa supremacia, que Jesus exerce, como Espírito protetor e governador da Terra, com os poderes ilimitados que recebeu do pai, declarando: *"O pai o ama (tem confiança nele) e tudo lhe pôs nas mãos".* Afirma que Jesus está em relação direta com o Pai e que não fala senão como órgão direto do Senhor onipotente, dizendo que, quando ele fala, *dá testemunho* do que *viu e ouviu, e* que aquele que recebe o seu testemunho atesta que *Deus é verdadeiro.* Não tendo tido *origem* na *terra,* não sendo *da terra,* não sendo homem *terrestre,* suas palavras não procedem da *terra.* Sendo homem *celeste,* em relação direta com o pai, cumprindo as vontades deste, que *só ele conhece e* que transmite, confiando a cada um tarefa proporcionada às suas forças, não profere senão *as palavras* de Deus. Não diz senão palavras de Deus, *porque Deus não lhe dá seu espírito por medida.* Quer isto dizer: porque ele conhece os mistérios da vontade divina e a verdade. Estando apto a compreender as vontades celestes e a contemplar o brilho da luz, não *é* necessário que Deus lhas vele.

V. 36. O que crê no filho tem a vida eterna; o

que, porém, não crê no filho não verá a vida e a cólera de Deus permanece sobre ele.

Por estas palavras João afirma que Jesus é vosso modelo, vosso guia, o encarregado do vosso desenvolvimento e do vosso progresso e de vos conduzir à perfeição; que só caminhando pelas suas sendas, acompanhando-lhe os passos, podeis chegar ao fim que vos cumpre atingir.

Nas explicações que já vos foram dadas em o n. 9, sobre os vv. 15, 16, 17 e 18, tendes o sentido e o alcance destas palavras, *segundo o espírito.* Muito fácil é compreendê-las. Aquele que crê — ama, obedece e merece. Mas, aquele que não crê se afasta, delinqüe e atrai sobre si o julgamento. *Não verá a vida;* permanecerá nas vias tenebrosas da encarnação material. *E a cólera de Deus permanece sobre ele: a* justiça do Senhor o conservará submetido à expiação.

Explicando, no n. 9, o v. 18, também já explicamos o que deveis entender, *em espírito e verdade,* por estas palavras: *"Aquele que crê no filho."* Acrescentaremos: Jesus personificava a moral, que ele declarou ser toda *a lei e os profetas,* que é anterior ao seu aparecimento na Terra. Aquele que, seja quem for, Judeu ou Gentio, católico ou protestante, cristão ou muçulmano, seja qual for a nação a que pertença, sejam quais forem seu culto, suas crenças, segue com simplicidade de coração e humildade de espírito a linha da justiça, do amor e da caridade, esse *"crê no filho", o conhece.*

Não esqueçais que aquele que hoje é, por exemplo, judeu, talvez tenha sido ontem um missionário da fé cristã e será, quem sabe, amanhã, um de seus mártires. Tende sempre em mente a reencarnação. As palavras de João, como as de Jesus, se aplicam aos Espíritos em via de reencarnar. Não se aplicam, no seu sentido próprio, isto *é, segundo a letra, aos* Espíritos encarnados

no momento e sim aos que acabam de o estar e aos que o estarão de futuro.

Quanto a estas palavras de João: *"E ninguém recebe o seu testemunho",* têm, *do ponto de vista geral, o* mesmo sentido das que já explicamos (n. 9, v. 11), dirigidas por Jesus a Nicodemos: *"E, entretanto, não recebeis o meu testemunho."*

Essas palavras de João eram *de atualidade* para seus discípulos, que não reconheciam a missão de Jesus; *de atualidade e ditas para o futuro* com relação aos Judeus e aos outros homens, que viriam a desconhecer aquela missão, a cerrar ouvidos à palavra do Mestre, a não caminhar nas suas sendas, a não lhe seguir os passos.

CAPÍTULO IV
Vv. 1-26

Colóquio de Jesus com a Samaritana. — Água viva que Jesus dá de beber e que se torna, naquele que a bebe, uma fonte que jorra até à vida eterna. — Não mais adorar o pai nem no monte, nem em Jerusalém. — Adoração do pai. — Os verdadeiros adoradores que o pai quer. — Os adoradores do pai em espírito e em verdade. — Jesus declara à Samaritana ser o Messias, isto é, o Cristo. — Sentido, alcance e objetivo destas palavras de Jesus: Deus é Espírito. — Explicação que a revelação atual dá de Deus

V. 1. Quando Jesus soube que os Fariseus tinham ouvido dizer que ele fazia mais discípulos e batizava mais pessoas do que João, — 2, se bem Jesus mesmo não batizasse e sim seus discípulos, — 3, deixou a Judéia e voltou para a Galiléia. — 4. E, como precisasse atravessar a Samaria, — 5, foi ter a uma cidade de Samaria, chamada Sicar, próxima à herdade que Jacob dera a seu filho José. — 6. Havia ali um poço que se chamava a fonte de Jacob. Cansado da caminhada, Jesus se sentou à borda do poço para repousar. Era por volta da hora sexta (meio-dia). — 7. Uma mulher de Samaria veio então tirar água ao poço e Jesus lhe disse: Dá-me de beber. — 8. (Seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimentos.) — 9. Mas, aquela mulher samaritana lhe disse: Como é que, sendo tu Judeu, me pedes de beber a mim, que sou Samaritana? Porque, os Judeus não se comunicam com os Samaritanos. — 10. Jesus lhe respondeu: Se conhecesses o dom de Deus e quem é o que diz: Dá-me de beber, talvez lhe houvesses tu pedido e ele te teria dado da água viva. — 11. Observou-lhe a mulher: Senhor, não tens com que a tires e o poço é fundo; donde haverias então a água viva? — 12. És porventura maior do que nosso pai Jacob,

que nos deu este poço, que dele bebeu, assim como seus filhos e seus rebanhos? — 13. Jesus respondeu: Todo aquele que bebe desta água tornará a ter sede; mas, o que beber da água que eu lhe der jamais terá sede. — 14. Ao contrário, a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte que jorrará até à vida eterna. — 15. Disse a mulher: Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem venha aqui tirá-la. — 16. Disse-lhe Jesus: Vai, chama teu marido e volta aqui. — 17. Respondeu-lhe a mulher: Não tenho marido. Replicou-lhe Jesus: Disseste bem, dizendo que não tens marido; — 18, porque cinco maridos tiveste e o que agora tens não é teu marido; nisto falaste verdade. — 19. Disse a mulher: Senhor, vejo que és profeta. — 20. Nossos pais adoraram neste monte e vós outros dizeis que em Jerusalém *é* o lugar onde se deve adorar. — 21. Jesus lhe disse: Mulher, crê-me, virá tempo em que não será nem neste monte nem em Jerusalém que adorareis o Pai. — 22. Vós adorais o que não conheceis, nós, porém, adoramos o que conhecemos, pois dos Judeus é que vem a salvação. — 23. Mas virá o tempo e já veio em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade; esses os adoradores que o Pai quer. — 24. Deus é Espírito e os que o adoram em espírito e verdade é que o devem adorar. — 25. A mulher lhe retrucou: Sei que virá o Messias, chamado Cristo; quando ele vier nos anunciará todas as coisas. — 26. Jesus lhe disse: Eu o sou, eu que te falo.

N. 11. (Vv. 1-2.) Com relação ao batismo que, por intermédio de seus discípulos, Jesus administrava, já recebestes, no n. 10, as explicações necessárias. Reportai-vos a essas explicações.

Quanto ao colóquio com a Samaritana, esse é da mais alta importância, de um duplo ponto de vista; do da compreensão das palavras do Mestre, *segundo o espírito, e* do das explicações que dessas palavras, como órgãos do Espírito da Verdade, temos que vos dar, daquilo que temos para

vos dizer, de acordo com o que agora podeis suportar.

Ao que refere a narração evangélica, Jesus, por estar fatigado da caminhada, se sentou à borda do poço para repousar. Isto reflete a apreciação humana dos narradores do fato, dos quais o evangelista foi eco fiel e que, como este, consideravam Jesus do ponto de vista *humano.* Porque, não o esqueçais, Jesus, *para a Samaritana,* como *para todos,* era um homem *igual aos outros,* revestido do corpo material do homem planetário, sujeito, *portanto,* às necessidades, às contingências da existência humana.

Ele ali se sentou, porque previa a vinda da Samaritana, do mesmo modo que só lhe pediu de beber para entabular a conversação. Notai que não se vos diz que a Samaritana lhe deu de beber, nem que ele bebeu. O colóquio se trava imediatamente e Jesus o dirige de maneira que o ensinamento decorre dele, como da rocha a água viva.

Tudo, o lugar, a pessoa e o ato que esta vinha executar, tudo, naquele momento, de acordo com os preconceitos e as tradições da época, tinha que servir de base, de elemento e de meio para o diálogo e para os ensinamentos que dele haviam de derivar, de conformidade com as necessidades de então e do futuro, ensinamentos destinados a só se tornarem evidentes, claros, para as gerações vindouras, para aquelas, sobretudo, que teriam de receber a nova revelação, a revelação da revelação.

O primeiro ensino de Jesus está nos vv. 9-15. Tendo-se em vista as últimas palavras da Samaritana: *Sei que virá o Messias¸ chamado Cristo; quando vier, ele nos anunciará todas as coisas,* e o que Jesus lhe responde: *Eu o sou, eu que te falo,* verifica-se que as respostas do Mestre às diversas perguntas da mulher tiveram por fim ensinar, fazer compreender aos homens o seguinte: que, perante Deus, aos olhos do pai, não há *heré-*

ticos, nem *ortodoxos,* mas *tão-somente* filhos mais ou menos ternos, mais ou menos submissos, aos quais ele transmite suas instruções, sejam quais forem suas pátrias, suas crenças, contanto que seus corações os encaminhem para ele e que se mostrem prontos a receber os ensinos, os benefícios que ele lhes manda; que o Cristo, seu enviado celeste, vosso Messias, Espírito protetor e governador do vosso planeta, dá a todos os homens de boa-vontade, que lhos peçam, sejam eles o que forem, quaisquer que sejam seus cultos, crenças, nacionalidades, aqueles ensinos, aqueles benefícios, que abrem ao Espírito as sendas do progresso, de ordem física, de ordem moral e de ordem intelectual, e os encaminham para a perfeição.

Para os Judeus, que os perseguiam com seu ódio e seu desprezo, os Samaritanos eram *heréticos.* Eles, *os* Judeus, se consideravam os *únicos* filhos do Senhor, os *únicos* com direito a herdar o reino de Deus. Eram os *ortodoxos.*

Essa a razão por que, ao lhe dirigir Jesus, com o fito de travar o colóquio, estas palavras: *"Dá-me de beber", a* Samaritana lhe observa: "Como é que, sendo tu Judeu, me pedes de beber a mim, que sou Samaritana, pois que os Judeus não se comunicam com os Samaritanos?"

Jesus que, como Judeu, representa, para a Samaritana, *a ortodoxia* e que era tratado de *Samaritano* pelos Judeus, que usavam, para com ele, desse tratamento, como expressão suprema do ódio, da injúria e do desprezo que lhe votavam, responde, sendo o Messias: "Se conhecesses o dom de Deus e quem é o que te diz: "Dá-me de beber, talvez lhe houvesses pedido *e ele te teria dado da água viva."*

Suas palavras eram *"espírito e vida".* Tomando-as, porém, no sentido *literal e material, a Sam*aritana lhe pondera: "Senhor, não tens com que a tires e o poço é fundo; donde haverias então

essa água viva? És porventura maior do que nosso pai Jacob, que nos deu este poço, que dele bebeu, assim como seus filhos e seus rebanhos?"

Jesus, continuando, lhe responde: "Todo aquele que bebe desta água tornará a ter sede; mas o que beber da água que eu lhe der jamais terá sede. Ao contrário, a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte que jorrará até à vida eterna."

Assim, em nome do Pai de quem é ele o representante direto perante vós, de quem é o enviado, Jesus, vosso Messias, dá de beber *da água viva a todo aquele,* Judeu ou Samaritano, *que co*nheça o *dom de Deus* e o conheça a ele; a todos os homens, sejam quais forem suas pátrias e suas crenças. Se a Samaritana conhecesse o *dom de Deus e se* o conhecesse a ele, talvez lhe houvesse pedido dessa água viva e, se a tivesse pedido, Jesus lha *houvera dado.*

Para os Hebreus, o dom de Deus era o dom do *Espírito Santo,* isto é, a inspiração, o amparo, o concurso dos bons Espíritos, coisas que Deus concede a todo homem cujo coração o encaminha para ele e que se mostra pronto a receber seus ensinos, seus benefícios. O dom de Deus é a assistência, a inspiração, o amparo, o concurso dos bons Espíritos, que o homem recebe consciente ou inconscientemente e que lhe abrem ao Espírito, à inteligência e ao coração as sendas do progresso e o encaminham para a perfeição.

O que chamais a inspiração, o gênio da ciência e da caridade, e que o homem, na sua ignorância e no seu orgulho, atribui *exclusivamente a* si mesmo, é "o *dom de Deus".*

Conhecer o "dom de Deus" é saber que a assistência, a inspiração, o amparo, o concurso dos bons Espíritos podem ser dados por Deus ao homem.

Conhecer o Messias, isto é, o Cristo, é conhecer a moral que ele personifica, que declarou ser *toda a lei e os profetas,* que veio sancionar na

Terra e que é a lei divina, eterna e imutável como Deus, escrita na consciência de todas as criaturas e deposta no fundo de todos os corações.

A água do poço de Jacob era o símbolo *da matéria* que alimenta o corpo. *A água* viva, que Jesus teria dado à Samaritana se, conhecendo "o dom de Deus" e, conhecendo-o, ela lha houvesse pedido, e que dá a todo aquele que o conheça e conheça o dom de Deus, *é o símbolo* das *verdades eternas,* do progresso moral, que alimentam a alma e a elevam, que asseguram a predominância do espírito sobre a matéria, de tal maneira que aquele nunca mais se tornará escravo desta.

Assim, pois, despojado da *letra o espírito, a* resposta de Jesus à Samaritana exprime o seguinte: "Pedindo-te de beber, provei que eu, o Messias, isto é, o Cristo, sou enviado a todos os homens, quaisquer que sejam suas pátrias e suas crenças, sejam eles Samaritanos, Judeus ou Gentios; que, portanto, Deus nenhuma exceção faz de pessoas; que ele é o pai de *todos;* que todos os homens são seus *filhos.* Se soubesses que Deus pode dar ao homem a assistência, a inspiração, o auxílio e o concurso dos bons Espíritos, se conhecesses o objeto e o fim dessa assistência, dessa inspiração, desse auxílio e desse concurso; se conhecesses a moral que eu personifico, talvez me houvesses pedido de beber; e, se fosses assistida, inspirada, auxiliada pelos Espíritos do Senhor ter-me-ias, com o concurso deles, pedido de beber e eu te teria dado da *água viva,* isto é, da “água espiritual", que emana da fonte das verdades eternas e que dessedenta a alma, abrindo à inteligência e ao coração do homem as sendas de todo progresso."

“Tornará a ter sede quem quer que beba água idêntica à do poço de Jacob. Aquele que vive pelo corpo e para o corpo, sob o império da matéria, terá sempre sede das coisas da matéria. Ao contrário, aquele que beber da água que eu lhe der,

que dessedentar a alma com a água *espiritual* que lhe eu der, tirada por mim à fonte das verdades eternas; aquele que a saciar, praticando a moral que personifico, nunca mais terá *sede* das coisas da matéria. Ainda mais: a água que lhe eu der *se tornará* nele *uma como fonte* que *jorrará* até à vida eterna, isto é: será nele uma fonte de progresso moral, que *jorrará* até à perfeição, pois que todos os progressos são inseparáveis e solidários, se prestam, por assim dizer, apoio mútuo na senda da. perfeição, a fim de que o Espírito a esta chegue."

A Samaritana, não tendo compreendido, *segundo o espírito que vivifica, o* sentido e o alcance das respostas de Jesus, lhe pediu: "Senhor, dá-me *dessa água,* para que eu não tenha mais *sede,* nem volte a tirá-la *aqui."*

Quão poucos dos que se dizem representantes do Cristo na Terra compreenderam aquelas respostas do divino Mestre! Em vez de esperarem que os irmãos, a quem chamavam *heréticos,* lhes pedissem "a água viva" e em vez de darem dessa água aos que lha houveram pedido, eles, para com esses irmãos, aos quais deviam *amar,* usaram de intolerância, os perseguiram moral e fisicamente, condenando-os às torturas, aos suplícios, à fogueira, à morte!

Ainda hoje, quão poucos, dentre os vossos sacerdotes, levitas e "doutores da lei", compreendem, *segundo o espírito que vivifica,* aquelas respostas do Mestre e praticam o ensino que delas decorre!

Os versículos 19-26 encerram muitos ensinamentos que vos devem ser explicados de modo distinto e especial.

Diante das impressões que, do seu ponto de vista e de acordo com a sua inteligência, a Samaritana recebera por efeito das respostas de Jesus às suas perguntas, o divino Mestre, dando desde logo uma prova de suas faculdades extra-humanas

à mulher, prepara a continuação do diálogo, que a nova questão por ela formulada provocaria e que lhe abriria ensejo para os ensinamentos que ele queria e tinha de dar aos homens.

A mulher, conforme se deduz da sua linguagem quando diz: *"nosso pai Jacob, que nos deu este poço",* pertencia a uma família de Israelitas, que se associara ao culto dos Samaritanos, originários da Caldéia. Assim sendo e tendo em vista a autoridade do marido sobre a mulher entre os Israelitas, Jesus, em resposta ao pedido que ela lhe faz da água viva, para não mais voltar a tirar da do poço, lhe ordena: "Vai, chama teu marido e volta aqui." Ao que ela responde: "Não tenho marido." Diz-lhe então Jesus: "Disseste bem, dizendo que não tens marido, porque cinco maridos tiveste e o que agora tens não é teu marido; nisto falaste verdade."

Deu-lhe desse modo o Mestre uma demonstração de suas faculdades extra-humanas e, diante de tal prova, ela o considerou desde logo um *"inspirado por Deus",* tanto que lhe disse: "Senhor, vejo que és um profeta."

Muito espantada de que Jesus, sendo Judeu e, ainda mais, profeta, *qual ela o considerava,* entrasse "em relações com os Samaritanos", a mulher lhe dirige esta observação, que dá lugar a que ele lhe declare ser o Messias, isto é, ser o Cristo em pessoa que lhe falava: "Nossos pais adoravam neste monte e vós outros dizeis que Jerusalém é o lugar onde se deve adorar."

As respostas do Mestre a essa observação foram de natureza *a só serem* compreendidas e sobretudo praticadas, *em espírito e verdade,* pelas gerações vindouras, em tempos ainda *para vós futuros, como* fruto e conseqüência da nova revelação.

"Mulher, crê-me", diz ele, "virá tempo *em* que não será nem neste monte, nem em Jerusalém que *adorareis o pai."*

Referindo-se tanto àquela época como ao futuro, Jesus prediz a cessação, o desaparecimento de todos os cultos externos, que já então dividiam e separavam os homens, que haviam de surgir e de separá-los nos tempos que se seguiriam. Prediz a adoração do pai, abstraindo de todos os cultos que existiam e existiriam, praticados "nos templos construídos pelos homens" em qualquer parte, fosse "no monte, fosse em Jerusalém", mediante a celebração de cerimônias materiais. Prediz a adoração *do pai* no íntimo dos corações que, quando puros, são o seu único e verdadeiro templo, servindo-lhe de santuário a consciência e consistindo a adoração na homenagem a ele prestada pelo pensamento e pelos atos de justiça, de amor e de caridade praticados com sinceridade e humildade; consistindo também na prece espiritual, que é o culto interior da alma, único e verdadeiro culto que os homens prestarão ao pai, elevando-se por essa forma até ele, *em espírito e em verdade.*

As palavras de Jesus eram ditas para o futuro e ainda o são para muitos dentre vós.

Não continuam os homens a adorar a Deus "no monte e em Jerusalém?"

Não continuam divididos e separados pelos diversos cultos externos ainda existentes?

Não há ainda "Judeus e Samaritanos", *heréticos e ortodoxos?*

Desprezando, assim os ensinamentos, como os exemplos do Mestre, afastando-se da linha que os apóstolos traçaram ao prepararem os caminhos para a Igreja, *una, universal,* não continuou a Igreja a manter os preconceitos e as pretensões dos Judeus e dos chefes da sinagoga? E, subordinada a esses preconceitos e pretensões, não atirou os Judeus para a categoria dos Samaritanos, dos heréticos? Apropriando-se do privilégio de *ortodoxia* que os Judeus se arrogavam, não declarou *heréticos,* não perseguiu, não condenou mesmo à

morte, como *tais, todos os* que professavam crenças contrárias a seus dogmas humanos, a suas interpretações humanas?

Não afirma que *somente os* que lhe pertencem à grei são filhos do Senhor, que só esses hão de herdar o reino de Deus?

Não adora "em Jerusalém" e não repele todos os que adoram "no monte"?

Homens, por Jesus e com Jesus vos dizemos:

"Crede-nos, aproxima-se o tempo em que não será mais nem no monte nem em Jerusalém que adorareis o pai.

"Aproxima-se o tempo do desaparecimento e da cessação de todos os cultos externos que vos dividem e separam; o tempo em que, reunidos pela tolerância e pela fraternidade, em nome do que constitui *toda a lei e os profetas,* reunidos sob uma bandeira única que tem por exergo — *"Amor e Caridade"* — adorareis o pai em *todos os* lugares onde vos encontreis, "no monte", como em "Jerusalém."

Vós adorais, disse Jesus, *o que não conheceis;* NÓS, PORÉM, adoramos o que conhecemos, pois *dos Judeus é que vem a salvação.*

De acordo com o pensamento do Mestre, estas palavras tinham um sentido especial com relação à Samaritana e se aplicavam àquela época. Mas, ainda de acordo com o seu pensamento, tinham um sentido geral, como ensinamento dado aos homens, e se estendiam ao futuro.

A última frase — "pois *dos Judeus é que vem a salvação"* leva à compreensão delas, *segundo o espírito que vivifica,* desse duplo ponto de vista. Proferindo a frase citada, Jesus aludia às encarnações de messias de ordem inferior, relativamente a ele, que se verificaram de contínuo em a nação judia, a fim de manter puro o pensamento de Deus e preparar o advento do Verbo.

Quanto à Samaritana e a todos os homens entre os quais o pensamento puro de Deus se alterara por efeito de erros grosseiros, ou de culto idolátrico, esses todos "adoravam o que não conheciam", porque entre eles o pensamento de Deus não se conservara *puro.* "Nós, porém, os Judeus, adoramos o que conhecemos", por isso que entre os filhos da Judéia os profetas mantiveram puro o pensamento de Deus.

Essas palavras de Jesus se dirigem, *ainda hoje, a* todos os que, depois da sua missão terrena, se afastaram da idéia *pura* de Deus, conservada pelos profetas entre os Judeus, e multiplicaram a divindade, *o pai,* o Deus uno, indivisível, tentando encerrar na unidade a pluralidade.

Elas se aplicam à Igreja romana, como a todas as seitas cristãs dissidentes, que, por meio do dogma humano das três pessoas, adoram, não somente o *pai,* mas também "o filho" e o "Espírito Santo", não obstante haver Jesus, como o haviam feito Moisés e os profetas, proclamado a unidade e a indivisibilidade do Deus de *Israel,* quando disse, dirigindo-se *ao pai:* "A vida eterna consiste em te conhecer *a* ti, que és o único *Deus verdadeiro e* em conhecer a Jesus-Cristo que tu *enviaste."*

"Vós adorais o que não conheceis". Devendo adorar unicamente a Deus, *o pai,* adorais o que não conheceis, adorando o *filho* e o *Espírito Santo,* pois que não sabeis *quem é* "o filho", nem quem *é "o Espírito Santo".* Adorais o filho, que é uma criatura de Deus, filho bem-amado *do pai,* seu filho *único* pela sua superioridade, porque superior a todos, relativamente ao planeta terreno, pela sua pureza e pelo poder que o pai lhe outorgou. Adorais o filho, que *é* um Espírito de pureza perfeita e imaculada, vosso Messias, vosso protetor, mas também *vosso irmão,* porquanto, *em sua origem,* partiu do *mesmo* ponto inicial que vós outros, para chegar onde haveis de chegar, isto é,

à perfeição, e que a ela chegou sem jamais haver falido, momento esse que se oculta na noite das eternidades.

Adorais o "Espírito Santo", como se fora uma individualidade, quando essa expressão *figurada* designa um conjunto de criaturas de Deus, nas quais a vontade divina se reflete, o conjunto dos Espíritos do Senhor, dos puros Espíritos, dos Espíritos superiores e dos bons Espíritos, encarregados de executar as vontades do *pai,* de transmitir até vós, mesmo até mais abaixo — aos planetas inferiores ao vosso, a inspiração divina; compreendendo-se também naquela designação simbólica os messias, os protetores e governadores de planetas, como Jesus, primeiros ministros *do pai,* e todos os outros enviados ou missionários, seus ministros ou agentes, dentro da ordem hierárquica que lhes assina a elevação espírita.

A Igreja romana não relegou para segundo plano o pai, fazendo do filho o objeto exclusivo de seu culto de adoração?

E o culto prestado a Maria já não ameaça substituir o que ela, a Igreja, presta ao filho?

"Mas, virá o tempo, e já veio, em *que os verdadeiros* adoradores adorarão o pai EM ESPÍRITO E VERDADE; esses são os adoradores que *o pai* quer."

Estas foram palavras de atualidade, para aquela época, e palavras ditas para o futuro.

O tempo, de que falava Jesus, veio com ele, porquanto seus discípulos adoravam o pai em espírito e verdade. Depois deles, sempre houve, entre os homens, Espíritos mais esclarecidos do que os outros que, repelindo a *materialização* do culto, cultuavam o Senhor redendo-lhe as homenagens do pensamento, do coração e dos atos. Esse culto, *único* agradável a Deus, cada vez mais se generalizará no seio da humanidade e acabará por predominar.

Apóstolos da nova revelação, preservai-vos de cair no exclusivismo da Igreja romana, de fazer do grande progresso espiritualista, que abrange todo o vosso planeta e toda a humanidade, de fazer do Espiritismo, que é uma das fases da revelação permanente e progressiva de Deus — *uma seita.* Muitos homens há que, sem usarem o *título* de espíritas, sem de nenhum modo acreditarem nas manifestações de além-túmulo, adoram, entretanto, o Senhor *em espírito e verdade.*

Os *verdadeiros* adoradores que *o pai reclama,* seus adoradores *em espírito e verdade,* são todos aqueles que, seja qual for o rito que a encarnação os tenha levado a praticar, fazendo-os nascer em tal ou tal meio, repelem a *materialização* do culto, não reconhecendo, como templo único *do pai,* senão o coração do homem, nem outro Santuário que não a consciência do homem. São todos os que se elevam para *o pai,* prestando-lhe as homenagens do pensamento, do coração e dos atos, empregando sérios e porfiados esforços por praticar o amor a Deus acima de tudo e o amor ao próximo como a si mesmos. São todos os que, *vendo nos outros* homens *irmãos* seus, têm fé em Deus e praticam a caridade sob todas as formas, segundo a lei do amor. São todos os que se esforçam sempre, com sinceridade, por não fazer aos outros, no terreno físico, como no terreno moral e no intelectual, seja por palavras, seja por atos, o que não quereriam que lhes fizessem e se esforçam igualmente por fazer aos outros, do ponto de vista do bem, do que é justo, verdadeiro e bom, seja por palavras, seja por atos, tudo o que desejariam que lhes fosse feito.

Apóstolos da nova revelação, espíritas, espiritualistas! não sejais *dogmáticos, pois* que, se o fordes, vos tornareis *sectaristas;* falireis na tarefa que vos está confiada, falseando a missão que o Espírito da Verdade vem desempenhar no vosso mundo.

As verdades eternas, que sucessiva e progressivamente são reveladas ao homem, preciso é que ele as aceite livremente.

A aceitação dessas verdades tem que ser e é de fato obra do tempo e dos progressos do espírito humano.

Homens! todos vós, quem quer que sejais, qualquer que seja o lugar ou a situação que ocupeis nas raças humanas, quer se trate de civilizados, quer de selvagens, todos sois *chamados a* aceitar, com o correr dos tempos e mediante a reencarnação, essas verdades eternas, por efeito da liberdade de consciência, da liberdade da razão e da liberdade de exame.

Todos sois *chamados a* crer *no pai,* que é Deus, Deus uno, único e indivisível; *no filho,* que é Jesus, vosso Messias, Espírito protetor e governador do vosso planeta, *único* encarregado do seu desenvolvimento e do seu progresso, como dos da humanidade terrena e de a levar à perfeição; no *Espírito Santo,* que são os Espíritos do Senhor, Espíritos que trabalham ou concorrem, sob a direção do Mestre, para esse desenvolvimento e esse progresso.

Mas, sede adoradores do pai *em espírito e verdade.* Uni-vos, quaisquer que sejam vossas crenças, quaisquer que sejam, dentre os que ainda vos dividem e separam, os cultos exteriores que professeis. Uni-vos pela lei do amor, porquanto da prática dessa lei é que decorrerá o reinado da solidariedade, da fraternidade, da liberdade e da igualdade. Ela é que vos conduzirá *à unidade.*

Deus é *Espírito* e, os que o adoram, *em espírito e verdade é* que o devem adorar.

Estas, do mesmo modo, foram palavras ditas para *aquele momento e* para *o futuro.*

Dizendo-as para aquela época e referindo-se também ao passado, quis Jesus desligar o homem

da crença na *materialização* de Deus. Falou *assim* com vistas principalmente aos Gentios, porquanto, para os Judeus, Deus era *"Espírito", se* bem que entre eles, no seio das massas populares, igualmente existia e era necessário extirpar a crença na *materialização* de Deus.

As palavras do divino Mestre guardavam relação com a inteligência dos que o ouviam. Moisés definira Deus, usando desta expressão de imenso alcance na sua simplicidade: "Eu, o Eterno, *único* eterno, eu sou aquele que é". Deus é. Sua essência enche o espaço ilimitado; o universo infinito é a sua morada. Não há limites, nem medidas que o possam explicar. Ele é. Esta idéia, porém, tão ampla que a vossa inteligência, conquanto mais desenvolvida do que há dois mil anos, ainda não a compreende, estava por demais acima da dos homens a quem Jesus falava. *Ser,* para eles, era viver, era viver quase como eles viviam. *Daí* a existência, no espírito da maioria (referimo-nos ao vulgo), da idéia de *corporeidade material* em Deus, idéia que Jesus combateu, dizendo: "Deus *é Espírito e, os* que o adoram, em *espírito* é que o devem adorar." Quis com isto dizer: Deus é *inteligência e a* inteligência não tem forma palpável. Deus *é pensamento* e o pensamento não pode ser tocado. Deus *é fluido e* é, ao mesmo tempo, *infinito,* por conseguinte não *tem corpo que o circunscreva.*

O ensino era apropriado aos que o recebiam.

Aquelas palavras Jesus as disse também *para o futuro, no sentido de que se* destinavam a preparar, cada vez mais, para o homem, o conhecimento *do pai,* por efeito da compreensão que ele cada vez teria melhor do que é o *Espírito e* por efeito ainda da distinção que seria levado a fazer e a compreender entre o *infinito e o finito,* entre o que *é sem limite* e o que é *circunscrito,* portanto, entre *o criador incriado* e a *criatura.*

Deus *é Espírito, no sentido de que* todo princípio inteligente emana da suprema inteligência.

Deus é o Espírito dos Espíritos, indicando estas palavras humanas a superioridade de ser.

Se a linguagem humana pudesse exprimir o pensamento divino, tentaríamos conseguir que compreendêsseis Deus.

Deus é inteligência, pensamento e, como tal, criador incriado. É fluido e o fluido universal, que dele parte, com ele confinando, é o instrumento e o meio de todas as criações, que, no infinito e na eternidade, se operam de acordo com as leis naturais, imutáveis e eternas que ele mesmo estabeleceu. Essas leis são imutáveis e eternas, como eternas e imutáveis são a sua inteligência, o seu pensamento. Sob esse duplo aspecto é que ele é criador incriado, essência de toda vida.

Deus é o universal princípio inteligente que, por ato da sua própria vontade, atua sobre o fluido universal, operando neste todas as combinações, todas as transformações, de conformidade com aquelas leis imutáveis e eternas.

Esse universal princípio inteligente é que produz a criação universal, por vós chamada — a natureza, e é que tudo leva, segundo a lei imutável do progresso e da harmonia, do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, assim na ordem espiritual, como na ordem fluídica e na.ordem material.

Não é Deus o motor de tudo o que é? Não é ele o eixo principal em que se apóia toda a máquina? a roda fundamental de todas as engrenagens? Sem ele, o Espírito seria alguma coisa? Não é ele o princípio originário de tudo, de tudo o que vive, de tudo o que se move, de tudo o que é, no infinito e na eternidade?

Deus, como o disse o apóstolo Paulo (1' *Epístola aos Coríntios,* VIII, *v. 5), por ser o* criador incriado, é o *pai, de quem* todas as coisas tiram *o ser.* E ele nos fez *para* si, no sentido de que

todas as suas criaturas, com o objetivo da vida universal, do progresso universal, da harmonia universal, têm que atuar sobre a natureza, em todos os reinos e em todas as criações, segundo suas leis imutáveis e eternas, sob a impulsão da sua vontade superior.

Muito limitados são ainda as vossas inteligências e os vossos meios de comunicação para compreenderdes Deus em sua essência e na sua maneira de obrar como criador incriado. Todavia, imaginai-o qual sol do universo infinito, luz cintilante que só a águia da pureza pode contemplar face a face. Seu calor se derrama por sobre todos os mundos e os fecunda. Inteligência suprema, cria com o seu sopro a inteligência. Seu olhar cria a vida. E, no entanto (oh! quão nua é a vossa linguagem, quão indigente a vossa inteligência, que nos forçam a restringir a imensidade de Deus, sujeitando-o a comparações materiais), e, no entanto, Deus, o princípio de todos os princípios, a fonte inesgotável de todas as vidas, não é um corpo limitado como os homens o figuram, procurando compreendê-lo.

Já o dissemos e repetimos: Deus é o prin*cípio exclusivo e único* de tudo o que é, luz de tudo o que vê, fertilidade de tudo o que produz. Deus é a causa de todas as causas, que inutilmente os vossos sentidos grosseiros buscam apreender. Essa causa primária, inefável, se acha tão acima de qualquer inteligência, que só os que dela estão próximos a podem compreender.

Não haveis adorado a materialização de Deus? O Espírito, puro e santo, que se abaixou até ao vosso nível, para vos ensinar a *amar,* a sentir, a viver *nele,* não é a mais frisante imagem que Deus vos há podido dar de si mesmo?

Tudo o que acabamos de dizer acerca de Deus vos prepara a compreenderdes estas palavras que, debaixo da influência e da inspiração espíritas, mas sem ter consciência de uma e outra e sem

conhecer o sentido exato do que dizia, o apóstolo Paulo proferiu palavras cujo alcance integral *ainda* não podeis apanhar:

NELE *temos a* vida, o movimento *e o* ser: IN IPSO VIVIMUS ET MOVEMUR ET SUMUS.[34]

Tudo É *dele,* tudo É por ele e tudo É *nele: ex ipso* ET *per ipsum* ET in ipso SUNT *omnia.*[35]

Temos agora que vos explicar as seguintes palavras que, também debaixo da influência e da inspiração espíritas, mas sem ter disto consciência e sem compreender o sentido exato do que dizia, o apóstolo João escreveu, palavras essas que, de utilidade para aquele momento e destinadas a preparar o futuro, só a nova revelação tornaria compreensíveis aos homens, *segundo o espírito que vivifica,* em espírito e verdade:

"Três são os que dão testemunho no céu: o Pai, o Verbo e o Espírito Santo; e esses três são um."[36]

Influenciada, ao mesmo tempo, pelas idéias hebraicas acerca do *"Espírito Santo",* que era considerado *o próprio* Deus obrando junto dos homens, e pelas interpretações humanas de que resultou fazer-se do *"Espírito Santo"* uma personalidade do *próprio Deus,* uma parte de Deus, se bem que inseparável dele, e tendo em vista a *divindade* que era atribuída a Jesus, a Igreja se apegou a essas palavras de João para, interpretando-as *ao pé da letra,* formular o seu dogma humano *dos três deuses em um só,* porém *distintos,* embora *impessoais,* dogma a que ela chamou — "Santíssima Trindade". É um dos erros de que se emendará.

Sim, há três que dão testemunho no céu. Há, primeiro, o pai, *criador, causa única de tudo, aquele*

---

[34] Atos dos Apóstolos, XVII, v. 28.

[35] Epistola aos Romanos, XI, v. 36.

[36] JOÃO, 1ª Epístola, V, v. 7.

que é; Deus, *pai de todos,* que está acima de *todos,* que estende *por sobre todos* a sua providência e que é, portanto, o mesmo *para* todos.

Há, depois, o Verbo, manifestação palpável e visível da ação do criador sobre vós, do criador sob cujo vigilante olhar estais constantemente e que vos envia âncoras de salvação a que podeis e deveis agarrar-vos; o Verbo, que é o vosso Messias, Espírito puro e santo, protetor e governador do planeta terreno e *vosso irmão,* porque é, como vós, uma criatura de Deus, de Deus seu pai e vosso pai, seu e vosso Deus.

Há, em seguida, o Espírito Santo, a inspiração, *no sentido* de ser um reflexo da vontade divina, que só vos chega e é comunicada por intermédio dos enviados celestes, dos Espíritos do Senhor, *também vossos irmãos,* porque são, como vós, criaturas de Deus, que é igualmente vosso pai e pai deles, vosso Deus e Deus deles; o Espírito Santo, que são os Espíritos do Senhor, puros Espíritos, Espíritos superiores e bons Espíritos, os quais, como intermediários entre o pai e vós, são, de modo geral, no infinito e na criação universal, e, de modo especial, particular, com relação ao planeta e à humanidade terrenos, a personificação, os agentes da vontade divina, no tocante ao progresso universal, à vida e à harmonia universais.

"E *os três* são *um."* Estas palavras compõem uma linguagem *figurada.* Não materializeis. Os *três* são *um, porque o Verbo* e o *Espírito Santo,* isto é, os Espíritos do Senhor, como intermediários entre vós e o pai, se acham *na dependência* dessa causa inefável a que chamais Deus, na vossa linguagem humana. Os ramos, as folhas, os frutos *não dependem* da árvore que os faz nascer?

São um, porque o mesmo pensamento os anima. São um, como o vosso corpo é um, embora composto de membros que obedecem aos ditames da cabeça. É impossível, com a linguagem humana,

dar definição *exata* do que pertence *totalmente aos domínios espirituais.*

Os três não se confundem como *individualidade,* mas se confundem como *pensamento.*

Ficai sabendo: ainda depois de haver adquirido a perfeição moral humana, a perfeição sideral, o Espírito conserva, como antes, a sua individualidade, eternamente, por mais que se adiante, por maior que seja a sua superioridade no saber. Sendo ilimitado o progresso em ciência universal, o Espírito criado jamais pode igualar a Deus.

Homens, que se dizem filósofos e que acreditam haver penetrado o segredo do principio de todas as coisas, sustentam e ensinam que Deus É o todo universal; que constitui *uma ingenuidade* pretender-se que o criador incriado seja pessoal e distinto da natureza, de tudo o que É na ordem da criação.

Ingenuidade grande é a desses Espíritos "profundos". Eles chamam *todo universal — à causa primária* de todas as coisas. Que troquem os termos e encontrarão Deus; e terão, *no todo universal, o* instrumento e o meio de criação de todas as coisas, um *efeito sob a* ação da potência criadora; e terão, *como causa primária,* Deus, criador incriado.

Sim, nada pode ser *sem uma causa primária. Deus* é, aos vossos olhos, *"a causa genérica* de todas as causas *primárias". Dizemos* — genérica, no sentido de princípio criador de toda a geração em todos os reinos.

Perguntai *a* esses *sábios,* que não passam de pobres cegos a disputar sobre *cores,* qual *a nascente* desse todo universal, donde eles tiram todas as *coisas.* Que respondam, que o expliquem sem Deus, criador incriado, inteligência, pensamento, fluido; sem Deus, de quem parte e com quem confina o fluido universal, que, como instrumento e meio de todas as criações, de ordem espiritual,

de ordem fluídica, de ordem material, comanda tudo o que de Deus deriva, mediante leis eternas, imutáveis, como imutável é a vontade daquele de quem elas emanam; mediante a aplicação, a apropriação e o funcionamento, sob a ação espírita universal, dessas leis, que participam da essência mesma de Deus.

Eles dirão: *natureza, leis universais,* acaso. Mas, a causa, a causa primária, o tronco, onde o encontrarão? A natureza, como fonte primitiva e geratriz, o acaso, a harmonia universal não são apenas, *na boca desses homens orgulhosos e impotentes para compreender e explicar,* meras palavras com que disfarçam o *pensamento profundo* que só o termo Deus pode *traduzir?*

Deus, criador incriado, é pessoal e distinto da criação, como a causa é pessoal e distinta do efeito, se bem que este decorra dela e lhe permaneça ligado.

Deixai que divaguem. Deus é uma essência tão *acima* de toda e qualquer imaginação, que o homem *ainda* não pode nem deve tentar analisá-lo.

Não façais como as crianças de colo que, vendo brilhar uma chama, temerariamente estendem a mão para pegá-la. A dor é a conseqüência imediata da imprudência. Para *procurardes* compreender o que, dada a vossa natureza, vos é agora incompreensível, *esperai* que tenhais saído *das faixas infantis que ainda vos envolvem.*

Aguardai que vos tenhais purificado, para poderdes compreender. Por enquanto, não vos podemos dizer mais do que isto:

"Deus, o nosso Deus é o ser que é e será, desde e por toda a eternidade; é o soberano indulgente e benigno que reina sobre todas as coisas, inteligência suprema que dirige tudo o que é, no universo, na imensidade, no infinito".

Quanto tendes que progredir, pobres criancinhas, que ainda não abristes os olhos à luz, para poderdes suportar o brilho desse astro luminoso!

Dizemos — astro luminoso, por se nos não depararem na linguagem humana termos que possamos empregar para exprimir tão elevado quão grande pensamento!

Deixai que todos os pensadores devaneiem à vontade. Caminhai para diante e não esqueçais que, não sendo a luz feita para cegos, os que lhe quiserem pôr olhares indiscretos possivelmente ficarão atacados de cegueira.

CAPÍTULO IV
Vv. 27-42

Narrativa da Samaritana. — Os Samaritanos vêm ter com Jesus. — Acreditam nele. — Reconhecem-no como sendo o Salvador do mundo. — Palavras de Jesus a seus discípulos

V. 27. Nisto chegaram seus discípulos e se admiraram de estar ele falando com uma mulher; nenhum, porém, lhe perguntou: Que é o que lhe perguntas? ou: Porque lhe falas? — 28. A mulher, entretanto, largou o cântaro, foi à cidade e se pôs a dizer a toda a gente. — 29. Vinde ver um homem que me disse tudo o que tenho feito. Não será o Cristo? — 30. Muitos então saíram da cidade e foram ter com ele. — 31. Nesse ínterim, seus discípulos lhe rogavam que tomasse algum alimento, dizendo: Mestre, come. — 32. Disse-lhes ele: Eu, para comer, tenho um manjar que vós não conheceis. — 33. Ouvindo isso, os discípulos se puseram a inquirir uns dos outros: Ter-lhe-ia alguém trazido de comer? — 34. Jesus lhes disse: Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou, é executar a sua obra. — 35. Não dizeis que ainda há quatro meses daqui até à ceifa? Eu, porém, vos digo: Levantai os olhos e observai os campos já branqueando, prontos para a ceifa. — 36. Aquele que sega recebe recompensa e acumula frutos para a vida eterna, a fim de que, assim o que semeia, como o que sega, juntamente se regozijem. — 37. Porque, nisto é verdadeiro o ditado: Um é o que semeia, outro o que colhe. — 38. Eu vos enviei a segar aquilo que não é fruto do vosso trabalho. Outros trabalharam e vós entrastes nos seus trabalhos. — 39. Muitos foram os Samaritanos daquela cidade que creram nele, pelo que lhes referira a mulher, afirmando ter ele dito tudo quanto ela havia feito. — 40. Os Samaritanos que foram ter com Jesus lhe pediram ficasse na companhia deles e ele lá ficou dois dias. — 41. E muitos outros creram nele pelo que dele ouviram. — 42. Assim é que di-

ziam à mulher: Já não é pelo que nos disseste que cremos, mas pelo que nós mesmos temos ouvido dele é que sabemos ser este verdadeiramente o Salvador do mundo.

N. 12. Estes versículos encerram duas ordens de idéias e de fatos perfeitamente distintos: uns dizem respeito à Samaritana e aos Samaritanos, outros a Jesus e aos discípulos.

Com relação à Samaritana (v. 28), o que a impressionara fora o testemunho que Jesus lhe dera das faculdades extra-humanas que possuía. Muito menos a havia impressionado a afirmação do Mestre quando lhe declarara ser o Messias, isto é, o Cristo, dizendo: *"Eu o sou, eu que te falo."* Isso não bastara para convencê-la; ela continuara a duvidar. Raça de incrédulos, tereis dificuldade em compreender a dúvida daquela mulher?

Com relação aos Samaritanos (vv. 30, 39, 40, 41 e 42), será preciso vos expliquemos o que com eles se passou? Não vedes ainda hoje, nos dias que correm, muitos "Samaritanos" que, para crerem, necessitam do testemunho de fatos a que chamais "adivinhação", enquanto que outros, tocados pela moral suave, simples e pura, nada mais pedem nem procuram para se tornarem crentes?

Dentre vós, os que *deveriam* ser os *primeiros* a crer são os que se curvam diante da verdade? Não. Os primeiros a crer são os repelidos pelos que *julgam* ter o *privilégio* da *fé.* São os "réprobos" os que *primeiro* se reúnem ao derredor do Mestre, para lhe dizerem: "Senhor, a tua palavra penetrou em meu coração, a luz me deslumbrou, *eu creio."*

Com os homens de hoje se dá e *se dará* ainda mais o que se deu com os Samaritanos. Muitos há que crêem e muitos virão a crer na revelação espírita pelo que tenham dito ou disseram pessoas que lhes mereçam crédito, relatando manifestações físicas ou fatos mediúnicos, que atestam necessária-

mente uma ação extra-humana, oculta ou patente; ou, então, porque hajam pessoalmente observado essas manifestações e fatos mediúnicos. Muitos acreditarão, depois que, nas manifestações mediúnicas inteligentes, tiverem ouvido falar os *Espíritos do Senhor.* Esses dizem ou dirão: "Já não é pelo que nos fora narrado, pelo que vimos, que acreditamos *neles;* mas, porque os ouvimos e sabemos que eles são verdadeiramente *os órgãos do Espírito da Verdade."*

Quanto às palavras de Jesus, constantes dos vv. 31-38, foram ditas com o objetivo de mais uma vez, como sempre, atrair o espírito dos discípulos para as coisas do céu, mostrar-lhes a obra do progresso humano já executada pelos que os haviam precedido, mostrar-lhes que era mister continuassem a tarefa que lhes cumpria desempenhar, mostrar-lhes a recompensa reservada a seus esforços.

Aquelas palavras o Mestre as disse sobretudo com o propósito de provar aos discípulos que ele só tinha um objetivo, um pensamento — prosseguir na obra de regeneração que empreendera. Ele se nutre *com um alimento* de que *ninguém mais* senão ele dispõe, porquanto a pureza é o que o coloca acima de tudo o que é humano, acima de toda necessidade. Dai-vos, portanto, pressa em receber esse alimento divino, que sacia e nutre o Espírito que busca a vida e a verdade.

(Vv. 31, 32 e 34.) Na resposta que deu a seus discípulos, quando estes, dizendo: "Mestre, come", lhe pediam que se alimentasse, Jesus afirma, *veladamente,* não estar sujeito às necessidades e contingências materiais da humanidade. Afirma, pois, *veladamente, sua* natureza extra-humana.

Confirmando o que dissemos no comentário dos três primeiros Evangelhos (n. 65, págs. 362-363, 1° tomo), essa resposta mostra que Jesus não fazia realmente refeições, *como os homens o supunham;* que só as fazia aparentemente, quando

era necessário, *ou* para convencê-los de que de fato tinha a natureza humana que lhe atribuíam e na qual era preciso que acreditassem, a fim de que a sua missão fosse aceita e produzisse frutos; ou para lhes dar um ensinamento, um exemplo de caridade, de perdão, de amor.

Dando aquela resposta, o Mestre também obedeceu ao propósito, repetimos, de provar, a seus discípulos, que um só objetivo tinha, um *único pen*samento — prosseguir na obra de regeneração que empreendera.

(Vv. 35, 36, 37 e 38.) Os campos, de que fala Jesus a seus discípulos, convidando-os a contemplá-los, já alvejantes e prontos para a sega, representam os países aonde ele os mandava adiante de si e nos quais se encontravam homens preparados a receber a boa nova, a ouvir e guardar a palavra de verdade, a se lhes grupar e a segui-lo a ele.

Jesus era "o que semeia", os discípulos eram "o que colhe". Trabalhando pelo progresso de seus irmãos, eram recompensados pelo progresso pessoal que realizavam. Neste progresso estavam os frutos que colhiam e que lhes aparelhavam o caminho para a perfeição.

Eu vos enviei, disse-lhes Jesus, a segar aquilo que não é fruto do vosso trabalho. Outros trabalharam e vós entrastes nos seus trabalhos.

Segundo o espírito que vivifica, Jesus, por essas palavras, exprime um duplo pensamento. Alude, primeiramente, à influência espírita que, por sua ação oculta sobre os homens e sem que estes tivessem dela consciência, os preparava a escutar e receber a palavra dos discípulos. Os Espíritos preparavam "os campos" onde Jesus mandava que seus discípulos "segassem".

Alude também aos Espíritos que, ou errantes, ou encarnados em missão, trabalharam, antes

dos discípulos, pelo progresso do espírito humano, prepararam o advento do Verbo, executando obra que aos mesmos discípulos tocava continuar.

Mais longe ia ainda o pensamento de Jesus. Alcançava o futuro, os tempos da era nova do Cristianismo *do Cristo, a* era espírita que se inicia.

Ele é ainda agora o que semeia. Fá-lo por intermédio dos Espíritos do Senhor, órgãos do Espírito da Verdade.

Apóstolos da nova revelação, vós todos que caminhais nas pegadas do Mestre, que vos esforçais por difundir a fé e reconduzir ao aprisco as ovelhas tresmalhadas, todos vós semeais com Jesus, que é o Espírito da Verdade, porque sois "o que sega" e partilhais da alegria do Mestre, ao virdes que surgem as espigas da próxima colheita.

"Os campos que já branqueiam e se mostram prontos para a ceifa" são todos os homens que, escutando as palavras de verdade, as pesam e comentam e volvem à fé *pura* e adoram *em espírito e verdade.* E esses, a quem tal acontece, não se rejubilam e vós não partilhais da sua alegria, não rejubilais com os que colhem essa alegria? Sim, que eles, por sua vez, se tornam "o que semeia com Jesus e sega."

Mas, sobretudo, diante do pai de família é que experimentareis arroubos de ventura e de reconhecimento, vendo ali agrupados os que semeiam e os que colhem, a entoarem, estreitamente unidos, louvores ao Senhor.

Que assim seja com relação a vós, ó bem-amados. Essa a bênção que vos enviam os que velam por vós.

JOÃO.

CAPÍTULO IV
Vv. 43-54

Cura do filho de um oficial em Cafarnaum

V. 43. Passados aqueles dois dias, Jesus dali partiu e foi para a Galiléia. — 44. Porque, ele próprio deu testemunho de que nenhum profeta é honrado em sua pátria. — 45. Chegando à Galiléia, os Galileus o receberam alegremente, porquanto tinham visto o que fizera em Jerusalém, por ocasião da festa, à qual também eles estiveram presentes. — 46. Voltou então a Caná da Galiléia, onde da água fizera vinho. Ora, lá se encontrava um oficial do rei, cujo filho estava doente em Cafarnaum. — 47. Esse oficial, ao saber que Jesus viera da Judéia para a Galiléia, foi ter com ele e lhe rogou que descesse a Cafarnaum, para lhe curar o filho que se achava à morte. — 48. Disse-lhe Jesus: Vós outros, se não vedes milagres e prodígios, não credes. — 49. Retrucou-lhe o oficial: Senhor, desce, antes que meu filho morra. — 50. Vai, disse-lhe Jesus, teu filho está curado. O homem acreditou no que Jesus lhe disse e se retirou. — 51. Quando já ele ia descendo, seus ser-vos lhe vieram ao encontro e disseram: Teu filho está bom. — 52. Perguntou-lhes então o oficial a que horas se sentira melhor. Responderam-lhe os servos: Ontem, à hora sétima, a febre o deixou. — 53. Verificou logo o pai que aquela fora a hora em que Jesus lhe dissera: Teu filho está curado. Ele, pois, creu e bem assim toda a sua família. — 54. Esse foi o segundo milagre que Jesus fez, depois que viera da Judéia para a Galiléia.

N. 13. Relativamente a estes versículos, já recebestes as explicações necessárias, de todos os pontos de vista, especialmente acerca das curas materiais, nos comentários feitos aos três primeiros Evangelhos. (1° tomo: n. 74, págs. 388-390; n. 81, págs. 426-427; 2° tomo: n. 109, págs. 72-74; n. 110, pág. 76, n. 115, págs. 93-95; n. 121, páginas 131-132; n. 124, págs. 147-151; n. 125, pá-

ginas 152-155; n. 157, págs. 265-267; n. 177, páginas 401-404; n. 183, págs. 416-423; 3° tomo; número 246, págs. 231-232; n. 252, págs. 261-262.) Fora inútil repeti-las aqui.

CAPÍTULO *V*
Vv. 1-16

Piscina de Betesda. — Cura de um paralítico

V. 1. Depois disto, como chegasse o dia da festa dos Judeus, Jesus subiu a Jerusalém. — 2. Ora, havia em Jerusalém a piscina das ovelhas, chamada em hebreu Betesda, e que tinha cinco alpendres. — 3. Nestes jazia uma multidão de enfermos, de cegos, de coxos, de paralíticos, esperando todos que a água se movesse. — 4. É que, em certas épocas, um anjo do Senhor descia à piscina e agitava a água; e aquele que primeiro entrava na piscina, após ter sido agitada a água, ficava curado de qualquer enfermidade que tivesse. — 5. Um homem lá se achava, que, havia trinta e oito anos, estava enfermo. — 6. Vendo-o deitado, Jesus, ao saber que ele desde tanto tempo se achava assim doente, lhe perguntou: Queres ficar são? — 7. Respondeu-lhe o enfermo: Senhor, não tenho quem me meta na piscina quando a água é movimentada; enquanto para lá me dirijo, outro desce antes de mim. — 8. Disse-lhe Jesus: Levanta-te, toma o teu leito e anda. — 9. No mesmo instante o homem ficou são, tomou do leito e se pôs a andar. Era sábado aquele dia. — 10. Disseram então os Judeus ao que fora curado: Hoje é sábado e, pois, não te é licito levares o teu leito. — 11. Respondeu-lhes o homem: Aquele que me curou me disse: Toma o teu leito e anda. — 12. Perguntaram-lhe os Judeus: Quem é esse homem que te disse: Toma o teu leito e anda? — 13. Mas o que fora curado não sabia quem era aquele homem, porquanto Jesus logo se retirara do meio da multidão ali reunida. — 14. Depois, Jesus o encontrou no templo e lhe disse: Eis que estás são; não tornes a pecar, para que te não suceda coisa pior. — 15. O homem foi comunicar aos Judeus ter sido Jesus quem o curara. — 16. Por isso perseguiam os Judeus a Jesus, por fazer dessas coisas em dia de sábado.

N. 14. A narrativa de João, no tocante à

piscina de Betesda, exprime e resume as crenças vulgares de que ele próprio partilhava.

Abalos vulcânicos por vezes agitavam aquela fonte. Suas águas, tornadas tépidas por um efeito térmico, eram apropriadas à cura de certas moléstias. Desconhecendo a causa do fenômeno, os homens de então o atribuíam a uma ação "milagrosa".

Havia exagero da opinião pública.

Quanto às épocas em que o fenômeno se produzia, nada tinham de regulares. A aproximação delas era pressentida por um ligeiro movimento na superfície da água. É que pequenos abalos a encrespavam algum tempo antes que fosse agitada pelas matérias calcáreas, que a invadiam por ocasião das erupções subterrâneas.

Aquele que primeiro entrava na piscina, diz a narração evangélica, depois de ter sido fortemente movimentada a água, ficava curado de qualquer doença de que sofresse. Como nem sempre a cura fosse obtida, deduziram desse fato que, para que ela se operasse, eram necessárias determinadas condições.

Curavam-se os que mergulhavam com fé na piscina. Os que se achavam atacados de moléstias para as quais aquelas águas tinham aplicação curavam-se, auxiliados pelo magnetismo espiritual. Aqueles para cujas enfermidades elas nenhuma eficácia apresentavam eram curados *direta e unicamente* por efeito *desse* magnetismo. Atraídos pela fé ardente com que esses enfermos ali iam, os Espíritos do Senhor exerciam sobre eles, invisivelmente, a ação magnética, servindo-se de fluidos apropriados à natureza da moléstia de que se tratava *e desse modo* produziam a cura.

Sabeis o que a fé pode alcançar. De fato, aquele que mergulhava na água, cheio de confiança, de reconhecimento e, mais que tudo, de submissão aos decretos da Providência, podia contar com a sua cura. Porém, ainda mais talvez do que

atualmente, os que buscavam a piscina se limitavam, na sua maioria, a acompanhar a corrente, a cumprir uma mera formalidade, dominados pelo egoísmo, que não permitia se elevassem os Espíritos e rendessem graças àquele que é o autor de todos os dons perfeitos.

Daí, não conseguirem muitos doentes curar-se, o que deu lugar à crença de que a cura dependia de uma condição especial. Por seu lado, os anciães e os doutores para evitarem a confusão e o tumulto que resultavam de quererem todos os doentes entrar na piscina, se aproveitaram daquela suposição e fizeram crer que só obtinha a cura o que primeiro entrava, donde a reputação que as águas de Betesda conservaram.

De modo que, havendo sempre doentes apressados e sucedendo, portanto, que muitos mergulhavam ao mesmo tempo, cada um julgando ser o "primeiro", se alguns se curavam, era pela razão de que, por terem molhado seus corpos no mesmo instante, todos esses tinham sido *cada um o primeiro.* Se a cura não se dava, isso não podia provir senão de que os não curados, embora parecendo ter mergulhado ao mesmo tempo, só o haviam feito sucessivamente, sem que tivessem sido *cada um o primeiro.*

Quanto à cura do homem que se achava enfermo havia trinta e oito anos e que, como o diz a narração evangélica, era paralítico, já recebestes sobre isso todas as explicações necessárias. Para vos inteirardes da maneira por que se deu esse fato qualificado de "milagre", não tendes mais do que vos reportardes ao que foi explicado com relação a casos análogos ou idênticos em o 2° tomo, n. 110, pág. 76; n. 121, pág. 131, e n. 157, pág. 264.

Quanto ao sábado e às curas que nesse dia Jesus operava, também não tendes mais do que vos reportardes ao que ficou dito nos comentários aos três primeiros Evangelhos.

CAPÍTULO *V*
Vv. 17-30

Ação incessante do pai. — Ação também incessante de Jesus. — Palavras deste aos Judeus que o acusam de se fazer igual a Deus, porque lhe chama seu pai. — Por essas palavras Jesus afirma, sob o véu da letra, sua inferioridade relativamente a Deus e se declara mero instrumento e ministro das vontades do pai. — Sua posição e seus poderes como Messias. — Quais os frutos que sua missão há de produzir

V. 17. Jesus então lhes disse: Meu Pai até agora não cessa de obrar e eu também obro incessantemente. — 18. Isso fez que os Judeus procurassem ainda com mais ânsia dar-lhe a morte, porquanto ele não só violava o sábado, como dizia que Deus era seu pai, fazendo-se assim igual a Deus. A vista disso Jesus lhes disse: — 19. Em verdade, em verdade vos digo que o filho nada pode fazer de si mesmo e não faz senão o que vê o Pai fazer; pois que tudo o que faz o Pai o filho também o faz semelhantemente. — 20. Porque, o Pai ama o filho e lhe mostra tudo o que faz e lhe mostrará obras ainda maiores do que estas e que vos maravilharão. — 21. Pois, assim como o Pai ressuscita os mortos e lhes dá vida, também o filho dá vida aos que quer. — 22. Pois, o Pai a ninguém julga, mas deu ao filho todo o poder de julgar, — 23, a fim de que todos honrem o filho como honram o Pai; aquele que não honra o filho não honra o Pai que o enviou. — 24. Em verdade, em verdade vos digo que o que ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, esse tem a vida eterna e não incorre na condenação; ao contrário, já passou da morte à vida. — 25. Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e já veio, em que os mortos ouvirão a voz do filho de Deus e os que a ouvirem viverão. — 26. Pois, assim como o Pai tem

a vida em si mesmo, também deu ao filho ter a vida em si mesmo. — 27. E lhe deu o poder de julgar, porque é o filho do homem. — 28. Não vos admireis disto, porquanto vem o tempo em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a voz do filho de Deus. — 29. E os que tiverem feito boas ações dali sairão, ressuscitando para a vida; porém, os que obraram mal sairão, ressuscitando para a condenação. — 30. Eu de mim mesmo nada posso fazer; assim como ouço, julgo; e o meu julgamento é justo, porque não busco fazer a minha vontade, mas sempre a vontade daquele que me enviou.

N. 15. Tudo prevendo e dispondo sempre com o objetivo do progresso do Espírito, Jesus aqui, como em tantas outras ocasiões, *velou o* seu pensamento, usando de uma linguagem *figurada, o* que era condição e meio de realização do progresso da humanidade. Essas palavras, por ele proferidas, tinham de servir para aquele momento e de preparar o futuro. Só haviam, portanto, de ser compreendidas, *em espírito e verdade,* pelas gerações vindouras, às quais *a nova revelação,* quando chegados fossem os tempos em que os homens se mostrassem capazes de suportá-la., as explicaria *segundo o espírito que vivifica.*

(V. 17.) Aos Judeus que o perseguiam com seu ódio por fazer ele curas em dia de sábado, diz Jesus: *"Meu pai até agora não cessa de obrar e eu também obro incessantemente."* Dizendo isso, quis fazer-lhes compreender que não há dia de repouso para a prática do bem. Mas não é tudo. Sob o véu *da letra,* proclamou, por essas palavras, que a ação de Deus, do Deus uno, indivisível, pai de quem todas as coisas tiram o *ser,* criador incriado, é incessante no infinito e na eternidade; que ele, à semelhança de todos os outros messias, Espíritos puros como ele e, como ele, fundadores, protetores e governadores de planetas, também obra incessantemente, a exemplo do pai; que só este, porque é o Deus *único,* tem e exerce o poder

de criar; que, quanto a ele, o seu poder é o de *um ministro;* que, no exercício *de um ministério,* é que obra; que obra *como ministro no* desempenho da sua missão, começada com a formação do planeta terreno, tornada manifesta com o seu aparecimento na Terra e que continua a ser desempenhada com o escopo de vos levar à perfeição.

Proclamou também, sob o véu *da letra,* além da atividade incessante e eterna de Deus, a atividade incessante e eterna do Espírito, porquanto todo Espírito criado igualmente obra, por toda parte, no espaço, na erraticidade e nos mundos, em prol do progresso universal, da vida e da harmonia universais, conformemente ao grau que ocupe na escala da criação. A ação provém de Deus e se transmite dele aos puros Espíritos, que a comunicam aos Espíritos superiores e estes aos bons Espíritos, segundo a ordem hierárquica de elevação espírita, de grau de pureza.

(V. 18.) Ouvindo-lhe as palavras *"meu pai",* ditas com relação a Deus, ainda de mais ódio a Jesus se encheram os Judeus e com mais furor entraram a persegui-lo, acusando-o de se fazer, *assim,* igual a Deus.

Tomando aquelas palavras *"meu pai"* ao pé *da letra,* num sentido exclusivo, pessoal e privativo, eles se irritavam com a pretensão, que *imputavam a* Jesus, de se atribuir a si mesmo a divindade. E foi precisamente nessas palavras, com que tanto se escandalizaram os filhos de Abraão, que os cristãos se apoiaram para estabelecerem a divindade de Jesus. Por uma interpretação falsa, os Judeus atribuíram a Jesus aquela pretensão. Por uma outra interpretação humana, igualmente falsa, das palavras — "meu pai" — e "filho de Deus", os cristãos, tomando-as, por sua vez, em sentido *exclusivo, pessoal e privativo,* estabeleceram a divindade de Jesus.

Ainda aqui, como sempre, o Mestre tudo pre-

via e dispunha, objetivando o progresso do Espírito. As palavras que dirigiu aos Judeus tinham que servir para aquele momento e que preparar o futuro. Eram destinadas a só ser compreendidas *segundo o espírito que vivifica* pelas gerações vindouras, às quais a nova revelação, quando fossem chegados os tempos em que os homens se mostrassem capazes de suportá-la, as explicaria em espírito e verdade. Preciso era que, pela missão terrena de Jesus, tudo fosse apropriado aos tempos, às inteligências e às aspirações de cada época; que aquela missão se cumprisse por maneira a produzir os frutos que produziu no decurso da era cristã, graças ao véu *da letra, à* capa *do mistério,* ao prestígio *do milagre,* e a produzir os que *"o Espírito da Verdade"* vem fazê-la dar neste período preparatório do segundo advento do Cristo.

Ao passo que os Judeus o acusam de querer fazer-se igual a Deus, por haver dito, referindo-se a este: *"meu pai",* Jesus, pronunciando essas palavras, afirma, numa linguagem *velada e figurada,* a sua posição inferior relativamente a Deus, dependente deste, ao mesmo tempo que evidencia sua posição e seus poderes de Messias, de enviado de Deus.

O espírito vem iluminar a *letra* e mostrar que o Mestre proclamou *veladamente* a sua condição de Espírito fundador, protetor e governador do planeta terrestre, de encarregado do seu desenvolvimento e do seu progresso, do progresso e do desenvolvimento da humanidade terrena, de encarregado de a levar *à* perfeição.

V. 19. O filho nada pode fazer de si mesmo.

Foi esta a resposta *à* acusação dos Judeus. Jesus, por essa forma, se declarou inferior ao pai e dependente dele. *Segundo o espírito que vivifica,* essas palavras têm um sentido mais dilatado, um alcance maior, como vos explicaremos dentro em

pouco, tratando do v. 30, no qual de novo se lêem estas outras palavras ditas pelo Mestre: "Eu *nada* posso fazer *de mim mesmo."*

Ele só faz aquilo que VÊ o pai fazer.

Em geral, o Espírito não tem sentidos, como os do corpo. Para o Espírito elevado, o pensamento *é luz.* Ora, para os *grandes Espíritos,* que se acham próximos do foco de toda vida e da onipotência, a vontade divina é *visível.* Eis porque Jesus diz que não faz senão o que vê o pai fazer. Quer dizer que ele nada faz que não seja da vontade do Senhor, *vontade* que ele *vê* logo que ela é.

Não vos equivoqueis acerca do termo *ver.* Quando dizemos vê, não pretendemos indicar que Jesus tenha uma simples intuição. Queremos significar a existência *de uma luz que lhe ilumina a* inteligência, como a todos os grandes Espíritos que se elevaram a essas puras regiões. *Para o Espírito, o* pensamento é um corpo visível e palpável e quanto mais puro é o Espírito, tanto mais *luminoso* se lhe torna o pensamento. Este é, *para o Espírito,* um corpo visível e palpável, *no sentido* de ser *conduzido e transmitido por uma corrente fluídica.* Deveis agora compreender que, para o puro Espírito, ele seja *a luz que lhe ilumina a in*teligência *por meio de uma corrente fluídica pura que* parte *de Deus,* constituindo o *veículo do pensamento divino.*

Não sabeis já que o fluido universal, em todos os seus estados de combinação e de transformação, é, na imensidade, o veículo do pensamento, sob a influência atrativa dos fluidos mediante os quais se estabelecem as relações, entre os Espíritos, por analogia de natureza, ou de espécie?

Tudo o que faz o pai, o filho também o faz semelhantemente.

Alusão à formação dos planetas, obra essa a que presidem os Espíritos puros. Deus, pela ação da sua vontade, cria os fluidos que de todos os lados o cercam e nos quais se contêm as essências espirituais e os germens donde saem os mundos e todos os reinos da natureza, para serem levados, segundo leis imutáveis e eternas, do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, conforme já dissemos nos comentários aos três primeiros Evangelhos, explicando a origem do Espírito, suas fases e seus destinos (1° tomo, ns. 56 e seguintes).

Os Messias criam os mundos que se formam desses fluidos, *no sentido de que,* sob a vigilância e em obediência à vontade deles, é que tais fluidos se aglomeram por obra dos Espíritos prepostos que assistem os fundadores de planetas e trabalham, debaixo da direção deles, para que se efetue aquela aglomeração, donde há de sair a formação dos ditos planetas.

Nesse sentido e de acordo com o que acabamos de dizer a propósito do v. 19, é que: *tudo o que o pai faz o filho também o faz semelhantemente,* nada fazendo *de si mesmo* e só fazendo o que vê o pai fazer.

V. 20. O pai ama o filho e lhe mostra tudo o que faz.

O pai tem confiança no filho. *Porque este,* pelas suas obras, chegou à perfeição sideral e adquiriu o saber e a pureza que o colocaram em condições de *ver* e de *compreender,* e o pai, deixando que ele veja e compreenda, *lhe* mostra todos os atos que pratica como criador. Assim é que lhe comunica a previsão dos acontecimentos e dos progressos *que se hão de realizar,* planetários e humanos.

E lhe mostrará obras ainda maiores do que estas e que vos maravilharão.

Quando isso diz, alude Jesus aos acontecimentos e progressos que o pai lhe mostrará, isto é: que *se realizarão* por vontade do pai e por intermédio do filho, *não só* durante a sua missão terrena, *mas* principalmente depois dela. E os homens a quem o Mestre falava, a geração que então vivia se maravilhariam, porque de tais acontecimentos seriam testemunhas todos aqueles Espíritos. Testemunhá-los-iam, ou no estado de erraticidade, ou reencarnados, os que, dentre esses Espíritos, se achassem ainda presos ao globo terráqueo, nas épocas em que eles se verificassem. Quanto aos que, nessas épocas, por se terem purificado, já houvessem ascendido a mundos mais elevados, também seriam testemunhas dos mesmos acontecimentos e progressos, presenciando-os, ou das esferas superiores onde se encontrassem, ou da posição em que se achassem como Espíritos em missão na Terra, quer encarnados, quer errantes.

Mas, Jesus se dirigia a homens incapazes de lhe compreenderem, *segundo o espírito, o* pensamento. Forçoso era, portanto, que este se conservasse velado *pela letra. Assim,* aquelas palavras suas, para tais homens, também tinham por fim evidenciar-lhe a posição inferior e dependente com relação a Deus.

Foi o que eles não puderam e não souberam compreender, como não o puderam nem souberam as gerações, que se lhes seguiram, da era cristã, sob o império e o véu *da letra,* sob a capa *do mistério,* sob o prestígio do *milagre.*

V. 21. Pois, assim como o pai ressuscita os mortos e lhes dá a vida, também o filho dá a vida aos que quer.

Aqui, Jesus alude ao homem, ao Espírito encarnado. Esses "os *mortos".* Alude também *à vida espírita.* Essa *a vida.*

O pai ressuscita os *mortos* e lhes dá *a vida.*

Isso ele o faz com os Espíritos que faliram e que, em conseqüência, foram mandados para os tenebrosos lugares da encarnação. Esses são os que, *de tal maneira,* se acham espiritualmente *"mortos".* O pai os ressuscita e lhes restitui *a vida,* fazendo-os galgar a escala do progresso por meio das reencarnações expiatórias e das que, depois dessas, levam *o Espírito à* perfeição. Ë assim que o Espírito *ressuscita e* que *a vida* lhe é restituída, porquanto, desde então, tem ele, em definitiva, *a vida espírita,* que é a vida normal do Espírito, vida *que perdera,* falindo. O pai ressuscita o Espírito que ele criara puro e que "morrera" espiritualmente por haver *falido, dando-lhe os* meios de se purificar. A vida lhe é restituída, desde que, pelo progresso realizado, pela pureza e pela perfeição conquistadas, ele se tornou puro Espírito, não mais sujeito a encarnação alguma.

Assim, o filho dá a vida *a quem quer,* dando-a aos que se tornam capazes e dignos de a receberem, visto que a sua missão tem por objeto fazer que os Espíritos saiam dos sepulcros *de carne,* onde tanto se comprazem, e restituí-los *à* vida *espiritual.*

V. 22. Pois, o pai a ninguém julga.

O Senhor, na sua imutabilidade, espera, longânime, que pouco a pouco se aproximem os filhos que dele se afastaram. E todos acabarão certamente por ir a ele, pois que a lei do progresso, imutável como o próprio Deus de quem emana, é da essência mesma de tudo o que é. E o Espírito, obra da vontade divina, criado perfectível, com a consciência do bem e do mal, está inelutavelmente submetido a essa lei, quaisquer que sejam as oscilações, os desvios, os desvairamentos do seu livre-arbítrio.

Dizendo: *"O pai a ninguém julga",* Jesus se coloca no ponto de vista humano, no ponto de

vista donde os homens encaravam, e, na sua maioria, encaram ainda os atos espirituais, considerando o "julgamento" como a decretação de uma sentença, precedida da exposição das faltas, de audiência dos Espíritos prepostos à defesa dos acusados, mesmo de requisitório, se for preciso, e de deliberação.

O julgamento de Deus existe, *de fato,* porque, desde toda a eternidade, constitui lei tão imutável como as da gravitação, do fluxo e refluxo, da alternação do dia e da noite, e ainda mais imutável do que essas, no sentido de que a Terra pode passar e passa, sofrendo suas revoluções e transformações planetárias, sem que o Espírito retardatário lhe acompanhe a marcha ascensional; e no sentido de que a lei a que está sujeito o Espírito não passa, não passará nunca.

O julgamento de Deus, porém, não existe *como ato,* como sentença formulada e aplicada em conseqüência de julgamentos parciais, proferidos com relação *a cada culpado,* após acalorados debates sobre seus crimes, faltas e delitos.

O julgamento e sua aplicação estão, desde toda a eternidade, na lei de atração espiritual, lei imutável e eterna como o próprio Deus de quem emana e que, conforme o pendor de cada um, determina as relações entre os Espíritos, por efeito da influência atrativa dos fluidos, que a si mesmos se atraem uns aos outros, por analogia de espécies, de natureza. Ë essa a lei que, como sabeis, por meio dos fluidos magnéticos, religa todos os mundos no Universo, une todos os Espíritos, encarnados ou não, constitui o laço universal que os prende a todos, fazendo que formem um único ser, e os auxilia a subirem para Deus, conjugando-lhes as forças, determinando que os superiores trabalhem sem descanso pelo progresso dos inferiores.

O Espírito é quem livremente aplica a si mesmo essa lei, com a consciência, que Deus lhe outor-

gou, do bem e do mal, e ao julgamento da qual ele se acha inelutavelmente submetido.

O Espírito tem o livre-arbítrio. Cumpre-lhe a ele corrigir e reparar os transviamentos desse livre-arbítrio. É ao próprio Espírito que compete abrir para si o caminho que leva ao progresso e avançar por ele.

Se o anima o firme propósito de renunciar ao mal e de entrar na senda do bem, atrai a si as boas influências e se põe em relações com os bons Espíritos, encarnados e errantes, principalmente com estes, os quais, animados de idênticos pendores, dos mesmos sentimentos, o ajudam a progredir. Sob a inspiração e a proteção dos bons Espíritos, ele se adianta e o julgamento de Deus não o atinge.

Se, ao contrário, se compraz no mal e não atende às vozes amigas que o chamam para afastá-lo daí e fazê-lo enveredar pela senda do bem, o Espírito atrai a si as más influências e entra, inconscientemente, em relações com Espíritos maus, encarnados e errantes, com estes sobretudo, animados dos mesmos pendores e sentimentos que ele. Permanece então estacionário, porquanto o Espírito não retrograda, e o juízo de Deus o atinge.

O juízo de Deus é a ausência de progresso.

É a lei imutável do sofrimento que, cedo ou tarde, atinge o culpado, provocando-lhe o remorso. Imutável e, portanto, certa, inevitável, é, para o Espírito culpado, essa lei, como o são a consciência, que ele tem, do bem e do mal e, em face dessa consciência, a lei de perfectibilidade, ambas as quais de Deus emanam.

É o tempo que se escoa sem trazer ao Espírito melhora alguma, sem lhe satisfazer às aspirações. E o Espírito nem sempre aspira ao progresso, visto que também tende para o crime, para a preguiça, para a maldade, para a luxúria, a intemperança, o orgulho, a inveja, o egoísmo, a avareza. Pois bem! desde que seus desejos não são

satisfeitos, aí tendes a condenação que ele a si mesmo inflige, como conseqüência de seus pendores.

O juízo de Deus é, finalmente, a luta sem resultado em que o Espírito permanece, enquanto não toma o propósito firme de renunciar ao mal e de entrar na senda do bem. Porque, não podendo, na sua condição de culpado, caminhar para Deus, o Espírito se vê retido, pela influência atrativa dos fluidos que assimila, entre Espíritos inferiores, nas esferas *de expiação,* e constrangido *a renovar suas* provas, até que estas o induzam a querer progredir, e a sofrer outras, até que haja realizado o progresso que isenta o ser espiritual de reencarnar nessas esferas.

Eis o que vos podemos dizer acerca do juízo de Deus. Guardai-vos de atribuir às coisas do mundo espiritual as mesmas intenções, as mesmas conseqüências que às do vosso mundo. Sereis induzidos em erro. Não temos meio de deixar de usar da vossa linguagem para que possais perceber atos que estão muito acima da inteligência do homem.

O "juízo" de Deus é uma locução humana que coloca o homem em condições de compreender que, sendo Deus a origem, a fonte de todas as coisas, dele procede tudo o que é. Se bem que impróprio, *debaixo de certos pontos de vista,* esse termo precisa ser mantido, por ser *o único* capaz de lembrar ao Espírito do homem a ação incessante da divindade sobre tudo o que existe. Sem essa expressão — "juízo de Deus" — à maior parte dos encarnados pareceria uma fatalidade, sem causa originária, sem razão de ser e talvez sem objetivo, a sorte dos Espíritos quando deixam a vida terrena. O "julgamento de Deus" assina à sorte de cada um o valor que deve ter aos olhos de todos.

Mas deu ao filho todo o poder de julgar (v. 23), a fim de que todos honrem o filho como honram o

pai; aquele que não honra o filho não honra o pai que o enviou.

Estas palavras de Jesus, para serem bem compreendidas e completamente explicadas, têm que ser apreciadas juntamente com estas outras:

"Vós julgais segundo a carne, eu, porém, a ninguém julgo." (JOÃO, VIII, v. 15.)

Entre os homens, o julgamento é seguido de condenação. Assim, *do ponto de vista humano foi* que Jesus disse: "Vós julgais *segundo a carne;* eu, porém, *a ninguém julgo."*

Jesus espera, mas não condena. O homem é quem, por seus atos, se condena a si mesmo. O julgamento é o resultado das obras humanas, sua conseqüência inevitável. Nada há que não produza frutos, não o esqueçais. Tudo está em saber colhê-los a tempo. Jesus apenas aplica a lei. O Espírito culpado é quem livremente se julga a si mesmo e se condena.

Deste ponto de vista foi que ele disse: *"Mas o pai deu ao filho o poder de julgar."* Ele é quem vigia a marcha de cada um, quem apressa este, modera o ímpeto aventuroso daquele e ajuda todas as ovelhas entregues aos seus cuidados a trilharem a vereda que conduz ao aprisco.

A repressão dos Espíritos culpados não é um julgamento seguido de condenação, mas tão-somente um meio paternal de os reconduzir à senda do bem, *de os salvar de si mesmos,* forçando-os a que entrem *em expiação,* a fim de que se julguem e se condenem a si mesmos.

Neste sentido é que, como intermediário entre Deus e vós, Jesus recebeu do pai o poder de julgar, isto é: de presidir ao desenvolvimento e ao progresso dos homens, de os ajudar, por todos os meios, a se adiantarem, conformemente às faculdades e necessidades de cada um, *"a fim de que honrem o filho como honram o pai."*

Jesus é o tipo da moral que leva a Deus. O único meio de honrar o pai consiste em lhe seguir a lei. Não o honra todo aquele que não pratica a moral que a ele conduz. Assim sendo, não honra o pai aquele que não honra o filho, praticando a moral que este personifica, visto que essa moral não é doutrina do filho e sim do pai que *o enviou.*

V. 24. Em verdade, em verdade vos digo que o que ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, esse tem a vida eterna e não incorre em condenação; ao contrário, já passou da morte à vida.

Aquele que consegue caminhar com bastante pureza pelas sendas de Jesus, de modo a não se desviar, e que, pois, obedece aos preceitos que conduzem a Deus, entra numa nova fase de progresso e de provações que o fazem adiantar-se para a perfeição. Esse não se acha sujeito a entrar *em expiação.* Passou, conseguintemente, da morte *"à vida",* sob o ponto de vista do progresso e relativamente ao grau de purificação que alcançou, porquanto não está mais adstrito a permanecer ligado às esferas de expiação. Se o grau de sua purificação o comporta, pode ele ser libertado das provações materiais no planeta terreno e ficar isento de revestir um corpo de carne qual os vossos, corpo que, para ele, é, figuradamente, um sepulcro.

V. 25. Vem a hora, e já veio, em que os mortos ouvirão a voz do filho de Deus e os que a ouvirem viverão.

"E já veio." Alusão aos profetas e missionários, isto é, aos Espíritos em missão ou enviados e aos *"justos",* que haviam encarnado antes da missão terrena do Mestre, os quais já então "viviam", no sentido de já estarem bastante purificados para se verem livres das provações mate-

riais na Terra e isentos, conforme ao grau de pureza alcançado, de tomar um corpo de carne idêntico aos vossos.

Eles "vivem", porque *ouviram a voz do filho de Deus.* Dizendo isso, Jesus alude à sua posição de Espírito protetor e governador do vosso planeta, de encarregado do desenvolvimento e do progresso da humanidade terrena.

Os "mortos", isto é, os encarnados, que *ouvirem* a voz do filho de Deus, "viverão". *Desse modo,* Jesus prediz e promete aos que, desde o tempo de sua missão até agora, houverem trilhado as suas sendas, como o fizeram os profetas, os Espíritos em missão, os justos, que o tinham precedido, e promete também aos que de futuro caminharem por aquelas sendas, libertarem-se das provações materiais na Terra e do corpo de carne da natureza dos vossos.

V. 26. Pois, assim como o pai tem a vida em si mesmo, também deu ao filho ter a vida em si mesmo.

Esta declaração ainda uma vez vos mostra a condição relativamente inferior e dependente em que Jesus se coloca às vistas de todos.

"O pai tem a vida em si mesmo", pois que tem em si todas as perfeições. *"Deu ao* filho ter a vida em si mesmo", dando-lhe a possibilidade de adquirir todas as perfeições.

V. 27. E lhe deu o poder de julgar.

Já conheceis, *segundo o espírito que vivifica, o* sentido destas palavras, pelo que dissemos acerca do v. 22. O julgamento do Cristo não é coisa diversa da imprescritível aplicação que ele faz da lei a todo Espírito sujeito a humanizar-se: da lei do progresso, se o Espírito trata de se melhorar; da lei de estagnação, se persevera em suas faltas.

Porque ele é o filho do homem.

São figuradas estas expressões. Quer isso dizer: porque, mau grado à superioridade que adquiriu pelas suas obras, ele se acha em relações com os obreiros ainda presos à obra que se executa sob a sua suprema direção.

V. 28. Não vos admireis disto, porquanto vem o tempo em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a voz do filho de Deus.

Tempo vem em que todos os que estão nos sepulcros, isto é, todos os encarnados, visto que os vossos corpos de carne são sepulcros para os vossos Espíritos, ouvirão a voz do filho de Deus.

Aludia Jesus, em mente, aos frutos que a sua missão terrena havia de produzir, ao desempenho das missões que os apóstolos traziam, ao cumprimento de suas promessas pelo Espírito da Verdade e à época de sua segunda vinda.

V. 29. E os que tiverem feito boas obras sairão dali (dos sepulcros), ressuscitando para a vida; porém, os que obraram mal sairão, ressuscitando para a condenação.

Ainda expressões *figuradas;* sempre a mesma ordem de idéias. Os que hajam progredido serão chamados *a prosseguir* na marcha ascensional, ou no vosso planeta, *ou* em mundos superiores, conforme ao grau alcançado de purificação. Os culpados endurecidos, esses serão conservados nas esferas inferiores, aí reencarnarão, de acordo com o grau de culpabilidade que apresentem, com as condições em que devam sofrer a expiação e com as exigências do progresso que tenham de realizar.

Os túmulos são sempre os corpos de carne, verdadeiros sepulcros para o Espírito. A "ressurreição para a vida" é o renascimento, a reencarnação, mediante os quais o Espírito reinicia a

marcha ascensional pela via do progresso. A "ressurreição para a condenação" é o renascimento, a reencarnação, pelos quais o Espírito repete suas provas "nos mundos de expiação", recomeça a obra mal feita.

V. 30. Eu de mim mesmo nada posso fazer.

Jesus nada pode fazer *de si mesmo,* porque se limita a aplicar a lei universal e imutável da reencarnação e das provas, executando assim os decretos eternos, a vontade imutável do pai, regulando os efeitos e as conseqüências do livre-arbítrio do homem, o uso que este faz desse livre-arbítrio e classificando o Espírito para o renascimento, de acordo com *o seu estado fluídico, isto* é, classificando o que venceu a prova, na condição correspondente às suas faculdades e à sua aptidão para progredir; classificando o culpado, na condição correspondente à necessidade que tem de reparar e de progredir.

Assim como *ouço* julgo e o meu julgamento é justo, porque não busco fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou.

Não tomeis a palavra *ouvir* no sentido que lhe dá a faculdade humana da *audição.* Tais distinções não existem para o Espírito puro, cujas sensações e percepções se verificam *em todo o seu ser,* sem que ele tenha *nenhum sentido material e especial.*

Jesus julga, poder-se-ia dizer, porque *ouve e* vê, uma vez que a lei imutável do progresso, ou a do estacionamento, ele só as aplica em conseqüência dos *pensamentos* e dos *atos* dos encarnados. E seu juízo é justo, porque não busca fazer a sua vontade, mas a vontade daquele que o enviou, isto é: fiel à inspiração que recebe diretamente de Deus, só faz a vontade de Deus, executando suas leis universais, imutáveis e eternas.

CAPÍTULO *V*
Vv. 31-38

Jesus tem um testemunho maior do que o de João.
Dele deu testemunho o pai, que o enviou.
Suas obras é que dão testemunho dele

V. 31. Se sou eu que dou testemunho de mim mesmo, o meu testemunho não é verdadeiro. — 32. Outro é o que de mim dá testemunho e sei que é verdadeiro o testemunho que de mim ele dá. — 33. Enviaste mensageiros a João e ele deu testemunho da verdade. — 34. Eu, entretanto, não é de homem que recebo testemunho; digo-vos, porém, estas coisas a fim de que sejais salvos. — 35. Ele (João) era uma lâmpada que ardia e alumiava e vós quisestes exultar por algum tempo com a sua luz. — 36. Mas, testemunho maior eu tenho do que o de João; porquanto as obras que meu pai me concedeu fazer, as obras mesmas que eu faço, elas são que de mim dão testemunho e de que é meu pai quem me enviou. — 37. E meu pai, que me enviou, ele mesmo deu testemunho de mim. Nunca lhe ouvistes a voz, nem nada vistes que o representasse. — 38. E a sua palavra em vós não permanece, porque não credes naquele que foi por ele enviado.

N. 16. Pela obra é que se reconhece o obreiro e quem o emprega.

(Vv. *31, 32* e *33.)* Jamais deve *o* homem apresentar-se como modelo. Deve, sim, de modelo servir. Só as obras que pratique, os exemplos que dê podem e devem testificar *a* seu *favor.* Esses *os* únicos testemunhos *verdadeiros* que o homem pode dar de si mesmo. Os outros, não ele próprio, é que devem dar dele testemunho.

Tal o ensino que decorre destas palavras do Mestre: "Se sou eu que dou testemunho de mim mesmo, o meu testemunho não é verdadeiro."

E, tendo dito: "Outro é o que de mim dá testemunho", acrescenta: "E sei que é verdadeiro o testemunho que de mim ele dá."

Atesta, assim, que tem consciência exata da sua origem e certeza do futuro, do ponto de vista da missão que recebeu do pai e que lhe cumpre desempenhar. Mostra que, sob o invólucro corporal que tomou para se tornar visível aos olhares humanos, seu Espírito conserva a independência e a liberdade.

(Vv. 34, 35 e 36.) No que disse aos Judeus que o foram interpelar, João deu testemunho da verdade, declarando não ser o Cristo, ser apenas seu precursor. De Deus é que Jesus recebe o testemunho da sua missão de enviado celeste.

"Digo-vos, porém, estas coisas a fim de que sejais salvos." Os que creram na sua missão foram postos em condições de *se salvarem,* isto é, de lhe ouvirem com confiança e fé a palavra, os ensinamentos, e de caminharem pelas suas sendas.

João era um Espírito superior em missão. Os Judeus lhe escutaram a palavra como sendo a de um profeta, de um enviado de Deus. Mas a sua missão era *preparatória e,* como tal, pouco tempo devia durar. O Precursor tinha que se apagar diante do Cristo, tinha que ver terminada a missão que trouxera, quando Jesus começasse a desempenhar publicamente a sua.

Jesus tem um testemunho maior do que o de João (v. 36).

Esse testemunho dão-no os atos que lhe fora concedido praticar, o poder que lhe foi conferido, os *"milagres"* que realizou. Estes testemunharam ser ele o enviado do pai.

"E o pai, que me enviou, ele mesmo deu testemunho de mim."

Por essas palavras Jesus alude às manifestações espíritas que se produziram quando, pelo Precursor, ele foi batizado às margens do Jordão e quando se transfigurou no Tabor. Em ambas essas manifestações, como sabeis, uma voz se fez ouvir, dizendo: *"Este é o meu filho bem-amado, em quem hei posto todas as minhas complacências; escutai-o."*

E Jesus acrescenta (v. 37):

"Nunca lhe ouvistes a voz, nem nada vistes que o representasse."

Duplo sentido encerram essas palavras do Mestre e duplo objetivo tinha ele em mente ao proferi-las: fazer notar aos Judeus, ali então presentes, que não haviam presenciado essas manifestações espíritas verificadas às margens do Jordão e no Tabor, assinalando assim a importância delas; e, além disso, comprovar, *segundo o espírito que vivifica,* dando um ensinamento, que Deus nunca se manifesta pessoalmente aos homens, como sabeis e nós temos dito.

V. 38. E a sua palavra em vós não permanece, porque *não* credes naquele que *foi por* ele enviado.

Jesus, perante os homens, era o órgão de Deus, sua palavra era a palavra de Deus. Não crendo os Judeus na sua missão e, ainda mais, repelindo-lhe a moral, os ensinos, os exemplos, neles não ficava a palavra de Deus. Em seus corações só tinham guarida os preconceitos, os vícios e as paixões que os dominavam.

Se, por ignorância ou escrúpulo, mas de boa-fé, houvessem renegado a missão de Jesus, crendo, entretanto, na moral que ele personificava e praticando-a, tal qual se cressem na sua missão, teriam sido, não *de nome,* porém *de fato,* seus discípulos, como o foram os profetas e os justos em Israel, antes da sua vinda à Terra.

Até aos vossos dias assim foi e ainda é. São *de fato* discípulos de Jesus todos aqueles que, sejam Judeus ou Gentios, sejam quais forem suas crenças, sejam quais forem as seitas a que pertençam, *procedem como* se cressem nele, praticando a moral que resume o mandamento divino em que se encerram toda a lei e os profetas, embora, na *presente* encarnação, lhe reneguem o nome.

Dissemos — "na *presente* encarnação". Ë que, na encarnação *atual,* tomando para exemplo um Judeu, o fato de ele renegar o nome do Mestre pode ser fruto de preconceitos e do meio onde nasceu e vive, desde que, por efeito de *precedente* encarnação, tem a maneira de *proceder como se cresse* em Jesus.

CAPÍTULO V
Vv. 39-47

As Escrituras dão testemunho de Jesus. — Aquele que crê em Moisés crê em Jesus

V. 39. Lede atentamente as Escrituras, vós que julgais ter nelas a vida eterna: são elas mesmas que de mim dão testemunho. — 40. Mas não quereis vir a mim para terdes a vida. — 41. A minha glória não é dos homens que me vem. — 42. Mas eu vos conheço e sei que não tendes em vós o amor de Deus. — 43. Vim em nome de meu Pai e não me recebeis; se outro vier em seu próprio nome, recebê-lo-eis. — 44. Como podeis crer, vós que requestais a glória que uns aos outros dais e não buscais a glória que só de Deus vem? — 45. Não julgueis seja eu quem vos acusará perante o Pai; tendes um acusador, que é Moisés em quem esperais. — 46. Porque, se cresseis em Moisés, certamente também creríeis em mim, pois de mim foi que ele escreveu. — 47. Se, porém, não credes no que ele escreveu, como haveis de crer no que vos digo?

N. *17.* Estes versículos são de si mesmos compreensíveis e ainda de mais fácil compreensão diante das explicações que vos temos dado.

(Vv. *39, 40 e* 41.) Mostra Jesus que, de acordo com as interpretações dadas às palavras de Moisés e dos profetas, ele é o Messias prometido aos Hebreus e faz sentir que os Judeus não o recebem por *não ser dos homens que lhe vem a glória, isto* é, por não ser ele *um libertador material.* Viera dar-lhes a vida *espiritual; os* Judeus, porém, não o procuravam para tê-la.

Mas eu vos conheço e sei que não tendes *em* vós o amor de Deus.

Dessa forma declara Jesus que lê os pensamentos dos que o ouviam e os conhece. Fazendo essa declaração, afirma as suas faculdades extra-humanas e *a consciência que delas tem.* Afirma, portanto, a sua natureza e a sua origem também *extra-humanas.*

(Vv. 43 e 44.) Estes versículos se traduzem assim: "Sou o enviado de Deus e não me recebeis. Se outro vier em seu próprio nome e se vos apresentar na qualidade de libertador material, recebê-lo-eis. Como podeis *crer,* isto é, *aceitar a* minha missão, que *é toda espiritual, e caminhar nas minhas sendas,* se o que buscais é a independência e a glória na vida *material,* se não buscais a glória que só de Deus *vem:* a vida *espiritual?"*

V. 45. Não julgueis seja eu quem vos acusará perante *o* pai; *tendes um acusador, que é Moisés em quem esperais.*

Tinham eles seguido pura e fielmente a lei de Moisés? Não, tanto que Jesus *já* lhes dissera: "Eu vos conheço e sei que não tendes *em vós o* amor de Deus."

(Vv. 46 e 47.) Se cresseis em Moisés, certamente em mim também creríeis. — Se, porém, não credes no que ele escreveu, como haveis de crer no que vos digo?

Moisés anunciara a vinda do Messias, do Cristo. Proclamara e prescrevera aos Judeus o amor de Deus e do próximo como de si mesmo, o que implica e compreende a observância do Decálogo.

Crer em Moisés e no que ele escrevera era crer na missão de Jesus, era obedecer pura e fielmente à lei que o Mestre estendera a todos os homens, Judeus e Gentios, preceituando aquele duplo amor e declarando que esse preceito encerra *toda a lei e os profetas.*

"Se cresseis em Moisés, que anunciou a minha vinda como Messias, também creríeis em mim quando vos digo que sou o Messias, que de mim foi que ele escreveu. Se não acreditais no que ele escreveu, isto é, se não obedeceis pura e fielmente à sua lei, observando o Decálogo, praticando o amor de Deus e do próximo como de si mesmo, de que modo crereis no que vos digo eu, que vos venho reconduzir à prática pura e simples dessa lei, guiando-vos para as sendas da luz, da justiça, da caridade e da verdade? De que modo haveis de receber a minha palavra e seguir os meus ensinamentos e exempios ?"

Estas palavras de Jesus aos Judeus: "Não julgueis seja eu quem vos acusará perante o pai; tendes um acusador, que é Moisés em quem esperais", são de molde a provar aos homens, de lhes ensinar, e esse foi, segundo o espírito que vivifica, o objetivo com que o Mestre as disse, que, sejam quais forem suas crenças, seus cultos, sejam eles judeus, cristãos ou muçulmanos, Judeus ou Gentios, seus atos é que, perante Deus, testificarão pró ou contra eles.

Moisés, como se sabe, disse: ¨E TODAS AS NAÇÕES DA TERRA SERÃO BENDITAS NAQUELE QUE DE TI SAIRÁ (referindo-se a Abraão), porque obedeceste à minha voz." *(Gênese,* cap. XXII, v. 18.) — "O cetro não será tirado a Judá, nem o príncipe de sua posteridade, até que tenha vindo aquele que há de ser enviado e em quem todas as nações esperarão." *(Gênese,* cap. XLIX, v. 10.) E disse mais, no *Deuteronômio,* cap. XVIII, v. 15: "O Senhor teu Deus te suscitará um profeta como eu, *da tua nação e dentre teus irmãos; É* A ELE *que escutarás."* E, no v. 18: *"Do meio de seus irmãos* eu lhes suscitarei *um profeta semelhante a ti e na boca lhe porei as minhas palavras e ele lhes dirá tudo o que eu lhe ordenar."*

Diante dessas palavras e do que disse Jesus segundo os vv. 39, 45 e 46, acima transcritos, SERÁ ACER-

TADO entender-se que, mandando se reportassem os Judeus ao que dele escrevera Moisés, portanto, aos trechos que vimos de citar, Jesus tinha em mente proscrever a divindade que lhe atribuíssem, excluir a possibilidade de suporem ser ele DEUS e que, ASSIM, condenou *de antemão* a divindade que *os* homens, que as interpretações humanas lhe atribuíram?

Certamente. Porém, notai que Jesus não manda que os Judeus se reportem *somente ao* que dele escreveu Moisés, mas a tudo o que a seu respeito haviam escrito *Moisés e todos os profetas,* porquanto o que ele disse foi: "Lede atentamente *as Escrituras,* vós que julgais ter nelas a vida eterna; *são elas mesmas que* de mim dão testemunho."

Por Jesus e com Jesus também nós vos dizemos: Lede atentamente as Escrituras, tanto as da antiga lei, quanto as da lei nova. Naquelas encontrareis: *intencionalmente* velada, por ter de servir às interpretações humanas, de conformidade com as necessidades dos tempos, com as condições e os meios de realização do progresso humano, com o estado das inteligências e as aspirações da época, a revelação feita por intermédio de Moisés e dos profetas, anunciando o Messias, preparando o advento de Jesus, seu aparecimento e o modo por que este viria a dar-se, assim como a missão que desempenharia; preparando os caminhos que levariam ao desempenho dessa missão, *tal qual foi desempenhada,* e às conseqüências que havia de produzir, segundo o curso dos acontecimentos que a ela presidiram e segundo as interpretações humanas; preparando as bases, os elementos e os meios de verificar-se a revelação que havia de ser feita pelo anjo a Maria e a José para o aparecimento de Jesus; as bases, os elementos e os meios de realização da obra da sua missão e da continuação dessa obra. E vereis que tudo isso tinha de ser preparado e o foi, de um duplo ponto de vista: do da transição, que era

mister se executasse sob o império e o véu *da letra,* a capa do *mistério, o* prestígio do *milagre;* e do aparelhamento das bases, dos elementos e dos meios apropriados à revelação futura do Espírito da Verdade, a verificar-se nos tempos da era nova do Cristianismo *do Cristo*¸ da era espírita que se inicia.

Lede com cuidado as Escrituras da lei antiga; reportai-vos a todos os textos que recomendamos em o n. 1 e vereis que, com o objetivo *dessa transição,* que tinha de ser e foi disposta e operada, a revelação hebraica apresentou o Messias prometido, o Cristo, como um ser excepcional, com uma origem, uma natureza ao mesmo tempo humanas e extra-humanas, milagrosas, divinas, *ao ver dos homens.* Apresentou-o com uma origem e uma natureza humanas, indicando que ele sairia da posteridade de Abraão, da casa de David, que seria um filho de David, um profeta semelhante a Moisés, mas que também seria "aquele em quem todas as nações da Terra serão benditas", aquele de quem Deus disse, por intermédio de Moisés: "É a ele que escutareis." Apresentou-o com uma natureza, uma origem extra-humanas, uma origem, uma natureza, *ao ver dos homens,* milagrosas, divinas, dando-o como um prodígio concedido à casa de David¸ como concebido e gerado no seio de uma virgem, como o Senhor de David, gerado por Deus, filho do Altíssimo, filho de Deus, conforme se vê destes tópicos: "Eu te gerei hoje" — "és meu filho" — "Serei seu pai e ele será meu filho"; dando-o ainda como tendo fundado a terra e os céus, cumprindo notar que estes, *para os Hebreus,* eram um acessório integrante da terra.

Lede as Escrituras da lei antiga, reportai-vos a todos os textos que citamos em o n. 1 e verificareis que, tendo em vista aparelhar as bases, os elementos e as meios da futura revelação do Espírito da Verdade, a produzir-se na era nova

do Cristianismo *do Cristo,* na era espírita que se inicia, a revelação hebraica apresentou *veladamente o* Messias prometido, o Cristo, como sendo *sem pai, sem mãe, sem genealogia,* semelhante nisto a Melquisedec que foi ao encontro de *Abraão* e o abençoou, recebendo deste o dízimo de tudo; como tendo Deus, por não haver querido *hóstia nem oblata,* formado para ele um corpo, a fim de que fizesse a sua entrada no mundo; como não tendo começo de sua vida nem termo de seus dias; como sendo pontífice eterno, sacerdote eterno, segundo a ordem de Melquisedec, não por efeito de uma sucessão carnal, mas pelo poder da sua vida imortal, vida que ninguém lhe pode tirar — *vitae insolubilis.* Verificareis que o apresentou como sendo aquele a quem, pelo órgão dos profetas, foi anunciado: "És meu filho" — "oh! Deus" — "Deus, teu Deus"; mas que também o apresentou como *irmão* dos homens, como *"Deus" e* "filho do Altíssimo", tal qual os homens, pondo-lhe na boca estas palavras: "Anunciarei teu nome *a meus irmãos" e* registando estas outras dirigidas aos homens: "Deus tomou assento na assembléia *dos Deuses* e julga os *Deuses." — "Sois Deuses e todos sois filhos do Altíssimo",* mostrando assim que o Deus *do filho* é o Deus *dos Deuses, o único* eterno, o Deus de Israel, o Deus do monoteísmo e que o filho o é do Deus *dos Deuses.* Ele, porém, *é santo, inocente, sem mácula, distinto* dos pecadores, fundou a Terra e tem o encargo de a governar. Sob esse aspecto é que, *com relação a vós,* Espíritos falidos e que por isso vos achais nos tenebrosos lugares da encarnação humana, lhe cabe o título de "filho único do pai".

Lede atentamente as Escrituras da lei nova e vereis Jesus aparecendo na Terra e desempenhando a sua missão, conformemente ao que fora preparado *e* disposto pela revelação hebraica.

Vereis que, graças à revelação feita pelo anjo

a Maria e a José, em condições e circunstâncias tais que ficasse, como ficou, em segredo durante todo o tempo da sua missão terrena, o aparecimento de Jesus se deu por maneira que, enquanto durou aquela missão, ele teve, *aos olhos dos homens,* paternidade e maternidade humanas, como descendendo de David, e, concluída aquela missão, passou, *também segundo o modo de ver dos homens,* a ser fruto de maternidade milagrosa, divina, porque concebido e gerado *por obra do Espírito Santo* que, para os Judeus, era o *próprio* Deus a se manifestar *por um ato qualquer.*

Vê-lo-eis, durante a sua missão, tido *pelos homens* como filho de José e de Maria, filho, pois, de Abraão, filho de David, por descendência; como um homem *igual aos outros;* como um profeta semelhante a Moisés; e o vereis declarar-se profeta e também filho de Deus, chamar-lhe *seu pai e* ao mesmo tempo chamar *seus irmãos aos* seus discípulos, dizer-lhes, com relação a Deus: *"Meu* pai *e vosso* pai, *meu* Deus e vosso Deus" e dizer, dirigindo-se a Deus: "Tu, que és o *único* Deus *verdadeiro."*

Vê-lo-eis fazendo tudo o que era necessário para que acreditassem na natureza humana que lhe foi atribuída e, *ao mesmo tempo,* por seus atos e palavras, sob o véu *da letra,* sob a capa *do mistério,* sob o prestígio *do milagre,* preparando pouco a pouco os homens para, concluída a sua missão terrena e quando pudesse ser divulgada com oportunidade e proveito, entrarem no conhecimento da revelação que o anjo fizera a Maria e a José e que até então se conservou secreta, acerca da sua natureza, da sua origem extra-humanas, *"milagrosas, divinas", como* obra do *Espírito Santo.* Vereis que essa revelação, *intencionalmente* velada, estava destinada a. servir de base às interpretações humanas, para o fim de operar-se a transição, que cumpria fosse prepa-

rada e executada, de acordo com as necessidades e aspirações da época, com as condições e meios de realização do progresso humano e com o estado das inteligências.

Vê-lo-eis a velar, *também propositadamente,* suas *palavras* e a dispor tudo para que aquela transição se efetuasse, como condição e meio de progresso, por maneira a servir àquela época e ao futuro sob o império e o véu *da letra,* a capa *do mistério,* o prestígio *do milagre,* ao mesmo tempo que preparava as bases, os elementos e os meios da revelação vindoura, por ele predita e prometida, do "Espírito da Verdade" precursora do seu segundo advento, igualmente predito e prometido. Essa revelação é a atual *revelação da revelação,* que vem substituir *a letra pelo espírito que vivifica* e fazer que os homens compreendam que o primeiro aspecto, o humano, por efeito de humana descendência, que as duas revelações veladas, a da antiga lei e a da lei nova, lhe emprestaram, era transitório e circunstancial, mas necessário a preparar os homens e a trazê-los aos dias de hoje, à aurora do advento "do e*spírito".* É a nova revelação, que vem explicar, *em espírito e verdade,* quando os homens se tornarem capazes de a suportar, a natureza e a origem espirituais de Jesus, sua posição espírita relativamente a Deus e ao planeta terreno, seus poderes e sua missão, sua natureza extra-humana, seu aparecimento na Terra e o modo por que se deu esse aparecimento, conforme às leis da natureza, para desempenhar a sua missão, todos os fatos qualificados de *"milagrosos",* que ele praticou entre os homens, o sentido e o alcance de suas palavras, de seus atos, ensinos e exemplos, visando o progresso do Espírito e tendo por fim ensinar os homens a *viverem* e a *morrerem.*

Mas, *não* é de prever que muitos se prevaleçam

destas palavras do *Gênese: "Naquele que de ti sairá",* falando de Abraão, e destas outras do *Deuteronômio: "Um profeta como eu, um profeta semelhante a ti",* para contestarem a natureza extra-humana de Jesus, tal como é agora revelada?

Os que assim procedam abrirão exceção na revelação da lei antiga e na da lei nova. Mas, não lhes é lícito dividi-la, admiti-la numa parte e rejeitá-la em outra. Ora, dessas duas revelações, *intencionalmente veladas,* repetimos, *uma* fala do Messias prometido, *a outra* apresenta Jesus como a personificação do Messias e fala do seu advento, atribuindo-lhe origem ao mesmo tempo humana e extra-humana, *"milagrosa",* "divina".

As palavras de Moisés *no Gênese* e no *Deuteronômio* encerram apenas um dos aspectos, uma das faces da revelação da lei antiga, transitória e circunstancial, conforme o temos dito, mas necessária, como condição e meio de progresso, a preparar a revelação da lei nova, que havia de conduzir os homens aos dias de hoje.

A discussão sobre esse ponto tem que se travar e se travará. Porém, um momento de reflexão bastará para compreenderdes que Moisés não podia anunciar aos Hebreus um fato *que eles não perceberiam* e que, na condição de encarnado, o próprio Moisés não *podia,* nem *tinha que* compreender. Fazer o contrário fora desvendar-lhe a missão de Jesus e levá-lo a semear o *bom grão* em campos onde ainda só *ao joio* era possível crescer. Cada época tem os seus missionários. Moisés era *inspirado,* não há dúvida, mas, *por isso mesmo,* não dizia senão o que *convinha* que dissesse. Como encarnado, não tinha consciência do que havia de ser o Messias, nem do ponto de vista da missão que desempenharia, nem do de seu aparecimento e do modo por que este se daria na Terra. O mesmo sucedeu com os profetas que surgiram depois de Moisés e que revelaram

a natureza extra-humana, "milagrosa", "divina", do Messias. Eram *inspirados,* como Moisés o fora; mas, *por isso mesmo*¸ também não diziam senão o que *convinha* que dissessem, nenhuma consciência tendo igualmente, como encarnados, do que havia de ser o Messias, nem do modo por que se daria o seu aparecimento na Terra. Nem mesmo os que tinham de assistir a esse aparecimento e ao desempenho daquela missão deviam compreender uma e outra coisa. Só nos tempos atuais é que teriam de ser explicadas, como o faz a nova revelação. A cada época¸ a cada era, só é dado o que ela pode comportar.

Não sabeis que as revelações são sucessivas e progressivas, apropriadas às condições e aos meios de progresso das gerações humanas, de maneira a guiá-las em sua marcha ascensional? Não sabeis que cada uma prepara a que se lhe há de seguir?

Não devendo ser por eles compreendida a revelação *velada* da antiga lei, os Hebreus, por efeito das interpretações humanas a que ela deu lugar, entenderam que o Messias seria um libertador material, que lhes viria restituir a independência e restaurar a nacionalidade¸ restabelecer sobre todas as nações da Terra o império de Israel.

De outro lado, não devendo a revelação da lei nova ser compreendida pelos "cristãos", estes, por efeito das interpretações humanas a que a sujeitaram em face da que a precedera, viram no Cristo, no Messias que, prometido¸ viera, primeiramente um homem revestido do corpo material humano como os demais e, como os outros, sujeito à morte; depois, atribuindo-lhe a divindade, considerando-o parte destacada¸ se bem que *inseparável,* do Deus uno, igual a este, viram nele um Deus, o próprio Deus *milagrosamente* encarnado.

Finalmente, indo buscar sua base, seus elementos e meios nas revelações *veladas* que a precederam e explicando-as *segundo o espírito que vivifica,* a nova revelação, graças à ciência do magnetismo e à ciência espírita, que Deus fez reviver, fazendo-as ressurgir às *vistas de todos, e* graças a tudo o que elas vos têm revelado, vem mostrar Jesus tal qual ele é, *em espírito e verdade:* Espírito que, provindo, em sua origem, do mesmo ponto de partida que vós outros, se conservou puro na via do progresso e chegou à perfeição sideral, se tornou, sem jamais haver falido, puro Espírito; Espírito, portanto, de pureza perfeita e imaculada, Espírito cuja perfeição se perde na noite das eternidades; vosso *irmão,* fundador, protetor e governador do planeta terrestre, encarregado do vosso desenvolvimento, do vosso progresso, de vos levar à perfeição. Essa nova revelação vos vem explicar ainda, *em espírito e verdade,* a concepção, a gravidez e, conseguintemente, a gestação e o parto de Maria, como obras do "Espírito Santo", o aparecimento de Jesus na Terra e o modo por que se operou esse aparecimento, de conformidade com as leis da natureza, tomando ele um corpo fluídico, tangível, aparentemente igual ao corpo humano, formado, não mediante derrogação das leis naturais, mas de acordo com essas leis, com suas aplicações e apropriações.

CAPÍTULO VI
Vv. 1-15

Multiplicação dos cinco pães e dos dois peixes. Jesus, sabendo que dele querem apoderar-se a fim de o fazerem rei, se retira para o monte, sozinho

V. 1. Depois disto, passou Jesus à outra banda do mar da Galiléia, que é o lago de Tiberíades. — 2. Seguia-o grande multidão de gente, porque viam os milagres que ele operava nos que se achavam enfermos. — 3. Jesus subiu a um monte e ali se sentou com seus discípulos. — 4. Ora, estava próximo o dia da Páscoa, que é a grande festa dos Judeus. — 5. Como, levantando os olhos, visse uma grande multidão que com ele vinha ter, disse a Filipe: Onde compraremos pão para dar de comer a essa gente? — 6. Isso, porém, Jesus dizia apenas para o experimentar, pois bem sabia o que havia de fazer. — 7. Filipe lhe respondeu: Duzentos denários de pão não bastariam, para que cada um recebesse um pouco. — 8. Um de seus discípulos, chamado André, irmão de Simão Pedro, lhe disse: — 9. Está aqui um rapazinho que tem cinco pães de cevada e dois peixes; mas que é isso para tanta gente? — 10. Disse-lhe Jesus: Fazei que se assentem. Havia naquele lugar muito feno. Sentaram-se todos, em número aproximado de cinco mil pessoas. — 11. Jesus tomou então dos pães e, tendo dado graças, os distribuiu pelos que estavam sentados; e dos peixes lhes deu quanto eles quiseram. — 12. Saciados todos, disse Jesus a seus discípulos: Recolhei os pedaços que sobraram, a fim de que não se percam. — 13. Os discípulos os recolheram e encheram doze cestos com os pedaços dos cinco pães de cevada que sobraram aos que haviam comido. — 14. Tendo visto o milagre que Jesus fizera, toda aquela gente dizia: Este é verdadeiramente o profeta que tinha de vir ao mundo. — 15. Como, porém, percebesse que o viriam arrebatar para o fazerem rei, Jesus se retirou de novo, a sós, para o monte.

N. 18. O fato da multiplicação dos cinco pães e dos dois peixes já vos foi explicado no comentário aos três primeiros Evangelhos[37]. O que então se vos disse tem inteira aplicação aqui. As narrações evangélicas se explicam e completam reciprocamente.

Quanto aos cestos, repetimos o que então dissemos: os discípulos, depois de terem feito o que Jesus mandara, os deixaram lá e com eles não mais se ocuparam. Não se tratou mais disso.

Com relação ao que a narração evangélica refere, dizendo que Jesus, como percebesse que a multidão que presenciara o fato qualificado de "milagre" o queria arrebatar para fazê-lo rei, se retirou de novo, a sós, para o monte, temos a dizer-vos o seguinte: Sabeis a que móvel, a que intento obedeciam os Judeus que pensavam em fazê-lo rei. Queriam que ele fosse um libertador material. Jesus, entretanto, havia dito: "Meu reino por agora não é deste mundo."

Sabeis igualmente, pois também já o temos explicado muitas vezes, o que era feito de Jesus quando longe das vistas humanas, quando *supunham que* ele se retirara para o deserto ou para o monte.

[37] Ver: 29 tomo, n. 173, págs. 373-379.

CAPÍTULO VI
Vv. 16-24

Jesus caminha sobre o mar

V. 16. Quando veio a tarde, seus discípulos desceram para o mar. — 17. Meteram-se numa barca e atravessaram o mar em direção a Cafarnaum. Era já noite e Jesus não tinha ido reunir-se-lhes. — 18. E o mar se empolava por causa do vento rijo que soprava. — 19. Tendo navegado cerca de vinte e cinco ou trinta estádios, deram com Jesus que caminhava por sobre o mar, aproximando-se da barca, e ficaram apavorados. — 20. Jesus, porém, lhes disse: Sou eu, não tenhais medo. — 21. Eles então se dispuseram logo a recebê-lo na barca e esta chegou imediatamente ao lugar para onde iam. — 22. No dia seguinte, o povo, que ficara do outro lado do mar, notou que lá não havia na véspera senão uma só barca e que Jesus não entrara nela com os discípulos, que estes tinham ido sós. — 23. Outras barcas, entretanto, chegaram de Tiberíades, perto do lugar onde comeram o pão, depois de o Senhor haver dado graças. — 24. Quando, enfim, a multidão viu que Jesus não estava ali, nem seus discípulos, entrou nessas barcas e foi para Cafarnaum à sua procura.

N. 19. O fato de Jesus caminhar por sobre o mar também já vos foi explicado no comentário aos três primeiros Evangelhos. (2° tomo, n. *174,* págs. *380-386.)* Reportai-vos a essas explicações. Ainda aqui, como sempre, as narrações evangélicas, relativamente *ao* mesmo fato, se completam umas pelas outras.

CAPÍTULO VI
Vv. 25-40

A moral que Jesus personifica é a fonte de todo progresso e a senda que leva à perfeição. Ela conduz à libertação das encarnações materiais

V. 25. Ao encontrarem-no do outro lado do mar, perguntaram-lhe: Mestre, quando chegaste aqui? — 26. Jesus respondeu: Em verdade, em verdade vos digo que me buscais, não por causa dos milagres que vistes, mas porque comestes dos pães que vos dei e ficastes fartos. — 27. Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que se conserva para a vida eterna e que o filho do homem vos dará, porque nele foi que o Pai, que é Deus, imprimiu o seu selo. — 28. Perguntaram-lhe eles: Que havemos de fazer para obrarmos as obras de Deus? — 29. Respondeu-lhes Jesus: A obra de Deus é esta: que creais naquele que ele enviou. — 30. Perguntaram-lhe então: Que milagre obrarás tu para que, vendo-o, te creiamos? que de espantoso farás? — 31. Nossos pais comeram o maná no deserto, conforme está escrito: Deu-lhes de comer o pão do céu. — 32. Jesus lhes respondeu: Em verdade, em verdade vos digo: Moisés não vos deu o pão do céu; meu Pai é quem dá o verdadeiro pão do céu. — 33. Porque, o pão de Deus é aquele que desceu do céu e dá a vida ao mundo. — 34. Disseram-lhe então: Senhor, dá-nos sempre desse pão. — 35. Jesus lhes respondeu: Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não mais terá fome e aquele que em mim crê nunca mais terá sede. — 36. Mas eu já vos disse que vós me tendes visto e não credes. — 37. Todo aquele que o Pai me dá virá a mim e o que vem a mim eu não o lançarei fora. — 38. Porque desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. — 39. Ora, a vontade de meu Pai, que me enviou, é que eu não perca nenhum dos que ele me há dado; que, ao contrário, os ressuscite a todos no último dia. — 40. A

vontade de meu Pai, que me enviou, é que todo aquele que vê o filho e nele crê tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia.

N. 20. A turba que presenciara a multiplicação dos cinco pães e dos dois peixes, que, diante desse fato, *qualificado* de "milagre", dissera: *"Este é verdadeiramente o profeta que tinha de vir ao mundo", ao* verificar que Jesus passara para o outro lado do mar, sem que nenhuma barca houvesse na qual pudesse ter feito a travessia, suspeitando que um novo *"milagre"* se operara, perguntou-lhe *"Quando chegaste aqui?"*

Jesus se absteve de responder a essa interrogação, de tornar conhecido o fato de haver caminhado por sobre o mar. Esse fato, que mais tarde se divulgaria, se naquele momento se espalhara, teria impressionado fortemente a multidão e despertado nela a idéia de se apoderar dele para fazê-lo rei.

Sua missão tinha que ser cumprida, seguindo o seu curso natural.

Ele se vale então do fato da multiplicação dos pães e dos peixes para, ao mesmo tempo, fazer a revelação velada da sua origem e de sua missão e dar um ensinamento, revelação e ensinamento que só haviam de ser explicados, *em espírito e verdade,* na época atual, pela nova revelação, quando os homens se acham em vias de ser preparados para a suportar e compreender. Assim é que afirmou serem extra-humanas a sua natureza e a sua origem, afirmando consistir a sua missão em prover, não só ao alimento do corpo, mas sobretudo ao da alma por meio do "verdadeiro pão do céu", do "pão de Deus", do "pão de vida", que multiplica para os que nele crêem, isto é, para os que se esforçam por trilhar as suas sendas.

Dizendo que "nele, o filho do homem, foi que o pai, que é Deus, imprimiu seu selo", dizendo

que "pão de Deus é aquele *que* desceu *do céu e que dá a vida ao mundo",* Jesus afirma serem extra-humanas sua natureza e sua origem, indica qual a sua missão e os poderes de que se acha investido como fundador, protetor e governador do planeta terreno.

Nele, o filho do homem, imprimiu Deus o seu selo, porquanto ele, *por sua natureza, é* a imagem da substância de Deus. Traz o selo divino porque, sob aquela aparente corporeidade humana, ele *é,* ao mesmo tempo, inteligência, pensamento e fluido, o que quer dizer — um puro Espírito, revestido de um corpo fluídico tangível, para ser visível aos homens.

Pois que descera do céu, era, como já o temos explicado, o homem celeste, revestido de um corpo celeste, isto é, de um corpo, por sua natureza, fluídico.

Dá a vida ao mundo.

Como enviado, Jesus, pelo desempenho da sua missão terrena, deu vida ao mundo, por isso que estabeleceu as bases, os elementos e os meios da regeneração humana. Continua a dar vida ao mundo, visto que, concluída a sua missão terrena, prosseguiu e prossegue, do alto dos esplendores celestes, nessa obra de regeneração que a revelação nova do *Espírito da Verdade* vem impulsionar e executar, na era que diante de vós se abre.

Como fundador do planeta terrestre, deu vida ao mundo e, como seu protetor e governador, continua a dar-lha, visto que, depois de haver presidido à formação desse planeta, dirigiu e dirige o seu desenvolvimento e o seu progresso.

DESCI *do céu, NÃO* para fazer a minha vontade, MAS a daquele que me enviou.

Por essas palavras, Jesus declara a sua dependência e a sua inferioridade com relação a Deus e declara nada fazer senão de acordo com as inspirações que recebe diretamente de Deus, de acordo com a sua vontade.

(Vv. 28 e 29.) O que os homens devem fazer *"para obrarem as obras de Deus"* é amar a Deus acima de tudo e amar o próximo como a si mesmos. Obra de Deus é crer em Jesus, é caminhar nas suas sendas e aquele que pelas sendas de Jesus caminha pratica esse duplo amor.

(Vv. 32, 33, 34 e 35.) O verdadeiro pão do céu, que o pai dá aos homens, o "pão de Deus", o "pão de vida", que Jesus personifica, é a sua moral, é a doutrina que ele pregou e exemplificou, doutrina que, disse-o, não é sua, mas daquele que o enviou.

São também suas estas proposições: *"O espírito é que vivifica;* a carne *de nada serve;* as palavras que vos digo *são espírito e vida."*

Aquele *que vai a Jesus,* que *nele crê,* isto é, que se esforça por andar nas suas trilhas, por pôr em prática sua moral, seus ensinos, seus exemplos, jamais terá *fome*¸ jamais terá *sede* das coisas da matéria. Saberá dominá-las pelo Espírito e fará delas instrumento e meio de caridade, de amor, de progresso pessoal e de progresso coletivo, assim de ordem material, como de ordem moral e intelectual.

Mas, disse Jesus aos Judeus, vós me haveis visto e não credes.

Haveis visto as minhas obras e não credes na minha missão, na minha palavra.

Vv. 39 e 40. A vontade de meu pai, que me enviou, é que eu não perca nenhum dos que ele me há dado; que, ao contrário, os ressuscite a todos no último dia. — A vontade de meu pai, que me enviou,

é que todo aquele que vê o filho e nele crê tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia.

Por estas palavras: *"que eu os ressuscite a todos no último dia —, e eu o ressuscitarei no último dia", Jesus* se refere ao termo das encarnações materiais. Submetido à encarnação material, não está "morto" o Espírito, do ponto de vista da vida espírita? Os esforços empregados para levá-lo à perfeição não o levarão à ressurreição no último dia, isto é, quando haja alcançado um grau de pureza que o livrará do contacto do corpo material?

Ao proferir aquelas palavras, Jesus num só pensamento envolvia o presente, a época em que falava, e o futuro; referia-se aos que o escutavam e às gerações vindouras.

Consideradas com relação àquela época, significam que, de conformidade com a vontade do pai, ele não perderia nenhum *dos que o pai lhe dera,* isto é: com olhar vigilante acompanharia, ajudando-os a avançar, *todos os* que haviam pedido para agrupar-se ao seu derredor, como discípulos, durante a sua missão terrena; *todos os* que, dóceis às advertências, aos conselhos de seus guias, haviam pedido, por devotamento, uma missão, uma tarefa qualquer que, estando na medida de suas forças, lhes seria possível desempenhar; *todos* os que, tendo-lhe escutado a voz, o seguissem, ele os ressuscitaria, libertando-os da encarnação material, desde que houvessem atingido o necessário grau de purificação.

Consideradas com relação ao futuro, tais palavras significam que todos quantos, sejam eles quais *forem,* vêem a Jesus nas obras que o personificam e nele crêem, pondo em prática sua moral, seus ensinos e exemplos, terão a vida eterna, isto é, chegarão, de progresso em progresso, de ascensão em ascensão, à perfeição, à vida dos

puros Espíritos, que é a vida eterna do Espírito. E Jesus os ressuscitará *no último dia:* — libertá-los-á da encarnação material, *desde que tenham alcançado o necessário grau de purificação.*

(V. 37.) Jesus não lança *fora os* que venham a ele. Quer dizer: não expulsa para mundos inferiores os que enveredam pelo caminho da prática da sua moral. Não expulsará para esses mundos, na época da depuração do vosso planeta, da separação do joio e do trigo, os que *então* já tiverem entrado e caminharem pela via do progresso.

Contudo, os Espíritos culpados e endurecidos que, nessa época, forem expulsos do planeta terreno, não serão *"réprobos".* Tendo sido *"chamados",* como os outros, eles, nesse momento, não serão *escolhidos, mas* estão destinados *a sê-lo.* Com o exílio para mundos inferiores, abre-se-lhes a estrada da expiação, da reparação e do progresso, pela qual também chegarão a *"ressurgir no último dia"* e a alcançar *"a vida eterna".*

CAPÍTULO VI
Vv. 41-51

Murmurações dos Judeus contra o que Jesus acabava de dizer. — Palavras veladas de Jesus. — Nenhum homem jamais viu a Deus, exceto aquele que nasceu de Deus. — Ninguém pode vir a Jesus, se não for atraído pelo pai que o enviou. — O que nele crê tem a vida eterna. — Ele é o pão que desceu do céu. — Ele é o pão vivo que desceu cio céu

V. 41. Os Judeus se puseram a murmurar dele por haver dito: Eu sou o pão vivo, que desci do céu. — 42. E diziam: Este não é Jesus, o filho de José, cujo pai e mãe conhecemos? Como é então que ele diz: Desci do céu? — 43. Respondeu-lhes Jesus: Não murmureis entre vós. — 44. Ninguém pode vir a mim, se meu pai, que me enviou, o não atrair; e eu o ressuscitarei no último dia. — 45. Escrito está nos profetas: Serão todos ensinados por Deus. Todos aqueles, que do pai têm ouvido a voz e aprendido dele, vêm a mim. — 46. Não é que alguém tenha visto o pai, pois só aquele que nasceu de Deus tem visto o pai. — 47 Em verdade, em verdade vos digo: Aquele que crê em mim tem a vida eterna. — 48. Eu sou o pão de vida. — 49. Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. — 50. Aqui está, porém, o pão que desceu do céu, a fim de que todo o que dele comer não morra. — 51. Eu sou o pão vivo que desci do céu.

N. 21. Aqui se vos deparam um exemplo e uma aplicação do que já dissemos: que mesmo aqueles que presenciaram a aparição de Jesus na Terra e o desempenho de sua missão não podiam e não deviam compreender uma e outra coisa; que só nos dias de hoje a nova revelação as havia de

explicar *segundo o espírito, pois* que a cada época não pode ser e não é dado senão o que ela comporte; que, durante a sua missão terrena, Jesus tinha que ser e foi considerado *pelos homens* como um homem igual *aos* outros, como filho de José e de Maria.

Estas palavras: "Sou o pão vivo *que desci do céu"* chocaram os Judeus, muito embora não as compreendessem. Vislumbraram nelas confusamente a afirmação de uma origem celeste, *extra-humana. Daí o* murmurarem e dizerem: "Este não é Jesus, o filho de José, cujo pai e mãe conhecemos?"

Era mister que Jesus se abstivesse de responder a essa interrogação, porquanto a revelação, *intencionalmente* velada, que o anjo ou Espírito enviado fizera a Maria e a José, tinha, como sabeis, que se conservar secreta, enquanto durasse a missão terrena do Mestre, e tinha que ficar incompreendida, mesmo depois de divulgada. À futura revelação do Espírito da Verdade estava reservado responder, nos tempos atuais, *segundo o espírito que vivifica,* a tal pergunta, explicando aquela revelação quando os homens houvessem entrado nos caminhos por onde chegariam à condição de a suportar e compreender.

Jesus não responde à observação dos Judeus; limita-se a lhes dizer: "Não murmureis entre vós."

Diante das murmurações que suas palavras ocasionaram, repete o que acabara de dizer, fortalecendo suas afirmações com o lhes dar aspectos novos que, também, serviam para aquele momento e para o futuro e estabeleciam as bases, os elementos e os meios convenientes à nova revelação.

As palavras que Jesus acabara de dizer e repete são estas do v. 44: "E eu o ressuscitarei no último dia" e mais as dos vv. 47, 48, 49, 50 e 51.

As explicações que já demos em o n. 20 vos colocam em condições de compreendê-las.

Cingimo-nos, pois, a chamar vossa atenção para estas do v. 49:

Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram.

Os Espíritos encarnados, que comeram o maná no deserto, eram atrasados, ignorantes e materiais. Precisando ainda purificar-se no cadinho da reencarnação material, foram lançados nele.

Aqui está, porém, *o* pão que desceu *do céu,* a fim de que todo o que dele comer *não* morra.

"Aqui está, porém, a moral que eu personifico, que tem de regenerar os homens e que lhes trago eu que entre vós apareci vindo das regiões celestiais, a fim de que todos os que a pratiquem e sigam meus passos cheguem a libertar-se da encarnação material, alcancem a perfeição e, por *conseguinte,* não morram."

V. 44. Ninguém pode vir a mim, se meu pai, que me enviou, o não atrair.

Segundo o espírito, estas palavras foram ditas para assinalar a. ação dos Espíritos junto dos homens e lhes fazer compreender que só os encarnados que atendem às inspirações dos bons Espíritos, que lhes são dóceis, podem ir a Jesus, enveredar pelas suas sendas e caminhar para ele, empregando esforços sérios e contínuos por praticar sua moral, seus ensinos e exemplos.

Não imagineis que Deus seja um centro espiritual e fluídico que atraia a si *diretamente* qualquer Espírito. Se assim fora, todos os Espíritos teriam que ser igualmente atraídos e não é o que se dá. O Senhor nenhuma determinada ação

atrativa exerce senão sobre os Espíritos que se purificaram bastante para poderem senti-la e a ela se submeterem. Somente sobre os Espíritos purificados essa ação é direta. Sobre os demais, sobre os encarnados, é indireta, exercendo-se por intermédio dos Espíritos superiores ou dos bons Espíritos, conforme ao grau de elevação daqueles.

Sobre o homem, a ação atrativa de Deus não se pode fazer sentir, senão em se tratando de um Espírito que já tenha alcançado um grau de purificação que lhe permita assimilar, de certo modo, alguns dos eflúvios divinos. Quanto aos Espíritos inferiores, esses, sem dúvida alguma, lá chegarão a seu tempo pela intervenção dos bons Espíritos que os guiam e impelem para diante. Mas, as palavras de Jesus, naquele momento, se dirigiam aos que o cercavam, sem o que, houvera dito: *"não poderá* vir a mim", em vez de: *"não pode".* Isso claramente indica que se referia aos graus de adiantamento dos Espíritos encarnados que o rodeavam. Da diversidade desses graus é que se originava o fato de uns o seguirem e de outros o perseguirem.

Disse ele: *"Se meu pai o não atrair."* Não sendo oportuno revelar a escala espírita, não tinha meio de fazer derivar a ação atrativa, senão do seu ponto originário — *o pai, Deus.* Demais, falando assim, se exprimia de maneira, a ser compreendido e, principalmente, atendido pelos Judeus, visto que, para estes, segundo suas idéias, seus preconceitos e tradições, Deus se entretinha diretamente com os homens, se comunicava diretamente com eles, exercia, portanto, sobre eles uma ação direta.

V. 45. Escrito está nos profetas: Serão todos ensinados de Deus. Todos aqueles que do pai têm ouvido a voz e aprendido dele vêm a mim.

Segundo o espírito que vivifica, o sentido destas palavras do Mestre é idêntico ao das do v. 44 e decorre do que acabamos de dizer sobre estas.

O Espírito em via de progredir e de purificar-se experimenta de modo mais direto a impulsão que lhe dão os bons Espíritos, mais diretamente recebe a inspiração, que tem no Senhor a sua fonte de origem. Acha-se, portanto, disposto a escutar aquele que o Senhor enviou.

Está escrito nos profetas: Serão todos ensinados de Deus. Sê-lo-ão pelo órgão de seus enviados, de seus missionários, encarnados e erráticos, e pela inspiração dos bons Espíritos. Assim, todos os que agasalharam essa inspiração, que *é "a voz do pai" a se* fazer ouvir no íntimo de cada um; todos os que dele receberam o ensino por intermédio de seus missionários, de seus enviados, todos esses estão dispostos a escutar e seguir a Jesus.

V. 46. Não é que alguém tenha visto o pai, pois só aquele que nasceu de Deus tem visto o pai.

Segundo o espírito, oculto pelo véu *da letra,* estas palavras de Jesus tiveram por fim fazer sentir que o homem de então, o Espírito que então sofria a encarnação material, como o homem de hoje, como qualquer encarnado na Terra, não podia e não pode estar em relação *direta* com Deus; que ele, Jesus, puro Espírito, é o único, em face do vosso planeta e da humanidade terrena, que está em relação direta com o pai, que deste recebe a inspiração.

Ao dizer, falando de si: "Aquele que *nasceu de Deus",* bem como ao dizer "que desci *do céu",* Jesus reafirma sua origem extra-humana.

CAPÍTULO VI
Vv. 52-59

A moral que Jesus personifica é figuradamente o pão vivo, sua carne e seu sangue. — Aquele que a pratica tem a vida eterna, isto é, chega à perfeição

V. 52. Aquele que comer deste pão viverá eternamente; e o pão que eu darei é a minha carne, que tenho de dar pela vida do mundo. — 53. Os Judeus disputavam entre si, dizendo: Como pode ele dar a sua carne para ser comida? — 54. Jesus lhes respondeu: Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. — 55. O que come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia. — 56. Porque, minha carne é verdadeiramente uma comida e meu sangue verdadeiramente uma bebida. — 57. Aquele que come a minha carne e bebe o meu sangue fica em mim e eu nele. — 58. Assim como o pai, que me enviou, vive e eu vivo por meu pai, assim aquele que me come também viverá por mim. — 59. Aqui está o pão que desceu do céu; não é como o maná que vossos pais comeram, os quais, não obstante, morreram. Aquele que come este pão viverá eternamente.

N. *22. Não vos* apegueis *à letra,* como fizeram os chefes da Igreja. Aqui, como em quase todos os pontos dos Evangelhos, *a letra* das palavras de Jesus é um envoltório que cobre o *espírito.*

Todas as que constam destes versículos são figuradas. São de ordem espiritual todos os pensamentos a que elas servem de vestidura. Jesus alude *à moral* que ele viera ensinar. Essa a sua *carne,* esse o seu *sangue,* porquanto ele era a pureza mesma praticando em toda a sua extensão o preceito de amor que descera a pregar.

Ora, os que se nutrem desse amor, *figuradamente* se alimentam *da carne e do sangue* daquele que é *todo amor.* Esse alimento não perece, nem o que dele usa, pois que, ao contrário, o fortifica e fará viver eternamente na glória do Senhor.

É incrível que homens sensatos, instruídos, tenham errado ao ponto de assimilarem a essência espiritual do Cristo salvador a um alimento sujeito em parte às macerações do estômago e suscetível de ser carreado pela digestão! Pobre humanidade!

Acerca do dogma humano da presença real, material, da transubstanciação, já recebestes todas as explicações necessárias. Não tendes mais do que vos reportardes a elas (3º tomo, ns. 286 e 287, págs. 396-404).

Os que o proclamaram teriam evitado tão grosseiro erro, oriundo *da letra,* e teriam compreendido, *segundo o espírito que vivifica, em espírito e verdade, as* palavras de Jesus, se houvessem meditado proveitosamente sobre as seguintes, que o Mestre dirigiu a seus discípulos por ocasião da Ceia: *"Fazei isto em minha memória" e* sobre as que daqui a pouco apreciaremos, também dirigidas aos discípulos, em conseqüência dos murmúrios que no meio deles se levantaram, motivados *precisamente* pelas que estamos considerando neste momento. Essas outras palavras são: *"O espírito é que vivifica; a carne de nada serve;* as palavras que vos digo são *espírito e vida."*

Sim, só come o pão vivo, só come a carne e bebe o sangue de Jesus, consubstanciados na moral que ele veio pregar pelos seus ensinos e exemplos, aquele que a pratica, aquele, pois, que pratica a fraternidade humana. Só esse tem a vida eterna, porque avança pela senda do progresso, certo de que, perseverando, chegará à per-

feição, à vida dos puros Espíritos. E Jesus *"o ressuscitará no último* dia": libertá-lo-á das encarnações materiais, no dia em que houver alcançado um grau de purificação que o isente do contacto do corpo material. A moral de Jesus é verdadeiramente um alimento e é verdadeiramente uma bebida para o Espírito que, praticando-a, se nutre de amor, se dessedenta na fonte das verdades eternas e, assim, progride e se purifica.

Sim, só aquele que pratica a moral que Jesus veio pregar *fica em Jesus e Jesus fica nele. O* princípio de amor os une e coloca sob o pálio de um mesmo pensamento. Assim como Deus, que enviou Jesus à Terra em missão, tem toda existência em si desde toda a eternidade e assim como Jesus, essência pura, vive *pelo pai,* por se achar em relação direta com a essência divina, também aquele que pratica a moral de Jesus *viverá por ele,* visto que som ele se achará em relação direta, quando houver alcançado o necessário grau de purificação. *Viverá eternamente:* chegará à perfeição, à vida dos puros Espíritos.

Se o homem não praticar a moral de Jesus, *não terá em si a vida.* Quer dizer: não progredirá, não se purificará, permanecerá estacionário, porquanto a vida, para o Espírito, é o progresso, a purificação. Continuará sujeito à encarnação material expiatória.

CAPÍTULO VI
Vv. 60-72

Murmurações e deserção de alguns dos discípulos de Jesus, motivadas pelo que ele acabava de dizer. — Palavras de Jesus a Pedro. — Resposta de Pedro. — Palavras de Jesus referentes a Judas Iscariotes

V. 60. Estas coisas disse-as Jesus ensinando na sinagoga de Cafarnaum. — 61. Muitos de seus discípulos, ouvindo-as, disseram: É duro este discurso, quem o pode ouvir? — 62. Conhecendo, porém, Jesus, em si mesmo, que seus discípulos murmuravam do que ele dissera, perguntou-lhes: Isto vos escandaliza? — 63. Que será então se virdes o filho do homem subir para onde estava antes. — 64. O espírito é que vivifica; a carne de nada serve; as palavras que vos digo são espírito e vida. — 65. Mas, alguns há, dentre vós, que não crêem. Porque, desde o princípio, Jesus sabia quais os que não criam e qual o que o trairia. — 66. Continuou, pois: É por isso que vos tenho dito que ninguém pode vir a mim, se lhe não for concedido por meu pai. — 67. Desde então muitos de seus discípulos voltaram atrás e deixaram de o acompanhar. — 68. A vista do que, perguntou Jesus aos doze: E vós, não quereis também retirar-vos? — 69. Respondeu Simão Pedro: Senhor, para quem havemos de ir? Tu tens as palavras da vida eterna. — 70. Nós cremos e conhecemos que és o Cristo filho de Deus. 71. Replicou-lhes Jesus: Não vos escolhi em número de doze? Entretanto, um de vós é um demônio. — 72. Isto dizia ele de Judas Iscariotes, filho de Simão, pois esse era o que o havia de trair, se bem fosse um dos doze.

N. 23. Alguns dos que ouviam a prédica de Jesus fizeram o que mais tarde fez a Igreja: tomaram-lhe as palavras *ao pé da letra.*

Com relação ao que ele disse a respeito de

Judas, já vos explicamos, nos comentários aos três primeiros Evangelhos (3° tomo, n. 284, páginas 389-394), que as palavras do Mestre, referentes a esse discípulo, de nenhum modo significavam ter sido ele objeto de uma predestinação, nem de uma condenação prévia. Proferindo-as, Jesus apenas mostrou que previa o desfalecimento daquele que tomara sobre os ombros tarefa superior às suas forças.

A expressão *"demônio",* de que usou Jesus, não tem a significação que lhe emprestou a Igreja, interpretando-a mal. Ele a empregou no sentido de "Espírito mau". Assim o qualificou por saber que Judas era um Espírito orgulhoso, que se encarregara de tarefa superior às suas forças, por ambição e não impelido pelo sentimento puro e desinteressado do devotamento. Já se vos tem dito várias vezes que o orgulho e o desejo de chegar depressa, a ambição, enfim, eram os sentimentos que o moviam.

Como sabeis, esse *"demônio"* é hoje um Espírito purificado, que se tornou um dos discípulos fiéis de Jesus, um de seus dedicados auxiliares na obra da regeneração humana.

Que será, então, se virdes o filho do homem SUBIR *para onde* ESTAVA *antes?*

Fazendo essa observação a seus discípulos, por estarem murmurando do que acabava ele de dizer, Jesus alude ao fato, então vindouro, da. sua chamada *"ascensão",* atrai para esse fato a atenção dos discípulos e sobretudo dos apóstolos e mais uma vez afirma serem extra-humanas a sua natureza e sua origem. Não tendo sofrido a encarnação humana, ele habitava as regiões etéreas e para lá voltaria, terminada a sua missão. Já mostramos, comentando os três primeiros Evangelhos, ser absolutamente inadmissível a suposição de haver Jesus sofrido encarnação material

qual a sofreis, de haver sofrido morte real, humana, de haver feito aparições e depois ascendido ao espaço como qualquer Espírito que, por efeito da morte, abandonou seu corpo reduzido ao estado de cadáver.

Insistimos nisso. Para admitir-se que tal tenha sido a realidade, preciso é se admita igualmente que os discípulos de Jesus fossem velhacos ou bastante insensatos, ao ponto de sacrificarem suas vidas pelos devaneios de um que sabiam ser impostor. Sim, Jesus não podia ser para seus discípulos senão um impostor, desde que estes se tivessem visto obrigados a fazer que o corpo do Mestre desaparecesse, a fim de acreditarem, *sem dúvida eles mesmos,* na veracidade do que ele lhes dissera. Semelhante aberração se compreende? A fé viva, ardente, dos apóstolos não se explica muito mais racionalmente pelo fato de se ter realizado a "ressurreição" que lhes fora prometida?

Perde-se nas trevas da profundeza aquele que se abalança a sondar demais. Aquele que não se decide a passar da superfície, esse se agarra às asperezas do terreno e nelas rasga as carnes.

Os homens só não compreendem, só não querem admitir a encarnação fluídica de Jesus, *única* que *poderia* tolerar um Espírito da *natureza* do seu, por se acharem demasiadamente presos à matéria. Que esperem um pouco e, desenvolvendo-se-lhes a inteligência, poderão estudar mais seriamente e, sobretudo, com mais segurança. Compreenderão, então, *a razão de ser e a necessidade* desse fato, que agora lhes parece impossível e inútil, e se humilharão, percebendo claramente, de um lado, a ignorância orgulhosa em que se achavam imersos e, de outro, a bondade extrema do Senhor.

O espírito é que vivifica; a carne de nada serve; as palavras que vos digo SÃO espírito e vida.

Facilmente compreensível vos devem ser o sentido, *em espírito e verdade,* destas palavras, o objeto que tiveram e o fim com que as pronunciou Jesus.

Foram ditas com o objetivo de fazer compreendessem os homens que não deviam tomar e entender *segundo a letra,* mas *segundo o espírito,* as que ele acabava de proferir num sentido *figurado e* exprimindo pensamentos *todos de ordem espiritual.* Isso, porém, o espírito humano não havia de perceber e explicar, senão mediante a nova revelação.

O espírito é que vivifica, por ser a causa, a fonte da vida, da inteligência humana. A carne de nada serve, porque, em si mesma, não passa de matéria inerte; porque não é, para o Espírito no estado de encarnação humana, mais do que o meio material de que se serve para as manifestações da vida, da inteligência. As palavras de Jesus são *espírito e vida,* porque provêm de uma essência espiritual perfeita, não obumbrada pela carne *material e perecível.*

Resta-nos explicar estas outras palavras do Mestre:

V. 65. Mas, alguns há, dentre vós, que não crêem. — Eis porque vos tenho dito que ninguém pode vir a mim, se lhe não for concedido por meu pai. É que (disse o evangelista, debaixo da influência espírita, da inspiração mediúnica) Jesus sabia, *desde o princípio,* quais os que não criam e qual o que o trairia.

Em pedindo o Espírito uma missão qualquer, Deus lha concede, embora preveja os resultados que daí advirão. Ora, a missão concedida aos apóstolos tinha que dar frutos de amor e de fé. A de Judas e as de tantos outros, que se acercaram de Jesus como discípulos, haviam de dar maus frutos ou de permanecer estéreis, porque os Espíritos que as tomaram, só o tendo feito pelo

desejo de chegarem mais depressa, ou por orgulho, não conseguiriam realizar o seu intento.

A onisciência do Senhor lhe patenteia previamente todos os resultados, mas o Espírito goza sempre do livre-arbítrio, quer depois de encarnar, quer antes. Conforme já tivemos ocasião de dizer, ao Espírito são sempre mostrados todos os êxitos, bons e maus, com que pode contar nas provas que solicita. Seus guias o previnem mesmo das conseqüências que elas terão. Fica-lhe a ele o decidir tentá-las ou não.

Em relação direta com Deus, participando, sob esse aspecto, da onisciência divina, Jesus tinha a presciência dos acontecimentos, sabia *desde o princípio*, isto é, desde que os Espíritos pediam as missões ou provas que desejavam, quais os que produziriam frutos de amor e de fé, por terem solicitado encargos cujo desempenho suas forças comportavam, quais, *portanto,* os "a quem o pai concedera ir a ele". Eram os que haviam pedido e obtido missões e provas de acordo com as advertências, com os conselhos de seus guias. Do mesmo modo sabia quais os "a quem o pai não concedera ir a ele", isto é, os que, tendo pedido e obtido, contrariamente aos avisos e conselhos de seus guias, missão ou prova acima de suas capacidades, movidos pelo desejo de chegar mais depressa ou por orgulho e fiando-se demasiado em suas próprias forças, não alcançariam a meta.

Segundo o que acabamos de dizer é que se explicam: a deserção de muitos dos discípulos que o acompanhavam, a presciência que o Mestre tinha dessa deserção, da traição futura de Judas, da fidelidade dos outros apóstolos e do desempenho que dariam às suas missões, por maneira que produzissem os frutos que deviam produzir.

CAPÍTULO VII *Vv.* 1-9

Incredulidade dos parentes de Jesus. — Seu tempo ainda não chegara

V. 1. Depois disso, andava Jesus pela Galiléia, pois não queria andar pela Judéia, porque os Judeus procuravam matá-lo. — 2. Mas, como estivesse próxima a festa dos Judeus, chamada dos Tabernáculos, — 3, seus irmãos lhe disseram: Sai daqui e vai para a Judéia, a fim de que teus discípulos também vejam as obras que fazes. — 4. Porque, ninguém obra em segredo quando quer ser conhecido em público. Já que fazes estas coisas, manifesta-as ao mundo. — 5. Isto diziam seus irmãos porque não criam nele. — 6. Disse-lhes então Jesus: Ainda não é chegado o meu tempo; o vosso, porém, está sempre pronto. — 7. O mundo não vos poderia odiar, mas a mim me odeia, pois que dele dou testemunho, de que são más suas obras. — 8. Subi vós outros a essa festa; eu a ela ainda não vou, porque o meu tempo ainda não está cumprido. — 9. Tendo dito isto ficou na Galiléia.

N. 24. Estes versículos se compreendem perfeitamente.

No 2º tomo, págs. 311-315, explicamos quais eram os parentes de Jesus apelidados de *seus irmãos.*

Diz o evangelista que estes não criam nele. Os parentes de Jesus eram desses Espíritos que, materializados pelo invólucro de carne, precisam tocar e ver para crer, mas que, ainda assim, nem sempre se reportam ao que seus próprios sentidos testificam. Pertenciam à categoria dos que se haviam reunido em torno de Jesus para servirem à obra que este viera executar, porém que adormeceram na matéria.

Dizendo-lhes: *"Meu tempo ainda não é chegado;* — eu a ela (à festa) ainda não vou, *porque o meu tempo ainda não está cumprido",* Jesus alude à época em que pregaria e obraria abertamente, de modo a se verificarem os acontecimentos que haviam de ocorrer.

CAPÍTULO VII
Vv. 10-53

Jesus vai secretamente à festa dos Tabernáculos. Lá ensina publicamente. — Palavras suas e dos Judeus acerca da sua origem e da sua missão. — Ninguém lhe põe a mão, porque ainda não chegara a sua hora. — Tentativa infrutífera dos príncipes dos sacerdotes para conseguirem fosse Jesus preso pelos archeiros que eles mandaram ao templo para esse fim. — Palavras dos Fariseus aos archeiros. — Nicodemos toma a defesa de Jesus

N. 25. *As* explicações aqui têm que ser dadas segundo a ordem das idéias e dos fatos. Dividamos, pois, o trecho.

V. 10. Porém, depois de terem seus irmãos subido para a festa, subiu ele também, não publicamente, mas como se quisera ocultar-se. — 11. Os Judeus, procurando-o na festa, inquiriam: Onde está ele? — 12. Muitos eram os murmúrios que corriam entre o povo a seu respeito. Diziam uns: Ele é bom. Outros, porém, diziam: Não; antes engana o povo. — 13. Ninguém, todavia, ousava falar dele abertamente, por medo dos Judeus. — 14. Ora, indo a festa já em meio, Jesus subiu ao templo e se pôs a ensinar.

Deveis compreender com que fim procedeu Jesus daquele modo. Subir a Jerusalém com todos os que para lá se dirigiam fora despertar, antecipadamente, a atenção pública e dispor os escribas, os fariseus e os príncipes da Igreja a se prepararem para afrontá-lo.

Esperou, pois, que todos se achassem reunidos no templo para lá surgir e lançar seus en-

sinos à turba influenciada por impressões diversas, oriundas dos murmúrios que a sua notada ausência provocara.

V. 15. Maravilhados, diziam os Judeus: Como sabe este homem as letras sagradas, sem as ter estudado? — 16. Jesus lhes respondeu: A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou. — 17. Aquele que se dispuser a fazer a vontade de Deus reconhecerá se a minha doutrina é dele, ou se falo por mim mesmo. — 18. O que fala por si mesmo busca sua própria glória; mas o que busca a glória daquele que o enviou, esse é verdadeiro, e não há nele injustiça. — 19. Não vos deu Moisés a lei? Entretanto, nenhum de vós cumpre a lei.

O espanto dos Judeus ao ouvirem os ensinos de Jesus e isto que disseram: *"Como* sabe *este homem as letras sagradas (as* Escrituras) *sem as ter estudado?"* devem prender-vos a atenção.

Os Judeus, efetivamente estavam muito bem certos de que Jesus não estudara. Como era então que *sabia as* Escrituras?

Que Espírito, sofrendo a encarnação material humana, pôde jamais, ou pode, saber as Escrituras, sem que as tenha estudado?

A resposta de Jesus, evasiva *segundo a letra,* resolve a questão, desde que seja entendida *segundo o espírito:* "A minha doutrina (a doutrina que prego) não é minha, mas daquele que me enviou." Atesta, *dessa forma,* que sabe tudo o que dizem as Escrituras, sem *as* ter estudado; que *sabe* tudo o que ensina, *por estar em relação direta com aquele que o enviou;* que a sua ciência e, por conseguinte, sua natureza e sua origem são extra-humanas, não lhe vêm dos homens.

Concita os Judeus a refletirem sobre o que diz e ensina, reportando-se ao que o homem deve fazer, segundo a lei que Moisés lhes outorgou, para obrar de acordo com a vontade de Deus

cumprindo essa lei. Concita-os a que, comparando, reconheçam que a sua doutrina é de origem divina; que ele é o órgão direto do Senhor; que não busca a vaidade das glórias humanas, mas a glória daquele que o enviou; que suas palavras são palavras de justiça, de amor e de verdade; que ele é delas a personificação mesma.

Moisés, diz o Mestre, vos deu a lei e, entretanto, nenhum de vós a cumpre. A lei estava no Decálogo, no amor a Deus acima de todas as coisas, no amor ao próximo como a si mesmo, proclamados no *Levítico e no Deuteronômio.* E nenhum dos que o ouviam cumpria a lei.

V. 20. Porque procurais matar-me? — Respondeu o povo: Estás possesso do demônio; quem é que procura matar-te? — 21. Replicou Jesus: Porque fiz uma obra em dia de sábado, todos vos mostrais admirados. — 22. No entanto, por vos haver Moisés dado a lei da circuncisão (muito embora esta não venha de Moisés, mas dos patriarcas), mesmo no sábado circuncidais, em obediência a essa lei. — 23. Ora, se, para não ser violada a lei de Moisés, pratica um homem a circuncisão em dia de sábado, porque vos indignais contra mim por haver, em dia de sábado, tornado inteiramente são um homem?! — 24. Não julgueis pela aparência, julgai segundo a reta justiça.

Do ponto de vista do ensino que, proferindo-as, dava Jesus sobre o sábado e o modo de santificar-se esse dia, já vos foi explicado o objetivo dessas palavras. (Ns. 155-156, págs. 259-263, 2° tomo.)

A cura a que o Mestre alude é a do paralítico, realizada em dia de sábado, cura que também já vos explicamos. (N. 157, págs. 265-267, 2° tomo.)

A circuncisão era um uso seguido pelos patriarcas, mas voluntariamente, como medida de precaução. Moisés a tornou obrigatória, fazendo de sua prática uma lei religiosa.

"Não julgueis, diz Jesus aos Judeus, pela aparência, julgai segundo a reta justiça". Na acusação, que lhe lançavam, de ter violado o sábado, porque praticara uma boa obra, havia apenas *aparência* de respeito à lei. Para os Judeus havia *aparência* de violação, porque houvera ato e todo ato era proibido no sábado. Mas, a justiça reta forçosamente reconheceria não haver dia algum interdito à prática do bem e que, se algum houvesse, não poderia ser o dia consagrado ao Senhor.

Acusar um homem de violar o sábado, quando nesse dia pratica uma boa obra, não é observar a lei.

De um ponto de vista mais geral, aquelas palavras, segundo o pensamento de Jesus, encerravam o seguinte ensinamento aos homens:

"Não vos deixeis transviar *pela letra;* rejeitai todas as interpretações *literais,* que o *espírito* condena, conformemente à justiça.

"Sede sempre justos com os vossos irmãos, rejubilando-vos sempre, cheio o coração de sinceridade, com as boas obras que eles pratiquem e desprendei-vos de todo formalismo, de todo espírito de *seita* que vos possam entibiar na prática da justiça, e da caridade para com todos, ou que sejam obstáculo ao cumprimento da lei de amor, lei que, pela fraternidade, há de levar os homens à unidade.

V. 25. Então, alguns, que eram de Jerusalém, começaram a dizer: Este não é o que eles procuram matar? — 26. Eis, porém, que fala publicamente sem que lhe digam coisa alguma. Dar-se-á que os senadores hajam reconhecido que verdadeiramente ele é o Cristo? — 27. Mas, nós sabemos donde este é; ao passo que, quando vier o Cristo, ninguém saberá donde ele é.

Tendes aqui mais um testemunho da origem de Jesus e do erro em que caíram os Judeus, atri-

buindo uma missão humana ao Messias que esperavam. Efetivamente, contavam eles que o Messias sairia da descendência de David. Logo, não deveriam esperar que surgisse no meio deles, humanamente, sem que se soubesse *donde vinha.* Entretanto, assim era.

Por efeito das interpretações humanas a que dera lugar, a predição relativa ao Messias tivera como conseqüência, como resultado, a crença expressa nesta frase: "Quando o Cristo vier, ninguém saberá donde ele é." A contradição que assim se patenteia não existiria, desde que houvessem aplicado essa dedução à origem *espiritual* extra-humana, de Jesus, como de fato se aplica inteiramente.

V. 28. Jesus, todavia, continuava a ensinar no templo, em alta voz dizendo: Vós outros me conheceis e sabeis donde eu sou; não vim de mim mesmo, mas aquele que me enviou e que vós não conheceis é verdadeiro. — 29. Eu o conheço porque dele nasci e ele me enviou.

Os Judeus conheciam a Jesus do ponto de vista da aparência humana. Todos sabiam qual a sua residência material. Ignoravam, porém, que nada tendo de material a sua missão, imaterial era o seu princípio. Era imaterial *relativamente aos homens,* porque à sua encarnação nenhuma aplicação tiveram as leis de reprodução no planeta terreno. Este fato, contudo, não estava ao alcance dos homens daquela época e mesmo *dos vossos* contemporâneos será mal compreendido. [38]

Pela sua natureza espiritual, só Jesus, entre os homens, podia conhecer aquele que o enviara. *"Eu,* disse ele, *o conheço,* porque *dele* nasci *e porque ele me enviou."*

Desse modo aludia à sua natureza extra-hu-

[38] Estas palavras foram mediunicamente ditadas em dezembro de 1864.

mana, à sua essência espiritual de enviado, as quais lhe permitiram ter, durante todo o curso da sua missão terrena, consciência exata da sua posição espírita, do conhecimento, que possuía, de Deus e da relação direta em que com este se achava e acha.

V. 30. Procuravam, pois, prendê-lo; mas, ninguém lhe deitou a mão, porque ainda não chegara a sua hora.

Não chegara ainda a hora do sacrifício. Por meio de ação magnética e por ato da sua vontade, Jesus atua sobre os que o cercam, afastando deles a idéia de o prenderem. Se já houvera chegado a hora, não se teria subtraído à perseguição dos que lhe queriam dar a morte.

Conheceis a ação da vontade do magnetizador humano sobre o homem. Deveis avaliar perfeitamente qual fosse a de Jesus, que possuía no máximo grau o poder magnético.

V. 31. Mas, muitos do povo creram nele e diziam: Quando vier, o Cristo fará mais milagres do que este faz? — 32. Ouvindo os fariseus o que a respeito dele murmurava a turba, juntamente com os príncipes dos sacerdotes mandaram quadrilheiros para o prenderem. — 33. Jesus lhes disse: Ainda por um pouco de tempo estou convosco; depois vou para aquele que me enviou. — 34. Procurar-me-eis e não me achareis e onde eu estou não podeis vir. — 35. Os Judeus então inquiriam uns aos outros: Para onde irá ele que o não poderemos achar? Irá para o meio dos Gentios que se encontram dispersos por todo o mundo? Irá instruir os Gentios? — 36. Que significa isso que nos acaba de dizer: Procurar-me-eis e não me achareis e não podeis vir onde estou?

Algumas das vossas traduções dizem: "não podeis vir onde *eu estiver."*

O texto original reza: *"onde estou".* Proferindo essas palavras, que só seriam compreendidas *ao* tempo da nova revelação, quando, *em*

espírito e verdade, fossem explicadas a sua origem e a sua natureza extra-humana, Jesus afirmava, sob o véu *da letra,* serem extra-humanas a *natureza* e a origem de seu corpo, que era, como sabeis, fluídico, perispirítico e tangível para ser percebido *pelos olhares* humanos. Revestido desse corpo, estava *fora* da humanidade, era sempre Espírito e, como Espírito, se achava sempre nas regiões etéreas.

Dizendo: "Não podeis vir *onde estou",* referia-se à encarnação humana dos Judeus, encarnação que os retinha na Terra, pois que eram *da Terra.* Essa encarnação, que Jesus não sofria, os impedia de acompanhá-lo às regiões etéreas onde, pela sua origem e natureza extra-humanas, se achava ele que, por isso, era *do céu,* tendo a faculdade de para lá voltar, quando lhe aprazia, tornando-se invisível *aos olhares dos homens.*

Referia-se também à sua volta definitiva para essas regiões etéreas quando, na época chamada da Ascensão, retomasse a natureza espiritual que lhe era própria. *Nesse sentido, sim, seu* pensamento pode ser assim traduzido: "Não podeis vir onde *eu estarei."* Este é um dos aspectos que apresenta o duplo sentido daquelas suas palavras.

Espíritos materiais, eles não compreenderam que, dizendo: *"estou ainda convosco por um pouco de tempo; depois volto para meu pai",* Jesus aludia ao que, *para os homens,* seria a sua morte, aludia, à sua "ressurreição" e ao seu regresso, na época da chamada Ascensão, à natureza espiritual que lhe era própria, afastando-se definitivamente da Terra.

V. 37. No último e maior dia da festa, Jesus, de pé, clamava: Se alguém tem sede, venha a mim e beba. — 38. Do íntimo daquele que em mim crê manarão, como dizem as Escrituras, rios d'água viva. — 39. Isto disse ele referindo-se ao espírito que ha-

viam de receber os que nele cressem; pois o Espírito Santo ainda não fora dado, porque Jesus ainda não fora glorificado.

Era sempre *figurada a* linguagem do Mestre e todos *de ordem espiritual* seus pensamentos. Por meio de imagens materiais, atraía a atenção dos que o ouviam.

Como narrador, João assinala a interpretação que, de maneira especial, se devia dar às palavras de Jesus, indicando o pensamento que o Mestre assim expressara relativamente aos homens daquela época, para os quais apelava. Referia-se aos que, caminhando-lhe nas pegadas e fazendo frutificar a sua missão terrena, receberiam, de modo *patente, como se* deu com os apóstolos, ou de modo *oculto, como* sucedeu aos discípulos que a estes se juntaram, o "Espírito Santo", isto é, a assistência, o auxílio, o concurso dos Espíritos superiores, dos bons Espíritos.

Mas, aquelas palavras, em toda a extensão do pensamento do Mestre, alcançavam todos os tempos e todos os homens. *Segundo o espírito que vivifica,* exprimem o seguinte:

"Aquele que tiver sede de progresso e de purificação venha à fonte que eu personifico pela moral que tenho pregado e beba, a largos tragos, o amor e a caridade, água viva, pura e fresca que dessedenta a alma e dá a vida eterna.

"Aquele que seguir a moral que eu personifico pelos meus ensinamentos e exemplos, que caminhar pela estrada que tracei, produzirá, tendo no coração a sinceridade, boas obras em abundância, trabalhará com perseverança e ardor pelo seu progresso pessoal e pelo progresso coletivo de seus irmãos e será assistido, inspirado, auxiliado e sustentado, consciente ou inconscientemente, pelos bons Espíritos."

V. 40. Dentre o povo, então, alguns, tendo ouvido aquelas palavras, diziam: Este homem é realmente

um profeta. — 41. Outros diziam: Ë o Cristo. Outros, porém, diziam: Pois quê! da Galiléia é que há de vir o Cristo? — 42. Não diz a Escritura que o Cristo virá da raça de David e da cidadezinha de Belém, donde era David? — 43. Assim é que se produziu entre o povo dissensão a respeito dele. — 44. Alguns queriam prendê-lo, mas nenhum lhe pôs a mão. — 45. Voltaram então os quadrilheiros aos príncipes dos sacerdotes e aos fariseus e estes lhes perguntaram: Porque não o trouxestes? — 46. Responderam os quadrilheiros: Nunca nenhum homem falou como esse homem. — 47. Replicaram *os* fariseus: Dar-se-á que também vós estejais iludidos? — 48. Porventura algum dos senadores ou dos fariseus creu nele? — 49. Porque, quanto a essa populaça que não conhece a lei, isso é gente amaldiçoada por Deus.

As dissensões que, a propósito de Jesus, se produziram entre os Judeus, dividindo-os, mostram que a revelação feita pelo anjo a Maria e a José se conservara secreta, como era preciso que acontecesse, pelos motivos que já vos temos aduzido. Mostram também que o fato de ter sido em Belém que Jesus aparecera na Terra era ignorado da maioria dos Judeus, ou fora esquecido. Tudo tinha que concorrer para a realização da obra.

Quanto ao fato de haverem alguns querido prendê-lo, sem que, entretanto, alguém lhe pusesse a mão, e ao de regressarem os quadrilheiros sem o levarem preso, se explicam pelo que dissemos acerca do v. 30.

A linguagem de que usaram os fariseus falando aos quadrilheiros é a de que se servem sempre *os chefes de seitas* por ocasião do advento de uma revelação nova. Não é a de que se servem os fariseus dos tempos atuais?

V. 50. Nicodemos, que era do número deles, o mesmo que fora ter de noite com Jesus, interpelou-os assim: — 51. Porventura a nossa lei autoriza que se condene um homem sem primeiro o ouvir e inqui-

rir do que faz? — 52. Responderam-lhe os outros: Acaso és tu também Galileu? Examina atentamente as Escrituras *e vê* que da Galiléia não surge profeta! — 53. E cada um voltou para sua casa.

Os fariseus partilhavam da ignorância dos Judeus, relativamente ao lugar onde se dera o aparecimento de Jesus.

As justas palavras de Nicodemos foram de natureza a não ficarem perdidas, do ponto de vista do vosso progresso social, assim como do ponto de vista do sagrado direito de defesa e de julgamento, no tocante à humanidade terrena. Elas concorreram para fazer ressaltar, aos olhos dos homens, a grande e sublime personalidade de Jesus.

NOTA — No original grego não consta a expressão — Espírito Santo, no versículo 39, mas apenas — Espírito. — W.

CAPÍTULO VIII
Vv. 1-11

A mulher adúltera

V. 1. Quanto a Jesus, foi para o monte das Oliveiras. — 2. Mas, ao romper do dia, voltou ao templo e todo o povo veio ter com ele que, sentando-se, entrou a ensiná-lo. — 3. Então os escribas e os fariseus lhe trouxeram uma mulher, que fora apanhada em adultério, e a puseram no meio de toda a gente. — 4. E disseram a Jesus: Mestre, esta mulher acaba de ser apanhada em adultério; — 5, e Moisés, na lei, mandou que as adúlteras sejam apedrejadas; tu, que dizes? — 6. Diziam-lhe isso, experimentando-o, para terem de que o acusar. *Jesus, porém, abaixando-se, pôs-se a escrever no chão com o dedo. — 7.* Como insistissem na pergunta, ele se levantou e lhes disse: Seja o primeiro a lhe atirar pedra aquele de vós que estiver sem pecado. — 8. E, *tornando a abaixar-se,* continuou a escrever na terra. — 9. Os que o interrogavam, ao lhe ouvirem a resposta, se foram retirando um a um, a começar pelos mais velhos, acabando por ficarem sós Jesus e a mulher, esta no lugar onde a tinham colocado. — 10. Jesus se ergueu e lhe perguntou: Mulher, onde estão os que te acusavam? Ninguém te condenou? — 11. Respondeu ela: Não, Senhor. Disse-lhe então Jesus: Nem eu tampouco te condenarei. Vai e daqui por diante não peques mais.

N. 26. A estas palavras dos fariseus: "Mestre, esta mulher acaba de ser apanhada em adultério e Moisés, na lei, mandou que as adúlteras sejam apedrejadas: tu, que dizes?", Jesus, sem responder, se abaixa e põe-se a escrever no chão com o dedo. Como insistissem na pergunta, ele se levanta e diz: "Seja o primeiro a lhe atirar pedra aquele dentre vós que estiver sem pecado." Em se-

guida, abaixa-se de novo e continua a escrever no chão.

Assim, pois, Jesus se abaixou duas vezes. Fê-lo para dar tempo, aos que o cercavam, de refletirem, evitando que a sua presença os intimidasse ou levasse a tomar uma resolução sem a plena consciência do que faziam.

Estamos pelo Mestre encarregados de vos dizer o que foi que escreveu no chão, das duas vezes que se abaixou. As palavras que então traçou encerram e resumem todo o ensinamento que objetivou dar aos homens.

Da primeira vez, respondendo à pergunta que lhe dirigiram, escreveu: *"Não façais aos outros o que não quiserdes que vos façam."*

Da segunda, depois de lhes haver dito: "Seja o primeiro a lhe atirar pedra aquele dentre vós que estiver sem pecado", escreveu: "Quando quiseres julgar teu irmão, volve o olhar para dentro de ti mesmo, sonda o teu coração e interroga a tua consciência."

Sim, o homem, que inspeciona o seu intimo, que sonda o seu coração e interroga a sua consciência, não atira pedra contra seu irmão, porque se reconhece pecador como este e sente que lhe cumpre perdoar para ser perdoado. Abstém-se de fazer aos outros o que não quereria que lhe fizessem.

O que Jesus disse à adúltera vale, para os homens, por uma lição e um exemplo de misericórdia e de perdão, que eles devem reciprocamente praticar. Adverte-os também de que todos devem esforçar-se por não recair nas faltas já cometidas.

CAPÍTULO VIII
Vv. 12-24

Prédica de Jesus aos Judeus. — Palavras que só pela nova revelação haviam de ser compreendidas segundo o espírito, em espírito e verdade

N. *27.* Também aqui as explicações vos têm que ser dadas de maneira especial, obedecendo à ordem dos pensamentos. Dividamos, pois, o trecho.

V. 12. Tomando de novo a palavra, disse-lhes Jesus: Sou a luz do mundo; aquele que me segue não caminha nas trevas; ao contrário, terá a luz da vida. — 13. Disseram-lhe então os fariseus: Tu és quem de ti mesmo dá testemunho; assim sendo, teu testemunho não é verdadeiro. — 14. Jesus respondeu: Se bem seja eu quem de mim mesmo dá testemunho, o meu testemunho é verdadeiro, porque sei donde vim e para onde vou, ao passo que vós não sabeis donde venho nem para onde vou. — 15. Vós julgais segundo a carne, eu a ninguém julgo.

Jesus era e é realmente a luz que ilumina os homens. Até hoje ninguém se inteirou, com exatidão, de sua origem; ninguém podia segui-lo aonde ele ia. *Só ele* conhecia o lugar donde descera ao seio da humanidade. Só *ele* podia dar testemunho exato da sua origem. *Só ele* tinha dela ciência.

"Vós julgais *segundo a carne, disse ao* povo e aos fariseus. Não sabeis *donde vim* nem *para onde vou". Em espírito,* quer isto dizer: *"Vós me* atribuís natureza e origem humanas, quais as vossas. É que não conheceis a minha natureza extra-humana, a minha origem espiritual e a minha missão."

"Se bem seja eu quem de mim mesmo dá testemunho, o meu testemunho é verdadeiro, porque sei donde venho e para onde vou". Eu, que vos falo, sei quais são a minha natureza, a minha origem e a minha missão, por isso que, sob este invólucro que me faz visível *a vós,* conservo a liberdade e a independência do Espírito".

Quanto a estas palavras: "Eu a ninguém julgo", já as explicamos.

Dizendo: *"julgais segundo a carne",* Jesus aludia à humana sentença de condenação que dentro em pouco seria contra ele proferida.

V. 16. E, se eu julgasse, o meu juízo seria verdadeiro, *porque não estou só; comigo está* o pai *que me enviou.*

Assim falando, afirma estar sempre em relação direta com Deus, que é a verdade absoluta, mesmo quando se achava *diante* dos homens, no desempenho da sua missão terrena.

V. 17. Está escrito na vossa lei que verdadeiro é o testemunho de duas pessoas. — 18. Ora, eu dou testemunho de mim mesmo e meu pai, que me enviou, também dá testemunho de mim.

Jesus dava testemunho, não de atos humanos, mas de sua natureza *estranha* à humanidade e de sua origem espiritual. Ora, *tido por todos como* homem, dava testemunho de que seu Espírito procedia de uma fonte mais pura do que a de qualquer outro e que o Senhor também dava disso testemunho pelos atos que a vontade do Espírito podia praticar.

V. 19. Eles então lhe perguntaram: Onde está teu pai? Ao que Jesus respondeu: Não me conheceis a mim, nem a meu pai; se me conhecesseis, também conheceríeis a meu pai.

Se os homens houvessem compreendido a origem de Jesus, se tivessem sido capazes de perceber a hierarquia espírita, certamente teriam compreendido a relação existente entre o soberano criador e o Espírito enviado em missão para reconduzir ao caminho da salvação, à senda do progresso, os que se haviam transviado. Tal o sentido das palavras do Mestre.

Mesmo hoje, quando a nova revelação começa a irradiar pelo mundo, longe estais ainda de conhecer o pai, *no sentido de que* não sabeis *defini-lo. Mas,* grande diferença há entre — *definir e conhecer.*

V. 20. Isso disse Jesus ensinando no templo, junto do gazofilácio. E ninguém o prendeu, porque ainda não chegara a sua hora.

Não vislumbreis o que quer que seja de fatal nessas palavras.

Domina o espírito dos principais Judeus a idéia de prenderem a Jesus. Como, porém, ainda não houvesse soado o momento do sacrifício, eles, segundo já o explicamos, eram, por influência espírita ou magnética, conforme as circunstâncias, desviados do seu intento e impedidos de pô-lo em execução. Sabeis que a ação magnética de Jesus podia influir sobre as massas de povo. Com mais forte razão, portanto, sobre alguns homens que se encarniçavam contra ele. Sabeis igualmente que os Espíritos elevados que o cercavam traduziam em ato, não as suas ordens, porém um sentimento mais pronto do que o pensamento, sentimento esse de que nem a inteligência, nem as palavras humanas podem dar idéia. A ação magnética do pensamento se exercia de Espírito a Espírito.

V. 21. Disse-lhes Jesus de novo: Eu me vou, vós me procurareis e morrereis no vosso pecado. Para

onde vou não podeis ir. — 22. Diziam então os Judeus: Dar-se-á que se suicide, pois diz: Não podeis vir onde vou?

Exprimindo-se *desse modo,* Jesus se dirigia a Espíritos que ele sabia muito atrasados e que, portanto, não tentariam sequer aproximar-se das esferas elevadas para onde o atraía a sua natureza.

Certo disso, quando dizia aquelas coisas, tinha em mente, vós o compreendeis, que nenhum Espírito podia alçar-se ao nível em que ele se achava. Outra, porém, era a idéia dos Judeus. Para estes, o suicídio, destruindo violenta e voluntariamente o corpo, despojava de suas prerrogativas o Espírito e o mergulhava no inexistente nada. Ora, sendo assim, os que ouviam o Mestre não longe estariam de querer imitá-lo, caso tivera a intenção de se aniquilar. Expressando-nos deste modo, nós nos colocamos no ponto de vista deles.

A crença, corrente entre os Judeus, de que o suicídio destruía o corpo e também a alma, tinha origem na sua história e sobretudo nas suas tradições, que os rabinos eruditos conhecem em grande parte. Não derivava de um princípio formalmente estabelecido; era resultado de deduções.

V. 23. Disse-lhes também: Vós sois daqui de baixo; eu sou do alto. Sois deste mundo; EU NÃO SOU deste mundo.

Sob o véu da letra, mas expressamente, Jesus, aqui, declara que a sua natureza e a sua origem estão *fora* da humanidade e torna patente o caráter *espiritual* da sua presença e da sua missão na Terra.

V. 24. Por isso eu vos disse que morrereis nos vossos pecados. Se, com efeito, não crerdes no que digo que sou, morrereis no vosso pecado.

Segundo o espírito, em espírito e verdade, eis o que isto quer dizer: "Se não crerdes que sou um enviado de Deus, que desci ao mundo, vindo das esferas superiores, para vos ensinar o caminho da vida; se não abandonardes as veredas lamacentas por onde enveredastes e não tomardes a senda luminosa que vos abro, ficareis estacionários nas trevas, não fareis nenhum progresso, que é o meio *único* de vos elevardes para Deus."

CAPÍTULO VIII
Vv. 25-45

Continuação da prédica de Jesus aos Judeus

N. 28. Ainda aqui dividamos o trecho, para que as explicações sejam dadas distinta e especialmente sobre cada ponto.

V. 25. Perguntaram-lhe pois: Quem és tu então? Jesus lhes respondeu: O principio, eu que vos falo.

Assim respondendo, proclamou, sob o véu da *letra,* sua posição espírita de fundador, protetor e governador do planeta terreno, como sendo aquele de quem procede e depende, sob o influxo superior da vontade divina e sob a ação das leis imutáveis que de toda a eternidade Deus estabeleceu, tudo o que na Terra é, em todos os reinos da natureza.

V. 26. Muitas coisas tenho que dizer de vós e que condenar em vós; mas aquele que me enviou é verdadeiro e eu só digo no mundo o que dele aprendi.

Jesus baixara ao meio dos homens para desempenhar uma missão de paz e de amor a que bem poucos quiseram associar-se. Como enviado do Senhor, recebia as impulsões divinas e obrava debaixo dessa influência suprema.

Declarando: "E só digo no mundo o que dele aprendi", teve em mente afirmar a sua inferioridade com relação a Deus e fazer sentir que de Deus recebia diretamente a impulsão, a influência, como enviado.

V. 27. E não compreenderam que ele dizia ser Deus seu pai. — 28. Disse-lhes em seguida Jesus:

Quando houverdes levantado o filho do homem, então conhecereis quem sou e que nada faço de mim mesmo, que só digo no mundo o que aprendi de meu pai.

Por essa forma quis tornar mais preciso e definido, sempre, porém, sob o *véu da letra, o* que acabara de dizer sem que os Judeus o houvessem compreendido, porque não podiam e não deviam compreendê-lo *segundo o espírito.*

O próprio João, fazendo-o debaixo da influência espírita, da inspiração mediúnica, das quais, entretanto, não tinha consciência, escrevia palavras cujo alcance e cujo sentido exato não percebia, palavras que só haviam de ser compreendidas nos tempos atuais, quando explicadas pela nova revelação, *em espírito e em verdade.*

Estas palavras "quando *houverdes levantado* o filho do homem, então *conhecereis quem sou",* foram ditas com um duplo sentido. No sentido positivo, referiam-se ao suplício que lhe seria infligido. No sentido profético, referiam-se à revelação atual, que vem mostrar aos homens, qual ele é, aquele que os homens, desprezando-lhe os conselhos e preceitos, têm erroneamente adorado. Essa revelação, patenteando o lugar que ele ocupa, eleva Jesus no espírito do homem, sem que a impossibilidade dos dados corra um véu entre o mesmo homem e o seu libertador.

"Quando houverdes levantado o filho do homem". Quando, diante de todos, me houverdes erguido, pregado à cruz, no cimo do Calvário; quando houverdes reconhecido que sou do Alto e não deste mundo; quando, por efeito das vossas interpretações humanas, de mim houverdes feito um homem e um Deus, um Deus *milagrosamente* encarnado, um homem Deus; quando aceitando a revelação por mim predita e prometida, do Espírito da Verdade, que vos será dada assim vos tenhais tornado capazes de a suportar, me houverdes restituído o lugar que devo ocupar, então

conhecereis, em espírito e verdade, quem eu sou e conhecereis que nada faço senão pela vontade de Deus, de quem sou apenas instrumento e ministro, mas também órgão direto junto dos homens, aos quais só digo o que dele aprendi, pois que dele me vem a perfeição, que adquiri pelas minhas obras, e a presciência do futuro."

V. 29. E aquele que me enviou está comigo, não me deixou só, porque faço sempre o que é do seu agrado.

Estando, durante a sua missão terrena, pela pureza da sua essência espiritual e pela sua natureza extra-humana, em relação direta com aquele que o enviara, Jesus, Espírito puro, que nunca desmerecera, está sempre em relação com o princípio superior a que, na vossa linguagem, dais o nome de Deus.

V. 30. Ouvindo-lhe dizer essas coisas, muitos creram nele. — 31. Disse então Jesus aos Judeus que nele creram: Se permanecerdes na minha palavra sereis verdadeiramente meus discípulos. — 32. E conhecereis a verdade e a verdade vos fará livres.

Efetivamente, aquele que toma a senda do Cristo, mas para logo à entrada, não pode dizer-se seu discípulo. Tal só pode ser aquele que o segue tão de perto quanto possível. Só aquele que perseverar *conhecerá a verdade e pela verdade será libertado.* Quer isto dizer: saberá que pelo trabalho, pela justiça, pelo amor e pela caridade é que pode progredir, depurar-se e avançar progressivamente para o conhecimento das verdades eternas; achará no progresso e na purificação a liberdade, ou, seja — o poder de atuar no físico e no moral, de maneira a libertar-se da escravidão do pecado, porquanto, para o homem, na prática da vida humana, a verdade é o bem: tudo o que é verdadeiro, justo e bom. O erro é o mal, isto é: tudo o que

afasta o homem da humildade, do desinteresse, da abnegação, do devotamento, do desejo de progredir pessoalmente e de concorrer para o progresso coletivo de seus irmãos. Numa palavra: é tudo o que o afasta da justiça, do amor e da caridade, do espírito de solidariedade e de fraternidade, únicas bases reais e duráveis da igualdade e da liberdade, para todos, perante Deus e perante os homens, e que, libertando progressivamente o Espírito do sepulcro da carne, lhe prepara o acesso aos mundos superiores.

V. 33. Responderam-lhe eles: Somos descendentes de Abraão e nunca fomos escravos de ninguém. Como, *pois,* dizes: Sereis livres? — 34. Jesus lhes retrucou: Em verdade, em verdade vos digo que todo aquele que comete pecado é escravo do pecado. — 35. Ora, *o* escravo não fica para sempre na casa, o filho, porém, nela fica para sempre. — *36. Assim, pois,* se *o filho vos libertar, sereis* VERDADEIRAMENTE *livres.*

Deveis compreender, *segundo o espírito, o* sentido destas palavras. O escravo não fica para sempre na casa, porque, não havendo concluído a tarefa, tem que retomar seus instrumentos para continuá-la até que a termine.

Aquele que Jesus liberta, esse caminhou pelas sendas do Senhor. Conquistou a liberdade e concedido lhe é o direito de gozá-la. Não torna mais a descer à Terra da escravidão.

Homens, não vades pensar, tomando esta fi*gura ao pé da letra,* que o vosso planeta esteja destinado a servir indefinidamente de morada a senhores e escravos, a poderosos e humildes, não.

O reino da liberdade, da liberdade humana chegará. Mas, *é necessário que o prepareis.*

Liberdade! Esta palavra vos causa atordoamento e a vossa inteligência obscura não lhe compreende o sentido.

Liberdade! Esta palavra, para vós, significa transferência de poder, substituição das mãos que

seguram as correntes do abuso. Mas, que importa isso, desde que as correntes existam sempre, quer sejam lançadas de cima, quer se elevem de baixo!

Homens, a liberdade vos fugirá, enquanto não achar preparada para recebê-la uma sociedade *de irmãos,* uma família *unida,* a que chamareis pátria ou nacionalidade, como quiserdes, no seio da grande família humana, que é a humanidade inteira, tendo por morada o vosso planeta.

A liberdade é o respeito às leis, da parte de uns, a doçura e a justiça da parte dos outros e, da parte de todos, amparo e apoio recíprocos. A liberdade existirá entre vós quando, tanto no terreno físico, como no terreno moral e intelectual, constituirdes uma associação mútua, formando uma cadeia contínua. Esta será então um verdadeiro cordão sanitário, vedando a passagem ao orgulho, à avareza, à inveja, ao ódio, à ambição, à força, à revolta.

A liberdade adeja por cima das vossas cabeças. Sobre vós, porém, não abaterá o vôo, senão quando puder encontrar corações puros que a recebam, mãos puras que a guiem por entre todas as camadas humanas.

V. 37. Sei que sois filhos de Abraão, mas procurais tirar-me a vida, porque a minha palavra não cabe em vós. — 38. Eu digo o que vi junto de meu pai e vós fazeis o que vistes junto de vosso pai. — 39. Responderam-lhe eles: Nosso pai é Abraão. Disse-lhes Jesus: Se sois filhos de Abraão, fazei obras de Abraão. — 40. Agora, porém, procurais tirar-me a vida, a mim que vos tenho dito a verdade que aprendi de Deus. Isso Abraão nunca fez. — 41. Fazeis as obras de vosso pai. Responderam eles: Nós não somos bastardos; um pai temos, que é Deus. — 42. Disse-lhes Jesus: Se Deus fosse vosso pai, vós me amaríeis, pois eu de Deus sai e vim; porque, não vim de mim mesmo, ele foi que me enviou. — 43. Porque não compreendeis a minha linguagem? É porque não podeis ouvir a minha palavra. — 44. Sois filhos do diabo e quereis cumprir os desejos de vosso pai. Ele

foi homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade, porque não há nele verdade. Quando diz mentira, fala do que lhe é próprio, porquanto é mentiroso e pai da mentira. — 45. Entretanto, em mim, que vos digo a verdade, não credes.

Também destas palavras deveis compreender, *segundo o espírito,* o sentido. Se bem *que figuradas,* eram apropriadas, pela forma da linguagem, àqueles a quem se dirigiam, ao estado da inteligência deles, a seus preconceitos, a suas idéias, fruto das interpretações dadas às tradições. Eram também apropriadas ao fim que Jesus tinha em vista alcançar.

De um lado, *a letra;* do outro, o espírito. Jesus tudo dispunha, como sabeis, em todas as circunstâncias, do ponto de vista da atualidade e do porvir, objetivando os tempos, então futuros, da revelação do Espírito da Verdade, sob o império *do espírito.*

"Quereis tirar-me a vida", disse. E insiste nisso, repetindo essas palavras que, para o entendimento dos Judeus, equivaliam a estas outras: "Sou homem, mortal como vós", a fim de contrabalançar sempre a crença na divindade que lhe havia de ser atribuída dentro das trevas *da letra.* Essa divindade, como já vos mostramos, teve a sua razão de ser, mas tinha que ser combatida a seu *tempo* e, sob as radiações luminosas *do espírito,* tem que desaparecer, que se apagar diante da nova revelação.

Eu digo o que vi junto de meu pai.

"Tendo descido das esferas elevadas, estando sempre em relação com o Senhor, prego a moral pura, que só *ela* pode elevar os homens aos pés do Eterno e que, naquelas esferas, é praticada pelos Espíritos puros, pelos Espíritos superiores e pelos bons Espíritos".

Fazeis o que VISTES junto de vosso pai.

Jesus alude à origem do Espírito e à rota que este toma quando lhe é dado escolher seu caminho. Enveredando por um caminho falso, incorre na encarnação.

Esta expressão — "vosso *pai"* — de que se serve com referência aos Judeus é, aqui, *figurada,* como estas outras: "Sois *filhos do diabo."* Nessa frase, o *diabo, pai deles,* apenas personifica simbolicamente o mal que, originando-se do orgulho, da inveja¸ da presunção, produziu a revolta e determinou a queda do Espírito, o fez falir, o constituiu filho do pecado, quando, sendo livre de preferir esta àquela senda, por vontade e impulso próprios, tomou o mau caminho, provindo de sua própria disposição a simpatia que sentiu pelos Espíritos inferiores e que o levou a cair. E isso se dá por maneira tal que só depois da queda se estabelecem relações similares entre aqueles Espíritos e o que faliu.

Assim é que os homens a quem Jesus se dirigia eram *"filhos do diabo".* Eram filhos do pecado por serem filhos da revolta, por terem falido, porque, encarnados, sofrendo o castigo, conseqüência inevitável do desvio espiritual, *ainda faliam.*

FAZEIS o que VISTES junto de vosso pai. Falistes e continuais a falir.

"Fazeis as obras de vosso pai."

Persistis no mal, pois que más continuam a ser as vossas obras.

Sois filhos do diabo e quereis cumprir os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o principio e não permaneceu na verdade, porque não há nele verdade. Quando diz mentira, fala do que lhe é próprio, porquanto é mentiroso e pai da mentira.

Aos Judeus, segundo o seu modo de entender, estas palavras: *Ele foi homicida desde o princípio,* referentes àquele a quem Jesus aludia, dizendo: "vosso pai", o "diabo", evocavam a lembrança do fato emblemático do assassínio de Abel praticado por seu irmão Caim. Dizemos — "fato emblemático", porque são emblemáticas as figuras de Caim e de Abel, como o são as de Adão e Eva, umas e outras entendendo com a origem do Espírito, com a sua queda e as conseqüências desta, o que tudo já explicamos. [39]

A posteridade de Caim representa, figuradamente, a série de Espíritos culpados, de Espíritos que faliram e sofrem a encarnação nos mundos materiais de provação e expiação. A figura emblemática de Caim representa o Espírito que se tornou culpado logo na sua origem, desviando-se da senda que lhe estava indicada. Tal Espírito foi homicida de si mesmo, visto que por suas próprias mãos se votou à morte espiritual, condenando-se à encarnação. Foi homicida de seu irmão, desde que este, por vontade e impulso próprios, enveredou pelo mau caminho e com ele firmou relações de afinidade. Conquanto essas relações se tenham estabelecido por efeito da simpatia que ele inspirou a seu irmão, simpatia oriunda das disposições deste último; conquanto o homicídio do segundo seja obra da sua vontade livre, nem por isso o primeiro deixou de ser assassino, uma vez que contribuiu, pelas suas sugestões e influências, para que ele também se condenasse à morte espiritual.

A verdade, a que Jesus se referia, segundo o texto que apreciamos, é o bem, é a pureza que o Espírito conserva ao longo do caminho do progresso que o eleva na hierarquia espírita, conduzindo-o à perfeição e, pela perfeição, a Deus, que *é a verdade absoluta.*

---

[39] Ver ns. 55-56 e seguintes do 1º tomo.

Mentira é tudo o que decorre do mal: falsidades, erros, falsas doutrinas, quer se traduzam por palavras, quer por atos.

Em espírito e verdade, o sentido das palavras do Mestre é este: "Vós, Espíritos *falidos,* sois filhos do pecado, filhos da revolta, e quereis¸ cedendo às inspirações do mal que vos fez falir, pôr em execução vossos pensamentos, vossas intenções culposas, derramando o sangue do justo."

O Espírito se tornou culpado, em sua origem, desviando-se da senda que lhe cumpria trilhar. Foi homicida de si mesmo porque se votou à morte espiritual, condenando-se à encarnação. Foi homicida daqueles de seus irmãos que se embrenharam pelo mau caminho e com ele estabeleceram relações de afinidade; que desse modo se votaram à morte espiritual, condenando-se à encarnação. Foi homicida destes últimos porque, pelas suas sugestões e sua influência, os arrastou à senda do mal. Faliu, não conservando em si a pureza que o Espírito deve guardar na senda do progresso. Quando de sua boca sai *tudo o que deriva do mal: falsidades, erros, falsas doutrinas,* externa o que, por vontade e impulso próprios, vai haurir na impureza de que se encheu, porquanto é órgão e autor de tudo o que tem origem no mal: falsidades, erros, falsas doutrinas.

Procurais tirar-me a vida, diz Jesus aos Judeus, *porque a minha palavra não cabe em vós.* — Porque não compreendeis a minha linguagem? — *É porque não podeis ouvir a minha palavra.*

Aqueles a quem assim falava o Mestre, *adstritos, pela opacidade* dos fluidos de seus perispíritos, a permanecerem nas regiões inferiores, se compraziam no meio iníquo em que se encontravam e procediam constantemente como Espíritos impuros e atrasados.

Se Deus fosse vosso pai, vós me amaríeis, pois eu de Deus procedo e vim. Porque, não *vim* de *mim* mesmo, ele foi que me enviou.

Se eles fossem espiritualmente mais elevados e, assim, verdadeiramente filhos de Deus, teriam de fato amado a Jesus, porquanto maior afinidade haveria entre os fluidos deste e os deles e, conseguintemente, relação e atração. Jesus procedera de Deus e era de Deus o enviado entre os homens, por ser perfeita e imaculada a sua pureza.

Entretanto, em mim que vos digo a verdade, não credes.

Ouvindo-me pregar a moral pura, que só ela pode levar os homens aos pés do Eterno; vendo-me apontar-vos o caminho da purificação e do progresso, que vos há de conduzir à perfeição, não dais crédito à minha palavra, nem à minha missão.

CAPÍTULO VIII
Vv. 46-59

Continuação e fim da prédica de Jesus aos Judeus

V. 46. Quem de vós me argüirá de pecado? Se vos digo a verdade, porque não me credes? — 47. Aquele que é de Deus ouve as palavras de Deus. Por isso é que não as ouvis, é porque não sois de Deus. — 48. Responderam-lhe então os Judeus: Não temos nós razão de dizer que és Samaritano e tens demônio? — 49. Replicou-lhes Jesus: Não tenho demônio; apenas honro a meu pai, ao passo que vós a mim me desonrais. — 50. Não busco a minha glória; alguém há, porém, que a busca e me fará justiça. — 51. Em verdade, em verdade vos digo: Aquele, que guardar a minha palavra, jamais morrerá. — 52. Disseram-lhe os Judeus: Agora temos a certeza de que estás possesso do demônio. Abraão morreu e também os profetas e tu dizes: Aquele, que guardar a minha palavra, nunca provará a morte. — 53. És, porventura, maior do que nosso pai Abraão, que morreu, e do que os profetas, que também morreram? Quem pretendes tu ser? — 54. Jesus lhes respondeu: Se eu a mim mesmo me glorifico, minha glória nada é; quem, porém, me glorifica é meu pai, aquele que dizeis ser vosso Deus; — 55, se bem não o conheçais. Eu, entretanto, o conheço e, se dissesse que o não conheço, seria, como vós, mentiroso. Conheço-o e guardo a sua palavra. — 56. Vosso pai Abraão desejou ardentemente ver o meu dia; viu-o e exultou. — 57. Objetaram-lhe os Judeus: Ainda não tens cinqüenta anos e viste a Abraão! — 58. Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: Antes que Abraão fosse, eu sou. — 59. Então pegaram os Judeus de pedras para lhe atirarem, mas Jesus se encobriu e saiu do templo.

N. *29.* Claramente compreensíveis são estes versículos.

Como já temos dito, eram Espíritos impuros e atrasados os daqueles homens a quem Jesus falava, de modo que suas palavras eles as tomavam sempre *ao pé da letra,* incapazes que eram, por efeito da impureza e da orgulhosa ignorância que os caracterizavam, de as compreender *segundo o espírito, em verdade.* Chamavam-lhe *samaritano,* injuriosa e desprezivelmente, vazando nessa expressão todo o ódio de que tinham cheios no mais alto grau os corações. Diziam-no possesso *do demônio,* pretendendo dessa forma acusar de estar submetido às piores influências, de ser órgão do erro e da mentira aquele que era Espírito puro e perfeito, que era o enviado de Deus, seu órgão direto entre os homens, o divino modelo.

Chamaremos a vossa atenção tão-somente para aquelas das palavras de Jesus que exigem explicações, a fim de que os homens lhes compreendam o sentido exato, despojado *da letra o* espírito.

"Em verdade, em verdade vos digo: Aquele, que guardar a minha palavra, jamais morrerá."

Para o Espírito que se acha em via de depuração, a estagnação, o permanecer estacionário é a morte. O progresso é a vida.

"Aquele que guardar a minha palavra", isto é: que praticar, sem nunca se afastar dela, a moral pura que prego aos homens, esse *"jamais morrerá".* Seu Espírito jamais ficará estacionário. Progredirá constantemente, avançará sempre para a perfeição, purificando-se cada vez mais. Viverá, portanto, sem nunca parar na sua marcha ascensional.

O pensamento de Jesus é de ordem *inteiramente espiritual.* Ele não se referia à vida do corpo, mas à do Espírito.

És, porventura, maior do que nosso pai Abraão,

que morreu, e do que os profetas, que também morreram? *Quem pretendes tu ser?*

A essa interpelação Jesus dá, como sempre, uma resposta *velada pela letra e* que não podia, nem devia, ser compreendida pela geração da época, nem pelas que a esta imediatamente se sucederiam, porquanto a resposta, *segundo o espírito,* em espírito e verdade, só a nova revelação havia de dá-la nos tempos atuais, quando os homens se tornaram capazes de apreendê-la.

"Se eu a mim mesmo me glorifico, minha glória nada é; quem, porém, me glorifica é meu pai, aquele que dizeis ser vosso Deus, se bem não o conheçais. *Eu,* entretanto, *o conheço* e, se dissesse que o não conheço, seria, como vós, mentiroso. *Conheço-o e guardo a sua palavra."*

Dizendo isso, Jesus dá aos homens *um exemplo e uma lição* de humildade, mostrando não lhes caber o atribuírem-se a si mesmos um valor pessoal, qualquer superioridade sobre seus irmãos; ensinando que, assim como de Deus lhes vem o ser, também de Deus é que lhes vêm o valor, a elevação.

Declarando conhecer a Deus, afirma, sob o véu *da letra,* ser um puro Espírito, porquanto, conhecer a Deus é conhecer-lhe a essência, estar próximo do foco da onipotência e de toda a vida, o que só aos puros Espíritos é dado.

Quando disse — *"Eu guardo a sua palavra"* — afirmou estar, ele que falava aos homens, em relação direta com o pai, recebendo-lhe as inspirações e mantendo-se-lhe fiel às vontades, no cumprimento da sua missão.

"Vosso pai Abraão desejou ardentemente ver o meu dia; viu-o e exultou."

Jesus alude aqui à sua missão terrena, ao seu aparecimento na Terra, aludindo à alegria que causou ao Espírito de Abraão o advento do Messias. Esperado pelos homens, esse advento foi visto com grande júbilo por todos os Espíritos que trabalhavam então e ainda trabalham, sob a direção do vosso protetor, do vosso governador, pelo desenvolvimento e pelo progresso do vosso planeta e da humanidade que o habita.

Os Judeus, que sempre tomavam *ao pé da letra o* que o Mestre dizia, imaginando que este se reportava ao dia do seu nascimento, que supunham houvesse ocorrido por encarnação humana, como o deles, lhe observaram: "Ainda não tens cinqüenta anos e viste a Abraão!" Ao que Jesus responde:

"Em verdade, em verdade vos digo: Antes que Abraão fosse, EU SOU."

Sempre sob o véu *da letra, o* Mestre, por essas palavras, proclama: que não sofrera a encarnação humana, própria do vosso planeta, que, sob o invólucro que revestira para se tornar visível *aos olhares humanos,* era sempre Espírito independente e livre, Espírito de criação anterior à do de Abraão; que o era naquele momento, como era quando Abraão, Espírito, fora criado e ainda como era quando este viu o seu aparecimento na Terra, na qualidade de Messias.

Antes que Abraão fosse, eu sou. Minha natureza é extra-humana, minha existência entre vós *nada tem de comum* com a da humanidade a que pertenceis.

CAPÍTULO *IX*
Vv. 1-12

Cego de nascença. — Sua cura operada por Jesus

V. 1. E ao passar viu Jesus um homem, que era cego de nascença. — 2. Seus discípulos lhe perguntaram: Mestre, que pecado cometeu este homem ou cometeram seus pais, para que nascesse cego? — 3. Respondeu-lhes Jesus: Nem ele pecou, nem pecaram seus pais; isto assim é para que nele se *man*ifestem as obras do poder de Deus. — 4. É necessário que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; vem depois a noite e durante ela ninguém pode fazer obras. — 5. Enquanto eu estou no mundo, sou a luz do mundo. — 6. Dito isso, cuspiu no chão, fez lodo com o cuspo e untou com esse lodo os olhos do cego; — 7, e lhe disse: Vai e lava-te na piscina de Siloé (que significa: Enviado). O homem foi, lavou-se e voltou enxergando. — 8. Então, seus vizinhos e os que o tinham visto antes a pedir esmolas perguntavam: Este não é o que se sentava e mendigava? Uns diziam: É ele mesmo. — 9. Outros, porém, diziam: Não; é outro que com ele se parece. Ele, entretanto, dizia: Sou eu mesmo. — 10. Perguntaram-lhe então: Como foi que se te abriram os olhos? — 11. Respondeu: Aquele homem que se chama Jesus fez lodo, ungiu-me os olhos e me disse: Vai à piscina de Siloé e lava-te. Fui, lavei-me e vejo. — 12. Perguntaram-lhe: Onde está ele? Respondeu: Não sei.

N. *30.* Sabeis, pois o temos dito muitas vezes, que, quando Jesus teve que desempenhar a sua missão na Terra, um grupo se formou de Espíritos, que tomaram a si a tarefa de auxiliá-lo, ou de servir de instrumento à execução da obra que aquela missão visava realizar.

O cego de nascença pertencia a esse grupo de Espíritos que encarnaram em torno do Mestre. Submetendo-se à prova, que pedira, da cegueira, pôs termo à série das que lhe cumpria suportar.

Atentai na pergunta que os discípulos fazem a Jesus: "Que pecado cometeu este homem, ou cometeram seus pais, para que nascesse cego ?"

Ora, para que um pecado daquele homem fosse *causa* da sua cegueira *de nascença,* preciso era que, *ao verificar-se o seu nascimento,* já *ele* houvesse pecado *como homem,* isto é, que tivesse tido uma existência anterior, em a qual houvesse cometido o pecado determinante da cegueira. Isso necessariamente supunha a anterioridade, a preexistência da alma e, por conseguinte, a reencarnação. Sendo assim, nenhum cabimento havia para qualquer alternativa. Desde então, o pecado dos pais não mais podia ser a causa daquela cegueira de nascença.

E de que modo um pecado dos pais pudera ser causa de tal cegueira? Só um pecado cometido por eles antes do nascimento do filho. Mas, concebe-se que uma criatura nasça cega por efeito de pecado que seus pais hajam cometido? Concebe-se que alguém sofra as conseqüências de falta em que outrem incorreu e que de tal falta resulte para esse alguém *o nascer cego?*

Não era isso o que tinham em mente os discípulos. Entretanto, formulando aquela pergunta da maneira por que o fizeram, inconscientemente preparavam a inteligência que a nova revelação, explicando-as *segundo o espírito,* viria dar às seguintes palavras, veladas *pela letra,* com que Jesus lhes respondeu: *"Isto assim é, para que nele se manifestem as obras do poder de Deus."*

Como encarnados, os discípulos eram, não o esqueçais, pouco adiantados. Enclausurados na carne, seus Espíritos se achavam comprimidos pela matéria. Não se aventuravam a nenhuma das considerações que acabamos de expender. Nenhuma delas lhes podia acudir às inteligências, nem passar pelas idéias. Essas considerações mostram mesmo que a questão foi proposta por

Espíritos que, por se acharem, *como encarnados,* num estado de infância, não lhe mediam o alcance.

Eles não cogitavam senão de um pecado cometido por aquele que *nascera cego, ou* por seus pais. De sorte que o que tinham em mente perguntar era o seguinte: "Será isto a conseqüência de um pecado cometido por este homem, *portanto, desde o instante de seu nascimento, ou* por seus pais?" "A causa de este homem haver nascido cego terá sido algum pecado cometido por ele, ou por seus pais?"

Jesus respondeu enquadrando a sua resposta *no sentido das* próprias palavras dos discípulos. Assim é que disse: *"Nem ele pecou, nem pecaram seus pais", o* que equivale a ter dito: "Não, ele não expia faltas que haja cometido na sua atual encarnação e ainda menos falta em que seu pai ou sua mãe tenham incorrido."

"É preciso *que as obras do poder de Deus se manifestem nele."* Preciso é que a expiação imposta ao Espírito culpado siga o seu curso. Este homem não sofre castigo por faltas do presente. Tampouco paga por outrem. Paga dívida contraída pelo seu próprio Espírito. Sua cegueira de nascença representa a expiação, que ele buscou, de faltas anteriores à sua encarnação atual. É assim que as obras do poder de Deus se manifestam nele. A cura da cegueira indica que a sua expiação terminou. Dessa forma ele serve ao cumprimento da missão do enviado de Deus.

Aquele homem, acima o dissemos, era um Espírito devotado que, encarnado em tais condições, para servir à execução da obra do Mestre, concluía suas provas.

"É necessário que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto é dia. Vem depois a noite e durante ela ninguém pode fazer obras. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo."

É mister que eu faça, enquanto durar a minha missão terrena e desempenhando-a, todas as obras que Deus me encarregou de executar. Sou a luz que alumiará os homens, enquanto me achar entre eles. Aproxima-se o momento em que a minha missão terminará. Ninguém poderá impedir que ela tenha fim.

Quanto ao cego de nascença, chegara o momento terminal da sua prova. Jesus, como bem o compreendeis, para curá-lo, atuou fluidicamente sobre os órgãos da visão, exercendo, por ato da sua vontade, uma ação magnética. No 2° tomo, págs. 152-155 e no 3°, págs. 230-231, já explicamos fatos de cura da cegueira. Cabem aqui as explicações que demos então. Reportai-vos a elas.

Deveis igualmente compreender que Jesus nenhuma necessidade tinha de passar lodo nos olhos do cego a fim de lhe operar a cura. Esta se verificou por efeito da ação magnética. Ele fez aquilo apenas para dizer em seguida: *Vai lavar-te na piscina de Siloé. As* águas dessa piscina passavam por virtuosas. Jesus mandou que o cego curado se fosse lavar naquelas águas para mais divulgar o fato da cura, visto que era muito freqüentada a piscina de Siloé.

CAPÍTULO *IX*
Vv. 13-34

O cego é levado à presença dos fariseus. — Interrogatório a que o submetem e a que também respondem seu pai e sua mãe. — Sua expulsão depois de injuriado

V. 13. Levaram então aos fariseus o que fora cego. — 14. Ora, era um sábado o dia em que Jesus fez o lodo e lhe abriu os olhos. — 15. Os fariseus também lhe perguntaram de que modo recobrara a vista. O homem respondeu: Ele me pôs lodo sobre os olhos, eu me lavei e vejo. — 16. Ouvindo isso, alguns fariseus disseram: Este homem não é enviado de Deus, pois que não guarda o sábado. Outros, porém, disseram: Como poderia um homem pecador fazer prodígios tais? Havia, assim, dissensão entre eles. — 17. Perguntaram então ao cego: E tu, que dizes desse homem que te abriu os olhos? Que é um profeta, respondeu. — 18. Mas os Judeus não acreditaram que ele fora cego e tivesse recuperado a vista, enquanto não fizeram vir à sua presença os pais dele, — 19, e os interrogaram assim: É este o vosso filho, de quem dizeis que nasceu cego? Como é que agora ele vê? — 20. Os pais do homem responderam: Sabemos que este é nosso filho e que nasceu cego. — 21. Como é que agora vê não o sabemos e igualmente não sabemos quem foi que lhe abriu os olhos. Interrogai-o; já tem idade; que fale por si mesmo. — 22. Seus pais assim falaram, porque tinham medo dos Judeus, visto que estes já haviam resolvido que fosse expulso da Sinagoga quem quer que confessasse ser Jesus o Cristo. — 23. Por isso foi que disseram: Ele já tem idade; interrogai-o. — 24. Chamaram então pela segunda vez o homem que fora cego e lhe disseram: Rende glória a Deus [40]: sabemos que esse homem é um

[40] Fórmula de que usavam os Judeus, sempre que de alguém queriam o juramento de dizer a verdade.

pecador. — 25. Ele lhes respondeu: Se é um pecador, não sei; uma só coisa sei e é que era eu cego e agora vejo. — 26. Perguntaram-lhe: Que te fez ele? Como te abriu os olhos? — 27. Respondeu-lhes: Já vo-lo disse e o ouvistes; porque quereis ouvi-lo de novo? Porventura quereis tornar-vos seus discípulos? — 28. Sobre isto o carregaram de injúrias e lhe disseram: Discípulo dele sejas tu, que nós somos discípulos de Moisés. — 29. Sabemos que Deus falou a Moisés, mas este não sabemos donde é ele. — 30. O homem replicou: É espantoso que não saibais donde ele é e que me tenha aberto os olhos. — 31. Sabemos que Deus não ouve a pecadores, mas se alguém o honra e faz a vontade, a esse ele ouve. — 32. Desde que o mundo existe, jamais se ouviu dizer que alguém abrisse os olhos a um cego de nascença. — 33. Se este homem não fosse enviado de Deus, nada poderia fazer do que tem feito. — 34. Retrucaram-lhe: Tu, que és todo pecado desde que nasceste, pretendes dar-nos lições?! E o lançaram fora.

N. 31. Estes versículos não precisam de comentários. Confrontai esses fatos *com os que ocorrem presentemente.*

CAPÍTULO IX
Vv. 35-41

O cego que fora curado, sendo encontrado por Jesus¸ crê nele. — Palavras que Jesus lhe dirige. — Palavras dos fariseus a Jesus. — Resposta de Jesus

V. 35. Jesus ouviu dizer que o haviam expulsado e, encontrando-o, lhe perguntou: Crês no filho de Deus? — 36. Ele respondeu: Quem é ele, Senhor, para que eu nele creia? — 37. Disse-lhe Jesus. Até já o viste; é ele mesmo quem te fala. — 38. Disse ele então: Creio, Senhor. E, prostrando-se, o adorou. — 39. Acrescentou Jesus: Vim a este mundo para exercer um juízo, a fim de que os que não vêem vejam e os que vêem se façam cegos. — 40. Ouvindo isto, alguns dos fariseus que com ele estavam lhe perguntaram: Porventura também nós somos cegos? — 41. Jesus lhes respondeu: Se fosseis cegos, não teríeis culpa. Mas, vós mesmos agora dizeis: Nós vemos. Sendo assim, em vós permanece o vosso pecado.

N. *32.* Nenhuma explicação se faz necessária para a inteligência destes versículos, *segundo o espírito,* salvo com relação às palavras que Jesus dirigiu ao que se curara da cegueira, quando se prosternou diante dele, e com relação à resposta que deu aos fariseus.

Jesus viera exercer um juízo, *no sentido de* ter vindo esclarecer os homens acerca do caminho que devem seguir e pregar-lhes *a* moral pura que é o código que lhes cabe consultar, para se absolverem ou condenarem¸ no foro íntimo de suas consciências, mediante exame sério e completo de seus pensamentos, palavras e atos.

"A fim de que, disse Jesus, os que não vêem vejam e os que vêem se façam cegos."

Estas palavras guardam um sentido *todo espiritual.* Referem-se à cegueira moral, não à cegueira *física, material e,* segundo o pensamento do Mestre, se aplicam a todos os tempos, pois que cumpre ao homem esforçar-se por adquirir a vista espiritual, procurando compreender e pôr em prática a moral pura que ele trouxe ao mundo, seus ensinos e exemplos.

Elas tinham, antes de tudo, uma aplicação especial aos que eram testemunhas da sua missão terrena e também têm uma especial aplicação aos que, na época atual, são testemunhas da nova revelação, da revelação do *"Espírito da Verdade",* por ele predita e prometida, da revelação da revelação, que agora vos é dada.

Quanto àqueles que assistiam à sua missão terrena, o ato que Jesus praticara, restituindo a vista corporal ao cego de nascença, *simbolizava o* ato que viera realizar desempenhando a sua missão e praticando todas as obras que praticou, destinadas a causar impressão em homens materiais, a fim de lhes restituir a vista *espiritual,* de os curar da cegueira *moral, por* meio da doutrina que pregava, de seus ensinamentos e exemplos.

Dizendo: *"a fim de que os que não vêem vejam",* aludia a todos os que se achavam privados da vista material, aos quais ele a restituía, e que, recobrando-a, lhe reconheciam a missão, percebiam a luz espiritual que lhes vinha clarear a inteligência e o coração. Aludia igualmente aos que, conquanto gozassem da vista corporal, estavam atacados de cegueira moral, mas que, presenciando os fatos por ele operados, admitindo-os, lhe reconheciam a missão e divisavam a luz espiritual que os vinha curar da cegueira de que padeciam.

Dizendo: *"a fim de que os que vêem se façam cegos",* aludia aos que, vendo os fatos que ele produzia, não os queriam admitir, nem lhe reco-

nheciam a missão. Esses se afastavam da luz e mergulhavam nas trevas por nada saberem distinguir na luz.

Aos fariseus que lhe perguntaram: *"Porventura também nós somos cegos?* responde: *Se fosseis cegos não teríeis culpa. Segundo o espírito,* Jesus, por essa forma, exprime um duplo pensamento, aludindo à situação do cego de nascença que ele curara e que, Espírito devotado, terminava suas provas com o ver o fim da expiação que escolhera para servir à execução da obra do Mestre, e com o lhe reconhecer a missão.

"Se fosseis cegos" também, isto é, se vos achásseis na situação deste homem, "não ferieis culpa".

Mas, agora *dizeis: Nós vemos, Sendo assim,* "em vós *permanece o vosso pecado".* Estas palavras são a conseqüência e a aplicação das que acabara de pronunciar: "Os *que vêem se façam cegos."*

Mas, agora, dizeis que vedes: Dizeis que tendes a vista corporal. Dispondo dessa vista, observais as obras que eu faço, porém não as admitis, nem reconheceis a minha missão. Daí vem que em vós permanecem as vossas faltas, os vossos vícios, as vossas más paixões, que são frutos da vossa cegueira moral e vos fazem culpados.

Os fariseus, no seu foro íntimo, reconheciam a missão de Jesus; entretanto, não queriam admiti-la, porque ligavam mais importância aos bens da terra do que aos, para eles, hipotéticos bens do céu. Não tendes que vos admirar do seu proceder e de seus atos com relação a Jesus. A história dos Judeus não vos relata de que modo eram tratados os profetas, quando afrontavam os poderosos?

Quanto à aplicação das palavras que estamos apreciando à nova revelação e aos homens que a testemunham, ocorre perguntar-vos: Não achais que as condições atuais sejam *idênticas*

às da época em que Jesus desempenhou a sua missão? Os Espíritos do Senhor, órgãos do Espírito da Verdade, não encontram o mesmo acolhimento que teve Jesus? A predição, por este feita, do advento da revelação atual não é recebida como o foi a do advento do Messias, do Cristo? Não há também os que, testemunhas das manifestações espíritas, físicas e inteligentes, reconhecem a missão dos Espíritos do Senhor, órgãos do Espírito da Verdade, e o advento da era nova predita e prometida pelo Mestre, os que percebem, assim, a luz espírita, que vem clarear as inteligências e os corações?

Não há os que, testemunhas de tais manifestações, não reconhecem, entretanto, aquela missão e o advento da era nova, se afastam da luz e mergulham nas trevas, por nada também saberem distinguir na luz?

Não tendes entre vós os novos fariseus, que falam e procedem com referência à nova revelação e aos que a aceitam e propagam pela palavra e pelo exemplo, como falavam e procediam os fariseus de outrora, com referência a Jesus e aos que lhe reconheciam a missão? Não os vedes procurando voluntariamente mergulhar nas trevas, *para salvaguardarem seus mesquinhos interesses materiais?*

A eles se aplica a resposta de Jesus aos daquela época.

CAPÍTULO X
Vv. 1-10

Parábola da porta do aprisco das ovelhas. — Jesus é a porta

V. 1. Em verdade, em verdade, vos digo: O que não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas sobe por outra parte, é roubador e ladrão. — 2. O que, porém, entra pela porta, esse é pastor das ovelhas. — 3. A este o porteiro abre e as ovelhas lhe ouvem a voz; chama as suas ovelhas pelos seus nomes e as tira para fora. — 4. E, tendo feito sair as ovelhas que lhe pertencem, vai adiante delas e elas o seguem, porque lhe conhecem a voz. — 5. A um estranho não seguem, antes fogem dele, porque não conhecem a voz dos estranhos. — 6. Esta parábola lhes propôs Jesus. Mas eles não entenderam o de que ele lhes falava. — 7. Tornou, pois, Jesus a dizer-lhes: Em verdade, em verdade vos digo: Eu sou a porta das ovelhas. — 8. Todos quantos têm vindo são roubadores e ladrões; as ovelhas não os ouviram. — 9. Eu sou a porta. Aquele, que entrar por mim, será salvo; entrará, sairá e achará pastagens. — 10. O ladrão não vem senão para furtar, matar e perder. Eu, porém, vim para que as ovelhas tenham vida e a tenham em abundância.

N. 33. Jesus é a porta do aprisco. É ele quem abre e ilumina a inteligência e conduz o Espírito à morada do pai: à perfeição.

Os que não têm seguido as veredas por ele abertas; os que, pelo contrário, têm desviado os homens, impelindo-os ao ódio, ao orgulho, à vingança, à cupidez, hão sido "ladrões e roubadores", visto que não penetraram no coração humano pela única porta que dá acesso ao pastor: o amor e a renúncia.

Jesus, por meio dessa parábola e da explicação que dela oferece, velada *pela letra,* se dirigiu àquela época e ao futuro. Usando de uma linguagem apropriada ao momento, às inteligências dos que o ouviam e que precisavam ser fortemente abalados, chamava a atenção de todos para os falsos pastores de então e a das gerações que se sucederiam para os falsos pastores que se diriam seus representantes, seus discípulos. Indicava os sinais para se reconhecerem esses falsos pastores, dos quais todos devem fugir, e os dos pastores *verdadeiros, os* únicos que devem ser escutados e seguidos. Proclamava a sua autoridade plena e completa sobre o planeta e a humanidade terrenos, a salvação dos homens pela prática da sua moral, a grandeza e o objetivo da sua missão terrena.

V. 1. O que não entra pela porta no aprisco, mas sobe por outra parte, é roubador e ladrão.

Aquele que toma o encargo de instruir os homens e que, em vez de lhes ensinar, pela palavra e pelo exemplo, a moral pura que Jesus personifica e pregou, os desvia dos caminhos simples e retos da justiça, do amor, e da caridade, é ladrão e roubador das almas, é um falso pastor.

V. 2. O que, porém, entra pela porta, esse é pastor das ovelhas.

O que *ensina e pratica* aquela moral é verdadeiro pastor.

V. 3. A este o porteiro abre e as ovelhas lhe ouvem a voz; chama as suas ovelhas pelos seus nomes.

A esse abre o Senhor a inteligência e dá luz. Seus ensinos penetram no coração dos homens,

que logo o conhecem e se tornam dóceis aos seus chamamentos.

E as tira para fora.

Tira-as do caminho traçado pelos falsos pastores; tira-as do redil em que as meteram e que é antes uma masmorra trevosa. Havia nessas palavras uma alusão ao que se dera com a lei de Moisés, ao que se daria com o Cristianismo e ao que ocorreria, quer antes da revelação atual, quer ao tempo dela, para que os homens fossem reconduzidos à prática da moral que ele ensinava.

V. 4. E, tendo feito sair as ovelhas que lhe pertencem, vai adiante delas e elas o seguem, porque lhe conhecem a voz.

Compreende-se. Os que caminham nas pegadas do verdadeiro pastor, praticando a moral que estes lhes ensina pela palavra e pelos exemplos de humildade, de caridade, de amor e de renúncia de si mesmo, moral que é a de Jesus, os que efetivamente *reconhecem que acharam o caminho santo do Salvador,* esses não mais se deixam transviar, seguem com entusiasmo o pastor.

V. 5. A um estranho não seguem, antes fogem dele, porque não conhecem a voz dos estranhos.

Esforços inúteis serão os dos que quiserem levar consigo as ovelhas que hajam escutado a voz do bom pastor. Aqueles, cujas almas tenham sido tocadas por essa harmonia divina, não se deixarão mais seduzir pelos sons discordantes das vozes humanas que procurem desencaminhá-los.

V. 7. Em verdade, em verdade vos digo: Eu sou a porta das ovelhas.

Não podem os homens progredir, purificar-se e atingir a perfeição, senão praticando a moral do Mestre, seguindo o caminho que ele traçou com os seus ensinamentos e exemplos. Não podem alcançar essa meta, senão por intermédio dele, que abre e ilumina a inteligência por todos os meios que a providência de Deus lhe confiou e que ele emprega, ele que é o protetor e o governador do vosso planeta, de acordo com as faculdades e necessidades de cada criatura, de cada época, de cada era.

V. 8. Todos quantos têm vindo são roubadores e ladrões; as ovelhas não os ouviram.

Há aqui uma *figura.* O Mestre alude às diversas missões humanas que, mais ou menos maculadas pela fraqueza inerente à natureza do homem, não tiveram a força e o valor da missão divina que ele desempenhou.

Dizendo: "Todos os que têm vindo são roubadores e ladrões", Jesus se serviu, repetimos, de uma linguagem figurada. Tendo, só ele, autoridade plena e completa, estabeleceu o valor *especial* dessa autoridade, valendo-se de uma imagem bastante forte para produzir sensação entre homens que o repeliam em nome dos profetas e que se recusavam a admitir que nele se houvesse verificado o advento do Messias esperado.

"As ovelhas não os escutaram."

Não é fato que os homens se têm afastado dos princípios que os diversos enviados lhes incutiram? Escutaram-nos no momento, mas pouco a pouco se foram afastando.

Jesus foi repelido por muitos, mas foi acolhido por alguns cujo número de dia para dia aumentou e que agora se multiplicará ao infinito, pois que chegaram os tempos em que os homens *"lhe escutarão a voz" e* em que, pela depuração

e transformação do planeta e da humanidade terrenos, não haverá mais na Terra, como ele o predisse, *"senão um só rebanho e um só pastor."*

V. 9. Eu sou a porta. Aquele que entrar por mim será *salvo.*

Aquele que praticar a minha moral, que, portanto, caminhar nas minhas sendas, progredirá, se purificará e seguirá uma marcha ascensional que conduz o Espírito à perfeição.

Entrará, sairá e achará pastagens.

Entrará na vida humana, dela sairá e, em todas as condições, achará o pão, não o que alimenta o corpo, mas o que eleva a alma.

V. 10. O ladrão não vem senão para furtar, matar *e* perder.

Sim; deveis notar que todas as missões precedentes causaram derramamento de sangue, enquanto que Jesus sempre pregou a paz, a união, a fraternidade.

Se *em seu nome se* tem derramado sangue, ah! que esse sangue caia sobre a memória dos que, dizendo-se seus discípulos, não passavam de lobos vorazes!

Orai pelos que ainda não expiaram a sua cegueira sanguinária.

"Eu, porém, vim, para que as ovelhas tenham vida e a tenham em abundância."

Desempenhando a sua missão terrena, Jesus veio mostrar aos homens as sendas e os meios de regeneração, constituídos pela sua moral pura, que é, para a alma, o pão de vida, proporcionando-lhe abundante alimento, que a engrandece, fortifica, depura e eleva.

CAPÍTULO X
Vv. 11-21

Jesus é o bom pastor. — São suas ovelhas todos os que praticam a sua moral pura. — Sua missão consiste em levar todos os homens a praticá-la, a fim de que não haja mais do que um rebanho e um só pastor. — Ele tem o poder de deixar a vida e de a retomar; ninguém lha tira, nem lha pode tirar

N. 34. Grande importância têm estes versículos, do ponto de vista da natureza extra-humana de Jesus; do de sua morte no Gólgota, morte que *os homens consideraram real, mas* que foi apenas aparente; do das condições e do modo por que se deu o seu aparecimento entre os homens; do de seu reaparecimento chamado "ressurreição"; do de suas aparições sucessivas às mulheres e aos discípulos e do de seu desaparecimento definitivo, elevando-se às nuvens, na época dita da "Ascensão". Também grande importância apresentam do ponto de vista da sua missão e dos resultados desta, dada a sua qualidade de protetor e governador do planeta terreno, de encarregado do vosso desenvolvimento e progresso e de vos conduzir à perfeição.

Separai-os e vos daremos sobre cada um as explicações especiais que comportam, *segundo o espírito.*

V. 11. Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a própria vida pelas suas ovelhas. — 12. O mercenário, porém, e o que não é pastor, aos quais as ovelhas não pertencem, vendo vir o lobo, abandonam as ovelhas e fogem; e o lobo as arrebata e dispersa o rebanho. — 13. O mercenário foge porque é mercenário e lhe não importam as ovelhas.

Estas palavras *figuradas se* referiam àquela época e ao futuro, aos vossos dias. Os que tomaram a si apascentar o rebanho do bom pastor, não se sentindo com forças para combaterem os vícios que os assaltavam, a estes se entregaram e lhes abandonaram as ovelhas, de cuja guarda se haviam incumbido. O bom pastor, porém, o pastor das almas vela pelo seu rebanho e constantemente o ronda, concitando à vigilância, pela palavra e pelo gesto, os guardas fiéis com os quais sabe poder contar e que o ajudam a reunir e trazer para o centro as que denotam tendência a desgarrar.

Para o bom pastor não há *interesse pessoal,* nem *fadiga.*

Dizendo: "Eu sou o bom pastor: o bom pastor *dá a própria vida pelas suas ovelhas",* Jesus preparava os que o ouviam, os homens da época e as gerações futuras, para atenderem à alusão que ele ia fazer ao sacrifício do Gólgota e às suas conseqüências.

V. 14. Eu sou o bom pastor e conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas me conhecem. — 15. Assim como meu Pai me conhece, assim eu conheço a meu Pai e dou a vida pelas minhas ovelhas. — 16. Tenho ainda outras ovelhas, que não são deste aprisco. Também estas cumpre que eu as traga; elas ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só pastor.

Aludia Jesus à sua missão terrena, aos frutos que ela há de dar; à sua missão espiritual como protetor e governador do planeta terrestre e aos resultados que há de produzir, resultados que prediz aos homens.

Suas "ovelhas" são todos os Espíritos que, encarnados ou errantes, pertencem à Terra.

As *que o conhecem são os* que praticam a moral pura por ele pregada e lhe reconhecem a missão.

As que não pertencem a este aprisco, mas que a ele serão trazidas e lhe escutarão a voz, são os que ainda não praticam a sua moral, ou que, praticando-a, não lhe reconhecem ainda a missão, sem, contudo, se mostrarem rebeldes ao progresso. São os que virão a praticar a sua moral e a lhe reconhecer a missão, depurando-se continuamente no cadinho do tempo e da reencarnação, percebendo, por esse meio, cada vez melhor, a luz e a verdade que ele trouxe aos homens e que a nova revelação vem fazer brilhar com vivo fulgor.

Ao proferir aquelas palavras, Jesus envolvia no seu pensamento a humanidade inteira, de quem é ele o bom pastor, todas as gerações de Espíritos que, em via de purificação, tinham encarnado na Terra antes da sua missão, estavam encarnadas quando a desempenhava e nela ainda haviam de encarnar e que, dóceis à sua voz de Messias, às dos Espíritos em missão, encarnados e errantes, órgãos do Espírito da Verdade, hão de chegar, de progresso em progresso, de purificação em purificação, à perfeição moral humana. Então é que, sob o império da lei de amor, *não haverá mais que um único rebanho e um só pastor.* Então é que Jesus, vosso protetor e governador, virá, como soberano, visível para as criaturas purificadas, em todo o seu fulgor espírita, ao vosso planeta igualmente purificado. É então que ele, o Espírito da Verdade, como complemento e sanção da verdade, virá mostrá-la, sem véu, ao mundo; virá para conduzi-las todas à vida dos puros Espíritos, a tomarem lugar entre os ministros diretos de Deus, entre os seus agentes ativos e devotados, entre os que se consagram à obra do progresso universal, da vida e da harmonia universais, uma vez que, pela pureza que adquiriram, lhes cabe, numa atividade incessante, progredir eternamente em ciência universal, haurindo esse progresso na fonte infinita de todo o poder, de

todo o amor, de toda a justiça, de toda a ciência, de toda a verdade.

V. 17. Por isso o Pai me ama, porque deixo a minha vida para a retomar. — 18. Ninguém ma tira; eu *por mim* mesmo a deixo; tenho o *poder de a deixar e* tenho *o poder de a retomar.* Este mandamento *recebi* de meu Pai.

Estas palavras, a que se não tem dado muita atenção, a que se não tem ligado grande importância, confirmam o que havemos dito sobre a natureza e a origem de Jesus.

"Por isso, disse ele, o Pai me ama, porque deixo minha vida para a retomar. — 18. Ninguém ma tira."

"Pela consumação do sacrifício do Gólgota e pelo que se lhe há de seguir por efeito da minha missão espiritual é que meu pai tem confiança em mim.

"É desse modo que eu deixo, para retomá-la, a vida que os *homens consideram humana. É* desse modo que deixo a vida, *humana no entender dos homens,* para retomar a vida *toda espiritual que me é própria."*

"Ninguém ma tira; eu por mim mesmo a deixo."

Jesus, mesmo que fora um homem carnal como vós outros, teria recebido da mão *dos homens a morte.* Voluntariamente, sem dúvida, ele se houvera oferecido como vítima. Mas, em tal caso, teria com efeito perdido a vida pela ação *dos algozes.*

Sendo, porém, fluídica a sua encarnação, de natureza perispirítica, embora opaco e tangível o corpo que revestira, ele deixava espontaneamente a vida que tomara. Deixava-a por si mesmo. Ninguém lha tirava, ninguém lha podia tirar. Só a poderiam os homens tirar, se pudessem ti-

rá-la a um Espírito que, fluidicamente encarnado em mundo superior, houvesse assimilado seu envoltório fluídico às regiões terrenas, para na Terra aparecer visível e tangível. Igualmente, ele retomava, à vontade, a vida toda espiritual que lhe era própria, deixando o invólucro fluídico que havia tomado, com a aparência do corpo humano, do mesmo modo que um Espírito, fluidicamente encarnado em um mundo superior, retomaria a vida espiritual que lhe é própria, abandonando o envoltório fluídico que houvesse assimilado ao meio terreno para, visível e tangível, aparecer na Terra.

Assim, fazendo uma alusão, *velada pela letra,* à natureza que lhe era peculiar, Jesus, por aquelas palavras, afirmava ser de natureza extra-humana, de natureza fluídica, perispiritual, o seu invólucro corporal, aparentemente humano. E, sendo assim, só era passível de uma morte aparente, mas os *homens consideraram* real a sua morte, porque, como condição e meio de progredirem, mister se fazia que acreditassem ser o Mestre um homem igual a eles, mortal como eles e que por eles efetivamente morrera às *mãos dos seus algozes.*

Era mister que tal sucedesse, como era que, mais tarde, acreditassem, conforme acreditaram, que Jesus fora Deus *milagrosamente* encarnado, fora um homem-deus, que por eles morrera às mãos de seus algozes, crença que se originou da dupla revelação da lei antiga, da revelação que o anjo fizera a Maria, quando essa revelação se divulgou, da vida pura e sem mácula do Mestre, dos atos e acontecimentos verificados durante a sua missão terrena, de suas palavras e bem assim das interpretações humanas a que esses atos, acontecimentos e palavras deram lugar.

"Tenho o poder de a deixar e tenho o poder de a retomar."

"Tenho o poder de deixar a vida que tomei, *tida* por humana *pelos homens,* para voltar à vida toda espiritual que me é própria, como protetor e governador do planeta terrestre, e de a retomar para reaparecer entre eles, conforme o exija a minha missão terrena. Tenho o poder de deixar a vida que os *homens consideram* humana, quando se consumar o sacrifício do Gólgota; e tenho o poder de a retomar para ressuscitar, isto é, para reaparecer no mundo e para me afastar da Terra às vistas de todos, quando estiver terminada a minha missão terrena, a fim de retomar definitivamente a vida toda espiritual que me é própria e continuar a minha missão de protetor e governador deste planeta."

"É este um mandamento que recebi de meu Pai."

"Tudo isto corresponde à vontade divina, que permitiu me manifestasse eu aos homens, prescrevendo a execução da minha obra, para o progresso deles."

V. 19. Estas palavras suscitaram nova discussão entre os Judeus. — 20. Muitos deles diziam: Está possesso do demônio; perdeu o juízo; porque *o* escutais? — 21. Outros, porém, diziam: Estas não são palavras de quem está possesso do demônio; pode acaso o demônio abrir *os* olhos *aos* cegos?

Eram as mesmas discussões que se travam sempre que uma verdade, tida como nova pelos que se julgam possuidores de *toda a ciência,* assume o direito de cidade no seio da humanidade terrena, sem que tenha antes feito visar seus passaportes pelas autoridades científicas.

Pequeno é sempre o número dos que, desde o primeiro momento, se colocam, como simples curiosos, do lado da novidade, a que depois se

apegam de todo o coração, impelidos pelo sentimento e pela consciência.

Esses serão sempre considerados pobres de espírito, ignorantes, loucos, até que a verdade, tendo-se imposto, seja forçosamente reconhecida e admitida como tal pelas *corporações doutas,* que, então, passam a fulminar com o seu desprezo os que, não obstante, persistam em não acreditar no que elas afinal consentem em admitir.

CAPÍTULO X
Vv. 22-42

Jesus, acusado de querer passar por ser Deus, protesta, sob o véu da letra, e, também sob o véu da letra, lembrando aos Judeus o Salmo LXXXI, vv. 1 e 6, se proclama filho de Deus, deus como eles, tendo tido, como essência espiritual, a mesma origem que todos. — Proclama ao mesmo tempo, mas ainda veladamente, sua autoridade, sua missão terrena e sua missão espiritual

V. 22. Celebrava-se então em Jerusalém a festa da Dedicação; e era inverno. — 23. E Jesus perambulava pelo templo, no pórtico de Salomão. — 24. *Rodearam-no os Judeus e* lhe perguntaram: Até quando nos terás tu o espírito em suspenso? Se és o Cristo, dize-o claramente. — 25. Respondeu-lhes Jesus: "Eu vos falo e não me credes; as obras que faço em nome de meu Pai, essas dão testemunho de mim. — 26. Mas não me credes, porque não sois das minhas ovelhas. — 27. Minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço e elas me seguem. — 28. E lhes dou a vida eterna e elas nunca perecerão e ninguém as arrebatará de minhas mãos. — 29. O que meu Pai me deu é maior do que todas as coisas e ninguém o pode arrebatar da mão de meu Pai. — 30. Meu Pai e eu somos um." — 31. Então os Judeus pegaram de pedras para o apedrejarem. — 32. Disse-lhes Jesus: "Tenho-vos mostrado muitas obras boas feitas pelo poder de meu Pai; por qual dessas obras me quereis apedrejar?" — 33. Os Judeus lhe responderam: Não te apedrejaremos por causa de qualquer boa obra, mas por causa da tua blasfêmia, porque, sendo homem, tu te fazes Deus. — 34. Jesus lhes retrucou: Não está escrito na vossa lei: "Eu disse que sois deuses"? — 35. Ora, se ela chama deuses àqueles a quem a palavra de Deus é dirigida (e a Escritura não pode falhar) — 36, como é que dizeis àquele que o Pai santificou e enviou ao mundo: Tu blasfe-

mas, porque digo que sou filho de Deus? — 37. Se não faço as obras de meu Pai, não me creiais. — 38. Mas, se as faço, quando não queirais crer em mim, crede nas minhas obras, a fim de que conheçais e creiais que o Pai está em mim e eu no Pai. — 39. Tentaram então os Judeus prendê-lo, mas ele se lhes escapou das mãos. — 40. E foi de novo para além Jordão, para o lugar onde João estivera a principio batizando. E lá ficou. — 41. Muitos vieram ter com ele e diziam: João, na verdade, não fez milagre algum, — 42, mas tudo quanto disse deste era verdadeiro. E muitos creram nele.

N. 35. Acompanhai com atenção todos os atos e todas as palavras de Jesus e vereis como ele tudo dispõe para que a sua missão siga o seu curso e se complete; como tudo dispõe, tendo em vista aquela época e o futuro e também tendo em vista a revelação atual que, por ele predita e prometida, *há de* encontrar sua base, seus elementos e seus meios, assim como a sua sanção prévia, em a narração evangélica da sua missão terrena.

Pelas explicações que já vos temos dado, podeis compreender, *segundo o espírito, o* sentido destes versículos. Assim, limitar-nos-emos a chamar a vossa atenção para aquelas das palavras do Mestre que exigem explicações *especiais,* a fim de serem compreendidas no seu sentido exato e preciso, *em espírito e verdade.*

(Vv. 24-28.) As palavras constantes nestes versículos não devem ser separadas destas outras, também por ele proferidas, e que já vos explicamos.

Eu sou o bom pastor, conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas me conhecem. Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco. Também estas cumpre que eu as traga. Elas ouvirão a minha voz e não haverá mais que um só rebanho e um só pastor.

As palavras do Mestre se encadeiam todas e formam um conjunto harmônico.

Os Judeus, a quem ele se dirigia, não eram suas ovelhas, porque, Espíritos impuros e atrasados, não praticavam os princípios de justiça, de amor e de caridade que lhes tinham sido prescritos por intermédio de Moisés e dos profetas.

Não eram suas ovelhas, porque, repelindo-o, repudiavam a moral pura que ele pregava, *não* apenas, de modo egoístico, para a nacionalidade deles, mas para todos os homens, Judeus e Gentios. Não o eram, porque recusavam aceitar seus ensinamentos e exemplos, sua missão e, assim, não lhe ouviam a voz, nem o seguiam.

Não eram do aprisco do bom pastor, mas haviam de ser todos por ele levados a esse aprisco, visto que todos de futuro viriam a praticar a moral pura que ele personifica, a lhe reconhecer a missão e, *dessa maneira*¸ a ver cumpridas, no que lhes dizia respeito, estas palavras: "As minhas ovelhas ouvem a minha voz, eu as conheço e elas me seguem. Dou-lhes a vida eterna; elas nunca perecerão e ninguém as arrebatará da minha mão."

É o que havia e há de suceder na Terra, assim com relação aos Judeus, como a todos os outros homens, que tiverem sido, forem e se tornarem dóceis e perseverantes no caminho do progresso e da purificação, que os farão perceber, cada vez melhor, a luz e a verdade.

(Vv. 29-30.) O que Deus deu a Jesus é maior do que todas as coisas e ninguém o pode arrebatar da mão de Deus, pois que se trata do poder que este lhe conferiu relativamente à Terra, quando o instituiu protetor e governador desse planeta, depois de lhe ter dado o de o constituir. Trata-se da superioridade que ele tem sobre todos.

"Meu Pai e eu, disse Jesus, *somos um."* Pelas explicações que já recebestes a este respeito, estais em condições de compreender, *segundo o espírito,*

o sentido dessas palavras. Há unidade, entendida esta no sentido da afinidade que existe entre Jesus e o Criador e que permite àquele estar diretamente em relação fluídica com este. Há unidade de pensamento.

(Vv. 31-36.) Os Judeus acusam a Jesus de fazer-se Deus, por haver dito: *Eu e o Pai somos um.* Não podendo compreender e não compreendendo, no verdadeiro sentido, as palavras que o Mestre lhes dirigia, os Judeus as tomavam sempre *ao pé da letra.*

A resposta que Jesus lhes deu, entendida *segundo o espírito, em verdade,* exclui a divindade que eles o acusavam de se atribuir. Proclama, ao mesmo tempo, ser também ele, como os que o acusavam, uma criatura de Deus, afirmando que, como eles, tirara *o ser,* do pai, do Criador incriado, que é o único Deus; que tivera, como eles, o mesmo início, *o mesmo* ponto de partida, a mesma origem divina comum a todos, *na qualidade de princípio espiritual,* mas que era superior a todos os da Terra pela sua pureza, pelo seu poder, pela natureza da sua missão.

Quando os Judeus lhe dizem:

Não te apedrejamos por causa de qualquer boa obra, mas por causa da tua blasfêmia, porque, sendo homem, tu te fazes Deus.

Jesus responde:

Não está escrito na vossa lei: "Eu disse: sois deuses"? Ora, se ela chama deuses àqueles a quem a palavra de Deus é dirigida (e a Escritura não pode falhar), como é que dizeis àquele que o pai santificou e enviou ao mundo: "Tu blasfemas", porque digo que sou filho de Deus?

Tendo-se em vista o entendimento dos Judeus e a acusação que haviam feito, essa resposta, em que *a letra se opõe à letra,* era peremptória,

apropriada, pelos seus termos, à inteligência deles, de molde a detê-los na atitude acusatória que assumiram e a desviar a acusação formulada. Além disso, encerrava, sob o véu *da letra,* a base, os elementos e os meios de ser explicada, *em espírito e verdade, como o é,* pela revelação atual, que, só ela, havia de dar, em nome do Espírito da Verdade, essa explicação, quando os homens se tivessem tornado capazes de recebê-la.

Estas palavras, de que usa a Escritura, quando fala daqueles a quem *a palavra de Deus é dirigida,* e que Jesus recordou: "Eu disse: Sois *deu*ses", tinham por objeto exalçar os homens a seus próprios olhos, fazendo-lhes perceber os *laços que os prendem à divindade.*

Sois deuses, no sentido de que, formados, espiritualmente, do princípio vital que de Deus emana, a ele vos achais ligados pela *infinidade* da vossa existência, desde que fostes criados. *Participais, portanto, da divindade,* do ponto de vista de que, uma vez criados, vos tornastes eternos como o vosso criador. Mas, *da prerrogativa* de estardes em relação fluídica direta com Deus, de serdes, *pelo pensamento, uno* com ele, não podeis gozar, enquanto a vossa perfeição não vos houver feito dignos disso.

Sois deuses, no sentido de *que a essência espiritual* tem por domínio a eternidade*,* pois que emana de Deus, tira dele *o ser,* isto é, tira o princípio de inteligência e o princípio fluídico que constituirão o Espírito livre, consciente e responsável, destinado a ser conduzido a formar uma individualidade eterna, indo do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, porquanto, se fosse possível a sua eternização no mal, já ele não seria mais divindade. Eis porque aqueles a quem Deus dirige especialmente a sua palavra são chamados *deuses. É* que esses, mais do que outros, se acham *em via de* adquirir aquela perfeição *necessária.*

É assim que Jesus se apresenta aos homens como participante da divindade. Ele o é, do mesmo modo que toda e qualquer essência espiritual, e goza da prerrogativa de que se tornou digno, por efeito da perfeição que suas obras lhe granjearam, a de estar em relação fluídica direta com Deus, de ser com ele uno pelo pensamento.

A lei, a Escritura (S. LXXXI, v. 6), depois destas palavras: "Eu disse: Sois deuses", acrescenta: "e todos sois filhos do Altíssimo."

Jesus, porém, se limitou a dizer aos Judeus: "Não está escrito na vossa lei: "Eu disse: Sois *deuses ?"*

Deveis compreender a razão por que não citou as palavras restantes: *"E todos sois filhos* do Altíssimo."

Além de não ser oportuna, dado o que ele objetivava alcançar, a citação dessas outras palavras o arrastaria a uma nova discussão com homens que não podiam compreender, *segundo o espírito, o* sentido do que diz a Escritura e a aplicação que ele lhe daria, defendendo-se da acusação de que era alvo.

"Sim, sois *deuses e todos sois filhos do Altíssimo."* Participais da divindade, por isso que, conforme acabamos de explicar, saístes de Deus e estais todos, como suas criaturas, destinados a voltar a ele, constituindo individualidades eternas, pela perfeição que houverdes merecido. Sois filhos culpados, filhos pródigos que regressarão à casa paterna onde, no limiar, o pai de família, com os braços abertos, espera por todos vós.

Podeis agora apreender, *em espírito e verdade, o* sentido e o alcance da resposta de Jesus. São estes:

"Não está escrito na vossa lei que todos os espíritos tiram de Deus *o ser;* que todos são dele; que participam *assim* da divindade; que todos são criaturas suas e hão de, constituindo individualidades eternas, voltar a ele, mediante

a perfeição que hajam merecido, por ouvirem a palavra que ele lhes dirige? — Sendo assim e não podendo a Escritura falhar, como é que dizeis que blasfemo, eu a quem Deus *santificou,* porque mereci pelas minhas obras a perfeição, e a quem ele fez seu enviado à Terra para vos dirigir a sua palavra, porque disse que sou filho de Deus, qual de fato sou pela pureza e poder que dele me vêm, visto que sou unia criatura unida ao seu Criador pela afinidade que me permite estar com ele em relação fluídica direta, ser uno com ele pelo pensamento?"

V. 37. Se não faço as obras de meu Pai, não me creiais. — 38. Mas, se as faço, quando não queirais crer em mim, credes nas minhas obras, a fim de que conheçais e creiais que o Pai está em mim e eu no Pai.

Dirigindo-se aos Judeus, Jesus proferia essas palavras não só para aquela época, mas também para o futuro e especialmente para a época da revelação, que ele predisse e prometeu, do Espírito da Verdade, da revelação atual, e ainda para os tempos que a esta se seguirão.

Ó homens, que não quereis crer na missão de Jesus, que ainda nele não credes, quem quer que sejais, crede nas suas obras, isto é, praticai a moral pura que ele pregou pelos seus ensinos e exemplos, a fim de chegardes a conhecer o lugar que ele ocupa junto de Deus e suas relações com o pai; a conhecer e a crer que, pela sua pureza, ele está em relação direta com o Criador, que é uno com este pelo pensamento; que foi seu enviado celeste, o Messias que, prometido, desceu ao meio dos homens; que é o Espírito protetor e governador do vosso planeta, a cuja formação presidiu.

Chegareis assim a conhecer e a crer, porquanto progredireis e vos depurareis e, progre-

dindo e purificando-vos, ireis percebendo gradualmente a luz e a verdade.

V. 39. Tentaram então os Judeus *prendê-lo,* mas ele se lhes escapou *das mãos: Exivit de manibus eorum.*

Este fato vem confirmar a natureza extra-humana de Jesus e a põe em evidência.

Escapou das mãos dos Judeus, que já o *tinham* querido *apedrejar,* que se achavam tomados de *furor* e o *cercavam,* visto que estavam reunidos *em torno dele.*

Já tivemos ocasião de vos falar deste fato.

Jesus se lhes escapou das mãos, vós o sabeis, fazendo desaparecer a tangibilidade do seu corpo fluídico.

CAPÍTULO XI
Vv. 1-45

Lázaro "morto", segundo as vistas humanas e, no entender dos homens, "ressuscitado"

V. 1. Estava então enfermo um homem chamado Lázaro, que era da aldeia de Betânia, onde residiam Maria e Marta, suas irmãs. — 2. Maria era a que derramara bálsamo sobre o Senhor e lhe enxugara os pés com seus cabelos. Lázaro, o que estava enfermo, era seu irmão. — 3. Suas irmãs mandaram dizer a Jesus: Senhor, eis que se acha enfermo aquele a quem amas. — 4. Ouvindo isso, disse Jesus: *Esta enfermidade não vai até à morte.* Ela é apenas *para glória de Deus,* para que *o filho de Deus seja por ela glorificado. — 5.* Ora, Jesus *amava a Marta, a Maria,* sua irmã, e a Lázaro. — 6. Tendo, entretanto, ouvido que este estava doente, *ficou ainda dois dias no lugar onde se achava. — 7.* Depois, passado esse tempo, disse a seus discípulos: Tornemos para a Judéia. — 8. Disseram-lhe os discípulos: Mestre, ainda agora queriam os Judeus apedrejar-te e voltas para lá? — 9. Respondeu Jesus: *Não são doze as horas do dia?* Aquele que anda de dia não tropeça, porque vê a luz deste mundo. — 10. Mas, o que anda de noite tropeça, porque lhe falta a luz. — 11. Falou-lhes assim e *em seguida* disse: *Nosso amigo Lázaro dorme; mas vou* DESPERTÁ-LO DO SONO. — 12. Observaram-lhe os discípulos: Senhor, *se ele dorme, será curado.* — 13. Jesus falara da morte; eles, porém, julgaram que falara do sono ordinário. — 14. Disse-lhes então Jesus abertamente: Lázaro está morto; — 15, *e eu folgo, por vossa causa, de não me haver achado lá, a fim de que creiais.* Mas vamos ter com ele. — 16. Disse então Tomé, chamado Dídimo, aos outros discípulos: Vamos também nós, para morrermos com ele. — *17.* Jesus, pois, foi e achou que havia já quatro dias que Lázaro estava no sepulcro. — 18. Betânia distava de Jerusalém cerca de quinze estádios; — 19, de modo que muitos Judeus tinham vindo ter com Marta e Maria para as consolarem da

morte de seu irmão. — 20. Marta, entretanto, assim ouviu dizer que Jesus vinha, saiu-lhe ao encontro, ficando Maria em casa. — 21. Disse então Marta a Jesus: Senhor, se houveras estado aqui, meu irmão não estaria morto. — 22. Mas sei que, mesmo agora, tudo o que pedires a Deus, Deus te concederá. — 23. Respondeu-lhe Jesus: Teu irmão ressuscitará. — 24. Disse-lhe Marta: Bem sei que ele ressuscitará na ressurreição que haverá no último dia. — 25. *Replicou-lhe* Jesus: "Eu sou *a ressurreição e a vida;* aquele que em mim crê, ainda que tenha morrido, viverá. — 26. E todo aquele que vive e crê em mim jamais morrerá. Crês isto?" — 27. Ela respondeu: Sim, Senhor, creio que tu és o Cristo, Filho de Deus vivo, que vieste a este mundo. — 28. E, tendo dito isso, foi-se e falou em voz baixa a Maria, sua irmã, dizendo-lhe: O Mestre está ai e te chama. — 29. Maria, tanto que isso ouviu, levantou-se logo e foi ter com ele. — 30. Porque, Jesus ainda não havia entrado na aldeia; permanecia no lugar onde Marta o tinha encontrado. — 31. Entretanto, os Judeus que estavam com Maria em sua casa e a consolavam, ao verem-na levantar-se tão apressada e sair, foram-lhe ao encalço, dizendo: Ela vai ao sepulcro para lá chorar. — 32. Maria, porém, quando chegou onde estava Jesus, assim que o viu, se lhe lançou aos pés, exclamando: Senhor, se estivesses aqui, não teria morrido meu irmão. — 33. Vendo Jesus que ela chorava e que os Judeus que com ela tinham vindo também choravam, fremiu em seu Espírito e se turbou. — 34. E perguntou: Onde o pusestes? Responderam-lhe: Senhor, vem e vê. — 35. E Jesus chorou. — 36. Disseram então os Judeus: Vejam como ele o amava. — 37. Alguns, porém, disseram: — Não podia ele, que abriu os olhos ao cego de nascença, fazer que este outro não morresse ? — 38. Jesus fremiu de novo dentro de si mesmo e veio ao sepulcro, que era uma gruta, em cima da qual tinha sido posta uma pedra. — 39. Disse-lhes ai Jesus: Tirai a pedra. Respondeu-lhe Marta, irmã do que morrera: Senhor, já cheira mal, pois que já há quatro dias que está aí. — 40. Respondeu-lhe Jesus: Não te disse eu que, se creres, verás a glória de Deus? — 41. Tiraram, pois, a pedra. Então, elevando os olhos para o alto, Jesus disse: "Pai, eu te rendo graças por me teres ouvido. — 42. Eu bem

sabia que sempre me ouves, mas falei assim por causa do povo que me cerca, para que creiam que tu me enviaste." — 43. Tendo dito isto, bradou com voz forte: Lázaro, sai para fora! — 44. No mesmo instante saiu o que estivera morto, trazendo os pés e as mãos ligados com ataduras e o rosto envolto num lenço. Disse Jesus: Desatai-o e deixai-o ir. — 45. Então, muitos dentre os Judeus que tinham vindo visitar Maria e Marta e que presenciaram o que fez Jesus, creram nele.

N. 36. Tendo acreditado na morte real do filho da viúva de Naim e na da filha de Jairo, na "ressurreição" de ambos, tomada essa palavra no sentido que lhe davam — o da reentrada do Espírito num *cadáver, o* da sua volta para se unir à podridão, os homens tinham que acreditar também na morte real e na "ressurreição" de Lázaro, ao verem-no sair da gruta que lhe servia de sepulcro e onde estivera depositado durante quatro dias.

Lázaro, porém, não estava morto, como não o estavam nem o filho da viúva de Naim, nem a filha de Jairo. Foi a mesma, nos três casos, a causa determinante daquele estado de morte aparente, que os homens consideraram de morte real. Lázaro estava "morto" *para todos, menos* para Jesus. *Para este* a enfermidade de Lázaro não ia *até à morte.* Ele *apenas dormia, como* a filha de Jairo. Jesus não tinha mais do que *despertá-lo.*

O da "ressurreição" de Lázaro, dadas as circunstâncias que o rodearam, estava destinado a ser, dentre os atos praticados por Jesus durante a sua missão terrena, um dos mais consideráveis *para os homens,* pela razão de que esse fato os faria reconhecer que ele era o Messias, o Cristo, o enviado de Deus, faria que sua missão fosse aceita e produzisse os frutos que devia produzir, não só naquela época, como também no futuro, para as gerações que se seguiriam à de então e ainda na época da revelação do Espírito da Verdade, por ele predita e prometida, da revelação atual.

Pelas suas palavras, Jesus tudo dispõe de maneira a atender às necessidades daquele momento e a preparar o futuro, estabelecendo ao mesmo tempo a base, os elementos e os meios apropriados à atual revelação. Tudo dispõe por forma a que as opiniões dos homens de então e as interpretações humanas que em seguida surgiriam seguissem livremente o seu curso até que, na época determinada pelo Senhor, a revelação atual viesse explicar, *segundo o espírito e em verdade,* aos homens, já nessa ocasião capazes de as compreenderem, as palavras por ele proferidas, bem como *a natureza* e o *caráter* do ato que praticou com relação a Lázaro, o estado *real* deste, e viesse também mostrar o lugar que ele Jesus ocupa, relativamente a Deus e ao planeta terreno, visto que esse ato, tido por *"milagroso",* foi um dos que serviram de fundamento para a divindade que se lhe atribuiu.

Marta e Maria *criam,* como todos, que Lázaro se achava *morto,* A prova é que cada uma delas disse, por sua vez, a Jesus: "Senhor, se houveras estado aqui, *meu irmão não teria morrido."* A prova é igualmente que os Judeus que lá se encontravam tinham ido para as consolar da morte de Lázaro e choravam com elas. A prova é ainda que entre si diziam: ¨Vejam como o amava¨, e — "não podia ele, que abriu os olhos ao cego de nascença, fazer que estoutro não morresse?"

A seu turno, o Evangelista, narrando o fato, mostra haver partilhado, como toda a gente, daquela maneira humana de apreciar o caso, daquela humana interpretação que lhe foi feita, tanto que, tal qual o fizera ao tratar do filho da viúva de Naim e da filha de Jairo, as reproduz, fazendo se refletissem na sua narração, quando diz: "Marta, irmã do que *morrera";* — "no mesmo instante saiu o que estivera *morto,* trazendo os pés e as mãos ligados com ataduras."

Os discípulos, que iam assistir ao ato, esses

também tinham que crer naquilo em que todos *acreditavam.* Segui, com atenção, a narração evangélica e vereis, de um lado, *a letra,* de outro, e *espírito.* Vereis o que é *dos homens,* resultado de suas opiniões, apreciações e interpretações, e o que *é de Jesus, o* que está nas suas palavras veladas *pela letra.* Vereis que, para os homens, Lázaro se acha morto, realmente morto e "ressuscita", no sentido que davam ao vocábulo "ressurreição", de acordo com seus preconceitos e tradições; ao passo que, *para Jesus,* Lázaro está morto *apenas na aparência,* simplesmente dorme, ele o vai *despertar e desperta.* Vereis que Jesus, declarando ser aquele um dos atos mais consideráveis da sua missão terrena, junta a esse ato, que ele veladamente pratica, ensinamentos também velados para os homens da época e que, para as gerações que haviam de suceder-se, velados se conservariam, até aos dias de hoje, pois que só hoje, quando já vos encontrais em condições de compreendê-la, pode ser dada a explicação, *segundo o espírito e em verdade.*

Ao ouvir dos enviados de Marta e Maria que Lázaro se acha enfermo, diz Jesus: *"Essa enfermidade* não *é mortal,* não vai *até à morte."* Logo, Lázaro não tem que morrer. Assim, muito embora os homens venham a crer e creiam efetivamente que Lázaro *morreu* daquela doença, *ele na realidade não terá morrido.* Sua morte será real *para os homens, no entender destes,* mas, *para Jesus,* será apenas aparente. Precisamente porque assim deve ser e assim vai ser; precisamente porque os homens vão acreditar, como acreditaram, que Lázaro está realmente *morto* e que ressuscita pela ação poderosa de Jesus e pela volta do Espírito a um cadáver enterrado desde quatro dias, é que o Mestre, depois de ter dito: "Essa enfermidade não *é mortal,* não vai até à *morte",* acrescenta: "Ela é *apenas para glória de Deus,* para que o *filho de Deus seja por ela glorificado."* Quer isto dizer:

Ela se manifesta unicamente a fim de que, mediante o ato que vou executar, seja posto em evidência, diante dos homens, o poder de Deus, cujo instrumento eu sou; a fim de que, para sua glória, nos corações dos homens se desenvolva a fé que nele devem depositar; a fim de que estes creiam que sou o Messias, isto é, o Cristo, enviado de Deus; a fim de que a missão que de Deus recebi seja reconhecida pelos homens e produza frutos; e a fim de que, assim, eu seja glorificado por esse ato.

Jesus, diz o Evangelho, amava a Marta, a Maria, sua irmã, e a Lázaro. Tendo ouvido dizer que este estava doente, ficou ainda *dois dias no lugar* onde se achava.

Para *os* que só vêem *a letra,* para os que tudo *humanizam* na missão de Jesus, isto deve parecer estranho. Pois quê! "Jesus amava a Marta, a Maria, sua irmã, e a Lázaro", sabe que este se acha *doente e,* podendo curá-lo, em vez de ir *imediatamente, a toda pressa,* para junto do enfermo, fica ainda dois dias no lugar onde se encontrava!

Jesus *amava e ama* a todos os homens, porquanto ele é, conforme o disse, *"o bom pastor".* Amava a Marta, a Maria, sua irmã, e a Lázaro, é exato; mas, amava-os principalmente a título de ensino e de exemplo, para mostrar aos homens que os que caminham pelas sendas do Senhor onipotente se aproximam dele e com ele estabelecem, assim como com o seu celeste enviado, essas relações que no seio da humanidade se consideram relações especiais, oriundas da amizade.

Lázaro, conforme sabeis, era um dos Espíritos devotados que haviam encarnado para trazer o seu concurso ao desempenho da missão terrena do Mestre, do mesmo modo que Marta e Maria eram Espíritos que tinham encarnado para o assistirem e auxiliarem. Jesus permaneceu ainda dois dias lá onde se achava, para que o fato que ele

ia produzir se verificasse nas condições previstas, todas de molde a mais impressionar os homens.

Depois de, por esse motivo e com esse fim, ter passado ainda dois dias no lugar onde lhe fora comunicada a enfermidade de Lázaro, Jesus diz a seus discípulos: "Voltemos para a Judéia."

Eles, que não percebiam as fases, as condições e o objetivo da missão de Jesus, como não compreendiam o motivo oculto que o induzira a demorar a sua partida, lhe disseram:

Mestre, ainda agora queriam os Judeus apedrejar-te e já falas em voltar para o meio deles!

Jesus, sempre velando o seu pensamento *com a letra,* responde:

Não são doze as horas do dia? Aquele que anda de dia não tropeça, porque vê a luz deste mundo. Mas, o que anda de noite tropeça, porque lhe falta a luz.

De conformidade com o seu pensamento, estas palavras *figuradas* tinham, *segundo o espírito, um* duplo sentido: exprimiam o que lhe dizia respeito pessoalmente e encerravam um ensinamento para os homens. Significavam, sob o primeiro aspecto:

"A minha missão não está determinada? Cada um dos atos que a ela se prendem não tem que ser praticado? Obrando, como importa que o faça, para que ela se cumpra, não me afasto do caminho, porque tenho a me esclarecer e guiar neste mundo a vontade de Deus, que é a minha luz. Se, porém, eu atendesse ao que dizeis, colocar-me-ia fora da minha missão e me afastaria do caminho, porque não mais teria a me guiar a vontade de Deus, que é a luz sem a qual nada posso fazer para executar a minha obra."

Como ensino dado aos homens, queriam dizer: "Para todo e qualquer Espírito encarnado, seja em prova, seja em expiação, seja em missão,

não tem a vida humana seus limites e não é preciso que o homem, durante ela, suporte as suas provas, ou desempenhe a sua missão? Aquele que, no correr da vida humana, pratica os atos que correspondem às provas que escolheu, ou à missão que lhe foi confiada, tem a assistência dos bons Espíritos que o Senhor lhe envia e é guiado, consciente ou inconscientemente, pela influência deles. Mas, o que se afasta da linha das suas provas ou da sua missão cai, porque caminha nas trevas que lhe obscurecem a consciência, por efeito das influências más que o transviam."

Depois de haver, "dessa maneira", falado a seus discípulos, diz Jesus: "Nosso amigo Lázaro dorme, mas vou *despertá-lo,* do sono."

Quando ele isso dizia, Lázaro, *para os homens,* estava morto e seu corpo já se achava depositado na gruta que lhe servia de sepulcro.

De acordo com esta idéia, com esta opinião dos homens, Jesus formulou *a resposta* que deu à pergunta dos discípulos, visto que estes iam partilhar daquela opinião, relativamente a Lázaro, como já o haviam feito com relação ao filho da viúva de Naim e à filha de Jairo.

Observaram-lhe os discípulos: "Senhor, se ele dorme, será curado." Jesus responde: "Lázaro está morto e eu folgo, por vossa causa, de não me haver achado lá, a fim de que creiais."

Veladamente, Jesus lhes exprimiu, dessa forma, o pensamento que, em seu nome, vos vimos tornar patente, despojando *da letra o espírito, e* que é o seguinte:

"Lázaro está morto, mas *para* vós, *como para os outros homens.* Está-o *para todos,* menos para mim. Para mim, *ele dorme, exatamente como* a filha de Jairo, que *acreditastes* achar-se morta. Dorme, eu o acabo de dizer. Vou despertá-lo e não ressuscitá-lo, no sentido que dais a esta palavra, porquanto ele não está realmente morto. Não está morto, pois que, conforme eu já disse,

essa enfermidade, por efeito da qual crêem os homens que ele morreu, não é *mortal,* não vai *até à morte."*

Tanto era esse o pensamento de Jesus que, logo depois de ter dito: *"Lázaro está morto",* acrescenta: *"e eu folgo, por vossa causa, de não me haver achado lá,* a fim de que *creiais." "Folgo* por vossa causa, de não me haver achado lá e foi para lá me não achar que demorei dois dias, visto ser necessário abalar os homens. Assim, quando chegarmos a Betânia, e ao túmulo, vós, como os outros homens, estareis todos crentes de que Lázaro morreu. Possuídos dessa crença, tomareis por uma ressurreição a volta da alma de Lázaro ao seu corpo, que todos consideram um *cadáver* sepultado há quatro dias, e acreditareis que sou o Messias, isto é, o Cristo, o enviado de Deus; acreditareis na minha missão terrena e, *portanto,* na que haveis de desempenhar."

Dando tal resposta a esta observação: *"Senhor,* se ele dorme, curar-se-á", teve Jesus por fim dizer e disse, claramente *(segundo o espírito), a* seus discípulos, aquilo em que eles iam crer, como toda a gente.

"Eu, João, o evangelista, quando disse: *Jesus falara da sua morte* (da de Lázaro); *eles, porém, julgaram que falara do sono ordinário,* exprimi, como cumpria que acontecesse, sob a influência espírita, sob a inspiração mediúnica, sem que destas, entretanto, tivesse consciência, o pensamento que os homens atribuíram a Jesus e a suas palavras, a interpretação humana que deram àquele pensamento e àquelas palavras.

Na condição de encarnados, os apóstolos, eu inclusive, os discípulos e as pessoas do povo, incapazes que éramos de encontrar a explicação da natureza e do caráter daquele ato, que ninguém podia compreender, senão como um *milagre e* que como *milagre foi* tido, todos acreditamos na morte real de Lázaro e numa ressurreição,

do mesmo modo que havíamos crido e críamos em morte real e em ressurreição, tanto no caso o filho da viúva de Naim, quanto no da filha de Jairo.

E essa crença humana, que Jesus não devia evitar se formasse, porque era então necessária, visto servir àquele momento sem prejudicar o futuro, porquanto o Mestre bem-amado tudo dispusera e salvaguardara, reclamavam-na o estado das inteligências, as aspirações e as necessidades de então e do porvir até aos vossos dias em que se abre a era da nova revelação. Tinha que concorrer para a obra, de modo considerável, contribuindo para que a missão de Jesus fosse aceita e desse frutos de acordo com as condições e as exigências do progresso da humanidade.

Sim, à observação dos discípulos: *Senhor, se ele dorme, será curado, Jesus* respondeu: *Lázaro está morto e eu folgo,* por vossa causa, *de me não haver achado lá,* a fim de que *creiais.* Mas essa resposta, como todas as palavras do Mestre, se destinava a ser interpretada ou *segundo a letra, ou segundo o espírito e em verdade,* conforme acabamos de fazê-lo.

Se Jesus houvesse manifestado aos discípulos todo o seu pensamento que, patenteando a harmonia das suas palavras, afastava toda a aparente contradição entre elas existente; se houvesse dito: *Lázaro está morto* para *os* homens, para mim não *o está, pois já vos* declarei que a sua enfermidade não é *mortal,* não vai *até à morte;* para mim, ele *dorme e vou despertá-lo, como* acabei de declarar; dizendo-vos — *Lázaro está morto* — apenas exprimo a opinião, a apreciação dos homens, *o que eles crêem, o que vós mesmos ides crer,* e folgo *por vossa causa,* a fim de que creais na minha missão e, conseguintemente, na vossa e a desempenheis — teria tido que explicar também, pois que os discípulos não deixariam

de lhe dirigir essa interpelação, porque e como, *para os homens, para eles,* Lázaro estava morto e não o estava *para ele Jesus."*

Ora, não era possível, nem convinha que isso se desse. Jesus não podia, nem devia revelar os segredos espíritas a homens que ainda não estavam aptos a conhecê-los e a fazer deles bom uso. Falou-lhes, portanto, a única linguagem que lhes era e seria dado compreender durante séculos e que, entregue às interpretações humanas, serviria àqueles tempos, sem prejuízo para o futuro, que ele, ao contrário, preparou, conduzindo-os, pelos esforços e lutas do pensamento e com o auxílio do progresso dos Espíritos e da ciência, até à época da nova revelação que, por efeito dos estudos e das observações realizados sobre o magnetismo humano e o sonambulismo e iniciando-vos na ciência espírita e nos segredos de além-túmulo vos tornou aptos a receber, pela revelação especial que vos trazemos em nome dele, nosso Mestre, a explicação, *em espírito e verdade,* das palavras que pronunciou e dos atos que obrou no curso da sua missão terrena.

Sim, Lázaro estava morto *para os homens.* Só não o estava *para Jesus,* porquanto ninguém mais, senão ele, ou os a quem ele o houvesse dado, dispunha do poder necessário a deter o Espírito de Lázaro, prestes a desferir o vôo para as regiões etéreas.

A Ciência já tem, como sabeis, comprovado muitas vezes os efeitos de um estado prolongado de catalepsia. Durante ele, o Espírito se afasta do corpo e, se o momento do seu regresso se retarda, o laço que o conserva preso ao cárcere de carne acaba por se quebrar e o corpo se torna materialmente morto, há morte real, o Espírito retoma a sua vida primitiva, a vida espírita.

Lázaro se achava em estado de catalepsia completa desde muitos dias. O laço fluídico do perispírito, que lhe prendia o Espírito ao corpo,

cada vez mais se dilatava e enfraquecia, em conseqüência de já o não fortalecer a vitalidade da matéria. Jesus aguarda esse limite extremo para mais fortemente impressionar os homens, facultando-lhes apreciar a ação poderosa da sua vontade.

Lázaro, *para eles, para todos,* estava morto, *menos* para Jesus, porque o laço que lhe prendia o Espírito ao corpo, se bem existisse ainda, já era tão fraco que só a ação do Mestre podia reconduzi-lo à prisão, restituindo-lhe a vida material.

Submisso e devotado, como o do filho da viúva de Naim e o da filha de Jairo, o Espírito de Lázaro estava pronto a voltar ao corpo, mas este, abandonado como fora, necessitava da ação poderosa da vontade do Mestre, da atuação do seu poder magnético, para instantaneamente recobrar, como recobrou, graças aos fluidos que o penetraram, a força e a vitalidade que se achavam quase extintas.

Os que se agarram à letra não hesitarão talvez em dizer que negar a morte real de Lázaro, como as do filho da viúva de Naim e da filha de Jairo, negar-lhe a "ressurreição", qual eles a entendem, no sentido que dão a esta palavra, mas que Jesus nunca lhe deu, é acusar de trapaçaria e de mentira o Mestre, é acusá-lo de haver enganado os apóstolos, os discípulos, a multidão e, com estes, os evangelistas e todos os que, acreditando-lhe na palavra, creram ter havido, naqueles três casos, morte real e "ressurreição", entendendo-se por isto a volta do Espírito *a um cadáver, a uma podridão.*

Não houve trapaça, nem mentira. Quem ousaria manchar o nome de Jesus com semelhantes vocábulos?

Houve erro da parte dos homens, erro devido à falta de compreensão, por eles, do pensamento do Mestre, oculto sob as suas palavras, devido à incompreensão da natureza e do caráter do ato

que praticou, do estado real de Lázaro, idêntico aos do filho da viúva de Naim e da filha de Jairo.

Acreditaram na morte real de Lázaro, em virtude da interpretação que deram *à resposta* de Jesus aos discípulos: *Lázaro está morto e folgo,* por vossa causa, *de não me haver achado lá,* a fim de que creiais", tomando essas palavras ao *pé da letra e* isolando-as das que *já* proferira e das que acabava de pronunciar *naquele mesmo instante.*

Não perceberam que, para serem devidamente entendidas, as palavras do Mestre têm que ser apreendidas em seu conjunto, por maneira a se conciliarem numa perfeita harmonia e não a se contradizerem.

Não perceberam que, dizendo: *"Esta enfermidade não é mortal,* não vai *até à morte; nosso amigo Lázaro* dorme, *mas vou despertá-lo",* Jesus, tendo em vista a inteligência *dos homens,* estabelecia uma limitação à resposta que deu aos discípulos, quando lhe fizeram esta observação: *"Senhor, se ele* dorme, *se curará."*

Foi como se dissera: "Lázaro, *para os homens,* está morto e morto vai ser considerado *por vós.* Para mim, porém, sua enfermidade não é mortal, não vai *até à morte.* Para mim, ele não tem que morrer, não morrerá desta enfermidade. Os homens o julgam morto, mas ele não o está. Apenas *dorme e* vou *despertá-lo e* não ressuscitar, no sentido que os homens emprestam e vós mesmos emprestais a essa palavra."

Não compreenderam que, com o dizer: *"Lázaro está morto",* Jesus quis exprimir e exprimiu o pensamento, a opinião, a apreciação dos homens e não o seu próprio pensamento, que já externara e acabava, *naquele momento,* de externar, *em sentido contrário.*

Não compreenderam o motivo e o fim daquela resposta aos discípulos e das palavras que serviriam para torná-la compreensível *em espírito e verdade,* tendo-se em consideração as necessidades da

época, o estado das inteligências, as aspirações, os preconceitos e as tradições dos tempos de então e tendo-se em consideração também os meios e condições apropriados ao progresso das gerações futuras. O motivo e o fim que ditaram a Jesus aquela resposta se encontram no fato de que lhe cumpria atender àquele momento e preparar o futuro, fazendo que sua missão terrena fosse aceita e frutificasse, e no de que lhe cumpria dispor tudo por forma que, chegados os tempos da revelação, que ele predisse e prometeu, do Espírito da Verdade, da revelação atual, o conjunto de suas palavras oferecesse a base, os elementos e os meios para a interpretação, *em espírito e verdade, da* natureza e do caráter do ato que praticou com Lázaro e do estado real deste.

Para crerem na morte real de Lázaro, os homens se apegaram à resposta de Jesus aos discípulos e, desprezando o conjunto de suas palavras, as puseram em contradição consigo mesmas. Essa a razão de ser falsa, mas de uma falsidade necessária, a interpretação humana de tais palavras, como falsa foi, de comprovada falsidade, a interpretação da resposta que o Mestre deu ao que lhe perguntaram os discípulos, quando lhes acabava de explicar o fim do mundo e os sinais da sua aproximação.

Perguntaram-lhe nessa ocasião os discípulos: Dize-nos: "quando sucederá isso e quais serão os sinais do teu advento e do fim do mundo?"

Jesus *respondeu:* "Em verdade vos digo que esta geração *não passará* sem que *todas essas* coisas *se tenham cumprido."* (Mateus, XXIV, vv. 3, 33 e 34.)

Não era oportuno nem conveniente que Jesus revelasse o sentido oculto de suas palavras na resposta que deu aos discípulos relativamente ao estado de Lázaro e a esta observação por eles formulada: "Senhor, *se ele dorme, curar-se-á",* como não o era que revelasse o das que proferiu acerca do "fim do mundo". Deixadas às interpre-

tações humanas, essas palavras estavam destinadas a ser entendidas, primeiro, *segundo a letra,* para depois o serem *segundo o espírito,* quando a revelação que ele predisse e prometeu as viesse explicar *em espírito e verdade.*

Os discípulos não tinham que saber mais do que aquilo que, como encarnados, podiam suportar e do que, do ponto de vista da missão que lhes cabia desempenhar, importava que conhecessem, compreendessem e ensinassem aos homens da época. Os evangelistas, como os apóstolos, possuíam a fé simples. Instrumentos dóceis do Senhor, não procuravam ir além do ponto a que eram levados, temendo transviar-se. Médiuns historiadores inspirados, *só disseram,* sob a influência espírita, sob a inspiração mediúnica, das quais não tinham consciência, o que deviam dizer, empregando, como o fazem os vossos médiuns, as palavras de que dispunham para relatar os fatos. Debaixo daquela influência e daquela inspiração, cada um reproduziu, dentro do quadro que lhe fora traçado, as manifestações espíritas, os fatos, as palavras proferidas por Jesus, as que os homens lhe atribuíam, os atos por ele praticados, o que diziam e faziam os homens, suas opiniões, apreciações e interpretações relativas à personalidade do Mestre, a suas palavras e a seus atos.

Para explicar, *segundo o espírito e em verdade,* que o sentido oculto das palavras: "Em verdade vos digo que esta geração não *passará* sem que *todas essas coisas se tenham cumprido",* era, como sabeis, este: "Desta geração de Espíritos agora encarnados, aos quais me dirijo, muitos haverá que viverão de novo sobre a Terra nos tempos preditos do fim do mundo", expressão esta que, como também o sabeis, tinha igualmente um sentido oculto que só a nova revelação tornaria compreensível *em espírito e verdade* — fora mister revelar aos homens os segredos espíritas, os segredos de além-túmulo. Mas, isso não era pos-

sível, porque eles não estavam aptos a receber essa revelação, visto serem incapazes de suportá-la e de fazerem dela bom uso. Fora mister pôr-lhes diante dos olhos a lei natural e imutável do renascimento, da reencarnação, em seus princípios e conseqüências, o que então teria sido prematuro, inoportuno, contrário às condições e aos meios próprios ao progresso da humanidade ainda durante longos séculos.

Do mesmo modo, conforme já o temos dito e repetimos, para explicar, *segundo o espírito e em verdade, o* sentido oculto destas palavras: *"Lázaro está morto e eu folgo, por vossa causa, de não me haver achado lá,* a fim de que *creiais",* em resposta a esta observação dos discípulos: "Senhor, *se ele dorme, curar-se-á",* resposta essa dada por Jesus em virtude do que antes dissera: *"Esta enfermidade* não é *mortal,* não vai *até à morte" e* do que acabava de dizer: *"Nosso amigo Lázaro* dorme *e eu vou* despertá-lo" — fora preciso que o Mestre lhes explicasse a natureza e o caráter do ato que ia praticar e o estado real de Lázaro. Mas, *para isto,* fora necessário que lhes revelasse uma série de mistérios, que eles não estavam aptos a compreender, que tinham de ignorar, mistérios que deviam permanecer tais, conforme também já o dissemos e repetimos, por longos séculos ainda, até que, em virtude dos progressos da ciência, dos estudos e observações sobre o magnetismo humano e o sonambulismo, precursores da ciência espírita, os Espíritos se houvessem tornado, no cadinho do tempo e da reencarnação, capazes de receber e suportar a luz e a revelação espíritas e de receber, graças a essa luz e a essa revelação, a revelação atual.

Aprendam os que se aferram *à letra a* conhecer os vastos horizontes do presente e do futuro que os olhares de Jesus descortinavam, horizontes que eram sempre abrangidos pelos pensamentos que lhe ditavam as palavras e os atos.

Compreendam que *a letra mata e* que é o es*pírito o* que vivifica.

Compreendam que Jesus, desempenhando a sua missão terrena, dava aos homens da época o que eles podiam suportar, velando-lhes *pela letra o* que não estavam aptos a apreender *segundo o es*pírito; que tudo dispunha, tendo em vista as condições em que deveria efetivar-se o progresso da humanidade naquela ocasião e no futuro, de modo que cada época, cada era tivesse o que com ela fosse compatível; que tudo dispunha, tendo em vista o tempo da revelação progressiva, que ele predisse e prometeu, do Espírito da Verdade.

Ao chegar a Betânia, Marta lhe saiu ao encontro. Cumpre vos expliquemos, *segundo o espírito e em verdade,* o sentido das palavras que o Mestre e Marta trocaram no colóquio que então tiveram.

"Senhor, diz ela, se houveras estado aqui, meu irmão não estaria morto."

Marta *crê* que seu irmão *está morto e* tem que *ficar* nessa crença, pelo mesmo motivo e com o mesmo fim que determinavam a necessidade de partilharem dela os discípulos e toda a gente.

Jesus lhe responde: "Teu irmão ressuscitará."

Estas palavras — *"ressuscitar" e "ressurrei*ção" — ele sempre as empregou figuradamente, num sentido oculto aos homens e em acepções diversas, conforme aos lugares, aos casos, às circunstâncias; conforme se tratava de uma morte aparente, ou de dar um ensino. Nunca, porém, as empregou, já o temos dito e repetimos, no sentido que os homens lhes atribuíam, de acordo com o estado de suas inteligências, com as suas impressões, tradições e preconceitos, no da volta do Espírito a um cadáver, a uma podridão, depois de ocorrida a morte real.

"Teu irmão ressuscitará, do mesmo modo que ressuscita, para volver à vida corporal e de relação (já ele o havia dito a seus discípulos), "todo

aquele que, como Lázaro, se acha atacado de uma enfermidade que não *é mortal,* que não vai *até à morte;* todo aquele que, estando apenas a dormir, pode despertar." Teu irmão "ressuscitará" *no entender dos homens,* que *o crêem* morto, de acordo com o sentido que emprestam ao termo "ressurreição". Também aos *teus olhos* ele "ressuscitará", porquanto, como os demais, *tu* igualmente o *acreditas* morto.

Ao espírito de Marta a resposta de Jesus se apresentou com um duplo sentido, podendo entender-se que ele se referia à *"ressurreição* atual de um morto", ou à "ressurreição futura", no último dia.

Daí vem que ela hesita e que, não ousando esperar a "ressurreição" atual de Lázaro, que, *a seus olhos,* está morto, diz: *"Bem sei que ele ressuscitará na ressurreição que haverá no último dia."*

O sentido que, em sua mente, Marta atribuía a estas palavras era idêntico ao que lhes davam as crenças populares dos Hebreus e ao que elas têm, de acordo com a idéia do juízo final, do ponto de vista católico, que se originou daquelas crenças populares. Segundo estas, só era admitida, como ressurreição dos mortos, a ressurreição completa: do corpo e da alma e, ao que geralmente se pensava, semelhante ressurreição não se poderia verificar "senão no fim dos tempos predeterminados para duração do planeta."

Era essa idéia que Jesus sem cessar combatia, lembrando aos Judeus que só a alma existe aos olhos de Deus; que a alma é que é a criatura inteligente e responsável, não passando o corpo de sepulcro onde ela se encerra temporariamente. Notai ainda que, muitas vezes, Jesus também fala alegoricamente da morte espiritual, aludindo às encarnações materiais, que eclipsam toda lembrança para o Espírito que as sofre.

Acabamos de dizer que as palavras de Marta, as quais implicavam a crença na imortalidade da alma, na sua sobrevivência ao corpo, se baseavam *nas idéias populares dos Hebreus.* Como sabeis, pois que o lembramos ao comentar os três primeiros Evangelhos, a crença na imortalidade da alma não era geral entre os Judeus. Apenas certo número deles a admitia, uns como hipótese, outros como matéria de fé, outros ainda por tolerância com as superstições populares. Tal crença se espalhara, sobretudo, a partir da época dos Macabeus, que a fizeram reviver e a sustentavam. Mas, não constituía ponto de fé.

Tendo dito Marta: "Sei que ele ressuscitará na ressurreição que haverá no último dia", Jesus lhe responde: "Eu sou a ressurreição e a vida; aquele que em mim crê, ainda que tenha morrido, viverá." E acrescentou: "E todo aquele que vive e crê em mim jamais morrerá. Crês isto?"

Duplo sentido apresentavam as palavras: um, segundo *a letra;* outro, *segundo o espírito.*

Tomando-as *ao pé da letra,* Marta compreendeu que Jesus aludia à ressurreição atual daquele que, *"morto",* seria restituído à vida e aludia também ao poder que, para ela, ele se atribuía a si mesmo, de operar uma tal ressurreição". Eis porque, respondendo a esta pergunta do Mestre: *"Crês isto?"* disse: *"Sim, Senhor, creio que tu és o Cristo, filho do Deus vivo, que vieste a este mundo."*

Aqui tendes, *segundo o espírito, em espírito e em verdade, o* sentido daquelas palavras figuradas, que só haviam de ser explicadas e compreendidas, nos dias de hoje, pela revelação atual: Jesus é "a ressurreição e a vida", porque somente pela prática da moral que ele pregou e da qual seus ensinos e exemplos o fazem a personificação, é que o Espírito chega a se libertar da morte espiritual, assim na erraticidade, como na condição de encarnado.

Aqui tendes agora o que deveis entender por morte espiritual para o Espírito *errante:* O Espí-

rito, quando se separa do corpo, volta à vida clarividente que tinha antes de a este se unir. Se, aos olhos de Deus, viveu na Terra como homem de bem, essa clarividência se amplia cada vez mais, suas faculdades se desenvolvem e pode dar-se, tais sejam seus méritos, que ele se veja dispensado de voltar ao vosso planeta, à Terra *do esquecimento.* Se, pelo contrário, cada vez mais se atolou no mal, sofrerá ainda, após a morte material, a morte espiritual, isto é, sentirá em trevas a inteligência, não lhe sendo permitido recobrar nem a memória do passado, nem a clarividência do futuro, enquanto não adquira melhores sentimentos.

Assim, na encarnação material, que tira ao Espírito que a sofre a faculdade da lembrança, há para ele morte espiritual e morte espiritual também há para ele se, ao separar-se do seu corpo de carne, imerge nas trevas da inteligência e fica impossibilitado de recobrar tanto a memória do passado, quanto a clarividência do futuro, até que nutra melhores sentimentos.

Aquele que crê em Jesus, isto é, que pratica a moral que ele pregou e da qual todo homem tem no coração o sentimento instintivo; aquele que crê em Jesus viverá, ainda que para os homens esteja morto. Não sofrerá a morte espiritual, pois que seu Espírito, após a do corpo material, volverá à vida clarividente que tinha antes de encarnar e essa clarividência cada vez se ampliará mais, com o se lhe desenvolverem as faculdades.

Todo aquele que vive e crê em Jesus, isto é, que pratica, sem dela se afastar durante a vida, a moral que ele pregou, não morrerá nunca, viverá eternamente. Quer dizer: não tornará a experimentar a morte espiritual, porquanto seu Espírito, uma vez que se separe definitivamente do corpo de carne, retomará a vida clarividente de antes da encarnação, recobrando a lembrança do passado e a visão do futuro. Não mergulhará nas trevas da inteligência e essa visão se dilatará cada vez mais, de-

senvolvendo-se-lhe as faculdades. Ele se achará assim dispensado de voltar ao planeta terreno, Terra *de esquecimento,* e liberto das encarnações materiais que obumbram a memória dos Espíritos que as sofrem.

Mas, repetimos ainda uma vez, por isso que nunca será demais insistir neste ponto capital, que Jesus, dizendo: *"Aquele que em mim crê" — "aquele que vive e crê em mim",* não tinha em mente ferir de "morte" os que se não houvessem grupado em torno da sua bandeira, tomando o título de "cristão".

Tal sentença fora uma monstruosidade na boca do Mestre, que era o tipo de todas as caridades. Aquelas palavras se subordinam sempre à lei *natural de* amor, de fraternidade, de respeito ao Senhor, lei que toda criatura traz escrita em seu coração e que se traduz *em atos correspondentes à inteligência do homem e ao meio em que nasceu.*

É "cristão", quaisquer que sejam as suas crenças, qualquer que seja o culto externo que pratique, todo aquele que ama os seus semelhantes, que procura fazer-lhes o maior bem possível, que envida esforços por progredir e auxiliar o progresso de seus irmãos.

Esse é "cristão" segundo o Cristo, é "ovelha do bom pastor".

O Cristianismo, propriamente dito, tal como em geral o ensinam, é um recinto acanhado, ah! muito acanhado, para que possa conter mais do que uma fração mínima da humanidade. Tão acanhado ele é, que bem se poderia dizer estar o universo inteiro condenado, se só fossem salvos os chamados "cristãos".

O Cristianismo *de Jesus* é o Belo e o Bem por toda parte onde exista, onde seja praticado com desinteresse e por amor da humanidade.

Maria, avisada por sua irmã, foi ter com o Mestre no mesmo lugar em que esta o encontrara. Os Judeus que, em casa dela, lhe faziam compa-

nhia a seguiram. E ela, ao aproximar-se de Jesus, disse: *"Se estivesses aqui, não teria morrido meu irmão."*

Maria e os Judeus que a acompanharam *acreditavam* que Lázaro *morrera e* por isso choravam. Diz o texto evangélico que, vendo as lágrimas que derramavam, Jesus *"fremiu em seu Espírito e se turbou";* que, em seguida, inquiriu: *"Onde o pusestes?";* que lhe responderam: *"Senhor, vem e vê";* que, então, ele chorou. Neste ponto a narração evangélica refletiu e reproduziu, como necessariamente havia de suceder, o que entre si disseram os Judeus. Jesus, modelo de doçura e de amor, dava aos homens uma prova da sua ternura e da simpatia que lhe inspiravam os sofrimentos humanos.

Não acrediteis que com a ruptura dos laços que vos prendem à carne se quebrem todos os da simpatia. Não vedes que os bons Espíritos que vos cercam se afligem com as vossas dores e rejubilam com as vossas alegrias, dentro dos limites do que é puro? Quão mais não se apiedará de vós aquele que, por assim dizer, vos choca com o seu amor, a fim de vos fazer divisar a luz brilhante da pureza?

Jesus deixou ver aos que o cercavam a parte que tomava na dor que os afligia, para dar aos homens uma prova palpável da sua ternura.

Ele bem sabia onde fora posto Lázaro. Mas, naquela circunstância, como sempre, era mister que, tendo em vista sua missão e as conseqüências que esta devia produzir, favorecesse a crença em a natureza humana que lhe atribuíam, do mesmo modo que preciso era deixasse que todos cressem na *morte* de Lázaro.

Foi ao sepulcro e quando disse, diante de todo o povo que o rodeava: *"Tirai a pedra",* Marta lhe observou: *"Senhor, já cheira mal, pois há quatro dias que está ai."*

Ela se achava certa de que Lázaro *morrera.* Não tendo ido à gruta que servia de sepulcro ao irmão, a opinião que manifestava nascia de uma

presunção natural em face do tempo decorrido desde o momento em que se dera a morte *aparente,* mas por ela considerada real, de Lázaro. Tanto assim que pudera dizer: "há quatro dias que está aí."

Atacado de uma enfermidade pútrida, Lázaro, antes mesmo que seu corpo fosse depositado na gruta, já exalava um odor de putrefação, que naturalmente se conservara, uma vez que o corpo permanecera no mesmo estado até ao momento em que Jesus exerceu sobre ele a sua ação.

Não cheirava mal, no sentido em que Marta o dizia, isto é, não tinha o odor pútrido que se desprende de um cadáver.

Não tendo havido morte real, não havia a decomposição que lhe é conseqüente. Como, porém, Lázaro, pela natureza da sua enfermidade, já cheirava mal, antes mesmo que para Marta e Maria houvesse morrido, antes mesmo que lhe depositassem o corpo na gruta, aquela sua irmã, imaginando qual fosse o estado deste, atenta a época em que ocorrera a morte, que para ela era real, deduziu naturalmente que já devia haver bastante pronunciado odor de cadáver. Daí o dizer: "Ele já cheira mal, pois há quatro dias está aí."

Jesus lhe respondeu: "Não te disse eu que, se creres, *verás a glória de Deus?"*

Como conseqüência das palavras que ouvira do Mestre, quando antes lhe havia ido ao encontro, palavras que ela tomou ao pé da letra, para Marta, isto que Jesus lhe acabava de dizer significava, *também segundo a letra:* "Não te disse eu que, se creres na minha missão e no poder que recebi de Deus, como seu enviado, verás "ressurgir", pela ação desse poder, teu irmão que está morto?"

"Segundo o espírito, porém, *e em verdade", o* pensamento de Jesus, velado pela letra daquelas palavras dirigidas a Marta e que importa não sejam separadas das que dirigiu a seus discípulos antes de partir para Betânia, era este: Conforme declarei a meus discípulos, *Lázaro* dorme, *mas vou*

despertá-lo. Sua enfermidade não é mortal, não *vai até à morte, Ela é apenas para glória de Deus,* para que *seu filho seja por ela glorificado. Ela é* apenas para que, *diante dos homens* e mediante o ato que vou praticar, seja posto em evidência o poder de Deus, de quem eu sou instrumento. *Ela é* apenas *para glória de Deus,* para que, desenvolvendo nos corações humanos a fé nele, os homens, que *crêem* estar Lázaro *morto e vão crer* que eu o ressuscitei, conforme entendem a ressurreição, também creiam que sou o Messias, isto é, o Cristo e reconheçam a minha missão e esta dê frutos. Verás, assim, *a glória de Deus,* isto é: verás o ato que vou praticar e verás que, por efeito desse ato, os homens que, como tu, crêem estar Lázaro morto, crê-lo-ão, como tu, ressuscitado e, como tu, terão fé em Deus e acreditarão, como tu o acreditas, que sou o Cristo, o filho do Deus vivo, que vim a este mundo."

Tirada que foi a pedra, Jesus sancionou o sentido, *segundo o espírito,* do que dissera a seus discípulos e proclamou ao mesmo tempo o motivo e o fim do ato que ia executar. Volvendo o olhar para o alto disse: "Meu pai, eu te rendo graças por me teres ouvido, por se ir realizar este ato da minha missão. Eu bem sabia que sempre me ouves, que a minha missão se há de cumprir, em todos os seus pontos, tal como tu ma deste; mas, falei assim *por causa do povo* que me cerca, para que todos *creiam que tu me enviaste."*

Disse depois, em tom enérgico: *"Lázaro*, *sai para fora."* No mesmo instante Lázaro saiu, trazendo os pés e as mãos ligados por ataduras e o rosto envolto num lenço. Ordenou então Jesus aos que o cercavam: "Desatai-o e deixai-o ir."

A morte de Lázaro, considerada real *pelos homens,* como a do filho da viúva de Naim e a da filha de Jairo, fora apenas aparente.

Certamente, sem a intervenção de Jesus, ela se houvera tornado completa, em conseqüência do

esgotamento da força vital no corpo, por efeito da enfermidade. Porém, até ao momento em que Jesus interveio, o Espírito não abandonara totalmente o invólucro material; achava-se ligado a este por um fio tenuíssimo, que se poderia comparar a uma tira finíssima de borracha esticada até ao ponto de estar quase a rebentar. Jesus chamou o Espírito e este voltou para a sua prisão, cheio de alegria, porque dessa forma servia à grande obra que o Cristo empreendera. Ao mesmo tempo que chamava o prisioneiro, o Mestre reparou o cárcere onde aquele ia meter-se de novo. Houve, portanto, ação magnética sobre o corpo, para lhe restabelecer a saúde e, debaixo da influência magnética, ação espiritual sobre o Espírito de Lázaro para, pelo encurtamento do cordão fluídico, reconduzi-lo ao envoltório de carne.

Explicando os fatos ocorridos com o filho da viúva de Naim e com a filha de Jairo, dissemos e aqui repetimos: Deus jamais força o Espírito a se unir à podridão. Sua vontade imutável jamais derroga as leis naturais que a sua sabedoria estabeleceu desde toda a eternidade. O Espírito que, em conseqüência de morte real, abandonou inteiramente o corpo, que se tornou assim um *cadáver,* por se haver dele separado o Espírito com o seu perispírito, não mais pode volver à vida corporal, senão por meio da reencarnação.

CAPÍTULO XI
Vv. 46-57

Informados do que acabava de passar-se com relação a Lázaro, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus se reúnem em conselho, com o fim de descobrirem maneira de dar morte a Jesus. — Palavras de Califás

V. 46. Alguns deles, porém, foram ter com os fariseus e lhes referiram o que fizera Jesus. — 47. Então os pontífices e os fariseus se reuniram em conselho e diziam: Que faremos nós, visto que este homem opera muitos milagres? — 48. Se o deixamos continuar, todos crerão nele e virão os Romanos e nos tirarão o nosso lugar e a nossa nação. — 49. Mas, um deles, chamado Caifás, que era pontífice naquele ano, lhes disse: Nada sabeis — 50, nem considerais que mais vos convém morra um só homem pelo povo do que perecer toda a nação. — 51. Ora, ele não disse isto de si mesmo; como era pontífice naquele ano, profetizou que Jesus havia de morrer pela nação dos Judeus; — 52, e não só por essa nação, mas também para reunir e unificar os filhos de Deus que estavam dispersos. — 53. E desde aquele dia não pensaram senão em encontrar meio de lhe darem a morte. — 54. De sorte que Jesus não mais se apresentava em público entre os Judeus e se retirou para uma terra vizinha do deserto, para uma cidade chamada Efrém e aí ficou com seus discípulos. — 55. Estando, porém, próxima a Páscoa dos Judeus, muitos daquela região subiram a Jerusalém antes da Páscoa, para se purificarem. — 56. E procuravam a Jesus, dizendo uns aos outros no templo: Que pensais de não ter ele vindo neste dia de festa? — 57. Mas, os pontífices e os fariseus haviam dado ordem que, se alguns soubessem onde ele estava, o denunciassem para que fosse preso.

N. 37. Estes versículos são perfeitamente compreensíveis.

Só temos que vos chamar a atenção para os temores manifestados pelos sumos sacerdotes e pelos fariseus, para as palavras de Caifás e ainda para as reflexões, para o comentário que o evangelista expende a propósito dessas palavras.

Ao ver dos Judeus, se Jesus continuasse a sua obra, acabaria reunindo sob o seu estandarte todo o povo de Israel e libertando-o da dominação romana. Essa a opinião corrente. Ora, entendendo, como os Judeus de mais elevada categoria, que a nação seria incapaz de levar a efeito a sua libertação, Caifás propôs que se sacrificasse aquele pretenso libertador, para salvar o resto do povo, que corria o risco de ser esmagado pelas legiões romanas.

Assim foi que, tendo em vista os interesses materiais e de ocasião da nação judia*, ele profetizou,* sobre a missão de Jesus e sobre as conseqüências que ela havia de produzir, dizendo: *"Não considerais que mais vos* convém *morra um só homem pelo* povo, do que *perecer toda a nação."*

Ora, observa João, ele não dizia isto de si *mes*mo. Caifás, com efeito, não pronunciou essas palavras de si mesmo; fê-lo por inspiração, sem que desta tivesse consciência. Estava na situação de muitas pessoas que julgam falar sempre por impulso próprio, mas que de fato *receberam a* inspiração e a esta *ficam sujeitas. Para Caifás,* Jesus devia morrer, a fim de que a nação se salvasse, a fim de que sua morte, *do ponto de vista* em que ele, Caifás, se colocara, obstasse a que o povo corresse para a sua própria perda, *revoltando-se contra a dominação romana.*

Segundo o espírito que presidira à inspiração, aquelas palavras de Caifás tinham um sentido profético e um alcance que João, debaixo da influência espírita e da inspiração mediúnica, mas sem ter delas consciência, põe em relevo, fazendo ressaltar que se aplicam à missão do Cristo relativa ao gênero humano.

CAPÍTULO XII
Vv. 1-11

Maria perfuma os pés de Jesus. — Murmuração de Judas. — Os Judeus deliberam dar morte a Lázaro

V. 1. Seis dias antes da Páscoa, veio Jesus a Betânia, onde morrera Lázaro, a quem ele ressuscitara. — 2. Deram-lhe aí uma ceia; Marta servia e Lázaro era um dos que estavam à mesa com ele. — 3. Então, Maria, tomando de uma libra de perfume de nardo puro, muito precioso, ungiu os pés de Jesus e lhos enxugou com seus cabelos; e a casa se encheu do cheiro do perfume. — 4. Então, um dos discípulos, Judas Iscariotes, o que o havia de entregar, observou: — 5. Porque não se vendeu este perfume por trezentos denários e se não deu esta soma aos pobres? — 6. Isto disse ele, não porque se preocupasse com os pobres, mas porque era ladrão e, sendo o portador da bolsa, era quem trazia o que nela se deitava. — 7. Jesus lhe respondeu: Deixai-a, que ela guardou isto para o dia da minha sepultura. — 8. Pobres sempre os tereis convosco, enquanto que a mim não me tereis sempre. — 9. Grande multidão de Judeus logo soube que ele ali estava e lá foram, não só por sua causa, senão também para verem a Lázaro, que ele ressuscitara dentre os mortos. — 10. Por isso, os príncipes dos sacerdotes assentaram matar igualmente a Lázaro. — 11. Pois muitos Judeus, por causa deste, se afastavam deles e criam em Jesus.

N. *38.* Já vos demos, em o n. *283,* págs. *384-387,* do 3º tomo, as explicações necessárias sobre o ato de Maria, o perfume, *o* embalsamamento, as palavras de Judas e as de Jesus (vv. 1-9). Reportai-vos a essas explicações.

Quanto ao que se vos diz de Lázaro, que, *no entender dos homens,* "morrera" e "ressuscitara", e à ceia em que, *também ao ver dos homens,* Jesus

tomara parte, já recebestes igualmente todas as explicações.

Perguntareis o que foi feito de Lázaro, dada a intenção que os príncipes dos sacerdotes haviam manifestado de fazê-lo morrer. Como a maioria dos que acompanhavam a Jesus, ele se conservou afastado, enquanto teve que recear da cólera imediata dos inimigos encarniçados do Mestre.

Há quem tenha dito que, por ocasião do sacrifício do Gólgota, todos os doentes que Jesus curara em tão grande número e todos os que lhe seguiam desapareceram.

Nada há nisso que vos deva causar espanto. Sendo de ínfima condição na sua maioria, que teriam podido fazer em favor de Jesus? Se houvessem feito uma demonstração qualquer, teriam aumentado o ódio de que ele era objeto. Seguiram, pois, as peripécias daquele drama sublime, mas sem procurarem opor-se ao seu desdobramento, sem provocarem complicações desastrosas.

Esse não era o papel que lhes cabia desempenhar. Uma vez, porém, consumado o sacrifício, quando a doutrina do Mestre começou a formar escola, ei-los que vieram grupar-se em torno dos discípulos e constituir o núcleo dos *primeiros cristãos.*

Quanto à história deles, que necessidade havia de que fosse transmitida à posteridade? Ela se confundiu e perdeu com a de todos os primeiros apóstolos da fé, que viviam para e por Deus.

CAPÍTULO XII
Vv. 12-19

Entrada de Jesus em Jerusalém

V. 12. No dia seguinte, grande multidão de povo, que viera à festa, tendo ouvido dizer que Jesus ia a Jerusalém, — 13, tomou ramos de palmas e saiu ao seu encontro, clamando: Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor, como rei de Israel! — 14. Jesus, tendo achado um jumentinho, montou nele, conforme está escrito: — 15. "Não temas, filha de Sião, eis que aí vem o teu rei montado num filho de jumenta.".—16. Os discípulos a princípio não deram atenção a isso; mas, quando Jesus entrou na sua glória, então se lembraram de que essas coisas estavam escritas a seu respeito e que o que com ele tinham feito era o cumprimento delas. — 17. E o grande número dos que se achavam com ele quando chamou a Lázaro do sepulcro e o ressuscitou dos mortos dava testemunho dele. — 18. Foi isso também o que fez que o povo lhe viesse ao encontro: é que ouviram dizer que ele operara esse milagre. — 19. Disseram então os fariseus entre si: Vedes que nada aproveitamos. Eis que todo o mundo o segue.

N. *39. A* narrativa de João é um resumo dos fatos que seus irmãos em Deus, os três outros evangelistas, haviam relatado com minúcias, relativamente à entrada de Jesus em Jerusalém. Reportai-vos ao que a esse respeito já vos dissemos (3° tomo, págs. 235-241).

Uma única observação nos cabe aqui fazer, a propósito destas palavras do v. 16: *"Mas, quando Jesus entrou na sua glória." As vossas* traduções teriam dito melhor: *"Voltou à sua glória."*

Estas palavras significam: "Quando Jesus volveu à natureza espiritual que lhe era própria."

CAPÍTULO XII
Vv. 20-26

Alguns Gentios querem ver a Jesus. — Palavras suas nessa ocasião

Separai estes versículos, obedecendo à ordem dos pensamentos, a fim de vos darmos sobre eles explicações distintas e especiais.

V. 20. Ora, entre os que tinham vindo para adorar no dia da festa se achavam alguns Gentios, — 21, os quais se dirigiram a Filipe, que era de Betsaida, na Galiléia, e lhe fizeram este pedido: Senhor, quiséramos ver a Jesus. — 22. Filipe foi dizê-lo a André e os dois o disseram a Jesus.

N. 40. Os Gentios, de quem aqui se fala como tendo vindo para adorar no dia da festa, eram estrangeiros recém-convertidos ao Judaísmo. Chamavam-lhes Gentios por serem ainda tidos como infiéis, idólatras. Mesmo passados séculos, os convertidos eram considerados abaixo dos legítimos filhos de Israel, que não percebiam haver mais mérito em fazer a escolha do bem, do que em adotá-lo inconscientemente.

Atendamos previamente a uma objeção que se pode formular, alegando que o Espírito, antes de encarnar, escolhe o meio onde deva viver, as crenças e os cultos a que deva submeter-se, sempre tendo em vista fazê-los progredir, progredindo ele próprio.

Assim é, com efeito. Mas, aquele que, por provação, procurou encarnar num meio mau, diverso do em que deveria viver, submetido a uma ordem de crenças e cultos diferentes dos de que devia partilhar, tem o mérito da iniciativa, desde que logre emancipar-se de tal meio, dessas crenças e cultos, quando a carne lhe obscurece a visão espiritual, ao

passo que aquele que se colocou em um meio adiantado e que voluntariamente permanece no *statu-quo,* esse não cumpre seus deveres e falta às suas obrigações.

Buscai sempre o que possa desenvolver e engrandecer a vossa inteligência. Entrai com ousadia em todas as sendas que diante de vós se abram, mas entrai como viajor prudente, sondando o terreno ao vosso derredor, orientando-vos de modo a não perderdes jamais de vista a estrela polar — Deus, meta que deveis atingir.

O progresso é proporcionado sempre ao grau da inteligência. Deus não exige que o Caledônio tenha seus Vicente de Paulo, mas exige dele que não exagere os sentimentos brutais que o animam, que não seja feroz pelo prazer de o ser. Tudo é proporcionado, repetimos. As obrigações da humanidade estão sempre em relação com as faculdades humanas.

O selvagem que poupa a vida a um inimigo faz tanto quanto o homem civilizado que sacrifica vida e fortuna para salvar um irmão. Relativamente à sua condição, o sacrifício do primeiro é tão grande, senão maior que o do segundo, e o progresso guarda proporção com o sacrifício.

V. 23. Jesus lhes respondeu: chegada a hora em que o filho do homem será glorificado. — 24. Em verdade, em verdade vos digo que, se o grão de trigo, que cai na terra, não morre, fica só; mas, se morre, produz muito fruto.

Jesus, com isso, aludia ao sacrifício do Gólgota, cujo momento vinha próximo e aos frutos que daria, por efeito da sua missão terrena, congregando todos os homens, então e de futuro, e principalmente nos tempos da era nova que agora se inicia, Judeus e Gentios, sob a bandeira que tem por exergo — *Amor e Caridade* — mediante a prática da moral pura que ele pregou e que, pelos seus ensinamentos e exemplos, personificou.

Aludia à necessidade da sua morte aparente, mas que *os homens considerariam real,* como meio e condição de progresso da humanidade terrena, que tinha de ser, pelo reinado *da letra*, preparada e conduzida à nova revelação, que é a aurora do advento *do espírito.*

Nada existe, no Universo, sem uma causa primária. A semente produz o fruto, mas, para isso, tem que sofrer as transformações necessárias.

Igualmente, o sacrifício de Jesus não podia dar frutos senão depois que se houvesse consumado.

Então e até aos tempos da revelação atual, que teria sido o exemplo da sua vida, para o homem, se o sacrifício o não completasse?

Que força teriam tido suas palavras, suas exortações à renúncia, ao amor, ao devotamento, se ele não houvesse dado o exemplo dessas virtudes que viera impor aos homens?

Se não houvera sofrido, todos teriam dito: "Que lhe custava fazer o bem, ser puro e virtuoso? Não era, por natureza, um privilegiado? Não era, por sua essência, superior a todos os demais ?"

A revelação da sua origem não poderá servir de *pretexto* para que se lhe neguem o sacrifício e os méritos, embora alguns ousem dizer: "Ele não pode ter sofrido como os homens, pois que não era da mesma natureza destes. Sua passagem pela Terra, suas privações, suas dores, sua morte não são mais do que uma fantasmagoria insultuosa para a humanidade, que ele convida a lhe seguir as pegadas, quando sabe que a matéria humana está condenada à sensibilidade exterior, o que não se dava com a sua, e que o homem está adstrito a uma vida que doloroso lhe é deixar, tanto mais quanto, além do sofrimento, há, ainda, a incerteza da sorte futura, incerteza que, para ele, não existia, sofrimento que não era possível experimentar."

Jesus não pode ter sofrido! Que sabeis a esse respeito, ó homens, que não compreendeis nem admitis senão o que afeta *a* vossa *matéria,* que tendes por insignificantes os sofrimentos morais, não obstante alguns de vós os terem rudemente suportado, e que não percebeis até que ponto excedem aos sofrimentos físicos!

O vós, que recusais valor ao sacrifício de Jesus, por não se achar ele revestido de um corpo de carne, perecível como os vossos, abri os vossos próprios corações e perscrutai, com sinceridade, o fundo de vossas almas. Que preferiríeis: suportar a tortura do corpo, ou suportar o desespero de testemunhar a ingratidão, a negrura d'alma, o crime, naqueles a quem mais amor tendes do que a vós mesmos?

Vós todos, que não vos encontrais dominados pelo egoísmo, pais, mães, filhos, criaturas humanitárias que considerais todos os homens como vossos irmãos bem-amados, quais não são os vossos sofrimentos quando vedes aqueles a quem fizestes objeto do vosso mais terno amor vos repelirem com desprezo e vos atirarem pedras?

Jesus não pode ter sofrido como os outros homens, porque não era da natureza destes!

Não, a sua natureza não era idêntica à dos outros homens e por isso ele não sofreu da maneira por que sofrem os habitantes materiais do vosso planeta inferior. Entretanto, por serem de outra ordem, seus sofrimentos não terão sido superiores aos da humanidade terrena?

Seu corpo fluídico, de natureza perispirítica, tangível e visível *para os homens, não* era suscetível de experimentar a dor *material,* porque, efetivamente, as sensações que recebia nenhuma relação tinham com a impressão dolorosa que causam a amputação de um membro, a contusão numa parte qualquer do corpo humano. Era, porém, suscetível de receber impressões exteriores que repercutiam no moral com violência, para vós, inaudita. Eis

por que vos dizemos que Jesus, vítima voluntária do amor que consagra aos seus protegidos — os homens da Terra, se bem não sofresse do ponto de vista carnal, sofreu violentamente.

Para o avaliardes, esforçai-vos por perceber as sensações que certas naturezas de escol experimentam quando as punge uma dor moral, a profundeza do golpe que recebem quando lhes chega uma notícia má, as torturas por que as fazem passar a ingratidão, a maldade, quando elas vêem os que são objeto da sua mais terna afeição alvo da perseguição ou da calúnia.

Não prefeririam essas almas sensíveis uma dor material ao contínuo sofrimento moral que as despedaça? E, levado a certo ponto, esse sofrimento moral que atinge as proporções materiais do sofrimento do corpo, não as ultrapassa até? Não lhe altera os órgãos, ao ponto de causar a sua decomposição? Não vedes muitas vezes a intranqüilidade, a aflição, a consumição lhes acarretarem a morte, *no sentido* de que produzem nos seus organismos estragos a que elas não podem resistir? E ainda vos recusareis a reconhecer que certos sofrimentos morais são verdadeiramente intoleráveis?

Quais não seriam os sentimentos de Jesus para convosco? Quais não terão sido a sua mágoa, a sua tristeza, vendo-vos tão ingratos, tão covardes, tão culpados? Ele sofria e ainda sofre. O sacrifício a que se votou dura ainda e durará até que haja reunido todas as suas ovelhas sob as dobras do seu manto protetor.

Não digais: "Para que serve um sacrifício imaginário?" Seu sacrifício foi real e tanto mais real, quanto só o espírito é capaz de sentir sofrimento.

Os sofrimentos morais de Jesus estão em relação com a carência de esforços da vossa parte, para corresponder aos seus.

A sua solicitude por todos vós não data do momento em que ele surgiu entre os Judeus, mas do instante em que o globo terráqueo, desagregando-se

do turbilhão ardente onde se achava integrado, se constituiu morada para essências espirituais destinadas a percorrer as fases do seu desenvolvimento, solidário e em correlação com o da matéria. Trabalhando sem descanso desde ali, pelo progresso dos princípios espirituais, então em sua origem, ele os fez progredir até ao ponto de se individualizarem, tendo conduzido ao mesmo tempo o planeta à condição de uma terra primitiva, apropriada ao aparecimento do homem e preparada para a encarnação humana de Espíritos *falidos, cujo* grau de culpabilidade lhes impunha essa provação rude, mas necessária. Desde então, tem sempre, sem cessar, impulsionado, sobre toda a superfície do planeta terreno, o progresso em todos os reinos da natureza. Desde então, mediante a encarnação, entre os homens, de Espíritos sempre superiores às massas humanas e incumbidos de dar-lhes o impulso, tem ele feito, a todos os que lhe estão confiados, apelos instantes, e que cada vez mais se repetirão, ao arrependimento e ao progresso. Sua solicitude foi sempre máxima, e sempre a mesma e tal se conservará, enquanto não houverdes atingido as regiões superiores a que deveis aspirar.

Como se pode dizer: "A matéria humana está adstrita a uma vida que lhe é tanto mais doloroso deixar quanto, além do sofrimento, ainda há, para ela, a incerteza da sorte futura, incerteza que para Jesus não existia, sofrimento que lhe não era possível experimentar?"

Pretendeis, então, ó homens, rebaixar Jesus ao vosso nível, ao nível da vossa inferioridade moral, que ainda vos não permitiu compreender que o corpo não é, para o Espírito, mais do que uma veste temporária, o instrumento de suas provas, de suas expiações, de seu progresso? que a morte, para o Espírito, é apenas uma libertação, porquanto lhe restitui a liberdade, tal como é restituída ao prisioneiro para quem se abrem as portas do cárcere

onde fora metido? que a morte é ao mesmo tempo o começo, a fonte, o meio de um novo progresso?

Não; para Jesus, puro Espírito, sempre Espírito sob o invólucro fluídico, de natureza perispirítica, que tomara e que fizera tangível para ser percebido dos homens, nenhuma incerteza havia quanto à sorte futura. Ele tinha a consciência exata da sua origem, a certeza do futuro. Nenhum desfalecimento sentiu no momento do sacrifício do Gólgota. Conhecia de antemão os resultados que conseguiria e seus caridosos esforços visavam mais as gerações futuras do que as da época. Não sofreu os terrores e as aflições que assaltam o homem, sobretudo o homem material, quando vê aproximar-se a morte, para tirar-lhe a vida da matéria, que lhe fora grato a todo transe conservar. Disse ele que ninguém lhe tirava a vida no Calvário; *que de si mesmo a* deixava, que tinha o poder *de a deixar e de a retomar,* em cumprimento da missão terrestre que Deus lhe confiara, porquanto descera ao meio dos homens para lhes ensinar a viver e a morrer com o objetivo do progresso do Espírito. Deste ponto de vista foi que ele tudo obrou.

A passagem de Jesus pela Terra teria sido uma fantasmagoria insultante para a humanidade!

Reflitam os que se vejam tentados a usar de semelhante linguagem e elevem-se pelo pensamento acima do nível inferior em que ainda se encontram suas inteligências, enfaixadas pela matéria que, obscurecendo-as, as transvia, e compreenderão os vastos desígnios da Providência com relação à humanidade e ao planeta terrenos. Compreenderão a sabedoria infinita do Senhor, presidindo ao progresso dos homens, dando a cada época, a cada era o que lhe é possível comportar, conduzindo as gerações humanas, em sua marcha ascensional, conforme o exijam as necessidades e faculdades de cada época, de cada era, de acordo com o uso que do livre-arbítrio façam os homens, de acordo com suas oscilações, seus desfalecimentos e suas resistências mesmas.

Compreenderão que as revelações, sendo sucessivas e sempre progressivas, são apropriadas, assim como as missões e os acontecimentos culminantes nelas, às necessidades dos tempos, ao estado das inteligências, às aspirações da época; que cada uma dessas revelações produz seus frutos, por meio da encarnação de Espíritos, superiores relativamente às massas humanas e encarregados de as impelir; que as coisas se passam de tal modo que cada revelação prepara a que se lhe há de seguir e é explicada pela que se lhe segue.

Compreenderão que cada uma das que se têm verificado, entregue às interpretações humanas sob *o império da letra,* tinha que preparar e preparou o advento da que Jesus predisse e prometeu, *a do Espírito da Verdade, a* atual, que vem explicar *segundo o espírito, em espírito e verdade, as* que a precederam. Assim, a era nova que diante de vós se abre vai ter seus primeiros anos messiânicos pela encarnação de Espíritos em missão, superiores às massas humanas, incumbidos de as impulsionar, preparando os caminhos para o segundo advento de Jesus, por ele predito e prometido, de Jesus que é, por si só, o Espírito da Verdade, visto trazer consigo o complemento e a sanção da verdade.

Ó homens, consultai a História da vossa humanidade e observai o meio em que surgiu cada uma das revelações que lhe hão sido dadas. Observai a marcha que seguiu a revelação feita por intermédio de Moisés e dos profetas de Israel, seu desenvolvimento e suas fases. Atentai no advento do Messias, do Cristo, vede como ele foi previsto e preparado por Moisés e pelos profetas; atentai na maneira e nas condições em que se verificou o aparecimento do mesmo Messias; notai que apareceu sob duplo aspecto: com uma natureza e uma origem humanas e com uma natureza e uma origem *"milagrosas",* extra-humanas, tendo produzido essa duplicidade de aspectos *o véu da letra* com que aquele aparecimento foi anunciado. Observai a marcha

dos acontecimentos e as interpretações humanas a que eles, as profecias e a revelação moisaica deram lugar, até à aparição de Jesus na Terra. Apreciai a revelação que o anjo fez a Maria e a José e que, ligando-se à que a precedeu, antecede e anuncia aquela aparição. Notai que essa revelação se conservou *secreta* durante a missão terrena de Jesus e até que chegasse o momento oportuno de ser divulgada, de espalhar-se no seio das massas populares, a fim de produzir os devidos frutos, desenvolvendo-se e percorrendo as suas diferentes fases, até ao presente, sujeita aos esforços e lutas do pensamento e das interpretações humanas. Observai o meio em que Jesus apareceu para cumprir a sua missão terrena, apreciai-lhe as palavras, os atos, a marcha dos acontecimentos e das interpretações humanas a que estes e aquelas palavras e atos deram origem, mesmo enquanto durou a sua missão e depois até aos dias de hoje. Atentai no advento, predito e preparado, do *"Espírito da Verdade".* Atentai em tudo isso e compreendereis que o que sucedeu tinha que suceder, como condição e meio indispensáveis ao progresso da humanidade e compreendereis que soou a hora da revelação atual.

Jesus não podia desempenhar, como Espírito, a sua missão entre Espíritos desencarnados do vosso planeta, para, em seguida, fazê-los baixar a este, purificados e em plena via de progresso. O Espírito que faliu, não o esqueçais, tem que seguir o seu caminho ligado ao corpo terrestre. É uma das condições do seu progresso. Conseguintemente, os meios que se lhe proporcionam para realizar esse progresso são de natureza a só poderem ser por ele utilizados na condição de encarnado. O Espírito, é certo, progride fora do corpo material, em estado de liberdade; *mas, esse progresso é apenas o resultado do impulso que ele imprimiu a si mesmo para progredir durante a encarnação.* É essa uma lei a que não pode esquivar-se, desde o momento em que se condenou a encarnar até o em que deixar de

sentir o peso dessa sentença, que é obra sua, pois não passa de uma conseqüência de seus atos.

Eis porque Jesus tanta oposição encontrou. É que o Espírito, tendo o seu livre-arbítrio, *livremente* recebe, conforme o grau do seu desenvolvimento moral, as boas ou as más influências. Eis porque a missão de Jesus teve que ser cumprida na Terra. Eis porque, repetimos, ele encontrou tanta oposição. Esta oposição estava prevista, era conhecida previamente, mas nem por isso o foi menos. Eis ainda porque a sua missão não se acha concluída e só terminará com a consumação dos séculos.

Aos homens materiais daquela época era necessário, primeiramente, o aspecto humano da revelação e dos sofrimentos materiais, *únicos* que eles podiam compreender, *únicos* que *para eles* tinham valor. Depois então o aspecto "milagroso" da revelação velada *pela letra* e destinada, por efeito das interpretações dadas às palavras e aos atos do Mestre antes do sacrifício do Gólgota, dadas a este sacrifício e às palavras e atos por ele ditas e praticados desde que reapareceu no mundo até que, pela chamada *Ascensão,* voltou às regiões etéreas, a levá-los a ver no enviado celeste um Deus, um homem-Deus, sujeito como eles à morte e que experimentara a morte *material,* os sofrimentos *materiais.*

Assim compreendidos, o sacrifício do Gólgota, a missão terrena de Jesus tinham que servir para aquela época e que preparar o futuro, preparar o *progresso material e, desse modo,* preparar as inteligências para compreenderem os sofrimentos morais, para receberem a nova revelação, que vem, dissipando as trevas da letra com a luz *do espírito,* explicar, *em espírito e verdade,* o modo por que se verificou e as condições a que obedeceu a aparição de Jesus na Terra, sua origem e sua natureza espirituais, sua posição espírita com relação a Deus e ao planeta terrestre, sua missão terrena, suas palavras e atos, a grandeza e o objetivo dessa missão; revelação que vem mostrar a categoria que ele ocupa

como protetor e governador da Terra, a cuja formação presidiu, encarregado do seu desenvolvimento e do seu progresso, assim como dos da humanidade que o habita e de conduzi-la à perfeição.

V. 25. Aquele que ama a sua vida perdê-la-á e o que aborrece a sua vida neste mundo conservá-la-á para a vida eterna.

Amar a vida é tudo sacrificar ao bem-estar presente, às satisfações da sensualidade, ao orgulho, ao egoísmo. Isso equivale a perder a vida *espiritual,* por importar, para o que assim procede, em permanecer sujeito à encarnação material.

Aborrecer é uma expressão que, na vossa linguagem, tem uma força, um vigor de que carece o termo que lhe corresponde no idioma hebraico e que neste passo foi empregado, significando *apenas* não fazer da vida objeto de culto, não sacrificar o que a honra, o respeito e o amor a Deus concitam o homem a ter em conta. O que Jesus quis dizer, servindo-se daquele vocábulo, foi que cumpre ao homem conservar a sua vida *espiritual,* para caminhar nas sendas que conduzem à perfeição.

V. 26. Aquele que me quiser servir, siga-me; e, onde eu estiver, aí estará também aquele que me serve. Aquele que me serve, a esse meu pai honrará.

Não precisais de explicações. Servir a Jesus é obedecer à lei de amor. Todo aquele que a segue é digno de ser *um filho de Deus.*

CAPÍTULO XII
Vv. 27-36

Continuação das palavras de Jesus

N. 41. Dividi, para que vos demos explicações especiais.

V. 27. Agora minha alma está turbada. E que direi? Pai, livra-me desta hora. Mas, foi para esta hora que vim. — 28. Pai, glorifica o teu nome. Veio então uma voz do céu, dizendo: Já o glorifiquei e ainda o glorificarei. — 29. O povo, que ali estava e ouvira aquela voz, dizia ter sido um trovão. Outros diziam: Foi um anjo que falou. — 30. Jesus respondeu: Não foi por mim, mas por vós outros que esta voz se fez ouvir.

(V. *27.)* Jesus dava assim aos homens *um exemplo* de submissão aos decretos da Providência. Essas suas palavras foram ditas com o mesmo objetivo destas outras, que explicamos comentando os três primeiros Evangelhos: "Se é possível, pai, afaste-se de meus lábios este cálice; mas que se faça, não como eu queira, e sim como tu quiseres."

O Cristo preparava os que o ouviam para os acontecimentos que se iam dar, a fim de que, quando lhes voltassem à memória, suas palavras dessem frutos de fé. Ele se dirige ao pai celestial sempre com o fim de atrair o Espírito do homem para o seu Criador e de lhe ensinar em que fonte deve a criatura humana haurir força e fé, em quem deve depositar confiança para obter o prêmio de seus esforços.

A voz que se fez ouvir, efeito produzido, de acordo com a vontade divina, pelos Espíritos que cercavam a Jesus, prontos sempre a secundá-lo, teve por fim provar, de modo positivo, que ele era

realmente um enviado celeste e que, todas as vezes que o homem eleva com confiança o Espírito para Deus, a potência divina o sustenta e fortifica.

Estas palavras: *"Já o glorifiquei e ainda o glorificarei",* significam que Deus, pelas manifestações que já permitira, com o fito de impressionar os homens, os forçou a lhe renderem homenagem ao nome e ao poder e os forçará a isso, sempre que dele se afastarem.

"Não foi por minha causa, disse Jesus, *mas* por causa de vós outros, *que esta voz se fez ouvir."* Com efeito, Jesus não precisava de manifestações perceptíveis aos homens, para estar certo de que a sua voz chegara ao pai celestial. O que se fazia preciso, sim, era abalar *materialmente* homens *materiais.*

V. 31. Agora vai o mundo ser julgado; agora o príncipe do mundo vai ser lançado fora.

Linguagem *figurada.* Sendo a manifestação *messiânica a* maior de quantas até então se dera e de quantas se dariam até ao advento, predito e prometido, do Espírito da Verdade, era também a que mais positivo efeito havia de produzir. Foi ela que desdobrou a lei de amor como um manto destinado a envolver e abrigar o mundo inteiro. É, conseguintemente, por aquela missão, que se contém toda na lei de amor, que o mundo será julgado, que tudo o que é mal há de ser, por contrário a essa lei, lançado fora, como de fato o será, completamente, na época da purificação do planeta e da humanidade terrenos, pelo afastamento dos Espíritos que então ainda se conservem culpados, rebeldes, endurecidos, obstinados no mal, os quais irão para planetas inferiores.

Dissemos acima que a manifestação *messiânica* era a que produziria mais positivo efeito, porque a manifestação do "Espírito da Verdade", realizada pelos Espíritos do Senhor, errantes e encarnados em missão, é a continuação e o desenvolvimento, ao

mesmo tempo que a confirmação, dada sob a direção de Jesus, da obra que ele executou, desempenhando a sua missão terrena e é também *preparatória* do segundo advento do vosso protetor e governador, que, ele próprio, é o Espírito da Verdade, por ser complemento e sanção da verdade.

V. 32. E eu, quando for levantado da terra, tudo atrairei a mim. — 33. Isto ele dizia para indicar de que morte havia de morrer.

Efetivamente, Jesus fazia alusão ao sacrifício do Gólgota, ao dizer: "Quando eu for levantado da terra." Referia-se, porém, principalmente à sua "ressurreição" e ao que se lhe seguiria até à sua chamada "ascensão", inclusive, isto é, até à sua volta às regiões etéreas.

Tudo atrairei a mim. Deveis compreender que, uma vez tendo "ressuscitado" e "subido ao céu", seus preceitos cada vez mais se disseminariam. Dizendo isso, não tinha em vista apenas os acontecimentos que iam ocorrer: sua "morte", sua "ressurreição", sua "ascensão". Tinha também em mente o progresso incessante que os homens fariam, tendendo sempre para a fraternidade e para a unidade.

V. 34. Respondeu-lhe o povo: Temos aprendido da Lei que o Cristo permanecerá para sempre. Como é então que dizes que o filho do homem há de ser levantado da terra? Quem é o filho do homem? — 35. Jesus respondeu: Ainda por um pouco de tempo a luz está convosco; andai, enquanto tendes luz, para que vos não surpreendam as trevas. Aquele que caminha em trevas não sabe para onde vai. — 36. Enquanto tendes a luz, crede na luz, para que sejais filhos da luz. Dito isso, Jesus se retirou e ocultou deles.

Quase nada compreendendo do que dizia respeito à imortalidade da alma, os homens imaginavam que o Messias que lhes fora prometido teria uma infindável existência terrena e material.

Fora possível que Jesus lhes respondesse explicando a imortalidade da alma, seus desenvolvimentos e progressos? Tê-lo-iam compreendido? Teriam aquelas inteligências, ainda obscurecidas, suportado tais revelações, acerca da natureza espiritual, melhor do que uma criancinha suportaria definições algébricas?

Jesus se contenta com lhes dizer: "Eu sou a luz", porque, na realidade, lhes trazia a luz e não o incêndio. Abria-lhes a vista, porém não para lançá-los nas trevas, como sucede após um deslumbramento. Contemplai o Sol e, quando dele desviardes os olhos, tudo será negro em torno de vós. O mesmo se dá com a vossa inteligência. Ë preciso que a luz celeste vos seja mostrada através de um vidro opaco, que lhe suavize os raios, sem o que vossas vistas muito fracas não a poderiam suportar. Crescei, desenvolvei-vos e podereis, pairando às maiores alturas da espiritualidade, fitar com límpido olhar os esplendores que lá brilham.

Os Judeus disseram a Jesus: "Temos aprendido *da lei* que o Cristo permanecerá para sempre." Entre as massas populares, tudo o que os rabinos ensinavam era considerado como fazendo parte da lei. A crença popular expressa por aquelas palavras, que os Judeus dirigiram a Jesus, era fruto dos comentários que os doutores faziam sobre os livros antigos, sobre o que se continha no Antigo Testamento.

CAPÍTULO XII
Vv. 37-43

Incredulidade dos Judeus. — Fé que alguns tinham, mas que o respeito humano, o temor de serem expulsos da sinagoga abafavam. — Esses preferiam a glória dos homens à glória de Deus

V. 37. Mas, embora tivesse feito tantos milagres na presença deles, nele não criam, — 38, a fim de que se cumprisse esta palavra do profeta Isaias: "Senhor, quem acreditou no que de nós ouviu? E a quem foi revelado o braço do Senhor?" — 39. Não podiam crer porque, como disse ainda Isaías: — 40. "Cegou-lhes os olhos e lhes endureceu o coração, para que não vejam com os olhos e não entendam no coração e se convertam e eu os cure." — 41. Isto disse Isaías quando viu a sua glória e dele falou. — 42. Entretanto, muitos dos próprios senadores creram nele; mas, por causa dos fariseus, não o confessavam publicamente, temendo ser expulsos da sinagoga. — 43. É que amaram mais à glória dos homens do que à glória de Deus.

N. *42.* Já explicamos (n. 164, págs. *319-324* e *326-330* do *2°* tomo) as palavras do v. *39.* Reportai-vos a essas explicações.

O que se passou com Jesus ao tempo da sua missão terrena foi exatamente o que se passa hoje relativamente à nova revelação, à revelação do "Espírito da Verdade", por ele predita e prometida. Observai a incredulidade dos homens da época atual. Não *os* vedes negando crédito a esta revelação e aos que são seus órgãos, exatamente como os Judeus o negavam a Jesus e à sua missão?

Não vedes, entre os que crêem na nova revelação, muitos que não ousam proclamar publicamente a sua fé espírita, que não ousam confessá-la, por

causa dos fariseus *de agora, para não* serem expulsos de *"suas sinagogas?"* Também esses não prezam mais a glória dos homens do que a glória de Deus?

As palavras de Isaías ainda hoje se cumprem, pois que ainda há Espíritos impuros e atrasados, Espíritos ignorantes e, sobretudo, orgulhosos, que, como os Judeus, os sacerdotes, os fariseus e os doutores da lei, presos às suas ambições, aos seus interesses humanos, a seus prejuízos e às suas humanas tradições, ou a seus vícios e paixões, rejeitam a revelação do Espírito da Verdade e repelem os que lhes servem de órgãos, quando não se açaimam contra essa revelação e esses seus órgãos, *do mesmo modo* que os Judeus, os sacerdotes, os fariseus e os doutores da lei repeliram a Jesus e a sua missão, se açaimaram contra ele, contra a sua doutrina, contra a sua missão.

Mas, com o tempo, com a expiação e a reencarnação, o progresso se fará e a luz poderá então brilhar para os que, segundo a palavra do profeta Isaías, ainda não podem "ver com os olhos e compreender com o coração", isto é, para aqueles que, atacados de cegueira moral, ainda têm a inteligência muito obscurecida pela matéria e suas influências.

CAPÍTULO XII
Vv. 44-50

A moral que Jesus pregou não é sua, mas de Deus. — Jesus, que é a luz, veio para salvar o mundo. — O homem se julga a si mesmo, e sua consciência é quem pronuncia a sentença

V. 44. Ora, Jesus exclamou: O que em mim crê não é em mim que crê, mas naquele que me enviou. — 45. E o que me vê a mim vê aquele que me enviou. — 46. Eu, que sou a luz, vim ao mundo para que os que em mim crêem não fiquem nas trevas. — 47. Se alguém ouve as minhas palavras e não as guarda, eu não o julgo; pois que não vim para julgar o mundo, mas para o salvar. — 48. Aquele que me despreza e não recebe as minhas palavras tem por juiz a palavra mesma que hei pregado; será ela que o julgará no último dia. — 49. Porque, *não* é por mim mesmo que tenho falado; meu Pai, que me enviou, é quem me prescreveu, por seu mandamento, o que devo dizer e como hei de falar. — 50. E eu sei que seu mandamento é a vida eterna. Portanto, o que digo, digo-o conforme meu pai mo ordenou.

N. 43. Nas explicações que já recebestes, tendes os elementos e os meios para a interpretação e a compreensão destas palavras de Jesus.

Aquele, que pratica a moral que ele pregou e que a personifica pelos seus ensinos e exemplos, não pratica a moral que seja dele, mas a que, por seu intermédio, vem do próprio Deus.

Quando diz: "O *que me vê a mim vê aquele que me enviou" não* fala do seu corpo que, *para os homens,* era material, fala do ser espiritual que, *pelas suas inspirações,* estava em conformidade de pensamento com aquele que o enviara. Nunca materializeis *segundo a* letra; procurai sempre o *espírito.*

Jesus veio para salvar o mundo, porquanto, conforme afirmação sua, ele é a "luz", pela moral que pregou. Todos os que a praticam progridem e se depuram, avançam no caminho que os libertará das trevas da encarnação material, das da inteligência e da expiação após a morte.

Jesus não veio para julgar o mundo, mas para o salvar, pois que veio para ensinar aos homens como devem viver e morrer, tendo em vista o progresso do Espírito. Veio para regenerar a humanidade, ensinando e exemplificando-lhe todas as virtudes; traçando para todos os homens, quaisquer que sejam, Judeus ou Gentios, a estrada que, abstração feita de todos os cultos exteriores, os conduzirá à fraternidade e, por esta, à unidade; obedecendo à lei de amor; praticando, portanto, a justiça e a caridade.

Já explicamos o sentido destas palavras: *"Meu pai a ninguém julga." — "Eu não julgo a ninguém"* O homem é julgado por si mesmo, pelos seus atos. "No último dia" do seu corpo, o julgamento que a sua consciência profere, mas que ele quase nunca quer ouvir, se lhe tornará claro e preciso. E, para a consciência do homem, o critério desse julgamento oferece-o a moral pura que Jesus pregou e na qual, como ele próprio o disse, estão *toda a lei e os profetas.*

CAPÍTULO XIII
Vv. 1-17

Jesus lava os pés a seus apóstolos. — Palavras que lhes dirige

N. 44. Dividi o texto, para que vos demos, de modo especial, as explicações necessárias sobre os versículos que não foram objeto de comentários, quando tratamos dos três primeiros Evangelhos.

V. 1. Antes da festa da Páscoa, sabendo que chegara a hora de passar deste mundo ao pai, Jesus, como havia amado os seus que estavam no mundo, assim os amou até ao fim. — 2. Acabada a ceia, tendo o diabo posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, o desígnio de o entregar, — 3, Jesus, que sabia que o pai lhe colocara nas mãos todas as coisas, que saíra de Deus e que para Deus voltava, — 4, levantou-se da mesa, depôs as suas vestes e, tomando de uma toalha, com ela se cingiu. — 5. Em seguida, deitou água numa bacia e começou a lavar os pés a seus discípulos e a enxugá-los na toalha com que se cingira.

Certo não cometeis o erro, tão espalhado entre os que se dizem "cristãos", ortodoxos ou não, de acreditar que Judas estava "possesso do diabo", quando resolveu trair a Jesus.

Sabeis o que se deve entender por *"diabo", "demônio", "satanás": a* má influência, a inspiração má. O homem, porém, pode ser dirigido pelo seu próprio Espírito, desempenhando este o papel de *"diabo" ou "demônio".* Ninguém, entretanto, que reflita pode deduzir daí que Deus *predestine* criaturas suas a ser presas de potências contrárias, mais fortes do que elas, a fim de que essas criaturas sirvam de instrumentos passivos à execução de seus desígnios. Não. Deus criou o Espírito, independente,

livre e responsável pelos seus atos, que são obra exclusivamente sua, ou efeito das más influências que ele atrai pelos seus instintos, sentimentos, pendores, influências que lhe é dado tanto aceitar como repelir, no uso do seu livre-arbítrio.

Conhecendo a sua origem superior, quis Jesus, praticando o ato simbólico de lavar os pés a seus apóstolos, dar aos homens, aos quais chama *seus irmãos, o* exemplo da *humildade e da renúncia.* Foi para isso que, assemelhando-se a um escravo, desempenhou aquela função, privativa dos escravos.

Ah! como estão longe daquele que deu tão grandioso exemplo os que hoje praticam a ablução simbólica de que ele se serviu para dá-lo!

São, porventura, os que assim pretendem imitá-lo, servos dos humildes e dos pequeninos? E, quando preenchem a formalidade vã em que transformaram aquele ato, lembram-se os que a praticam da vida *humilde* do que disse: "Meu *reino* não é deste mundo; as raposas têm suas tocas *e as* aves do céu seus ninhos, mas o filho do homem não tem onde repousar a cabeça?" Haverá, no que fazem, mais do que simples paródia, uma vez que ocupam um dos reinos da Terra e habitam suntuosos palácios?

Nesta parte da sua narrativa evangélica, referindo o exemplo de humildade e renúncia, que de tal forma deu Jesus aos homens, João, para lhe fazer ressaltar a importância e o objetivo, reproduziu em resumo, debaixo da influência espírita, da inspiração mediúnica, mas sem ter consciência de uma e outra, as palavras ditas pelo Precursor e pelo próprio Jesus, sobre a sua natureza, a sua origem e a sua missão.

"Jesus, que sabia que o pai lhe colocara nas mãos todas as coisas, que saíra de Deus e que para Deus voltava."

Sim, Jesus tinha consciência exata da sua origem, de sua natureza, de seus poderes. Sabia ser o Espírito protetor e governador do planeta terreno,

incumbido do vosso desenvolvimento, do vosso progresso e de vos levar à perfeição. Sabia ser um Espírito criado, que se conservara puro em toda a via do progresso, que se tornara puro Espírito, de pureza perfeita e imaculada. *Assim* era que saíra de Deus. Ia retomar a natureza espiritual que lhe era própria, ia, *assim,* voltar para Deus.

Com o ato emblemático do lava-pés, ele, o divino modelo, quis mostrar aos homens, todos *seus irmãos, pois* que tiveram todos a mesma origem que ele, saídos todos, portanto, de Deus, de quem depois se afastaram pela queda no pecado, o caminho que abrira e percorrera no meio deles e pelo qual lhes cumpre avançar, sem descanso nem parada, para se reerguerem e, purificando-se, voltarem a Deus pela perfeição adquirida. Esse caminho é o da *humildade e da renúncia:* da humildade, traduzindo-se esta pela do Espírito, aliada à simplicidade do coração; da renúncia, expressa pela suplantação do orgulho e do egoísmo, assim como de todos os vícios e paixões que transviam e degradam a humanidade e que são com acerto denominados "pecados capitais"; expressa também pela prática da lei de amor e, conseguintemente, da justiça e da caridade, da abnegação e do devotamento, sem restrição alguma.

V. 6. Dirigiu-se, pois, a Simão Pedro, que lhe disse: "Que, Senhor, tu me lavares os pés!" — 7. Ao que Jesus respondeu: Não sabes agora o que faço, sabê-lo-ás depois.

A oposição de Pedro ao ato de humildade de Jesus era efeito natural do respeito que consagrava ao Mestre. Jesus, porém, insistindo, lhe fez compreender em que condições deve colocar-se aquele que queira apascentar o rebanho do Senhor. A conseqüência foi que Pedro, cedendo, embora inconscientemente ainda, a um impulso de devotamento e de renúncia, se prontificou a ser purificado da cabeça aos pés.

Respondendo-lhe: *"Não sabes agora o que faço, mas sabê-lo-ás depois",* Jesus deixa entrever a posição que teriam de ocupar Pedro e os que pretendessem ser "os sucessores" deste apóstolo. Fazia alusão à luz que a sua "morte" e a sua "ressurreição", *segundo o modo de ver dos homens,* lançariam sobre as suas palavras.

Os que se arvoraram em sucessores de Pedro sê-lo-iam de fato, *se lhe seguissem as pegadas e* cumprissem as obrigações que daí lhes resultassem.

Todo aquele que proceder como Pedro poderá dizer-se e é, indubitavelmente, seu sucessor.

Sucessores de Pedro serão todos os que, achando-se em condições quaisquer de ensinar, de pregar, de servir aos homens, o fizerem com o coração e por meio do exemplo, com humildade, com renúncia, com amor.

Desçam de seus tronos os que usam oficialmente desse título; *vão, humildes e brandos, pobres e dedicados,* levar a consolação, a coragem e a fé a toda a parte; lavem os pés a seus discípulos, não com pompa diante da multidão a se persignar devotamente, mas a todas as horas do dia, edificando-os ocultamente com as suas virtudes; dêem o exemplo do que pregam, do que Jesus pregou; não lhe desnaturem as palavras de infinito amor, mudando-as em palavras de ódio e de vingança; preguem a paz em vez de semearem a discórdia; façam esmolas em vez de receberem para si, como paga de suas preces, o óbolo destinado aos pobres; e poderão apelidar-se de sucessores de Pedro, de pastores do rebanho de Jesus, rebanho que é toda a humanidade.

V. 8. Disse-lhe Pedro: Jamais me lavarás os pés. Jesus lhe respondeu: Se eu te não lavar, não terás parte comigo. — 9. Disse então Simão Pedro: Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça.

Respeitando o Mestre tanto quanto o amava, Pedro se afligiu ao vê-lo pretender executar um

ato tão servil. Jesus, porém, insistiu, para que ele, vendo-o a praticá-lo, compreendesse quão necessária é a *humildade* ao homem. Pedro ainda não compreendia o objetivo oculto daquele *ato e* das palavras de Jesus. No primeiro momento, julgou tratar-se de uma *purificação* por ablução, necessária para torná-lo igual ao Mestre. Eis porque pediu que este o lavasse todo.

Mas, o que Jesus tinha em mente ao proferir estas palavras, que se dirigiam à humanidade inteira, naquela época e no futuro: *Se eu te não lavar, não terás parte comigo,* era que, se o homem não se submeter à lei purificadora que ele lhe trouxe, não atingirá o fim a que se propõe.

Não esqueçais que, *de um lado,* a ninguém é preciso que se intitule de *"cristão"* para ser discípulo de Jesus *e* obedecer à lei de amor; e, de *outro lado,* que, entre os Judeus, a ablução era um meio de purificação levado a tais extremos que eles nunca tomavam uma refeição, sem que previamente lavassem as mãos, a fim de não conspurcarem os alimentos, caso, por inadvertência, houvessem tocado em alguma coisa impura.

V. 10. Disse-lhe Jesus: aquele que já foi lavado não precisa senão de lavar os pés; está puro quanto ao mais. Vós estais puros, mas não todos. — 11. É que sabia qual o que o havia de trair. Por isso foi que disse: Não estais todos puros.

São *figuradas* essas palavras de Jesus; deveis compreendê-lo pelo que acabamos de dizer acerca dos vv. 3, 4 e 5. A lavagem dos pés *simbolizava* também *a maneira por que os* discípulos deviam percorrer o *novo caminho em que iam entrar,* depois de lhes haver o Mestre limpado os pés de todas as sujidades de que o caminho velho os cobrira.

Quanto a Judas, esse não estava disposto, *no momento,* a uma purificação qualquer. Bem e de ver-se que, para Jesus, aquele ato exterior nenhum valor tinha em si mesmo, como ato material; que

sua significação e seu alcance eram inteiramente emblemáticos, pois que, purificando os outros após-tolos, ele só não purificava a Judas.

Sabia Jesus que este o havia de trair, pois sabia, conforme o explicamos ao comentarmos os três primeiros Evangelhos, que tomara uma tarefa superior às suas forças, que, portanto, faliria. O Mestre lia-lhe o pensamento.

V. 12. Depois de lhes ter lavado os pés retomou suas vestes e, sentando-se de novo à. mesa, lhes disse: Sabeis o que acabo de fazer? — 13. Vós me chamais Mestre e Senhor e tendes razão, pois que o sou. — 14. Ora, se, sendo vosso Senhor e vosso Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar-vos os pés uns aos outros. — 15. Porque, eu vos dei o exemplo, a fim de que o que vos fiz o façais também.

Ao mesmo tempo que afirmava, sob o *véu da letra, sua* posição e seus poderes com relação ao planeta e à humanidade terrenos, Jesus, dirigindo a seus discípulos essas palavras *figuradas,* dava aos homens um *ensino,* como já o explicamos, e um *exemplo* de humildade e de renúncia, ensino e exemplo que, se forem praticados pelos que lhe queiram caminhar nas pegadas, serão meio de progresso e de depuração para todos os de boa-vontade.

V. 16. Em verdade, em verdade vos digo. O servo não é maior do que o seu senhor, nem o enviado maior do que aquele que o enviou. — 17. Desde que sabeis estas coisas, bem-aventurados sereis se as praticardes.

"O servo não é maior do que o seu Senhor." Todos os Espíritos são iguais diante do Senhor. Só a virtude estabelece entre eles hierarquia. Para o Senhor, não existem as condições sociais.

"Nem o enviado é maior do que aquele que o enviou." Jesus faz desse modo uma alusão às idéias que germinavam sobre a divindade que lhe havia de ser atribuída. Os homens, propensos sempre à exal-

tação, teriam sido levados a colocá-lo *acima* de Deus; dispostos a constituí-lo *Soberano* dos céus. Sua figura teria apagado a do Criador! E, afinal, não a apagou? Regra geral, não o afastou do pensamento dos homens? O culto principal, as orações, dirigindo-se à "Trindade", não se dirigem especial e nominalmente a Jesus? Não vedes, em vossos dias, Maria ser objeto de um culto, de uma adoração mesmo, que lançam na sombra o Cristo e aquele que é desde toda a eternidade: *Deus, uno,* único, indivisível?

Jesus, que jamais se disse Deus, que, ao contrário, sempre proclamou ser o pai *o único* Deus *verdadeiro,* teve aqui em vista condenar de *antemão* a exageração humana que o colocaria acima de Deus.

"Desde que sabeis estas coisas, disse ele, *bem-aventurados sereis, se as praticardes."* Desde que compreendais a igualdade entre os homens de boa-vontade e o lugar que deveis dar ao Mestre, sereis bem-aventurados, porquanto praticareis com sinceridade a fraternidade e o amor universal.

O pensamento, que ditou a Jesus essas palavras, por ele dirigidas a seus discípulos, se estende a todas as épocas.

NOTA DA EDITORA — A páscoa era a maior festa dos judeus, recomendada por Moisés e celebrada pela primeira vez quando deixaram o Egito.

A palavra páscoa significa *passagem,* ou seja, a passagem dos judeus pelo Mar Vermelho e do anjo que matou os primogênitos do Egito e poupou os Hebreus, cujas casas estavam assinaladas com o sangue do cordeiro. Páscoa é, pois, para os Judeus, a comemoração da passagem de Israel do cativeiro para a liberdade. — W.

CAPÍTULO XIII
Vv. 18-30

Jesus prediz a traição de Judas

V. 18. Não digo isto de todos vós: Sei quem são os que escolhi; mas, é preciso que se cumpra esta palavra das Escrituras: Aquele que comigo come o pão, contra mim levantará o pé. — 19. Digo-vos isto desde já, antes que aconteça, a fim de que, quando acontecer, reconheçais quem eu sou. — 20. Em verdade, em verdade vos digo: Quem quer que receba aquele que eu houver enviado, a mim me recebe; e quem me recebe a mim recebe aquele que me enviou. — 21. Tendo dito essas coisas, Jesus se turbou em seu Espírito e falou abertamente, dizendo: Em verdade, em verdade vos digo: um dentre vós me trairá. — 22. Os discípulos se entreolharam, sem saberem de quem ele falava. -23. A um deles, porém, a quem Jesus amava e que estava reclinado sobre o peito de Jesus, — 24, Simão Pedro fez sinal para que perguntasse qual era o de quem falava. — 25. Esse discípulo, que repousava sobre o peito de Jesus, perguntou: Senhor, quem é esse? — 26. Jesus lhe respondeu: É aquele a quem eu der o pão molhado e, tendo molhado o pão, o deu a Judas Iscoriotes, filho de Simão. — 27. E assim que este tomou do pedaço de pão, Satanás entrou nele e Jesus lhe disse: O que fazes, faze-o logo. — 28. Nenhum dos que estavam à mesa compreendeu porque dissera ele isso. — 29. Alguns pensavam que, por ser Judas quem tinha a bolsa, Jesus quisera dizer-lhe: Compra-nos o que é necessário para a festa, ou que lhe dava ordem de distribuir alguma coisa com os pobres. — 30. Judas, tendo recebido o pedaço de pão, saiu imediatamente. Era já noite.

N. 45. Já explicamos, comentando *os* três primeiros Evangelhos, *o* fato da traição de Judas. *A* narrativa de João explica e completa as outras.

Dizendo: "Sei quem *são os* que escolhi", Jesus alude aos *onze* discípulos *fiéis, os* quais, capazes de

empreender e levar a termo a missão que haviam solicitado, foram escolhidos *no sentido* de que, animados pelos seus guias a pedi-la, a tinham obtido, tendo sido *assim* aceitos por Jesus.

Predizendo a traição de Judas, teve Jesus em vista chamar a atenção dos apóstolos, a fim de que, quando o fato ocorresse, ficassem impressionados e reconhecessem, por essa faculdade extra-humana da presciência do futuro, que ele era realmente o enviado de Deus.

Logo em seguida, o Mestre os prepara a compreender, quando se achassem no desempenho de suas missões e ele se houvesse afastado definitivamente da Terra, que, como seus enviados, seriam, por isso mesmo, enviados do Senhor e que aquele que recebesse os ensinos que iam espalhar receberia os dele Jesus, do mesmo modo que os que recebem seus ensinamentos recebem os do Senhor. É assim que diz:

Em verdade, em verdade vos digo: Quem quer que receba aquele que eu houver enviado a mim me recebe; e quem me recebe a mim recebe aquele que me enviou.

Mas, assim falando, Jesus se referia igualmente a todas as épocas e a todos os Espíritos que por ele seriam enviados *em missão* entre os homens, para dar impulso ao progresso, ativá-lo e desenvolvê-lo. Essas palavras se aplicam especialmente aos apóstolos da revelação, predita e prometida, do Espírito da verdade, da nova revelação, incumbidos de explicar e desenvolver, *em espírito e verdade,* as suas palavras e os atos que praticou durante a sua missão terrena, de explicar e desenvolver os princípios e as conseqüências desta mesma missão, de preparar e executar a obra da regeneração humana.

Estas palavras *figuradas,* referentes a Judas: *"Satanás entrou nele",* significam, bem o compreendeis, que o pensamento da traição, em gérmen no

Espírito de Judas, se tornou uma resolução, que se ia traduzir em ato.

Os discípulos, diz a narração evangélica, não comprenderam porque Jesus dissera a Judas: "O *que fazes, faze-o logo." Eles,* com efeito, se entregaram, conforme também diz o texto, a suposições. Não podiam imaginar que Jesus mandara que Judas o fosse trair. Admitiam a possibilidade de Judas praticar um ato de tal natureza, mas não *naquele momento.*

Os acontecimentos tinham de cumprir-se e, assim, Judas obedeceu às influências que lhe dominavam o pensamento. As palavras de Jesus significavam: "Põe em execução o que projetas."

CAPÍTULO XIII
Vv. 31-38

Jesus alude ao sacrifício que se vai consumar no Gólgota. — Os discípulos do Cristo devem amar-se uns aos outros. — Por esse sinal é que serão reconhecidos. — Predição da negação de Pedro

N. 46. Dividi o texto. Dar-vos-emos explicações especiais.

V. 31. Depois de haver ele saído, disse Jesus: Agora, o filho do homem é glorificado e Deus é glorificado nele. — 32. Se Deus é glorificado nele, Deus o glorificará também em si mesmo e o glorificará sem demora.

Estas palavras se referem ao sacrifício que se ia consumar e aos efeitos, aos resultados que produziria no momento e no futuro, em bem do progresso e da regeneração da humanidade. A elevação da criatura à glória eterna é a *única maneira* de ela glorificar e honrar a Deus e o seu celeste enviado.

V. 33. Meus filhinhos, por pouco tempo mais estarei convosco. Buscar-me-eis, mas, assim como disse aos Judeus que eles não podiam vir aonde vou, o mesmo vos digo agora.

Jesus, neste passo, alude ao seu desaparecimento do sepulcro, após o sacrifício do Gólgota, à sua volta à natureza espiritual que lhe *era* própria, à época da chamada *ascensão, à* missão que seus discípulos tinham de desempenhar na Terra, quando a dele estivesse terminada.

V. 34. Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei, para que vos amásseis mutuamente. — 35. Nisto é que todos reconhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.

Estas palavras não precisam de comentários.

Eram dirigidas especialmente aos discípulos; mas, segundo o pensamento que as ditou, se aplicam a todos os tempos, porquanto, muitas vezes já o temos dito, a missão do Mestre começou com a formação do vosso planeta, tornou-se manifesta pelo seu aparecimento entre os homens, continua e não terminará enquanto ele não vos houver levado à perfeição, ou seja, à categoria dos puros Espíritos e, pois, aos pés do Pai.

Todo aquele que pratica a moral pura que ele pregou é seu discípulo, visto que pratica a fraternidade e o amor universal.

Amai-vos, portanto, ó homens, uns aos outros. Pelo amor que uns aos outros vos consagrardes é que todos reconhecerão que sois discípulos de Jesus.

Apóstolos da nova revelação, dai aos vossos irmãos *o exemplo* da prática da lei de amor, amando-vos uns aos outros.

V. 36. Simão Pedro lhe pergunta: Senhor, para onde vais? Jesus lhe responde: Aonde vou não me podeis seguir agora; mas seguir-me-eis depois.

Os apóstolos, na condição de encarnados, eram como crianças; mas eram, conforme o temos dito, Espíritos adiantados.

Dizendo a Pedro: "Não me podeis *agora* seguir aonde vou", Jesus dá prova da inferioridade do vosso planeta. Deixa, porém, luzir a esperança do progresso, que faculta a todos os de boa-vontade o se elevarem.

Acrescentando: *"Mas, seguir-me-eis depois",* alude à elevação do Espírito de Pedro, bem como à

dos outros apóstolos que o rodeavam, elevação que, depois de terem eles cumprido a missão que lhes cabia desempenhar, lhes permitiria ascender às regiões superiores, para *seguirem a* Jesus, isto é, para continuarem a avançar pela senda do progresso, debaixo da sua direção.

V. 37. Pedro inquire: Porque não te posso seguir agora? Darei a vida por ti. — 38. Replicou-lhe Jesus: Darás por mim a vida? Em verdade, em verdade te digo: Não cantará o galo, antes que me tenhas negado três vezes.

Pedro não compreendera a resposta de Jesus. Preocupava-o apenas o perigo que o Mestre poderia correr, separando-se deles. Por isso é que disse: *Darei por ti a vida;* ao que Jesus respondeu, predizendo que Pedro o negaria.

Já explicamos, comentando os três primeiros Evangelhos, essa predição da negação de Pedro.

CAPÍTULO XIV
Vv. 1-12

Muitas moradas na casa do pai. — Jesus vai preparar o lugar para seus discípulos. Quando voltar, os atrairá a si, a fim de que estejam onde ele estiver. — Ele é o caminho, a verdade, a vida. — Ninguém vai ao pai senão por ele. — Suas relações com o pai. — Aquele que nele crê fará as obras que ele faz e fará outras ainda maiores

N. 47. Estes versículos reclamam explicações especiais; precisam ser explicados distinta e separadamente.

V. 1. Não se turbe o vosso coração. Credes em Deus, crede também em mim.

Jesus tranqüiliza a Pedro e aos outros apóstolos. Lembra-lhes a fé em Deus e os exorta também a terem fé na sua missão e, portanto, no que lhes vai dizer, isto é:

V. 2. Há muitas moradas na casa de meu pai. Se assim não fosse, eu vo-lo teria dito, porquanto vou preparar-vos o lugar.

Desta forma Jesus afirma positivamente a habitabilidade que, para os Espíritos que vegetam no vosso planeta, oferecem os mundos disseminados pelo espaço e afirma a hierarquia ascensional desses mundos.

A casa do pai é o Universo, a imensidade, o infinito.

As diversas moradas que nela há são todos os mundos, indistintamente, os quais constituem habitações apropriadas às diversas ordens de Espíritos, pois que a hierarquia ascensional dos mundos corresponde à dos Espíritos que os habitam.

No comentário feito aos três primeiros Evangelhos e notadamente no que dissemos acerca da origem do Espírito e da genealogia espiritual de Jesus (ns. 55, 56 e seguintes do 1° tomo) fizemos entrever as inúmeras moradas existentes na casa do pai.

O Espírito muda de morada à medida que progride. Deixa a em que estava para ir habitar outra mais adequada ao grau do seu progresso e ao desenvolvimento de suas faculdades, assim como às necessidades do adiantamento e às condições em que este deva operar-se.

Tão impossível nos é dar-vos notícia exata e completa de todos os mundos, quanto o descrever-vos minuciosamente o infinito.

O que podeis saber e compreender e o que nos é possível e permitido explicar-vos é o seguinte:

Como não ignorais, a essência espiritual, para ir do seu ponto de origem ao período preparatório do estado *espiritual* de inteligência independente, livre e responsável, investida de razão e livre-arbítrio, tem que passar, conforme vos explicamos tratando da origem do Espírito, pelas fases sucessivas e progressivas da materialização nos reinos mineral e vegetal e da encarnação no reino animal. Tem que passar depois por aquele período preparatório. Transposto esse período e uma vez de posse do livre-arbítrio, ela se acha na condição de Espírito formado, mas em estado de simplicidade, de ignorância, de inocência, cumprindo-lhe passar pela fase da infância e da instrução e ser, pelos seus guias, colocada em situação de se servir do livre-arbítrio. Então, no gozo da sua independência e da sua liberdade, que de uma e outra decorrem, escolhe o Espírito o caminho que prefere tomar. Se se conserva puro no do progresso, dócil a seus guias, seguindo constantemente a estrada simples e reta que lhe é indicada, chega à perfeição, tendo progredido no estado fluídico. Torna-se assim puro Espírito, Espírito *que não faliu,* de pureza perfeita e imaculada,

tal como Jesus, protetor e governador do vosso planeta.

Se, ao contrário, se afasta da estrada simples e reta que lhe é indicada, está falido. (E já dissemos, tratando da origem do Espírito, que este pode falir, ou no início da sua existência livre e independente, ou depois de haver atingido um grau mais ou menos elevado de desenvolvimento e de progresso.) É então submetido à encarnação humana em condições apropriadas ao grau da sua culpabilidade, às suas faculdades e às necessidades da reparação e do progresso. Também o Espírito que faliu chega à perfeição. Depois de se haver depurado completamente, também se torna puro Espírito. Como *seus irmãos,* os Espíritos de pureza imaculada, ele, que teve em sua origem o mesmo ponto de partida que estes, chega à mesma finalidade que eles, embora por diferentes caminhos, tendo sido dado a cada um de acordo com suas obras.

Para que tudo venha assim do infinitamente pequeno ao infinitamente grande é que há as seguintes categorias de mundos:

Mundos *primitivos,* saídos dos fluidos incandescentes, mundos onde se elaboram as essências espirituais que ali são depositadas; onde, quando o globo tem entrado no período material, elas se desenvolvem e progridem, passando, progressiva e sucessivamente, pela materialização nos reinos mineral e vegetal e, depois, pela encarnação no reino animal. Em chegando a época propícia ao aparecimento neles do homem, pela encarnação de Espíritos *que faliram* em condições que exijam a encarnação humana primitiva, esses mundos se tornam, para tais Espíritos, para as humanidades que eles compõem, mundos de provações e de expiações, os quais, todavia, como os Espíritos que os vão habitar, prosseguem na sua marcha ascensional, sempre em correlação com as de seus habitantes.

Mundos *ad-hoc,* onde a essência espiritual, após transpor os reinos mineral, vegetal e animal, é

preparada para o estado *espiritual, para o* estado *de espírito formado,* de inteligência independente, livre e responsável.

Mundos *fluídicos,* destinados a habitação de Espíritos que, desde o estado de infância e de instrução, *nunca faliram e* que, *conservando-se sempre puros na senda do progresso,* progridem no estado fluídico. Seguindo também marcha progressiva e hierarquicamente ascensional, há, em todos os graus da escala, mundos dessa categoria, apropriados e correspondendo aos estados de desenvolvimento e de progresso dos Espíritos que os habitam, estados que vão desde o de infância e instrução até o de puro Espírito. Eles se tornam moradas de puros Espíritos, quando hão chegado, de maneira progressiva, ao estado fluídico puro.

Diversos mundos destinados a habitação de Espíritos *falidos e,* como *tais,* sujeitos à encarnação humana. Esses mundos também são apropriados ao estado de desenvolvimento e de progresso dos Espíritos que os habitam. Assim é que são: materiais, mais ou menos inferiores, mais ou menos superiores uns com relação aos outros; mais ou menos materiais, mais ou menos fluídicos. Servindo, para a encarnação dos Espíritos *que faliram,* para seu desenvolvimento e progresso, também têm que, através dos tempos, dos séculos, das eternidades, tomar lugar entre os mundos celestes ou divinos, dos quais só os puros Espíritos podem aproximar-se.

Mundos *de provações e expiações,* uns inferiores aos outros, uns aos outros superiores, havendo-os de todas as gradações ao longo da respectiva escala, desde os apropriados ao aparecimento do homem, à encarnação primitiva, até os que servem de habitação a Espíritos prestes a entrar no período de regeneração.

Mundos *regeneradores,* destinados a preparar os Espíritos, que faliram e que ainda têm o que expiar, para saírem progressivamente do período da materialidade. São mundos de transição, on-

de domina a justiça, onde os Espíritos continuam e acabam a sua depuração, tornando-se capazes de só praticar o *bem e* incapazes da prática do *mal.* Também nessa categoria de mundos, há-os em todos os graus da escala, inferiores uns aos outros, uns aos outros superiores.

Mundos *felizes,* onde, regenerado, depurado de todos os maus pendores, o Espírito só tem que progredir no bem, sem mais ter que lutar contra o mal. Esses mundos, como os Espíritos que os habitam, se acham no princípio do período de semifluidez. Aí começa a desmaterialização do corpo.

Nos diversos mundos regeneradores, preparatórios e intermediários entre os de expiação e os felizes, o corpo se liberta progressivamente de uma parte da matéria putrescível, se torna pouco a pouco mais leve, sem contudo ficar de todo livre da decomposição da matéria. Quanto mais o corpo se aperfeiçoa, em conseqüência do adiantamento do Espírito, tanto mais volatizáveis se fazem, por ocasião da morte, as matérias e se isentam da decomposição animal. Isto, porém, envolve questões de fisiologia, estranhas ao quadro que se vos traçou.

Na categoria dos mundos *felizes,* também os há inferiores e superiores uns aos outros, em todos os graus da respectiva escala ascensional e progressiva, através da qual eles vão passando por estados cada vez mais fluídicos, de conformidade com os Espíritos que os habitam, até chegarem à condição de mundos celestes ou divinos.

Mundos *celestes ou divinos, os* que atingiram o estado fluídico puro e aos quais só os puros Espíritos podem ter acesso.

V. 3. E depois que me tenha ido e vos haja preparado o lugar, voltarei e vos chamarei a mim, a fim de que, onde eu estiver, estejais vós também.

Os discípulos fiéis de Jesus ainda não haviam terminado a missão que lhes cabia desempenhar na Terra. Não tinham mais que sofrer provas expia-

tórias e sim apenas que cumprir missões. Dizemos — provas expiatórias, porque, para o Espírito que ainda não tomou lugar, pela sua perfeição, entre os puros Espíritos, há *prova* nas missões de que se encarregue.

Segundo o espírito despojado *da letra,* essas palavras do Mestre significam: "Depois que eu me tiver afastado definitivamente da Terra, concluída a minha missão terrena; quando vós, tendo terminado a vossa entre os homens, houverdes, sob a minha direção, desempenhado a vossa missão espiritual, continuado o vosso desenvolvimento e o vosso progresso; quando houverdes, nos tempos determinados, cumprido *a nova* missão que vos está destinada no seio da humanidade; quando eu vos tiver, *desse* modo, disposto o lugar, voltarei, conforme tenho predito. Preparados, pela perfeição que tereis alcançado e pela pureza perfeita que tereis adquirido, chamar-vos-ei a mim, a fim de que, onde eu estiver, estejais comigo, como puros Espíritos."

Deveis compreender que, *na época* do segundo advento de Jesus, os Espíritos então encarnados, ou, por melhor dizer, incorporados no vosso planeta, estarão quase a atingir a perfeição. Os discípulos, que muito antes de vós entraram na senda do progresso, que nesta se mantiveram e que por ela terão avançado sempre, estarão prestes, nessa época, a tornarem-se puros Espíritos.

Referindo-se ao seu segundo advento, pelas palavras que constam dos versículos acima, dirigidas aos discípulos, Jesus alude à época em que a fé, escoimada de todo erro, terá purificado de toda falta o homem. Estais no início dessa era, que é *a do advento* do Espírito, porém, longe vos achais ainda de haver dado um passo nesse sentido.

V. 4. Para onde vou vós o sabeis e sabeis o caminho. — 5. Disse-lhe Tomé: Senhor, não sabemos para onde vais; como podemos saber o caminho? —

6. Respondeu-lhes Jesus: Eu sou o caminho, a verdade, a vida. Ninguém vem ao pai senão por mim.

Jesus é o caminho, a verdade, a vida, porquanto ele é o *emblema* da lei de amor.

É o caminho: — pela moral que pregou e que personificou pelos seus ensinamentos e exemplos, pois que ensinou os homens a viver e a morrer, tendo por objetivo o progresso do Espírito. Todo aquele, que pratica a sua moral, progride e se depura.

É a verdade, porque é órgão direto de Deus e preposto por este ao encargo de transmiti-la aos homens, de modo progressivo e sucessivamente, na medida do que possam receber.

A verdade é relativa aos tempos e às necessidades das épocas. É una, porém mais ou menos *encoberta,* não *se desenvolvendo aos* olhares humanos senão à medida que o homem a pode suportar e compreender. Quanto mais o Espírito se eleva, tanto mais se *lhe rasgam à* vista os véus da verdade. A verdade é o conhecimento de todo princípio que, assim na ordem física, como na ordem moral e na intelectual, conduz a humanidade ao seu aperfeiçoamento, à fraternidade, ao amor universal, mediante *sinceras aspirações ao* espiritualismo, ou, se quiserdes, à espiritualidade. A idéia é a mesma; mas, para o vosso entendimento humano, o espiritualismo conduz ao espiritismo e o espiritismo tem que conduzir à espiritualidade.

Dar aos homens o conhecimento da verdade, que ele personifica, constitui a tarefa que Jesus começou a executar desde o aparecimento do homem no vosso planeta; em que prosseguiu, sem interrupção, para o vosso desenvolvimento e progresso, primeiro, por intermédio dos Espíritos em missão, depois, por intermédio de Moisés e dos profetas entre os Hebreus e dos Espíritos em missão entre os outros povos, missionários todos esses que prepararam o seu aparecimento na Terra. Essa tam-

bém a tarefa que veio pessoalmente executar, desempenhando a sua missão terrena, manifestando-se entre os homens no meio humano de antemão preparado e escolhido. Essa a tarefa que continuou a executar por intermédio dos Espíritos em missão, até aos vossos dias, que vêem abrir-se a era nova do Cristianismo do *Cristo,* a era espírita; tarefa cuja execução ele vai continuar, através dessa era nova, por intermédio de messias ou enviados, de Espíritos em missão, órgãos do Espírito da Verdade, até ao dia do seu segundo advento, no qual, sendo ele próprio Espírito da Verdade, como complemento e sanção da verdade, virá, mas dessa vez em todo o seu fulgor espírita, ao vosso planeta depurado, mostrar a verdade *sem véu* às criaturas, igualmente depuradas.

Jesus *é a vida,* porque, progredindo e purificando-se mediante a prática da moral que ele pregou e que personifica pelos seus ensinamentos e exemplos, o Espírito, separando-se do corpo material, se encontra liberto da morte espiritual, representada pelas trevas da inteligência, liberto da expiação. Chega assim, finalmente, a libertar-se da encarnação material, que apaga toda lembrança e que é, pois, para o Espírito, morte *espiritual.*

Ninguém vem ao pai senão por mim. Jesus, vosso protetor e governador, é o único encarregado do vosso desenvolvimento e do vosso progresso, de vos conduzir à perfeição. E, a não ser adquirindo a perfeição, ninguém pode vir, nem vem, ao pai.

V. 7. Se me tivésseis conhecido a mim, também teríeis conhecido a meu pai; mas breve o conhecereis e já o tendes visto.

São *figuradas* estas palavras. Os discípulos jamais tinham visto o pai — materialmente. Tinham-no visto *espiritualmente,* vendo em Jesus a perfeição que a ele conduz.

Se tivésseis conhecido a perfeição que leva ao pai e que está em mim personificada, também te-

ríeis conhecido *espiritualmente a* meu pai. Breve, porém, assim o conhecereis. E já o tendes visto espiritualmente, vendo-me a mim que sou a perfeição que a ele conduz.

V. 8. Disse-lhe Filipe: Senhor, mostra-nos teu pai e isso nos basta. — 9. Respondeu-lhe Jesus: Há tanto tempo que estou convosco e ainda me não conheceis? Filipe, aquele que me vê também vê a meu pai. Como é então que dizes: Mostra-nos teu pai.

Jesus insiste no mesmo pensamento, referindo-se sempre à perfeição. Dava àquelas inteligências pouco desenvolvidas um exemplo que pudessem apreender. Deveis lembrar-vos de que, conquanto Espíritos adiantados, os apóstolos sofriam os entraves da matéria de que se haviam revestido.

Para eles e para os homens da época, como para as gerações que se sucederiam até à revelação do Espírito da Verdade, que o Mestre predissera e prometera, só a letra convinha. Eles não tinham que sobre si tomar senão o que, desempenhando suas missões, lhes cumpria dar aos outros homens, ainda incapazes de compreenderem *segundo o espírito. A letra é* que estava reservado preparar o advento *do espírito.*

Aquele que me vê a mim, que sou a perfeição que conduz ao pai, também vê *espiritualmente* a meu pai.

V. 10. Não credes que estou em meu pai e que meu pai está em mim? O que vos digo não o digo de mim mesmo. É meu pai, que mora em mim, quem faz, ele próprio, as obras que eu faço. — 11. Não credes que estou em meu pai e que meu pai está em mim? Crede-o ao menos por causa das obras que faço.

Jesus apropria sempre a sua linguagem às inteligências dos homens da época e tudo dispõe tendo em vista as condições e os meios necessários à realização do progresso da humanidade, naquele

momento e no futuro. Sempre, de um lado, *a letra* e, do outro, *o* espírito velado pela letra. E ele disse: "É o *espírito que vivifica;* minhas palavras são *espírito e* vida."

Mantendo-se sempre, pela sua pureza, em relação com Deus, nele está sempre a inspiração divina, à qual seus atos correspondem continuamente.

"Não credes que estou em comunicação direta com meu pai, recebendo dele a inspiração, e que meu pai está em comunicação direta comigo e me inspira? O que vos digo não o digo de mim mesmo: é pela inspiração divina que falo. Meu pai, que está sempre em comunicação direta comigo, é quem faz, mediante a inspiração que me dá, as obras que eu faço.

Não credes que estou em comunicação direta com meu pai, recebendo dele a inspiração e que meu pai está em comunicação direta comigo e me inspira? Crede-o, ao menos, por causa das obras que faço."

V. 12. *Em verdade vos digo:* Aquele que crê em mim fará as obras que eu faço e fará ainda maiores, porque *vou* para meu pai.

Aquele, que tem fé, obra em conseqüência desta e suas obras são todas ascensionais. Aquele que crê firmemente em Jesus, isto é, que segue zelosamente o caminho, que ele traçou, do amor e da verdade, se tornará puro como ele e fará atos semelhantes aos seus, tanto mais que, voltando à esfera que lhe era própria, Jesus deveria ter mais liberdade de ação para inspirar e guiar os seus verdadeiros e sinceros imitadores. Não vos temos dito já: por muito longe que vos acheis de Jesus, não esperais alcançar a meta?

Jesus não praticou, entre os homens, senão as obras que eles pudessem compreender, proporcionadas às suas inteligências. Dizendo — "que eles pudessem compreender" — não temos em mente que

pudessem inteirar-se das causas. Falando desse modo, queremos significar que podiam apenas apreender os resultados, interpretando-os *do ponto de vista em* que se achavam colocados.

O mesmo se dará com os atos que chegareis a realizar, quando o vosso aperfeiçoamento haja atingido um ponto que os torne possíveis. Tendo a inteligência humana progredido, para que as vossas obras possam tocá-la, cumpre sejam obras de ordem superior.

Não peçais explicações a este respeito. Sois *presentemente* incapazes de compreender isso. Semelhante questão seria prematura neste momento. Deveis evitar tocar no futuro.

Notai como Jesus apropria sempre e vela sua linguagem, de maneira a preparar ao mesmo tempo, *segundo a letra, a* transição que tinha de ser aparelhada e efetivada e, *segundo o espírito que vivifica,* os caminhos e os meios próprios à revelação futura do Espírito da Verdade, da revelação da revelação.

CAPÍTULO XIV
Vv. 13-24

Jesus promete a seus discípulos que lhes será concedido o que pedirem ao pai, a fim de que o pai seja glorificado no filho. — Promete conceder-lhes o que eles lhe pedirem em seu nome. — Prescreve-lhes que guardem seus mandamentos. — Promete-lhes o Consolador, que é o Espírito Santo, o Espírito da Verdade. — Declara que todos os que guardarem seus mandamentos, sua palavra, tê-lo-ão e ao pai consigo

N. 48. Dividi, para que as explicações sejam dadas de acordo com as diversas ordens de idéias que estes versículos encerram.

V. 13. E tudo que pedirdes a meu pai, em meu nome, eu o farei, a fim de que o pai seja glorificado no filho. — 14. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei.

Já tendes a explicação do pensamento que ditou estas palavras, no que dissemos, ao comentarmos os três primeiros Evangelhos, relativamente a estas outras: *"Pedi e se vos dará."* (Mateus, VII, v. 7.) "O que quer que peçais com fé em vossas preces vós o obtereis." (Mateus, XXI, v. *22; Mar*cos, XI, v. *24.)*

Jesus, aqui, dá mais um testemunho, diante dos seus apóstolos, da força, e do poder da fé. Ele não diz aos homens *em que momento* suas súplicas serão atendidas, porquanto o seu pensamento não tem a limitá-lo a duração do tempo. Os meios e condições segundo as quais a súplica deverá ser atendida ficam subordinados sempre aos esforços

do livre-arbítrio do encarnado para receber e secundar a impulsão que lhe é dada, assim como às suas faculdades e às necessidades do seu adiantamento.

O que glorifica o pai é o progresso que os homens realizam e ao qual Jesus preside como protetor e governador do vosso planeta. *É assim* que "o pai é glorificado no filho."

As palavras que então ele dirigiu a seus apóstolos se estendem a todos os tempos. Aplicavam-se aos que, naquela época, como no futuro, caminhassem pela senda que ele traçou, praticando a sua moral, os quais todos, *somente por isso,* seriam seus discípulos.

Igualmente, com Jesus e por Jesus, dizemos nós aos apóstolos da nova era e a todos os homens: Tudo que pedirdes ao pai *em nome* de Jesus, sob o impulso, pois, de um pensamento puro e santo, objetivando o vosso progresso pessoal e o progresso coletivo da humanidade, Jesus o fará, a fim de que o pai seja glorificado no filho, pelo progredir dos homens.

Do mesmo modo, se pedirdes a Jesus alguma coisa *em seu nome,* movidos por um pensamento santo e puro, com o objetivo do vosso progresso pessoal e do progresso coletivo dos vossos irmãos, ele o fará.

V. 15. Se me amais, guardai os meus mandamentos, — 16, e eu pedirei a meu pai e ele vos dará um outro consolador que fique eternamente convosco: — 17, o espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê e não o conhece. Vós, porém, o conhecereis, porque ficará convosco e estará em vós.

São *figuradas* estas palavras. O Espírito da Verdade, que Deus dá aos homens, é a verdade sempre relativa à inteligência dos que a recebem e cujo conhecimento lhes é revelado pelos Espíritos errantes em missão e pelos encarnados que, também em missão, recebem a inspiração divina por intermédio dos Espíritos superiores que os assistem e

guiam. Deste ponto de vista, o Espírito da Verdade foi sempre dado por Deus aos homens, porquanto a revelação é permanente e progressiva e a verdade sempre foi revelada na medida da compreensão que dela os homens podiam ter. Assim o é, em vossos dias, nos quais começa a nova era, e sê-lo-á futuramente, até à época em que o Mestre voltará para mostrá-la *sem véu.*

Para os apóstolos, como encarnados, o Espírito da Verdade, que Deus lhes havia de enviar, era o conhecimento da verdade correspondente às necessidades da missão que eles iam desempenhar e nas condições que o seu desempenho o reclamava, isto é, o conhecimento da missão de Jesus e da sua autoridade, conhecimento que, debaixo da inspiração divina, eles teriam, pela assistência, pela inspiração dos Espíritos do Senhor encarregados de os inspirar e guiar; conhecimento que lhes incumbia transmitir aos homens da época e que, pelas narrações evangélicas, chegaria às gerações futuras.

O Espírito da Verdade ficaria eternamente neles, porque, Espíritos devotados e adiantados, cumprida que fosse na Terra a missão que lhes coubera, eles teriam e têm que avançar, eternamente e cada vez mais, no conhecimento da verdade, com a assistência e a inspiração dos Espíritos que lhes são superiores. Ficaria eternamente com eles o Espírito da Verdade porque, como sabeis, se é certo que, para os Espíritos, há igualdade na pureza, não menos certo é que, pelo que toca à ciência universal, há *sempre* entre eles hierarquia, visto que o Espírito criado jamais poderá igualar a Deus.

O mundo não podia receber e conhecer esse Espírito da Verdade, que Deus daria aos apóstolos, porque, impuros, ou materiais e atrasados, os homens não eram capazes nem dignos de receber, como os apóstolos, o conhecimento da verdade sob a inspiração divina, de ter a assistência e a inspiração dos Espíritos superiores, que haviam de Assis-

tir e guiar os discípulos, chamados por Jesus para espalharem a boa nova.

V. 18. Não vos deixarei órfãos: virei a vós. — 19. Ainda, um pouco de tempo e o mundo não mais me verá; vós, porém, me vereis, porque eu viverei e vós vivereis também. — 20. Nesse dia, conhecereis que estou em meu pai e vós em mim e eu em vós.

Palavras igualmente *figuradas e todas de sentido espiritual* são estas de Jesus a seus apóstolos. Adverte-os primeiramente de que não lhes faltará a inspiração superior e de que ele lhes virá *espiritualmente,* enviando-lhes os Espíritos superiores com o encargo de os assistir e guiar.

Depois, alude à época, já então próxima, em que voltaria para a imensidade, época a partir da qual deixaria de ser materialmente visível aos olhos carnais, para só ser visível espiritualmente, aos olhos do Espírito, isto é, *pelo pensamento e pela fé.* Alude, pois, à vida espiritual e às relações espirituais que ela estabelece entre os Espíritos e os homens.

Assim era que o mundo, isto é, os homens impuros, ou materiais e atrasados, que só vêem com a vista corporal, que só vêem materialmente com os olhos do corpo, não mais o veriam; que seus discípulos o veriam *espiritualmente,* vendo, pelo pensamento e pela fé, a perfeição que ele na Terra personificara. Assim era que, para os apóstolos, ele viveria espiritualmente e que também eles viveriam a vida espiritual que lhes permitiria vê-lo pelo pensamento e pela fé. Assim era que conheceriam que ele está em comunicação com o pai, que é por este inspirado, bem como que eles, os discípulos, estavam em comunicação com ele Jesus; que ele os inspirava, por intermédio dos Espíritos superiores e que, reciprocamente, estava em comunicação com eles, inspirando-os e guiando-os.

Quando mesmo não mais o sentiam, os discípulos confiavam nele, confiança que teve a confir-

má-la a manifestação espírita doa Espíritos superiores que os haviam de assistir, inspirar e guiar, produzida sob a forma de "línguas de fogo".

V. 21. Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama. Ora, aquele que me ama será amado por meu pai e eu o amarei também e a ele me manifestarei. — 22. Perguntou-lhe Judas, não o Iscariotes: Senhor, qual a causa por que te manifestarás a nós e não ao mundo? — 23. Respondeu-lhe Jesus: Aquele que me amar guardará a *minha* palavra e meu pai o amará e viremos a ele e faremos nele morada. — 24. Aquele que me não ama não guarda a minha palavra. Ora, a palavra que tendes ouvido não é minha, mas de meu pai, que me enviou.

O que por essa forma disse Jesus tem alcance muito maior do que o que lhe dão os homens e não atinge unicamente o reduzido número dos que se dizem "cristãos", mas todos os que — abstração feita de cultos externos — praticam a moral do Cristo e assim atraem para si a sua proteção e, conseguintemente, a de Deus.

Deus e Jesus *amam a* todos os homens, porquanto Deus tem em si o amor universal, infinito, e Jesus, que participa desse amor, é, para o vosso planeta, a personificação e o emblema da lei de amor, que ensinou e praticou, em toda a extensão, durante a sua missão terrena. Mas, nem todos os homens *amam* a Deus e a Jesus, pois que a única maneira de os amar, neste mundo, de se lhes dar prova de amor, consiste em obedecer aos mandamentos de Deus, todos enfeixados na moral pura que o Cristo, seu órgão, seu enviado, pregou, estendendo-os e aplicando-os à humanidade inteira e declarando serem eles *toda a lei e os profetas.*

Deus e Jesus *amam* a todos os homens *no sentido* de que os abrangem a todos no seu amor, de que querem o progresso de todos e estão prontos a auxiliar esse progresso. Não os amam, porém, no

sentido de que só lhes dispensam sua proteção, quando eles a atraem, esforçando-se por seguir aquela moral, por obedecer àqueles mandamentos.

Deus e Jesus vêm aos que guardam essa moral, esses mandamentos, aos que os praticam. E "nesses fazem morada", *no sentido* de que lhes enviam, pelos bons Espíritos, incumbidos de a transmitirem, a inspiração de Jesus, que é, a seu turno, inspirado pelo Senhor. E essa inspiração, quando se mostram perseverantes, *permanece neles, suge*rindo-lhes o pensamento e o desejo do que é verdadeiro, justo e bom e, portanto, do belo e do bem, auxiliando-lhes o progresso, o adiantamento moral e intelectual.

É pela inspiração, que assim lhes vem, que Jesus se manifesta aos homens de boa-vontade.

O homem tem o seu livre-arbítrio, a liberdade de seus pensamentos e atos, como a responsabilidade de uns e outros. Os que não guardam os mandamentos que o Cristo deu e se embrenham pelas sendas do orgulho, ou do egoísmo, dos vícios, ou das paixões que transviam ou degradam a vossa humanidade, atraem a si as más inspirações, as más influências e, *desse modo,* afastam a inspiração divina. A eles, portanto, Deus e Jesus não vêm.

CAPÍTULO XIV
Vv. 25-31

O Consolador, que é o Espírito Santo, ensina todas as coisas. — Jesus dá sua paz a seus discípulos. — Seu pai é maior do que ele

N. 49. Dividi o trecho, segundo a ordem das idéias.

V. 25. Tenho-vos dito estas coisas, estando ainda convosco. — 26. Mas o Consolador, que é o Espírito Santo, que meu pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar tudo o que vos tenho dito.

Jesus anuncia aos discípulos o amparo que lhes trarão os Espíritos do Senhor, incumbidos de secundá-los na missão terrena que vão desempenhar.

O Mestre não promete que os Espíritos do Senhor lhes vêm trazer o conhecimento da ciência universal, mas apenas que lhes virão ensinar todas as coisas correspondentes às necessidades da época. Quem de outra forma compreendesse essas palavras suas estaria no direito de lhes negar valor, fundado em que não tiveram confirmação, porquanto longe ficaram os apóstolos *de conhecer todas as coisas,* tomadas estas expressões em sentido geral e absoluto, quer quanto à ciência, quer quanto à verdade na ordem das revelações. De fato, *o espírito* lhes era velado e eles caminhavam, *como tinha que ser,* do mesmo modo que a geração que os escutava, imersos nas trevas *da letra,* do *mistério e* do *milagre.*

Compreendidas de acordo com o pensamento que as ditou, entendidas *segundo o espírito que vivifica,* aquelas palavras significam o seguinte: "Mas, os Espíritos superiores, os bons Espíritos,

que Deus enviará em meu nome, para vos inspirar e guiar, ensinar-vos-ão, por inspiração, todas as coisas que correspondam às necessidades da época presente, ao desempenho da vossa missão e, também pela inspiração, vos farão lembrar de tudo o que vos tenho dito."

Em todas as palavras de Jesus achareis sempre a aplicação que têm ao presente e a promessa que encerram para o futuro.

Também vós tendes aprendido e aprendereis ainda por muito tempo, na medida do que vos seja necessário, até que estejais em estado de conhecer *todas as coisas,* assim na ordem física, como na ordem moral e intelectual, intelectual sobretudo, em relação à eternidade.

V. 27. A paz vos deixo; a minha paz vos dou. Não vo-la dou, como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se encha de sobressalto. — 28. Tendes ouvido o que eu vos disse: Vou-me e volto a vós. Se me amásseis, rejubilaríeis com o ir-me eu para meu pai, porque meu pai é maior do que eu.

Dando a *sua paz a* seus discípulos, Jesus lhes dava a consciência do dever cumprido, a força da fé, a ventura da esperança.

Para os *discípulos e para todos os homens,* ele estava, como estes, sujeito à morte. Daí vem que, dizendo: "Se me amásseis, rejubilaríeis com o ir-me eu para meu pai, porque meu pai é maior do que eu", lhes faz sentir que o verdadeiro amor não deve inspirar o egoísmo; que o homem, ao invés de lamentar a perda de um ente amado, deveria rejubilar e agradecer a Deus a libertação desse ente. Porque a morte liberta o Espírito da sua prisão terrena, mas não constitui uma barreira que o separe dos que ele na Terra deixou. o termo de suas provações e, portanto, o começo de seu progresso. Ora, o amor verdadeiro não está na união, que ela desfaz, dos corpos, mas na das almas, união esta que a

morte não atinge, que subsiste integral e é indestrutível.

Notai como, em todas as circunstâncias graves, Jesus assinala a sua inferioridade com relação ao Criador. Estas palavras: *"Meu pai é maior do que* eu" deveriam ter prendido a atenção dos que o fizeram, é preciso dizê-lo, participar materialmente de Deus.

Se ele fosse *uma fração da essência mesma de Deus* (falamos do ponto de vista "cristão" propriamente dito, adotado por efeito das interpretações humanas, que fizeram de Jesus uma *parte* da substância do pai, *potencialmente* igual a este), seria igual ao pai e não teria dito: "O pai é maior do que eu."

V. 29. E vo-lo digo agora, antes que aconteça, a fim de que, quando suceder, firme crença tenhais em mim. — 30. Não mais vos falarei, porque o príncipe do mundo vai vir, se bem nada haja em mim que lhe pertença, — 31, mas para que o mundo conheça que amo a meu pai e que faço o que meu pai me ordenou. Levantai-vos, vamo-nos daqui.

Dizendo a seus discípulos (v. 28); *"Tendes ouvido o que eu vos disse:* Vou-me e volto a vós; vou para meu pai", Jesus lhes lembra o que dissera, aludindo ao que os *homens considerariam* sua "morte", aludindo à sua "ressurreição", ao seu reaparecimento entre eles, à sua volta para a imensidade, na época dita da ascensão. Pelas palavras constantes do v. 29, chama-lhes a atenção para a predição que fizera desses acontecimentos, a fim de que, quando se verificassem, quando, pois, a predição se cumprisse, eles tivessem fé inabalável na sua missão e desempenhassem a que lhes pertencia.

As palavras: "O príncipe do mundo vai vir, *se bem nada haja em mim que lhe pertença", são figuradas.* Referem-se às angústias e incertezas que se apoderam do homem à aproximação da morte; que do homem se apoderariam, ao soar a hora de

um sacrifício tal como o do Gólgota. A tais angústias e incertezas ele é inacessível, mas, *para* os ho*mens,* que o consideravam homem e, portanto, sujeito à morte humana, vai sofrê-las, "a fim de que o mundo conheça que ama o pai e que faz o que o pai lhe ordenou", isto é, a fim de que o mundo conheça, que ele tem confiança em Deus, que lhe obedece com respeito e amor, que cumpre a missão que Deus lhe confiou; a fim, igualmente, de que a sua missão seja aceita, produza frutos no momento e no futuro, primeiramente segundo *a letra,* depois segundo o *espírito,* nos tempos da revelação, por ele predita e prometida, do Espírito da Verdade.

CAPÍTULO *XV*
Vv. 1-11

Parábola da videira e das varas

V. 1. Eu sou a verdadeira videira e meu pai é o vinhateiro. — 2. Ele cortará todas as varas que não derem fruto em mim e mondará todas as que dão fruto, para que dêem mais. — 3. Já estais limpos em virtude da palavra que vos anunciei. — 4. Permanecei em mim e eu permanecerei em vós. Assim como a vara não pode dar fruto de si mesma, se não permanecer ligada à videira, o mesmo vos sucederá, se não permanecerdes em mim. — 5. Eu sou a videira e vós as varas. Aquele que permanece em mim e em quem eu permaneço dá muito fruto. Porque, sem mim nada podeis fazer. — 6. Aquele que não permanecer em mim será lançado fora como a vara inútil, secará e o enfeixarão e meterão no fogo para ser queimado. — 7. Se permanecerdes em mim e as minhas palavras em vós permanecerem, tudo o que quiserdes pedireis e vos será concedido. — 8. A glória de meu pai está em que deis muito fruto e vos torneis meus discípulos. — 9. Como meu pai me amou, eu vos amei. Permanecei no meu amor. — 10. Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, assim como eu, que guardei os mandamentos de meu pai, permaneço no seu amor. — 11. Tenho-vos dito estas coisas para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja plena e perfeita.

N. 50. Usando dessa linguagem *figurada,* apropriada às inteligências dos homens da época, *pela letra, e* destinada *a* ser explicada *e* compreendida *segundo o espírito,* Jesus proclama a superior ação dirigente do Criador sobre *a* vossa humanidade, por seu intermédio, como Espírito fundador, protetor e governador do vosso desenvolvimento e progresso. Explica *os* modos e *meios* de realização desse desenvolvimento e desse progresso, as *únicas* condições mediante as quais podem um e outro ser

obtidos e a expiação de que se tornam passíveis os que se afastam do caminho que ele traçou. Mostra a seus discípulos o laço de amor que a ele os une, o meio de cumprirem fielmente a missão de que estavam incumbidos, meio que consiste na observância dos mandamentos que lhes deu.

(V. 1.) Estas palavras: *"Eu sou a verdadeira videira e meu pai é o vinhateiro"* encerram mais um testemunho da sua natureza inferior com relação ao pai.

(V. 2.) "O pai corta todas as varas que não dão fruto em Jesus e monda todas as que dão fruto, para que dêem mais." Quer isto dizer: aqueles que, violando o duplo mandamento de Deus, que Jesus declarou conter *toda a lei e os profetas e* cuja observância implica a do Decálogo e a obrigação, para cada um, de proceder com os outros como quereria que os outros com ele procedessem, se desviam das sendas traçadas pelo Mestre e se comprazem no mal, são deixados neste, por virtude da inviolabilidade do livre-arbítrio, mas com a responsabilidade que decorre da posse e do uso desse dom. Submetidos seus maus atos ao fogo da expiação, nada mais produzem senão cinzas, como a vara inútil queimada. Os que de tal maneira se conduzem são relegados em "condições inferiores". O Senhor olha benevolamente para os que tomam as sendas que o Mestre traçou, para aqueles cujas obras são boas. Dá-lhes a faculdade de mais ainda se melhorarem, por meio de provas e missões, a fim de que produzam frutos cada vez mais abundantes.

(V. 3.) Os discípulos *já estavam limpos por efeito da palavra que Jesus lhes anunciara.* Estavam preparados para cumprir fielmente a missão que traziam. Já o dissemos: os discípulos, ainda que em graus diversos de adiantamento, eram Espíritos adiantados, cujas inteligências e faculdades se achavam entorpecidas pelo invólucro material. As prédicas de Jesus lhes auxiliaram o desenvolvimento das faculdades. O desejo ardente de obede-

cerem ao Mestre, o amor sem limites que lhe consagravam os impeliam a avançar cada vez mais pela senda do progresso. A inspiração dos Espíritos do Senhor, que os viriam assistir e guiar, ajudá-los-ia e sustentaria na tarefa que tinham de executar.

(V. 4.) "Permanecei em mim e eu permanecerei em vós. Assim como a vara não pode dar fruto de si mesma, se não permanecer ligada à videira, o mesmo vos sucederá, se não permanecerdes em mim." Estas palavras figuradas, dirigidas aos apóstolos, se referem a todos os tempos e se aplicam, segundo o pensamento do Mestre, a todos os homens. Nenhum pode dar bons frutos, fazer boas obras, desde que se separa da videira, que Jesus personifica e que é o amor e a verdade.

(Vv. 5-6.) Jesus é a cepa da videira e todos os homens, como o eram os discípulos, são as varas. Ele a todos protege e governa e é o único encarregado do desenvolvimento e do progresso de todos. O que permanece nele e em quem ele permanece produz muitos frutos. Quer dizer: aquele que segue, com perseverança e sem se desviar, a moral que ele pregou, esse progride e se depura, avança com rapidez, moral e intelectualmente, e, ajudado pela inspiração divina, que ele lhe transmite hierarquicamente por intermédio dos Espíritos superiores e dos bons Espíritos, produz muitos frutos em suas provas ou missões.

"Aquele que não permanecer em Jesus, será lançado fora como vara inútil, secará e o enfeixarão e meterão no fogo para ser queimado": Aquele, que não segue a moral que Jesus pregou e deixa de praticá-la, se engolfa no mal e, falindo em provas, ficará estacionário, como todo Espírito culpado. Quando soar a hora, a expiação o atingirá. Queimá-lo-á o fogo do remorso, que lhe fará nascer no íntimo o desejo de reparar e progredir, com o auxílio de novas provas, nas condições inferiores em que tiver caído.

(Vv. 7-8-9-10-11.) As palavras, que destes ver-

síçulos constam, também dirigidas por Jesus a seus discípulos, as exortações e promessas que contêm se aplicam igualmente a todos os que, de futuro, viriam a tornar-se seus discípulos, caminhando na senda, que ele traçou, do amor e da verdade. E essas palavras não precisam de comentários. Elas se resumem *assim:* força e poder da fé, progresso incessante pela prática contínua da lei de amor, alegria por efeito da paz do coração, da pureza e serenidade da consciência, satisfação do dever cumprido, progresso pessoal e coletivo, obtido com o auxílio das provas e das missões.

Está compreendido que os que permanecem em Jesus, isto é, que permanecem na estrada que ele abriu, não podem pedir senão o que é justo e bom e para lhe ser concedido no tempo e nas condições que só Deus estabelece e determina. Do mesmo modo, compreendido está que Jesus não diz aqui, como jamais o disse, *em que momento o* pedido será satisfeito.

CAPÍTULO XV
Vv. 12-17

Amarem-se uns aos outros. — Os servos, os amigos de Jesus. — Sua missão

V. 12. O mandamento que vos dou é que vos ameis uns aos outros, como eu vos tenho amado. — 13. Ninguém pode ter maior amor do que o de dar a vida pelos seus amigos. — 14. Sois meus amigos, se fazeis o que vos mando. — 15. Já vos não chamarei de servos, porque o servo não sabe o que faz seu senhor. Chamei-vos meus amigos, porque vos tenho feito saber tudo o que aprendi de meu pai. — 16. Não fostes vós que me escolhestes, eu é que vos escolhi para que vades e deis frutos e o vosso fruto perdure sempre e meu pai vos dê tudo o que lhe pedirdes em meu nome. — 17. O que vos mando é que vos ameis uns aos outros.

N. 51. Estas palavras, dirigidas aos discípulos, têm, como sempre, uma aplicação geral. Aplicam-se a todos os homens de boa-vontade, daquela época e do futuro, pois que tudo quanto o Mestre disse constitui um ensino para a humanidade.

(Vv, 12-13.) Jesus manda que seus discípulos *se amem* uns aos outros como ele *os amou,* isto é: que pratiquem a lei de amor entre si e com relação a todos os homens, conforme ele a praticou em toda a sua extensão.

Formulando esse mandamento, faz um apelo à fraternidade universal, mediante a reciprocidade e a solidariedade no amor.

Dá aos homens o maior de todos os ensinamentos que os Evangelhos encerram, no que diz respeito ao amor universal em o vosso planeta. Efetivamente, o amor puro e abnegado não é a fonte de todas as virtudes, a base do dever, o alvo de todas as aspirações? Aquele que *ama* a Deus outra coisa não pode fazer que não seja esforçar-se

por cumprir, com infatigável zelo, os mandamentos que dele recebeu. Tem que amar a seus irmãos com a abnegação, o devotamento e a caridade incessante com que o *amou* aquele que se fez "homem" para ensinar aos homens o amor. Tem que estender esse sentimento a todos os seres da criação, porque todos são obra do Pai, todos concorrem para sua glória, todos são um hino vivo em sua honra.

(Vv. 14-15.) É amigo de Jesus todo aquele que, como os discípulos, pratica a moral que ele pregou, caminha cumprindo suas provas, suas missões, pela senda que ele indicou. Esse é seu amigo, pois que corresponde aos esforços que pelo seu desenvolvimento e progresso ele fez, e prova, dessa maneira, que lhe tem amor. Esse estabelece assim uma relação, uma atração fluídicas que o depuram e que, fazendo-o progredir, o elevam e aproximam cada vez mais do Mestre amado.

O servo pode ser considerado como o discípulo sujeito à lei material, sofrendo-a, sem inteligência e sem satisfação, qual jugo que lhe é necessário suportar, sem que o possa alijar de si.

Os a quem Jesus chama *amigos* são os que, servindo-se, como os discípulos, da razão, para desenvolverem o coração, sentem que neste lhes crescem o amor e o zelo, à medida que melhor compreendem as intenções e a paternal bondade do soberano a cuja lei amorosamente obedecem.

"Chamei-vos de meus amigos, diz Jesus, porque vos tenho feito saber tudo o que aprendi de meu pai."

Relativamente aos apóstolos, Jesus lhes ensinou tudo o que ele tinha por missão ensinar *naquele momento. Os* apóstolos estavam aptos a apreciar, até certo limite, as vistas providenciais do pai, a compreender o objetivo da vida humana e a lei que a rege. Jesus lhes fizera saber, sob o véu *da letra, o* que ele tinha a missão de lhes ensinar e nas condições apropriadas a que desempenhassem o mandato

que lhes era deferido e a que este desse os frutos que devia dar.

Relativamente aos tempos vindouros, Jesus, além dos ensinos ministrados sob o véu *da letra aos* apóstolos, põe os elementos básicos dos que haviam de seguir-se àqueles, *segundo o espírito. Faz* que no solo germinem as raízes destinadas a dar nascimento a um sólido tronco, do qual brotassem galhos carregados de frutos. Em outros termos: assentou as bases da ciência que neste momento desenvolveis e que, crescendo sempre, vos dará, cada vez mais, direito ao título de *amigos do eleito,* pondo-vos, cada vez melhor, em condições de compreender *a causa de* todas as coisas, *o objetivo e os segredos* da vontade divina.

(V. 16.) Certo, não foram os apóstolos que escolheram a Jesus, que lhe conferiram a missão terrena que ele desempenhou. Certo, não foram os Espíritos colocados neste ínfimo planeta que escolheram aquele que, por devotamento, por amor, aceitou o encargo de conduzi-lo. Ao contrário, foi ele, filho, pela sua pureza, do Deus vivo, que espontaneamente tomou sobre si o pesado fardo de tirar do caos ou da imensidade fluídica os elementos constitutivos do vosso planeta, de lhes dar direção e, de algum modo, a vida, de prover ao progresso da inteligência e da matéria. Foi ele quem tomou o da missão terrena que desempenhou, quem prepôs, visando o progresso pessoal deles e o progresso coletivo da humanidade, os discípulos à missão que desempenharam, cujos frutos jamais hão de perecer e se conservarão imperecíveis, como ponto de partida para os novos progressos que a falange inumerável dos Espíritos em missão, também prepostos do Mestre, têm, desde o tempo dos apóstolos, preparado e realizado até aos vossos dias e continuarão a preparar e realizar daqui por diante.

Foi ele, filho, pela sua pureza, do Deus vivo, que prepôs os discípulos, como prepõe todos os homens de boa-vontade, a fim de que o pai lhes dê,

nas provas, nas missões, tudo que pedirem em nome dele.

Tudo que o homem pede ao pai, invocando o pensamento sublime do filho, lhe será concedido, porquanto o homem que compreender a força de tal pedido nada pode desejar que seja contrário ao bem geral. Nada pedirá com propósitos *egoístas,* nem tendo em vista a satisfação de aspirações *pessoais.* A felicidade de todos os homens, seus irmãos, o progresso de todas as criaturas, o desenvolvimento do amor a Deus e da caridade, eis o que lhe inspirará as preces; eis o a que o Senhor atende sempre, não como o pai de família que dá ao filho um brinquedo que este quebrará no mesmo instante, porque não lhe conhece a fragilidade, mas como o pai previdente que diz a seu filho: "O que pedes é bom e justo. Será feito como desejas, *quando chegar o momento oportuno."* E, *como o* homem sabe que tem a eternidade diante de si, como sabe ser preciso, não só que progrida, mas que progridam e se elevem todos os que o cercam, desde a mônade invisível até o gênio encarnado, espera com confiança, certo de que tudo o que pede lhe será concedido, porque tudo o que pede é bom e justo.

(V. 17.) Jesus reitera o mandamento pouco antes dado a seus discípulos — o de *se amarem* uns aos outros. Para os discípulos, a prática do amor era, como é para todos os homens, a fonte e o meio de todo progresso, de toda elevação, *a única* maneira de alcançarem êxito nas provas e nas missões, *o único* caminho por onde a humanidade pode e tem que passar, na sua marcha ascendente para mundos superiores.

CAPÍTULO *XV*
Vv. 18-27

Jesus prediz a seus discípulos o ódio e as perseguições que lhes acarretará o desempenho da missão de que se acham incumbidos. Prediz-lhes o futuro advento do Espírito da Verdade e sua vinda para eles

N. *52.* Separai os versículos, para que cada um tenha a sua explicação especial.

V. 18. Se o mundo vos odeia, sabei que me odiou a mim primeiro do que a vós.

Facilmente compreensíveis vos devem ser estas palavras. Os Espíritos inferiores então encarnados, não obedecendo à lei de amor que existe naturalmente no coração do homem, odiavam aquele que é todo amor.

Não tomeis a palavra em sua acepção literal, no sentido que lhe dão os vossos costumes e linguagem. Não se trata de um sentimento de ódio pessoal contra Jesus. O vocábulo aqui significa falta de atração para ele e, por conseguinte, de submissão às inspirações que ele e os bons Espíritos prepostos jamais deixaram de transmitir aos homens, de acordo com o respectivo desenvolvimento e categoria.

V. 19. Se fôsseis do mundo, o mundo amaria ao que seria seu; mas, porque não sois do mundo e eu vos escolhi do seio do mundo, por isso é que o mundo vos odeia.

Os apóstolos e a maior parte dos primeiros discípulos eram, como temos explicado, Espíritos já adiantados, que aceitaram aquela encarnação,

com o propósito de secundarem o Mestre, de trabalharem pelo adiantamento próprio, facilitando o de seus irmãos. Tinham naturalmente que suscitar contra si os mesmos sentimentos que contra o Mestre se houvessem manifestado, sentimentos que haviam de contra eles externar-se, como sucedera relativamente àquele, pela violência, pelas perseguições físicas e até, para a maioria deles, pelo suplício. Nada disso, entretanto, motivado pelas suas personalidades, mas pela doutrina, pela palavra que lhes incumbia espalhar.

Vede que não há nenhuma idéia de predestinação nisto que Jesus diz: "Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que seria seu; mas, porque não sois do mundo e vos escolhi do seio do mundo, por isso é que o mundo vos odeia". Efetivamente, ao fazerdes as reflexões a que dão lugar estas palavras, que parecem anunciar uma espécie de predestinação, não esqueçais que todo Espírito elevado, superior, que, baixando à Terra em missão, se reveste de carne corruptível, de novo se torna falível. "Escolhido, por essa forma, do seio do mundo, ele pode, em conseqüência dessa falibilidade, ser, até certo ponto", *do mundo* e o mundo pode amá-lo como a um *que lhe pertence.* Ele se torna de novo falível, não como um Espírito inferior, mas relativamente à sua natureza. Não olvideis que a carne é instrumento ingrato, que precisa ser vigiado com perseverança.

Não se segue do que vimos de dizer que um Espírito superior, que aceita uma missão na Terra e não a desempenha *inteiramente* sem fraqueza, possa retrogradar, não. Mas, menos do que devera ser, fica sendo o seu progresso, por efeito daquele ato de devotamento. Corresponderá ao maior ou menor esforço que ele haja empregado contra os desfalecimentos inerentes à humanidade terrena.

V. 20. Lembrai-vos do que eu vos disse: "O servo *não é* maior do que o seu senhor." Se me perseguiram

a mim, também a vós perseguirão; se guardaram a minha palavra, também a vossa guardarão. — 21. Mas, todos esses maus tratos eles vos darão por causa do meu nome, porque não conhecem aquele que me enviou.

Jesus repete o que anteriormente dissera (capítulo XIII, v. 16): *"O servo não é maior do que o seu Senhor." Em o* n. 44, pág. 412 deste tomo, já demos o sentido e a explicação dessas palavras.

Nesse passo, segundo *a letra,* significavam que, não sendo mais do que ele, que era o Senhor, os discípulos não podiam escapar à perseguição, uma vez que ele próprio fora perseguido.

Elas nenhuma aplicação têm, consideradas do ponto de vista vulgar. Do ponto de vista espírita, porém, amplo sentido encerram.

Do ponto de vista católico, ou de qualquer outro cisma cristão, a alma, criada *para* um que na Terra será servo, pode ser igual, aos olhos de Deus, à alma criada *para um* que será na Terra senhor. Mas, então, razão não há para que sejam diferentes os seus destinos. Assim como o servo pode falir no cumprimento da sua tarefa, também o senhor pode abusar da sua força e do seu poder. Se ambos cumprirem seus destinos, o senhor terá sido sempre mais favorecido do que o servo, o que implica *uma preferência, uma desigualdade.*

Não venha a Igreja dizer que, depois da morte, o servo será mais recompensado do que o senhor. Sendo *iguais os* merecimentos, não há cabida para tal. Aquele que, como senhor, fez todo o bem que podia, desempenhou a sua tarefa, do mesmo modo que desempenhou a sua o servo, desde que cumpriu com zelo, devotamento e resignação todos os seus deveres. Porque será este mais recompensado do que o outro? Com que direito receberia mais do que o seu senhor? Foi ele quem escolheu a posição ínfima de servo? Com que fundamento o senhor lhe ficaria abaixo? Foi ele quem pediu a posição de mando? *Responda a isso a Igreja.*

Como vedes, por qualquer lado que encareis a questão, se puserdes de parte a reencarnação — remuneradora *do passado,* agente de progresso *para o futuro* — caireis inevitavelmente no arbitrário, com relação aos destinos, e fareis de Deus, que é a justiça perfeita, *um poder caprichoso, reinando a seu bel-prazer.*

Do ponto de vista espírita, aquele que é servo "hoje" foi senhor "ontem" e o será "amanhã". Da mesma forma, aquele que é "hoje" senhor foi servo "ontem" e o será "amanhã". Há, pois, igualdade completa em face da lei de reencarnação, que é, repetimos, remuneração *do passado,* agente de progresso *para o futuro.* Não há nem favor, nem sorte, na desigualdade entre os homens. Essa desigualdade deriva unicamente do modo por que os Espíritos cumprem a obrigação de "proceder bem".

Que este pensamento penetre fundo no coração humano e o senhor será o amigo, o amparo, o sustentáculo do servo e o servo será a consolação, o irmão dedicado de seu senhor. Desse modo, sem se subverter a ordem social, nem derramar o sangue humano para, pela violência, conseguir-se a realização das doces promessas de liberdade, fraternidade e igualdade feitas por Jesus, ver-se-á reinar na Terra a unidade, a liberdade *sem limites,* a fraternidade *sem restrições,* o amor universal.

"Se me perseguiram a mim, diz Jesus, também a vós vos perseguirão; se guardaram as minhas palavras, também guardarão as vossas. Mas todos esses maus tratos eles vos darão por causa do meu nome, porque não conhecem aquele que me enviou."

O nome de Jesus, como sabeis, apresenta ao Espírito e simboliza a lei que ele pregou. Ora, os que já haviam realizado um certo progresso tinham ou o conhecimento, anteriormente adquirido, ou a intuição da lei de amor que as palavras do Mestre fizeram que despertasse nas inteligências e nos corações.

Os que estavam ainda muito atrasados e se compraziam no orgulho e no mal recusavam admitir essa lei, repeliam tudo o que lhes parecia vir da pessoa de Jesus, por não compreenderem que Deus é a fonte originária donde dimana todo bem.

Entre vós, presentemente, não se dá o mesmo? Não tendes ainda aí, nas igrejas e seitas ortodoxas, egoístas e intolerantes, os "filhos de *Abraão", a* se dizerem *únicos* herdeiros do reino de Deus, não vendo, entretanto, no Pai senão um Deus vingativo, cioso e exclusivista no seu amor?

Os homens não conheciam e poucos ainda conhecem aquele que enviou o seu Messias ao mundo para regenerar a humanidade. Dai vem que Jesus absorveu e personifica, para a maioria dos homens, nesse meio que chamais — "a cristandade", o Deus senhor e criador dos universos, no infinito e na eternidade. Daí, o culto especial consagrado a Jesus, o terem-no feito partícipe da divindade. Meio foi este de se conciliarem as crenças hebraicas com as dos Gentios. Conservou-se a divinização do Messias e do "Espírito Santo" que, sabeis, é o conjunto dos Espíritos do Senhor, encarregados de transmitir aos homens a inspiração divina. Foram-lhes assim oferecidas três divindades *distintas* em *uma,* na mesma personalidade: uma — indivisível, eterna e infinita, da qual duas partes *se* destacam, para tomarem forma e se circunscreverem no *finito,* voltando depois a se absorverem, a se misturarem, a se perderem na *unidade indivisível.*

V. 22. Se eu não tivesse vindo e não lhes houvesse falado, eles não teriam o pecado que têm; mas agora não têm desculpa do seu pecado.

Mal compreendidas, estas palavras envolvem a idéia de predestinação para a criatura, porquanto Deus, onisciente, ao enviar o seu Messias aos homens, havia de saber que uma inumerável porção deles não o admitiria e, nessas condições, lhes teria

condenado as almas — segundo a doutrina católica — aos suplícios de um inferno eterno. Oh! inconseqüência humana!

Os Espíritos encarnados naquela época, como todos os que revestem um invólucro material, tinham que trabalhar pelo seu adiantamento. Prometidos lhes estavam os meios de o conseguirem.

A eles, pois, competia saber servir-se desses meios, quando fosse tempo.

Assim é que a todos estava facultado ouvirem aquela voz a lhes prometer paz, desde que aprendessem a fazer obras de paz. Eles, porém, esquecendo suas resoluções espíritas, ou atendo-se aos seus maus pendores, taparam os ouvidos e fecharam os corações.

Se o Cristo não houvesse descido até eles, como fora anunciado, o julgamento seria outro, visto que os encarnados não teriam tido os mesmos meios para se adiantarem. Mas, tendo-se feito ouvir a voz do Alto, os que voluntariamente taparam os ouvidos se tornaram culpados, repelindo o "ramo de oliveira" que se lhes estendia e, por isso, se condenaram, eles próprios, a permanecer por muito tempo ainda no lodaçal do vício. E isto que dizemos não se aplica unicamente ao reduzido número de almas que se gruparam em torno de Jesus durante a sua missão, mas a todos os que não querem ver nem ouvir o que lhes é pregado e mostrado *com o objetivo da sua melhoria moral.* Tampouco se aplicam as nossas palavras unicamente aos que repelem a lei de Jesus no vosso continente (sabeis que, de acordo com o pensamento do Mestre, por essa lei deveis entender a lei de amor), porém a todos os que hão sido postos em condições *de se melhorarem e que não o têm querido. Todos* esses atraem sobre si a condenação, rejeitando a graça.

Ainda uma explicação, pois que, para os ouvidos humanos, se fazem precisos sons claros e inconfundíveis. Não damos o nome de *graça ao* favor que, *segundo dizem, o* pai concede a um de seus filhos,

com preterição de outro, por efeito exclusivo da sua vontade. Chamamos *graça aos* meios dados ao homem para progredir, a luz que, sob qualquer forma e seja qual for o nome com que a designem, lhe é enviada e que ele tem a liberdade de aceitar ou de rejeitar, no uso da sua vontade pessoal.

V. 23. Aquele que me odeia também odeia a meu pai. — 24. Se eu não houvesse feito, entre eles, obras quais ainda nenhum outro fez, não teriam o pecado que têm. Mas agora eles as viram e me odiaram a mim e a meu pai, — 25, a fim de que se cumpra esta palavra que está escrita na lei deles: Odiaram-me sem nenhum motivo.

A propósito do v. 18, explicamos o sentido do termo *"odiar",* com relação a Jesus. A mesma acepção tem esse vocábulo, quando empregado relativamente ao pai.

Comentando o v. 20, também acabamos de explicar o sentido destas palavras, que Jesus *intencionalmente* repete, debaixo *de novo aspecto:* "Não teriam o pecado que têm, *se eu não houvesse feito, entre eles, obras quais ainda nenhum outro fez."*

Odiar a Deus e o seu enviado é recusar-se a obedecer à lei de Deus, à lei de amor que Jesus pregou, por conseguinte, conservar-se indefinidamente afastado do pai, conservando-se afastado do seu enviado, uma vez que só o sentimento do amor pode levar o homem a aproximar-se deste.

Não é odiar ou aborrecer o pai negar-se a criatura a se elevar para ele? O amor não é a alavanca que impele o homem a se unir, num arroubo de reconhecimento e de alegria, ao dispensador de todos os bens?

O Espírito posto em condições de progredir e que a isso se recusa acorrenta-se, por efeito dessa recusa, à inferioridade. Não vades supor que uma espécie de força fluídica o impeça de elevar-se. São os próprios fluidos do Espírito inferior que o retêm nas esferas que lhe correspondem, enquanto o de-

sejo de progredir não purifica aqueles fluidos. Porque o Espírito tem o seu livre-arbítrio, sua inteligência independente. É senhor, portanto, de ficar estacionário, ou de avançar. É ele quem, por seus pendores, instintos e sentimentos, estabelece para si as relações similares a que, conforme a natureza da atração fluídica espiritual que provocar, se torna acessível, acorrentando-se, repetimos, à inferioridade, ou elevando-se. É ele quem, por seus atos e conforme o uso que faz do seu livre-arbítrio, determina a aplicação, ou da lei imutável de estagnação, da lei imutável do sofrimento expiatório, ou da lei imutável do progresso, lei inevitável através dos tempos e dos séculos, como é a da perfectibilidade sob o império da Providência divina, cujos modos e meios de ação a revelação espírita já vos desvendou até certo ponto, relativamente à humanidade terrena.

Eles me odiaram a mim e a meu pai, diz Jesus, a fim de que se cumpra esta palavra que está escrita na lei deles: Odiaram-me sem nenhum motivo.

Efetivamente, nada se origina do que chamais — o acaso. Existe sempre uma causa, uma razão de ser para todas as coisas. O acaso é a vossa ignorância da razão de ser, da causa do fato que observais.

O estado e as condições de progresso do povo hebreu, quando, sob a inspiração divina, mas sem ter consciência dessa inspiração, o profeta proferiu aquela palavra, davam a ver o que seria esse povo, por ocasião do aparecimento do Messias e o que havia de acontecer. Para Deus, bem o sabeis, não há, como para vós ínfimas criaturas, passado, presente e futuro. Tudo está constante e instantaneamente patente às suas vistas, na eternidade.

"Odiaram-me sem nenhum motivo." Isto é fácil de compreender-se. Pode a criatura ter uma causa, um motivo para se conservar afastada do Senhor? Aqueles que assistiram ao aparecimento de Jesus na Terra e ao desempenho da sua missão tinham

qualquer causa ou motivo para permanecerem afastados dele?

V. 26. Mas, quando o Consolador, o Espírito da Verdade, que procede do pai e que eu vos enviarei da parte de meu pai, vier, dará testemunho de mim. — 27. E também vós dareis testemunho, porque estais desde o principio comigo.

Estas palavras de Jesus, segundo o pensamento que as ditou, isto *é*, *segundo o espírito que vivifica,* compreendem, do ponto de vista do desenvolvimento dos apóstolos e da missão que tinham de desempenhar, a época em que foram pronunciadas e também o futuro, objetivando os tempos então vindouros da era nova que se abre diante de vós e a época para que vos encaminhais.

O *Espírito da Verdade, que procede do pai, é* a luz, a ciência, a verdade que os Espíritos, assim errantes como encarnados, trazem aos homens, aqueles por meio da inspiração ou da ação mediúnicas, os outros por meio da palavra.

Relativamente aos apóstolos, o Espírito da Verdade que Jesus lhes enviaria eram os Espíritos do Senhor que os haviam de assistir, inspirar e guiar, de lhes desenvolver as faculdades pessoais e de, exercendo sobre eles ação mediúnica, supri-los do que lhes faltasse, tanto do ponto de vista espiritual, como do da ação magnética.

Assim, com esse auxílio e esse concurso, *é* que eles haviam de dar testemunho de Jesus, isto é, da sua doutrina, das palavras que proferira e dos atos que praticara durante a sua missão terrena, dos fatos e sucessos dominantes dessa missão.

E Jesus lhes disse: "Também vós dareis testemunho de mim, porque estais *comigo desde o princípio."* Tendo encarnado para secundá-lo na Sua missão, os apóstolos estavam com ele desde o princípio desta.

Com relação ao futuro, deveis entender por esse Espírito da Verdade, cujo advento Jesus anuncia,

os Espíritos do Senhor, quer errantes, quer encarnados, novos mensageiros seus, que vos tinham de ser enviados ao tempo da era nova que se inicia e que o serão, na época para que vos encaminhais, a fim de acabarem de espalhar sobre o mundo as claridades celestes.

E os novos mensageiros encarnados virão, pela palavra, dar testemunho dele, espalhando a caridade e o amor pelo exemplo e, progressivamente, a luz, a ciência, a verdade, que procedem do Senhor onipotente e que o Mestre personifica para o vosso planeta. E, pois que as personifica, ele as virá completar e sancionar, mostrando a verdade *sem véu,* quando a pureza dos vossos corações e o desenvolvimento das vossas inteligências vos houverem tornado capazes e dignos de a receber, compreender e guardar.

Os Espíritos do Senhor, seus mensageiros, quer na erraticidade, quer encarnados, trazem ao homem o conhecimento da verdade compatível com a sua inteligência. E a consciência do homem recebe esse conhecimento, ou se fecha, repelindo-o. O que recebe o Espírito da Verdade é aquele cuja consciência, esclarecida pelos mensageiros do Senhor, compreende as coisas que até então lhe estavam ocultas.

CAPÍTULO XVI
Vv. 1-15

Continuação das predições de Jesus quanto às perseguições de que serão vítimas seus discípulos e quanto ao futuro advento do Espírito da Verdade e à sua missão

N. 53. Pois que as palavras de Jesus abrangem, conforme ao seu pensamento, a época em que foram ditas e o futuro, com relação a essa época, temos que vos dar sobre elas explicações especiais.

V. 1. Eu vos tenho dito estas coisas, a fim de que não vos escandalizeis.

Quer isso dizer: A fim de que, estando prevenidos da sorte que todo missionário deve esperar entre Espíritos atrasados, a aceiteis como uma conseqüência inevitável.

Essas palavras, dirigidas por Jesus a seus discípulos, encerravam também uma advertência para todos os que, como apóstolos, então e de futuro, desempenhassem a missão de espalhar a verdade em meio atrasado e refratário. Elas se aplicam igualmente, nos vossos dias e nos tempos vindouros, aos apóstolos da nova revelação, os quais devem todos aceitar a sorte que os espera, nos meios em que houverem de executar a sua tarefa, de acordo com o estado de progresso e civilização dos Espíritos a quem se dirigirem.

V. 2. Eles vos expulsarão das sinagogas e vem o tempo em que aquele que vos der a morte acreditará fazer coisa agradável a Deus. — 3. Tratar-vos-ão assim porque não conhecem a meu pai, nem me conhecem a mim. — 4. Ora, tenho-vos dito estas coisas, a fim de que, quando vier o tempo, vos lembreis de que eu as disse.

O pensamento de Jesus, ao falar desse modo, abrangia todos os que, em todas as épocas, como seus discípulos, hão pregado, pregam e pregarão a verdade, combatendo os abusos e os vícios.

Os que hão praticado a intolerância, o fanatismo, a perseguição dos discípulos e lhes deram a morte, acreditando que faziam coisa agradável a Deus, assim procederam porque não conheciam o pai, que é o Deus de amor, que é o amor universal, infinito, e porque não conheciam a Jesus, que era o enviado do Senhor, o *emblema* da lei de amor, nem a grandeza e o objetivo da sua missão, que era a regeneração da humanidade, pela justiça, pelo amor e pela caridade, conseguintemente pela fraternidade entre todos os homens.

Os que, desde o tempo em que os apóstolos desempenharam a sua missão até os vossos dias, têm praticado a intolerância, o fanatismo, a perseguição; têm vertido o sangue humano, acreditaram sempre estar praticando atos agradáveis a Deus e assim procederam porque também não conheciam a Deus nem a Jesus. Desconheceram a um e a outro e os ultrajaram, calcando aos pés a lei de amor, que implica a liberdade do Senhor, isto é, a liberdade da razão, a da consciência, o livre exame *e, portanto*¸ a tolerância e a caridade.

Oh! homens, não repilais a luz e a verdade que vos traz a nova revelação, trazendo-vos o conhecimento do pai e de Jesus. Quando os conhecerdes, não praticareis mais a perseguição, nem moral, nem física. Não mais derramareis o sangue humano. Seguireis, impelidos pelo "Espírito da Verdade", a senda do progresso, com essa liberdade que Deus outorgou ao homem, como apanágio do seu livre-arbítrio, da sua razão, da consciência, e da qual sabereis servir-vos praticando a tolerância e a caridade.

N. 5. Não vo-las disse desde o principio, porque estava convosco; agora, porém, vou para aquele que me enviou e nenhum de vós me pergunta para onde

vou. — 6. Mas, porque vos disse essas coisas, encheu-se-vos de tristeza o coração. — 7. Entretanto, digo-vos a verdade. Convém que me vá, pois, se não me for, o Consolador não vos virá. Se, no entanto, me for, eu vo-lo enviarei.

Durante a missão de Jesus, importava que os apóstolos e os outros discípulos se conservassem na incerteza, quanto à natureza dessa missão e às suas conseqüências. Somente depois de consumado o sacrifício do Gólgota, tinha ela que lhes ser revelada.

Os Espíritos do Senhor, seus mensageiros, eram, como sabeis, o Consolador que Jesus lhes enviaria a inspirá-los e guiá-los no desempenho da missão que lhes cabia. Esse Consolador era, para a época, uma personificação do Espírito da Verdade e os apóstolos também o haviam de ser, visto que igualmente eram mensageiros do Senhor, missionários encarnados para espalharem pelos homens a luz, a ciência, a verdade correspondente às inteligências e às necessidades de então.

Mas, o Consolador, que é o Espírito Santo, o Espírito da Verdade, não tinha sua personificação e sua missão *limitadas pelas* dos Apóstolos. No futuro, teria, como teve naquela época e o tivera no passado, de executar a sua tarefa por meio dos Espíritos do Senhor, quer errantes, quer encarnados, seus novos mensageiros, missionários enviados em auxílio do progresso da humanidade, para ajudá-la a caminhar e avançar pela senda da verdade.

V. 8. E, quando ele vier, convencerá o mundo quanto ao pecado, quanto à justiça e quanto ao juízo. — 9. Quanto ao pecado, porque não creram em mim; — 10, quanto à justiça, porque vou a meu pai e não mais me vereis; — 11, quanto ao juízo, porque o príncipe do mundo já está julgado.

Os Espíritos encarnados naquela parte do globo onde Jesus desempenhou a sua missão, onde fez ouvir a sua palavra e praticou os atos que conheceis,

tinham — *com prova* — de receber ou repelir a luz que lhes era por ele trazida. Ora, os que a repeliam faltavam aos seus compromissos e mais profundamente se enterravam no mal.

O mesmo se dá com relação a todas as épocas do vosso planeta. Os Espíritos encarnados, assim antes como depois da missão de Jesus, tiveram *por prova,* do mesmo modo que os que viviam ao tempo daquela missão, receber ou repelir a luz que lhes era trazida. Os que a repeliram faltaram aos seus compromissos. É também o que ocorre com os Espíritos encarnados que, *nos dias de hoje,* repelem a que se lhes oferece e com os que, de futuro, repelirem a que lhes for trazida. Mas, não esqueçais, muito é pedido àquele a quem muito foi dado e a responsabilidade do Espírito está sempre na razão dos meios postos a seu alcance para se instruir.

Jesus, ao dirigir a seus discípulos as palavras acima, estendia seu pensamento aos tempos que iam seguir-se e, sobretudo, aos tempos, então futuros, da nova revelação. E aquelas palavras se aplicam a todos os que, durante a sua missão terrena, repeliram a luz que ele trazia aos homens, a todos os que depois, até aos vossos dias, a repeliram e a todos os que a repelirem na época atual e nas épocas vindouras da era nova que se abre diante de vós.

"O Espírito da Verdade, disse o Mestre, *convencerá o* mundo *quanto ao pecado, porque não creram em mim." Quer* dizer: quanto à transgressão da lei divina por parte dos que, não lhe dando crédito à missão, não aceitaram nem seguiram a moral que ele pregou e, *dessa forma,* faltaram aos seus compromissos e se enterraram mais profundamente no mal.

Os homens foram chamados a reconhecer, muitos reconheceram e todos reconhecerão que quem quer que não segue a moral que Jesus pregou transgride a lei divina e, com o deixar de praticá-la, se torna culpado e passível de "julgamento". É essa a missão do "Espírito da Verdade", do Consolador,

missão que, começada pela dos apóstolos, vai continuar, para que o mundo seja convencido.

"Convencerá o mundo, quanto à justiça, porque vou para meu pai e não mais me vereis." Convenc*idos, quanto à justiça,* são os que, tocados pelas provas esplendorosas da missão de Jesus, se rendem à evidência e crêem, submetendo-se à lei de amor universal que ele pregou.

Estas palavras: "porque vou para meu pai e não mais me vereis", dirigidas a seus discípulos, como sendo a base, o elemento e o meio de o "Espírito da Verdade" convencer o mundo, se referem ao sacrifício do Gólgota e à ressurreição, à sua volta para a imensidade na época da chamada *ascensão,* depois de suas aparições às mulheres e aos discípulos. Provas foram essas que esclareceram a maior parte dos incrédulos de então e que a revelação atual vem pôr em evidência, pela explicação que delas dá, *em espírito e verdade,* explicação que a revelação e a ciência espíritas apóiam, com todas as forças do raciocínio, nos Evangelhos.

O Espírito da Verdade convencerá o mundo, quanto à justiça, isto é: quanto à fé na missão divina de Jesus e na lei de amor universal que ele pregou, porque ele consumou o sacrifício do Gólgota, "ressuscitou", reapareceu e, depois das aparições às mulheres e aos discípulos, desapareceu das vistas humanas, desde que voltou para a imensidade na época dita da *ascensão.*

Os homens eram chamados a reconhecer a missão divina de Jesus e a se submeter à lei de amor universal que ele pregou. Muitos reconheceram essa missão e todos a reconhecerão. Muitos se submeteram àquela lei e todos se lhe submeterão. É isso também missão do Espírito da Verdade, do Consolador, missão que começou pela dos apóstolos e vai continuar, para que o mundo seja convencido.

"Convencerá o mundo quanto ao julgamento, porque o príncipe do mundo já está julgado." O juízo é a *retribuição* de acordo com as obras. O

homem o *provoca* pelos seus pensamentos e pendores e o *recebe,* por efeito de suas palavras e atos, conformemente às leis imutáveis e eternas da justiça divina, que a sua consciência aplica após a morte. Essas leis, para os pendores viciosos, contrários à lei divina, bem como para os atos culposos, são as leis imutáveis, inevitáveis do sofrimento, da expiação, da reencarnação, meio *único* de reparação, de purificação e de progresso, caminho único para a perfeição.

Estas outras palavras que Jesus dirige a seus discípulos, como constituindo a base, o elemento e o meio, para o "Espírito da Verdade", de convencer o mundo: *"porque o príncipe do mundo já está julgado",* são um conjunto de expressões *figuradas,* designativas dos pendores viciosos contrários à lei divina, e se referem aos atos culposos que, no passado, sofreram o "julgamento". Desde o princípio, isto é, desde o aparecimento do homem na Terra, não têm os atos culposos recebido a retribuição que lhes era devida? E os maus sentimentos, que germinam e se desenvolvem nos vossos corações, não têm, desde o princípio, sofrido o julgamento? É *assim* que o príncipe do mundo já está julgado. As palavras de Jesus abrangem todas as épocas, pois que se aplicam à natureza falível, ao mal sob todas as suas formas.

O "juízo" não se verificou já para cada um de vós, desde a primeira encarnação humana até os dias atuais? Não se verificará ainda para os Espíritos culpados? Não se verificará, na época da depuração do vosso planeta, para os Espíritos culpados, rebeldes, voluntariamente cegos, que, então, serão afastados da Terra e mandados para planetas inferiores?

O "Espírito da Verdade" convencerá o mundo quanto ao juízo: quanto à retribuição de acordo com as obras, quanto à retribuição que é devida e feita aos pendores viciosos, contrários à lei divina, aos atos culposos, pois que os maus pendores, con-

trários à lei divina, já receberam a retribuição que lhes era devida e os atos culposos já sofrem o "julgamento".

Os homens foram chamados a reconhecer essa retribuição, esse julgamento. Muitos o reconheceram e todos o reconhecerão. É essa ainda a missão do Espírito da Verdade, do Paracleto, a qual, começada pela dos apóstolos, vai continuar, para que o mundo seja convencido. E o mundo será convencido, porquanto, pela revelação e pela ciência espíritas, pela revelação atual, ele traz aos homens, despindo da letra o espírito, o conhecimento e a inteligência do que é, *em verdade, o* "juízo".

V. 12. Muitas coisas tinha ainda para vos dizer; porém, não as podeis compreender agora.

O progresso é lei da natureza. Assim a matéria, como a inteligência, tudo tem que progredir. As vestes próprias do adulto embaraçariam os membros da criança, impedindo-lhe a cada passo o caminhar, e suas quedas se sucederiam continuamente.

Como seus contemporâneos, os apóstolos, conquanto mais desenvolvidos espiriticamente do que eles, eram, em conseqüência da encarnação humana, criancinhas que necessitavam de ser ajudadas no seu caminhar, que precisavam avançar a passos curtos, que não podiam ser impelidas para a frente numa carreira rápida que não suportariam.

A ciência que lhes foi dada estava em relação com as necessidades da época. *Para eles, o* "Espírito Santo" se manifestou, no Pentecostes, e lhes deu os conhecimentos de que tinham necessidade. Mas, os tempos se sucederam, o desenvolvimento intelectual se operou, a princípio com lentidão, depois, acelerando-se, começou a avançar com energia. O "Espírito da Verdade" se revelou de tempos a tempos, para mostrar, de longe, a luz que há de guiar a humanidade nas suas pesquisas e não vem distante o momento em que, pondo-se ao alcance de

todos, abrirá os olhos dos mais cegos e fará que sua voz penetre nas mais surdas consciências.

V. 13. Quando esse Espírito da Verdade vier, ensinar-vos-á toda a verdade, porquanto não falará de si mesmo; mas dirá tudo o que houver escutado e vos anunciará as coisas que hão de vir.

"Ensinar-vos-á toda a verdade." Já o temos dito: a verdade há sido sempre revelada aos homens, na medida do que o homem podia compreender. Os Espíritos do Senhor, seus mensageiros, os missionários, assim errantes como encarnados, desde todos os tempos trouxeram aos homens a luz, a ciência, a verdade que estavam em relação com as necessidades de cada época.

Aqui, porém, Jesus alude à era nova em que entrais e à época em que o homem, guiado pelos Espíritos superiores, receberá os ensinos do Senhor em toda a sua extensão, compreendendo *a fonte* donde promana essa graça especial e o *objetivo* com que é concedida. Mas, para aí chegar, tem o homem ainda que aprender por largo tempo, tem que progredir e que se purificar.

"O Espírito da Verdade vos ensinará toda a verdade." Sim, pois que a sua tarefa consiste em mostrar, progressiva e sucessivamente, à humanidade a luz que há de guiá-la nas suas pesquisas e ajudá-la a avançar, ainda e sempre e cada vez mais, com energia, pela senda do progresso moral, físico e intelectual.

"Ele não falará de si mesmo; mas dirá o que houver escutado." *Pelo* que respeita aos Espíritos do Senhor, seus mensageiros, seus missionários na erraticidade, eles dirão o que, do Senhor provindo, lhes for hierarquicamente comunicado para que transmitam aos homens.

Pelo que respeita aos Espíritos do Senhor, seus mensageiros, seus missionários encarnados, esses não falarão por si mesmos. Fá-lo-ão sob a inspiração divina; dirão o que houverem recebido por *ins-*

piração ou por meio da *audição, o* que, *portanto,* houverem escutado.

"Anunciará as coisas que hão de vir." Quanto ao presente, isto é, quanto aos tempos atuais, em que começais a entrar na era nova que se abre para a humanidade, e quanto ao futuro, a significação dessas palavras é quase idêntica, se bem que de maior alcance com relação ao futuro. Trata-se de anunciar as coisas que hão de vir, não como o fazem os ledores da "buena-dicha", mas tornando claras as partes da revelação messiânica deixadas na obscuridade do véu *da letra.* Trata-se de instruir os homens acerca de seus destinos; acerca do que podem e devem esperar; acerca da ciência do mundo e da criatura, que é o conhecimento das leis de Deus, na ordem física e na ordem moral; acerca do conhecimento, segundo essas leis, da origem do mundo e da criatura e do fim que uma e outro têm que atingir; acerca do conhecimento das obrigações cuja observância conduz a esse fim, que é a realização da perfeição e da pureza, pela do progresso, assim da matéria como da inteligência.

A missão do Espírito da Verdade está começada, porquanto essas coisas, cujo anúncio fora predito, principiaram a ser anunciadas. Os Espíritos do Senhor já começaram a descer para o meio de vós. Missionários, errantes e encarnados, começaram, mediante a luz e a ciência espíritas que vos são reveladas, a espalhar a claridade sobre as partes da revelação messiânica deixadas na obscuridade, sob o *véu da letra.* Começaram a instruir os homens sobre os seus destinos, sobre o que podem e devem esperar, sobre o conhecimento do mundo e da criatura. Começaram a dar-vos a verdade, relativamente ao que dela podeis compreender, guiando a humanidade em suas pesquisas e ajudando-a no seu adiantamento.

Essa missão do Espírito da Verdade vai continuar, pois que, conforme já o dissemos, a vossa geração não passará sem que veja decorrer os seus

primeiros anos messiânicos. Tendes que ser conduzidos e chegar a essa época em que o homem guiado pelos Espíritos superiores, receberá em toda a sua extensão os ensinos que lhe virão dar os mensageiros do Senhor, precursores do advento de Jesus, Espírito da Verdade, visto que complemento e sanção da verdade, que ele mostrará *sem véu.*

V. 14. Ele me glorificará, porque receberá do que é meu e vo-lo anunciará. — 15. Tudo o que meu pai tem é meu. Eis porque vos digo que ele receberá do que é meu e vo-lo anunciará.

Jesus se exprime desse modo relativamente ao planeta e à humanidade terrenos. Como vosso protetor e governador, como único encarregado do vosso desenvolvimento e do vosso progresso, ele confere, aos que sob a sua direção trabalham por esse desenvolvimento e esse progresso, as missões que lhes caibam desempenhar, quer como Espíritos errantes, quer como encarnados, e determina a natureza e o termo de cada missão, sob a inspiração do Senhor onipotente, com quem se acha, constantemente, em relação direta.

É assim que tudo o que é do pai é de Jesus e que o Espírito da Verdade recebe do que é dele e vo-lo anuncia.

O Espírito da Verdade *glorifica a* Jesus e o *glorificará* cada vez mais. A missão dos Espíritos que recebem de Jesus uma delegação não consiste em vos fazer compreender a lei de Deus e os meios de cumpri-la? A glória de Jesus em que consiste, senão no vosso progresso e no desenvolvimento deste pelo praticardes a moral que ele pregou e que o Espírito da Verdade vem e virá incitar-vos a seguir, explicando-a *em espírito e verdade, e* pelo acelerardes a vossa marcha progressiva, tornando-a cada vez mais rápida na senda da caridade e do amor, da luz, da ciência, senda na qual o "Espírito da Verdade" vem e virá ajudar-vos a avançar?

CAPÍTULO XVI
Vv. 16-22

Jesus promete a seus discípulos a alegria após a tristeza

V. 16. Ainda um pouco de tempo e não mais me vereis; ainda um pouco de tempo e me vereis, porque vou para meu pai. — 17. Ouvindo isso, disseram seus discípulos uns para os outros: Que quer ele dizer com isto: Ainda um pouco de tempo e não mais me vereis; ainda um pouco de tempo e me vereis, porque vou para meu pai? — 18. Diziam, então: Que significa o que ele diz: Ainda um pouco de tempo? Não sabemos o que quer dizer. — 19. Conhecendo Jesus que eles o queriam interrogar acerca das suas palavras, disse-lhes: Perguntais uns aos outros que é o que vos quis significar quando disse: Ainda um pouco de tempo e não mais me vereis; ainda um pouco de tempo e me vereis. — 20. Em verdade, em verdade vos digo: Chorareis e gemereis e o mundo rejubilará; estareis tristes, mas a vossa tristeza se mudará em alegria. — 21. A mulher, quando dá à luz, se acha em aflição, porque é chegada a sua hora; mas, depois de haver dado à luz um filho, não mais se lembra dos sofrimentos passados, tal a sua alegria por haver dado um homem ao mundo. — 22. Assim é também que vós outros estais cheios de tristeza; eu, porém, vos tornarei a ver, o vosso coração se alegrará e a vossa alegria ninguém vo-la tirará.

N. 54. Como deveis perceber, dizendo: "Ainda um pouco de tempo e não mais me vereis; ainda um pouco de tempo e me vereis, porque vou para meu pai", *Jesus* alude *à* sua morte aparente, *à sua* reaparição entre os discípulos e ao seu regresso *à* condição espiritual que lhe era própria, na imensidade, junto do pai, na época chamada da *ascensão.*

Não são explícitas as palavras com que respondeu à questão que lhe dirigiram alguns dos dis-

cípulos. É que queria que só depois do seu sacrifício fossem elas compreendidas e que lhes fizessem viva impressão no espírito quando, ocorridos os fatos, as recordassem.

CAPÍTULO XVI
Vv. 23-33

Promessas de Jesus a seus discípulos. — Predições que lhes faz. — Atesta, sob o véu da letra, sua origem e sua posição espírita. — Declara que venceu o mundo

V. 23. E nesse dia nada mais me perguntareis. Em verdade, em verdade vos digo: Se alguma coisa pedirdes a meu pai em meu nome, ele vo-la dará. — 24. Até agora nada pedistes em meu nome. Pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja plena e perfeita. — 25. Tenho-vos dito estas coisas por parábolas. Vem a hora em que não mais vos falarei por parábolas, em que claramente vos falarei de meu pai. — 26. Nesse dia, pedireis em meu nome; e não vos digo que rogarei por vós a meu pai; — 27, pois meu pai vos ama, porque me amastes e crestes que saí de Deus. — 28. Sai de meu pai e vim ao mundo; agora deixo o mundo e volto para meu pai. — 29. Disseram-lhe seus discípulos: "Eis que agora falas claramente e não usas de nenhuma parábola. — 30. Neste momento vemos bem que tudo sabes e que não precisas que ninguém te interrogue. Por isto cremos que saíste de Deus." — 31. Respondeu-lhes Jesus: Credes agora. — 32. Vem o tempo, e já veio, em que sereis dispersos cada um para seu lado e me deixareis só. Eu, porém, não estarei só, porque meu pai estará comigo. — 33. Disse-vos estas coisas, a fim de que acheis a paz em mim. Muitas aflições tereis que sofrer no mundo; mas, tende confiança, eu venci o mundo.

N. 55. Perfeitamente compreensíveis são estes versículos. *As* explicações que já recebestes vos dão a inteligência deles *segundo o espírito.*

(Vv. 23-24.) Com o fim de certificá-los do poder de que a fé os faria dispor, Jesus repete mais uma vez estas palavras, cujo sentido já vos fizemos conhecer: *"Pedi em meu nome a* meu *pai* alguma coisa e *ele vo-la concederá; pedi e recebereis."*

(Vv. 25-26.) Dizendo o que consta destes versículos, Jesus aludia à época em que os apóstolos se teriam despojado da carne e ao progresso que os aguardava após a desencarnação, época em que deixariam de receber ensinos mais ou menos *velados,* como os que lhes ele havia dado *até então,* para recebê-los proporcionados ao grau de elevação que houvessem alcançado, época em que colheriam os frutos do progresso que o feliz desempenho da missão que tomaram sobre si lhes granjearia.

Voltando à natureza espiritual que lhes era própria, receberiam a inspiração divina, dentro da ordem hierárquica, e progrediriam sob a influência e a direção do Mestre.

Assim entendidas *em espírito e verdade* e traduzindo o seu pensamento integral, essas palavras de Jesus se aplicam a todo Espírito que tenha, como os discípulos, cumprido dignamente suas obrigações terrenas, o qual também, ao voltar para o espaço, colherá os frutos do seu progresso, aproximando-se cada vez mais dele, para mais diretamente receber os seus ensinos.

(Vv. 27-28.) Os discípulos gozavam da proteção do Senhor, porque haviam escutado a palavra de Jesus e a tinham guardado para espalhá-la na Terra pela palavra e pelo exemplo; porque tinham crido na sua missão divina e na sua origem celeste, *muito embora não se dessem conta exata dessa origem.*

Dizendo: *"Saí de Deus; saí de meu pai e vim ao mundo; agora deixo o mundo e volto para meu pai",* Jesus, sob o véu *da letra,* dá testemunho da sua elevação espírita, da sua natureza e da sua origem extra-humanas; da natureza extra-humana de que se revestira nas regiões etéreas para desempenhar sua missão terrena. Dando testemunho dessa missão, ele lhe anuncia o termo e o seu regresso àquelas regiões donde descera, sua volta, portanto, na época chamada da *ascensão,* à natureza espiritual que lhe era própria e que o põe constantemente em comunicação direta com o pai.

(Vv. 29-30-31.) Aqui, há, como sempre, em as palavras de Jesus, no que se refere à sua origem, à sua natureza, à sua posição e às suas relações com Deus e com o vosso planeta, de um lado *a letra,* de outro o *espírito.*

Foi a letra, apropriada à inteligência deles e a suas faculdades como encarnados, às necessidades daquela época e dos tempos que se seguiriam até aos vossos dias, em que a nova revelação se tornou necessária e vos é trazida, de acordo com as vontades do Senhor, que levou os discípulos a proferirem, num tom afirmativo, as palavras que a narração evangélica menciona. Eles não podiam ter noção exata da origem do Mestre. Criam-no saído de Deus, embora sem nenhuma idéia assentada acerca da divindade que lhe viria a ser atribuída. Só mais tarde se fixaram sobre isso, como sendo o que melhor explicava o poder e a virtude do Mestre, uma vez que ignoravam o sentido das suas palavras, verdadeiro segundo *o espírito e* oculto segundo *a letra.*

(Vv. 32-33.) A seus discípulos prediz Jesus que, quando da sua prisão, da sua condenação e do seu sacrifício, eles se dispersariam. Prediz-lhes igualmente as perseguições, as dores físicas e morais que os esperavam no cumprimento da missão que iam desempenhar.

¨*Mas, tende confiança,* diz-lhes, *eu venci o mun*do." Desempenhando a sua missão, Jesus venceu o mundo, porquanto estabeleceu as bases, os elementos e os meios da regeneração humana, que predisse e prometeu seria realizada pelo "Espírito da Verdade", sob a sua impulsão e direção, segundo as vontades do Senhor, e por ele próprio, voltando ao vosso planeta, quando depurado, para conduzir as criaturas, igualmente depuradas, à perfeição.

CAPÍTULO XVII
Vv. 1-26

Palavras que Jesus dirige ao pai — diante de seus discípulos — do ponto de vista da unidade e da indivisibilidade de Deus, da natureza e da importância da missão que lhe foi confiada com relação ao nosso planeta e à sua humanidade; do ponto de vista da missão dos discípulos e dos progressos futuros que os aguardam após o cumprimento fiel dessa missão e que aguardam a todos os que lhes caminharem nas pegadas

V. 1. Assim falou Jesus. Depois, levantou os olhos ao céu e disse: Meu pai, é chegada a hora; glorifica a teu filho, para que teu filho te glorifique a ti, — 2, assim como lhe deste poder sobre todos os homens a fim de que ele dê a vida eterna aos que lhe deste. — 3. Ora, a vida eterna consiste em te conhecer a ti, que és o único Deus verdadeiro, e a Jesus-Cristo, que tu enviaste. — 4. Eu te glorifiquei na terra; acabei a obra de que me encarregaste. — 5. Agora, tu, meu pai, glorifica-me a mim em ti mesmo, com aquela glória que tive em ti, antes que o mundo fosse. — 6. Fiz o teu nome conhecido dos homens que me deste separando-os do mundo. Eles eram teus e tu mos deste; e eles guardaram a tua palavra. — 7. Sabem agora que tudo o que me deste vem de ti, — 8, porque lhes dei as palavras que me deste e eles as receberam e reconheceram que verdadeiramente eu sai de ti e creram que tu me enviaste. — 9. É por eles que rogo; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus. — 10. Tudo o que é meu é teu e tudo o que é teu é meu e eu sou glorificado com eles. — 11. Já não sou mais do mundo; eles, porém, ainda estão no mundo; e eu volto a ti. Pai santo, conserva em teu nome aqueles que me deste, a fim de que sejam um como nós. — 12. Quando estava com eles, eu os conservava em teu nome. Guardei os que me deste e ne-

nhum se perdeu; nenhum se perdeu, a não ser o que era filho da perdição, a fim de que a Escritura se cumprisse. — 13. Mas, agora, venho a ti e digo estas coisas estando ainda no mundo, para que eles tenham em si a plenitude do meu júbilo. — 14. Dei-lhes a tua palavra e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como eu também não sou do mundo. — 15. Não te peço que os tires do mundo, mas que os guardes do mal. — 16. Eles não são do mundo, como eu mesmo não sou do mundo. — 17. Santifica-os na verdade. A tua palavra é a verdade. — 18. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo. — 19. E por eles eu me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade. — 20. Não rogo por eles somente; rogo igualmente por aqueles que hão de crer em mim pela palavra deles, — 21, a fim de que todos sejam um, como tu, meu pai, és em mim e eu em ti; a fim de que sejam do mesmo modo um em nós; a fim de que o mundo creia que tu me enviaste. — 22. Dei-lhes a glória que me deste, para que sejam um, como nós somos um. — 23. Estou neles e tu estás em mim, para que sejam consumados na unidade e o mundo conheça que me enviaste e que os tens amado como me amaste a mim. — 24. Meu pai, quero que lá onde estou estejam comigo aqueles que me deste, para que vejam a glória que me deste, porque me amaste antes da criação do mundo. — 25. Pai justo, o mundo não te conheceu; eu, porém, te conheci e estes conheceram que tu me enviaste. — 26. Fiz-lhes conhecer o teu nome e ainda farei que o conheçam, para que o amor com que me tens amado esteja neles e eu mesmo neles esteja.

N. *56.* Estas palavras, que Jesus pronunciou *em voz alta,* foram ditas com o objetivo de tocar a imaginação dos que o escutavam, pois *tinham que* se lhes gravar na memória, a fim de que, mediante a inspiração que as faria lembradas com exatidão, servissem para o cumprimento da missão dos apóstolos e de seus imitadores, naquela época e no futuro, fossem transmitidas às gerações vindouras, através dos séculos de séculos, e constituíssem um ensinamento para os homens.

Elas são da mais alta importância, do ponto de

vista da nova revelação, que as vem explicar *em espírito e em verdade.*

(Vv. 1-2-3.) Jesus declara chegada a hora do sacrifício que tem de cumprir-se para o progresso dos homens, cuja direção ele aceitou desde a origem do mundo, a fim de lhes dar a vida eterna, isto é, a vida dos puros Espíritos. Pede a Deus que permita se cumpra esse sacrifício, que é uma das fases da missão terrena de que ele se encarregou, para impelir os homens ao arrependimento e ao progresso universal.

Dá, mais uma vez, testemunho *da unidade individual* do pai, dizendo: "Tu, que és *o único Deus verdadeiro",* e repele, assim, *de antemão,* a divindade que os homens lhe haviam de atribuir e atribuíram.

Dá também, mais uma vez, testemunho da sua missão relativamente ao vosso planeta e à humanidade terrena, dizendo que *"poder lhe foi conferido pelo pai sobre todos os homens, para que ele desse a vida eterna aos que o pai lhe dera",* isto é, a todos os Espíritos que, como seus fiéis discípulos, forem e vierem a ser de boa-vontade na escolha de suas provas, de suas missões e no cumprimento dessas provas, dessas missões quando encarnados. E acrescenta: "Ora, *a vida eterna consiste em te conhecer a ti — que és o único* Deus *verdadeiro, e em conhecer a Jesus-Cristo, que tu enviaste."*

Ter a vida eterna, que consiste em conhecer ao pai, é compreender a essência de Deus; é, pela perfeição alcançada, pela pureza perfeita, que só elas permitem que a criatura se aproxime de Deus, estar em comunicação direta com ele, iniciando-se, *assim,* cada vez mais, no objetivo e nos segredos da vontade divina; é, vivendo a vida eterna dos puros Espíritos, progredir eternamente *em ciência universal,* na atividade incessante das obras e das missões.

Mas, para que o Espírito tenha, *dessa forma, a* vida eterna, que consiste em conhecer ao pai, necessário também se faz que previamente conheça a

Jesus-Cristo, que o pai enviou. Quer dizer: necessário é que conheça a essência, a origem, a natureza de Jesus, sua missão referente ao planeta e à humanidade terrenos e os frutos que ela havia e há de produzir por si mesma e pelo cumprimento das promessas e predições que contém. É necessário ainda que adquira a pureza e a perfeição, sem as quais não poderá aproximar-se de Jesus; estar, por efeito dessa pureza e dessa perfeição adquiridas, em relação direta com ele e ser por ele conduzido à vida dos puros Espíritos, porquanto ele é o único encarregado, no tocante ao vosso planeta, do desenvolvimento e do progresso dos homens e de os levar à perfeição, de lhes dar a vida eterna, que consiste em conhecê-lo e em conhecer ao pai.

(Vv. 4-5.) Jesus declara que chegara ao termo a sua missão pública de ensinar aos homens. *Ele glorificou a Deus na terra,* traçando para a humanidade as sendas do progresso, da purificação e da regeneração, que hão de conduzir os homens ao pai.

Dizendo: "Agora, tu meu pai, glorifica-me a mim em ti mesmo, com aquela glória que tive em ti antes que o mundo fosse", alude ao sacrifício do Gólgota, que vai consumar-se como coroamento e sanção da sua missão pública entre os homens, e à maneira por que esse sacrifício se consumará. Alude à sua morte, que os *homens considerariam real,* pois que isso constituía condição e meio indispensáveis ao progresso deles, de conformidade com o que o exigiam os tempos e o estado das inteligências, mas que não podia ser e não seria senão aparente, visto que *no Gólgota ele* era o que já era *antes que o mundo fosse,* isto é, *antes da formação do vosso planeta:* Espírito de pureza perfeita e imaculada, sempre Espírito, debaixo de um envoltório fluídico de natureza perispirítica, em estado de tangibilidade.

Não percais de vista as palavras que anteriormente dissera e cuja explicação já recebestes: *"Deixo a vida para a retomar;* ninguém ma tira; sou eu que *a deixo por* mim mesmo; tenho o poder *de a dei-*

xar e tenho o poder *de a retomar; é este o mandamento que* recebi de meu pai." (Cap. X, vv. 17-18.)

(Vv. 6-7-8.) Jesus comprova que deu a seus discípulos, assim como a todos os homens que se conservaram fiéis, o conhecimento de Deus, na medida correspondente às necessidades da época. Comprova que seus discípulos e todos os que se conservaram fiéis, porque haviam sido dóceis aos conselhos de seus guias na escolha de suas provas, de suas missões, e estavam purificados bastante para bem as desempenharem, lhe escutaram a palavra e seguiram a moral que ele pregou e os ensinos que Deus o encarregara de transmitir aos homens, reconheceram a sua qualidade de enviado do pai, sua elevação espírita e sua missão, embora, como já temos dito, *sem se darem conta exata dessa missão.*

(Vv. 9-10-11.) Os discípulos tinham ainda rudes provas a suportar. (Não falamos, bem o sabeis, de provas, do ponto de vista *da expiação.) É* para fortalecê-los que Jesus profere as palavras constantes destes versículos e cujo sentido, *segundo o espírito,* podeis penetrar, mediante as explicações já dadas sobre textos análogos.

A palavra "prece" pode e tem que ser considerada de diversos pontos de vista. Ao ouvido do homem, ela ressoa como a promessa de um amparo, de uma atração, de proteção divina.

Do ponto de vista *espiritual, a* prece é uma emanação dos mais puros fluídos, por meio da qual amparo e força recebem, *mesmo a seu mau grado,* aqueles a favor de quem é ela feita. É uma magnetização moral, que se opera a distância e da qual muito dificilmente vos podeis inteirar. Compreensível, entretanto, deve ser essa expressão — "magnetização moral" — para os que hão estudado e admitem a ação dos fluidos magnéticos. Que ação exerce o magnetizador que, por efeito da sua simples vontade, emite fluidos que envolvem um paciente e lhe dão força ou o condenam à inércia, lhe rasgam novos horizontes ou o mergulham em trevas, lhe

abrandam as dores, ou fazem que experimente sofrimentos fictícios?

Pois bem! A prece é, de um ponto de vista mais alto, o mesmo princípio em ação.

A alma, por efeito da sua vontade e do seu amor a elevar-se ao trono do Eterno, emite fluidos sutis que envolvem aquele ou aqueles em favor de quem a prece é dirigida ao Senhor. E esses fluidos têm a propriedade de fortificar a alma sofredora, de esclarecê-la, de a instruir. Sua ação, porém, é mais forte sobre a alma desprendida do que sobre o Espírito encarnado. A este a matéria torna difícil experimentar os benéficos efeitos da prece, os quais, entretanto, não ficam perdidos. Uma vez desencarnado, o Espírito aproveita sempre do socorro que lhe foi insuficiente durante a encarnação.

Dizendo, com referência a seus discípulos: *"a fim de que sejam um como nós",* Jesus lhes faz compreender que entre eles deve haver *comunhão de pensamento,* como entre ele e o pai, a fim de que sejam entre si um pelo pensamento, como ele e o pai são um, também pelo pensamento.

(V. 12.) Diz Jesus, falando de Judas, a quem designa pelo apelido de — *filho da perdição:* "Nenhum deles se perdeu, a não ser o que era filho da perdição, *a fim de que a Escritura se cumprisse."* Lembrai-vos do que já dissemos a este respeito. Sabido era de antemão que Judas não teria forças para resistir à prova que pedira. Fora disso prevenido por Seus guias, mas o orgulho o levara a persistir. Permitiu-se-lhe então tentar a prova. Eis como ele era "um filho da perdição, a fim de que a Escritura se cumprisse".

(V. 13.) Antes que se consumasse o sacrifício do Gólgota, Jesus insiste ainda uma vez na predição, que já fizera, da traição de Judas, para que, lembrando-se do que lhes ele dissera, os discípulos fiéis achassem nas suas palavras mais uma garantia acerca da missão que desempenhara e um apoio nas vicissitudes em que se iam encontrar.

(Vv. 14-15-16.) Os apóstolos "não eram do mundo", por serem, pelos seus sentimentos, Espíritos mais elevados do que os outros então encarnados, os quais, mais atrasados do que eles, os "odiavam", não por causa de suas personalidades, mas por causa da palavra de Deus que eles haviam recebido do Mestre, do Mestre que, também e com muito mais forte razão, não era do mundo, porquanto era Espírito de pureza perfeita e imaculada, a desempenhar uma missão superior, e que, atentos os frutos que esta havia de produzir, se dirigia mais às gerações futuras e sobretudo ao tempo da era nova que se abre diante de vós, do que aos homens daquela época.

(V. 17.) Ele pede a Deus que os *santifique,* isto é, que os faça progredir na verdade, adquirindo o conhecimento da *que lhes compete espalhar.* "Tua palavra, diz Jesus dirigindo-se ao pai, é a verdade." A palavra de Deus, a que os seus mensageiros, quer como Espíritos errantes, quer como encarnados, transmitem à humanidade, sempre deu, dá e dará ao homem, de acordo com as épocas, a verdade que ele deva conhecer, até que o Mestre volte ao vosso planeta, conforme predisse e prometeu, para mostrar a verdade *sem véu.*

(Vv. 18-19.) Assim como recebera uma missão a desempenhar na Terra, Jesus permitira que os Espíritos fiéis igualmente baixassem em missão a esse planeta, correspondendo esta ao grau de adiantamento de cada um. E o progresso, a santificação era, *para todos,* relativa às suas missões e ao modo por que as desempenhavam. Dizemos — *para todos,* porque, como sabeis, pelo que já dissemos, o Espírito por mais adiantado que seja, tem eternamente o que adquirir em *ciência universal, sem* que jamais possa igualar a Deus. E o progresso, mesmo para os puros Espíritos, qualquer que seja a superioridade a que hajam chegado em *ciência universal,* é o prêmio, a recompensa das obras e missões mediante as quais tenham, na imensidade, assim com referência à matéria, como com relação à inteligência, feito pro-

gredir seus irmãos, errantes e encarnados, em todos os graus, tanto na ordem material, quanto na ordem fluídica e na espiritual.

(V. 20.) Dizendo: *Não rogo* por eles *somente, mas também* pelos que hão de crer em mim pela palavra deles", Jesus faz saber ao mundo que o que acabava de dizer e o que ainda diria, relativamente a seus apóstolos, se aplica a todos os que, ouvindo-lhes a palavra, os ensinamentos, crerem na sua missão, aceitarem e seguirem a moral que ele pregou e se tornarem *desse modo* seus imitadores e, conseguintemente, imitadores de seus discípulos; a todos os que, de futuro, pregarem o bem, tanto pelo exemplo, quanto pela palavra.

Jesus promete a todos os homens de boa-vontade, como a seus apóstolos, e relativamente a cada época, a verdade que devam conhecer e bem assim o progresso, a depuração, pelas provas e missões fielmente cumpridas.

(V. 21.) "A fim de que todos, unindo-se pelo amor e pela abnegação, sejam um pelo pensamento, como, pelo pensamento, Deus é um com ele, Jesus; a fim de que, do mesmo modo, sejam um em Deus e nele, pela purificação, que aproxima cada vez mais a criatura do seu criador, pela inspiração divina, que Jesus recebe *diretamente* do pai e transmite, hierarquicamente, até eles, a fim de que o mundo creia que o Cristo foi o enviado de Deus e creia, pois, na sua missão."

(V. 22.) "Dei-lhes a glória que me deste, para que sejam um, como nós somos um." Isto dizendo, alude Jesus ao conhecimento, por ele dado a seus discípulos, da sua origem e da sua missão, *da unidade* de pensamento que existe entre o pai e ele. Alude também à influência que esse conhecimento há de exercer nas relações dos discípulos entre si.

Sabeis que ele muitas vezes lhes falou do poder que exerce sobre o planeta terreno, da proximidade, em que se acha, do Senhor onipotente, de suas relações com este.

Deu aos discípulos o conhecimento da sua origem e da sua missão, a fim de que eles fossem um pelo pensamento, como o pai e ele são um do mesmo modo.

(V. 23.) Dizendo: "Estou *neles e* tu estás *em mim, a* fim de que sejam consumados *na unidade e* que o mundo conheça que tu me enviaste e que os tens amado como me amaste a mim", o pensamento que Jesus exprime é o de que, inspirado e guiado pelo Senhor onipotente, ele inspira e guia seus discípulos e todos os homens que, como estes, forem de boa-vontade, no cumprimento de suas provas, ou missões, e na senda do progresso, a fim de que, unidos pela comunhão de pensamento, em amor e em dedicação entre si *e* aos seus irmãos, cheguem todos ao mesmo grau de purificação, pois a *unidade* dos Espíritos é a *igualdade* na pureza; e a fim também de que o mundo reconheça que ele foi o enviado do pai e reconheça cada vez melhor a sua missão e que a graça divina, que sobre ele se derramou, se estendeu igualmente aos discípulos, isto é: que o Senhor onipotente os ajudou no desempenho de suas tarefas e lhes concedeu, para que progredissem, os meios compatíveis com o grau de purificação que já haviam alcançado. *Assim é* que Deus os amou, como *amou a* Jesus.

O termo *amar,* tratando-se do Criador, se entende do ponto de vista da purificação do Espírito e em relação ao grau de pureza já por este atingido. A graça divina se estende, *igualmente,* sobre todos os Espíritos que chegaram *ao mesmo* ponto, quanto à sua libertação da matéria e das influências desta.

V. 24. Meu pai, quero que lá onde estou estejam comigo aqueles que me deste, para que contemplem a glória que me deste, porque me amaste antes da criação do mundo.

Não esqueçais que esta prece, como dissemos no começo, Jesus a fez *em voz alta.* O desejo que expressou com essas palavras significa que quer

sustentar os Espíritos devotados, os discípulos e os que, como estes, caminhando perseverantemente pela senda que ele traçou com a sua moral, seus ensinos e seus exemplos de amor, de humildade, de desinteresse e de caridade, buscam a luz, a ciência e a verdade, a fim de encaminharem os homens para o arrependimento e para o progresso universal. Significa que os quer sustentar, a fim de que, cumprida a tarefa, possam, pelas provas e missões, subir de progresso em progresso até ele.

Aos Espíritos, em chegando às regiões donde Jesus preside ao progresso do planeta e da humanidade terrenos, será dado contemplarem a sua glória. E todos se esforçarão cada vez mais por imitá-lo e por se unir no seu amor e no seu devotamento.

O Espírito protetor de um planeta é, como sabeis, anterior à sua criação e ao tempo desta já se acha investido na confiança do Criador.

Essa missão ele a obtém como recompensa dos progressos que realizou em *ciência universal e* como incentivo para novos progressos nesse campo.

Dizendo: "A glória que me *deste,* porque me amaste *antes da criação do mundo",* Jesus alude à missão, que Deus lhe confiara, de protetor do vosso planeta, às fases dessa missão, aos frutos que há de dar, mediante o progresso tanto da matéria como da inteligência, desde o instante em que ele presidiu à formação do mesmo planeta, fazendo-o sair dos fluidos incandescentes, até os dias da sua depuração, da sua transformação completa e da sua ascensão às regiões fluídicas puras.

Tal, em *espírito e verdade, a* glória que Deus deu a Jesus, deferindo-lhe a missão de fundador, protetor e governador do planeta terreno, porque depositava nele confiança, já antes de criar os materiais, os elementos constitutivos desse globo. Deus nele confiava porque, sendo um Espírito de pureza perfeita e imaculada, era, por efeito dos conhecimentos que já adquirira, dos progressos que realizara em *ciência universal,* capaz de desempenhar

aquela missão, que constituía para ele, como para todo Espírito protetor de planeta, conforme o temos dito, uma recompensa, um incitamento.

Concluindo, devemos chamar a vossa atenção para estas palavras do Mestre, constantes do v. 24: "que *lá onde estou* estejam comigo aqueles que me deste..."

Ele não diz: *"lá para onde vou",* mas, sim: *"lá onde estou",* atestando assim, mais uma vez, sua natureza extra-humana, que lhe permite, sendo sempre Espírito debaixo daquele invólucro fluídico, de natureza perispirítica, em estado de tangibilidade, ser habitante livre das regiões etéreas, onde tem o trono da sua glória de protetor do planeta terráqueo, e não habitante da Terra, como o homem, que a esta se conserva *preso* pela encarnação humana material.

V. 25. Pai justo, o mundo não te conheceu; eu, porém, te conheci e estes conheceram que tu me enviaste.

Jesus, por esta forma, comprova: que os homens não compreenderam a Deus em sua essência, nem compreenderam o objetivo e os desígnios secretos da sua providência, através da missão que lhe confiou; que ele conheceu a Deus, compreendendo-lhe a essência, o objetivo e os desígnios da sua vontade, por estar em relação *direta* com ele; e que seus discípulos compreenderam ser ele o enviado de Deus e lhe reconheceram a missão.

V. 26. Fiz-lhes conhecer o teu nome e ainda farei que o conheçam, para que o amor com que me tens amado esteja neles e eu mesmo neles esteja.

Servindo-se destas palavras, Jesus declara que o conhecimento de Deus, por ele dado a seus discípulos, aos homens, não estava completo, pois promete que os fará conhecê-lo *ainda mais.*

Sim, Jesus deu a seus apóstolos e aos homens o conhecimento de Deus, mas incompleto. Esse co-

nhecimento ele o vai ampliando cada vez mais, à medida que os homens se depuram e progridem, a fim de que cheguem progressivamente à perfeição que ele conquistou pelas suas obras e, assim, a estar com ele em relação direta, quando se houverem purificado bastante para até a ele subirem.

CAPÍTULO XVIII
Vv. 1-14

Jesus vai, com seus discípulos, para o jardim situado além da ribeira do Cedron. — Sua prisão. — Circunstâncias relativas a essa prisão. — Palavras que ele dirige aos que acabavam de deitar-lhe a mão. — Palavras que dirige a Pedro, quando este, servindo-se da sua espada, fere a Malco na orelha direita. — Jesus é preso e conduzido a Anás e daí a Caifás

V. 1. Tendo dito essas coisas, Jesus foi, com seus discípulos, para além da ribeira do Cedron, onde havia um horto, no qual entraram ele e seus discípulos. — 2. Judas, que o traía, conhecia também esse lugar, porque Jesus lá fora muitas vezes com seus discípulos. — 3. Judas, pois, tendo tomado consigo uma coorte de quadrilheiros que os príncipes dos sacerdotes e os fariseus puseram à sua disposição, ali veio com lanternas, archotes e armas. — 4. Mas Jesus, que sabia de tudo o que havia de acontecer, saiu-lhes ao encontro e lhes disse: A quem buscais? — 5. Responderam: A Jesus de Nazaré. Jesus lhes disse: Sou eu. Ora, Judas, que o traía, estava também com eles. — 6. Apenas Jesus lhes disse: Sou eu, eles recuaram e caíram por terra. — 7. Perguntou-lhes segunda vez: A quem buscais? Responderam: A Jesus de Nazaré. — 8. Jesus lhes replicou: Já vos disse que sou eu. Se, pois, a mim é que buscais, deixai ir estes. — 9. A fim de que se cumprisse esta palavra que por ele fora dita: "Não perdi nenhum dos que me deste." — 10. Então, Simão Pedro, que tinha uma espada, puxou dela e feriu um servo do pontífice e lhe cortou a orelha direita. Esse homem se chamava Malco. — 11. Jesus disse a Pedro: Mete a tua espada na bainha. Não tenho que beber o cálice que meu pai me deu? — 12. Então, os soldados, com o tribuno que os comandava e os quadrilheiros prenderam a Jesus e o amarraram. — 13. Levaram-no primeiramente a Anás, porque era sogro de Caifás, que era o pontífice naquele ano. — 14. Caifás era o que havia dito,

como conselho aos Judeus, que mais convinha morresse um só homem por todo o povo.

N. 57. Nos comentários feitos aos três primeiros Evangelhos (págs. 424-429, do 3° tomo) já vos foram dadas as explicações necessárias sobre estes fatos. Reportai-vos a essas explicações.

CAPÍTULO XVIII
Vv. 15-27

Pedro em casa de Caifás. — Jesus é interrogado pelo pontífice. — Resposta que lhe dá. — Recebe uma bofetada. — Palavras que dirige ao que o esbofeteou. — Negação de Pedro

V. 15. Entretanto, Simão Pedro seguiu a Jesus, assim como um outro discípulo que, sendo conhecido do pontífice, entrou com Jesus no pátio da casa do mesmo pontífice. — 16. Pedro, porém, ficou do lado de fora, à porta. Então, o outro discípulo que era conhecido do pontífice saiu e falou à porteira e esta fez que Pedro entrasse. — 17. Essa criada, que era a porteira, perguntou a Pedro: Não és tu também dos discípulos deste homem? Ele respondeu: Não sou. — 18. Os servos e os quadrilheiros que prenderam a Jesus estavam junto do lume a se aquecerem, porque fazia frio. Com eles estava também Pedro, de pé, a se aquecer. — 19. Entretanto, o pontífice interrogou a Jesus acerca de seus discípulos e da sua doutrina. — 20. Jesus lhe respondeu: Falei publicamente a todo mundo; sempre ensinei na sinagoga e no templo, onde se reúnem todos os Judeus. Nada disse às ocultas. — 21. Porque, pois, me interrogas? Interroga os que me ouviram, para saberes o que lhes disse. Eles aí estão os que sabem o que lhes ensinei. — 22. Como ele dissesse isto, um dos oficiais ali presentes lhe deu uma bofetada, dizendo: É assim que respondes ao pontífice? — 23. Jesus lhe respondeu: Se falei mal, dize em que foi; mas, se falei bem, porque me bates? — 24. Anás o enviara manietado ao pontífice Caifás. — 25. Enquanto isso, Simão Pedro, de pé junto do lume, se aquecia. Disseram-lhe então alguns: Não és também dos seus discípulos? Ele negou, dizendo: Não sou. — 26. Então, um dos servos do pontífice, parente daquele a quem Pedro cortara a orelha, lhe disse: Não te vi eu no horto com ele? — 27. Pedro ainda uma vez negou e logo cantou o galo.

N. 58. A narrativa de João se explica e completa pelas dos três outros evangelistas. Nenhuma importância têm as divergências que se notam nas particularidades. Já recebestes a explicação destes fatos nos comentários sobre os três primeiros Evangelhos (3^{9} tomo, págs. 430-433).

Temos que chamar a vossa atenção apenas para a resposta de Jesus ao oficial que o esbofeteou. Essa resposta, calma e digna, é um ensinamento que, como todos os que o Mestre lhes deu acerca do perdão das injúrias, das ofensas, dos mais fundos ultrajes, os homens precisam não perder de vista.

A todas as relações que mantenham entre si devem presidir sempre a razão, a ponderação, a reflexão, que conduzem à prática da justiça e da caridade.

CAPÍTULO XVIII
Vv. 28-40

Jesus é levado da casa de Caifás à presença de Pilatos. — Seu reino não é deste mundo. — Seu reino não é agora deste mundo. — Ele é rei e por isto é que não veio ao mundo senão para dar testemunho da verdade. — Pilatos quer livrá-lo, mas os Judeus se opõem e preferem a libertação de Barrabás

V. 28. Levaram então Jesus da casa de Caifás ao pretório. Era manhã. E eles não entraram no pretório para não se macularem e poderem comer a páscoa. — 29. Pilatos veio fora ao encontro deles e lhes disse: De que crime acusais este homem? — 30. Responderam-lhe: Se ele não fosse um malfeitor, não to entregaríamos. — 31. Disse-lhes Pilatos: tomai-o vós mesmos e julgai-o segundo a vossa lei. Os Judeus, porém, lhe responderam: Não nos é a nós permitido dar a morte a ninguém. — 32. Para que se cumprisse o que Jesus havia dito quando designara de que morte havia de morrer. — 33. Pilatos, pois, entrou novamente para o pretório, fez vir à sua presença Jesus e lhe perguntou: És o rei dos Judeus? — 34. Respondeu-lhe Jesus: Dizes isto de ti mesmo, ou outros to disseram de mim? — 35. Replicou-lhe Pilatos: Sou porventura judeu? Os de tua nação e os príncipes dos sacerdotes te entregaram às minhas mãos. Que fizeste? — 36. Respondeu-lhe Jesus: O meu reino não é deste mundo. Se deste mundo fosse o meu reino, certo os meus servidores combateriam para que eu não caísse nas mãos dos Judeus. Mas o meu reino não é agora deste mundo. — 37. Disse-lhe Pilatos: Então, és rei? Retrucou-lhe Jesus: Tu o dizes, sou rei. É por isso que nasci e vim a este mundo, para dar testemunho da verdade. Todo aquele que pertence à verdade escuta a minha voz. — 38. Perguntou-lhe Pilatos: Que é a verdade? E, dizendo isso, saiu e foi ter outra vez com os Judeus e lhes disse: Não acho neste homem crime algum. — 39. É, porém, costume entre vós que se vos solte um criminoso pela festa da pás-

coa. Quereis que vos solte o rei dos Judeus? — 40. Então se puseram todos novamente a clamar: Não este, sim Barrabás. Ora, Barrabás era um ladrão.

N. 59. A narrativa de João, neste ponto, como em todos, não deve ser separada das dos três outros evangelistas, por isso que elas se explicam e completam mutuamente, quanto às particularidades. O fundo, com relação aos fatos, é, em todas, o mesmo. Cada narrador, como sabeis, escreveu dentro do quadro que lhe fora traçado pela inspiração mediúnica, mas conservando a independência própria da natureza que lhe era peculiar.

Não temos que vos dar senão algumas explicações especiais, visto que, quanto ao mais, estes versículos são perfeitamente compreensíveis.

Dizendo: *"O meu reino não é deste mundo",* põe Jesus em relevo a natureza espiritual da sua missão, *inteiramente estranha a* interesses *materiais, a* aspirações *materiais.*

Dizendo: *"Agora,* porém, o meu reino não é deste mundo", afirma, com o servir-se do vocábulo *"agora",* que dia virá em que o seu reino será deste mundo. Isso se dará quando, regenerados pela verdade, os homens houverem abandonado os atalhos que os extraviam e fazem voltar incessantemente ao mesmo ponto e houverem tomado com decisão a estrada do progresso, tendo a iluminá-la o facho da verdade sustentado pela fé.

Depois de ouvir de Jesus as palavras a que acabamos de nos referir, Pilatos lhe observa: *"Então, és rei?"* Ao que responde ele: "Tu o dizes, *sou rei;* e é por isso que nasci e vim a este mundo, para dar testemunho da verdade. Todo aquele que pertence à verdade, escuta a minha voz." Apresentando, com essa resposta, testemunho da sua realeza, Jesus confirma a autoridade que já dissera ter recebido de seu pai, antes que a Terra fosse criada. Refere-se, pois, *desse modo,* à sua autoridade de protetor e governador do vosso planeta.

"É por isso", quer dizer: porque é rei, rei do vosso planeta, na qualidade de seu protetor e governador, que ele aparecera na Terra, que viera ao mundo, para dar testemunho da verdade, testemunhando a autoridade que recebera do pai, *antes que a Terra fosse criada;* sancionando com a sua palavra o que, ao longo do passado até então, era obra de verdade; ministrando aos homens, pelo desempenho de sua missão, a verdade correspondente àquela época e ao futuro e destinada, conforme às suas promessas, *a se patentear aos* olhares do homem, à proporção que este se fosse mostrando capaz de a suportar e compreender; *a se patentear* sobretudo na era, que para vós se abre, do "Espírito da Verdade", época por ele predita e prometida.

"Todo aquele que pertence à verdade escuta a minha voz." E Pilatos lhe pergunta: *"Que é a verdade?"*

Reportai-vos às explicações por nós dadas (n. 47, vv. 4-5-6), a propósito destas palavras: "Eu sou o caminho, *a verdade,* a vida"; e às que demos (n. 48, v. 15; n. 49, vv. 25-26; n. 52, v. 26; n. 53, vv. 8, 11, 12 e 13), relativamente à missão do Espírito da Verdade, no passado e nos tempos atuais e futuros da nova era. Fazei-o e encontrareis a resposta à pergunta de Pilatos, sobre a qual Jesus guardou silêncio. Essa resposta o homem não era *então* capaz de a suportar e compreender. Só nos dias de hoje tinha que ser dada.

Pertence à verdade aquele que sabe que a verdade é relativa aos tempos e às necessidades das épocas; que é una, porém, mais ou menos encoberta, para só se ir mostrando na medida do que o homem possa suportar e compreender. Pertence à verdade aquele que sabe que, quanto mais o Espírito se eleva, tanto mais os véus da verdade se rasgam às suas vistas. Pertence à verdade aquele que sabe que esta é o conhecimento de todos os princípios, de ordem física, moral e intelectual, que conduzem a humanidade ao seu aperfeiçoamento, à

fraternidade, ao amor universal; que a levam a desprender-se da matéria; que desenvolvem nela *sinceras aspirações ao* espiritualismo, à espiritualidade. Pertence à verdade aquele que consagra seus cuidados, suas faculdades e seus esforços à aquisição, à propagação daquilo que, *por essa forma,* sabe ser a verdade.

Todo aquele que pertence *assim* à verdade escuta a voz de Jesus, pois que Jesus é "a verdade". Sua voz sempre se fez ouvir, em todas as épocas, *antes da sua missão terrena, desde a origem dos tempos,* pelos Espíritos do Senhor, seus mensageiros, pelos Espíritos em missão, sempre superiores aos meios humanos onde surgiram, dando a verdade correspondente às necessidades de cada época. Aquela voz se fez ouvir *por ocasião da sua missão terrena,* quando ele veio pessoalmente dar testemunho da verdade. Fez-se ouvir depois, quando esta foi ensinada e propagada pelos apóstolos e discípulos e mais tarde por esses Espíritos em missão a quem chamais homens de escol pela inteligência e pelo coração; gênios benfeitores da humanidade, assim no que respeita à ordem física, como no tocante à ordem moral e à ordem intelectual.

Aquela voz vai fazer-se ouvida ainda por intermédio do "Espírito da Verdade" que, nos tempos atuais e futuros da era nova que se inicia, vem ensinar e ensinará progressivamente toda a verdade, à proporção que a puderdes ir compreendendo. E, nos tempos preditos, quando para isso os messias ou enviados vos tiverem preparado, quando vos houverdes tornado capazes de recebê-la, ele virá mostrá-la *sem véu.*

CAPÍTULO *XIX*
Vv. 1-7

Flagelação. — Coroa de espinhos. — Eis o homem. — Pedido de crucificação por parte dos Judeus

V. 1. Pilatos tomou então de Jesus e o mandou açoitar. — 2. E os soldados, tendo tecido uma coroa de espinhos, lha puseram na cabeça e o vestiram com um manto escarlate. — 3. E lhe vinham dizer: Eu te saúdo, rei dos Judeus; e lhe davam bofetadas. — 4. Pilatos mais uma vez saiu do pretório e disse aos Judeus: Eis que vo-lo trago fora, para que saibais que não acho nele crime algum. — 5. Saiu, pois, Jesus, trazendo uma coroa de espinhos e um manto escarlate. E Pilatos lhes disse: Eis aqui o homem. — 6. Mas, ao vê-lo, os príncipes dos sacerdotes e a sua gente se puseram a clamar: Crucificai-o! crucificai-o! Disse-lhes Pilatos: Tomai-o vós mesmos e crucificai-o, pois que nenhum crime acho nele. — 7. Responderam-lhe os Judeus: Temos uma lei e, segundo a nossa lei, ele deve morrer, porque se fez filho de Deus.

N. 60. Estes versículos não precisam de comentários. Temos que vos fazer notar apenas que, de acordo com a lei hebraica, o blasfemo incorria na pena de morte por lapidação. Os Judeus acusavam a Jesus de blasfemo, tomando *ao pé da letra* estas palavras por ele ditas, referindo-se a si mes*mo — filho de Deus,* palavras cujo sentido já muitas vezes explicamos, de conformidade com o pensamento daquele que *as* proferiu. Este sentido delas, porém, só pela nova revelação tinha que ser dado, quando fossem reveladas a origem e a natureza do Mestre e a sua posição espírita com relação a Deus e ao vosso planeta.

CAPÍTULO XIX
Vv. 8-15

Silêncio de Jesus em face da pergunta que Pilatos lhe dirige. — Todo poder vem do Alto. — Os Judeus persistem em pedir a sua crucificação

V. 8. Quando ouviu essas palavras, Pilatos temeu ainda mais. — 9. E, entrando de novo no pretório, perguntou a Jesus: Donde és? Jesus, porém, não lhe deu resposta. — 10. Disse-lhe então Pilatos: Não me respondes? Não sabes que tenho poder para te mandar pregar numa cruz e que tenho poder para te soltar? — 11. Respondeu-lhe Jesus: Nenhum poder terias sobre mim, se te não fosse dado do Alto. Por isso é que aquele que a ti me entregou se tornou culpado de um pecado maior. — 12. Dali por diante, procurava Pilatos um meio de soltá-lo. Mas os Judeus clamavam: Se soltas esse homem, não és amigo de César, pois todo aquele que se faz rei se declara contra César. — 13. Ouvindo essas palavras, Pilatos trouxe Jesus para fora do pretório e se sentou em seu tribunal, no lugar chamado em grego *Litóstrotos* e em hebraico G*abata. — 14.* Era o dia da preparação da Páscoa, quase à hora sexta. Disse ele aos Judeus: Eis ai o vosso rei. — 15. Eles, porém, clamavam: Tira-o, tira-o do mundo. Crucifica-o. Pilatos lhes disse: Pois hei de crucificar o vosso rei? Responderam os príncipes dos sacerdotes: Não temos outro rei senão César.

N. 61. Também estes versículos não precisam de comentários. *A* narrativa de João, como já o temos dito, não deve ser insulada das outras três, *porq*uanto elas se explicam e completam mutuamente.

Chamamos apenas a vossa atenção para esta resposta de Jesus a Pilatos:

Nenhum poder terias sobre mim, *se te não fosse dado do Alto. Por* isso é *que* aquele que a ti me entregou se tornou culpado de um *pecado maior.*

Jesus se refere à posição de Pilatos e à de Judas.

Judas tinha querido, como sabeis, desempenhar uma missão em que veio a falir, ao passo que Pilatos encarnara na ignorância dos acontecimentos que iam ocorrer, em condições, portanto, de seguir as suas tendências, *sem haver assumido compromis*sos. A pedido seu, feito antes de encarnar, fora-lhe concedido ocupar uma posição importante. Tinha aquele fim a encarnação que escolhera.

Certamente que sobre Jesus ele nenhum poder teria tido, se o que naquele momento sucedia não estivesse dentro das condições a que tinha de obedecer a missão do Mestre.

O poder lhe havia sido dado do Alto, porque pelo Senhor é que lhe fora concedida a posição importante que ele ocupava e em virtude da qual o Mestre se achava em suas mãos. E Jesus estava em suas mãos, porque, tendo chegado a hora do sacrifício do Gólgota, para que esse sacrifício se consumasse, ele fora voluntariamente para o horto onde sabia que seria preso, onde cumpria que se deixasse prender, testemunhando o seu poder, antes que a prisão se houvesse efetuado, com o fazer que os guardas caíssem por terra.

NOTA DA EDITORA — Sobre os acontecimentos, recomendamos a leitura das obras — *Há Dois Mil Anos e 50 Anos Depois,* recebidas mediunicamente por Francisco Cândido Xavier. — W.

CAPÍTULO XIX
Vv. 16-22

Jesus é entregue aos Judeus. — É conduzido ao Calvário. — Crucificação. — Inscrição feita por Pilatos e colocada no alto da cruz

V. 16. Então Pilatos lhes entregou Jesus para ser crucificado. Eles, pois, o tomaram e levaram. — 17. E, carregando a sua cruz, veio ele ao lugar que se chama Calvário e em hebreu *Gólgota;* — 18, onde o crucificaram e com ele dois mais, um de um lado, outro de outro lado, e no meio Jesus. — 19. Pilatos fez também uma inscrição, que mandou colocar no alto da cruz e na qual estavam escritas estas palavras: *Jesus Nazareno, rei dos Judeus. — 20. Muitos* Judeus leram esta inscrição, porquanto o lugar onde Jesus fora crucificado era próximo da cidade e a inscrição estava escrita em hebreu, em grego e em latim. — 21. Os príncipes dos sacerdotes disseram então a Pilatos: Não ponhas — rei dos Judeus, mas — que se disse rei dos Judeus. — *22.* Pilatos lhes respondeu: O que escrevi, está escrito.

N. 62. Já explicamos, comentando os três primeiros Evangelhos, a significação destes fatos, com relação aos quais também não deveis isolar a narrativa de João das de Mateus, Marcos e Lucas, que todas se explicam e completam mutuamente.

Recusando modificar a inscrição, que compusera por inspiração, se bem que desta não tivesse consciência, Pilatos obedecia a um sentimento de orgulho, que lhe não consentia retroceder do que decidira.

CAPÍTULO XIX
Vv. 23-27

As vestes. — A túnica. — A Virgem e João ao pé da cruz. — Palavras de Jesus a Maria e a João

V. 23. Os soldados, tendo-o crucificado, tomaram de suas vestes e as dividiram em quatro partes, uma para cada soldado. Tomaram também da túnica, mas, como não tivesse costura e fosse tecida de alto a baixo, — 24, disseram entre si: Não a rasguemos: deitemos sorte para ver quem a terá; a fim de que se cumprisse esta palavra da Escritura: Repartiram entre si as minhas vestes; deitaram sorte sobre a minha túnica. E, efetivamente, os soldados assim fizeram. — 25. Entretanto, estavam junto à cruz a mãe de Jesus e a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cleofas, e Maria Madalena. — 26. Jesus, vendo sua mãe e ao lado dela o discípulo a quem ele amava, disse a sua mãe: Mulher, eis ai teu filho. — 27. Depois, disse ao discípulo: Eis ai tua mãe. E desde aquela hora o discípulo a tomou ao seu cuidado.

N. 63. Nenhuma importância tem o fato relativo à túnica, que, segundo o uso, era feita de um tecido de fabricação humana. A singularidade notada nela, pelos que entre si repartiram as vestes de Jesus, proveio de uma influência magneto-espírita, que os impediu de ver as costuras da fazenda, supondo-a inconsútil.

A narração evangélica diz porque isso se deu. Foi "para que se cumprisse a palavra da Escritura."

O ato de Jesus recomendando João a Maria: *"Mulher, eis ai teu filho" e* recomendando Maria a João: *"Eis ai tua mãe", foi* um último testemunho palpável da sua solicitude pelos encarnados e uma homenagem aos sentimentos que devem animar os filhos com relação aos pais; que devem ligar, por meio da adoção, os membros da grande família humana.

CAPÍTULO XIX
Vv. 28-37

Palavras de Jesus. — Jesus morre, no entender dos homens. — Ossos não quebrados. — Lado aberto

V. 28. Em seguida, sabendo Jesus que tudo estava cumprido, disse, a fim de que se cumprisse uma outra palavra da Escritura: Tenho sede. — 29. Como estivesse ali um vaso cheio de vinagre, os soldados ensoparam no vinagre uma esponja, ataram-na a um hissopo e lha chegaram à boca. — 30. Jesus, tendo tomado o vinagre, disse: Tudo está consumado; e, deixando pender a cabeça, rendeu o Espírito. — 31. Os Judeus, para que os corpos não ficassem na cruz em dia de sábado, pois que estavam na véspera desse dia, na preparação para o sábado, que era dia de grande solenidade, pediram a Pilatos que lhes mandasse quebrar as pernas e tirá-los de lá. — 32. Vieram pois soldados que quebraram as pernas ao primeiro e ao outro que com ele fora crucificado. — 33. Depois, tendo vindo fazer o mesmo a Jesus, como vissem que já estava morto; não lhe quebraram as pernas. — 34. Um dos soldados, porém, lhe abriu o lado com uma lança e logo dali saíram sangue e água. — 35. E aquele que o viu dá disso testemunho e o seu testemunho é verdadeiro. E ele sabe que diz a verdade, para que também vós acrediteis, — 36, porquanto estas coisas foram feitas para que se cumprisse esta palavra da Escritura: Não lhe quebrareis osso algum. — 37. E também diz a Escritura noutro lugar: Verão o que traspassaram.

N. 64. Para que uma palavra da Escritura se cumprisse, Jesus diz: *"Tenho sede."* Aquele, a quem fora ordenado que quebrasse as pernas aos crucificados, não quebrou as de Jesus e um dos soldados lhe abriu o lado com uma lança. Também tais coisas se deram, declara a narração evangélica, para que se cumprisse estas outras palavras da Escri-

tura: "Não lhe quebrareis osso algum; *verão o que traspassaram."*

Tudo se encadeia nas revelações sucessivas e progressivas, nos acontecimentos, bem como nos progressos da humanidade. A Escritura é um laço que liga sempre o passado, o presente e o futuro, quanto ao ensino progressivo e gradual da verdade, sempre relativa aos tempos e às necessidades de cada época e dada sempre na medida do que o homem pode suportar e compreender, debaixo do véu que a cobre e que se vai rasgando à proporção que o Espírito se eleva.

Já dissemos, comentando os três primeiros Evangelhos: Jesus não bebeu o vinagre. E, a esse respeito, demos todas as explicações necessárias.

Convindo que os homens acreditassem ser realmente humana a natureza que lhe atribuíam e sendo, sobretudo, necessário que essa crença se mantivesse após o seu reaparecimento, cumpria que seus atos e palavras, por ocasião do sacrifício do Gólgota, fossem de molde a justificar essa crença, como foram antes da consumação desse sacrifício e depois de verificado o fato que *se* chamou a sua "ressurreição". Convinha que tal se desse, porque aquela crença constituía uma condição e um meio de aceitação e de êxito da sua missão terrena, uma garantia dos frutos que ela havia de produzir naquele momento e no futuro. Constituía condição e meio transitórios, mas previamente necessários, de efetuar-se, sob o império *e o* véu *da letra,* a capa *do mistério e* o prestígio do *milagre,* o progresso da humanidade, que, até aos tempos atuais da era nova, mais não poderia suportar nem compreender e que só nos dias de hoje, ainda, então, muito distantes, estaria apta a receber, pela nova revelação a explicação, *em espírito e verdade,* do que Jesus disse e fez.

Quanto às últimas palavras que ele pronunciou do alto da Cruz, também já as revelamos nos comentários sobre os três primeiros Evangelhos

(págs. 459-465 do 3^{9} tomo). Nada mais temos que acrescentar.

Dentre os soldados que receberam o encargo de quebrar os ossos dos supliciados, o que tomou a si essa tarefa e a executou era um admirador de Jesus, mas que, por temor, ocultava seus sentimentos. Não quis, portanto, praticar com o corpo do Mestre, que ele acreditava estar bem morto, um ato que os Romanos, como outros povos da antiguidade, consideravam infamante. Quando mesmo, porém, aquele soldado não se houvesse abstido, por impulso próprio, de levar a efeito, no corpo de Jesus, a missão de que fora incumbido, teria sido desviado da prática do ato infamante, por meio da influência magneto-espírita, que lhe inspiraria o pensamento e a resolução de o não executar, por inútil, em um corpo que, *a seus olhos,* já era cadáver.

Um dos soldados, diz a narração evangélica, varou *o lado* do corpo de Jesus com uma lança *e logo dali saíram sangue e água.* Do ponto de vista em que vos mostramos Jesus, fazendo-vos a revelação, *em espírito e verdade,* da sua origem e da sua natureza extra-humana, da sua posição espírita com relação a Deus e ao planeta terreno, esse fato nada tem de espantoso. Jesus que, *no entender dos homens,* estava morto, deixara na cruz o seu corpo fluídico em estado de tangibilidade e com todas as aparências da morte humana, conservando reunidos, pela ação da sua potente vontade, os elementos que o constituíam. Aquele sangue e aquela água que lhe saíram do lado, logo após o lançaço, foram um efeito fluídico, idêntico, na aparência, *para os olhares dos homens, ao* efeito material que o golpe produziria num corpo humano.

Estas palavras da Escritura: Verão *o que traspassaram,* têm uma acepção geral. O pensamento que encerram é todo de ordem espiritual.

Os homens teriam de vê-lo, pelo pensamento, a ele, a vítima voluntária do Gólgota.

Os discípulos, após a sua "ressurreição", teriam

de vê-lo e de haurir, nas suas aparições e nas marcas daquele sacrifício, a confirmação da fé que possuíam e a força necessária para espalhá-la, não obstante as perseguições e mesmo diante do suplício extremo.

Essas palavras da Escritura eram também palavras ditas para ser compreendidas no futuro pelos soldados que haviam sido os instrumentos do sacrifício, bem como por todos os que a ele assistiram, ou o provocaram e fizeram que se consumasse. Todos, com efeito, são chamados a assistir ao segundo advento de Jesus, nos tempos por ele preditos. Mas, então, tantas encarnações terão passado sobre esses fatos, que a dolorosa lembrança deles se lhes terá atenuado pela reparação.

Não creiais que os que condenaram a Jesus sejam tidos por mais culpados do que os que condenaram Sócrates a beber cicuta ou que lapidaram os primeiros mártires. O crime é proporcional à inteligência daquele que o comete. Se, entre os fariseus, os principais Judeus e os príncipes dos sacerdotes houve muitos que condenaram o Justo conscientemente, para servir a baixos interesses humanos, também houve muitos que, Espíritos atrasados, acompanharam a corrente por ignorância.

Entre os que vivem e ainda discutem sob o domínio *da letra e* consideram a Jesus como tendo estado sujeito à morte, do mesmo modo que os homens do nosso planeta, revestido, como estes, de um envoltório humano material, muitos há que, incapazes de compreender e explicar a reaparição do mesmo Jesus chamada "ressurreição", pretenderam que ele não estava morto no Gólgota e que a prova disso é o fato de lhe haverem saído sangue e água do lado atingido pelo lançaço.

Nada disto tem objeto nem valor, diante da nova revelação referente à origem e à natureza de Jesus. E a explicação que vimos de dar é a única digna de prender a atenção dos homens.

Aos que tal pretendem, *e colocando-vos no seu ponto de vista,* podeis fazer notar que Jesus acabava de exalar o último suspiro e que o golpe de lança foi na região do corpo que, *pela sua mesma posição e pelo gênero da morte que se dera,* conserva mais calor e, conseguintemente, vida animal. Nada, pois, de surpreendente haveria em que o sangue, mesmo que fosse sangue humano, estivesse ainda suficientemente líquido para se apresentar nos bordos da ferida, separando-se das partes aquosas que contém e que dele se dissociam ao dar-se a coagulação.

A que resultado poderia semelhante opinião conduzir, perguntamos, *colocados sempre no ponto de vista dos que a sustentam?*

Pretenderão que o corpo do Mestre tenha sido depositado, cheio de vida, no sepulcro e que, havendo os esforços de alguns homens conseguido facilmente remover a pedra que fechava a entrada da gruta, ele haja podido sair de dentro desta?

Mas, por quem, em que momento, obedecendo a que intuitos, a que interesses, por que motivo e com que fim teria sido praticada essa fraude, da qual Jesus necessariamente seria cúmplice?

Como é que tais homens, que ninguém diz quais foram, houveram podido, durante a execução do trabalho de remover a pedra, de retirar o corpo, de chamá-lo à vida, escapar à vigilância ativa que ocultamente exerceram, no Gólgota e, depois, em torno do sepulcro, os príncipes dos sacerdotes, os maiorais dos Judeus, os fariseus, todos sabedores de que a ressurreição predita, anunciada, devia dar-se ao terceiro dia, ressurreição que consideravam impossível de verificar-se, senão como fruto de uma impostura, de uma fraude, mediante a subtração do corpo por mãos humanas?

Como teriam podido escapar àquela vigilância oculta, que havia de exercer-se até ao momento em que, passado o sábado, pudessem os sacerdotes

chumbar a pedra e pôr de guarda ao corpo, no sepulcro assim selado, os soldados romanos?

Porventura, esses, que, destruindo a auréola que brilhava em torno de Jesus, nem por isso deixam de reconhecer nele um homem superior pela sua inteligência e, sobretudo, *pela pureza de seus sentimentos,* admitem que, de um lado, houvesse ele, como homem, podido renunciar à propaganda que empreendera e, de outro, fazer-se *cúmplice de uma felonia?*

Acresce que, a um homem como vós outros, a um homem do povo, sem educação, sujeito às fraquezas da humanidade, aos preconceitos do seu tempo, seria necessário, não só um grande discernimento, um extraordinário conhecimento dos homens, mas também a ciência, a presciência do futuro, para prever a influência que o seu desaparecimento exerceria sobre a credulidade dos homens da época e, daí, sobre a moral das gerações porvindouras.

Dado que houvessem podido remover a pedra, como teriam logrado os que praticassem a subtração do corpo, desde que o tivessem reanimado, preservar a Jesus dos ataques da malevolência?

Fora preciso que ele depositasse uma grandíssima confiança nos que, em tal caso, seriam *seus cúmplices na fraude, para* estar certo de que não haveria entre eles um segundo Judas, não obstante a avultada recompensa que qualquer deles seguramente podia esperar dos príncipes dos sacerdotes, dos Judeus mais eminentes e dos fariseus, se afirmasse e provasse que mãos humanas tinham subtraído o corpo. Porque, a ninguém é licito admitir que a *semelhante felonia* se prestassem homens puros e virtuosos, do mesmo modo que não o é aceitar pudesse Jesus, que, pelas suas palavras e pelos seus exemplos de pureza e de virtude, mostrou ser o modelo divino, encerrar com uma fraude a sua missão superior, a sua vida sem mácula!

Já vos mostramos, porém, comentando os três primeiros Evangelhos (págs. 473-476 e 493-504 do

3º tomo), que o corpo estava na gruta quando os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, com os soldados romanos destacados para montarem guarda ao sepulcro, foram selar, chumbando-a, a pedra que lhe fechava a entrada; — que o desaparecimento do corpo, por efeito de uma "ressurreição", *em espírito e verdade e de acordo com as leis da natureza,* não é possível nem explicável, senão conformemente à revelação que vos foi e é agora enviada por Deus e que vos temos feito em nome e da parte do Mestre, sobre a sua origem e a sua natureza *estranhas à* humanidade do vosso planeta, sobre *a natureza* do corpo que ele tomou, sobre a constituição desse corpo e as condições em que se formou, a fim de ele aparecer na Terra e estar entre os homens, corpo que, repetimo-lo mais uma vez, com a aparência de um corpo humano, era fluídico, de natureza perispirítica, tornado tangível, para ser percebido pelos homens, de maneira tal que houvesse, da parte destes, ilusão completa, *como devia acontecer,* e sabeis já porque e com que fim. Era um corpo compatível, harmônico *com a natureza espiritual* de Jesus, formado segundo as leis que presidem à formação dos corpos nos mundos superiores, mas apropriadas essas leis ao vosso *planeta, aos* fluidos nele ambientes e que servem para a formação dos seres humanos. Era, pois, um corpo também relativamente de harmonia *com esse planeta.*

Aqueles que rejeitam a revelação e os fatos evangélicos, a luz e a ciência espíritas, a nova revelação, que vem explicar e tornar compreensíveis, *em espírito e verdade,* as palavras e os atos do Mestre, sua origem e natureza espirituais, a natureza do corpo que ele tomou, ele, puro Espírito, Espírito de pureza perfeita e imaculada, para desempenhar entre os homens a sua missão superior de Messias, fundador, protetor e governador da Terra e da humanidade terrena; — àqueles que procuram *demolir, destruir, sem poderem substituir o* que destruam, repetimos o que já tivemos ocasião de dizer:

"Pobres cegos! Tínheis uma luz imperfeita que *vos preparava* para uma viva claridade. Trabalhais por apagá-la e mergulhais nas trevas!

"Pobres cegos! Amontoais as pedras que arrancais desse edifício que o perpassar do tempo abalou e que se tornou *insuficiente,* pois que *a letra* agora mata e soou a hora *do espírito que vivifica,* e não vos apercebeis de que, descurando de lhes dar o emprego que elas devem ter em a nova edificação, construís para vós mesmos um túmulo, onde profundas trevas vos envolverão!

"Tratai de repelir essa demência que vos ganha e descerrai os olhos. Julgando-vos iludidos *pelo passado,* negais *o futuro e* despedaçais *o presente.* Que quereis então?"

CAPÍTULO XIX
Vv. 38-42

O corpo de Jesus é depositado no sepulcro

V. 38. Depois disto, José de Arimatéia, que era discípulo de Jesus, mas às ocultas, por temor dos Judeus, pediu a Pilatos que lhe permitisse tirar o corpo de Jesus. Tendo-lhe Pilatos concedido, ele veio e tirou o corpo de Jesus. — 39. Nicodemos, aquele que da primeira vez fora ter com Jesus durante a noite, veio também trazendo cerca de cem libras de uma composição de mirra e áloes. — 40. Tomaram, pois, o corpo de Jesus e o envolveram em lençóis com aromas, segundo a maneira de sepultar os mortos em uso entre os Judeus. — 41. Ora, havia no lugar em que Jesus fora crucificado um horto e nesse horto um sepulcro novo, onde ainda ninguém tinha sido sepultado. — 42. Aí, como fosse o dia da preparação do sábado dos Judeus e o sepulcro estivesse perto, depositaram a Jesus.

N. 65. Estes fatos não exigem comentário algum.

A narrativa que deles faz João e as dos três outros evangelistas se explicam e completam reciprocamente. João não se refere ao dono do sepulcro, porque isso nenhuma importância tinha e já fora dito quem era ele. O sepulcro, como dissemos anteriormente, pertencia a José de Arimatéia. Não vos detenhais em particularidades pueris.

CAPÍTULO XX
Vv. 1-18

Madalena vai ao sepulcro e comunica o que viu a Pedro e João e estes também vão lá. — Aparição dos anjos e de Jesus a Madalena

V. 1. No primeiro dia da semana, Maria Madalena veio ao sepulcro, de manhã cedo, quando ainda estava escuro, e viu que a pedra havia sido tirada do sepulcro. — 2. Correu então e foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo a quem Jesus amava e lhes disse: Tiraram do sepulcro o Senhor e não sabemos onde o puseram. — 3. Pedro saiu logo e o outro discípulo também e foram ao sepulcro. — 4. Corriam juntos os dois, mas aquele outro discípulo correu mais depressa do que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro. — 5. E, tendo-se abaixado, viu os lençóis que estavam no chão, mas não entrou. — 6. Chegou depois Simão Pedro que o seguia e entrou no sepulcro. Viu os lençóis que lá estavam, — 7, e o sudário que haviam posto sobre a cabeça de Jesus, o qual, porém, não estava junto com os lençóis e sim dobrado em um lugar à parte. — 8. Então o outro discípulo, que havia chegado primeiro, entrou também no sepulcro, viu e acreditou; — 9, pois que não sabiam ainda o que a Escritura ensina, que ele havia de ressuscitar dentre os mortos. — 10. E os dois discípulos voltaram em seguida para casa. — 11. Maria, porém, se conservou do lado de fora, perto do sepulcro, chorando. E como, a chorar, se abaixasse para olhar dentro do sepulcro, — 12, viu dois anjos vestidos de branco, sentados no lugar onde estivera o corpo de Jesus, um à cabeceira, o outro aos pés. — 13. Eles lhe perguntaram: Mulher, porque choras? Ela respondeu: Porque levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram. — 14. Tendo dito isso, voltou-se para trás e viu a Jesus de pé, mas sem saber que era ele. — 15. Perguntou-lhe então Jesus: Mulher, porque choras? a quem procuras? Ela, julgando que fosse o jardineiro, lhe disse: Senhor, se foste tu que o tiraste, dize-me onde o puseste e eu o levarei. — 16. Jesus lhe disse: Maria! Ela, voltando-se, lhe disse: *Raboni,* que quer dizer — Mestre. — 17. Disse-lhe Jesus: Não me toques, pois

que ainda não subi a meu pai; mas vai ter com meus irmãos e dize-lhes de minha parte que subo para meu pai e vosso pai, para meu Deus e vosso Deus. — 18. Maria Madalena veio então comunicar aos discípulos que vira o Senhor e que ele lhe havia dito estas coisas.

N. 66. Sobre estes versículos já demos todas as explicações necessárias, ao comentarmos os três primeiros Evangelhos, coordenando a narração de João com as de Mateus, Marcos e Lucas. Reportai-vos a essas explicações. (Págs. 477-492 do 3° tomo.)

CAPÍTULO XX
Vv. 19-23

Aparição de Jesus aos apóstolos

V. 19. Pela tarde, porém, daquele mesmo dia, que era o primeiro da semana, estando fechadas as portas do lugar onde se achavam reunidos os discípulos, de medo dos Judeus, veio Jesus e se pôs no meio deles e lhes disse: A paz seja convosco. — 20. Dito isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos muito se alegraram vendo o Senhor. — 21. E ele lhes disse segunda vez: A paz seja convosco; assim como meu pai me enviou, também eu vos envio. — 22. Ditas essas palavras, soprou sobre eles e lhes disse: Recebei o Espírito Santo. — 23. Perdoados serão os pecados àqueles a quem os perdoardes e retidos àqueles a quem os retiverdes.

N. 67. Pelo que respeita à aparição de Jesus no meio de seus discípulos, estando, por medo dos Judeus, fechadas as portas do aposento onde se achavam reunidos e pelo que toca às provas que lhes deu para convencê-los da sua "ressurreição", já recebestes, nos comentários sobre os três primeiros Evangelhos (págs. 510-514 do *3°* tomo), as explicações necessárias.

Por estas palavras: *"Assim como meu pai me enviou, também eu vos envio",* Jesus exprime o seguinte pensamento: "Deus me encarregara de uma missão e eu a cumpri. Dei-vos uma: ide cumpri-la."

"Tendo pronunciado essas palavras, soprou sobre eles e lhes disse: *"Recebei o Espírito Santo." Humanamente* lhes deu um sinal visível da sua influência. Em realidade, comunicou-lhes a inspiração, outorgando-lhes o amparo e o concurso invisíveis dos Espíritos superiores que haviam de assisti-los em sua missão. Assim é que receberam o "Espírito Santo".

Depois de ter soprado sobre eles e de lhes dizer: "Recebei o Espírito Santo", foi que lhes prometeu, conforme vos explicamos comentando os três primeiros Evangelhos, *enviar-lhes o* "dom do pai", isto é, a manifestação espírita dos Espíritos superiores incumbidos de assisti-los na sua missão, sob a forma *visível* de línguas de fogo.

Quanto ao sentido, *em espírito e verdade,* destas palavras: "Perdoados serão os pecados àqueles a quem os perdoardes e retidos àqueles a quem os retiverdes", já vos foi dado, com todas as explicações necessárias, quando comentamos os três outros Evangelhos (págs. 166-170, 428-441 e 443 do 2º tomo). Dissemos e aqui repetimos: essas palavras se dirigiam *especialmente e taxativamente aos* discípulos. Animados de um zelo esclarecido, assistidos e inspirados pelos Espíritos do Senhor, eles tinham, eles, o poder de *ligar e de desligar,* de *remitir ou* reter os pecados, no sentido de que se achavam em condições de julgar da pureza ou da culpabilidade dos que lhes pediam seus conselhos. Justo, portanto, era o juízo que formavam. Nunca, porém, nenhum deles se arrogou o direito de julgar sem apelação, de absolver ou de condenar.

CAPÍTULO XX
Vv. 24-31

Aparição de Jesus a Tomé e aos outros discípulos. — Tomé vê e crê

V. 24. Tomé, um dos doze apóstolos, chamado Dídimo, não estava com eles quando Jesus veio. — 25. Disseram-lhe, pois, os outros discípulos: Vimos o Senhor. Ele, porém, lhes disse: Se eu não vir em suas mãos a marca dos cravos que as atravessaram e não meter o meu dedo nos buracos dos cravos e minha mão na chaga do seu lado, não o crerei. — 26. Oito dias depois, achando-se de novo os discípulos no mesmo lugar e Tomé com eles, veio Jesus, estando fechadas as portas, pôs-se no meio deles e lhes disse: A paz seja convosco. — 27. Disse em seguida a Tomé: Mete aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega aqui a tua mão e mete-a no meu lado, e não sejas incrédulo, mas fiel. — 28. Respondeu Tomé: Meu Senhor e meu Deus! — 29. Disse-lhe Jesus: Tu creste, Tomé, porque me viste; bem-aventurados os que não viram e creram. — 30. Na presença de seus discípulos fez ainda Jesus muitos outros milagres, que não estão escritos neste livro. — 31. Estes, porém, são escritos, a fim de que creiais que Jesus é o Cristo, o filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome.

N. 68. Do mesmo modo que os outros discípulos, Tomé não conhecia a tangibilidade, sua existência, sua causa e seus efeitos.

Só se convenceu, vendo o Mestre aparecer no meio deles, *em o* lugar onde se encontravam reunidos a portas fechadas, e dar-lhe as provas que ele reclamara para acreditar que seus irmãos em Deus o tinham visto, para crer na sua "ressurreição".

Nestas palavras *de* Tomé: *"Meu Senhor e meu Deus" há* redundância, pleonasmo. A mesma significação têm ambas as expressões. Exprimem o res-

peito, a admiração de *que se viu presa diante do Mestre* "ressuscitado". *Seu* pensamento *se* dirigiu *a Deus, que só* ele podia, *ter* operado tal *"milagre".*

Desde essa época germinou no Espírito de todos os discípulos, como no de Tomé e dos outros apóstolos, a idéia da divindade de Jesus. Não podendo explicar, pelos meios conhecidos, os fatos extraordinários, para eles "miraculosos", que às suas vistas se produziam, os homens foram levados a atribuir a Jesus um poder que só atribuíam a Deus, a lhe atribuir, conseguintemente, a divindade.

Reportai-vos ao que dissemos [41] sobre essa divindade que foi atribuída ao Mestre, de quem a revelação atual vos faz conhecer, em espírito e verdade, a origem e a natureza espirituais e extra-humanas e a posição espírita com relação a Deus e ao vosso planeta, explicando-vos todos os fatos chamados "milagres".

Estas palavras de Jesus: "Tu creste, Tomé, porque me viste; bem-aventurados os que não viram e creram", se aplicavam aos homens daquela época que, sem as exigências formuladas pela incredulidade daquele apóstolo e sem terem presenciado a aparição do Mestre, haviam crido na sua "ressurreição", por efeito unicamente das suas palavras e de Seus atos e do testemunho dos que o viram "ressuscitado".

Elas objetivavam fazer que os homens de então e as gerações futuras compreendessem que deviam prestar fé ao testemunho dos apóstolos, quando afirmassem a realidade da "ressurreição", fé que cumpria fosse cega até que os olhos se tornassem capazes de suportar a luz que a nova revelação faria brilhar.

Elas encerram um ensinamento, sobretudo para a era nova que começa e em que a fé e a ciência têm que se apoiar uma, na outra, esclarecendo a razão os caminhos.

---

[41] Ver n. 1. Evangelho de João.

A fé, esclarecida, sólida, forte, durável, se obtém, não só pelo que podem perceber, materialmente os olhos do corpo, mas também pelo que percebam os olhos do Espírito, com o auxílio do estudo e do exame aprofundados e suficientes, feitos do duplo ponto de vista teórico e experimental; com o auxílio do Espiritismo, que é, quanto à sua existência como uma das leis da natureza, a comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal e que, na ordem das coisas providenciais, divinas, é o modo e o meio pelos quais Deus transmite aos homens a ciência espírita, os segredos de além-túmulo, a luz e a verdade, fazendo-lhes revelações sucessivas e progressivas, como as fez no passado e fará no futuro. Esse estudo e esse exame, porém, têm que ser praticados com amor e respeito ao Criador, sem idéias preconcebidas, com humildade, desinteresse, moralidade, sem outro móvel que não seja o amor à humanidade, o desejo ardente do progresso pessoal e coletivo.

Vimos de dizer que a fé e a ciência têm que se apoiar uma na outra. A ciência, inseparável da fé, não se reduz à ciência humana, aplicada unicamente à matéria e aos fluídos, do ponto de vista do pro*gresso material.* Abrange a indagação da verdade, na ordem física, na ordem moral e na intelectual, do ponto de vista do progresso *espiritual.* Abrange, portanto, a inteligência, *em espírito e em verdade,* das palavras, dos atos do Mestre e de suas promessas, na revelação messiânica, que os apóstolos e os evangelistas tiveram por missão espalhar e transmitiram aos homens. Porque, aí estão o princípio e a fonte de toda depuração, pela prática da moral que ele pregou, de todo progresso para os homens. Aí estão os meios de eles se elevarem e de, em conseqüência, verem rasgar-se pouco a pouco os véus que ainda cobrem a verdade.

A ciência, inseparável da fé, abrange o estudo e o conhecimento das leis naturais que regem o mundo *visível* e o mundo *invisível,* bem como as

relações entre um e outro; a instrução, que os homens precisam adquirir, acerca de seus destinos, do que podem e devem esperar. Abrange o estudo e o conhecimento das leis físicas e morais a que estão sujeitos o mundo e a criatura, que entendem com suas origens, com as fases de seus desenvolvimentos, com o fim que lhes é assinado e com as obrigações que têm de ser cumpridas para chegar-se a esse fim. Abrange o estudo e o conhecimento da ciência magnética e da ciência espírita, destinadas a conduzir e fazer que os homens avancem pelas sendas do progresso e da verdade, esclarecidos, conforme o predisse e prometeu o Mestre, nos tempos da era nova que começa, pela luz que o Espírito da Verdade lhes mostrará, tendo em suas mãos o facho da verdade e guiando-os em suas pesquisas, por intermédio dos mensageiros do Senhor, encarnados em missão, para desenvolver as crenças, ativar o progresso, realizar descobertas novas, de ordem espiritual, material e fluídica.

Far-vos-emos notar, ao concluir, que João declara não ter ele relatado tudo em a sua narração evangélica, aludindo assim às dos três outros evangelistas; mas, que o que escreveu foi para firmar a fé dos homens na missão de Jesus, como sendo o Cristo, o Messias predito e prometido, como sendo o filho de Deus, vós o sabeis, pela sua pureza e pelo seu saber, e para que os homens, caminhando pela estrada que ele traçou com a sua moral, seus ensinos e exemplos, cheguem, pela depuração e pelo progresso, à vida permanente que só a perfeição lhes pode dar, libertando-os da matéria e de suas influências.

CAPÍTULO *XXI*
Vv. 1-25

Aparição de Jesus à margem do mar de Tiberíades. — Pesca chamada "milagrosa". — Amor de Pedro a Jesus. — Jesus lhe confia suas ovelhas e lhe prediz seu martírio, abstendo-se de dizer o que será feito de João

V. 1. Jesus tornou a mostrar-se depois a seus discípulos às bordas do mar de Tiberíades. Mostrou-se deste modo: — 2. Simão Pedro e Tomé, chamado Dídimo, Natanael, que era de Caná da Galiléia, os filhos de Zebedeu e dois outros de seus discípulos estavam reunidos. — 3. Simão Pedro disse: Vou pescar. Disseram-lhe os outros: Vamos também contigo. Partiram, pois, e entraram numa barca, mas naquela noite nada apanharam. — 4. Ao amanhecer, Jesus apareceu na praia, sem que seus discípulos conhecessem que era ele. Disse-lhes então Jesus: — 5. Filhos, tendes alguma coisa para comer? Responderam-lhe eles: Não. — 6. Disse-lhes Jesus: Lançai a rede do lado direito da barca e achareis. Eles a lançaram imediatamente e quase a não podiam retirar, tão carregada estava de peixes. — 7. Então o discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: É o Senhor. E Simão Pedro, tendo ouvido que era o Senhor, vestiu a túnica (pois que estava nu) e atirou-se ao mar. — 8. Os outros discípulos vieram na barca; e, como não se achavam distantes da terra mais do que uns duzentos côvados, puxaram a rede cheia de peixes. — 9. Logo que saltaram em terra, acharam brasas acesas, peixe em cima delas e pão. — 10. Disse-lhes Jesus: Trazei alguns desses peixes que acabastes de apanhar. — 11. Então Simão Pedro subiu à barca e arrastou para terra a rede cheia de cento e cinqüenta e três peixes grandes. E, embora fossem tantos, a rede não se rompeu. — 12. Jesus lhes disse: Vinde, jantai. E nenhum dos que se puseram a comer ousava perguntar-lhe: Quem és tu? pois sabiam que era o Senhor. — 13. Veio então Jesus, tomou do pão e lhes deu e fez o mesmo com o peixe. — 14. Essa foi a terceira vez que Jesus apareceu a seus discípulos, após haver

ressurgido dentre os mortos. — 15. Depois de terem jantado, disse Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, tu me amas mais do que os outros? Pedro lhe respondeu: Sim, Senhor, sabes que te amo. Jesus lhe disse: Apascenta os meus cordeiros. — 16. Perguntou-lhe outra vez: Simão, filho de João, tu me amas? Pedro respondeu: Sim, Senhor, sabes que te amo. Jesus lhe disse: Apascenta os meus cordeiros. — 17. Perguntou-lhe terceira vez: Simão, filho de João, tu me amas? Pedro, tocado por lhe perguntar ele terceira vez: tu me amas? respondeu: Senhor, tu sabes todas as coisas; sabes que te amo. Jesus lhe disse: Apascenta as minhas ovelhas. — 18. Em verdade, em verdade te digo: quando eras mais moço, tu te cingias a ti mesmo e ias aonde querias, mas quando fores velho, estenderás as mãos e outro te cingirá e te levará para onde não queres. — 19. Ora, ele disse isto para indicar por que morte havia Pedro de glorificar a Deus. E, depois de ter assim falado, disse-lhe: Segue-me. — 20. Pedro, voltando-se, viu que o seguia o discípulo a quem Jesus amava e que, durante a ceia, estivera recostado sobre o seu peito e lhe perguntara: Senhor, quem é o que te trairá? — 21. Pedro, pois, tendo-o visto, perguntou a Jesus: E este, Senhor, que será feito dele? — 22. Jesus respondeu: Se quero que ele fique até que eu venha, que te importa? Segue-me tu. — 23. Correu, logo, a este propósito, entre os irmãos, o rumor de que aquele discípulo não morreria. Jesus, entretanto, não dissera: Ele não morrerá; mas: Se quero que ele fique até que eu venha, que te importa? — 24. Esse mesmo discípulo é o que dá testemunho destas coisas e que escreveu isto; e sabemos que é verdadeiro o seu testemunho. — 25. Muitas outras coisas, porém, fez Jesus, as quais, se fossem referidas uma por uma, creio que o mundo todo não poderia conter os livros que se escrevessem.

N. 69. Os fatos constantes deste capítulo, como tudo o que forma a sua narrativa evangélica, são relatados pelo apóstolo João. Simplesmente, em vez de escrevê-lo de seu punho, ele o ditou a um de seus discípulos. Por erro dos tradutores é que no v. 24 a palavra *ditado foi* substituída pela palavra *escrito. O* texto original rezava o seguinte: "Esse mesmo discípulo é o que dá testemunho destas coi-

sas e que *ditou* isto; e sabemos que é verdadeiro o seu testemunho."

Os fatos referidos neste capítulo o apóstolo João os contou a seus discípulos, quando a sua avançada idade já lhe não permitia escrever. E um desses discípulos escreveu o que ele ditou. Assim é que, com razão, tais fatos foram colocados em continuação da sua narrativa evangélica e como fazendo parte desta.

Conforme aí se vos diz, a aparição de Jesus aos discípulos à margem do mar de Tiberíades foi a terceira. Nos comentários aos três primeiros Evangelhos (págs. 516-517 do 3° tomo) explicamos em que circunstâncias ela se deu.

A presença de Jesus "ressuscitado" impressionava vivamente os discípulos e as aparições, tanto a estes como às mulheres, tinham que, em seu conjunto, servir àquele momento e ao futuro, até aos vossos dias; tinham que preparar a base, os elementos e os meios necessários à revelação vindoura, predita e prometida, do Espírito da Verdade.

Em face do *que veladamente o* Mestre dissera acerca, da sua origem e da sua natureza, acerca, do poder que tinha de deixar *a vida e* de a retomar à sua, vontade, sem que ninguém lha tirasse, deixando-a ele por si mesmo, e acerca do fato de haver o seu corpo desaparecido do sepulcro, aquelas aparições tinham que servir para que, pela revelação atual, fossem explicadas, *em espírito e verdade, o* que os *homens chamaram a* "sua morte", a "sua ressurreição" e, conseguintemente, o modo por que se deu o seu aparecimento na Terra e, assim, a sua origem e a sua natureza extra-humanas.

Por isso mesmo Jesus ainda se manifestou a seus discípulos sob uma aparência humana que lhes não permitiu a princípio conhecer que era ele.

Uma vez lançada a rede, conforme lhes fora prescrito, ao ver que quase já não mais a podiam retirar, tão carregada estava de peixes, João, não podendo atribuir esse fato *"miraculoso"* senão a

Jesus, disse a Pedro: *"É o Senhor."* Esse pensamento, expresso por João, dominou o Espírito dos discípulos quando foi retirada a rede cheia de cento e cinqüenta e três peixes e Jesus lhes disse: *"Vinde e jantai."* Diante daquela pesca *"milagrosa",* ficaram convencidos de que quem ali estava era o Mestre, mas, perturbados, não ousavam perguntar: Quem és tu ?

Só no momento em que tomou do pão e do peixe e os distribuiu com eles foi que Jesus se lhes apresentou com a figura que lhes era familiar e que eles o reconheceram, ouvindo, depois de terem jantado, aquela voz que tanto conheciam, quando o Mestre falou a Pedro.

Sabeis como se operou essa manifestação, que exclui a "ressurreição" com um corpo material humano, qual os vossos.

As explicações, que recebestes nos comentários aos três primeiros Evangelhos, relativas às aparições aos dois discípulos que iam para a aldeia de Emaús e a Maria Madalena, bastam. A ciência espírita fornece a explicação desse fenômeno de aparições produzido por Jesus com o corpo fluídico, de natureza perispirítica, apto a longa tangibilidade, que ele tomara para cumprir a sua missão terrena, corpo esse de harmonia com a sua natureza espiritual e em relativa harmonia com o vosso planeta.

Quanto à pesca *tida por* "milagrosa" *pelos discípulos,* explica-se naturalmente, como a primeira em que tomaram parte Pedro e André, seu irmão, Tiago e João, filhos de Zebedeu. A esse respeito já tivestes as explicações necessárias no 1° tomo, n. 71, págs. 382-386.

Dizendo a Pedro o que consta dos vv. 15, 16 e 17, Jesus determinou a parte que cabia a esse apóstolo nos trabalhos de guiar os primeiros passos do Cristianismo. Dirigiu-se, porém, *a Pedro* especialmente e não aos que deram, à sua missão apostólica o caráter de *um governo sucessivamente transmissível.*

Reportai-vos ao que vos dissemos (págs. 433-438 do 2° tomo) acerca do verdadeiro sentido destas palavras de Jesus a Pedro: "Tu és pedra e sobre esta pedra edificarei a minha igreja. Tudo o que ligares na Terra será ligado no céu e tudo o que desligares na Terra será desligado no céu."

Jesus prediz a Pedro (vv. 18-19) seu martírio e o gênero de morte que o espera, proferindo estas palavras veladas: *"Segue-me".* Pedro tinha de *seguir a* Jesus, pois tinha que ser *crucificado.*

Quanto à resposta que lhe deu o Mestre (vv. 20-23) e que, tomada em sentido material e ao pé *da letra,* fez supor — ingenuidade dos tempos — que João não morreria até que o Mestre voltasse, na época predita do "fim do mundo", o que ela dava a entender é que cada um tem bastante com que se ocupar, vigiando seus próprios atos e preparando, enquanto pode, o seu fim, sem cuidar de perscrutar o futuro, para saber qual será o destino deste ou daquele. Tais o sentido e o fim destas palavras, intencionalmente evasivas e veladas: *"Se quero que ele fique até que eu venha, que te importa?* Segue-me tu", com que Jesus respondeu a esta pergunta de Pedro: *E este* (referindo-se a João), *Senhor, que será feito dele?*

A sorte futura de cada um dos apóstolos tinha que lhes permanecer oculta. Daí o cunho evasivo dessa resposta, cujo objetivo, *segundo o espírito que vivifica,* era, sob o véu *da letra,* predizer a Pedro qual a que o esperava e deixar ao mesmo tempo um ensino para os homens.

Era também uma lição dada àquele apóstolo.

Não vejais nestas ultimas palavras (v. 25): "Muitas outras coisas, porém, fez Jesus, *as quais, se fossem referidas uma por uma, creio que o mundo todo não poderia conter os livros que se escrevessem",* mais do que uma expressão exagerada, de que se serviu João, falando a seus discípulos, para lhes fazer compreender, *mediante uma figura* de linguagem, a grandeza das obras de Jesus.

OS MANDAMENTOS
Explicados em espírito e verdade

DECÁLOGO

Deus, como sabeis, não se comunica *diretamente com os* homens.

Segundo, porém, *a maneira de ver dos Hebreus,* era *o próprio* Deus, sempre Deus, quem falava a Moisés. Era preciso que fosse assim.

Espírito elevado, com relação ao povo hebreu, que ele dirigia; médium, em certas circunstâncias, vidente, audiente, ou inspirado, e também de efeitos físicos, conforme aos casos e às necessidades da sua missão, Moisés se viu obrigado, para dar força e valor aos mandamentos que impunha aos Hebreus, para lhes gravar na memória e nos corações as ordenações e os estatutos que lhes eram indispensáveis naquela época, a cercar-se de todo mistério e de pompas que os impressionassem; a empregar fórmulas capazes de lhes infundir respeito.

Guiado por Espíritos que lhe eram superiores, previa alguns fatos que haviam de dar-se, descobria capacidades, que a multidão desconhecia, isto é, compreendia a ação espiritual sobre o homem e as faculdades materiais necessárias ao desenvolvimento dessa ação. Como sabeis, para que o médium possa operar, é preciso que se ache em determinadas condições fluídicas. Ele tinha a impressão dessas condições e antevia o papel que, *aos olhos dos Hebreus, elas* desempenhariam, verificando-se, primeiro, nele próprio, depois em outros. Mas, se dissera aos Hebreus: *Moisés vos anuncia; Moisés vos concita; Moisés vos ensina,* teria sido apupado, teria provocado o riso.

Do mesmo modo, para fortemente impressionar e abalar homens que ainda por longo tempo tinham de ser conduzidos pelo temor e pelo terror, para impor o respeito à lei que lhes era dada, foi

que no Sinai se produziu aquela formidável manifestação, que precedeu, acompanhou e se seguiu à promulgação do Decálogo e que o cercou de tanto mistério e de tão grande pompa. Dessa manifestação podeis inteirar-vos pelo que sabeis relativamente a efeitos semelhantes produzidos em todos os tempos e ainda agora.

Assim como as outras manifestações físicas de ordem material e de ordem inteligente, relatadas no Antigo Testamento, tudo o que a respeito da de que vimos tratando vos é aí referido foi obra dos Espíritos prepostos à produção de tal efeito.

Esses Espíritos provocaram ruídos mediante o choque de fluidos inflamáveis e desse modo fizeram que a multidão reunida no sopé do monte visse a aparência de um fogo ardente, do qual se desprendia um vapor inflamado, e produziram, como consta do *Êxodo,* XIX, vv. 16 a 19 e XX, v. 18, os efeitos físicos que ali se diz terem sido — *trovões, relâmpagos e uma caliginosa e densa nuvem que cobriu o monte, elevando-se-lhe do alto como se de uma fornalha.* Manejando fluidos sônicos, causaram o efeito físico *"do som de trombeta, que aumentava pouco a pouco e se tornava mais forte e mais agudo".*

A proibição aos Hebreus de transporem a barreira foi motivada pelo perigo, que alguns poderiam ocasionar, do rompimento das colunas de fluidos que se entrechocavam no monte, fato que daria lugar a acidentes semelhantes aos que resultam da passagem do raio.

Estas palavras ditas a Moisés (Êxodo, XX, v. 19): "Fala-nos tu mesmo e nós te escutaremos; mas que não nos fale Deus, para que não morramos", aludem ao ribombo "dos trovões", que a multidão tomava pela voz do próprio Deus.

Empregando e combinando fluidos tornados opacos, os Espíritos prepostos produziram — *"aquela obscuridade" em que* (segundo a expressão bíblica, *Êxodo, XX, v. 22) Deus estava,* isto é, em

que estava o Espírito superior, seu enviado, e em que Moisés, após a promulgação do Decálogo, foi receber desse enviado as instruções particulares, as ordenações, os estatutos, indispensáveis aos Hebreus naquela época.

As primeiras tábuas da lei, as quais Deus, com a sua presciência, sabia que seriam quebradas, escreveu-as o próprio Moisés, como médium mecânico e audiente, sob a influência espírita. Elas foram, pois, obra de Deus, por intermédio do Espírito superior enviado, Espírito que, invisível para Moisés, lhe fez ouvir as palavras dos Mandamentos, ao mesmo tempo que fazia com que ele os escrevesse *mecanicamente,* sob a impressão de que provinham do próprio Deus.

As segundas tábuas Moisés as escreveu também mecanicamente, debaixo da inspiração do Espírito superior enviado. Tão inconsciente, porém, ele se conservou dessa inspiração, que acreditou tê-las escrito "de memória e trazido aos Hebreus, gravadas e tais como se recordava que eram". Se, entretanto, houvera dito ao povo: "Lembrei-me das palavras gravadas nas primeiras tábuas e as reproduzi", teria feito que duvidassem da procedência delas e que desprezassem a lei. Para que tal não acontecesse foi que, inspirado pelos Espíritos superiores que o assistiam na sua missão, apresentou, crente de ser essa a realidade, as segundas tábuas como escritas, semelhantemente às primeiras, "pelo dedo de Deus" conforme à expressão bíblica. Moisés, no Sinai, acreditava estar em comunicação direta com o Senhor.

Lede com atenção, na linguagem oriental e apropriada aos tempos, aos povos, ao estado das inteligências e ao fim que se tinha em vista alcançar, a narrativa do que se refere à promulgação do *Decálogo, ao* que ocorreu às vistas do povo hebreu relativamente à preparação e ao fato dessa promulgação, ao que ocorreu para serem dadas a Moisés as instruções particulares que ele recebeu e

àquele povo, por seu intermédio, as ordenações e estatutos que lhe eram então indispensáveis[42]; lede a narrativa do que se passou quando Moisés, tendo recebido as duas tábuas da lei, desceu do Sinai, avisado, pelo Espírito superior, dos atos de idolatria que se praticavam no acampamento[43]; do que se deu em seguida, desde o momento em que ele atirou ao chão e quebrou as primeiras tábuas na falda do monte, até o em que deste desceu segunda vez trazendo as novas tábuas[44]; e, se atentardes no que se acha dito acerca dos acontecimentos que precederam, prepararam e efetivaram a promulgação do *Decálogo* e acerca do que sucedeu para que Moisés entrasse no desempenho público da sua missão[45] e do que se seguiu[46], compreendereis a necessidade que havia, de acordo com a presciência e a sabedoria infinitas de Deus, de conduzir-se pelo terror aquele povo atrasado, indócil, sempre pronto a esquecer e desconhecer o seu Deus, a se subtrair à direção do seu enviado, profundamente imbuído dos prejuízos, das idéias politeístas, de tendências para a idolatria e no seio do qual se tinham que preparar o advento do Messias, os elementos e os meios apropriados ao desempenho da sua missão terrena e ao da missão dos apóstolos. Compreendereis a necessidade que havia de serem os Hebreus, *segundo a sua maneira de entender, postos,* por intermédio daquele que os chefiava, em contacto com o seu Deus, sob as mãos do *próprio* Deus, do "Eterno", único eterno, "Senhor acima de todos os deuses, do Deus forte e cioso, que exerce vingança contra os que lhe desconhecem a lei, *que pune a iniqüidade dos pais nos filhos na terceira e quarta gerações dos que o odeiam, que usa de misericórdia*

---

[42] *Êxodo,* cap. XIX a XXVI e XXVIII a XXXI.

[43] Êxodo, cap. XXXII.

[44] *Êxodo,* cap. XXXIII e XXXIV.

[45] *Êxodo,*cap. II a *XIX.*

[46] *Êxodo,*cap. XXXV a XL.

na sucessão de mil gerações para com os *que o amam e guardam seus mandamentos, seus preceitos."*

Dar-vos-emos, dentro em pouco, ao explicarmos o segundo Mandamento do *Decálogo,* o verdadeiro sentido *destas últimas palavras que,* tomadas *à letra,* seriam uma enormidade e que, *segundo o espírito,* em *espírito e verdade,* são a expressão sublime da justiça, e da bondade de Deus.

Há um fato sobre o qual não devemos guardar silêncio e que, para os que lhe não sabem compreender nem explicar a necessidade, o motivo e o fim, conformemente à presciência e à sabedoria do Senhor, constitui uma monstruosidade. Esse fato, de que, mais tarde, sob o império da branda e pura lei de amor e caridade que o Cristo veio trazer aos homens, a ignorância, o fanatismo, a vertigem do poder e a ambição fizeram uma arma e um exemplo, é o do massacre que Moisés ordenou fosse feito, em nome do Senhor, dentro do acampamento hebreu, nas circunstâncias referidas no *Êxodo,* capítulo XXXII.

"Moisés, diz-se ali, vendo então que o povo ficara inteiramente nu (pois que Aarão o despojara por aquela abominação vergonhosa e o pusera todo nu no meio dos *seus inimigos),* parou à porta do acampamento e disse: Junte-se a mim todo aquele que for do Senhor. E, tendo-se reunido ao seu derredor todos os filhos de Levi, disse-lhes ele: Eis o que diz o Senhor, o Deus de Israel: Ponha cada homem na cintura sua espada; passai e repassai através do campo, *de uma porta à outra,* e que *cada um mate seu irmão, seu amigo e aquele que lhe for mais chegado. — Os* filhos de Levi fizeram o que Moisés ordenara e houve cerca de três mil homens mortos esse dia. — Então Moisés lhes disse: *Tendes, cada um de vós, consagrado vossas mãos ao Senhor, mesmo matando vosso filho e vosso irmão, a fim de que a bênção de Deus vos seja dada." (Êxodo,* cap. XXXII, vv. 25-29.)

Quando da encarnação daquela geração de homens, maior talvez do que na época atual era a

mistura dos Espíritos que revestiam o corpo carnal. A maioria deles tomara por missão manter na Terra e popularizar a idéia da unidade de Deus. Mas, sentindo-se demasiado fracos para perseverar, muitos haviam pedido que o curso da existência lhes fosse detido, *caso* faltassem aos seus compromissos.

Vimos de dizer: "Sentindo-se *demasiado fracos para perseverar."* Sabeis, com efeito, que o Espírito, sobretudo o Espírito inferior, conserva por mais ou menos tempo, na erraticidade, os preconceitos, as opiniões, as idéias, os pendores, as tendências da sua precedente encarnação. De sorte que, quando se prepara para outras provas, tem que temer e teme que, em a nova existência terrestre, voltem a dominá-lo esses preconceitos, opiniões, tendências e pendores, contra os quais lhe cumpre lutar como encarnado.

Assim é que freqüentemente vedes entre vós mancebos, até crianças, que, apresentando indícios de más paixões, mostrando-se viciosos, mesmo em centros de depuração, vêm a ter cortado o fio de suas existências, a fim de que possam, por meio de reflexões e estudos feitos na erraticidade, adquirir a força que ainda lhes faltava. São Espíritos que pediram lhes fosse detido o curso da vida terrena, *caso* faltassem a seus compromissos.

Essa categoria de Espíritos é menos culpada. Peca mais por fraqueza do que por vontade. E a morte prematura, que eles pediram nessas circunstâncias, lhes auxilia o desenvolvimento, o progresso.

Entre os encarnados da geração a que nos estamos referindo, havia também uma categoria de Espíritos que tinham de expiar assassínios por eles cometidos (nessa época grosseira se praticavam tantos!) e que pediram aquela expiação para conseguirem, pela aplicação da lei de talião, depurar-se, reparar e progredir.

Os que tombaram mortos aos golpes dos levitas tiveram uma sorte prevista e por eles pedida, porquanto uns pertenciam à categoria dos que ha-

viam tomado por missão manter na Terra e popularizar a idéia *da unidade* de Deus e rogado que o curso da existência terrena lhes fosse detido, *caso* faltassem aos seus compromissos; pertencendo os outros à dos que, tendo de expiar assassínios por eles cometidos anteriormente, pediram aquela expiação e a sofreram.

Foi *assim e* nenhum golpe se perdeu, porque, *em circunstâncias tais,* como deveis compreender, os Espíritos protetores, prepostos a vigiar as provas e expiações de cada um, para que elas se cumprissem, impelindo os culpados ou dirigindo as espadas dos que acutilavam, faziam que aqueles recebessem o golpe que os prostraria. Deu-se ali o que se dá com a bala que deve ferir a *este ou àquele e* que segue a sua trajetória, mesmo quando toda a probabilidade era de que se perdesse.

Dissemos que os Espíritos prepostos a vigiar as provas e expiações de cada um, a fim de que elas se cumprissem, impeliam os culpados ou dirigiam as espadas dos que acutilavam, *no sentido* de que aqueles Espíritos, para que as provas e expiações se verificassem, atuavam sobre o culpado e sobre o que empunhava a espada: sobre um pela ação do magnetismo espiritual, sobre o outro por meio da inspiração e da ação fluídica. Aqui é que, considerando a Providência divina e a ação, sobre o homem, dos Espíritos prepostos, a obrarem debaixo da direção da presciência e da sabedoria infinitas de Deus, podeis dizer: *"O homem se agita e Deus o conduz."*

Nada é sem motivo e sem objetivo. O que o homem muitas vezes encara como ato de uma vontade arbitrária, nunca é senão *a conseqüência do passado, ou a preparação do futuro.*

Assim, o massacre que Moisés ordenou em nome do Senhor teve por motivo e por fim: *de um lado,* deter o curso da existência terrena de alguns Espíritos, conformemente ao que eles pediram, nos termos e nas condições das provas escolhidas por uns e das expiações solicitadas por outros, provas

e expiações pelas quais todos tinham que passar, e não apenas fazer arbitrariamente vítimas perdidas, porquanto os que pereceram, repetimos, tiveram sorte prevista e pedida; *de outro lado,* impor, pelo terror, pelo medo, àqueles homens atrasados, indóceis, inclinados à idolatria, à revolta, sempre prontos a esquecer e desconhecer o seu Deus, a se subtrair à direção do enviado deste, absoluta submissão à vontade, aos mandamentos e preceitos divinos; fazer-lhes compreender a necessidade dessa submissão; forçá-los a caminhar, dóceis à voz de seu chefe, pelas sendas que lhes estavam traçadas e a desempenhar a tarefa providencial que lhes fora confiada na marcha do progresso da humanidade.

Moisés era, pois, um instrumento humano que, sob as inspirações dos Espíritos do Senhor que o assistiam na sua missão, obrava para que fosse detido o curso de provas que haviam falhado e se cumprissem determinadas expiações, fazendo que os que caíam aos golpes dos levitas sofressem a sorte por eles mesmos prevista e pedida. E, também, procedendo dessa maneira, preparava o futuro. Cada época, tem seus costumes e necessidades.

Não julgueis, portanto, do vosso ponto de vista e de acordo com os tempos em que viveis. Reportai-vos, com relação aos Hebreus, aos tempos, aos homens, aos preconceitos, às crenças, às condições que era indispensável se verificassem para que se executasse a obra que se tinha de executar naquela época e no futuro.

Desde aqueles tempos bárbaros e em outros nos quais a civilização e a inteligência já estavam muito mais apuradas, não há visto, pelo que toca a coisas de ordem humana, sempre que uma revolta explodiu, a dizimação de homens, para que, num exército, fosse mantida a disciplina, a submissão aos chefes incumbidos de comandá-lo?

Pelo que respeita às coisas de ordem religiosa,

não se hão feito freqüentemente, muito freqüentemente mesmo, massacres em nome de Deus?

Para terdes disso alguns dos numerosos exemplos que a história da vossa humanidade colheu, lembrai-vos das guerras religiosas, dos autos-de-fé espanhóis e por fim da carnificina do dia de São Bartolomeu.

Não são sempre os ministros do culto, por efeito da ignorância, do fanatismo, do abuso do poder, da ambição, impelindo os homens a se matarem reciprocamente, nas guerras religiosas, a fim de consagrarem eles suas mãos ao Senhor e atraírem as bênçãos de Deus? *matando eles* próprios, nos autos-de-fé espanhóis, em honra do seu Deus e para obterem suas graças?

E quais foram os instigadores do massacre de São Bartolomeu? Os sacerdotes, os servidores de Deus! Qual foi aí, como nas guerras religiosas, o móvel? A ambição, porém, não mais a de se engrandecerem aos *olhos de Deus,* e sim a de conservarem o poder.

Recordando estas fases da história do passado, estes massacres e guerras religiosas, não abrimos exceção a favor dos padres protestantes, que também excitaram seus rebanhos contra os católicos e igualmente mataram.

Uns, como os levitas de Moisés, matavam para provar que eram filhos de Deus! Aos outros, estes, como os protestantes, matavam para conquistar o poder; aqueles, como os católicos, para evitar que o poder lhes fosse arrebatado.

E então não havia, como ao tempo dos Hebreus, um enviado de Deus, qual Moisés junto do Sinai, falando em nome do Senhor e dizendo a seus levitas: "Eis o que diz o Senhor, o Deus de Israel"; e dizendo, depois de concluída a obra: "Consagrastes vossas mãos ao Senhor, mesmo matando cada um seu filho e seu irmão, a fim de que a bênção de Deus vos seja dada." Não; a necessidade, o motivo e o fim a que obedecera o ato de Moisés não exis-

tiam mais. Esses massacres, essas guerras religiosas, esses autos-de-fé, esse S. Bartolomeu foram obra humana da ignorância, do fanatismo, do abuso de poder, da ambição, que fizeram, do fato ocorrido ao pé do Sinai, por ordem de Moisés e pelo braço armado dos levitas, uma arma e um exemplo.

E porque esses massacres, essas guerras religiosas, esses autos-de-fé, esse S. Bartolomeu? Porque os homens da Igreja não quiseram compreender que a sua missão não consiste em fazer parar os que lhes estão confiados e obrigá-los a olhar para trás; mas, ao contrário, em impeli-los para diante, pela senda do progresso.

Se, por um lado, instigadores culpados de semelhantes carnificinas tiveram que sofrer longa e dolorosa expiação, por outro lado, os que nelas pereceram, bem como os que tombaram aos golpes dos levitas no campo israelita, não foram vítimas perdidas, porquanto, como já o temos dito e repetimos, nada ocorre que não seja conseqüência do passado e preparação do futuro, sob a influência e a ação dos Espíritos prepostos a vigiar pelas provas e expiações de cada um. Os que pereceram tiveram a sorte por eles prevista e pedida. Deus, mesmo com relação ao instante da morte de suas criaturas, nada espera do que, na ignorância em que vos achais assim das causas como dos fenômenos, *chamais o acaso.* [47]

Vamos agora explicar-vos, *em espírito e verdade, o Decálogo.* Vamos dar-vos uma explicação, não relativa e restrita aos Hebreus, aos "Cristãos", mas geral, passível de aplicar-se a todos os povos e a todas as épocas. Podeis começar.

"Então fez Deus que se ouvissem estas palavras: "Eu sou o Eterno, o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito e da casa da servidão."

[47] Ver o que está dito, acerca do instante da morte, na explicação do quinto mandamento.

Deus, criador de tudo o que é, tirou do *nada o* Espírito (daqui a pouco explicaremos o sentido que deveis *atribuir a essa palavra tomada à linguagem humana),* para lhe dar *o ser, o pensamento, a personalidade. Foi* por sua vontade onipotente que o homem saiu das faixas da matéria, para ensaiar seus primeiros passos na senda espiritual. Foi ele ainda, o Senhor, quem lhe mostrou o caminho que o leva para fora da escravidão do pecado e da matéria, iluminando-o com o facho da verdade.

Povos da Terra, levantai os olhos! "A coluna luminosa", que vos há de guiar para fora da escravidão, que vos há de conduzir à pátria da liberdade, se move à vossa frente. O Espírito da Verdade acendeu o farol para o qual devem os vossos olhares voltar-se. Caminhai, caminhai sem descanso, pois tendes que chegar à "terra prometida" onde "correm o leite e o mel" da palavra de paz e de amor a Deus.

MOISÉS, ELIAS, JOÃO[48], MATEUS, MARCOS,
LUCAS, JOÃO
assistidos pelos Apóstolos.

Falando do Espírito, dissemos que Deus o tirara do *"nada",* para lhe dar o ser, o pensamento e a personalidade. *O nada,* na acepção humana em que empregais esse termo, não existe, é uma coisa sem sentido, do ponto de viSta correlativo de Deus e da criação.

O nada, para o Espírito, é, espiritualmente, a inconsciência *do ser.* Assim, o princípio espiritual

[48] Conforme vos foi relatado e revelado no comentário sobre os Evangelhos, o Espírito que revestiu as três personalidades terrenas conhecidas pelos nomes de Moisés, Elias e João, filho de Zacarias e Isabel, e desempenhou as três missões correspondentes a essas personalidades, é o mesmo.

contido nos minerais e nos vegetais está *no nada,* com relação *ao seu ser.*

O nada da matéria propriamente dita é a volatização dos princípios materiais que devem aglomerar-se para constituir, quer os planetas, quer os corpos. É assim que foi explicado haver Deus feito sair do nada, do caos, o mundo. Foi porque ele constituiu em um corpo as moléculas esparsas na imensidade.

*

PRIMEIRO MANDAMENTO

Não terás outros deuses diante da minha face.

Jeová é o Deus só e único, o Criador incriado, aquele que é, aquele de quem, por quem e em quem tudo é. Não desvie o homem do seu Criador o pensamento, para pô-lo na criatura e lhe render culto e homenagem devidas tão-somente ao Senhor, não porque ele seja um Deus cioso, mas porque o homem é um Espírito fraco, que facilmente se afasta do caminho e penosamente a este volve.

*

SEGUNDO MANDAMENTO

Não farás imagens esculpidas das coisas que estão em cima, nos céus, nem embaixo, sobre a terra, nem nas águas, sob a terra. — Não te prostrarás diante delas; não as adorarás, nem as servirás, porquanto eu sou o Eterno teu Deus, o Deus forte e cioso que puno a iniqüidade dos pais nos filhos na terceira e na quarta gerações dos que me odeiam e que uso de misericórdia, na sucessão de mil gerações, com os que me amam e guardam meus mandamentos.

A unidade de Deus, sendo o princípio fundamental da fé, teve que ser salvaguardada pelos teólogos. As nossas palavras remontam até à origem da crença. Todos os que se achavam à frente do culto a possuíam firme, embora entre o povo espalhassem outra.

A idéia da *unidade* de Deus se perpetuou em todas as idades, no seio de todos os povos, ainda que sem o caráter de generalidade. Quer dizer, conquanto não fosse geral, era partilhada pelos espíritos intelectualmente mais adiantados, se bem menos virtuosos, que governavam os povos, quer como sacerdotes, quer como filósofos ou sábios.

A proibição de fazerem imitações das coisas criadas não implica, para os homens, a obrigação de se privarem de tais reproduções. Proibiu-se-lhes *apenas que se prostrassem diante delas e as servissem,* a fim de que *a unidade* do princípio criador fosse sempre mantida. Mas, os homens, materiais por natureza, tinham necessidade de representações materiais, para alimentar sua fé. Daí a adoração, o culto prestado ao que, desde a origem, não passava de representações sem importância, isto é, de simulacros colocados nos templos como ornatos. Transportai-vos ao templo de Salomão e, nos quatro cantos do altar, vereis anjos de asas espalmadas, outros voltados para o Oriente, para o Ocidente, *et cætera. A* representação artística e simbólica, não em interdita. *Era-o apenas o* culto votado a essas representações.

Moisés, naquela ocasião, lembrou aos Hebreus o poder de Deus, de quem era ele o representante, apresentando-o como *"forte e cioso",* isto é, sem admitir a partilha de seus direitos e com o poder de os fazer respeitar, não, porém, ferindo o inocente para punir o culpado até à terceira e à quarta gerações, nem concedendo graça aos culpados, através de mil gerações, por favor a um justo que houvesse servido de tronco a essa posteridade. Fraqueza da inteligência humana!

Essa punição, como essa misericórdia, verdadeiras monstruosidades se entendidas *segundo a letra,* são, *segundo o espírito, a,* expressão sublime da justiça e, ao mesmo tempo, da bondade infinita de Deus. *A* explicação e a justificativa de compreender-se aquela sentença desse duplo ponto de vista,

achá-las-eis no princípio da reencarnação, que mostra o castigo a cair sempre, de gerações em gerações, sobre o Espírito culpado e a misericórdia sempre a descer, também de gerações em gerações, sobre o Espírito que se depura e progride para o bem.

Os Espíritos geralmente se agregam, formando categorias de seres similares. Ora, compreende-se que esposos culpados atraiam para o seu lar Espíritos pouco adiantados, dispostos a seguir os caminhos que eles trilham; do mesmo modo que os que observam as leis do Senhor e cuja posteridade há de ser cada vez mais virtuosa atraiam, de geração em geração, Espíritos cada vez mais adiantados.

Vimos de dizer: "Compreende-se que esposos culpados atraiam para o seu lar Espíritos pouco adiantados *dispostos a seguir os caminhos que eles trilham."* Efetivamente, isso é bem compreensível. Antes de tudo, sabeis haver Espíritos que, pouco desejosos de progredir, procuram os laços de simpatia, seja esta oriunda do bem, seja do mal, que já os prenderam; e outros que, embora impulsados pelo desejo de progredir, escolhem meios cujas influências perniciosas não podem vencer. Repetimos, não obstante já isto vos ter sido dito muitas vezes, que, *sobretudo* neste último caso, o Espírito é prevenido dos perigos que correrá, encarnado, e da queda, quase inevitável, que daí lhe resultará. Se persiste, é por sua livre vontade.

Compreendei, de conformidade com esses princípios, a progressão do castigo e da misericórdia. O castigo se verifica na terceira e na quarta gerações, porque, pouco a pouco, o Espírito se depura ou por efeito da encarnação de outros no meio que ele tem preferido, ou por efeito das provações pelas quais passa aí repetidamente. Desde que um começo de melhora se faz sentir nele, o Espírito entra na senda do progresso, atrai a si companheiros também mais adiantados e, através de mil gerações e mesmo mais, se vai mostrando cada vez melhor, até atingir, por fim, a perfeição.

TERCEIRO MANDAMENTO

Não tomarás em vão o nome do Eterno, do Senhor teu Deus; porquanto o Eterno, o Senhor, não terá por inocente aquele que em vão houver tomado o seu nome.

Este mandamento tem sido, em geral, afastado do seu objetivo. Ele se liga aos dois primeiros, dos quais é corolário.

Não devendo perder de vista *a unidade* de Deus, não devendo prosternar-se diante de nenhuma imagem para adorá-la, também não devia o homem dar *o título* de *Deus,* nem atribuir seu poder, a nenhuma criatura, a nenhuma imitação. Por extensão, não deve tampouco usar mal do nome do Senhor, desde que esse nome lhe desperta um pensamento sério. Igualmente, se não ainda mais, com referência ao Criador de todas as coisas é que se entende a recomendação de Jesus aos homens para que de nenhuma forma jurassem: nem pelo céu, porque é o trono de Deus; "nem pela terra, porque lhe serve de escabelo para os pés."

Cuidai, pois, de suprimir da vossa linguagem esses juramentos feitos "diante de Deus, à face do céu", ou mediante qualquer outra expressão exagerada, que todas quase sempre ocultam, mesmo àquele que as emprega, a pouca confiança que nelas ele próprio deposita. Esforçai-vos por encaminhar Sempre o vosso pensamento para o Senhor, quando o seu nome invocardes. Constitui um abuso fazê-lo em circunstâncias triviais ou culposas.

A invocação do nome de Deus, feita com o coração cheio de sinceridade, atrai, não o próprio Deus à vossa presença, porquanto *muito longe* ainda está o planeta, terreno *do ponto* que há de alcançar para que isso se dê, *mas* o amparo dos Espíritos superiores, dos bons Espíritos que o pai de família investiu no governo de seus filhos e que lhes transmitem suas vontades, até que, pela purificação e pelo progresso, a inteligência se lhes ache bastante

desenvolvida para não mais necessitarem de intermediários.

*

QUARTO MANDAMENTO

Lembra-te do dia de sábado para o santificares. Trabalharás seis dias e farás a tua obra, mas o sétimo dia é o dia do descanso, consagrado ao Eterno, ao Senhor teu Deus. Não farás obra alguma nesse dia, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem teu gado, nem teu hóspede, o estrangeiro que estiver dentro dos muros de tuas cidades.

Este mandamento, a que foi dado o cunho religioso, é uma lei inteiramente civil e de utilidade humanitária, que teve de ser imposta aos Hebreus, a fim de domar neles o pendor para o abuso do poder.

A do trabalho é uma lei necessária à humanidade. É pelo trabalho que ela *progride,* que *adquire ou repara.* Mas o repouso não é menos indispensável, assim ao corpo, como ao Espírito.

Dizer aos homens: Daí ao vosso corpo tempo de refazer suas forças, dai ao vosso Espírito ensejo de se libertar dos cuidados da matéria, a fim de que possa elevar-se para o seu Criador e afastar-se da Terra que o retém cativo, a fim de se alcandorar, por meio da esperança e da meditação, às esferas elevadas que o aguardam, não teria bastado. E ainda agora seria bastante?

Havia, nesse mandamento, um sentimento profundo de filantropia, que os homens não souberam apreciar. Os povos antigos, dados todos aos abusos da força, tinham, todos eles, escravos encarregados dos mais rudes trabalhos. Não se fazia mister assegurar a estes um repouso necessário, tornando isso uma obrigação para seus senhores? Os animais, votados ao desprezo, porque tidos como carentes de alma, de inteligência, considerados como coisas, como incapazes mesmo da sensação de dor, teriam

sido, sem esse mandamento, levados, pelo excesso de trabalho, a extrema fadiga, as raças se teriam esgotado e as mais úteis ao homem desapareceriam da superfície da terra, por efeito da degenerescência.

Quanto ao estrangeiro que, considerado hóspede, devia ser respeitado, se o mandamento o não atingisse, provavelmente se teria visto oprimido, no dia de sábado, por todos os trabalhos de que cumpria se abstivessem os fiéis. E violada estaria a hospitalidade, lei santa que os antigos geralmente respeitavam.

Notai que em todos os cultos se vos depara essa salvaguarda da saúde pelo repouso.

Hoje, ó bem-amados, nós vos dizemos: Trabalhai, trabalhai, com coragem e zelo, porém, não ultrapasseis nunca os limites das vossas forças. Guardai e fazei guardar o sábado, não *por puerilidade, mas porque a razão vos* diz que necessitais de descanso *um dia ou outro.* Tomai-o quando dele sentirdes séria necessidade. Sobretudo, jamais sobrecarregueis de trabalho os vossos inferiores e respeitai o repouso do gado.

Os Hebreus levavam tão longe a observância do sábado, que a própria terra repousava, não no sétimo dia, mas no sétimo ano. Este método, que parecerá infantil aos modernos agricultores, tinha, no entanto, sua razão de ser. Sendo menos numerosos os homens, menores as necessidades, possível era dar-se à terra o luxo de um repouso que lhe permitia readquirir forças naturalmente, sem o recurso *a artifícios, cujo* abuso gera muitas das enfermidades de que padeceis, sem lhes descobrirdes as verdadeiras causas. Os rebanhos encontravam pastagens nas terras que repousavam e a presença deles ali bastava para restituir ao solo os sais necessários à reprodução dos vegetais. *Isto,* porém, *sai do quadro dos nossos trabalhos.*

Terminando, nós vos dizemos, *como Jesus e com Jesus: "O sábado foi feito para o homem, não o homem para o sábado."* Nunca esqueçais estas

palavras do Mestre e ponde-as em prática tais quais vos foram explicadas, *em espírito e verdade,* no comentário *sobre os* Evangelhos. [49]

Em seguida a este Mandamento se lê: "Porquanto, o Eterno, o Senhor, fez, *em seis dias, os céus,* a terra e o mar e tudo o que está neles *e descansou no sétimo dia.* Eis porque o Eterno, *o* Senhor, abençoou o dia do repouso e o santificou.

Há nestas palavras um comentário acrescentado à *lei* por Moisés, a fim de lhe dar mais força e valor *aos olhos dos homens.* Elas resumem as explicações que ele deu ao povo, para que este compreendesse a necessidade do descanso que se lhe prescrevia. Tão necessário era este, que Deus o impusera a si mesmo.

Falando a homens pouco adiantados, Moisés usava da linguagem que lhes era possível compreender. E ele próprio, conquanto versado nas ciências e mistérios egípcios, não possuía, como encarnado, os conhecimentos que depois o trabalho dos séculos desenvolveu.

Pode conciliar-se o que Moisés, por essas palavras, disse de Deus e da Criação com o que atualmente se conhece e está assente, *tanto* pela ciência humana, *quanto* pela revelação e pela ciência espíritas?

É inútil tentá-lo. Moisés, interpretando, *como o fez,* o mandamento do descanso e dando-lhe origem tão augusta, não teve *outra intenção* além da de gravar mais profundamente, no coração dos Hebreus, o respeito àquela lei.

A criação ele a dividiu em seis *épocas e* não *dias e o* fez, não por efeito de pesquisas científicas, *mas sempre com o mesmo objetivo. O* Mandamento que, reclamado pelas necessidades humanas; im-

[49] Ver: Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, reunidos e harmonizados, 1º tomo, n. *82,* págs. 428-431 e *2º* tomo, n. 155, págs. *259-263.*

punha o repouso *septenário,* protegia os fracos. E Moisés obrigou os fortes a se lhe submeterem.

É então impossível toda explicação entre os sábios e os padres, com o fim de conciliarem o texto relativo às seis épocas com os dados atuais da ciência humana?

Impossível, com efeito, pois que a própria ciência não tem sobre isso a última palavra.

Os cataclismos que hão ocasionado as transformações do vosso planeta ainda a Ciência os não pode calcular, tanto mais quando, tendo sido parciais, muitas vezes fizeram passar de uma parte para outra os elementos de produção. Ainda não chegastes ao termo deles. Muitos, parciais a princípio, depois gerais, virão a produzir-se, derrocando o estado *atual,* para destruir o princípio *material* e levar o planeta terreno ao ponto *de partida,* isto *é, ao estado fluídico,* mas em que os *fluidos se* acharão expurgados *de todas as moléculas materiais.*

*

QUINTO MANDAMENTO

Honra a teu pai e a tua mãe.

Compreenda os Mandamentos do Senhor, em toda a sua grandeza, aquele que quiser obedecer-lhes. Honra a teu pai e a tua mãe: Estes são os chefes que o Senhor te dá, os guias encarnados que prepôs à tua guarda. Mas, os que se encarregam da tua educação, que te desenvolvem a inteligência, que vigiam a tua adolescência, não são também teu pai e tua mãe — *espirituais?* E, por vezes, não fazem mais do que o pai e a mãe segundo a carne, que esquecem seus sagrados deveres e deixam o filho, que o Senhor lhes confiou, entregue a seus maus pendores, quando não chegam até a fazê-lo ceder às inclinações más que neles predominam, dando-lhe o exemplo do orgulho ou do egoísmo, da luxú-

ria, dos vícios e paixões inferiores que degradam a humanidade e levam o Espírito à perdição, fazendo-o falir em suas provas?

O chefe de Estado, o juiz que governa com sabedoria, que faz justiça a todos, que dispensa sua solicitude até ao mais ínfimo de seus administrados, não é um pai a quem deves honrar, pois governa uma grande família?

E, falando *assim, as* nossas palavras se estendem a todo aquele que, como superior, qualquer que seja a sua condição, cumpre santamente suas obrigações para com os que lhe estão subordinados. A lei do respeito e do amor deve abranger todas as classes, todas as condições. É a cadeia que liga uns aos outros todos os membros da família universal.

A fim de que teus dias sejam prolongados na terra que o Eterno, o Senhor teu Deus, te dará.

Estas palavras, aditadas *à lei,* constituem um acréscimo feito por Moisés ao quinto Mandamento, tendo ainda por fim forçar à obediência e ao respeito *à lei* homens dominados *unicamente* pelo egoísmo e pelo instinto do presente.

Bem viver e viver longo tempo constituía para tais homens a primeira e *única* preocupação. Pelo ponto sensível era, pois, que importava prendê-los. E Moisés bem o percebeu.

Mas, tomai, ó filhos amados, a palavra — *terra* em acepção simbólica e compreendereis como a vossa vida poderá *prolongar-se* em a morada que reservada vos está, *no sentido* de que mais cedo a ela podereis chegar, cumprindo melhor os vossos deveres. Como sabeis, a morada reservada aos homens que o merecem são as esferas superiores, que eles atingem à medida que se elevam e a que tanto mais cedo chegarão quanto mais esforços fizerem por se aperfeiçoar.

Homem, honra a teu pai e a tua mãe e teus dias serão prolongados na terra que o Senhor teu Deus

te dará. Mas, compreende-o bem, essa terra não é o solo que pisam teus pés.

As dificuldades que surgiram na interpretação dos Mandamentos nasceram de não terem querido ou não terem sabido os interpretadores distinguir do princípio exarado na lei as adições feitas à lei, separar o que veio de Deus do que veio do homem, sob a inspiração divina, por intermédio dos Espíritos superiores, com um objetivo *transitório e humano. O* que, na lei, vem de Deus é imutável; o que veio por aquela inspiração divina, foi um meio de que Moisés se serviu *para,* atendendo ao momento, *segundo a letra,* e preparando o futuro, *segundo o espírito,* auxiliar o progresso humano, de conformidade com as necessidades da época.

Na Terra em que habitais, enquanto a ocupardes pela encarnação, vossos dias não podem ser prolongados.

No O *Livro dos Espíritos* se lê, com relação à morte, o seguinte: "De fatal, *no verdadeiro sentido da palavra,* não há senão o instante da morte. *Em chegando esse momento, ou* por um meio ou por outro, não vos podeis subtrair a ele." — Depois, como resposta a esta pergunta: *"Assim, qualquer que seja o perigo que nos ameace, não morreremos se a hora não for chegada?"* se lê: "Não, não perecerás e tens disso milhares de exemplos; mas, *tendo chegado a hora de partires,* nada pode obstar à tua partida." — Diante dessas palavras e destas que acabais de proferir mediunicamente: *"Na Terra em que habitais, enquanto a ocupardes pela encarnação, vossos dias não podem ser prolongados"* — em que sentido, em que condições e segundo que regras se deve entender que o instante da morte é fatal? Deve-se entendê-lo de modo absoluto e no sentido de que o homem nada pode conseguir, para abreviar sua existência, pelo uso e abuso do seu livre-arbítrio, por seus atos, pela maneira por que se utiliza da sua existência, deixando de cumprir as obrigações que lhe são impostas para que o corpo lhe dure até ao termo de suas provações?

O Livro dos Espíritos era a base da revelação, porém não a revelação toda. Se nessa obra se houvesse entrado em todos os pormenores, mais terríveis teriam sido as tempestades que ela levantou, mais numerosos os antagonistas, mais penosa a luta. Foi preciso, primeiramente, desentulhar o caminho e mostrar a luz que cintilava por entre as abertas do silvedo. Pouco a pouco, o horizonte foi sendo alargado e ainda o será mais.

Sob certos pontos de vista, como esse que ali se adotou, mas sem que se houvesse entrado em todos os desenvolvimentos, a morte *é determinada.* Credes, porém, fracas e finitas criaturas, que aquele que se move no infinito e abrange com o seu olhar as plêiades inumeráveis de estrelas, de mundos que ele projetou no espaço, mede o tempo com os vossos compassos? Tudo é detido em sua marcha, tudo tem determinada a sua duração, ao simples olhar daquele que é o infinito. Mas, a barreira que se ergue diante de vós não é determinada *como o interpretais.*

A duração da vida se regula pelo princípio que liga o Espírito ao corpo. O cordão fluídico de que se vos tem falado é a mola que põe em movimento o mecanismo corporal. Determinada é a duração dessa mola, mas dentro de uma amplitude que não podeis compreender e que não se mede pelos minutos da vossa pêndula. Extensão mais ou menos longa que é dada, de acordo com a maneira por que dela fizerdes uso. É como um pedaço de borracha que se pode esticar até certo ponto, conforme a maior ou menor força, a maior ou menor destreza que se empregue.

Conquanto seja difícil fazer-vos compreender esta apreciação, vamos dar-vos o *sentido* e *o alcance* do que acabamos de dizer.

A duração do homem tem um limite natural, *determinado, no curso regular* da existência, pelas leis imutáveis da natureza, pela ação e aplicação dessas leis, de conformidade com os meios e os cli-

mas, por isso que os fluidos que servem para a formação e o entretenimento dos seres humanos estão em relação com os climas sobre que eles atuam. E a matéria está em relação adequada com eles, porquanto, segundo a lei de harmonia universal, tudo é determinado. Aí, nesse limite natural, é que está o momento *irrevogável* do fim humano, *fim contra o qual o livre-arbítrio do homem* nada *pode, no sentido de prolongar* além dele *a duração do corpo.*

Eis qual é, *na verdadeira significação da palavra, o* instante *fatal* da morte. *Neste sentido é* que os dias da criatura humana não podem ser prolongados. Eles não podem ir além daquele limite natural. Mas, o livre-arbítrio do homem pode, seja por meio de suas resoluções espíritas, isto é, pelas determinações que toma, como Espírito, antes de encarnar, *seja* pelo uso que faz da sua existência como encarnado, interromper o curso desta em *determinado* tempo, entre o instante do seu nascimento e aquele natural limite, que é a hora *fatal* do fim humano.

O livre-arbítrio do Espírito o coloca em condições de marcar, antes da encarnação, a duração aproximada do corpo que lhe servirá de envoltório, *tomando ele o encargo de cumprir as obrigações necessárias* a fazê-lo *durar até ao termo de suas provas.* Uma vez encarnado, como ignore quanto tempo durarão estas, deve empregar todos os esforços para se pôr em estado de levá-las a cabo.

Neste caso, *tendo,* pelas suas resoluções espíritas, marcado a terminação da prova, portanto a duração de sua existência terrena, o Espírito se acha impedido de atingir o termo geral desta — o seu limite natural. O corpo, então, sob a vigilância e a direção dos Espíritos prepostos à tarefa de velar pelo cumprimento das provas, se forma em condições de durar o tempo predeterminado, *cabendo, porém,* repetimo-lo, *ao Espírito encarnado cumprir todas as obrigações de que dependa a duração dele até ao fim das provas a que serve de instrumento.*

Cumpridas que sejam todas essas obrigações, o instante da morte é irrevogável, porém não *fatal, no verdadeiro sentido desta palavra,* visto ser o resultado do uso que do seu livre-arbítrio fez o Espírito antes de encarnar.

O homem, todavia, pode, pelo exercício desse mesmo livre-arbítrio, *pelo* abuso que dele faça, pela maneira por que conduza a sua existência, deter o curso desta antes do tempo marcado pelas suas resoluções espíritas, pelas determinações que tomou, como Espírito, antes de encarnar.

Assim é que o doente usa do livre-arbítrio, tanto quanto cuida do seu corpo para torná-lo capaz de levar a cabo as provas que seu Espírito escolheu, como quando *apressa* a sua morte, *quer* descuidando-se dele, o que muito se aproxima do suicídio, *quer* praticando abusos ou excessos, *desde que* esse descuido, esses abusos e excessos *constituam* infração das obrigações que lhe cabia cumprir para fazê-lo durar até ao fim das provas que escolhera.

O tempo não é, pois, limitado *segundo o vosso ponto de vista,* se bem o seja com relação ao infinito e às leis que regem o Universo.

Sim, o instante da morte é fatal, *no verdadeiro sentido da palavra,* porque a vida corpórea não pode ultrapassar certo limite.

Não, o instante da morte não é fatal, relativamente à *duração* da vossa existência *restrita,* porque o limite *natural, no* curso *regular* da vida terrena, só raramente é atingido, pela razão de que as vossas resoluções espíritas, ou os vossos atos, uns e outras conseqüências do vosso livre-arbítrio, impedem que o atinjais.

Quando, para o homem, *é chegada a hora de partir, nada pode eximi-lo da partida.* E isto se verifica, desde que essa hora chegue, ou porque o limite natural tenha sido alcançado, ou por efeito de suas resoluções espíritas, ou em conseqüência de atos seus, que, dada a maneira por que haja conduzido a sua existência, constituíram infração das

obrigações que ele tinha necessidade de cumprir, para fazer que seu corpo durasse até ao termo das provas que buscara.

Dentro dessa latitude que vos é concedida, podeis mover-vos e usar do vosso livre-arbítrio que, a não ser assim, não passaria de uma palavra oca e infalivelmente traria a todo aquele que raciocina a idéia de fatalismo, de predestinação, de escravidão moral.

Há, porém, uma distinção a estabelecer-se quanto *à duração* da vossa existência, *restringida,* com relação ao limite natural, pelas vossas resoluções espíritas, ou por atos vossos que, conformemente ao emprego que dais à vida corporal, constituem infração das obrigações que tendes necessidade de cumprir, para que o vosso corpo dure até à terminação das provas que escolhestes.

De acordo com o que já vos dissemos, para o homem que cumpriu, que cumpre todas as obrigações cuja observância é necessária para que seu corpo dure até ao termo de suas provas, e que, pelas suas resoluções espíritas, determinou uma duração *restrita* para a sua existência, o instante da morte é e permanece irrevogável. Nesse caso, *qualquer que seja o perigo que o ameace, ele não perecerá* se *a hora não houver chegado.* Qualquer que seja a situação em que se encontre, os meios apropriados a salvá-lo lhe serão preparados e colocados ao alcance pelos Espíritos prepostos ao encargo de vigiar o cumprimento das provas, das expiações. *Se, ao contrário, a hora chegou,* ele morrerá, perecerá. Disso tendes, como se vos disse, milhares de exemplos. De fato, quantas e quantas vezes, no mesmo lugar, uns perecem, outros se salvam!

Já recebestes sobre isto explicações nos comentários aos três primeiros Evangelhos[50], quanto aos casos de naufrágio, de incêndio, de desmoro-

[50] Ver: *Evangelhos* de Mateus, Marcos e Lucas, *n.* 119, *págs.* 106-113 *do* 2º tomo.

namentos subterrâneos, de quedas. Não temos que voltar a esse ponto.

No caso de assassínio, o assassino não é instrumento cego da Providência quando, *em determinado tempo,* põe termo à prova de um que se destinara a essa expiação. Assim procedendo, usou do seu livre-arbítrio. O assassínio é a conseqüência do livre-arbítrio de um e da escolha das provas, das expiações, feita pelo outro que, aplicando a si mesmo a lei de talião, buscou morrer, ou de morte violenta, mas sem determinar em que época, nem de que gênero seria a morte, ou, então, de uma forma precisa, perecendo assassinado.

No primeiro caso, se o assassino usa do seu livre-arbítrio para domar suas paixões e perdoa ao que ia ser uma vitima, outra circunstância a este se apresentará, que porá fim às suas provas. Estas se cumprirão assim conforme às resoluções que seu Espírito tomou antes de encarnar.

No segundo caso, se o assassino procede da mesma forma, os acontecimentos da vida aproximarão o encarnado, que deva sofrer a expiação de morrer assassinado, de outro encarnado em quem os maus pendores predominam, para que se dê o que haja de dar-se.

O assassino e a vitima, uma vez encarnados, não mais se lembram da escolha que fizeram — *um,* da prova de que terá de sair vencedor ou vencido e que constitui, para ele, a luta contra uma tendência de que lhe cumpre triunfar; — *o outro,* da expiação por que deve passar, como meio de reparação e de depuração. Assim, não é por impulso próprio que a vítima se encaminha para o matadouro. Entretanto, algumas vezes, ela prepara, inconscientemente, o caminho que a conduzirá lá, ou é para lá guiada pelos Espíritos prepostos *a vigiar* o cumprimento *das provas, das expiações.*

Compreendei bem o sentido *destas últimas palavras.* Os guias não dirigem os atos do assassino; dirigem o Espírito daquele que deve sofrer a expia-

ção, dirigem os acontecimentos que o conduzirão ao caminho, seja da prova, seja da expiação. Não deduzais daí que à vítima o Espírito seu protetor dê por inspiração, no momento em que ela desperta, a lembrança da resolução que seu Espírito haja tomado enquanto esteve desprendido, durante o sono, a de se colocar no rumo dos sucessos que tenham de levá-la ao cumprimento da expiação escolhida; não. Isso seria um suplício moral infligido ao encarnado e a Providência é piedosa para com seus filhos. Mas, conforme já vos foi explicado no comentário aos três primeiros Evangelhos (n. 119, págs. 106-113, do 2º tomo), o encarnado, ao despertar, conserva uma impressão vaga, que se torna a determinante da sua vontade, de seus atos.

Se a hora fixada pelas resoluções espíritas, quanto à época da morte, *não soou* e permanece irrevogável, por estar aquele que se acha submetido à expiação cumprindo todas as obrigações de que há de resultar a duração de seu carpo até ao fim de suas provas, os Espíritos prepostos a velar pelo cumprimento destas, das expiações, preparam e põem ao alcance dele os meios próprios a subtraí-lo ao assassínio. Ele se salvará, *qualquer que seja o perigo* que o ameace.

No caso em que, praticando, pelo uso que faz da sua existência, atos que constituam infração das obrigações que lhe era necessário cumprir para que o corpo lhe durasse até ao fim de suas provas, infração, portanto, de suas resoluções espíritas, o homem detém o curso dessas provas, ele apressa o instante de sua morte. *Soa-lhe então a hora de partir,* porque, usando e abusando do seu livre-arbítrio, pôs fim à duração de seu corpo, com o fazer que entrassem em ação os meios pelos quais esse fim chega. É que, procedendo daquela forma, ele atraiu fluidos cuja ação, de conformidade com as leis naturais e imutáveis que os regem, prepara e executa a destruição do corpo, a rutura do laço que a este liga o Espírito, desse cordão fluídico que

é a mola, o instrumento e o meio de que depende a vida. E, ao mesmo tempo que atraía aqueles fluidos, ele repelia os apropriados à conservação do corpo até ao termo das provas por que devia passar.

O homem que se deixa arrastar ao suicídio usa do seu livre-arbítrio, *quer* quando atenta, de qualquer modo, contra *a vida,* quer quando afasta a arma que dirigira contra si mesmo, ou renuncia ao projeto de matar-se e ao gênero de morte que escolhera. *Se,* porém, *a hora* que ele, ao tomar as suas resoluções espíritas, *fixou* para morrer é e se conserva irrevogável, por haverem sido, de sua parte, cumpridas todas as obrigações que lhe importava cumprir para que seu corpo durasse até ao termo de suas provas, os Espíritos prepostos a velar pelo cumprimento destas prepararão e lhe porão ao alcance os meios adequados a se subtrair à morte. O suicídio abortará, ele será salvo.

Não concluais daí que o homem possa seguir impunemente o seu pendor para o suicídio e a ele ceder, atentando contra a própria vida, porquanto, *de um lado, o* suicídio é crime perante Deus e, *de outro, o* homem não sabe *se chegou ou não a hora da sua partida.*

A duração da vida é limitada, mas o livre-arbítrio do homem pode fazê-lo sucumbir ao mau pensamento de interromper *ele mesmo o* curso da sua existência, ou levá-lo a dominar esse arrastamento culposo.

Aquele que se suicidou, como o que morreu assassinado ou de qualquer outra forma, morreria sempre, mas de maneira diversa, de modo natural, *desde que houvesse chegado para ele a hora de partir,* quer por haver atingido o limite natural marcado para fim da vida humana que segue o seu curso, *regular,* quer por haverem suas provas atingido o termo que ele lhes fixou ao tomar suas resoluções espíritas, quer, finalmente, por ter, pelos seus atos, infringido as obrigações que precisava

cumprir, a fim de fazer que seu corpo durasse até ao termo daquelas provas.

Cedendo ao arrastamento que lhe cumpria combater, o gênero de morte a que sucumbiu resultou de sua escolha, mas ele partiu porque chegara a hora de partir. Se houvesse combatido os pendores que o impeliam a matar-se, teria saído vencedor *da prova,* não se veria condenado *a recomeçar* nas mesmas condições.

O sentimento que induz o homem a se suicidar não lhe nasce no íntimo instantaneamente. É um gérmen que se desenvolve, como que devido a uma *tendência* constitutiva *de uma prova* de que ele precisa triunfar. Se, em lugar de combater essa tendência, o homem se lhe entrega, morre culpado, faliu. Se, em vez de se lhe entregar, investe contra a idéia de destruir a existência que o Senhor lhe concedeu, a hora da libertação, quando soar, o encontrará isento da mancha de uma ação má e da dos maus pensamentos que a houveram causado.

Combatendo as tendências que o propeliam para a destruição de si mesmo, evitando a série de acontecimentos que poderiam levá-lo a um tal ato de desespero, o suicida teria podido evitar o crime. O homem pode evitá-lo, pois que pode, pela força da sua vontade, repelir as tentações. Aquele que escolheu, como prova, resistir à tendência ao suicídio, pode sair vencedor da luta. A bondade de Deus lhe faculta os meios; cabe-lhe alcançar a vitória, porquanto, nas provas em que o homem, para purificar seu Espírito no cadinho da reencarnação, é chamado a vencer suas tendências, Deus lhe deixa a liberdade de escolher entre o bem e o mal. Assim, há sempre luta e possibilidades de triunfo ou de derrota.

Quer sucumba na prova do suicídio, quer triunfe dela, morre sempre *no tempo preciso,* isto é, quando chega para ele a hora de partir, de uma das maneiras que acabamos de assinalar. Mas Deus, conhecendo todas as coisas, por efeito da sua sabe-

doria infinita e da sua presciência, vê se o homem vencerá ou sucumbirá. Se tiver que sair vencedor, o Senhor, por intermédio dos Espíritos prepostos a velar pela execução das provas, prepara circunstâncias que lhe acarretem um fim natural. Se houver de sucumbir na prova, o Senhor deixa que, na inviolabilidade do seu livre-arbítrio, o homem consuma a obra criminosa, dando à sua existência o fim que *ele próprio* preparou e que constituirá um ato culposo da sua vontade.

Eis tudo o que temos para vos dizer sobre o instante da morte, o qual se fosse, como falsamente alguns o consideram, fatal, de modo absoluto e em todos os casos, seria um atentado ao livre-arbítrio do homem e envolveria, inevitavelmente, a idéia de fatalismo.

*

SEXTO MANDAMENTO

Não matarás.

Não corte aquele que nada pode *criar o* fio da existência das criaturas do Senhor. Não deixe o homem que em seu coração se desenvolva o instinto da destruição, pois não sabe que responsabilidade assume.

Este Mandamento, muito vago em seu enunciado, tem um alcance maior do que supondes e ultrapassa de muito os limites do vosso ser. Em cada uma das fases do seu passado, a humanidade o interpretou segundo as suas necessidades. Em cada uma das fases do seu futuro o interpretará de maneira a lhe ampliar a inteligência e aplicação.

Nos tempos primitivos, *o "não matarás"* significava, para os Hebreus: "Não derramarás, sem motivo, o sangue de teu irmão". Mas, a pena de morte vigorava para o menor delito e o sangue das vítimas oferecidas em holocausto corria incessantemente sobre o altar e tão pouco poupados eram os escravos, quanto os animais.

Mais tarde, a pena de morte se tornou menos

aplicada. Só o era àquele cujo crime se tinha por bem comprovado. Os próprios animais passaram a ser, em parte, menos sacrificados, quando nada, nas cerimônias do culto. Porém, as vinganças, as guerras, a crueldade continuaram, como continuam, a derramar sangue por todos os lados.

Hoje, os que hão escutado a nossa voz, mesmo os que não a têm compreendido ou a consideram mentirosa, se levantam contra a aplicação da pena de morte ao criminoso, anelam pelo momento em que não mais homens se alinhem diante de homens, para descarregar uns sobre os outros seus mortíferos projetis e alguns — os que nos atendem — poupam a vida de todas essas criaturas fracas que o Senhor lhes pôs no caminho, a fim de desenvolver em seus corações a caridade e fazer-lhes compreender a solidariedade universal. Mas, o sangue ainda corre nos matadouros e, aos magotes, caem, sob os golpes dos cutelos assassinos, as vítimas necessárias à alimentação humana.

Mais tarde, o sangue deixará de ser derramado na Terra. Mais tarde, o homem *não matará.* Amará e protegerá o fraco, quer seja este um homem também, quer um animal confiado à sua guarda. Compreenderá a lei de amor e *saberá* elevar-se *acima das necessidades da carne,* necessidades a que *ainda* precisa satisfazer, porquanto correspondem *à organização* atual da *máquina,* mas que diminuirão gradualmente, à medida que o Espírito crescer na sabedoria e em ciência, porque, de par com este crescimento, também gradativamente se modificará o organismo humano. O progresso físico marcha e se desenvolve concomitantemente com o progresso moral e intelectual, com os quais guarda relação.[51]

Neste momento, a abolição da pena de morte é reclamada na França, está proposta nas assembléias legislativas da Itália e da Bélgica.

[51] Ver: O Livro dos Espíritos, págs. 334-345, sobre a Lei de destruição.

São esforços generosos; são promissores começos. *Ainda* não chegou, porém, o momento de abolir-se a pena de morte. É preciso que se depure o moral das classes inferiores, inferiores não do ponto de vista das condições sociais, mas do adiantamento moral, intelectual dos Espíritos. Enquanto não chega esse esperado momento, a vós, homens, a vós espíritas, sobretudo cabe, *pelos vossos ensinos e exemplos,* apressar-lhe o advento possível e oportuno.

*

SÊTIMO MANDAMENTO

Não cometerás adultério.

A natureza material do homem o impele para a lubricidade. Nada lhe refreia os desejos, desde que se entregue aos instintos animais. E sabeis que estes instintos, principalmente, dominavam naquelas afastadas épocas. Não vedes que ainda agora eles arrastam muitos de vossos irmãos a vergonhosos transviamentos?

Os laços que prendem um ao outro o homem e a mulher e que os induzem a perpetuar a espécie têm uma origem nobre e pura, de onde a materialidade da encarnação os desviou, mas à qual *é preciso* que voltem.

A proibição de cometer adultério devia bastar para conter os excessos. Mas, ainda aí a interpretação obedeceu às necessidades da época: o homem e a mulher casados, se cometiam adultério, eram punidos, ela com a pena de morte, ele com a pecha de infame.

Este Mandamento, *segundo o espírito,* se estende a toda quebra da união pura. Compreende todos os arrastamentos carnais, sejam quais forem, que impilam o macho para a fêmea e que rebaixam a humanidade até ao nível dos instintos do bruto.

Não vos dizemos: "Deus criou um homem de uma mulher, a fim de provar que uma só existência deviam eles ter." Esse era o lado moral, o fim moral que, sob *o véu da letra,* Moisés adotara, colocando-se no ponto de vista dos Hebreus, e que permaneceram os mesmos para as gerações então futuras. Já vos demos explicações a respeito dessa figura emblemática da criação e acerca da própria criação[52]. Dir-vos-emos, não obstante, o seguinte: os Espíritos se grupam por atração de simpatia. Cada Espírito escolhe o companheiro, ou a companheira, com quem passe o tempo de sua *provação.* Tal a regra, cuja única, exceção se encontra no caso do celibato *como provação.*

Os Espíritos encarnam, nascem, geralmente em condições que lhes permitam reunir-se. Os que são reciprocamente simpáticos se acham destinados à união. Mas, as disposições materiais de um ou de outro, como encarnados, podem quebrar acidentalmente a harmonia e lhes retardar a união, quer nos limites da encarnação presente, quer até uma outra encarnação. *Assim* é que um Espírito se vê repelido, desprezado, ou abandonado por outro que lhe é simpático, que o chama, isto é, para o qual ele se sente atraído, porém que se deixou seduzir, ou pelos arrastamentos carnais, ou pelo orgulho, pela ambição, pelo amor do ouro.

Quando Espíritos simpáticos um ao outro chegam a unir-se na Terra, de conformidade com a escolha por eles reciprocamente feita antes de encarnarem, nada mais haverá que os separe, que rompa os laços dessa união, desde que ela se realizou por efeito de idêntica, tendências para o bem. Esses não precisam mais que um mandamento lhes diga: "Não

[52] Ver, com efeito, o que foi desenvolvidamente dito sobre a origem do Espírito (origem da alma), sobre a do homem e da mulher na Terra e sobre os mundos primitivos. (Ns. 56 e seguintes, tomo 19, *Evangelhos* de Mateus, Marcos e Lucas, reunidos.)

cometereis adultério". Porém, se, uma vez encarnados, descuidando-se dos compromissos assumidos no estado espírita, compromissos cuja lembrança perderam, se bem que um secreto instinto do coração os advirta deles, e dos quais a influência da matéria os afasta, os Espíritos, homens e mulheres, não procuram, na união conjugal, mais do que uma passageira satisfação material, mais do que uma combinação matemática ou social, um negócio de interesse ou de orgulho, os compromissos terrenos quebram os laços de simpatia. Em tal caso, uma afeição pura não enche os corações e os Espíritos buscam compensações na variedade e no mau proceder. A esses o mandamento diz: *"Não fornicarás, "não cometerás adultério,* porquanto, se a ti mesmo te impuseste carregar uma pesada cadeia, tens que sofrer as conseqüências; tens que, pelo respeito que deves a esse compromisso irrefletido, atenuar a falta que praticaste contraindo-o; tens que vencer os teus instintos sensuais; tens que dominar a carne e fazer que nasça a simpatia que *deverá reinar* — entre o teu Espírito e o da companheira que inconsideradamente escolheste — *quando começar o dia da liberdade* pela volta de ambos à vida espírita."

Algumas vezes, a união é imposta ao encarnado pela influência e autoridade dos pais, movidos pelo interesse ou pelo orgulho. *Tal* união constitui, para o que a sofre, uma provação por ele escolhida e que será temporária, ou durará todo o tempo da sua existência terrena. No primeiro caso, terá por efeito *apenas* retardar, no curso da sua encarnação atual, a união simpática que ele escolhera antes desta. No segundo, o efeito será adiar essa união para uma encarnação posterior.

E tanto para esse, como para o que se uniu fugindo às suas provas, o Mandamento emprega a mesma linguagem de que usa para com o que, livre e voluntária, mas irrefletidamente, assumiu

um compromisso, desviando-se do caminho que devia seguir.

Algumas vezes também, certos Espíritos, desejosos de vencer a antipatia que experimentam um pelo outro, embora nem sempre seja recíproca, escolhem, *como provação,* unir-se humanamente. Ainda a esses o Mandamento diz: *"Não cometereis adultério."* E Jesus, com a sua voz meiga, repete: *"Não separe o homem o que Deus uniu"*

Concluindo as nossas observações sobre este ponto, repetimos: Os Espíritos se destinam à união. Antes de encarnarem, escolhem os que lhes sejam companheiros, a fim de juntos passarem o tempo da provação, auxiliando-se mutuamente, ressalvada a possibilidade de uns ou outros fugirem ao cumprimento de suas resoluções espíritas. Mas, quer isto se dê, quer não, a escolha, seja conforme ou contrária a essas resoluções espíritas, não é fruto do que chamais — o acaso e sim o resultado da direção impressa às provas. Dessa direção depende ser o Espírito desviado de sua rota, ou livre e voluntariamente, *ou* porque sofra a imposição de uma vontade.

Feita a escolha e dado que um dos Espíritos ou ambos se afastem do caminho que deviam seguir, pode acontecer, ou que venham a encontrar-se, ao cabo de certo tempo, na encarnação presente, ou que fiquem *momentaneamente* separados, até uma nova encarnação, na qual os reconduzirão um ao outro as mesmas simpatias, ou então, se o caso resultar de antipatia, a intenção de, *por prova,* viverem unidos. A escolha reiteradamente feita acabará por torná-los capazes de levarem a cabo a prova.

O celibato também é, para uns, *prova;* para outros, *desvio.* Os que, *por prova,* se destinam ao celibato, não escolheram companheira para a vida, ou, pelo menos (dizemo-lo, a fim de não deixar margem para falsas interpretações), não determinaram que se verificasse sua união terrena com outro Espírito.

Para explicarmos todos os casos em que o celibato constitui um *transviamento,* teríamos que entrar em muitos pormenores. Bastará, pois, vos façamos notar que há celibatários — por egoísmo, por lubricidade, por indiferença, por avareza, *por quietismo,* doutrina que, assente numa falsa idéia da espiritualidade, faz consistir a perfeição cristã na inação da alma e em a criatura negligenciar das obras exteriores. Há ainda o celibato por voto decorrente da condição imposta a todo aquele, homem e mulher, que se propõe entrar para as ordens monásticas e religiosas. Conforme vos foi relatado no comentário sobre os três primeiros Evangelhos, a imposição desse compromisso nasceu de uma falsa interpretação e de uma aplicação falsa destas palavras de Jesus: *"Há os que se fizeram eunucos pelo reino dos céus;* aquele que puder compreender isto, que o compreenda"[53], palavras que a Igreja não soube nem pôde compreender. O que, a esse respeito, ocorreu, sob o império e o véu *da letra,* na era cristã, postos de parte os desvios e abusos, teve a sua razão de ser, mas tem que cessar e cessará na era nova do Cristianismo *do Cristo,* na era espírita, sob o império do espírito.

*

OITAVO MANDAMENTO

Não furtarás.

O egoísmo e a inveja são inimigos ocultos que todo homem traz dentro de si. São dois sentimentos que o levam a apoderar-se de tudo o que lhe possa convir, quer moralmente, quer fisicamente. São dois sentimentos que o excitam a empregar a astúcia ou a força para conseguir o que deseja.

---

[53] Ver: *Evangelhos* de Mateus, Marcos e Lucas, reunidos e postos em concordância, 39 tomo, páginas 180-188.

Impor-lhe o respeito à propriedade de outrem, *qualquer que ela seja,* é forçá-lo a domar esses princípios de todo mal, conduzindo-o à obediência à lei do trabalho, da justiça, do amor e da caridade que, banindo-lhe do coração o egoísmo e a inveja, lhe excluem do pensamento e dos atos a preguiça, a ignorância, a miséria, os transbordamentos, os desvios, os excessos do Espírito e da carne e, portanto, o instinto ou a vontade do roubo de qualquer natureza, tanto do ponto de vista das pessoas, como do das propriedades de ordem material, moral e intelectual. Tal o objetivo deste Mandamento.

*

NONO MANDAMENTO

Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

Não é o que entra no homem o que o macula, disse Jesus, porque o que entra no homem vai aos intestinos e daí para o lugar secreto. O que macula o homem são as palavras que lhe sobem do coração aos lábios.

A verdade, em toda a sua simplicidade, deve inspirar as palavras daquele que teme a Deus e procura caminhar nas sendas por ele traçadas.

Este Mandamento, apropriado a uma época em que, pelo testemunho de um só homem, um outro homem podia, em certos casos, ser condenado à morte, se estende, avolumando-se de princípios, a todos os séculos e clareia os que se aproximam.

Vimos de dizer que ele era apropriado a uma época em que, pelo testemunho de um só homem, podia outro ser condenado à morte. Ainda nos dias de hoje as causas subsistem, porém, porque a justiça dos homens progrediu, como todas as coisas, mais raros são os fatos dessa natureza. Na época de que falamos, quando este Mandamento apareceu, no período da era hebraica, bastava que um homem acusasse a outro de blasfemo, ou de um pecado,

para que esse outro fosse lapidado. E esses costumes, essas tradições hebraicas, por longos séculos e sob diversos aspectos e de pontos de vista diferentes, com relação à era cristã, deixaram traços que ainda se notam nas vossas legislações humanas: civis, políticas e religiosas.

Não dar falso testemunho é, em toda ocasião, em todo lugar e em todos os casos, render homenagem à verdade; é desfraldar sem vexame, nem vacilações, o estandarte da verdade; é não temer altear o facho de luz que aclara; é destruir o alqueire que a cobre, para fazê-la brilhar *aos olhos de todos.*

Não pronunciar falso testemunho é marchar sempre de acordo com a consciência.

*

DECIMO MANDAMENTO

Não cobiçarás a casa de teu próximo; não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seu servo, nem sua serva, nem seu boi, nem seu jumento, nem coisa alguma que seja de teu próximo.

Este Mandamento se prende, dando-lhe maior amplitude, ao que diz: *"Não furtarás."* Ele ensina ao homem que não lhe basta abster-se de uma ação má; que lhe cumpre ter-se em guarda contra o mau pensamento, pois, para Deus, o pensamento, em muitas circunstâncias, vale tanto quanto o ato. Efetivamente, aquele que concebe um mau desígnio, mas que não o pode executar, seja por temor das leis, seja porque uma série de acontecimentos o impeça, não é tão culpado como o que o executa? Faltou-lhe a ocasião, eis tudo.

Branqueai e limpai os sepulcros dos vossos corações; purificai os vossos pensamentos; que nenhum destes seja de ordem a vos fazer corar diante dos vossos irmãos, pois o que não ousareis confessar a homens falíveis como vós está exposto às

vistas do supremo Juiz, que lê no mais recôndito da vossa alma.

Nada cobiceis; não premediteis nenhum mal; não vos entregueis a nenhum mau pensamento, por isso que aquele que sonda os corações e as entranhas julga, assim os sentimentos, como os atos.

Que sobre vós derrame o Senhor as suas bênçãos.

*

MOISÉS.

AMOR DE DEUS E DO PRÓXIMO

"Amarás ao Eterno teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças." (Deuteronômio, cap. VI, vv. 4-5.)

"Amarás ao teu próximo como a ti mesmo." *(Levítico,* cap. XIX, v. *18.* — Mateus, cap. XXII, vv. *30-40.* — Marcos, cap. XII, vv. *28-31.* — Lucas, cap. X, vv. *25-28* e *29-37.)*

"E estes mandamentos que hoje te prescrevo estarão em teu coração; tu os inculcarás a teus filhos e deles falarás quando estiveres em tua casa, quando te puseres a caminho, quando te deitares e quando te levantares; e os atarás como um sinal em tuas mãos e estarão como testeiras entre teus olhos; escrevê-los-á também nos umbrais de tua casa e nas tuas portas. — Ouve, pois, ó Israel e cuida de guardá-los, *a fim de que sejas feliz e muito te multipliques* na terra onde manam *leite e mel,* como o disse o Eterno, o Deus de teus pais." *(Deuteronômio,* cap. VI, vv. *6-7-8-9* e v. *3.)*

"Toda a lei e os profetas se acham contidos nestes dois mandamentos." (MATEUS, cap. XXII, v. 40.)

Amar a Deus é render homenagem ao princípio do amor, à causa da vida.

Criatura ínfima, que *pode o* homem, que *pode o* Espírito que anima essa forma grosseira fazer como testemunho de *reconhecimento ao* Senhor onipotente por todos os tesouros que lhe pôs nas mãos, a fim de que deles se utilize incessantemente? *Amar,* porquanto o amor inspira a submissão, a gratidão e o respeito; *amar,* porquanto o amor é o

único laço que liga a criatura ao Criador. E esse amor deve manifestar-se *de todos os modos,* visto que representa *a criação inteira.*

Para amar a Deus, deve o homem limpar seu coração, seu Espírito, seu corpo de todas as nódoas, pois o amor induz à aproximação e o que quer que seja impuro não pode aproximar-se de Deus.

Dissemos que o homem deve limpar seu coração, seu Espírito *e seu corpo* de todas as nódoas. Deve limpar o corpo, como o coração e o Espírito, porque o corpo é o instrumento com que este cumpre suas provas e realiza, encarnando, sua marcha ascensional pela senda do progresso moral, intelectual e físico. Deve limpar seu coração, seu Espírito e seu corpo, para, por meio do progresso moral e intelectual, obter a depuração do coração e do Espírito e, por meio desta, conseguir o progresso físico e, em conseqüência, o do envoltório corporal, isentando-o da liga impura da matéria, com o desprender-se dela cada vez mais, no curso das vidas sucessivas e progressivas e através da hierarquia ascensional dos mundos.

Para amar a Deus, deve o homem trabalhar continuamente por elevar sua inteligência, por desenvolvê-la, por alargar seus conhecimentos, por dilatar sua ciência, porquanto a ignorância não pode aproximar-se da onisciência e tudo o que é amor tende a unir-se.

Amar a Deus é fundir-se na humanidade, é absorver-se no amor fraternal, por isso que todo homem — como todas as criaturas do Senhor — provém do mesmo princípio, tende ao mesmo fim, é uma parte do ser dividido ao infinito, para o efeito de elevar-se do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, na individualidade e na imortalidade. Homens, não vos equivoqueis quanto ao sentido e ao alcance destas últimas palavras: *"é uma parte do ser dividido ao infinito,* para o efeito de elevar-se do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, na individualidade e na imortalidade."

Mal compreendidas, elas dariam lugar a falsas interpretações, do ponto de vista das idéias panteístas, idéias errôneas e falsas. Para bem lhes compreenderdes o sentido e o alcance, reportai-vos ao que já vos foi explicado no comentário do Evangelho de João (n. 11, v. 24, deste tomo) sobre Deus e, nos comentários sobre os três primeiros Evangelhos (ns. 56 e seguintes, 1° tomo), sobre a origem da essência espiritual, do Espírito (a origem da alma), suas fases, seus fins e seus destinos, sobre a origem dos mundos, de todas as criações de ordem espiritual, fluídica e material.

O que nesses lugares foi explicado vos mostra que Deus, o Criador incriado, é pessoal e distinto da criação, da criatura, como a causa é pessoal e distinta do efeito que ela gera, que ela produz; como o infinito, o incriado é pessoal e distinto do finito, do criado; como a eternidade é pessoal e distinta do tempo, da duração que ela gera, que ela produz *relativamente à criação, à criatura.*

O que então foi explicado vos mostra que Deus, o Criador incriado, é pessoal e distinto da criação, das criaturas, que são dele, por ele e nele e não *ele,* que são, pois, nesse sentido, uma parte do ser dividido ao infinito, para o efeito de elevar-se do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, *na individualidade e na imortalidade.*

O que em tais pontos foi explicado vos mostra que Deus, Criador incriado, inteligência, pensamento, fluido, habita (no dizer do apóstolo Paulo) uma luz inacessível e possui, ele só, a imortalidade; que o fluido universal, que dele parte e o toca, é, por suas quintessências e mediante todas as combinações, modificações e transformações por que ele o faz passar, o instrumento e o meio de que se serve para realizar, no infinito e na eternidade, pela ação da sua vontade onipotente, todas as criações, espirituais, fluídicas e materiais; a criação de todos os mundos, de todos os *seres em* todos os rei-

nos da natureza; a criação de tudo o que se move, vive, é.

O que assim foi explicado vos mostra o Espírito, na origem de sua formação, como essência espiritual, saindo do todo universal, isto é, do conjunto dos fluidos espalhados no espaço e que são a fonte de tudo o que existe, quer no estado espiritual, quer no estado fluídico, quer no estado material; como essência espiritual formada da quintessência desses fluidos, pela vontade do Senhor onipotente, só e única essência de vida no infinito e na eternidade. É ele quem anima essa quintessência dos fluidos para lhe dar o ser, para, mediante uma combinação sutil, cuja *essência* somente nas irradiações divinas se encontra, fazer dela essências espirituais, os princípios primitivos do Espírito em gérmen e destinados à sua formação. Neste sentido é que as essências espirituais são partes do *ser* dividido ao infinito, para, efeito de se elevarem do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, individualizadas e imortalizadas.

O que nos pontos indicados acima foi explicado vos mostra a grande lei, cuja ação se exerce por intermédio dos fluidos magnéticos que nos envolvem, como se formáramos um único ser, a fim de nos ajudar a subir para Deus pela conjugação de nossas forças, a grande lei da atração magnética ligando, no universo infinito, todos os mundos, unindo todos os Espíritos encarnados ou não, todas as criaturas oriundas de Deus, criador incriado, imutável, eterno, infinito, como o todo universal de que fazemos parte e que se acha submetido ao seu mando. Tudo e todos têm dele, por ele e nele o ser e se acham presos pelos laços da unidade e da solidariedade.

A humanidade inteira deve, portanto, considerar-se uma individualidade única, um imenso corpo que, em cada indivíduo, tem um membro ligado ao todo. Tudo, portanto, deve tender para a harmonia

humana, aguardando o momento de poder elevar-se à harmonia celeste.

Assim, amar ao próximo como a si mesmo é uma conseqüência do amor de Deus. E é *neste sentido e do ponto de vista* desta unidade e desta solidariedade, humanas, universais em Deus, que, *segundo o espírito e em verdade, depois* de haver lembrado o mandamento do amor a Deus e de haver dito: *"Este é o primeiro e o maior dos mandamentos",* Jesus, recordando o do amor ao próximo como a si mesmo, disse: *"Eis o segundo, semelhante ao primeiro."*

Os dois Mandamentos, *segundo a letra e para os Hebreus,* objetivavam a nacionalidade deles. Porém, *segundo o espírito oculto* pela, *letra,* Israel era, *simbolicamente,* a personificação da humanidade toda. E Jesus, dizendo: *"Toda a lei e os profetas se contêm nestes dois mandamentos",* proclamou serem eles, para todos os homens, Judeus e Gentios, o único meio de salvação, isto é, de depuração, de progresso. Proclamou-os o caminho *único* para a perfeição e, portanto, para a vida eterna, para a vida dos puros Espíritos, onde tudo são delícias, claridade, ventura, atividade e perseverança no estudo, para um avanço contínuo e cada vez maior em ciência universal, no infinito e na eternidade; onde tudo é amor e devotamento, para o progresso universal, na vida e na harmonia universais.

Homens, praticai, com sinceridade e zelo, sem afrouxamento, sem cessar, estes dois Mandamentos, nunca, fazendo aos outros, nem por palavras, nem por atos, o que não quereríeis que vos fizessem, fazendo, ao contrário, do ponto de vista do bem e do belo, do que é justo, bom e verdadeiro, assim na ordem material, como na ordem moral e intelectual, tudo o que desejaríeis que vos fizessem, porquanto Jesus também disse: "Aí *estão toda a lei e os profetas".* E, conforme ele igualmente o proclamou, a cada um há de ser e será dado de acordo com as suas obras

e cada um será julgado pelas suas obras no tribunal da própria consciência, sede do Tribunal de Deus.

Preparai assim, praticando, com sinceridade, humildade e desinteresse, a justiça, o amor e a caridade, o advento da fraternidade humana que, só ela, pode estabelecer e fazer reinar, estabelecerá e fará reinar na Terra a liberdade para todos e a igualdade entre todos, diante de Deus e diante dos homens, sob o império da lei de reciprocidade e de solidariedade.

Compreendendo e praticando todos, desse modo, *em espírito e verdade, o* direito e o dever, dos pontos de vista social, familiar e individual, preparai o advento do reino de Deus na Terra, sob o império e a ação da lei de amor e de unidade.

MOISÉS, MATEUS, MARCOS, LUCAS E JOÃO.
assistidos pelos Apóstolos.
FIM DO QUARTO E ÚLTIMO TOMO

NOTA DA EDITORA — Na presente obra, os dez mandamentos não foram divididos e estudados na ordem universalmente adotada. O Autor preferiu seguir a Bíblia, segundo observamos em Êxodo, 20:2 a 17 e Deuteronômio, 5-6 a 21. Isso, porém, em nada alterou o estudo, mesmo porque Jesus simplificou todo o Decálogo, conforme se verifica em Mateus, cap. XXII, 37-40. — W